

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
MODALIDADE PROFISSIONAL**

MARIA TERESA MENDONÇA DE BARROS

**A LITERATURA COMO CAMINHO PARA UMA VIVÊNCIA HUMANIZADORA EM
UM GRUPO DE TERCEIRA IDADE**

SÃO PAULO

2021

MARIA TERESA MENDONÇA DE BARROS

**A LITERATURA COMO CAMINHO PARA UMA VIVÊNCIA HUMANIZADORA EM
UM GRUPO DE TERCEIRA IDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Linha de Pesquisa:
Educação em Saúde na Comunidade

Orientador:
Prof. Dr. Dante Marcello C. Gallian

SÃO PAULO

2021

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pela autora

Barros, Maria Teresa Mendonça de

A aplicação do laboratório de leitura para o grupo de idosos da Universidade Aberta para Pessoas Idosas. / Maria Teresa Mendonça de Barros; Orientador: Prof. Dr. Dante Marcello C. Gallian. – São Paulo, 2021.

276f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal de São Paulo. Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde. Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, 2021.

Título em inglês: The reading lab application for the elderly group of the open university for the third age.

1. Laboratório de leitura. 2. Literatura e saúde mental. 3. Literatura e humanização. 4. Identidade no envelhecimento. 5. Bem-estar na velhice. I. Gallian, Dante Marcello C., orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE
PROGRAMA DE MESTRADO ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
MODALIDADE PROFISSIONAL

Diretor do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde - CEDESS

Prof. Dr. Nildo Alves Batista

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Lucia da Rocha Uchoa Figueiredo

MARIA TERESA MENDONÇA DE BARROS

**A LITERATURA COMO CAMINHO PARA UMA VIVÊNCIA HUMANIZADORA EM
UM GRUPO DE TERCEIRA IDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
São Paulo, para obtenção do título de Mestre
Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Aprovada em: ____/ ____/ _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Dante Marcello C. Gallian

Profa. Dra. Ana Rojas Acosta

Prof. Dr. Álvaro da Silva Santos

Profa. Dra. Simone Nacaguma

SUPLENTE

Profa. Dra. Ieda Aleluia

Dedico este trabalho ao meu falecido pai, que me ensinou desde cedo o valor da cultura e da dedicação à profissão que escolheu, à sua responsabilidade de provedor e cuidador da saúde de muitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família tão querida, que me ensinou muito sobre o cuidado, a solidariedade e a atitude humanizada com as outras pessoas. Falo de meus seis irmãos, cunhados e cunhadas queridos, meus três filhos, quatro netos, nora e genro.

Ao meu orientador, pela sua condução gentil e segura ao longo das diversas etapas deste mestrado. Minha gratidão e minha admiração.

À coordenadora da Uapi e aos participantes desse grupo, que me acolheram com tanto carinho e disposição para participar da pesquisa.

Aos colegas e amigos que fiz em todos estes anos no CeHFi, destacando Nadia Vitorino Vieira e Viviane Cristina Candido, que tanto me inspiraram, fica meu eterno carinho. À Sandra M. Cavasini e à Teresa Avalos Pereira, minha gratidão pela leitura cuidadosa.

Agradeço aos meus amigos psicanalistas, com quem compartilho ideais e lutas nos últimos 20 anos. Um abraço especial para Araceli Abino, Silvia Herszkowicz, Fátima de Camilo e Leila Lopes, companheiras no Grupo Vida, onde acompanhamos pacientes muito queridos e com quem aprendemos todas as semanas, além de serem fonte de inspiração e exemplo de luta.

Não posso esquecer os meus incríveis colegas de mestrado que, apesar da distância pelo isolamento social, permaneceram muito próximos no coração, estimulando a luta para chegarmos ao fim do mestrado mais sábios e dedicados.

BARROS, Maria Teresa Mendonça de. A Literatura Como Caminho Para Uma Vivência Humanizadora Em Um Grupo De Terceira Idade. 2021. 276f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) – Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021.

RESUMO

Introdução: O presente estudo qualitativo visa discutir a relevância do Laboratório de Leitura para a população idosa, contribuindo para seu bem-estar físico, social e emocional, através do uso da Literatura em discussões de grupos, realizadas na Universidade Aberta para a Pessoa Idosa da Unifesp. **Objetivo:** O presente estudo qualitativo tem por objetivo pesquisar os efeitos da experiência do Laboratório de Leitura sobre os idosos que participam da Uapi no *campus* Vila Gumerindo. **Método:** O trabalho de campo desenvolveu-se entre os anos de 2017 e 2020, sofrendo alterações na sua forma de aplicação; passou a ser feito de forma remota em 2020, em função da pandemia de COVID-19. As atividades foram desenvolvidas no Centro de Estudos de História e Filosofia das Ciências da Saúde, aplicadas em um público diferente do da comunidade universitária, que já foi objeto de outras pesquisas. Foram feitas adaptações para que a atividade ocorresse em um grupo maior e com diferentes níveis educacionais, com uma experiência diversificada de leitura e de discussão coletiva. Para a análise dos resultados foi utilizada a observação participante, análise temática de conteúdo e história oral de vida (HOV). **Resultados:** Os resultados mostraram que o idoso continua ativo e relevante e não deve ser visto apenas como alguém que já fez sua contribuição na sociedade. A atividade do Laboratório de Leitura funciona como um terceiro espaço protegido de troca e reflexões, que permite a integração do mundo interno com a realidade externa e funciona como um tempo e um olhar para si em busca de uma identidade adequada para o momento da velhice, uma vez que a consciência identitária é o motor que mobiliza as emoções e a vida. Trouxe uma vivência estética e emocional, com o desenvolvimento de uma maior capacidade de se manifestar, o que traz um potencial terapêutico no combate contra uma solidão que adoece e leva à depressão. **Conclusão:** A experiência do Laboratório de Leitura mostrou-se eficaz como estímulo para os idosos em interagir e relatar suas vivências pessoais, permitindo uma liberação de angústias e emoções e redescobrimiento do valor das trocas, desenvolvendo uma escuta afetiva e da valorização da vida.

Palavras-chave: Laboratório de leitura; Literatura e saúde mental; Literatura e humanização; Identidade no envelhecimento; Bem-estar na velhice.

BARROS, Maria Teresa Mendonça de. Literature as a Path for a Humanizing Experience in a Elder Group. 2021. 276p. Dissertation (Professional Master's degree in Teaching in Health Sciences) – Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021.

ABSTRACT

Introduction: This is a qualitative study aiming at discussing the relevance of the Reading Laboratory for the elders. **Objectives:** This study aims at researching the effects of the reading laboratory on elderly participants of the Open University for elders in the Federal University of São Paulo, on the Vila Gumerindo campus. **Methodology:** The field work was conducted from 2017 to 2020 and has suffered modifications due to the 2020 Covid pandemic- when it was remotely conducted. Based on the methodological procedures developed in the Center of History and Philosophy Studies in Health Science, this study has tried to detect the possible applications for a different group, outside the university community, which has already been subject in various researches. Adaptations have been made in order to make it possible in a bigger group, with a diversity in educational level, as well as reading and group discussion experience. For the result analysis we used the resources of participant observation, thematic content analysis and oral life history. **Results:** The results have demonstrated that the elder is still active and relevant and cannot be seen as someone who has finished his social contribution. The Reading Laboratory activity functions as a protected third area, space for exchanges and reflections, enabling an integration of inner world and external reality, functioning as a time and a look for themselves, searching an adequate identity for the present moment of ageing. The identity consciousness is the engine to move emotions and life. It has brought an emotional and aesthetic mobilization, improving the capacity of expressing themselves, revealing a humanistic and therapeutic potential to fight the loneliness that make people ill and can reach a depressive level. **Final Considerations:** The Reading Laboratory experience has demonstrated to be effective as a stimulus for elders to interact and bring their personal stories, releasing their anguish and emotions and to rediscover the value of exchanges, developing an affective listening and valuing their own live.

Keywords: Reading laboratory; Literature and mental health; Literature and humanization; Identity on ageing; Well-being in ageing.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Blocos de temas: envelhecimento e uso do LabLei.....	33
Quadro 2. Temas mais relevantes sobre o envelhecimento.....	34
Quadro 3. Campos de sentidos e significados: imagens de si e do outro	37
Quadro 4. Campos de sentidos e significados: sentimentos, estados de espírito e busca	38
Quadro 5. Campos de sentidos e significados: imagens de si e do outro	39
Quadro 6. Campos de sentidos e significados: sentimentos, estados de espírito e busca	41

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Cedess	Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde
CeHFi	Centro de História e Filosofia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
HOV	História Oral de Vida
LabHum	Laboratório de Humanidades
LabLei	Laboratório de Leitura
OMS	Organização Mundial da Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Uapi	Universidade Aberta para as Pessoas Idosas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Introdução ao tema.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 O projeto do LabLei na Universidade Aberta da Pessoa Idosa.....	25
4 RESULTADOS	32
4.1 Principais resultados.....	33
4.2 Produtos.....	43
4.2.1 Artigo 1 - A literatura como um canal de reflexão e reconexão: relato de uma experiência de laboratório de leitura literária com idosos	43
4.2.2 Artigo 2 - Story and transformation in a reading laboratory for the elderly in pandemic times: an experience report	44
4.2.3 Artigo 3 - Uma janela para o mundo interior: reflexões sobre o uso da literatura para abordar a questão da solidão e morte em um grupo de idosos	46
4.3 Produto pedagógico.....	48
5 DISCUSSÃO.....	49
5.1 Principais descobertas	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A – Artigo submetido à Revista Saúde e Transformação.....	68
APÊNDICE B – Artigo publicado na Revista Global Journal of Social Sciences.....	85
APÊNDICE C – Artigo submetido à Revista RBGG – Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	104
APÊNDICE D – Transcrições de Reuniões dos Ciclos de LABELI.....	117
APÊNDICE E – Transcrições das Entrevistas.....	232
APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	268
APÊNDICE G – Questionário para LABELI da UAPI.....	270
ANEXO A – Documento de aprovação do CEP	272
Bibliografia consultada.....	276

1 INTRODUÇÃO

1.1 Introdução ao tema

O interesse pessoal pela literatura vem da infância, pois sempre li muito, o que permitiu que, através da leitura, eu viajasse pelos caminhos da imaginação. Mitos, histórias infantis e livros recomendados na escola faziam parte do meu cotidiano e foram alimentando o meu baú de lembranças e ampliando meu vocabulário e minha curiosidade.

Fui uma menina que adorava brincadeiras solitárias, mas também sabia sair do meu jardim secreto e conviver com muito amigos. Olhando agora, parece que fui em busca da conciliação entre o mundo interno e o externo – tempo para ativação da criatividade pessoal e tempo para o processo de socialização. Tudo isto dentro de um cenário de família grande; sou a quinta de sete filhos de um médico cardiologista, que perseguiu seu sonho de ser um clínico sempre preocupado com o humano em seus funcionários, pacientes e grande família, aliado à sua busca de conhecimento. O modelo paterno foi de dedicação profissional e desenvolvimento intelectual, o que foi seguido por todos os filhos, em campos diferentes. A imagem do pai é de um homem sentado em sua biblioteca, lendo clássicos da literatura, como os livros de Shakespeare, tendo como pano de fundo os inúmeros livros, tanto de literatura quanto da área médica.

Minha mãe era o centro amoroso e cuidadoso deste bando de irmãos e irmãs, sempre acolhendo àqueles que chegavam – amigas e amigos dos filhos, parentes em busca de ajuda ou abrigo. Foi assim que dois primos acabaram morando em nossa casa, por anos, para que pudessem estudar. Acho que dela herdei a preocupação e o cuidado com aqueles que estavam ao redor. A ela nunca faltou apoio de pessoas que a auxiliavam na tarefa de olhar para tantos filhos, na maioria das vezes, sem poder contar com o apoio do marido, sempre tão assoberbado de tarefas profissionais. Aprendi, assim, desde cedo, que existem muitas dimensões do cuidar.

Na hora da escolha do caminho universitário, inicialmente optei por Ciências Biomédicas na Unifesp (queria ser professora na área da medicina, claramente pensando em estar próxima do mundo do pai), mas a vida me levou a fazer uma segunda escolha, que foi Letras – Tradução e Língua Inglesa. Mais uma vez, me deparei com a literatura e também com os mitos e lendas, e isto novamente me encantou. A linguagem e os símbolos foram os fios condutores que me levaram a uma nova escolha já na meia-idade, quando segui o caminho da Psicanálise e me aprofundei no cuidado de pessoas que apresentavam grande dificuldade para

se articular e se manifestar, a saber, os psicóticos. Foi uma forma de entender um tipo de adoecimento que ocorreu com uma figura familiar muito querida.

O contato com pessoas mais velhas como interlocutoras também vem dessa época, pois lembro-me das conversas no colo do meu avô materno e também daquelas em que eu sentava ao lado do meu tio-avô, que criou meu pai. Não me lembro do que falávamos, mas tenho as cenas registradas na minha memória. Se recorrer a elas, chego a narrativas familiares, de como eu ficava no carrinho quando tinha um ano, atenta ao que a cozinheira fazia e falava. Com ela, aprendi que a linguagem do amor pode estar presente na hora do cuidar e do cozinhar para a família.

A psicanálise, sobretudo a psicanálise winnicottiana, trouxe uma nova dimensão para o entendimento do relato, da narrativa pessoal. Revelou-se o caminho interior, passível de ser percorrido pelo discurso, como fio constitutivo da realidade interna, alicerce para a expansão da dimensão do Eu. Recorro a uma imagem trazida por Dethville (2009), ao apresentar Winnicott como um autor criativo e criador de termos e imagens para explicar o desenvolvimento emocional: é a possibilidade de criar e cuidar de um jardim interior, para onde voltamos em nossos momentos reflexivos sobre o que vivemos e o que nos faltou. Esse olhar a partir do mundo interior mostrou ser muito importante na hora de trabalhar com as discussões em grupo de textos literários. Intuitivamente, fiz uma primeira tentativa dentro do grupo dos psicóticos com quem trabalho há vinte anos, ao relatar um conto oriental que falava de um pote rachado de água, que ajudava a regar o caminho e permitia a criação de uma trilha florida.

Muitos anos depois, fui apresentada à dinâmica desenvolvida por Gallian (2017), no Centro de História e Filosofia de Ciências da Saúde (CeHFi), discutida em seu livro “A Literatura como Remédio” e em inúmeros artigos seus e de seus colaboradores do Centro. Foi através do CeHFi que iniciei esta pesquisa com os idosos, mas, no primeiro momento, o que me levou até lá foi a busca de pontes e referências teóricas que indicassem uma outra alternativa de intervenção para os pacientes psicóticos do Grupo Vida, em que participo há 20 anos.

Albino *et al.* (2020) relatam a experiência desse grupo de cunho social que foi idealizado por Albino, no ano de 2000, com uma abordagem psicanalítica, mas que acolhe outras estratégias para complementar o tratamento, sempre no intuito de ajudar os pacientes psicóticos a saírem de seus universos fechados e conseguirem comunicar o que se passava em suas fantasias e delírios. Através do contato com uma professora da escola de psicanálise (Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas), onde o grupo ocorre, e que também pertence ao CeHFi,

foram feitos, em 2014-2015, três ciclos de leitura, que serviram como campo de pesquisa de doutorado de Logatti (2018), sobre a experiência do laboratório de leitura para pacientes psicóticos. Utilizou-se a metodologia dos Laboratórios de Humanidades (LabHum) que explicitarei mais abaixo. Inicialmente, foram dois laboratórios de leitura – no primeiro, abordou-se “O Alienista”, de Machado de Assis; no segundo, “O sonho de um homem ridículo” de Dostoiévski – visando avaliar o impacto terapêutico que a leitura dos clássicos poderia promover em pacientes psiquiátricos, em termos de participação e reflexões sobre temas ligados ao seu sofrimento psíquico.

Foi surpreendente a profundidade das reflexões de alguns participantes, capazes de mesclar as sofridas experiências pessoais com o enredo ficcional. Além disto, comprovou-se o aspecto terapêutico do Laboratório de Leitura (LabLei), uma outra denominação para este trabalho do CeHFi, feito a partir da discussão de textos literários – quando este é feito fora dos grupos acadêmicos da Unifesp –, com participantes muito diferenciados e sem conexão com o mundo universitário.

Após essas experiências passei a frequentar o grupo do LabHum, na Unifesp, em 2014, e permaneço até a presente data, sendo este um projeto do CeHFi voltado para alunos de graduação e pós-graduação dos cursos na área de saúde da Unifesp, com o intuito de abordar, na prática, questões ligadas ao processo de humanização da saúde, entendida aqui dentro do contexto das práticas assistenciais.

A cada semestre, ocorre um novo mergulho nas vivências imaginárias de personagens dos mais diversos tipos e uma fonte de reflexão sobre o viver, o sofrer, o cair e levantar, o construir e o reconstruir, tão adequados para momentos em que cruzamos determinadas fronteiras, o que trouxe um novo olhar para o papel da literatura na vida das pessoas.

A partir das minhas práticas de escuta e observação, desenvolvidas como psicanalista, foi possível constatar que também nas discussões de grupo o efeito terapêutico é marcante, mesmo que não seja o objetivo central da atividade. Gradativamente, isso foi despertando em mim um questionamento sobre de que forma acontecia a influência das discussões do laboratório de leitura em todos os seus participantes.

Cândido e Grosseman (2020) corroboram com tais percepções ao apontarem acerca da oportunidade trazida pela obra literária como uma estratégia pedagógica, que se estabelece como caminho para uma comunicação centrada nas relações. Em um espaço de compartilhamento promovido pela discussão em grupo, existe aqui uma oportunidade de ir ao

encalço do outro, em uma tentativa de conhecer mais sobre ele. Com isto, vivencia-se a habilidade de comunicação e descobre-se mais sobre si e sobre o outro.

Bittar, Souza e Gallian (2013) trazem uma percepção que, na atividade do LabHum, existe um “espaço de encontro com as humanidades e a literatura”. Eles observam que a humanização aqui não é vista como um “conjunto de competências e habilidades”, mas sim como um “processo contínuo de ampliação da esfera do ser”, dentro de uma perspectiva tridimensional – que leva em conta afeto, inteligência e vontade – e como uma forma de se trabalhar a Humanização em Saúde.

O Lablei é uma atividade voltada para a conscientização do que é ser humano, e a Literatura se encaixa perfeitamente como um recurso para o desenvolvimento do potencial humano. Ela traz diferentes leituras da realidade, em cenários diversos, em tempos que podem se distanciar uns dos outros, mas, ao trazer temas ligados ao humano, consegue vencer barreiras e continuar a sensibilizar os homens de todas as épocas. Esta é uma característica central de uma boa obra literária, que ajuda na busca de uma identidade pessoal adequada para o momento de vida atual.

Rubem Alves (2003) usa uma metáfora interessante para falar da construção de um país e seus valores, comparando a uma casa grande, onde são construídas pequenas casas, cada um trazendo a própria leitura de um Sonho coletivo e usando a originalidade da Inteligência pessoal. Em comum, precisa haver o mesmo Sonho, o que permite sonhar junto e constituir o mesmo povo. Como alimento do Sonho, temos o Desejo, que mobiliza e leva às mudanças. O LabHum é como se fosse uma dessas casas, que acolhe aqueles que participam dele enquanto grupo social, e que guarda ali a esperança de uma vida e um ambiente mais humanizados. Quando iniciei o projeto com os idosos, acreditei que ajudaria a resgatar o sonho de pertencimento e a possibilidade de uma velhice mais ativa e saudável.

Toda esta inspiração estimulou o início de uma pesquisa voltada ao público idoso, tendo em vista que não encontramos atividades ligadas à discussão em grupo de textos literários, para esse momento de vida e dentro de uma perspectiva estética-reflexiva. Idosos constituem um grupo crescente, porém sem ser prioridade de saúde pública. Por vezes, constatamos um apagamento de sua presença social, como se não fosse mais atuante, participante. Parece que quando se fala de pessoas envelhecidas é sempre no passado, só que elas continuam vivas. Uma das perguntas que podemos fazer é como fica a identidade pessoal e social. Este é um dos pontos centrais do questionamento desta dissertação.

O grupo escolhido para a pesquisa foi o de participantes da Universidade Aberta para as Pessoas Idosas (Uapi) da Unifesp, do *campus* Vila Gumercindo, grupo que existe desde 1999 e cujo foco é auxiliar os idosos a fazerem uma análise da realidade, dentro da perspectiva de educação para emancipação da população. O nosso projeto foi desenvolvido com esse grupo, atendendo inicialmente uma demanda da coordenadora da Uapi, que já conhecia o trabalho desenvolvido no CeHFi e acreditou que seria adequado para ser inserido na grade de atividades que estava preparando.

Procuramos, ao longo da pesquisa, verificar o contexto de vida desses idosos, e identificar pontos de convergência entre o tipo de atividade da Uapi e a atividade do laboratório. O objetivo foi avaliar o impacto do uso da literatura, não como uma atividade de crítica literária, e sim como uma experiência estética, que traz uma dimensão terapêutica e uma oportunidade de contato humanizado.

Como objetivo geral, trouxemos a proposta de realizar ciclos de LabLei para o grupo de idosos que participa da Uapi (antiga Uati), e avaliar em que medida esta atividade pode contribuir para uma melhoria no bem-estar físico e mental dos participantes, permitindo a construção de um espaço de encontro com as humanidades e de revitalização de suas relações sociais.

Como objetivos específicos, procuramos contribuir para o campo de pesquisa que propõe a experiência estética e reflexiva, tendo a literatura como meio de humanização em Saúde. A proposta de atividades mais humanizadas no campo da Saúde Coletiva é uma preocupação já existente do CeHFi, desde 2003, com muitos artigos importantes já publicados. Bittar, Sousa e Gallian (2013) apresentam o LabHum como ‘recuperador’ ou ‘fomentador’ da leitura [...], atendendo às exigências de uma experiência humanizadora no contexto acadêmico em Saúde. O humano pode ser entendido dentro de uma concepção tridimensional que engloba afeto, inteligência e vontade. Assim, o processo de humanização “só pode ser iniciado a partir de uma experiência afetiva através das artes, com destaque para a literatura” (BITTAR; SOUSA; GALLIAN, 2013, p. 185).

Cogitou-se desenvolver um modelo adaptado do LabLei para ser aplicado no contexto de promoção de saúde e humanização do idoso. A modificação tornou-se necessária em função do número de participantes e também por ser um grupo mais heterogêneo, em termos de escolaridade e de hábitos de leitura.

A proposta da atividade do LabLei será divulgada em um vídeo de apresentação desse produto educacional. É uma prática humanizada, pautada no que Teixeira Coelho (2008) apresenta como ampliação, que se identifica com o processo de humanização para se construir uma manifestação livre e inclusiva do sujeito dentro das práticas de atenção à Saúde.

No próximo capítulo faremos um levantamento dos autores que serviram como referencial teórico para o nosso trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O nosso interesse pelo idoso, neste estudo, tem múltiplas razões, de cunho pessoal inclusive a preocupação com essa população crescente, pois mudou muito o seu contexto, embora continue existindo o desafio de ampliar o lugar que pode ocupar, mas com bem-estar e tratamento humanitário. Nos artigos, procuramos debater diferentes aspectos da vida dos idosos, avaliando como este trabalho do LabLei pode auxiliar o grupo e trazer a oportunidade de melhorar suas condições emocionais (Apêndices A, B e C). Um outro fator relevante refere-se à mudança trazida pela pandemia, enfatizando o risco de isolamento social e adoecimento psíquico, principalmente o surgimento de um quadro depressivo, a ser comentado no segundo artigo, apresentado nesta dissertação (Apêndice B).

Dentro desse cenário, consideramos ser instigante levar adiante o projeto, o que implicou também em debruçarmos sobre o tema do envelhecimento e seu leque de subtemas. Em outubro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou um importante documento sobre o envelhecimento saudável: “Decade of Healthy Ageing 2020-2030”, em que propõe uma ação integrada entre os povos para lidar com o assunto, subdividido em quatro áreas de ação: ambientes amigos dos idosos, o combate ao ageísmo, o cuidado integrado e o cuidado a longo prazo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

No campo filosófico, Franco Volpi (2017) traz o seguinte comentário, na introdução do livro “Arte de envelhecer”, por ele organizado, a partir dos últimos textos escritos por Schopenhauer: “o autêntico filosofar produz uma estética da existência” e cita Schopenhauer como um mestre na arte de viver e de refletir sobre a morte, já que “a velhice nos ensina a fazer da necessidade uma virtude” (2017, p. 16). Na senioridade, somos convidados a olhar para o percurso vivido em nossa existência. Essas considerações, no entanto, não excluem a consciência de que existe, também, um esgotamento, uma fraqueza para certas atividades cotidianas. O equilíbrio entre um olhar otimista e um pessimista, complementando: “o velho não é um inválido, e a velhice não é simplesmente o ocaso da vida, que se tem que protelar o máximo possível, nem a fase do ‘marasmo’ senil e da perda dos sentidos, que conflui na morte. A velhice torna-se, antes, o coroamento da existência, o fim positivo, para o qual o indivíduo se prepara e todo o decorrer da vida se orienta” (SCHOPENHAUER, 2016 *apud* VOLPI, 2017, p. 20). No entanto, existe inegavelmente o lado da perda. Santos (2019) lembra a necessidade de “reinventar os padrões de vida para que descubra também algumas possibilidades” (p. 2), principalmente em uma fase da vida onde o processo depressivo pode se acentuar.

Discutir sobre o envelhecimento traz múltiplas dimensões abrangendo a saúde física, a emocional e a participação social. Faz parte desta busca compreender em que medida uma atividade como o LabLei permite o fortalecimento emocional, o estabelecimento de novos laços sociais e do autoconhecimento. Ayres (2004) traz que,

[...] humanizar, para além das suas implicações para a formulação das políticas da saúde para a gestão dos serviços, para a formação e supervisão técnica e ética dos profissionais, significa também transformar as ações assistenciais propriamente ditas. A estrutura própria do fazer em saúde também se reconstrói quando o norte é a humanização (AYRES, 2004, p. 22).

O autor associa a *cuidado* essa “configuração humanizada do ato assistencial”. Isto leva à dimensão terapêutica da escuta atenta e empática das angústias e sofrimentos, aliviando a pressão interna, sentindo-se escutados e amparados pelo grupo (AYRES, 2004, p. 22).

Outro tópico muito significativo foi refletir sobre qualidade de vida e bem-estar (este último é entendido dentro do contexto da saúde). Não se trata apenas de ausência de doença, mas sim ter uma qualidade de vida satisfatória. A busca é de um estado mental harmônico, em que a mente é capaz de lidar com emoções positivas e negativas de maneira equilibrada e consciente, como coloca Marcos Antônio Pereira Marques (2002), ao falar de saúde e bem-estar social e referir-se à carta da OMS, aprovada em 1948: “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (MARQUES, 2002, p. 369).

É importante lembrar que na Constituição Federal de 1988, Artigo 196, a saúde é definida como “**direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação**”. (BRASIL, 2016).

Winnicott (1975) é um autor com esta visão sobre a saúde do *indivíduo*, lembrando que a saúde social depende da saúde individual, pois a sociedade não passa de uma duplicação maciça de indivíduos. Para ele, a saúde significa maturidade emocional adequada à idade, e não ausência de doenças, incluindo os distúrbios emocionais. Na saúde, as relações objetivas são saudáveis e a vida pode ser excitante, vivaz e com possibilidade de criar intimidade. Sentir-se real permite experiências, realimentando a realidade psíquica, essencial para a saudabilidade como um todo.

No caso dos idosos, existe uma tendência mais atual de valorização de suas memórias, que atua como mediação intergeracional, capaz de unir passado e presente. Bosi (2013) é uma respeitada referência, que mostra como a memória oral é importante para olhar para esta “história do descontínuo” (p. 14), dos microcomportamentos que são parte da base do tecido cultural. Quando abrimos espaço para ouvir o que os idosos nos trazem, podemos acessar “uma outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo” (p. 23). O LabLei pode ser entendido como uma atividade que se utiliza dessas narrativas e memórias para valorizar o idoso e tudo aquilo que ele foi construindo em sua vida.

Os resumos dos três artigos apresentados em **resultados** tecem outras considerações teóricas sobre o tema, mas antes de falar deles vamos apresentar o referencial metodológico que nos guiou.

3 METODOLOGIA

A metodologia, nesta pesquisa, foi subdividida em Metodologia da observação da atividade e Metodologia do LabLei. No primeiro caso, a metodologia de observação e análise abrange a observação participante, presente na realização dos ciclos de LabLei, e análise de conteúdo com ênfase temática na análise dos resultados. No segundo caso, a metodologia é aquela desenvolvida pelo CeHFi, e também abordada nos artigos de Barros e Gallian, já submetidos às revistas científicas.

Durante as reuniões do LabLei, utilizamos a observação participante e as anotações do caderno de campo, além de contar com a gravação das reuniões, cujas transcrições encontram-se no Apêndice D. Seguimos as diretrizes de Anguera (1985), Minayo (2014) e Queiroz *et al.* (2007), levando em conta a sua relevância para a observação direta dos participantes em seus processos vivenciados durante os encontros, de onde retiramos as principais temáticas que contribuíram para as reflexões e as elaborações ligadas à busca de um bem-estar pessoal e de uma maior qualidade de vida. Pudemos, assim, captar angústias e tensões existentes no grupo e suas variações durante o desenrolar das reuniões. A prática já existente de escuta analítica também foi muito útil para direcionar perguntas que levaram a um aprofundamento das temáticas. A observação também contemplou perceber as pessoas mais atuantes e aquelas que apresentaram uma resistência silenciosa às discussões e aos temas abordados. O silêncio pode ser muito significativo em muitos momentos. Outro ponto que contribuiu foi que a pesquisadora, que também é idosa, conseguiu com que o grupo se identificasse com ela e ficasse mais à vontade para falar de temas mais dolorosos.

Seguimos as etapas sugeridas pelos autores, começando pela aproximação, feita através de conversas prévias e uma entrevista com a coordenadora do grupo, em 2017. Também analisamos documentos sobre o projeto da Uapi, iniciado em 1999. Nossa pesquisa concentrou-se no *campus* Vila Gumercindo. Em 2017, teve início a atividade do LabLei. Depois da coleta de dados, de 2017 até 2020, começamos a etapa da organização dos dados a partir dos temas mais relevantes e que foram analisados através da análise de conteúdo.

Em nosso trabalho, a problematização na análise de conteúdo foi para ver como as discussões em grupo conseguiriam ajudar na reflexão sobre problemas inerentes à velhice, tais como morte, depressão, distanciamento de pessoas e atividades. A busca de interações e interconexões deu-se em termos de uso do LabLei com idosos para se chegar às contribuições que uma discussão em grupo pode trazer para a reflexão sobre o momento vivido e como se abrir para novas relações e novas atividades, para, assim, não correr o risco de se perder em

uma vitimização e um imobilismo pessoal, como se a vida não tivesse mais perspectiva. Pensar em espaços e atividades para idosos é um desafio muito atual, tendo em vista o crescimento dessa população.

3.1 O projeto do LabLei na Universidade Aberta da Pessoa Idosa

Em 2017, Gallian sugeriu o desenvolvimento de uma pesquisa com o grupo de idosos da Uapi, usando os recursos metodológicos desenvolvidos no CeHFi. Sempre que o projeto de Laboratório de Humanidades (LabHum) é desenvolvido fora da academia, com outros grupos sociais, ele passa a ser denominado LabLei.

Este projeto de pesquisa com idosos faz parte de uma das linhas de pesquisa do CeHFI, intitulada Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde, com financiamento de agências nacionais (FAPESP, CNPq, CAPES) e internacionais (King's College). Muitos outros projetos já foram anteriormente desenvolvidos, seguindo os passos propostos por Gallian e seus colaboradores do CeHFi

Esta proposta visa mostrar, na prática, os benefícios de uma abordagem mais humanizada em atividades voltadas à população idosa. Neste projeto, realizamos ciclos de LabLei para o grupo de idosos da Uapi, em cujo estatuto encontra-se o objetivo de possibilitar aos idosos o acesso à universidade, por meio de atividades que podem ser construídas especificamente para eles ou abertas à sua participação. São informações que ajudam na reflexão e compreensão do processo de envelhecimento em suas múltiplas perspectivas, através de discussões que forneçam elementos para a promoção da saúde das pessoas idosas. Isto é feito através da criação de um espaço de convivência e troca de experiências com pessoas de diferentes faixas etárias, convidadas para apresentar temas de interesse do idoso. É um espaço que favorece o desenvolvimento de estudos, pesquisas e parcerias para a formulação de políticas públicas e implementação de ações dirigidas aos idosos, além de promover intercâmbio com outras instituições, visando o desenvolvimento da Uapi. O segundo artigo desta dissertação traz mais detalhes sobre os pilares da Uapi.

Um dos objetivos da pesquisa é justamente avaliar em que medida esta atividade contribui para um maior bem-estar dos participantes nas diferentes esferas do ser: física, emocional, mental e social. Nas entrevistas e nas discussões em grupo, o surgimento de temas que causam mal-estar psíquico, como decepção, depressão, perda e morte são exemplos que

serão discutidos nos próximos capítulos. Buscamos testar, da forma mais estruturada possível, o impacto do LabLei nos participantes e em sua dinâmica de vida, em um momento tão delicado, de mudança de lugar na família e na sociedade, que ocorre naturalmente na velhice. Isto foi feito através da análise de conteúdo, a partir das transcrições das reuniões de todos os ciclos de LabLei escolhidos: foram 14 reuniões de 90 minutos cada (Apêndice D).

Escolhemos também a metodologia de História Oral de Vida (HOV), dentro da perspectiva de Meihy e Holanda (2017) para as entrevistas de alguns participantes, que foram devidamente autorizadas. Trabalhamos com memória, identidade e comunidade, sendo que, atualmente, a HOV é considerada como uma forma de pensar a sociedade através dos registros das percepções da vida social, elaborados por colaboradores vivos. A memória funciona tanto no campo da identidade pessoal quanto do grupo, trazendo uma visão da atualidade da comunidade pesquisada, seus valores e suas dinâmicas. Segundo os autores, são três as situações que orientam o trabalho da história oral: *De quem é? Como?* (Entrevistas abertas) e *Por quê?* (Finalidade do projeto). Com isto, recolhemos testemunhos para promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato. A entrevista é uma “facilitadora” do entendimento social.

Os autores destacam as narrativas como “lugares da memória”, um instrumento de “preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições”. São registros orais ou escritos, que traduzem em palavras aquilo que é preservado na memória e que representam acontecimentos pessoais ou coletivos de um tempo passado. As narrativas permitem que o observador possa embarcar na viagem narrada, e podem funcionar para a construção do conhecimento histórico, apontando para aquilo que não foi valorizado no registro oficial dos historiadores. O relato histórico ganha uma dimensão complementar, deixando de ser apenas o discurso oficial, para incluir a colaboração daqueles que testemunharam um tempo dado e que contribui para a inclusão de “lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos”.

Eles também se referem à HOV (p. 13) como “uma forma de pensar a sociedade contemporânea, valendo-se de diálogos gravados, como registros das percepções da vida social, constituindo-se, então, em fontes ou documentos. Para tanto, é preciso acompanhar o processo desde a origem do que foi falado. São procedimentos a partir da elaboração de um projeto voltado para conhecer mais a fundo o que caracteriza um grupo específico de pessoas. Existe um planejamento para as gravações, considerando local, duração e fatores ambientais, seguido

de transcrição e estabelecimento de textos, autorização para o uso e posterior arquivamento, bem como posterior publicação dos resultados, que deverão voltar para o grupo que gerou.

Este amplo conjunto de transcrições de reuniões e transcrições de entrevistas¹ trouxeram elementos para os estudos de memória, construção de identidade e formulação de consciência comunitária, para ativar ou materializar o que existe em estado oral retido na memória, ou mesmo o que foi abafado por processos para não deixar morrer determinadas experiências. A título de exemplo, surgiram muitas lembranças de casamentos e situações com filhos.

Das entrevistas feitas, escolhemos sete, pois foram aquelas que trouxeram mais referências à experiência dos LabLeis e também porque mencionaram os principais temas que emergiram da análise temática.

O método utilizado para o levantamento dos temas nas transcrições foi a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2021), e retomada por Minayo, para a área da saúde. Bardin propõe que a análise de conteúdo traz o enriquecimento da leitura, pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam o que se procura, e levam ao esclarecimento de elementos de significações capazes de conduzir a mecanismos anteriormente desconhecidos. (BARDIN, 2021, p. 30). Revelam, também, o que pode ter levado a um enunciado, e quais as consequências suscetíveis de serem produzidas (BARDIN, 2021, p. 41). Busca-se uma articulação entre a superfície dos textos e os fatores que determinaram alguns elementos característicos. Com isto, é possível realçar um sentido que se encontra em segundo plano: “atingir através de significantes ou de significados (manipulados) outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.” (BARDIN, 2021, p. 43).

Minayo (2014, p. 16) tece considerações sobre a aplicação da metodologia na área da saúde e aponta para alguns desafios mais específicos: (a) “necessidade de se construir uma abertura para modelos de investigação por problemas”, possibilitando a interação de conhecimentos distintos e enfatizando a cooperação e o diálogo entre diferentes áreas; (b) “a construção de um *pensamento complexo*; que atua pela busca de interações e interconexões entre conceitos, noções e métodos”; (c) “a abertura pelo trabalho coletivo” (idem), valorizando a pluralidade de pensamentos e experiências e (d) “a articulação dos conhecimentos gerados

¹ Transcrições de entrevistas: transformação do discurso do entrevistado, de modo a ficar em primeira pessoa a trazer uma sensação de intimidade.

com as práticas voltadas para as necessidades concretas da população” (MINAYO, 2014, p. 17).

Minayo também aborda as diferentes modalidades dentro da perspectiva de se utilizar a análise de conteúdo, partindo de uma leitura das falas e depoimentos e aprofundando para além dos sentidos manifestos do material, onde encontram-se os fatores das variáveis psicossociais, o contexto cultural e o processo de produção da mensagem (MINAYO, 2014, p. 308). Para o presente trabalho, optamos pela *análise temática* que analisa um feixe de informações que pode ser representado através de uma palavra, uma frase ou resumo.

No que se refere ao jogo das hipóteses, a sugestão de Bardin é a seguinte: uma primeira leitura – flutuante, leitura intuitiva, “aberta a todas as ideias, reflexões, hipóteses, numa espécie de *brain-storming* individual – quer seja parcialmente organizada, sistematizada, com o auxílio de procedimentos de descoberta” (BARDIN, 2021, p. 71), que permite a criação de hipóteses provisórias ao reagrupar os temas em grandes categorias em “um vaivém da análise de conteúdo entre a teoria e a técnica, hipóteses, interpretações e métodos de análise.”.

Minayo (2014) aponta que a validade no uso do tema não é de ordem linguística, mas sim de ordem psicológica e que a análise temática procura descobrir *núcleos de sentido* em uma comunicação, cuja presença ou frequência são relevantes para o objeto analisado. São três etapas: (1) pré-análise (escolha dos documentos e retomada de hipóteses e objetivos iniciais através da *leitura flutuante, da constituição do corpus; formulação e reformulação de hipóteses e objetivos*); (2) exploração do material para se chegar aos núcleos de compreensão dos textos e (3) tratamento dos resultados obtidos.

No Apêndice D, temos as transcrições das reuniões do grupo nos diferentes ciclos utilizados como base para a análise de conteúdo que fizemos. No Apêndice E, estão as transcrições das entrevistas de História Oral de Vida dos participantes. Esclarecemos que a transcrição é fruto do processo de leitura e de reescrita das entrevistas, sob a forma de discurso direto em primeira pessoa. Todas as participantes que aceitaram participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice F).

Foram sete entrevistas com participantes de grupos presenciais, quatro para integrantes dos dois ciclos virtuais, em 2020 – adotamos o modelo de História Oral de Vida (HOV) a partir de Delgado (2003),

A premissa é que o LabLei pode ser uma oportunidade de manifestação de descobertas pessoais, de convivência, de redescobrir a própria capacidade de comunicação, o que ficou evidente em muitas falas que serão identificadas posteriormente.

É importante destacar que até 2019, o grupo da Uapi, *campus* São Paulo, era constituído por 65 idosos, entre 60 e 84 anos, o que correspondia às vagas disponíveis para participar de seu programa anual. Em 2020, ocorre a pandemia de COVID-19 e, no intuito de manter o grupo ativo, sua coordenadora passou a pesquisar o formato virtual, passando por 3 tentativas para encontrar a melhor alternativa de plataforma, preocupando-se com o treinamento dos idosos. O desafio da passagem para o virtual acabou sendo discutido no nosso 2º artigo, publicado na revista *Global Journal of Social Sciences*. Em 2020, o número de participantes oscilou entre 40 e 80, tendo aumentado para mais de 80, em 2021. O projeto sofreu novas adaptações (um modelo mais sintético, com apenas um ou dois encontros), demonstrando ser possível esta elasticidade no número de reuniões, principalmente quando se fez a opção por contos.

As questões norteadoras que nos guiaram foram as seguintes: 1) Como é possível usar a literatura para o trabalho com idosos, e qual é o impacto deste trabalho no seu bem-estar? 2) Como podemos organizar uma atividade de leitura – o LabLei, com o uso de metodologias ativas, baseadas no que já é desenvolvido pelo Laboratório de Humanidades do CeHFi, mas didaticamente adaptada à população idosa?

Uma diferença marcante surgiu desde o início, pois dentre os participantes, detectamos que muitos tinham pouca familiaridade com a leitura e a literatura, lado a lado com outros que detinham uma grande bagagem literária e intelectual. Comparando com os grupos do LabHum do CeHFi, o grupo da Uapi trazia uma maior discrepância em termos de formação educacional, profissional e hábitos de leitura, o que acabou interferindo na hora de escolher as obras a serem debatidas. Um outro ponto é que, em geral, os grupos do LabHum são de, no máximo, trinta pessoas e, na Uapi, estávamos com o dobro de participantes. Tentamos uma adaptação da roda de conversas, na tentativa de manter a ideia do círculo onde todos estão no mesmo nível, mas não foi possível pelo formato da sala e número de participantes. Para o registro dos encontros, a melhor opção foi circular entre as pessoas com o gravador na mão. A segunda adaptação que se fez necessária foi quanto à escolha dos textos – não poderia lidar com romances mais longos, pois não se sabia se eles se interessariam em ler até o fim. Surgiu a opção por contos que pudessem mobilizar temas ligados à velhice.

O projeto foi submetido sob o nº. 0598/2018 ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp (Anexo A), como parte das exigências para a pesquisa de mestrado, e foi aprovado sob o parecer nº. 2.726.160, em maio de 2018. Em função da necessidade de esperar uma vaga, o início do mestrado só se deu em 2019, ano em que não foi possível fazer novos ciclos, em função do cumprimento de outras exigências do programa, além de que a Uapi passava por mudanças naquele momento.

O LabLei foi aplicado obedecendo os critérios propostos pelo CeHFi, seguindo seus três tempos: *histórias de leitura* para o relato de como foi a experiência pessoal de leitura solitária; *itinerário de discussões* voltado para discutir o conto e fazer as associações com as experiências pessoais de vida, e *histórias de convivência*, uma oportunidade de narrativas pessoais sobre a experiência do LabLei como um todo. Ilustrações de como isto ocorreu estão incluídas nos artigos que compõem esta dissertação. Foram escolhidos os seguintes contos: “O Mergulhador”, de Karen Blixen; “O Espelho”, de Machado de Assis, em 2017; “O Pássaro Encantado” e “A Volta do Pássaro Encantado”, de Rubem Alves, em 2018; “Alicerce”, de Geni Guimarães e “A Menina que Carregava Bocadinhos”, de Valter Hugo Mãe, em 2020.

O primeiro conto escolhido foi “O mergulhador”, de Karen Blixen. Na sua escolha pensamos que seria um mergulho em um novo tipo de experiência – a leitura seguida de discussão em grupo –, e isto, de fato, emergiu ao longo das discussões. Detalhes desse primeiro ciclo encontram-se no primeiro artigo de nossa autoria: “A Literatura como um canal de reflexão e reconexão: relato de uma experiência de laboratório de leitura literária com idosos” (Subseção 4.2.1 e Apêndice A).

A seguir veio a discussão de “O espelho” de Machado de Assis, que trouxe a temática da solidão, do enfrentamento de olhar-se e refletir sobre o momento que vive e o que se perdeu. Sua discussão foi central na temática do terceiro artigo: “Uma janela para o mundo interior: reflexões sobre o uso da literatura para abordar a questão da solidão e morte em um grupo de idosos” (Subseção 4.2.3 e Apêndice C).

Também fez parte do artigo referências sobre o LabLei, de 2018, que discutiu “O Pássaro Encantado” e “A volta do pássaro encantado”, onde a temática gira em torno da amizade, do amor, mas também do ficar prisioneiro da imagem de si, que pode levar à depressão. Por fim, foram dois ciclos em 2020: “Clareira de Geni Guimarães” e “A menina que carregava bocadinhos” de Valter Hugo Mãe, onde o primeiro ocorreu como uma espécie de

teste para a plataforma virtual e o segundo trouxe uma das discussões mais profundas e criativas que tivemos.

A experiência indicou ter ocorrido um impacto significativo, despertando interesse dos participantes e trazendo depoimentos emocionantes e emocionados da parte de alguns deles, o que nos faz pensar acerca da importância de continuar com a atividade, expandindo-a para outros grupos de idosos. As narrativas compartilhadas por alguns dos nossos colaboradores em todos os ciclos de Laboratório de Leitura nos estimularam à continuidade do projeto e a agregar as transcrições das reuniões dos ciclos escolhidos na análise dos resultados.

Para a apresentação dos resultados dessa pesquisa, optamos por um modelo que inserisse artigos, discutindo os temas a partir da análise dos ciclos de LabLei e das narrativas de participantes em entrevistas, usando a metodologia de história oral de vida. Foram desenvolvidos três artigos: “A literatura como um canal de reflexão e reconexão: relato de uma experiência de laboratório de leitura literária com idosos” (Apêndice A); “Story and transformation in a reading laboratory for the elderly in pandemic times: an experience report” (Apêndice B); “Uma janela para o mundo interior: reflexões sobre o uso da literatura para abordar a questão da solidão e morte em um grupo de idosos” (Apêndice C), onde constatou-se o processo de transformação que ocorreu em muitas falas e atitudes de participantes, entre 2017 e 2020.

4 RESULTADOS

Na apresentação dos resultados, três artigos já submetidos às revistas científicas servem como ponto central da discussão, onde são apresentados os principais pontos metodológicos e os temas relevantes para o grupo etário estudado, utilizando o material de campo, composto pela transcrição de reuniões dos diferentes ciclos de LabLei (Apêndice D), e também da transcrição das entrevistas com alguns participantes da Uapi (Apêndice E). Além dos artigos, temos também um produto pedagógico específico que é um vídeo de apresentação do que é o LabLei para divulgação da atividade, em busca de interessados para levar a atividade a outros locais voltados para o acolhimento e assistência ao idoso.

A análise baseou-se no caderno de campo, nas transcrições reuniões dos ciclos e nas transcrições de cinco participantes, que mencionaram como foi a experiência em suas histórias orais de vida.

4.1 Principais resultados

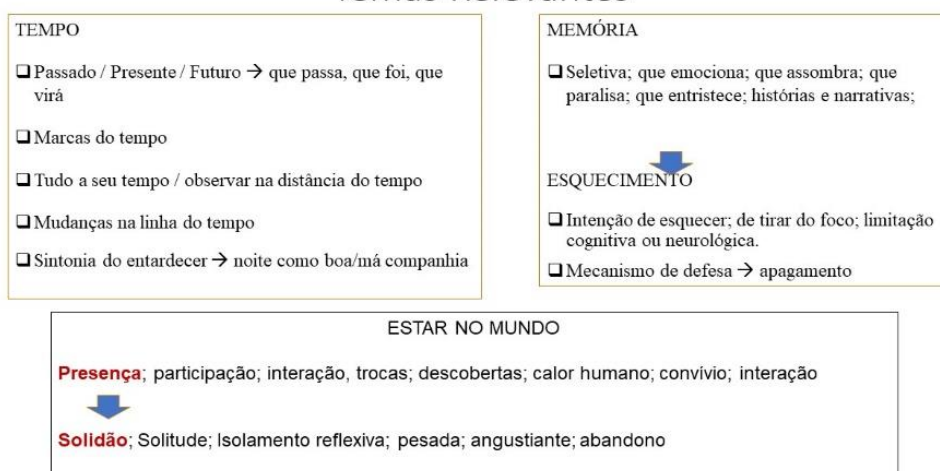
Quando analisamos o conteúdo, dois grandes blocos temáticos emergiram da análise.

Temas Relevantes

<u>SOBRE O ENVELHECER</u>	<u>SOBRE USO DO LABORATÓRIO</u>
1. Lidar com ambivalências emocionais → mais tempo, menos responsabilidades.	1. Um outro olhar para a Literatura → enquanto ponto de partida para discussões em grupo e ampliação da esfera do ser.
2. Lidar com perdas e suas consequências: luto, tristeza, depressão, saudade, lembrança doce/amarga/alívio.	2. Ampliação da percepção de troca com o outro → A experiência pessoal encontra a experiência do outro. Aprender a arte da escuta.
3. Conquistas: maturidade / liberdade /leveza/ sabedoria/ experiência.	3. LabLei como tempo e espaço para si → pensar e refletir sobre diferentes experiências de vida.
4. Mudança na valorização: entra o simples, o pequeno.	4. Deixar que olhar transcenda o texto e a auto-referência no que se refere a valores e aprendizados → a descoberta de novas e ampliadas visões.
5. Consciência / reconhecimento dos limites pessoais / limites da idade.	5. Lidar com os opostos → não negar o que não é bom.
6. Aprender a libertar-se e libertar o outro	6. Dimensão terapêutica da discussão em grupo.
7. Adaptabilidade / adequação aos limites físicos, de circulação e financeiros	7. Nova chance de se sentir vivo e atuante → resgate da alegria de viver e de um espaço para viver,

Quadro 1 - Blocos de temas: envelhecimento e uso do LabLei

Temas Relevantes



Quadro 2 - Temas mais relevantes sobre o envelhecimento

Dentro do primeiro bloco – sobre o envelhecer –, observamos uma ambivalência intrínseca a esse processo e que marca as oscilações de quem precisa reorganizar sua vida. Se, por um lado, é muito bom ter mais tempo e menos responsabilidade (“Eu tenho tanto tempo livre”), por outro, é preciso criar novas oportunidades de agir, de continuar a se sentir vivo e atuante (“Eu quero sair, eu quero caminhar, quero sair com amigos, muitos amigos”). A inação e a sensação de inutilidade podem, facilmente, levar ao adoecimento físico (falta de exercício) e psíquico (a depressão).

Outro fator que se mostrou muito relevante no risco de um adoecimento é a questão das perdas, como lidar com elas e o que você faz com determinadas lembranças: “Da outra vez, a minha depressão foi pós-desquite, o meu divórcio” (Entrevista, 2017). Uma das participantes trouxe uma definição interessante de depressão: “Dizem que a depressão é excesso de passado. Ficar pensando nas coisas do passado”.

Perdas e memórias trazem uma interligação interessante também com o fator tempo, pois, diante de um grande percurso já feito, é inevitável olhar para o passado para encontrar as marcas significativas, embora exista o risco de ficar aprisionado ao que passou, como sintetizado acima. Preservar a memória sem um apego, eis um desafio importante.

As perdas ligadas a deixar de ter uma atividade específica também trazem certo desafio, como disse um dos idosos: “Eu vou falar em tirar a farda. E quando eu falo em tirar a farda, estou pensando em uma coisa que poucas pessoas dão atenção, ou seja, **o que eu vou fazer depois que me aposentar?**” (Mario, 2017).

Partiu dos participantes a consciência de que é preciso reconhecer certos limites dentro da realidade de um momento de vida e que chegou a hora de valorizar as pequenas coisas, o que é simples. Na discussão de “O Mergulhador”, surgiram ponderações sobre como felicidade é feita de momentos, que coisas simples podem ser uma felicidade e que a felicidade supera o sonho, por ser algo que se constrói.

Liberdade com responsabilidade pode estar ligada ao momento que sucede o cumprimento das tarefas da vida: “Quando você casa, tem o sonho de ter filhos, quer criá-los bem, que eles sejam bem-sucedidos. Agora, nesta fase, a gente tem uma liberdade, a gente conquistou uma liberdade. Por isso que agora posso dizer: vou fazer o que eu quero”. Esta também foi uma reflexão a partir da discussão de “O Mergulhador”.

Na discussão do “Pássaro encantado”, surgiu uma associação interessante entre apego e liberdade, além da percepção do que é sentir saudade: “Se você aprisiona, se você fecha a porta da gaiola, você nunca vai sentir o prazer de uma volta. Você precisa se libertar pra ver como é bom a saudade”.

A questão da memória também se mostrou relevante e, em muitos casos, inspiradora, como no relato de experiência de Maíra (dezembro 2020):

A menina que nasceu numa casa com seus coqueirais e árvores frutíferas, piso de cimento batido, com quartos recheados de camas beliche para abrigar 9 filhos. Mãinha teve 11. Não havia tempo para atender a todos, o mais velho cuidava do mais novo, e tínhamos a tarefa de casa. Os brinquedos eram de madeira e pano. As brincadeiras nas horas vagas eram no quintal, subindo em árvores ou na rua, quando a maré transbordava e alagava completamente a calçada e, muitas vezes, adentrava nas residências. Era uma expectativa frequente no que poderia acontecer, para que pudéssemos subir os móveis. Mãinha tinha uma amiga chamada Paulina, muito querida por nós. Eu e meu irmão íamos nos finais de semana para sua casa, que era de taipa. Subíamos uma ladeira de barro rasgada pelas águas da chuva. Vivíamos de quartinhas e candeeiro, mas era uma casa encantada e iluminada. Paulina amava cozinhar, o que mais preparava para nós era miolo de boi. Que delícia!! Só ela sabia fazer! (Maíra)

O segundo grande bloco diz respeito ao uso do LabLei, que permitiu trabalhar com a literatura de uma outra forma, através das discussões de grupo. Ficou evidente que os participantes se surpreenderam com a multiplicidade de visões, o que enriqueceu não só a sua leitura, mas, também, a própria visão de mundo:

O importante, bonito, o belo que aconteceu, porque nós idosos, eu, Maria,

acabei de fazer 69, aprendi a respeitar muito mais, porque o ponto de vista do outro acrescentou tanta vivência, tanta luz, tanta direção bonita, que este texto eu só posso aplaudir (Entrevista, 2017).

[...] eu nunca tinha participado nessa discussão sobre a história, porque eu lia os livros e lia pra mim. Eu me emocionava, mas só pra mim, não discutia com ninguém. Essa pra mim está sendo uma experiência nova muito marcante, que eu estou aprendendo a cada dia, mas você que começou nessa história na minha vida (Participante, 2020).

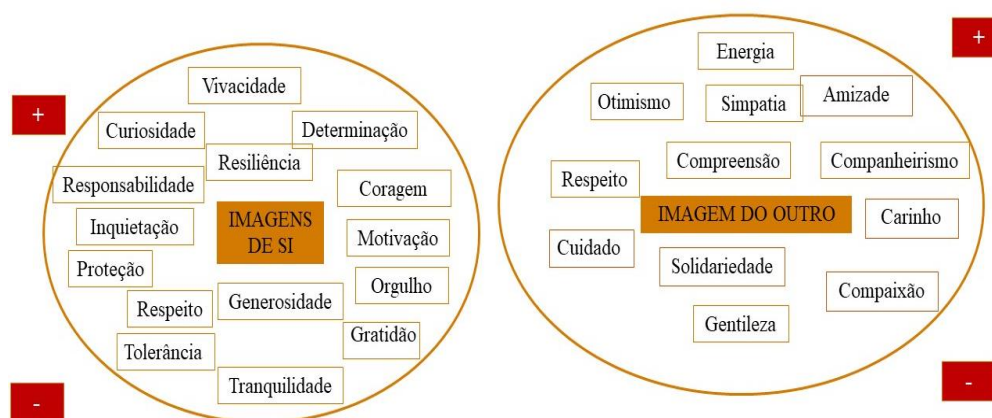
Trouxe, também, o ato de refletir sobre o espaço que ocupa, olhar para si e descobrir-se mais. Este é um trabalho que leva a uma renovação identitária importante na velhice, para que a pessoa continue a se sentir viva e a valorizar-se, além de trazer a descoberta de novas e ampliadas visões de mundo:

O tema que vocês escolheram – o espelho – foi, pra mim, na vida, estou vivendo este momento. Então, com as várias nuances de ex-profissional, avó, esposa, aí sim. Então, aí eu voltava, olhava várias situações em que eu me via dentro. Então, quando você falava em muitos momentos, eu me via dentro. E quando você não tem isso? E aí, eu voltava, é importante qual imagem que você faça, o que é pra você? Como você está? (Participante, 2018).

Inegavelmente, estas reflexões ajudam, de uma forma terapêutica, a cuidar de si, mesmo que esta não fosse inicialmente a intenção dos idealizadores da atividade. É uma nova chance de se sentir vivo e encontrar um novo espaço para viver, dentro das trocas ocorridas nos encontros da Uapi

Tudo isto nos levou a um novo mergulho na análise de conteúdo, para destacar outros temas relevantes e seus desdobramentos. O uso da metodologia de observação participante, já discutida na metodologia, foi muito útil durante a realização dos ciclos do LabLei, pois permitiu perceber o fluxo das emoções, principalmente naqueles participantes silenciosos, que diziam muito em seus olhares, ao acompanharem a discussão, ou em suas posturas, que expressavam a dificuldade de tolerar a atividade que os arrancava de suas zonas de conforto para permanecerem invisíveis, sem posicionamento, sem alegria, como se fossem indiferentes a tudo e a todos. Essa aparente indiferença pode ser explicada como uma tentativa de defesa psíquica, para não mobilizar a área de afetos e se deparar com temas que prefere omitir.

Campos de sentidos e significados → palavras-chave de teor positivo



Quadro 3 - Campos de sentidos e significados: imagens de si e do outro

Em relação às imagens de si, fizemos uma coletânea entre citações feitas em suas narrativas e atitudes observadas em relação aos outros. Assim, vivacidade, curiosidade, inquietação, motivação e tolerância surgiram muito durante a nossa observação participante. Coragem e vontade emergiram em falas sobre a vontade de se manifestar, mas sem coragem para tal: “Você sabe que eu queria, eu tenho vontade, mas não tenho coragem” (Reunião, abril 2017).

Ao escutar as suas histórias pessoais, pudemos reconhecer a resiliência que demonstram para superar suas dores e perdas. Tranquilidade e leveza foram lembradas na experiência de “O espelho”, na narrativa de uma participante falando das mudanças ocorridas em sua vida: “Hoje, eu tenho a possibilidade de ter uma outra vivência. Então, esta outra vivência me deu muito mais leveza, mais tranquilidade, e eu passei a descobrir muito mais sobre eu mesma”. Orgulho é um termo que foi trazido tanto no sentido positivo, quanto negativo. No primeiro caso, é no sentido de orgulhar-se do que faz: “Então, você adquire conhecimento, você vai participando de um grupo, você tem assunto. E os nossos filhos ficam orgulhosos, não ficam? Netos falam assim: - a minha avó vai sair com as amigas da faculdade” (Reunião, 2018).

O segundo sentido foi em referência ao personagem de “O espelho”, descrito como arrogante, orgulhoso, pretensioso.

Sobre as imagens dos outros, muita coisa vem também pela observação de que existe no grupo uma relação mais solidária, principalmente diante de relatos de perdas ou de adoecimento, que se manifesta no estímulo e na admiração da atitude do outro. Existem os sentimentos de companheirismo, respeito, compreensão, simpatia, carinho, gentileza e, principalmente, de resgatar a possibilidade de fazer amigos. A pandemia trouxe uma grande dificuldade, que acabou evidenciando a falta da presença do outro:

No início, me deixou muito mal, me deixou hipertensa, me isolou de família, e sou muito ligada à família, me isolou de amigos, me isolou de rua, porque eu sou muito rueira. E eu quero ser um beija-flor. Eu quero sair, eu quero caminhar, quero sair com amigos, muitos amigos (Alice, 2020).



Quadro 4 - Campos de sentidos e significados: sentimentos, estados de espírito e busca

Outras temáticas que também se mostraram relevantes têm a ver com a questão de sentimentos, de estado de espírito e de busca. Inúmeras referências ocorreram durante a discussão em grupo, ao comentarem a atitude dos personagens e lembrarem como se sentiram. Destacamos algumas falas, dentre elas, uma estrofe de poesia, feita por uma participante: “Não poderia faltar ‘experiência’. Diante de tanta vivência. Aqui mil anos vos contemplam, como disse Napoleão. Aqui não vai faltar gratidão” (Poesia criada na história de convivência de ‘O espelho’, em 2018). “Fala-se da dificuldade de enfrentar a realidade, mas que deixar de sonhar faz adoecer, e que cada época tem um sonho. Pra sonhar, é preciso

fê.” (Na discussão de “O Mergulhador”). “Mas carinho é bom e não faz mal a ninguém” (Entrevista). “O amor é uma força que, ao mesmo tempo, nos liberta e nos prende. Ficamos aprisionados no amor?” (Discussão de “O pássaro encantado”).



Quadro 5 - Campos de sentidos e significados: imagens de si e do outro

Também consideramos relevante destacar os campos de significado de teor negativo, encontrado no material das reuniões, com seus desdobramentos, com destaque para tristeza: “Eu voltei dez anos atrás, onde vivi uma situação bem difícil da minha vida, e meus companheiros eram os pássaros. [...] Eram todos encantados, porque eu era a menina triste e eles vinham me abençoar” (Discussão “O pássaro encantado”, 2018).

Luto e depressão também se destacaram nas vivências e nos temores: “A depressão pra mim não é coisa do passado. É do presente. É coisa que passa na vida. Acho que também é problema de saúde, mais frágil, qualquer coisa atinge”. A aposentadoria, trazendo uma mudança radical na vida da pessoa, também foi apontada como uma causa para a depressão: “Pedi demissão do serviço e quase me afundei em depressão de novo, porque parei de trabalhar” (Discussão, 2018). Ambas são fontes de sofrimento, dor, apatia, indiferença, vulnerabilidade, descrença, infelicidade, dentre outros.

Notemos que, após falarem da dor da perda, muitos procuravam falar do que pode ajudar nesse momento: “Deixar o passado no passado”; “Aí, eu consegui me libertar disto,

fiz tratamento alguns anos pra depressão. Então, eu deixo o passado num passado. Procuvo viver o presente” (Reunião, 2017 de “O espelho”).

A angústia tem múltiplas fontes, mas sempre gera receio, inquietação, aprensão, temor, agonia, confusão, aflição, medo e até pânico, podendo chegar à agonia e desespero: “A doença de Alzheimer tem uma fase que é a síndrome do pôr do sol. Minha mãe teve Alzheimer, infelizmente. A passagem do dia pra noite vai dando uma agonia. A gente tem que acender as luzes da casa. Pra minimizar o efeito. É uma angústia” (Discussão “O espelho”).

Outro destaque importante é a questão do medo, com múltiplas origens reais ou imaginárias: “Medos são irracionais e diferem de precaução”; “É claro o que a loucura pode montar na imaginação, imaginava subir voando em um sonho que tive. Eu tenho pavor de altura, medo de olhar pra baixo e ver a miséria humana; não queria voltar; “A gente vai e desiste [do sonho], fica doente. Não pode ter medo. Pelo menos, tentou antes de morrer” (discussão de “O Mergulhador”).

A perspectiva mais pessimista e mais negativa ameaça o bem-estar no envelhecimento. Durante os encontros, percebíamos a preocupação de se mostrarem alegres e otimistas, mas, com um olhar atento, percebíamos aqueles que não estavam bem. A maneira como se manifestavam era pelo silêncio e por um olhar mais apagado, mais entristecido. Procuravam fugir ao contato visual e, dificilmente, desabafavam, mas eram capazes de relatar períodos de depressão passados.

Principais campos de significados e suas palavras-chave de teor negativo



Quadro 6 - Campos de sentidos e significados: sentimentos, estados de espírito e busca.

Por fim, dúvidas e frustrações podem desencadear um estado de culpa ou, na direção oposta, uma atitude agressiva, de revolta: “Frustrações acabam tendo um lado bom, que é ajudar a sair da ingenuidade”; “A frustração pode nos fortalecer, e pode fazer com que você saia da ingenuidade” (discussão de “O Mergulhador”).

Assim, pudemos constatar que o Laboratório de Leitura é um caminho consistente, para ajudar os idosos nesta busca de adaptação humanizada ao novo momento de vida, com as variações em termos de convivência, atividades e emoções. Na experiência, através da literatura junto aos idosos da Uapi, observou-se espanto de vários participantes com tal descoberta: “Eu falo por mim, eu estava pronta pra não abrir a minha boca. ‘Não vou falar nada’ e, no fim, acho que fui uma das que mais falou. Então, eu acho que a maneira da gente perder a timidez e começar a falar foi a maneira mais rica que eu achei que vocês fizeram a gente...” (Maria, “O mergulhador”, história de convivência).

Também disseram que a troca enriquece muito mais o registro da experiência de leitura de uma determinada obra: “Eu acho interessante como a intuição de vocês fez com que a gente pudesse tirar muita coisa. Se não fosse essa intuição que vocês tiveram, nós não teríamos chegado a nada do que foi discutido” (Maria, “O mergulhador”, história de convivência). O resultado é um processo de mobilização emocional, que permite uma transformação pessoal e uma nova consciência social, o que constitui, em si, um ato de

humanização. Surge, então, a oportunidade de ir ao encontro de questões essenciais ao ser humano, permitindo um amadurecimento para lidar com os desafios do mundo.

Já no primeiro laboratório, ocorreu um despertar do grupo para a experiência do LabLei. Verificamos que, para muitos, era a retomada de uma atividade pouco explorada ao longo da vida, a leitura. Eram idosos que estavam com outros participantes já habituados à leitura. Para a maioria, esta foi a primeira experiência de discussão em grupo. Surgiram narrativas que indicaram que estávamos em um caminho adequado. Era a descoberta de uma nova forma de se ler uma obra literária: “A gente só ia ler o texto, e não entende nada, mas aí, quando a gente começa a mergulhar no texto, é outra história. Numa leitura primeira, você não pesca nada. Aí, depois, quando você começa a mergulhar, aí a coisa vem à tona” (Cida, “O mergulhador”, história de convivência).

A elasticidade na aplicação do LabLei pode desafiar a criatividade do coordenador da atividade, pois nunca se sabe qual vai ser a reação do grupo. Temos assim: 1) O modelo tradicional, composto de, no mínimo, três a quatro reuniões, para o desenvolvimento das três etapas propostas pelo CeHFi: *histórias de leitura*, *itinerário de discussão*, *histórias de convivência*, incluindo a apresentação do grupo no primeiro laboratório. Foi o modelo adotado nos dois ciclos de 2017. 2) O modelo *pocket*, com uma única reunião, que aborda um conto mais curto, utilizado no primeiro ciclo de 2020, quando passamos para o modelo virtual, pois estávamos avaliando, também, a possibilidade de continuar o projeto. No último ciclo de 2020, adotamos a opção de duas reuniões.

A atividade do LabLei estimula a criatividade pessoal e ajuda no fortalecimento da autoestima, pela descoberta do que se é capaz de realizar. O resultado surgiu sob a forma de relatos de experiência sensíveis, e até mesmo poesias que emocionaram, o que confirma a existência de um leque de possibilidades criativas, que abrem espaço para que o participante possa ser envolvido e tornar-se autor da sua narrativa, como é proposto na aprendizagem ativa. Como lembra José Moran, em um vídeo de 2017, a aprendizagem ativa é uma forma de aprender com a vida e valorizar a experiência dos alunos, o que é muito relevante quando se trata do público idoso, que tem muito a contar, como pudemos constatar nos artigos apresentados.

Posteriormente, elaboramos um questionário (Apêndice G), que foi enviado para os participantes do LabLei de 2020, para sabermos um pouco mais sobre seus hábitos de leitura. Dos 40 questionários enviados, obtivemos 18 respostas, muitas por *WhatsApp*. A maioria

dos respondentes (12/18) disseram que gostam de literatura, com o hábito de ler toda semana (15/18). Ficou claro que só responderam aqueles que já estavam engajados, talvez porque os outros ficassem envergonhados de reconhecer que não são leitores. Em uma pergunta que permitia mais de uma resposta sobre o tipo de livro, 15 disseram gostar de romance, 10 de contos, oito de crônicas e quatro de ficção científica. Em relação à expectativa de discutir sobre no grupo, 13 acharam interessante, cinco não souberam o que dizer e dois não responderam. Quanto à forma de ler (também podiam escolher mais de uma resposta), 10 falaram que anotam, 11 que gostam de comentar com outras pessoas, quatro já leem em grupo e quatro deixam de lado e não pensam mais no que leram; uma pessoa não respondeu nada. Por fim, foram solicitadas sugestões para textos em momentos futuros, mas foram poucas obtidas. A ideia é aplicar o questionário nos grupos futuros, sempre no início das atividades da Uapi, para contar com as sugestões de leitura do próprio grupo.

Temos o propósito de repetir o questionário antes do início de cada ano da Uapi, ou do início desta atividade em outros locais de convivência para idosos, o que pode contribuir na escolha dos textos a serem trabalhados ao longo do ano. Com o tempo, poderemos construir um “banco de contos” que se mostram mais adequados, pelo fato de motivarem mais a discussão estético-reflexiva.

4.2 Produtos

4.2.1 Artigo 1 - A literatura como um canal de reflexão e reconexão: relato de uma experiência de laboratório de leitura literária com idosos

Maria Teresa Mendonça de Barros*
Dante Marcello Claramonte Gallian **

* Psicanalista, Mestranda no Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil. tecamendoncab@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-1621-7365>

***** Historiador, doutor em História Social pela FFLCH-USP e pós-doutoramento pela EHESS-Paris, Docente Titular na Escola Paulista de Medicina (EPM-Unifesp), São Paulo, SP, Brasil. dante.marcello@unifesp.br / <https://orcid.org/0000-0002-9979-6787>

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar os efeitos humanizadores de uma experiência de leitura prévia e discussão coletiva de um conto literário com um grupo de idosos em uma universidade aberta, voltada para essa faixa etária em São Paulo. Dos encontros dedicados à discussão das impressões que o conto trouxe, surgiram narrativas pessoais interessantes, e a perspectiva de construir um espaço de partilha e de resgate de histórias de vida, já vividas para a descoberta ou redescoberta, do valor pessoal, do direito de se manifestar e a esperança de ser escutado.

Palavras-chave: Envelhecimento, Literatura, Compreensão, Memória, Narrativas

Literature as a reflection and reconnection channel: report of a reading laboratory experience with the elderly

ABSTRACT

The aim of this article is to show the humanizing effects of an experience of previous reading and collective discussion of a literary tale with a group of elderly people in an open university, focused on this age group in São Paulo. From the meetings dedicated to the discussion of the impressions that the tale brought, interesting personal narratives emerged, and the perspective of creating a space for sharing and retrieving life stories, already lived for discovery or rediscovery, personal value, the right to manifest and the hope of be heard.

Key words: Aging, Literature, Comprehension, Memory, Narrative.

4.2.2 Artigo 2 - Story and transformation in a reading laboratory for the elderly in pandemic times: an experience report

Em 2020, com o advento da pandemia, aquilo que inicialmente parecia ser um imenso obstáculo transformou-se em uma janela de oportunidade, que nos levou a rever a ideia inicial do projeto, para acrescentar uma comparação entre a atividade presencial e a atividade virtual. Isso é discutido no segundo artigo, “**Story and transformation in a reading laboratory for the elderly in pandemic times – an experience report**” (História e

transformações de um laboratório de leitura para idosos em tempos de pandemia – um relato de experiência), já publicado no Global Journal of Social Sciences - DOI:10.34257/GJHSSHVOL21IS5PG33.

Story and transformation in a reading laboratory for the elderly in pandemic times – an experience report

Research Project conducted at the Graduate Program of the Federal University of São Paulo (Unifesp) for master's degree at Cedess. Line of research: "Health in Community".
Area of concentration

Maria Teresa Mendonça de Barros
Simeão Donizeti Sass

Advisor: Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

ABSTRACT

Literature is one of the finest ways to express the human art and creativeness, therefore, is a path to reach the understanding of human nature. In this article, we will discuss the use of literature in group debate of elders which participated in a senior program of a Brazilian university as a resource to stimulate a personal discovery of inner resources to deal with this challenging period of life during the Covid-19 pandemic in 2020. Our participation started in 2017 with a group formed by men and women above 60 years old attending this program. Until 2019, there were 65 participants in a yearly program, but in 2020 there was a variation between 40 to 70. The experience to be discussed derives from an aesthetic attitude, starting with literary reading followed by a group discussion in order to stimulate affective social bonds among the participants. Further discussed themes were the impact of the online version and the use of technology in a senior group.

Keywords: Elder; Reading; Literature; Open University; Humanization, Pandemic, Technology.

RESUMO

A literatura é uma das melhores maneiras de se expressar arte e criatividade humanas e, assim, um caminho para se chegar a um entendimento da natureza humana. Neste artigo será

discutido o uso da literatura em grupos de debate compostos por idosos participantes de um programa para a terceira idade de uma universidade brasileira como um recurso para incentivar uma descoberta pessoal dos recursos internos disponíveis para o enfrentamento desse período de vida tão desafiador durante a pandemia de Covid-19 em 2020. A participação da pesquisadora iniciou em 2017, em um grupo formado por homens e mulheres acima de sessenta anos e que participavam do grupo citado. Até 2019 o grupo era composto por sessenta e cinco participantes desse programa anual, mas em 2020 variou entre quarenta e setenta. A experiência a ser discutida surge a partir de uma atitude estética que começa com um texto literário e é seguido de uma discussão em grupo para estimular a criação de laços sociais afetivos entre os participantes. Também serão discutidos o impacto da versão *online* da atividade e o uso da tecnologia pelos idosos do grupo pesquisado.

Palavras-chave: Idoso, Leitura, Literatura, Universidade aberta, Humanização, Tecnologia.

4.2.3 Artigo 3 - Uma janela para o mundo interior: reflexões sobre o uso da literatura para abordar a questão da solidão e morte em um grupo de idosos

Finalmente, o terceiro artigo aborda dois temas centrais para os mais velhos: a questão da memória do que foi vivido; e a experiência da perda (de lugar social, de entes queridos) e do luto. Foi dada uma ênfase maior a algumas entrevistas com participantes, usando a metodologia da história oral de vida e aos quatro encontros que compuseram a discussão do conto “O Espelho”, de Machado de Assis e “O Pássaro Encantado” e sua sequência, “A volta do pássaro encantado”, de Rubem Alves. Recorri à transcrição de dois laboratórios de leitura, ocorridos em 2017 (“O Espelho”, de Machado de Assis) e em 2018 (“O Pássaro Encantado”, de Rubem Alves), e que trouxeram subsídios sobre os temas escolhidos. Também foram analisados quatro depoimentos de participantes, que relataram, em suas histórias orais de vida, a própria experiência de perda e recuperação do luto. Ficou claro, na análise de resultados, a importância fundamental de um ambiente facilitador, para ajudar a pessoa a elaborar os afetos envolvidos nos processos de perda e resignificação da existência, ao se deparar com a solidão. Apoiei-me em autores do campo da Psicanálise (Winnicott, Laura Dethville e Françoise Dolto), aliado às colocações de Heidegger e Schopenhauer em sua última obra – “Senilia”. Procurei discutir os diferentes tipos de solidão e os recursos internos necessários também para a elaboração do luto, trazendo ilustrações a

partir de narrativas dos participantes da Uapi. Este artigo já foi submetido à Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG).

Uma janela para o mundo interior: reflexões sobre o uso da literatura para abordar a questão da solidão e morte em um grupo de idosos

RESUMO

A solidão e as perdas são temas sensíveis e evitados por pessoas de diferentes faixas etárias, mas inegavelmente toca mais os idosos. Este artigo procura trazer as diferentes dimensões da solidão, perda e morte, entrelaçadas com extratos de narrativas pessoais de participantes da Universidade Aberta da Pessoa Idosa (Uapi) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). São citações extraídas das discussões em grupo que seguiram o formato Laboratório de Leitura (LabLei), desenvolvido pelo Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi). As discussões de grupo giraram em torno de três contos literários – “O Espelho” de Machado de Assis, “O Pássaro Encantado” e “A Volta do Pássaro Encantado” de Rubem Alves e trouxeram espontaneamente os temas pesquisados. O recurso ao texto literário justifica-se pelo fato de a ficção ser um estímulo para o afloramento de lembranças e reminiscências a partir da vivência pessoal. Fizeram parte também narrativas pessoais, analisadas a partir de entrevistas com alguns participantes do grupo que relataram suas perdas pessoais.

Palavras-chave: Solidão; perda; morte; terapêutico; grupo.

ABSTRACT

Loneliness and losses are sensitive themes, normally avoided by people from different age groups, but it is even more sensitive for elders. This article brings the different dimensions of loneliness, including solitude, as well as loss and death, intertwined with personal narratives of participants of the Open University for Elder People (Uapi) sponsored by the Federal University of São Paulo (Unifesp). The extracts are from the group discussions that followed the Reading Laboratory (LabLei) developed by the History & Philosophy Center of Health Sciences. They were based on three literary short stories – “The Mirror”, by Machado de Assis, “The Enchanted Bird” and “The return of the Enchanted Bird” by Rubem

Alves. The discussions brought spontaneously the themes mentioned. The use of literary texts is justified by the fact that fiction is a stimulus for the emergence of memories and reminiscences derived from some personal experience. There were also personal narratives of some participants that related their personal losses.

Keywords: Loneliness; solitude, loss; death; therapeutics; group.

4.3 Produto pedagógico

Nosso produto pedagógico foi um vídeo de apresentação do LabLei para idosos com o objetivo de compartilhar nossa prática com pessoas ligadas às atividades voltadas para o público 60+, tendo em vista de que se trata de um produto educacional de baixo custo e amplo potencial de disseminação. Ele será discutido em um documento à parte, seguindo as determinações do Cedess.

5.1 Principais descobertas

Sintetizando os resultados já discutidos nos três artigos, e nos outros que surgiram na análise final dos dados, gostaríamos de destacar as principais descobertas:

1. Propor um projeto que adota uma atitude humanizada no cuidado da população idosa e que permita uma renovação nas práticas da saúde, onde o ser humano é o protagonista. Existem muitos artigos e livros já escritos por pesquisadores do CeHFi, que abordam esta temática da humanização em saúde, com destaque para Gallian (2017), Sakamoto e Gallian (2016); Bittar *et al.* (2013). Falando especificamente da preocupação com um envelhecimento saudável, citamos Carneiro (2017) e Ayres (2020).

Dentro da psicanálise, Figueiredo (2012) traz as considerações a partir da dimensão psíquica, essencial para uma abordagem terapêutica como que procura “assegurar ou promover a sua integridade física e mental e seu ingresso e participação na comunidade dos homens” (p. 133). O autor lembra que o cuidado com o outro e consigo é uma forma de facilitar a criação de um sentido humano, em busca de criar um lugar humano para existir.

A partir daí, trazemos a visão de Winnicott e de seus seguidores, que ressaltam a questão do cuidado promovido por um ambiente que acolhe e facilita o abordar os temas que fragilizam a maneira como a pessoa lida com a vida. Ajuda em um *holding* (*sustentar*) que ao mesmo tempo reconhece o lugar do outro. Faço um paralelo com o que Dias (2011) diz, ao comparar o contexto analítico com o cuidado materno, que é importante a capacidade de identificar-se com quem está sendo acolhido e amparado.

Estendendo esse princípio do cuidar e do olhar para o papel do coordenador que olha para o grupo procurando entender o que está sendo mobilizado pela discussão sobre o texto lido. É a sua sensibilidade pessoal que o guia na compreensão das necessidades de quem o escuta (p. 41).

Remen (1993, p. 42,43) lembra que a saúde humana é influenciada tanto pela realidade objetiva quanto pela subjetiva, sendo que esta última também precisa ser contemplada no cuidado terapêutico. Quando ela não é valorizada, existe o risco de limitar a compreensão do relato de quem espera ser escutado em sua narrativa nos momentos em que pede ajuda de um profissional. Como médica, a autora reconhece que para muitos colegas esses aspectos subjetivos são considerados problemáticos e podem interferir num plano de tratamento. No

entanto, quando se ignora a esfera subjetiva, perde-se o acesso a recursos internos do paciente e a informações relevantes para entender qual foi o caminho do adoecimento e quais recursos que ficaram inativos. Outro ponto tocado por Remen é ser necessário coragem, paciência e curiosidade para ousar sair da segurança da abordagem técnica, que Ayres (2004) coloca como sendo uma mudança que ajuda no processo de humanização das práticas assistenciais, pautada em uma flexibilização que introduz o diálogo com interferências não técnicas da sabedoria prática. Projetos como a Uapi, ligada à disciplina de Gerontologia da Unifesp, e o Lablei são ilustrativos desta mudança de olhar no contexto da Saúde Coletiva.

Assim descobre-se a possibilidade de se trabalhar o momento atual de vida em que é possível expandir os laços sociais. Ayres (2004, 2005) propõe a ideia de “projeto de felicidade”, que remete a experiências positivas dentro do viver, o que não significa “um estado de completo bem-estar ou perfeita normalidade morfofuncional (p. 19). Assim, a felicidade é uma experiência singular e pessoal a partir de valores validados pelo coletivo. Ao longo da vida passa-se por períodos em que é possível acreditar que existe um projeto de vida realizado; porém em outros, aquilo que foi acalentado pode ser violentamente abortado, deixando uma sensação de que a vida perdeu o sentido.

No caso dos idosos, certamente muita coisa já aconteceu e foi perdida. Daí a importância de um espaço onde seja possível recuperar a esperança de se ter alegria no viver e onde pode-se abordar temas relacionados com os diversos desafios e obstáculos para um bem-estar na conjuntura atual e que interferem inclusive na saúde em sua totalidade. Glidden *et al.* (2019) discutem a importância de grupos de terceira idade enquanto opção para reconstruir a rede de relacionamentos, promovendo a saúde e o bem-estar e estimulando um olhar mais otimista e positivo sobre a velhice. Confirmam que existem “mudanças significativas na autoestima, na saúde e nos afazeres de atividades diárias, após o ingresso nos grupos” (p. 263).

Existe um caminho possível e desejável, que passa pela busca ativa de projetos de felicidade para essa população através de um encontro com características terapêuticas, e que podem ser vistas como um processo de (re)construção identitária a partir do encontro entre profissionais e usuários.

Ayres (2004) coloca essa observação dentro da perspectiva da terapêutica médica, mas que pode ser estendida para o campo da saúde mental dentro de uma perspectiva psicossocial. Isto traz a ideia de valor dentro de uma concepção ética que só faz sentido dentro de um coletivo, em um exercício de “compatibilizar finalidades e meios de uma vida que só se pode viver em

comum” (AYRES, 2004, p. 27). O LabLei e a Uapi podem ser considerados como uma oportunidade neste sentido.

2. Descobrir que é possível continuar construindo novas relações sociais na velhice. O inevitável afastamento do protagonismo na vida familiar, que foi parte significativa de etapas anteriores da vida, pode trazer como uma consequência indesejada a sensação de fim de linha, que a vida parece não ter mais sentido. Isto leva a muitas discussões sobre temas relevantes, com destaque à solidão e ao isolamento.

Manter ou conquistar a capacidade de estabelecer novos vínculos sociais é um indicativo de maturidade e saúde. Existe uma diferença entre saber ficar só e sentir-se isolado, à margem da sociedade, como foi abordado no terceiro artigo. Dias (2011, p. 19) comenta sobre a perspectiva winnicottiana do tema, ao apontar que uma independência absoluta da pessoa sinalizaria um indivíduo isolado e invulnerável, insensível à realidade ao seu redor, o que é um sinal de adoecimento, envolvendo aspectos depressivos e até de fobia social. Poder participar de um grupo que acolhe a pessoa e a incentiva a se revelar ajuda na saída de um eventual isolamento. É uma descoberta de pertencimento.

Em outro aporte teórico, ilustrando a importância de atividades humanizadoras no contexto da saúde, Cândido (2020) comenta sobre os benefícios em se adotar uma “comunicação centrada nas relações” (CCR), proposta em 1994 pelo Instituto Pew Fetzter e pela Universidade da Califórnia. Ela permite uma valorização da fala do paciente, quando falamos mais especificamente do campo médico. A autora também menciona a contribuição de Rosenzweig, que valoriza as relações como a forma de se alcançar o conhecimento, pois é na relação que a pessoa se faz e por onde podemos compreender seu contexto de vida e também de eventuais sofrimentos. Vivenciar a troca com alguém traz mais sensibilidade e compreensão sobre o outro, abrindo espaço para empatia e compaixão. O que está sendo proposto aqui pode ser visto como uma atividade coletiva que permita a valorização dos depoimentos pessoais, enfatizando a singularidade e subjetividade dos participantes, considerados em uma ótica biopsicossocial.

3. Permitir um ambiente onde exista espaço para a escuta dos participantes, com o desdobramento para a descoberta de que o outro tem uma vivência diferente e que pode contribuir para as reflexões pessoais. Esta é uma descoberta muito valiosa para todos os participantes, que podem se sentir que não são mais escutados, que seus comentários caem dentro do um vazio nas conversas familiares, elementos estes muito presentes nos

estados depressivos, comuns a idosos que se sentem distantes do grupo familiar e de outros grupos, tais como de trabalho, em que fizeram parte do momento de atividade plena na sociedade. O grupo, em momentos como este, exerce uma função de apoio como *testemunha e intérprete* daquelas experiências (BOSI, 2013, p. 54). Como disse um participante muito crítico: “Em mim algo despertou - aceitar o outro, por incrível que pareça. Se ele acha que é assim, e que eu posso ter uma leitura diferente.” (2017, Júlio).

Cabe aqui mencionar a importância de uma reflexão existencial dentro de uma perspectiva heideggeriana em sua compreensão da existência, partindo do reconhecimento da autorreflexão definida como Cuidado, uma abertura coletiva e singular (AIRES, 2004, p. 21). Foi possível constatar que, para muitos, era sempre difícil falar e se expor, mas depois dos encontros presenciais alguns participantes vinham conversar conosco e aí faziam algum comentário. Quando eram convidados a se manifestarem no grupo, diziam que não conseguiam falar em público. Aqui temos como hipótese que eram pessoas que provavelmente não estavam acostumadas a emitir suas opiniões, mesmo no ambiente familiar.

O espaço de escuta pode se transformar em um espaço de acolhimento (espaço potencial) onde as trocas estimulam a busca de saídas para nossos impasses pessoais, o que demanda o uso de nosso potencial criativo. Esta é uma fonte que, uma vez manifestada, pode buscar outras maneiras de se manifestar, como por exemplo poesias ou narrativas originais reveladoras de si mesmo. De qualquer forma, permite o aprendizado e a valorização do que está sendo vivido ou que ainda pode ser. Isto é o que chamamos de criar um espaço potencial, no sentido winnicottiano (WINNICOTT, 1975), aquele que não é totalmente externo (a realidade concreta), nem totalmente interno (mundo psíquico). É algo que funciona como espaço para o entrelaçamento da experiência pessoal com o texto literário. Muitas narrativas trouxeram a importância do grupo e do trabalho desenvolvido na Uapi, e agora pelo LabLei, dizendo “somos uma família”, que o grupo trazia uma atmosfera de acolhimento, de escuta, que permitia abordar temas mais difíceis, como é o caso da depressão e outros tipos de adoecimentos e limitações. Todas essas considerações nos levaram a pensar que a atividade do LabLei cumpre esse papel de espaço protegido de trocas e reflexões que auxiliam na tomada de decisões pessoais.

Cândido e Grosseman (2020) citam Rosenzweig² ao falarem do encontro com o outro na relação, entendendo o falar como uma maneira de reconhecer a singularidade de cada interlocutor, pois “a fala o coloca no mundo, obriga que exista um outro que o escute e esse outro que escuta permite a alteridade àquele que fala” (p. 113) e permite a oportunidade de conhecê-lo. Este é um ponto central em um trabalho de pesquisa qualitativo envolvendo narrativas pessoais dentro de um contexto de grupo. Daí decorre também a importância da análise de conteúdo das transcrições das reuniões dos ciclos de Lablei.

Dentro do espaço potencial surge o uso do objeto transicional (WINNICOTT, 1975), um objeto escolhido para suprir temporariamente uma falta, uma ausência que, em nosso caso, é o livro, esta nossa fonte de inspiração e *insights*. A leitura, aliada à criatividade inata, levou alguns participantes a se arrisarem pelo caminho da poesia para fazer suas narrativas pessoais:

*Refletir, encantar-se, ser encantado, encantar o outro
Encontrar o encanto do outro, viver no ir e voltar.
Ir e mergulhar,
Aprisionar-se e desapegar
Amar e sentir saudades
Cada movimento
Um aprender e ensinar
Onde está a poesia, o transcendente, a revolução, o amor, o silêncio, a
dor, a saudade, a ausência, o reencontrar, transbordar, deixar-se
transformar. Alegria do ser e do viver.
Gratidão
Pois a vida é assim
E mesmo que não entendamos o porquê,
Sem encantar-se não tem como viver
E aí, melhor desaparecer.
(Roberta, 2018, ao final do Pássaro Encantado).*

*Agulha fina com a linha comprida porque não ia ser qualquer costura,
entrando e saindo, perpassando por todos os sonhos, cada um ia
colocando, as vezes rindo, as vezes furando, as vezes gargalhando, mas
sempre presente, sonhos realizados, em stand by ou por vídeo, mas
sempre nos dá impulso para voar (Bruna 2020).*

4. Com isto, chega-se à descoberta de que um texto literário pode revelar um novo olhar para si e para a própria vida. Além disto, o espaço da leitura é múltiplo e funciona como

² ROSENZWEIG, Franz. **El nuevo pensamiento**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2005.

espaço de transformação e simbolização, tema já discutido por grandes nomes, como Calvino (2020) e Cândido (2004), e por pesquisadores sociais, como Petit (2018).

Entrar no mundo ficcional e se apropriar das palavras, trazendo para a própria narrativa. É um jogo que ativa a criatividade e traz descobertas do próprio potencial e permite até um certo encantamento, uma valorização do que está vivendo no aqui e no agora. Dentro desse contexto, a literatura, usada na perspectiva estética do LabLei, funciona como estímulo para que a pessoa se revele ao outro através da mediação de um terceiro ficcional (o personagem). A trama ficcional é o espaço intermediário para este processo mental que leva a um novo olhar para si, para se descobrir.

Em sua narrativa, o participante é o personagem principal e também seu principal ouvinte, permitindo a criação de um espaço favorável a grandes aprendizados e autocompreensões. Este ponto é corroborado por Petit (2013), quando diz que a leitura permite descobrir o próprio mundo interior, tornando-se mais autor do seu destino (p. 40), pois leitores não são páginas em branco e o texto acaba “lendo o leitor” (p. 43-46).

Dentro deste contexto, a literatura funciona como suporte para reativar um processo de simbolização, de pensamento através de narrativas, pessoais e sobre a vida, abordando inclusive os temas mais delicados, sempre “sob a proteção da mediação de um texto; para estimular as trocas, fazer circular muitas coisas em grupo,” (p. 64)

Woolf (2018) fala da existência de “um teto todo seu”, um espaço privilegiado para a construção de um espaço íntimo, que também pode ser descrito como uma espécie de jardim secreto para plantarmos e cuidarmos das sementes de vida trazidas pela experiência pessoal.

Como ilustração, trazemos o depoimento de Júlio (nome fictício) em sua entrevista individual:

Agora, sobre a minha percepção do LabLei, a primeira coisa que eu acho, foi arrancar talvez das pessoas alguma coisa que elas não percebiam, não sem oportunidade, sei lá, de se sensibilizar pelo texto, analisando as diferenças de comportamento. E assim me pareceu o seguinte: existe os indiferentes, absolutamente indiferentes. Eu não vou nem me preocupar com eles, porque você bate e volta; bate boca não adianta. As pessoas que se mostraram indiferentes são talvez as mesmas que nas outras aulas de outras coisas também são indiferentes. Eu diria assim, um grupo que realmente é aquele grupo que vai lá, cumpre a tabela. Quando eu era professor eu dizia assim: "vou dar aula para quem tem interesse. Os outros eu não vou nem olhar". Depois tem um grupo que eu acho que esse é o mais importante que foi despertado. [grifo nosso] Aqueles que

leram, mas como leram não significou esse envolvimento com o texto. Acho que leram como se fosse um relatório que, sabe, não leram. Eu acho que esse grupo era mais importante da intenção que tinha antes, ou seja, despertaram para alguma coisa. Descobriram, talvez, que o texto pode ser uma abertura, pode ser um novo horizonte, uma nova visão [...] Cada um diz uma coisa interpreta discute de certa maneira legal. Acho que esse é um negócio muito legal. Durante as aulas as pessoas se motivaram, discutiram. Acho que uma parte teve o horizonte aberto. Acho que alguns até se descobriram ‘puxa, eu gosto de leitura, mas não lia’. Como professor, acho que é dez, um gol de placa conseguir fazer a pessoa despertar para aquela coisa. No nível das emoções introspectivas, ou seja, aquilo que mexeu com cada um, não dá pra dizer. Pra mim, fui mais uma vez fui desafiado a analisar a minha maneira de viver as coisas. (Julio).

Acho que todos vão aplaudir depois da minha fala. Eu quero agradecer demais o que nos foi acrescentado. Saímos daqui como pessoas modificadas para melhor. (Lucila, 2017).

Quando adentramos nesse espaço pessoal, surge a compreensão e reflexão sobre o texto lido quando ele é trabalhado dentro do grupo, na perspectiva do LabLei, trazendo o entrelaçamento entre experiência coletiva e vivência pessoal.

A literatura é uma ponte possível para iniciar uma reflexão sobre a existência e o próprio lugar no mundo, onde personagens podem funcionar como um gancho para o olhar sobre si e para o outro, como ocorreu nas discussões sobre “O Espelho”, de Machado de Assis (em 2017), o “Pássaro Encantando” e a “Volta do Pássaro encantado” (em 2018), conforme foi explorado no 3º artigo integrado nesta dissertação (Apêndice C).

5. Um outro resultado a que chegamos é o reconhecimento do potencial terapêutico do LabLei para perceber como as discussões em grupo contribuem para a liberação do estresse e a reconstrução do significado do momento atual de vida. Um dos componentes “curativos”, trazido pelo LabLei, é ampliar a capacidade de se mostrar otimista, mesmo diante de situações adversas, que precisam ser enfrentadas para chegar a objetivos pessoais, tema discutido por Logatti (2018, 2021).

Em um dos nossos encontros, uma participante nos disse: “Acho que todos vão aplaudir depois da minha fala. Eu quero agradecer demais o que nos foi acrescentado. Saímos daqui como pessoas modificadas para melhor.” (Lucila, 2017).

Trabalhar com as lembranças do passado, para poder viver o momento presente. Este é um trabalho particularmente importante no envelhecimento, pois são muitas as transições em jogo. Este é, certamente, um benefício proporcionado pela dinâmica do LabLei, reconhecido

em inúmeros e diversos grupos que puderam participar desses eventos, não importando se eram professores, estudantes universitários ou, como no nosso caso, um grupo de pessoas seniores, com uma longa trajetória de vida, cujo principal referencial dentro da Psicologia Social é Bosi (2013).

6. Gagnebin (2018) nos traz uma interessante articulação entre Adorno, Benjamin, Halbwachs e Freud sobre o trabalho com a memória, não só como estratégias de conservação e mecanismos de lembrança, mas também para promover o esclarecimento que liberta do aprisionamento no que foi e abre a oportunidade para viver o presente. A autora fala dos “rastros da memória” (p. 44) que inscrevem “a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”.

Bosi (2013) fala de “empurrar para a margem” (p. 82) lembranças significativas quando a sociedade não valoriza o tempo passado. Neste caso, é preciso resgatar o vínculo com esse outro momento para reavivar o reconhecimento de sua importância e, assim, poder lembrar de que já viveu, compreendeu muita coisa e que enriqueceu sua experiência pessoal.

Ocorrem vários tipos de lembranças: aquelas que queremos esquecer e as que gostamos de lembrar. No entanto, existe também uma necessidade, em muitos casos onde há questões de culpa ou responsabilidade, de revisitar o passado para entendê-lo, compreender o contexto que existia, inserir os outros participantes do “enredo”, chegar a uma compreensão mais clara do acontecido, para, então, poder deixá-lo no passado, saindo da posição de lembranças assombradas. Esta é uma libertação essencial, a chave para se viver o presente na íntegra. É um processo de elaboração do passado, um “lembrar ativo” através de um esforço de compreensão e esclarecimento.

Citando Adorno, a autora resgata a ideia de uma “pedagogia emancipadora”, que atinge mais aqueles que já estão abertos e predispostos a se libertar de amarras do passado e não precisam mais “se identificar” a qualquer custo com o existente. É isto que permite a “travessia” para o presente, citada por Freud em um texto clássico da Psicanálise: “Recortar, Repetir, Elaborar”, escrito em 1914. Enfrentar o passado permite esclarecê-lo e liberar a vivência mais plena do presente.

Acreditamos que muitos assuntos que foram tocados nas discussões em grupo puderam ajudar muitos participantes a ter a coragem de falar de seus passados pessoais e sentir tanto o apoio e a solidariedade de outros participantes quanto a percepção de que muitas dores não

eram exclusivamente suas, o que alivia a sensação de ser o único culpado ou a única vítima. O resultado é poder viver mais leve, como é trazido por muitos dos participantes da Uapi. A discussão em grupo usando um terceiro – o personagem do conto, permite que as defesas psíquicas possam ser momentaneamente baixadas através do entrelaçamento com as narrativas pessoais, em um processo de reavivar a memória através de “palavras vivas e rememorativas”. Algumas narrativas emergiram ao final das discussões dos textos:

Vou te falar que surgiu a ideia, somos muitas irmãs que eu tenho. De que cada um vai escrever a sua passagem, e nós vamos juntar pra fazer um relato, por que as gerações futuras, essa geração nova, saiba o que aconteceu com a gente, porque nós perdemos a memória dos meus tios, dos avós. Não tem nada. Foi tudo isso graças a você... (Milena, falando do que as discussões em grupo inspiraram, 2020).

Uma coisa que me parece muito importante nessa costura de memórias é a ideia que nós temos de que cultura está ligado a escolarização. (Lucila, 2020).

Tem gente que lembra mais do que aconteceu no passado do que aconteceu ontem. (Lídia, 2017).

Este é certamente um benefício proporcionado pela dinâmica do LabLei, reconhecido em inúmeros e diversos grupos que puderam participar desses eventos; não importa se eram professores, estudantes universitários ou, como no nosso caso, um grupo de pessoas seniores, com uma longa trajetória de vida.

Consideramos que os resultados listados acima respondem às duas perguntas norteadoras do projeto, sobre como é possível usar a literatura para o trabalho com idosos com um impacto significativo na sua condição de bem-estar, promovendo um espaço de encontro com o outro e consigo mesmo. A segunda questão está ligada ao uso de técnicas ativas que foram adaptadas à população idosa e que permitiram uma participação mais ativa de todos, e uma sensação estimulante de pertencimento e colaboração, além de despertarem a criatividade de muitos participantes que produziram textos e poesias ligados à temática abordada nos encontros.

O entendimento do que é envelhecer evoluiu e aumentou a preocupação em criar mais políticas públicas para o desenvolvimento de sistemas sociais, a fim de apoiar o crescente número de pessoas acima de sessenta anos. Enfrentamos, hoje, a perspectiva de uma vida possivelmente mais ativa e com qualidade para o idoso nos campos da saúde física e mental, além dos aspectos sociais e culturais, apesar das inquestionáveis perdas trazidas pelo

envelhecimento. Inegavelmente, existem limitações físicas e psicológicas, mas é possível melhorar a sua atitude para enfrentar as vicissitudes da vida. Já existem inúmeros grupos de convivência que ajudam o idoso na aquisição de conhecimentos e de práticas físicas, sociais e culturais a fim de mobilizar uma gama de sentimentos e sensações ainda pulsantes em sua vida. Faz parte do conceito de “envelhecimento ativo”, que contribui para sua qualidade de vida e longevidade.

Ainda existem preconceitos a serem vencidos, ligados à percepção de que é uma população não produtiva e, por isto, não deve ser uma preocupação social. Falta o reconhecimento de que continuam sendo cidadãos, e fica apagada toda a contribuição que essas pessoas já deram à sociedade. Os grupos de convivência ajudam no fortalecimento do papel social e se constituem em espaços para atividades e também para conversar, e interagir com outras pessoas que vivem um momento semelhante. Isto traz um suporte emocional fundamental, que pode estar aliado ao que vem do grupo familiar. No caso das pessoas que vivem sós, a Uapi pode ser um espaço social de convivência e interação, que supre parcialmente os laços familiares frouxos ou inexistentes.

Como fatores limitantes da pesquisa, podemos citar o fato de ter sido restrita a um só grupo e local, a Uapi, na Unifesp, embora houvesse variações de participantes em cada ano. Com o intuito de divulgar esta experiência e poder levar o que foi obtido ao conhecimento de outros núcleos voltados ao atendimento do idoso, pensamos em propor, como produto pedagógico, um vídeo que apresenta o trabalho do Laboratório de Leitura, abordando sua perspectiva metodológica e trazendo o depoimento de seu idealizador e participantes sobre a atividade. Na sequência da apresentação, mas fora do escopo desta dissertação, pensamos em um convite a coordenadores de serviços voltados aos idosos para participarem de um LabLei virtual *pocket*, como uma “degustação”, para entenderem a importância deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi pesquisar os efeitos da experiência do Laboratório de Leitura (LabLei) sobre os idosos que participam da Uapi. Consideramos que a meta foi atingida, pois trouxe uma mudança no olhar e nas atitudes dos idosos em relação à forma como olham e usam a Literatura em suas vidas, além de permitir que eles descobrissem novas formas de se colocarem frente ao momento de vida atual, gerando uma sensação de alegria e bem-estar, permitindo que eles se sintam mais vivos e participantes em seu dia a dia.

As principais percepções foram de que atingimos o propósito de desenvolver uma atitude mais humanizada no cuidado da população idosa, estimulando o seu convívio dinâmico com outras pessoas pertencentes à mesma faixa etária. O espaço de convivência funcionou como um espaço potencial, dentro de uma perspectiva winnicottiana, tendo o livro como o objetivo transicional, que faz a ponte entre o mundo interno dos idosos, de onde emergem seus sentimentos e atitudes para que possam viver uma vida mais ativa e integrada.

Atingimos uma perspectiva de escuta afetiva que abre espaço para o acolhimento dos relatos pessoais e promove um sentimento de pertencimento e de otimismo para enfrentar os desafios da vida. Tudo isto confirma o potencial terapêutico do LabLei, promovendo a liberação de estresse e tristeza para que se tenha um maior bem-estar. Também foram resgatadas as memórias de vida, trazendo um novo olhar e consciência sobre a trajetória pessoal de vida. A atividade de leitura estimulou um melhor entendimento do texto lido, ampliou o vocabulário e a capacidade reflexiva e inspirou muitos para que ousassem produzir relatos pessoais de grande qualidade. Por fim, permitiu que temas mais difíceis ou dolorosos fossem abordados de maneira delicada e trouxesse um fortalecimento da autoestima.

Neste trabalho, descobrimos e compartilhamos experiências de vida reais, entrelaçadas com aquelas fictícias dos personagens literários, que contribuíram para encontrar uma chama de inspiração em textos literários, e nas inúmeras discussões ocorridas nos ciclos de LabLei da Uapi.

REFERÊNCIAS

- ALBINO A. *et al.* Análise em grupo com pacientes psicóticos: a experiência do “grupo vida”. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 8, n.1, p. 137-146, 2020.
- ALVES, R. **Conversas sobre a educação**. Campinas: Verus, 2003.
- ALVES, R. **Tempus Fugit**. São Paulo: Edições Paulinas. 1990.
- ALVES, R. **A menina e o pássaro encantado; A volta do pássaro encantado**. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola. 1999.
- ANGUERA, M. T. **Metodología de la observación en la ciencias humanas**. Madrid: Catedra, 1985. 216 p.
- ASSIS, M. **Contos escolhidos**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. p. 49-58.
- AYRES, J. R. C. M. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n. 3, p. 549-560, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/YtrNXZqLXQywQz8jHgBgLZR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nvGMcCJJmpSSRjsGLhH8fmh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. rev. atual. Lisboa: Edições 70, 2021.
- BITTAR, Y.; GALLIAN, D. M. C. Um certo laboratório de leitura: o caráter pioneiro e seminal de uma pesquisa sobre humanização em saúde a partir da literatura. *In*: ROSSIT, R. A. S.; SEIFFERT, O. M. L. B. (org.). **Avaliação, currículo, docência e formação em saúde: itinerários percorridos**. São Paulo: UNIFESP/CEDESS, 2020, p. 89-104. (Coleção Ensino em Ciências da Saúde, v. 1).
- BITTAR, Y.; SOUSA, M. S. A.; GALLIAN, D. M.C. A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 17, n. 44, p. 171-196, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/94rvGfNxrffzYqQyPxnQQ5G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2020.
- BLIXEN, K. O mergulhador. *In*: BLIXEN, K. **Anedotas do destino**. Tradução: Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 11.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 jan. 2020.

CÂNDIDO, V. C.; GROSSEMAN, S. A comunicação nas relações: uma contribuição das humanidades na formação dos profissionais de saúde. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, Petrolina, v. 10 n. 21, p. 103-119, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/issue/view/50>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CARVALHO, L. L.; GALLIAN, D. M. A dinâmica estético-reflexiva do Laboratório de Humanidades na humanização e na formação de leitores literários entre estudantes e profissionais da saúde. *In*: FISCHER, L. A.; OROFINO, M. **Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. p. 135-178.

CARVALHO, L. L. de. Clássicos da literatura no ensino e na humanização em saúde: a dinâmica do Laboratório de Humanidades (LabHum) nas leituras de Aldous Huxley e Níkos Kazantzákis. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

COELHO, T. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras, 2008. Disponível em: http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001054.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

DELGADO, L. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DETHVILLE, L. **Winnicott un psychanalyste dans notre temps**. Paris: Campagne Première, 2009. (Les Lettres de la Société de Psychanalyse Freudienne, 21).

GALLIAN, D. M. C. O que é o Laboratório de Humanidades: sua história, seu ‘funcionamento’ e sua finalidade. **Blog LabHum Laboratório de Humanidades**. São Paulo, 30 out. 2009. Disponível em: <https://labhum.blogspot.com/2009/10/o-que-e-o-laboratorio-de-humanidades.html>. Acesso em: 14 mar. 2016.

GALLIAN, D. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017.

LIMA, C. C. *et al.* Humanidades e humanização em saúde: a literatura como elemento humanizador para graduandos da área da saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.18, n. 48, p. 139-150, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/vBFPydtfrqWPdbFnrn9kHWP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 abr 2021.

LOGATTI, M. S. M. **A leitura no encontro: a dinâmica do Laboratório de Humanidades (LABHUM) como meio de intervenção em um grupo psicoterapêutico**. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2018.

LOGATTI, M. S. M. *et al.* Humanização em saúde e reforma psiquiátrica: discussão da obra O Alienista entre pessoas com quadro psiquiátrico grave. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 1-22, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/bS56Wr5VBD4ZWKhBtzBc66F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MÃE, V. H. A menina que carregava bocadinhos. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2017.

MARQUES, M. A. P. Saúde e bem-estar social. In: ANDRADE, A.; PINTO, S. C.; OLIVEIRA, R. S. (org.). **Animais de laboratório: criação e experimentação**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 369-373.

MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MITUTI JUNIOR, R.; SASS, S. D.; GALLIAN, D. M. C. Resignificação da deficiência pela literatura: os impactos do Laboratório de Humanidades em mães de pessoas com deficiência. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu**, v. 25, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/QD7DGgWN4StMYXkjTwnnVsh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

MOLIÈRE. **O doente imaginário**. São Paulo: Martin Claret. 2008.

MORAN, J. **Metodologias ativas**. São Paulo: Unisul, 2017. 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O4icT4Z8m6QD>. Acesso em: 15 jan. 2020.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A. e; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da Saúde. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-278, 2007.

REGINATO, V.; GALLIAN, D. M. C.; MARRA, S. A literatura na formação de futuros cientistas: lição de Frankenstein. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p.1-16, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4wmcGSLrcy64nB4cxJWPfR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SAKAMOTO, J. I.; GALLIAN, D. M. C. Laboratório de humanidades: percurso estético literário como dinâmica humanizadora na saúde. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, 153-171, jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/107965>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTOS, A. D. *et al.* Sobre a psicanálise e o envelhecimento: focalizando a produção científica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, p.1-8, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9Vztht9HD4LHdv6RmrTTnPt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de envelhecer ou senilia**. Organização e introdução de Franco Volpi. Tradução: Karina Jannini. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In:* WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

WINNICOTT, D. W. A localização da experiência cultural. *In:* WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 133-144.

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar-só. *In:* WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008. p. 31-37.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The Decade of Healthy Aging 2021-2030. Washington: WHO, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Artigo submetido à Revista Saúde e Transformação**Artigo 1 - A literatura como um canal de reflexão e reconexão: relato de uma experiência de laboratório de leitura literária com idosos**

Maria Teresa Mendonça de Barros*
Dante Marcello Claramonte Gallian **

* Psicanalista, Mestranda no Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil. tecamendoncab@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-1621-7365>

***** Historiador, doutor em História Social pela FFLCH-USP e pós-doutoramento pela EHESS-Paris, Docente Titular na Escola Paulista de Medicina (EPM-Unifesp), São Paulo, SP, Brasil. dante.marcello@unifesp.br / <https://orcid.org/0000-0002-9979-6787>

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar os efeitos humanizadores de uma experiência de leitura prévia e discussão coletiva de um conto literário com um grupo de idosos em uma universidade aberta, voltada para essa faixa etária em São Paulo. Dos encontros dedicados à discussão das impressões que o conto trouxe, surgiram narrativas pessoais interessantes, e a perspectiva de construir um espaço de partilha e de resgate de histórias de vida, já vividas para a descoberta ou redescoberta, do valor pessoal, do direito de se manifestar e a esperança de ser escutado.

Palavras-chave: Envelhecimento, Literatura, Compreensão, Memória, Narrativas

Literature as a reflection and reconnection channel: report of a reading laboratory experience with the elderly**ABSTRACT**

The aim of this article is to show the humanizing effects of an experience of previous reading and collective discussion of a literary tale with a group of elderly people in an open university, focused on this age group in São Paulo. From the meetings dedicated to the discussion of the impressions that the tale brought, interesting personal narratives emerged, and the perspective of creating a space for sharing and retrieving life stories, already lived for discovery or rediscovery, personal value, the right to manifest and the hope of be heard.

Key words: Aging, Literature, Comprehension, Memory, Narrative

INTRODUÇÃO

De cacos, de buracos de hiatos e de vácuos de elipses, psius faz-se, desfaz-se, faz-se uma incorpórea face, resumo de existido. Apura-se o retrato na mesma transparência...
Carlos Drummond de Andrade (2017, p. 19).

Desde a Antiguidade, a narrativa literária funciona como um campo para a criação, inspiração e reflexão. Aqui, abrem-se as cortinas para discutir o humano e a humanização a partir da literatura. Antônio Cândido (2004, p. 185), por exemplo, afirma, em “*O direito à literatura*”, que este é, ou ao menos deveria ser, um direito básico dos seres humanos. Calvino (2020) comenta que as boas obras sempre estão abertas a dizer algo mais a seus leitores e que a literatura é recomendada, inclusive, para pessoas maduras, pois elas saberão apreciar com mais intensidade do que os jovens, por reconhecerem nos personagens e nas obras certos “mecanismos interiores”, que poderiam estar esquecidos.

Este é um dos pressupostos que inspirou o projeto do LabLei, voltado para um grupo de idosos que se encontra semanalmente na Universidade Aberta da Terceira Idade (Uapi), um espaço de convivência e aprendizagem.

Em “*A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*”, Galina (2017) fala do impacto que um trabalho de discussão em grupo de estudantes de medicina, a partir da leitura de textos literários, causa em todos aqueles que passaram pela experiência, e como esse resultado inspirou a continuidade do projeto e a criação de uma metodologia própria. É uma atividade com grande poder mobilizador e transformador.

Rafael Ruiz, outro idealizador do LabLei, também discute o que foi privilegiado na sociedade humana atual e alerta sobre o reducionismo do humano a suas partes, como faz o método cartesiano. É como exigir que “separemos algo que, de fato e existencialmente, não está separado” (RUIZ, 2015, p. 17). São fatores que não ajudam na humanização das relações sociais e trazem o risco de provocar certa desvalorização de toda uma linha de saberes humanistas. Ele lembra que os sentimentos não são “fatos exteriores”, não são “algo que nos ocorre, e sim o que de mais íntimo e mais profundo temos” (RUIZ, 2015, p. 18).

Michèle Petit (2018), ao falar do uso de experiências com leituras literárias em diversos países em crise, comenta que revisitamos, de uma maneira bastante particular, o pouco que resta em nossas lembranças daquilo que lemos, para tentar nos proteger quando a realidade material é insuportável. Este é um ponto muito significativo para os idosos, que muitas vezes passam por um processo de estranhamento deste novo lugar social, ao qual estão agora relegados.

Um documento da OMS aborda a possibilidade de um envelhecimento saudável, referindo-se a um aprendizado feito ao longo de toda uma vida, ajudando a pessoa idosa a fazer o que valoriza e a manter a autonomia possível na tomada de decisões sobre sua vida, de acordo com as suas capacidades. A sociedade contemporânea é atravessada por uma atitude negativa com os idosos, como se eles não fossem nada além de um peso para as famílias e para a sociedade, esquecendo as décadas de contribuição. É essencial, também, olhar para a questão da violência de gênero, que se evidenciou ainda mais durante a pandemia de COVID-19, com o fechamento de muitos espaços de convivência, onde seus gritos de socorro poderiam ser ouvidos.

Assim, é preciso refletir maneiras de promover esta inclusão social e o desenvolvimento das capacidades pessoais, para ser possível uma melhor adaptação aos tempos atuais e a esse novo lugar social, um dos propósitos deste artigo. No texto da OMS, recomenda-se o aprimoramento de acesso à formação continuada. Nesse documento, um dos pontos em destaque é o trabalho de escuta das narrativas do idoso, permitindo um envelhecimento com significado e estimulando o compartilhamento das experiências. Este é um ponto que será abordado aqui, através da experiência do Laboratório de Leitura como espaço de interlocução.

A escolha do grupo dos idosos ocorreu em um momento onde constata-se que a população brasileira está envelhecendo, acompanhando um processo global que decorre, dentre outras coisas, das melhores condições de saúde e desenvolvimento social. Atualmente, há mais pessoas idosas do que crianças abaixo de cinco anos, um fenômeno mundial, e este número cresce mais em países menos desenvolvidos, onde a qualidade de vida para os idosos é menor.

Por trás de números aparentemente otimistas, escondem-se desigualdades gritantes, dependendo de fatores como o país que esse idoso habita, condição social e questões ligadas a gênero e cor. Essas disparidades são ainda mais evidentes nos países pobres e emergentes.

Diante deste fato, a OMC preparou um documento onde explicita um plano estratégico para a chamada “Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030”, em busca de colaboração multisetorial, reunindo governos, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, a academia, a mídia e o setor privado, com o objetivo de melhorar a vida das pessoas idosas, de suas famílias e de suas comunidades. Ele foi construído com base no “Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento”, das Nações Unidas de Madri, e alinhado com o cronograma da “Agenda 2030”, das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável. O número crescente de idosos afeta todos os aspectos da sociedade (trabalho, participação

financeira, demanda de bens e serviços), levando à reflexão sobre o lugar que ocupam e como é possível colaborar para um envelhecimento saudável.

Este foi o estímulo inicial para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, que procura lançar um olhar mais profundo sobre os idosos, em relação à busca de condição de vida mais humanizada e saudável. Isto implica, naturalmente, em olhar para seus principais eixos de ser no mundo e manifestar-se através de atos e palavras.

No entanto, na sociedade contemporânea, reduziu-se a possibilidade de narrativa dos idosos, com destaque para as idosas, pois o lugar ocupado por eles mudou, ficaram mais isolados, sem muita participação no grupo familiar, sendo pouco escutados e valorizados. A sensação pode ser de estar à margem da sociedade, principalmente em grandes centros urbanos, que dificultam o contato. No horizonte, surge a sombra da solidão, e sua ‘companheira’ depressão. Este pode ser um eixo instigante de discussão, que leva a uma pergunta: “Como conseguimos criar (ou recriar) espaços para o resgate das narrativas de quem já percorreu uma longa jornada e tem muito para contar?”

Em uma conjuntura repleta de desafios como a atual, agravada pela pandemia de COVID-19, a atividade proposta pelo LabLei permite a construção de um novo espaço de grupo, que concilia uma experiência estética com uma atividade humanizadora. Paulo Freire (2011) também ressalta a importância da leitura, que faz parte da “leitura do mundo”, até para trazer de volta a memória de tempos vividos.

Na elaboração deste artigo, será apresentado o relato de uma experiência de discussão coletiva no grupo de idosos participantes na Universidade Aberta, a partir da leitura prévia de um conto literário. O objetivo é permitir que os participantes da Universidade Aberta da Pessoa Idosa possam expressar-se, através de suas narrativas, e compartilhar suas memórias e experiências com outras pessoas da mesma faixa etária, a partir de uma discussão em grupo, antecedida da leitura prévia de um conto literário.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Apoiados em experiências anteriores no Centro de Estudos de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da Unifesp, a literatura foi adotada como recurso para a promoção da humanização na área da saúde, a partir de uma discussão de grupo. Isto permite que a literatura seja usada para incentivar a narrativa dos participantes em uma articulação entre o texto ficcional e a realidade pessoal, promovendo a reflexão sobre a vida como um todo ou sobre o momento que estão vivendo. Em uma conjuntura repleta de desafios como a atual,

agravada pela pandemia de COVID-19, a atividade proposta permite a construção de um novo espaço coletivo, que concilia uma experiência estética com uma atividade humanizadora.

O método abordado foi desenvolvido no CeHFi e vem sendo utilizado com diferentes grupos, dentro e fora da universidade, desde 2003. É uma atividade desenvolvida em três passos: um primeiro momento, em que se fala sobre a experiência da leitura solitária; um segundo momento, onde discute-se o texto em si e as relações com as experiências pessoais; e a finalização, com o relato sobre o impacto da experiência em grupo.

O Laboratório de Leitura para idosos teve início em 2017, em módulos semanais, com duração de 90 minutos para cada módulo feito. O relato objeto deste artigo foi a primeira experiência com o grupo dos idosos, composto por 65 pessoas entre 60 e 85 anos, um número de pessoas bem maior do que o de costume, onde participam grupos realizados na Universidade Paulista para a comunidade acadêmica, que costuma ter entre 20 a 30 participantes e nunca tinha se submetido à experiência de discutir coletivamente uma obra literária. Outro ponto a destacar é que se trata de um grupo mais diversificado de pessoas, com níveis diferentes de escolaridade e hábitos de leitura. Estas diferenças ampliaram o sentido de desafio deste trabalho.

Neste caso específico, optamos pelo trabalho com contos literários, pois estamos lidando com um público com hábitos de leitura muito variados, que poderia ter dificuldade de iniciar com um livro mais longo. O conto é sempre mais curto e rápido de ser lido, embora possa ser muito profundo em sua discussão.

A escolha do conto “O Mergulhador”, de Karen Blixen (2009, p. 11), teve um duplo propósito: trazer um cenário distante e desconhecido, o texto literário. Trata-se de um conto em dois tempos na vida de um homem, sendo o primeiro a sua juventude dedicada à pesquisa religiosa, em um contexto que mescla o fanatismo, a ingenuidade, a manipulação dos poderosos e uma profunda decepção com tudo isto, ao conhecer e perder um grande amor. No segundo tempo, quem encontramos é o homem maduro, sereno e que soube encontrar o seu lugar, mas sem perder o contato com o imaginário, com o fantástico.

Ao escrever, a autora resgata o estilo de um conto árabe, situado em um tempo e espaço indefinidos, e abre um espaço para a reflexão sobre as crenças, em uma linguagem poética e inspiradora. Esse distanciamento do que acontece no dia a dia dos participantes permite que o campo do imaginário seja enfatizado, permitindo associações simbólicas, que estabeleçam conexões com temas significativos para as vidas pessoais destes idosos.

Isto não significa, necessariamente, procurar textos que falem de uma realidade semelhante àquela vivida pela pessoa, pois uma proximidade excessiva pode ser inquietante, ou até mesmo ameaçadora. Uma outra história, vivida em espaço e tempo diferentes, pode estimular o exercício metafórico, servindo de inspiração para arriscar uma nova visão de mundo e novas atitudes.

Como já foi dito, a experiência foi dividida em três partes, distribuídas ao longo de um mês. Começamos com *Histórias de leitura*, momento em que todos contam se leram e como foi a leitura individual solitária. A segunda etapa recebeu o nome de *Itinerário de discussão*, quando ocorreu a troca de ideias em grupo, privilegiando a manifestação espontânea dos participantes. Essa é uma etapa muito reveladora, e é possível perceber a diversidade de pontos de vista e sentimentos despertados em outras pessoas do grupo. Por fim, no último encontro, fizemos as *Histórias de convivência*, onde todos falaram sobre a experiência da discussão coletiva e foram convidados a escrever um pequeno depoimento.

Para a análise atual, foram utilizadas as narrativas surgidas nesses três momentos da intervenção. Para a análise, é necessário utilizar a observação participante e a análise de conteúdo, segundo Bardin (2021). É uma técnica para ler e interpretar documentos, no presente caso, as narrativas das discussões de grupo, partindo dos pressupostos para a captação do sentido simbólico dos textos, as associações com as vidas pessoais e o contexto de vida dos participantes. Ela traz uma interpretação pessoal do pesquisador e visa abranger múltiplos significados das mensagens emitidas.

Sobre a observação participante, é um tipo de pesquisa etnográfica que, segundo Maria Teresa Anguera (1985), é uma técnica de investigação social, em que o observador partilha atividades, ocasiões, interesses e afetos de um grupo de pessoas. Em nosso caso, foi uma “observação moderada”, caracterizada pelo oscilar entre participar e observar (SPRADLEY, 1980). A observação participante é utilizada para elaborar descrições “qualitativas”, de tipo “narrativo”, após cada sessão de observação, e é adequada para estudos exploratórios, onde o foco é descobrir “realidades e significados, que as pessoas utilizam para nortear ou atribuir sentido às suas vidas” (MÓNICO *et al.*, 2017), aproximando-se do cotidiano dos indivíduos e suas representações sociais. É uma abordagem utilizada quando o investigador está interessado na dinâmica de um grupo em seu meio natural, e não simplesmente em recolher respostas individuais às questões.

O papel do observador vai além do acompanhamento das atividades e, para isto, recorre a diferentes técnicas de entrevista. O objetivo é captar o que ocorre com os participantes no

processo de interação social, de forma não intrusiva, em experiências subjetivas e seus significados. O desafio é equilibrar a necessidade de se adequar às características do grupo com a necessidade de manter o necessário espírito crítico e a isenção científica.

Dentro deste contexto, destaca-se a importância da “nota de campo”, que é a documentação escrita produzida pelo observador, e pode trazer detalhes de eventos comuns, difíceis de serem captados em instrumentos mais formais. A sequência de discussões em grupo, a partir da leitura solitária de um conto, vai criando uma atmosfera de cumplicidade, revelando aspectos mais pessoais e informais dos participantes.

Um outro ponto de destaque é o papel dos mediadores no Laboratório de Leitura, aqui chamados de coordenadores. Para a formação destes, foi organizado um Laboratório de Coordenadores, com duração de dois semestres, para apresentar o embasamento teórico da metodologia desenvolvida e dar a oportunidade prática para todos os participantes.

Michèle Petit (2018) destaca o papel dos mediadores nas atividades de leitura literária em diferentes partes do mundo, observando como cada um pode ter uma reflexão singular e aplicar sua criatividade própria, o que faz da leitura uma arte profundamente viva. Comenta a autora:

Quer trabalhem em contextos extremos ou em locais bem mais protegidos, todos esses mediadores suscitam sociabilidades com suas intervenções e facilitam a apropriação da cultura escrita ou a familiarização com a cultura ‘erudita’, por vezes (como no caso dos jovens cantores líricos) até mesmo nos meios inicialmente afastados dela (PETIT, 2019, p. 106).

O presente artigo é um convite para conciliar estes dois caminhos – ciência e arte – aqui representados pela literatura, pois, de alguma forma, se complementam, trazendo à tona a sensibilidade e a postura humanista frente a uma realidade cada vez mais acelerada, e que deixa pouco espaço para a contemplação estética. A seguir, trazemos a descrição do trabalho feito nesta primeira experiência com idosos.

RESULTADOS

A experiência do Laboratório de Leitura permite momentos reflexivos para os participantes, resgatando memórias e associações com a vida pessoal. Isto é particularmente relevante no caso dos idosos, pois eles têm uma longa trajetória de vida, carregada de lembranças boas e traumáticas. A rememoração mexe com as emoções, mas, também, permite melhor elaboração do acontecido.

A partir de uma atividade estética com o uso de textos literários, foi possível sair do cotidiano, descobrir novos horizontes e novas esperanças. A troca com os demais colegas abriu novas perspectivas de entendimento das experiências vividas, colaborando para um novo olhar para o lugar e momento que ocupam, o que é particularmente relevante em um grupo com a grande maioria de mulheres (cerca de 57 para apenas 8 homens), muitas sem grandes oportunidades de se manifestar em público durante muitos anos.

Além disto, foi possível observar muitos momentos de solidariedade entre eles, tudo isto em meio à discussão sobre o conto: o que despertou, o que surpreendeu na própria experiência de leitura, a discussão coletiva e as contribuições de outros participantes.

Muitos participantes acharam o conto “O Mergulhador” difícil, mas, superada a barreira inicial, inclusive do hábito de leitura, a discussão fluiu e foram muitas manifestações neste primeiro mergulho do grupo em uma experiência estética de leitura compartilhada. Para trazer falas dos participantes, serão adotados nomes fictícios para preservar a identidade de todos. Maria disse que foi um mergulho que trouxe a “vontade de contar o texto para outros”, o que indica que a experiência do Laboratório de Leitura tocou e abriu uma oportunidade de diálogo com outros membros da família. Quanto ao tempo de leitura é “um tempo de liberdade que faz voar e crescer” e que encanta (Juraci). Ela trouxe uma bela descrição do que leu: “É a história de um contador de histórias, aquele que leva as histórias aos outros”.

Muito se falou do protagonista já nesta primeira discussão, de sua fé cega e ingênua e sua decepção com as pessoas, o que gerou uma depressão. O tema mobilizou a discussão coletiva sobre como a pessoa depressiva não consegue sonhar. Para muitos, o estado depressivo é um velho conhecido em suas vidas. Por ser uma observação participante, foi possível notar traços depressivos em muitos rostos ali presentes.

Também chamou a atenção de muitos a maneira como o protagonista buscava uma saída pelo conhecimento: “Criar asas para o topo da vida”. Josefa falou de uma experiência de sonhar, voar e o medo de olhar para baixo e ver a miséria. Este tipo de associação com a vida pessoal é um dos pontos mais significativos do LabLei, pois traz uma oportunidade de ampliar a sensação de que a vida ainda tem perspectivas para se pensar e sonhar, mesmo para pessoas mais velhas, como os presentes. Percebia-se olhos brilhantes e interesse, mesmo para quem tinha uma participação silenciosa.

Sonho e felicidade também foram abordados e voltarão em outros encontros: “Felicidade é feita de momentos, que coisas simples podem ser uma felicidade, e que a felicidade supera o sonho por ser algo que se constrói”; “Felicidade e sonho são próximos, mas

não iguais”; “Tem também o risco do sonho, quando este sonho depende de outros e, aí, a gente não tem certeza de poder conseguir”. Nízia lembrou que, com a idade, os sonhos ficam menores, até pequenos, mas se aproximam dos sonhos possíveis, variáveis para cada geração.

Inegavelmente, o princípio da realidade domina a cena, e existe um certo conformismo em relação às possibilidades ainda existentes. Um dos participantes chegou a dizer: “Falou-se, também, de ser feliz em cada momento”. Outros se identificaram com a característica sonhadora do protagonista. Quanto ao ato de sonhar: “Não dá para ficar só no sonho, sem realização”. Silvia ponderou que “sonhar faz ter um caminho, faz ter projetos, mas também pode ser fuga da realidade”.

No segundo dia do LabLei, no *Itinerário de discussão*, o entusiasmo com o conto já contaminava o grupo, o que foi sintetizado na fala de Marina: “Já entendi na 1ª primeira parte porque chamava ‘O Mergulhador’, porque ele é uma pessoa que mergulha no que acredita”. Voltando ao tema da felicidade e à sua comparação com os sonhos: “A felicidade é feita de momentos e de coisas simples, algo que supera o sonho, uma vez que este último pode ser ‘fora de propósito’, enquanto que a felicidade é algo que pode ser conseguido e ainda servir de inspiração”. Muitos idosos acenaram, concordando.

Da felicidade, a discussão passou para as aspirações que vão se simplificando, e levam ao desejo de “uma vida simples, uma vida tranquila, uma vida junto da natureza”. Daí, surgiu a reflexão sobre sonhos culturais, projetos, finalizando com o comentário de Rosária: “Sonhar é a partir da alma”.

Veio, também, a questão dos medos e das frustrações: “Medos são irracionais e diferem de precaução”, observou José; “Frustrações acabam tendo um lado bom, que é ajudar a sair da ingenuidade”, comentou Zilda. Este foi o mote para falar sobre a dificuldade de enfrentar a realidade, embora surja a argumentação de que deixar de sonhar faz adoecer, e que cada época tem um sonho. Para sonhar, comentaram que é preciso fé, mas a inocência do protagonista do conto incomodou muito.

Na discussão da segunda parte do conto, quando o protagonista já aparece maduro e atuando como mergulhador, vieram as reflexões sobre o papel da esperança, a partir do comentário de um personagem mágico, um peixe que fala. Como representante de uma outra espécie, ele diz que, para um peixe, não é preciso esperança para nadar. Surge, então, a dúvida entre os participantes se o homem consegue viver sem esperança. Maria sintetiza seu sentimento: “Não quero mudar de reino, prefiro viver no reino dos seres humanos”, e completa: “Cada um tem a sua natureza”.

Chegamos ao tema das pérolas, com muitas reflexões: a concha passa por um sofrimento, pode até ter uma infecção, mas, depois disso, se transforma em uma pérola bonita – a pérola é fruto de uma invasão. Aquilo que é uma invasão, uma dor, pode se transformar em uma pérola; acompanhar o seu sofrimento também traz sabedoria e permite muitas ligações com as vivências pessoais.

O que é muito rico em uma discussão em grupo é que um assunto leva a outro. No caso do tema “sabedoria”, o debate levou à reflexão sobre a diferença entre idades e o que pode ser conquistado na velhice: paciência, tolerância, sabedoria: “Quando você casa, tem o sonho de ter filhos, quer criá-los bem, que eles sejam bem-sucedidos. Agora, nesta fase, a gente tem uma liberdade, a gente conquistou uma liberdade. Por isso que agora posso dizer que vou fazer o que eu quero”, reafirmou Maria, com muita convicção.

Por fim, ao abordar as mudanças em geral, falou de sua função didática: “Se não errar, não vai ter mudanças”. Foram muitos depoimentos de perdas e reviravoltas, mas todos falam em recomeçar de alguma forma: “Poder mudar, depois de dois anos que perdeu a mãe, é legal”, desabafou Cristina; Suzana confirmou, olhando para a amiga: “Ela escolheu viver, continuar vivendo. Se reinventou”. Por fim, veio a pérola dos encontros, dita pela participante mais velha, de 87 anos: “Nós somos orgulhadores na vida, em busca das nossas pérolas”. Este foi o ponto alto das reflexões. A alma de poeta dessa senhora desabrochou.

As narrativas do último encontro, durante as *Histórias de convivência*, enriqueceram o conjunto de temas que mobilizaram os idosos: “Foi maravilhoso. O importante, o belo que aconteceu. Nós idosos... aprendi a respeitar muito mais o ponto de vista de cada um, acrescentou [grifo nosso] muito mais, tanta vivência, tanta luz. Eu achei este texto ótimo.”

Este último comentário confirma a percepção de João Bosco Carneiro que, no livro “*O sujeito no tempo da velhice*”, destaca “a importância de pensar a noção de velhice a partir daquilo que se inscreve na experiência de cada pessoa com a passagem dos anos” (2017, p. 63).

São depoimentos que trazem uma síntese de resultados possíveis em um Laboratório de Leitura. A experiência despertou a sensibilidade dos participantes, que descobriram o próprio potencial para pensar sobre a vida. Citando, mais uma vez, “*A literatura como remédio*”, sobre os “efeitos” do LabLei:

[...] justamente por haver sentido em mim mesmo e nos colaboradores mais próximos os surpreendentes efeitos desta atividade de leitura e de encontros para conversar sobre os clássicos da literatura universal, que percebi o seu poder e transformador (em uma palavra, humanizador) e que, a partir de então, passei a encará-la como uma proposta de formação e humanização para vários âmbitos e setores da sociedade” (GALLIAN, 2017, p. 143).

Nesta experiência de discussão coletiva de um conto literário, ficou muito claro que o desafio da leitura é grande, para quem não tem o hábito de ler e demonstra uma inibição na hora de opinar ou relatar experiências pessoais. Ao longo dos encontros, foi sendo construída uma participação mais ativa e espontânea, o que corrobora a citação de Proust, resgatada por Michèle Petit (2019, p. 66), sobre o papel da leitura como “a iniciadora cujas chaves mágicas nos abrem, no fundo de nós mesmos, as portas das casas em que não teríamos sabido penetrar”. O espanto da descoberta está refletido no comentário de Maria:

Eu acho interessante como que a intuição de vocês fez com que a gente pudesse extrair muita coisa do texto. Nós não teríamos chegado a nada disto. Eu falo por mim. Eu estava pronta para não abrir a minha boca e, por fim, fui uma das que mais falou. A maneira da gente perder a timidez foi a maneira mais rica que achei que vocês fizeram com a gente”. “Numa leitura, primeiro você não pesca nada e, depois, pode ver tudo num pequeno texto”. Este pode ser o nosso mote: “Na primeira leitura você não pesca nada, tem que ler de novo” (Maria).

Em suas comparações, a participante conseguiu associar partes do texto – o peixe, pescar – a comentários sobre a dificuldade de falar, certa timidez e falta de autorização para se manifestar em público. Isto permitiu uma ligação com a própria singularidade, a inscrição de cada história no destino pessoal. A fala traz a possibilidade de um registro mais autêntico sobre este momento de vida e a apreciação da própria singularidade (CARNEIRO, 2017, p. 94). Falar sobre perdas também gerou muitos depoimentos emocionantes, despertando um sentimento de solidariedade:

Meus primeiros sonhos vieram com o meu avô. Ele partiu para a cidade dos pés juntos muito cedo. Não tenho sonhos. Ficou um grande vazio. Custou muito para me restabelecer, uma ação que se esvai. Existem muitas... (Lucia)
Mas ela buscou aquilo que fez a ponte com a vida. Fazer a ponte com o que mais tocou cada um de nós. (Ana)

Outros temas relevantes foram gradativamente se revelando, como a questão da decepção e da frustração que fortalecem e tiram da ingenuidade, a oportunidade de dar voz ao que quer ou ao que sente:

Existem algumas coisas que a gente tem o direito de dizer: ‘Quero ou não quero’, principalmente quando a gente está na terceira idade. Agora, de fato, é um grupo heterogêneo e a gente sente uma mobilização. (Beatriz)
Traz que a gente pensa que está sozinha no mundo, as coisas só vêm pra gente e tal e não é isto. Todo mundo tem as suas coisas. (Patrícia)

Por fim, destacam-se os depoimentos que revelaram o impacto do Laboratório de Leitura. Alguns foram mais sintéticos, mas não menos impactantes: “Acho que é basicamente

isto, a gente vive por encantos.” Outros foram um pouco mais extensos e muito reveladores sobre os impactos da experiência do LabLei:

Foi um momento muito gostoso. E a questão das trocas de ideias, da dinâmica, isso aí foi muito enriquecedor. Como eu já tinha dito antes, eu sou homem e a gente tem uma visão bem profunda, bem estanque, e o grupo deu outras visões, que incorporou e enriqueceu muito a leitura. (Edson)

As coisas têm que ser simples, não dá pra ficar falando ‘vamos colocar música, vamos’... Eu acho que aí perde a simplicidade. O principal são as pessoas participando e isso aí houve uma boa participação, uma boa dinâmica. Eu entendo que todo trabalho, pra ser bem feito, tem que ter participação. Aí, depois tem a sensibilização de cada um, maior ou menor profundidade, mas eu acho que nesse nível está excelente. (Roberto)

Como é bom isto de ter alguém que ajuda a olhar o texto, a degustar. Aí, quando aconteceu nestes encontros, eu disse: ‘Nossa, o universo conspirando a meu favor’... A sala de aula dá esta possibilidade de levar a minha elaboração, a minha reflexão, as questões, criar questões para o aluno e, aí, discutir com ele. [...] “Eu estava falando sobre texto, especialmente na questão que você cotidianamente vai mergulhar, quer seja na questão humana, na questão de espiritualidade. Falo de espiritualidade, não de religião, que são coisas diferentes. Então, esta experiência, ela andou comigo, este texto andou comigo. (Mirna)

Um outro coordenador do CeHFi, que participou desse Laboratório, fez um paralelo da atividade com os idosos e aquelas realizadas com os grupos habituais de alunos universitários, pontuando que foram diversas formas de participação: atenção silenciosa, conversa só com colegas, manifestação explícita. De qualquer forma, ele percebeu que o texto literário mexeu com os participantes, que mergulharam na discussão e trouxeram uma revelação sobre pessoas maduras, com seus sonhos e trajetórias. “Eu espero ser um idoso como vocês, ter o pique de sair de casa e ir para um curso e participar, fazer amizade”.

Depois da discussão, foi solicitado que trouxessem palavras que expressassem o que sentiram durante a experiência, e que foram revelando agrupamentos diversos de significados (Quadro 1).

Quadro 1. Agrupamentos dos significados: campos dos afetos, da existência e das atitudes

<u>Campo dos afetos</u>	<u>Campo da existência</u>	<u>Campo das atitudes</u>
Fé	Vida	Coragem, lutador
Amor	Solidão	Mergulhar juntos
Emoção	Sonhar novamente	Companheirismo
Esperança	Procuras	Vontade de viver
Ansiedade	Pensar	Aceitação
Bondade	Resistência	Esperança
	Interação	Liberdade
	Revelação	Insistência
	Reflexão	Respeito
		Gratidão
		Poder
		Ajuda

É interessante notar como prevalecem as expectativas positivas, um indicativo de como ainda buscam formas para se sentirem vivos e atuantes. As discussões parecem ter contribuído para isto. Além disso, a leitura constitui um espaço que remete à liberdade, onde a fantasia flui e abre um leque de novas possibilidades, tirando-nos das amarras sufocantes de uma realidade sem perspectivas de mudanças. Sonhar é preciso, para poder criar alternativas para o existir.

Ao trabalharmos com narrativas, elas “acrescentam à cidade visível as ‘cidades invisíveis’ e as afetam ‘com uma profundidade desconhecida’, onde habitam histórias imaginárias ou lembranças do passado” (comentário de Michel de Certeau, resgatado por Michèle Petit (2019, p. 110)). Continuando com o autor: “As narrativas são as chaves da cidade: dão acesso àquilo que ela é, mítica”, um lugar com “opaca ambivalência de suas estranhezas, que torna a cidade habitável”. Petit afirma que existem passagens entre o real e o imaginário, cujas chaves de acesso são guardadas em lugares, objetos ou com guardiões, e compara com a atividade de mediadores e leitores, que também parecem engajados em uma busca semelhante, procurando pontos de passagem para uma outra dimensão, que altera o olhar sobre o real.

As mulheres têm um papel de destaque no trabalho da manutenção da memória e construção das narrativas. Jette Bonaventure (2000, p. 181), em “*A mulher e os costumes de seu povo*”, comenta que a mulher “faz perdurar a história” de uma família ou de um povo e se encarrega da transmissão dos conhecimentos vividos em sua própria história, incluindo as tarefas de cuidar, nutrir, tecer e acalantar. Tradicionalmente, a preservação da memória concentrou-se sobre os ombros das mulheres mais velhas, em função de sua experiência de vida mais longa e significativa. Memórias foram reativadas no grupo de participantes majoritariamente feminino.

Narrar a experiência pessoal pode ter um caráter curativo para quem se desacostumou a ser olhado e escutado, em um momento que muda a sua participação social, quando a pessoa deixa o centro da cena para adentrar os bastidores da ação social. Na psicanálise, inúmeros autores discutem o papel da literatura, dentro da categoria ‘obra de arte’, no processo de amadurecimento e transformação emocional. Luís Cláudio Figueiredo diz:

Como exemplo de instrumento para a transformação temos as manifestações artísticas – uma obra, um filme, um bom romance, poesias são extremamente capazes de conter nossas angústias, nossos desejos e ambições, nossas curiosidades e nossos medos – muitas vezes, operando como fantasias inconscientes projetadas para dentro do outro ou do objeto, um processo que Melanie Klein denominou de ‘identificação projetiva’ (1946) – de forma a transformá-los em conteúdos reconhecíveis, interpretáveis e toleráveis. Por exemplo, as histórias infantis ajudam a criança a nomear, entender, aceitar e tolerar muitos elementos de sua vida corporal e mental primitiva. Esta é a base para a sua transformação e crescimento emocional (FIGUEIREDO, 2012, p. 136,137).

Por fim, ao analisar o desenvolvimento do projeto, foi possível fazer uma ligação com o conceito de *espaço potencial*, do psicanalista inglês Donald W. Winnicott. Este é um espaço que ocorre entre o objeto subjetivo e o objeto percebido objetivamente (WINNICOTT, 1975), que pode ser definido como uma área intermediária de experiência, pertencente tanto à realidade interna (onde as impressões pessoais e sentimentos são elaborados) quanto à externa, compartilhada (como é o caso da convivência em sociedade). O espaço de discussão em grupo é um espaço de troca, que tem uma dimensão deste interjogo, permitindo rever questões e propor saídas, antes de efetivamente levá-las à prática na realidade externa. Além disso, é possível descobrir ou redescobrir o próprio potencial criativo, pois, desta forma, é capaz de encontrar e fortalecer o seu Eu, e “descobrir o mundo”.

Continuando nesta linha de pensamento, o livro pode ser visto como um *objeto transicional*, que funciona como representante da presença de um outro, algo que traz segurança emocional na vivência de um ambiente seguro para novas experiências. Ademais, permite a associação com fragmentos da realidade externa pessoal e funciona como um símbolo da união entre o eu e o mundo. É um instrumento para um ser criativo, onde o indivíduo descobre o seu Eu.

Assim, a literatura e o livro constituem caminhos em busca de si mesmo. Michèle Petit (1918) critica a diminuição no papel das artes e humanidades, em um tempo que valoriza a busca de resultados e o poder do dinheiro, destacando que continuam sendo atividades que não podem ser simplesmente descartadas, pois contribuem significativamente para o desenvolvimento das capacidades emocionais, imaginativas e narrativas do ser humano. O que está em jogo é forjar atenção, uma arte de viver no cotidiano, para escapar da obsessão da avaliação quantitativa e permitir as partilhas poéticas, a curiosidade, o pensamento, a exploração de si e daquilo que nos rodeia.

Esta é uma experiência que deveria existir ao longo de toda a nossa existência. Quando isto não acontece, o não criativo pode ser o caminho para o adoecimento psíquico, o que é necessário prevenir ou combater. A proposta do Laboratório de Leitura é justamente nesta direção, de criar um espaço de troca e de pertencimento, para evitar o isolamento da pessoa idosa da sociedade e da própria estrutura familiar.

A limitação do estudo está no escopo mais restrito, ao se concentrar em uma única experiência, a primeira dentro do LabLei para idosos (a que se seguiram mais cinco experiências), mas esta foi a mais significativa por ter sido a apresentação de um método de se

trabalhar com a Literatura. Uma síntese de todas as experiências ainda está em curso e será objeto de um outro artigo.

Outro ponto limitante é que a experiência ocorreu em um único local – na Uapi da Unifesp –, e o objetivo mais ambicioso é encontrar uma maneira de divulgação que permita replicar a experiência do LabLei em outros grupos por todo o Brasil, mas isso exige busca de apoio para a sua realização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos abordar a necessidade de um novo olhar para o envelhecimento, na busca de novas formas para a reintegração dos idosos na sociedade. A proposta é utilizar a literatura como veículo para entender ou relembrar “quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2020). Foram grandes as mudanças familiares nas últimas décadas, e isto trouxe uma diminuição da atenção e dos cuidados aos mais velhos, aos doentes e a todos aqueles que precisam de algum tipo de assistência. O que antes fazia parte do universo familiar foi deslocado, no melhor dos casos, para o atendimento profissional, o que acabou gerando uma condição de isolamento, que traz o risco do adoecimento físico e psíquico. Além disso, temos o fato de que as pessoas estão vivendo cada vez mais e é preciso encontrar novos espaços de convivência, onde os idosos possam resgatar um sentimento de pertencimento, encontrar um grupo com função de apoio emocional, trazendo a oportunidade de sentirem-se úteis novamente.

A experiência descrita trouxe muito material para análise e reflexão sobre a importância da narrativa, principalmente da literatura, como instrumento para este trabalho de valorização da pessoa idosa, de suas vivências, memórias e aprendizados. O espaço da leitura, seguida de discussão, permitiu um aprendizado para todos.

Tudo parece ter um significado, não é vazio de sentido, são *trabalhos da memória*, principalmente quando se trata de relatar situações difíceis de serem contadas e que, na distância do tempo, podem parecer absurdas aos próprios protagonistas, como cita Ecléa Bosi (2013, p. 64): “O eclipse da palavra advém da destruição do espaço biográfico das vítimas, da própria pessoa, da sua memória, em seu duplo papel de restauração do ocorrido e gerador do futuro”. Isto é muito importante para o processo individual da elaboração da realidade, sem confundir a elaboração da subjetividade com individualismo, nem tampouco sociabilidade com gregarismo.

Quanto à leitura solitária e discussão em grupo, existe uma crença de que a leitura nos separa do mundo, mas isto não é verdade, pois ela permite um mergulho em nosso mundo

interno, onde podemos encontrar uma “identidade plural”, além dos laços de pertencimento, mais flexível e aberta a mudanças, como uma escavação arqueológica, em busca de palavras que funcionem como tijolos linguísticos, que constroem “um lugar na língua”, para que a pessoa se aproprie de sua própria fala e não fique sempre se baseando em outros. Esta é a função da linguagem metafórica. Isto foi observado na sucessão dos encontros, onde, gradativamente, os participantes foram usando a linguagem metafórica do conto. O contato com a cultura, aqui representada pela leitura e discussão em grupo, permite a ampliação de nossa base de valores pessoais e projeta no cotidiano um pouco de beleza, um plano de fundo poético à vida.

A experiência do laboratório pode ser como remexer no baú de memórias, em busca das palavras antigas carregadas de lembranças e afetos, que funcionam como uma lufada de ar fresco, dissipando a aridez que pode caracterizar o presente de um idoso que perdeu um lugar de destaque e foi relegado para a sombra de um quatinho de fundo na história da família.

Lanço palavras para aqueles que vão me ler ou escutar, com a esperança de que recolham algumas, enquanto outras vão permanecer na areia.

Michèle Petit (2018:83)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. (In) memória. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo: menino antigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 19.

ANGUERA, María Teresa. **Metodología de la observación en la ciencias humanas**. Madrid: Catedra, 1985. 216 p.

BLIXEN, Karen. O mergulhador. *In*: BLIXEN, Karen. **Anedotas do destino**. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 11.

BONAVENTURE, Jette. A mulher e os costumes de seu povo. *In*: BONAVENTURE, Jette. **Variações sobre o tema mulher**. São Paulo: Paulus, 2000. p. 181-197.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2002. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos. **Dados sobre envelhecimento no Brasil**. Brasília: SNPDDH, 2013. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos->

humanos/direitos-da-pessoa-idosa/publicacoes/dadossobreoenvelhecimentonobrasil.pdf. Acesso em: 05 mar. 2020.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CARNEIRO, João Bosco. **O sujeito no tempo da velhice**. São Paulo: Zagodoni, 2017.
FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2012. 232 p.

GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017. 216 p.

HAREVEN, Tamara K. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 13, p. 11-35, 1999.

HAREVEN, Tamara K. The last stage: historical adulthood and old age. **Daedalus**, Lisboa, v. 105, n. 4, p. 13-27, 1976.

MEIRELES, Cecília. A velhice pede desculpas. *In*: **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1958. p. 15.

MÓNICO, Lisete *et al.* A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *In*: ATAS DO CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 6., 2017, Salamanca. **Anais [...]**. Lisboa: Ludomedia, 2017. p. 724-733. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013. 168 p.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019. 208 p.

RUIZ, Rafael. **Literatura e crise**: uma barca no meio do oceano. São Paulo: Editora Cultor de Livros, 2015. 196 p.

SPRADLEY, James P. **Participant observation**. New York, Holt: Rinehart & Winston, 1980. 195 p.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Editora Tordesilhas, 2018. 136 p. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Década-do-Envelhecimento-Saudável-2020-2030.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

APÊNDICE B – Artigo publicado na Revista Global Journal of Social Sciences

Artigo 2 - Story and transformation in a reading laboratory for the elderly in pandemic times – an experience report

Research Project conducted at the Graduate Program of the Federal University of São Paulo (Unifesp) for master's degree at Cedess. Line of research: "Health in Community". Area of concentration

Maria Teresa Mendonça de Barros

Simeão Donizeti Sass

Advisor: Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

ABSTRACT

Literature is one of the finest ways to express the human art and creativeness, therefore, is a path to reach the understanding of human nature. In this article, we will discuss the use of literature in group debate of elders which participated in a senior program of a Brazilian university as a resource to stimulate a personal discovery of inner resources to deal with this challenging period of life during the Covid-19 pandemic in 2020. Our participation started in 2017 with a group formed by men and women above 60 years old attending this program. Until 2019, there were 65 participants in a yearly program, but in 2020 there was a variation between 40 to 70. The experience to be discussed derives from an aesthetic attitude, starting with literary reading followed by a group discussion in order to stimulate affective social bonds among the participants. Further discussed themes were the impact of the online version and the use of technology in a senior group.

Keywords: elder; reading; Literature; open university; humanization, pandemic, technology.

INTRODUCTION

Covid-19 pandemic has brought countless challenges in several social and educational aspects, and mainly a more attentive look about public policies that concern the elderly. The combination of fear of catching the disease and the fear of dying, together with imposing and long social isolation has caused much anxiety and has increased the risk of mental illness, mainly depression. Here we ask a guiding question in order to conduct our article: what can we develop as group activity that allows virtual meetings that provide a personal reflection on life and relationships, but can also promote a pleasant esthetic experience?

That question has led us to suggest literary text as a foundation of the reading Project with our target population chosen for the present study: the elderly group of the Open University for the Elderly (Uapi). Literature has always been one of the most significant ways to express human condition through art and creativity. Therefore, it is a way to reach a major understanding of living and sharing. We intend to approach both topics under a humanization viewpoint. The main reason is that literary texts are a suitable starting point to establish a group discussion in order to make possible to increase the experience in the being's environment.

The idea came from several experiences that had already been developed by the study group on History and Philosophy of Health Sciences (CeHFI), a group we have been connected with since 2014. The Reading Laboratory inside CeHFI has existed for more than 18 years. Gallian and Bittar (2020) write that the experience “allows the launching of perception and attitude that approaches a more humanistic perspective and allows the expansion of the scope of the being's presence”. There is a massive production of Ph. D. thesis, master's dissertation, and articles. They cover different aspects of that activity, done for different public, inside and outside university environment.

Named “Reading Laboratory”, it is a three-step activity: the first step occurs when the person talks about the experience of a lonely reading; during the second step, they discuss the text itself as well as the relation with personal experience; the third one ends with the report on the impact on group experience.

Within this context, personal narration establishes a “dynamic relation that links language and reality” (id.). This looks to us very appropriate when one works with the purpose of humanizing relationships. This is the matter proposed and discussed in the present article. In order to corroborate the option for a project on literature, we recall the words by Paulo Freire (1982) in the introduction of his book *The importance of the act of reading* from 1982: “Reading the world precedes the word reading. Thus, the subsequent reading of the later cannot forego the continuity of the reading of the first one. Language and reality are linked together in a dynamic manner. Text interpretation to be achieved by its critic reading implies perception of the relations between text and context”. We believe the exchange of experiences stimulated by literary texts allows, among those who have already a long life way, the expansion of their awareness regarding the world and himself/herself.

When we think of public policies for the elderly, we reach for Kalache (2020), who points out the need to develop policies in favor of an active and healthy aging. The foundation would lie on health promotion, permanent learning, by encouraging civic participation and

protecting the weakest in advanced age. During pandemic, the importance of actions linked to elderly people has become more evident as this age group have already been dealing with the risks of isolation and fragility either physical or mental well before 2020.

Furthermore, the social relevance of the present study on this age range increases as we face an accelerated aging of the Brazilian population. Therefore, it is necessary a discussion about public policies that comprehend this population segment and help to perform a critic reflection in order to improve health services for the elderly. Leandro-França (2014) bring the history of current public policies, and both point out data scarcity regarding policies as well as studies conducted about the elderly. The main milestones of public discussion on health promotion for the elderly have been developed from the legal texts following the 1988 Federal Constitution (FC/1988), mainly the Elderly National Policy (PNI) of 1994 and the Elderly Statute of 2003.

The way we refer to the elderly may indicate if the attitude towards them is out of respect or contempt. Altman (2011) stresses the difference between old and elderly: old is the person who lost his/her capacity or skills to continue his/her active life; elderly is the one with an older age, but did not necessarily lost his/her autonomy. Leandro-França and Murta (2014) underline the importance of preventive actions concerning mental illness, including emotional illness, and refers to the work developed in open universities as one of the options.

Usually, the elderly already faces several challenges in regular times as the place he occupies inside his/her family and society has changed. The emergence of depressive symptoms is very frequent in this life stage where countless losses take place. Brasil et al. (2013) mention, for instance, the somatic manifestation of illness that exposes human fragility and finitude the elderly must face inexorably, increasing the feeling of vulnerability besides the risk of isolation and loneliness. Another point that is common during this life stage is the loss of personal autonomy, mainly female elderly who is used to a routine of taking care and not to be taken care of.

There is still another fear regarding social death, which would surely lead to illness or even to death wish. Isolation is always a threat that surrounds physical and mental balance, and it increased in 2020 with Covid-19 pandemic. Hammerschmidt, Bonatelli and Carvalho (2020) comment on the difficulty in valuing the elderly's biological, psychological and social background within the current public policies. It is also difficult to appraise the place he/she occupies in the family scope: his/her financial help, but he/she has no voice, he/she remains in the listening position, without space to express himself/herself. That fact worsened during

pandemic. According to a document issued by the State Secretariat of Health of a southwestern state, in September 2020, the authors encourage the establishment of activities and spaces, including virtual ones, in order to promote the dialogue and elderly listening as a strategy to decrease affective spacing and to avoid the increase of depressive symptoms and illness risk and even suicide. That will be our reflective journey, which has brought the establishment of a triad for reflection: elderly, literature and technology.

A short bit of the story of the Open University 21th anniversary, and 2020 turning point

By contextualizing the project of the Open University of the Elderly (Uapi), at Unifesp, the project has been part of the Geriatrics and Gerontology department (Uapi), since 1999. The minimum age to participate is 60 years old, and diplomas or education certificates are not necessary to join the project.

Uapi is a very suitable research field for post-graduates and undergraduate research internship. It is linked to the Dean's Office for Graduate and Research Studies of Unifesp. It started in Campus São Paulo and today it extends to other campi of the University. Their goal is to foster reflection on the needs of the aging process.

Uapi is founded on three pillars: 1) an educational planning that links undergraduate and each campus extension; 2) encouragement of the organization of the newcomers in associations, and 3) college management with undergraduate professors and alumni. All activities aim at encouraging the interaction among generations in order to develop healthy relationships with the elderly as well as the acknowledgment of his/her support in building family and social life. Professors and monitors are spontaneously invited to assist the development of Uapi senior participants.

According to her report, Uapi coordinator states that the main goal is to give a better physical and mental quality of life to the elderly. It also intends to provide their cultural and social integration by giving guidance regarding physical, mental and spiritual health under the scope of integrative care. By means of classes, lectures and experience, it occurs an upgrade in general knowledge in studies such as Law, Psychology, History, Fine Arts, Memory Workshop, Portuguese Language, Literature, among others. Activities are free and take place twice a week. The course lasts 8 months (academic year), but it is possible to last longer, which occurs to many participants.

In 2017, we were invited to participate in Uapi activities. We accepted the challenge, which gave us the opportunity to conduct a research on the elderly. Since the beginning, it had

become very clear the importance to conduct an activity that could bring the already mentioned benefits regarding enhanced mental illness prevention due to isolation and feeling of worthlessness. Cognitive stimulus through reading and text discussion increases the possibility of growing self-confidence, which makes feasible the opportunity to be listened and points out the existence of value in their individual narrative.

It was possible to note the impact in one of the participants' statement during on-site activities in 2017:

I think that [LabLei meetings] moved me. I think that the three [three short stories], but this one (The Imaginary Invalid), I think it had a strong emotional impact on me. Another day we went to have some coffee, and I enjoyed it. Because people get together (Debora, 2017).

METHOD

This experience report discusses the experience performed with the group from Open University of the Elderly (Uapi), at the Federal University of São Paulo (Unifesp). Among Uapi activities, we will focus on the experience at the Reading Laboratory (LabLei). We will use the methodology developed by Gallian and his coworkers at the Center of Studies of History and Philosophy of Health Sciences (GALLIAN, 2002; SAKAMOTO; GALLIAN, 2004; GALLIAN; REGINATO, 2009; BITTAR *et al.*, 2013, LIMA *et al.*, 2014; GALLIAN, 2016; CARVALHO, 2017; LOGATTI *et al.*, 2019). During these pandemic times, some adjustments had to be done to attend the elderly as well as to adapt them to the virtual environment.

It is about an elderly group formed by 65 people between 60 and 84 years in 2017 and 2018. The number of people corresponded to places available in order to join the Uapi yearly schedule. In 2020, the number of participants were between 40 and 80 as we were dealing the changes imposed by the pandemic, both for the format (which became virtual) and for the number of participants. In the beginning, three coordinators formed by the Center of Studies of History and Philosophy of Health Sciences (CeHFi).

The criteria for choosing the texts were based on the consideration if there would be a more suitable literary genre to such a different group of people, with great differences in education and family background. In terms of reading habits, they range from no reading activity to those who call themselves "avid readers". We also took into consideration short stories themes, and we searched those that had sensible themes for the elderly. We have chosen: "O Mergulhador" (The Diver) , by Karen Blixen; "O Espelho" (The Mirror), by Machado de Assis; "O Doente Imaginário", (The Doctor in spite of Himself) by Molière (all from 2017); "O Pássaro Encantado" (The Enchanted Bird) and "A Volta do Pássaro Encantado" (The return of

the Enchanted Bird), by Rubem Alves in 2018; “Alicerce” (Foundation) by Geni Guimarães and “A Menina que Carregava Bocadinhos” (The girl who carries small bits), by Valter Hugo Mãe in 2020. We decided to consider short stories that would not inhibit their desire to read, as they would be too long and complex. The practical application would allow us to check the adequacy of the choice made.

Altogether, we had 20 meetings: 11 took place in 2017; 4 in 2018, and 5 in 2020. In 2017, there were three on-site meetings on literature. Applying group discussion suggests a path that can be followed. The purpose establishes the enlargement of the dialogue among participants, encourages the individual expression that rescues, in narratives, what had been lived during life. In 2018, there was only one meeting, with three on-site meetings. In 2020, we had two new opportunities to try out the activity, this time virtually. Here, benefits were maintained and even expanded. The given dynamic made possible an exchange of rich personal experiences among all people involved. It also allowed many personal discoveries together with some surprises on their own development potentials.

Therefore, we thought about another guiding question towards the future: how can that on-line activity help the present context? They were asked to talk about their experience during the laboratory meetings by writing it, which we called “stories about social interaction”.

Method applied in reading laboratory

Our project is part of a research umbrella of the Center of History and Philosophy of Health Sciences based on Literature in Health Humanization work. Sakamoto and Gallian (2016) describe the reading laboratory as a method developed by CeHFi named as Laboratory of Humanities. It refers to a subject offered in modules to students, professors, university employees as well as to the general community with a varied number of meetings depending on the length of the selected literary work.

The main goal of the reading laboratory is to provide a new look and a new place to Literature, by allowing an esthetic and humanizing experience, as a space of reflections on challenges and anxieties concerning human existence. It is like one of the project planners:

[...] the Reading Laboratory, as a place of experience that works with this magical and mysterious subject, cannot be understood under the modern and scientism perspective of the word (as a space of mass technique) , but preferably under the old perspective, where *labor* (work, experiment) takes place from *oratio* (prayer, contemplation) (GALLIAN, 2017, p. 211).

The experiment is divided into three parts organized along a pre-determined period. We started with *Reading stories*, when everyone tells if they had read and how was the individual and solitary reading. The second part is named *Discussion itinerary*, and that is when the exchange of ideas in the group and the participants' spontaneous manifestation is prioritized. That is a very enlightening stage, when the participants can realize the diversity of viewpoints and feelings that arise in other persons of the group when they enjoy the same text. At last, at the last meeting, we have *Stories of social interaction*, where everyone talks about the experience of collective discussion and are invited to write a small report about the experience.

It has been more than eighteen years of the Reading Laboratory. There were many formats and environments studied by Sakamoto (2016), Carvalho (2017), Bittar (2020), Logatti *et al.* (2019, 2020) Mituti, Sass and Gallian (2021). The results were relevant, and appeared the possibility to extend the experiment to the elderly group.

Our experience at Uapi was the first to include an elderly group in the research team of CeHFi. Since the beginning, it became very clear the importance of promoting an activity that could bring the benefits of preventing mental illness, in an environment worsened by pandemic due to isolation and feeling of uselessness.

DISCUSSION

The Open University of the Elderly of Unifesp and the Reading laboratory are certainly spaces to support the building and promotion a healthy aging. Covid-19 pandemic increased the need to look at the elderly more closely and help them maintain or attain a larger confidence to face their daily life as well as avoid the negative impact of information on cases of death or physical and mental illness.

The even greater isolation from family members, mainly in the first months of pandemic, pointed out the elderly's need to look more frequently to himself/herself as well as to find out new ways to keep the contact channels open to the exterior world. One of the concerns regarded autonomy itself, in other words, the fear of losing autonomy, which is a recurring topic among the participants of the group. That was one of the topics that came out in several group discussions.

Uapi activities, that have been on-site since 2019, became virtual with synchronous and non-synchronous moments. This implied the choice of more suitable technological resources, which came from presentation and training to their use.

The exchanges in classroom were fulfilling to the elderly as well as to the invited professionals, who participated in the meetings voluntarily. For many of them, it was an opportunity to be reinserted in group activities that leaves an isolation situation inside the family circle.

Cognitive stimulus through reading and text discussion improves self-confidence and makes us believe that it is possible to be listened and to exist some value in personal narratives. As an example, we brought the statement of one of the on-site activities in 2017:

In the LabLei what happened to me is that I pick a book, read at least twice – in the first one I don't understand much; in the second, I take notes. The best is that in the group, Estela has an opinion, Ramona has another one, and Clara a third one. (2017, Estela).

Facebook conducted the first lab experiment on virtual reading. However, some difficulties in interacting with the elderly via chat rose such as lack of a speedy typing and missing the train of thought if the elderly try to interact through chat. As the coordinator pointed out:

As the migration has become successful, we realized that it worked well and everyone got used to the innovation of turning off the audio, and turn it on again if you are going to speak. [...] **It's funny how we become able to do that** [bold added].

Based on challenges, the coordination cared about creating an instruction manual adapted to the elderly. A ludic and well-designed booklet was created. It includes every button and function. Pruchno (2019) writes about the intersection between technologies, and acknowledges the challenge for the present elderly generation that did not start their lives already plunged into the virtual world. At the same time, that intersection mobilizes their adaptive capability.

The coordinator herself was surprised by the well-succeeded initiative, although many veteran participants had not joined the new format fully. One group chose to keep contact only during non-synchronous activities that had been gradually offered.

At first, the group that attended the virtual meetings varied from 50 to 80 participants out of the 130 enrolled in February.

The narrative of Uapi's coordinator help understand the context of the Open University, and provided a record on the development and changes of the group activities, in charge of the development of successful solutions found during pandemic times. She realized that many changes came for good, and one of them refers to the feasibility of maintaining the hybrid

model. She is very enthusiastic about the results: “Well, we beat lots of teenagers in the way we deal with the quarantine.”

The narratives of the group participants confirm what she had said: “In the beginning, being in lockdown was almost the idea that I was going to a spiritual retreat” (Clara). “I, Ramona, have already said that this pandemic was amazing. I did not enjoy reading and now I have already read 14 books so far.”

Considering losses and gains of the project in changing from on-site meetings to virtual ones, we notice some losses that had been partially made up due to the attention and participation of participants even if that happened through computer or cell phone.

Regarding Uapi, at the beginning, I thought it was awful... I am very fond of affection, hugs... and I have lost it at Uapi, during pandemic. That was very restrictive. I do not have a family; I have no place to go to enjoy nature that I love so much... so, all this made me a little mad at Uapi. I said I would not attend Uapi any longer. Zoom technology has nothing to do with me. I am not against technology, for God’s sake. Not at all. It is cold, distant.” (This is Estela talking about her response to virtual meetings). It seems we have a greater interaction, instead of one behind the other... here you show yourself. Roberta, but I say that this gave us the freedom to be one with the other. (Clara)

During the experience, we discovered some positive aspects that we have never thought of like the attendance of individuals who, in some other way, would not be there: “I am going to an appointment with the doctor”; I am here in the waiting room and I am attending the meeting”; “Oh, I am travelling”; “I am in the countryside”. The virtual environment opened doors to things that the on-site relations do not allow. However, the feeling of human warmth was there. A participant realized the same thing: in virtual environment, the feeling of support and presence remained:

In on-site meeting affection rises etc. It something shows up, and I hug someone and tell him/her something, only the person hears. However, when I am on a virtual meeting, whatever I want to say, everyone will hear. If someone embraces my feeling, if I cry, if I get upset. **All of them (either she or he)** [bold added]. Even if Lucila says that on-site meetings we would be hugged, **we know that in a given moment, in silence, in that look, there is a presence.** [bold added]. [...] by attending a virtual meeting, there is a possibility of being present. It is not as cold as everyone says. **I say we are more focused** (Clara 2020) [bold added]

Another advantage was the opportunity to collect records that will certainly be a rich source of future considerations of such an important project like Uapi. Allowing a deep plunge into the Self was fundamental to live these pandemic times. Many activities were planned in order to help participants to cope with the isolation of family and friends: “Classes of musical memory, taste memory, movies, discussion, things that allowed that non-synchronous moment was as rich as the synchronous one” (Lucila, 2020).

In the light of the above, we believe it is important to perform a brief reflection on the technological issue regarding the elderly population. The second leg of the tripod referred in the introduction refers to the insertion of technological resources in the project developed with the elderly. The “new normal” brought up by pandemic accelerated the need, previously detected, to integrate the elderly in on-line activities in order to avoid them from being even more isolated. It is obvious that it is a big challenge, sometimes impossible, mainly concerning populations that have fewer financial resources or live far from big centers.

There are many positive perspectives by using technology, although there is a risk of an inaccurate use. In this sense, it is important to identify the elderly’s purpose by connecting the internet. During a conversation via zoom technology with Uapi elderly, one of them mentioned that she decreased the amount of literary readings as she was spending much time in social networks. Reversely, another participant, who is already used to the virtual world when pandemic started, became the coordinator’s main assistant to conduct the virtual meetings and interaction with other participants.

Back to technology matter, a special issue of *The Gerontologist* (vol. 59 of 2019) journal on the interface between elderly population and technology releases a series of relevant studies. The studies focus on the viewpoint of gerontologists, engineers, developers and researchers, among others. The articles approach as technological issues as those linked to behavior, development, physical and mental health.

Pruchno (2019) stresses the intersection between technology and ageing as well as the dramatic growth of ageing in the last years. The author acknowledges that there is a long way to cross and alerts that, when there is no integration among different knowledge, there is a major risk of wasting resources in products that, in practice, do not work properly as we did not listen to the demands and limitations of the target population.

The advantages regarding internet also include a broader access to information about health and quality of life. Croff *et al.* (2019) point at the growing need of a preventive work with the elderly that is not linked to medical treatment. The authors criticize the lack of scope of several strategies linked to the work with the elderly. That is due, either because they focus on one single risk factor or one certain subgroup, or because they do not take into consideration the social, economic or cognitive reflections linked to the well-being of the population that is the study target. When we think under the integrative perspective, we look not only at the individual but also at community factors.

Besides identifying the elderly's purposes when they use internet, it is necessary to understand the reasons that hinder their adequacy to such technologies even when they are not active users. Technological development is very dynamic which makes difficult follow-up and absorption of new technologies. Furthermore, as Czaja (2019) suggests, it looks relevant to establish a dialogue with the elderly when equipment or software are developed for them. It is necessary not to consider the concept that the elderly resist to changes and are not willing to interact with technological products. Available data lead to the opposite direction, and point out that the elderly are more receptive to the use of computers, for instance, which is confirmed by the Uapi coordinator regarding the elderly excitement during computer classes. Nevertheless, it is not possible to deny that it occurs a cognitive and motor coordination loss that hinders the elderly's interaction in on-line training programs. Thus, technology must be introduced in an intelligible way to people that are outside the digital generation.

During her interview on Uapi on pandemic times, the coordinator confirms Cajza's opinion, including the quality of technological resources available for the elderly:

The use of an older cell phone. Many get it from their sons and daughters when they replace them. Here lies a little criticism because this must be taken into consideration. It is not because the person is older that he/she can have old cell phones. It is not about a device that can do wonders, but a device that allows that communication exists for the elderly. If the device is not useful to him/her, this is a cognitive mistake; a limiting belief he/she is building by saying that he/she is unable to use it. Actually, it is the own device that does not give special conditions.

In case of Brazilian reality, Miranda & Farias (2009) add that difficulties rising from limiting economic or cultural issues in developing countries such as Brazil are not provided with data on the real improvements that a regular use of cell phone can offer to that public (p. 386).

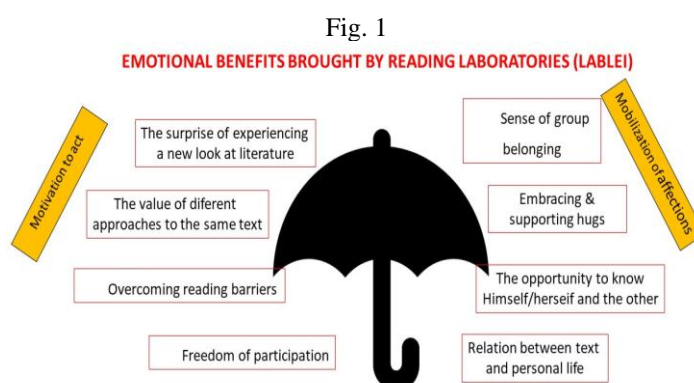
Even though, the advantages brought by internet are undeniable as internet introduces new ways of information, of cognitive stimulus that can assist in communication as well as in leisure. It also eases the access to general and scientific information about health, which is relevant to persons whose age bracket demands a major health care. That set of resources is useful to prevent social isolation, estrangement and emotional instabilities. It also encourages brain activity. Similarly, it promotes social interaction as well as it helps overcome the limiting barriers. This happens mainly to the elderly that did not have a broad network of social contacts. Games, videos, libraries, distance education, virtual communities are some of the possibilities, and we add the possibility of virtual collective meetings, which is the way chosen by Uapi. Reading laboratory also activates these advantages.

The experiments indicated that it is necessary the elderly to consider the use of technologies as something useful, easy and relevant to the accomplishment of diverse tasks as well as education. Consequently, it appears a network among the elderly themselves of a horizontal exchange of knowledge. Similarly, it enlarges the possibility of contacting relatives and friends; decreases loneliness and increases well-being according to the study conducted by Szabo, Allen, Stephen and Alpass (2018). Contact with peers (emotional benefits) eases group learning, where a participant who has more capacity can help the other, by using an adequate language. That language leads the elderly to identify himself/herself with, understand and make use of it.

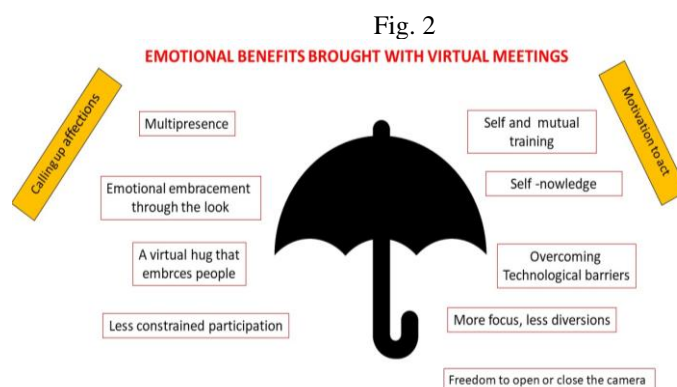
As the access to information and active participation in different experiences becomes larger, a trademark in a global society, the elderly has the opportunity to reach several scopes, including leisure. He/she will also be able to give a new meaning to his/her life, apprenticeship, to his/her importance as a citizen who has rights and legal guarantees, to his/her own ageing and levels of his/her effective participation inside society (GASPARI; SCHWARTZ, 2005, p. 74).

Therefore, we get to some questions: (1) why technology is difficult to use in so many cases; (2) how to develop technology aiming at an easier and more effective use, and (3) how effectively teach persons to use and embrace the available technology. Those are vital reflections to adapt technological resources to the elderly group, a part of the tripod of our considerations.

Bringing back the experience on the reading laboratory, the reflections comprehended on-site experience as well as virtual experience in 2020. The reading laboratory, in its different versions, and depending on the public it aims at, always brings a wide range of emotional benefits, as it was confirmed in the reports of participants from different public, generations and education:

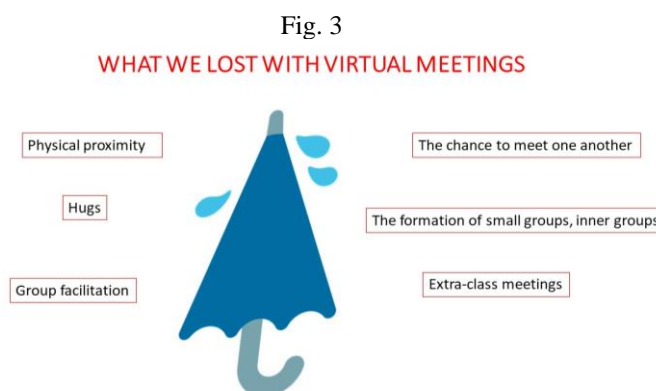


Regarding Uapi experience in 2020, we have:



In some moments during group meetings, we hear reports that now it is possible to participate when we are at home, in traffic or in a waiting room. Another advantage is that it is possible to reach persons who are in further places, even in other cities, and who have more difficulties to connect with the elderly group whether because of the absence of elderly people in the place where they live, or as a result of not knowing such activities.

Within a perspective of disadvantages, we may mention the difficulty or even the resistance of a group that gave up the course either because they were not acquainted with technology or because they alleged the lack of presence warmth, rustling, contact with friends from the group. Summarizing the losses:



Nevertheless, the Uapi’s coordinator herself realized that, although she misses the on-site contact, she was surprised by the positive results of the on-line version: “I have never experienced such a significant growth of myself and of the others in the last 21 years at Uapi”. That is a comment that rewards the effort of adaptation and encourages us to continue, in a promising future.

Since the first intervention, we were able to notice the surprise and the pleasure before a new activity. According to what Clara (2020) states about her perception of the reading laboratory even before taking part in Uapi in 2017:

At some moment [2017], I heard people saying, “Wow, four classes is too much for us to talk about”. That is because there is a dynamic. At first, I read something about that experiment on *Vida Simples* magazine, where Dante gave an interview. I thought, “How blessed those guys are as they share that experience”. It is so good to have someone that helps me look at the text, enjoy it. When Uati appeared I said, “Wow, the universe is conspiring in my favor again”.

This positive comment did not lose its way in the transition to the laboratory on-line model. Every time we were with the virtual group, we noticed a more significant participation of persons that bring several approaches to the same text. Even the participants that criticized the amount of meetings in every reading cycle acknowledged that they learnt a lot. The results surprised, as Raissa states in the “stories of acquaintanceship”:

Having a day and time to talk about what we read was amazing! I sensed what it would be like when I received the short novel and the survey. I was very curious and could not wait to get here, today, at 2 p.m. It was very nice. I want more of it. Please, come back soon. (Raissa, 2020).

For most participants it is difficult to express themselves during the meeting. However, they come to talk about it through the written record. The record is encouraged, but it is not compulsory. This is the case of Maíra (2020): “Teacher, I have some difficulty in speaking in public. My words get mixed up, and it is difficult to me to make myself clear when I read something. I would really like to be eloquent”. Another aspect that may be studied in a future project: if we ask for some feedback after the experience through the virtual channel, through WhatsApp that will lead to more answers. At the several laboratory interventions, I received very few written stories on conviviality. Does that make a difference as we are before a group that is not obliged because it is not about an elective of an undergraduate course?

Nevertheless, even the shyest ones acknowledge the group encouragement, and many of them are able to overcome the original shyness. We also noticed there were a larger participation in the comments made on virtual meetings, which makes us consider if on-line meetings decrease some shyness. Shyness proves to be more frequent in laboratories of on-site readings of 2017 and 2018. However, we must confirm that.

By whatever means, the experiment at the Reading Laboratory provided, to many of them, the opportunity to carry on with the journey through literary texts in search of personal achievement. As one of the participants of the experiments of 2017 and 2020 said:

Well, I think that kind of work makes people to question things, from the story, from the text, because not all of them understand the same viewpoint. What moves you? It is because the text reaches nearer the issue you live and feel. Thus, many people willingly joined a reading club owed to the laboratories. (Clara, 2020).

Another characteristic that the virtual meeting confirms is something we had already noticed at the on-site meetings. Besides the esthetic experience obtained from the encounter with Literature, people have the chance to correlate parts of the short story with their own life experiences:

Like the character pictured in the short story, I searched the end of submission. The sense of feeling is beyond words. The girl from the short story might have felt the same emotion. It seemed the thicket she ran to, was going to burst into flame. (Maria, 2020)

The class reminded my childhood. The young girl [of the short story] took off her dressy outfit, that made her beautiful, and rushed to obey her [employer] [...] How many times, in childhood, I had to obey. What I wanted to be, they decided in my place. (Clarice, 2020).

It was a marvelous experience to roll back time as I was able to realize how much I must thank God for the achievements and life appreciation!!! (Milena, 2020)

There is a new perspective as well as a new relation with books and literature. The dynamics of the reading laboratory is an invitation to think about life. As a 2020 participant puts it very well:

This is something I did not figure out because when I read, I saw in books, in stories things that belonged more to my world than to the reading. I did not get into the character by bringing it to me. Unless when the book was romantic (laughs). Now, I see another reality by entering the characters, the story and bringing an analysis of our life. (Ramona, 2020)

Those words inspired us to summarize the process that lies in the dynamics of reading laboratory: “Because the book each of us reads is not totally the same as it was read by the other. At the meeting and together we were able to bring things to think about that had not occurred to us. Sharing experiences increased the perception about oneself, the other, the short story itself, the author himself” (Clara, 2020).

Another participant of 2017 and 2020 considered us responsible for making her get interested in reading literary text. We do take the blame with much delight and joy.

We were also surprised by the creative production of some participants and we bring two examples. At our last laboratory meeting, we had the poetic creation of two participants. Both were inspired by the text read in 2020. This gathers a collective memory of important landmarks for the elderly generation – words like clothesline, sewing, the self-discovery, and the discovery of several selves:

Who's this that lives inside me?
 There are so many...
 Several versions of the same girl-origin,
 A scribble made with a piece of chalk,
 Which can be erased and remade,
 Null and void, but with marks that remain,
 Memories, hope, dreams...
 Improve as time goes by
 And make this person grow, with different facets, images,
 The border of myself,
 In the core, one single person, divided
 In stages, ages, moments
 Who is that who represents me, faces me and questions me?
 There are plenty of me, which wander right inside me,
 Meetings and disconnection, in search of some identity
 Strong, determined, passionate personality
 To be still tamed
 As a girl, never finishes her apprenticeship
 Fragments of several kinds, sizes, kept, hung,
 Inside myself like a clothesline
 Several versions, colorful or colorless models
 Sometimes it is even impossible to recognize that first one,
 Layers of faces, facts, pictures (Janice, 2020)

The thin needle with a long thread
 After all, it is not about a mere sewing
 Both enter in one side
 And leave from the other
 Permeating all sides
 In different times
 Sometimes crying, others, smiling, sometimes bursting into laughter
 Together in one single thread
 The thread now is tight, and then it is loose
 Now it is with us, and then it is cut
 Dreams become true one by one, the ones that are ready to become true
 And others that are still to come
 They impel us to fly. (Bruna. 2020)

Here, we reviewed all the results. The reading laboratory has the benefit of featuring a low-cost activity at on-site modality. It can be replicated in other environments that embrace the elderly. In turn, virtual modality requires some investment in technology regarding spaces to welcome the elderly and the elderly themselves. However, the number of people who have at least a cell phone is high. Finally, we believe the changes that occurred in meeting format, provided a wide range of possibilities of access by the elderly public that frequently have some difficulty in on-site participation.

One of the greatest findings is that the “60+ group” is not exactly a passive group, mainly when they discovered or re-discovered they still have a voice. The awareness of oneself

and of the other can serve as a lot of inspiration, as a new attitude towards personal recognition and appreciation. It helps avoid the feeling of not being important to others anymore. That feeling is present in complaints about depression. Some participants found out their personal talent. Inspired by the last meeting, Raissa states: “I thought it would be better to write right now, grabbing the peak of the conversation”. Human warmth returns to warm up aged hearts, full of personal experiences, and rich in creative potentials that have not been discovered or acknowledged.

Briefly, we suggested a low-cost activity that comprises literature followed by group discussion. It can be developed in elderly assistance center, community centers, and open universities to the elderly or any other institution for this kind of public.

Advantages and challenges were approached in the present text. The transformations endured during the literature project for the elderly in 2020 stressed the relevance and the contemporaneity of the proposal directed to a group that felt threatened by the new situation. The reading laboratory is an experience that allows the integration of individual and collective activities.

Our research ended by being crossed by the pragmatic need of unexpected changes. However, those changes were not less founded as we hope we made it clear through the text. It was an experiment that can be replicated in many places of our vast Brazil. It is a low-cost activity, but its benefits to the elderly are high.

CONCLUSION AND IMPLICATIONS

Our article dealt with “an experience inside another experience”. In other words, the impacts and results of the reading laboratory in its on-site and virtual versions in the program of the Open University for the elderly.

The reading laboratory underwent some important changes in the interaction format regarding the number of participants at on-site meetings as well as considering the pandemic. Those initiatives allowed the continuity of the group, and overcame the feeling of strangeness during lockdown period. It also brought benefits to the development of the elderly participants, who did their best to get new cell phones in order to participate in the group. Nevertheless, part of the group gave up pursuing the meetings due to personal issues.

Studies on this matter are not very frequent in Brazil. However, the concern about the relation between digital technology and ageing has increased in the last years. It is also due to the growth of the population above 60 years of age. Within this context, Uapi can provide a

field of study of a successful example of adaptation to the new reality, mainly in pandemic days. Our proposal on a reading laboratory, adapted to senior population and to virtual reality joined the challenge to further the same activity in different ways: passive (silent and individual reading of the text, and listening moments of the group), and active (discussion and reports written at the end of the activity).

REFERENCES

BITTAR, Y.; GALLIAN, D.; SOUSA, M. S. A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde: o Laboratório de Humanidades da EPM/ UNIFESP. **Interface**, Botucatu, v. 17, n. 44, p. 171-186, 2013.

BOLETIM INFORMATIVO. Secretaria do Estado de Goiás. **Saúde da Pessoa Idosa - Goiás**. Goiânia: Secretaria do Estado da Saúde de Goiás, 2020. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/files/boletins/informativos/saude-idoso/boletimidoso01-2020.pdf>. Acesso em 20 fev. 2021.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

BRASIL, K. *et al.* A clínica do envelhecimento: desafios e reflexões para prática psicológica com idosos. **Aletheia**, Canoas, v. 40, p. 120-133, jan/abr. 2013.

CARVALHO, L. L. de. **Clássicos da literatura no ensino e na humanização em saúde**: a dinâmica do Laboratório de Humanidades (LabHum) nas leituras de Aldous Huxley e Níkos Kazantzákis. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

CZAJA, S. J.; LEE, C. C. The impact of aging on access to technology. **Universal Access in the Information Society**, v. 5, p. 341-349, 2007. DOI:10.1007/s10209-006-0060-x.

LEANDRO-FRANÇA, C.; MURTA, S. G. Prevenção e promoção da saúde mental no envelhecimento: conceitos e intervenções. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 318-329, 2014.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

BITTAR, Y.; GALLIAN, D. M. C. Um certo laboratório de leitura: o caráter pioneiro e seminal de uma pesquisa sobre humanização em saúde a partir da literatura. *In*: ROSSIT, R. A. S.; SEIFFERT, O. M. L. B. (org.). **Avaliação, currículo, docência e formação em saúde**: itinerários percorridos. São Paulo: UNIFESP/CEDESS, 2020, p. 89-104. (Coleção Ensino em Ciências da Saúde, v. 1).

GALLIAN, D. M. C. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

- GALLIAN, D. M. C. O que é o Laboratório de Humanidades: sua história, seu 'funcionamento' e sua finalidade. **Blog LabHum Laboratório de Humanidades**. São Paulo, 30 out. 2009. Disponível em: <https://labhum.blogspot.com/2009/10/o-que-e-o-laboratorio-de-humanidades.html>. Acesso em: 14 mar. 2016.
- GRATES, M. *et al.* New perspectives on user participation in technology design processes: an interdisciplinary approach. **The Gerontologist**, Cary, v. 59. n. 1, p. 1-5, 2019.
- HAMMERSCHMIDT, K.; BONATELLI, L. C.; CARVALHO, A. A. de. Caminho da esperança nas relações envolvendo os idosos: olhar da complexidade sobre pandemia da Covid-19. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, n. 6, p. 1-13, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.281>.
- LOGATTI, Maria Sílvia Motta et al. Humanização em saúde e reforma psiquiátrica: discussão da obra O Alienista entre pessoas com quadro psiquiátrico grave. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. e290408, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312019000400606&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2016
- LOGATTI, M. S. M. *et al.* Leitura e discussão de clássicos da literatura aplicados a pessoas com quadro psiquiátrico grave: uma análise winnicottiana. **Interface (Botucatu)**, v. 24, p. e190550, 2020.
- MIRANDA, L. M; FARIAS, S. F. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 13, n. 29, p. 383-94, abr./jun. 2009.
- MITUTI, R.; SASS S. D.; GALLIAN, D. M. C. A ressignificação da deficiência pela literatura: os impactos do Laboratório de Humanidades em mães de pessoas com deficiência. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 25, p. e200106, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/interface.200106>.
- PETIT, M. **Ler o mundo**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PRUCHNO, R. Editorial. **The Gerontologist**, Cary, v. 59, n. 1, p. 1-5, 2019.
- REMEN, R. N. **Histórias que curam**: conversas sábias ao pé do fogão. São Paulo: Ágora, 1998.
- ROSSIT, R.; SEIFFERT, O. (org). Avaliação, currículo, docência e formação em saúde: itinerários percorridos. 1. ed. - São Paulo [SP]: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), 2020. 297 p. (Coleção Ensino em Ciências da Saúde; v. 1).
- SAKAMOTO, J. I.; GALLIAN, D. M. C. Laboratório de humanidades: percurso estético literário como dinâmica humanizadora na saúde. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 153-171, 2016. DOI:10.11606/VA.V0I29.107965.

APÊNDICE C – Artigo submetido à Revista RBGG – Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia

Artigo 3 - Uma janela para o mundo interior: reflexões sobre o uso da literatura para abordar a questão da solidão e morte em um grupo de idosos

RESUMO

A solidão e as perdas são temas sensíveis e evitados por pessoas de diferentes faixas etárias, mas inegavelmente toca mais os idosos. Este artigo procura trazer as diferentes dimensões da solidão, perda e morte, entrelaçadas com extratos de narrativas pessoais de participantes da Universidade Aberta da Pessoa Idosa (Uapi) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). São citações extraídas das discussões em grupo que seguiram o formato Laboratório de Leitura (LabLei), desenvolvido pelo Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi). As discussões de grupo giraram em torno de dois contos literários – “O Espelho” de Machado de Assis e “O Pássaro Encantado/A Volta do Pássaro Encantado” de Rubem Alves e trouxeram espontaneamente os temas pesquisados. O recurso ao texto literário justifica-se pelo fato de a ficção ser um estímulo para o afloramento de lembranças e reminiscências a partir da vivência pessoal. Fizeram parte também narrativas pessoais, analisadas a partir de entrevistas com alguns participantes do grupo que relataram suas perdas pessoais.

Palavras-chave: Solidão; perda; morte; terapêutico; grupo.

ABSTRACT

Loneliness and losses are sensitive themes, normally avoided by people from different age groups, but it is even more sensitive for elders. This article brings the different dimensions of loneliness, including solitude, as well as loss and death, intertwined with personal narratives of participants of the Open University for Elder People (Uapi) sponsored by the Federal University of São Paulo (Unifesp). The extracts are from the group discussions that followed the Reading Laboratory (LabLei) developed by the History & Philosophy Center of Health Sciences. They were based on two literary short stories – “The Mirror”, by Machado de Assis and “The Enchanted Bird/The return of the Enchanted Bird” by Rubem Alves. Both brought spontaneously the themes mentioned. The use of literary texts is justified by the fact that fiction is a stimulus for the emergence of memories and reminiscences derived from some personal

experience. There were also personal narratives of some participants that related their personal losses.

KEYWORDS: Loneliness; solitude, loss; death; therapeutics; group.

INTRODUÇÃO

Falar de solidão e de perda é sempre tocar em temas difíceis; é falar do humano mergulhado no tempo que passa. Conforme Norbert Elias (1998, p. 7), “o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear, nem respirar como um odor”, lembrando suas múltiplas faces, características e ritmos, sempre caminhando na direção do futuro. Rosenzweig (*apud* PERIUS, 2016, p. 46) aborda a realidade que se dá no tempo e que “se deixa conhecer na medida em que se manifesta”, lembrando a condição de seres finitos, com um ponto final para a existência.

A dificuldade de encarar os desafios de tempo, perda, solidão e saudade traz um acobertamento do tema da morte, eterno desafio humano. Assim, ao se deparar com a finitude, torna-se difícil se sentir preparado. Isto é especialmente relevante para a população mais idosa.

Françoise Dolto (2001, p. 363-369) propõe múltiplos significados para a solidão, em uma perspectiva analítica: uma solidão feita de desejos solitários; outra, relacionada ao desaparecimento e luto de outros seres desejantes; uma terceira, com interrupção de comunicação, ou, ainda, uma solidão-refúgio, marcada pelo isolamento, ou uma solidão feliz e meditativa.

Donald W. Winnicott (2008, p. 32) comenta que o drama do ser humano está em lidar com o isolamento e a comunicação: “Na literatura psicanalítica tem-se escrito mais sobre o medo de ficar só, ou o desejo de ficar só, do que sobre a capacidade de fazê-lo”.

Surge uma pergunta, que norteia o presente texto: “Como poderia ser uma abordagem mais humanizada, principalmente para um grupo de idosos, que permitisse a narrativa de seus processos e elaborações sobre as perdas, que incluem a morte?”

Martin Heidegger (2005, p. 17) traz uma interessante comparação entre *findar* e *morrer*. Para ele, a totalidade da presença só é alcançada na morte, primeiro pela morte do outro, quando se passa do modo de ser da presença (a vida) para o modo de não-ser-mais-pre-sente. Como isso se dá para o idoso, que já vivenciou perdas de pessoas queridas? Pistas surgem na escuta de suas histórias pessoais.

A proposta aqui colocada parte do uso da literatura como o fio condutor em discussões grupais. É no processo de refletir sobre a existência, também na ficção, que os homens constroem suas visões e representações dos acontecimentos e dos tempos que marcam a própria

história, que o digam autores como Fiódor Dostoievski, Machado de Assis, Leon Tolstoi e Miguel de Cervantes. O passado é sempre uma fonte riquíssima de aprendizado quando evocado, uma oportunidade de ressignificar no presente. Não se trata de uma discussão pautada em crítica literária, mas de uma comunicação mais sensível, valorizando alguém com um percurso existencial razoável e com muito a dizer sobre a experiência real.

Ecléa Bosi (2013) propõe a valorização do relato de um idoso como uma espécie de “resgate do seu lugar afetivo e civilizatório”, um ato expressivo, feito na presença e que traz o diálogo que faz sentido. Este é um instrumento precioso para a crônica do cotidiano e uma oportunidade de revelar o que a história oficial não dá conta. Fala-se dos afetos individuais ocultos atrás do coletivo, inspiração sempre presente na literatura. Outro fator é sua importância no campo da saúde coletiva, em busca de uma nova proposta investigativa, voltada para uma revalorização do indivíduo.

Jeanne M. Gagnebin (2018) reflete sobre a função curativa das histórias e comenta que ocorre um eclipse da palavra quando o espaço biográfico pessoal desaparece da memória. Do ponto de vista psicológico, é um momento precioso para promover uma escuta atenta e respeitosa daqueles que podem trazer sua história pessoal como ilustração do percurso de vida.

Trazendo para a realidade de grupo, a discussão entre narradores e ouvintes permite uma reflexão sobre temas que certamente seriam evitados, como perda, morte e solidão. Este é o foco do presente artigo.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma experiência de discussão em grupo, que permitiu a emergência dos temas citados a partir de contos literários, gerando narrativas delicadas, incentivadas pelo ambiente solidário, mesmo que silencioso.

A atividade recebeu o nome de Laboratório de Leitura (LabLei), uma proposta desenvolvida desde 2003 pelo Centro de História e Filosofia de Ciências da Saúde (CeHFi) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), coordenada pelo Prof. Dr. Dante Gallian e seus colaboradores. Em seu livro *“A literatura como remédio”*, Gallian (2017) relata como o projeto foi sendo construído em encontros, discutindo inúmeros clássicos, que permitiram um sólido conjunto de resultados: “Esta abordagem essencialmente vivencial [...] apresenta-se como estratégia fundamental para assegurar o tom e o efeito propriamente humanizador que se busca com o Laboratório” (p. 101).

Ao longo dos últimos 18 anos, foram elaborados muitos artigos e capítulos de livros pelos pesquisadores desse grupo de pesquisa, analisando o impacto do LabLei como elemento humanizador em diferentes cenários e tipos de público (GALLIAN, 2002; SAKAMOTO, GALLIAN, 2004; GALLIAN; REGINATO, 2009; BITTAR *et al.* 2013; LIMA *et al.*, 2014; GALLIAN, 2016; CARVALHO, 2017; LOGATTI *et al.* 2019; BITTAR; GALLIAN, 2020; CARVALHO; GALLIAN, 2020; MITUTI, SASS, GALLIAN 2021; CARVALHO *et al.*, 2021). Em destaque, os resultados sobre a experiência de um novo olhar sobre o uso da literatura como caminho de reflexão sobre as próprias vivências.

O projeto com os idosos teve início em 2017, e aqui foi feito um recorte dos resultados obtidos. O público-alvo foi o grupo da Universidade Aberta para a Pessoa Idosa (Uapi), de 2017 a 2020. Eram grupos de 40 a 65 idosos, com idades entre 60 e 84 anos, inscritos no programa anual da Uapi. Em 2020, devido à pandemia de COVID-19, as reuniões passaram a ser virtuais.

O modelo proposto constituiu-se na mediação de um coordenador treinado pelo CeHFi, com um número variável de reuniões, dependendo do texto discutido. Iniciou-se pela leitura solitária da obra, seguida das discussões em grupo, para a troca de impressões e narrativas pessoais, não somente ideias, mas, também, emoções e lembranças suscitadas pela leitura, permitindo uma atividade humanizadora. As discussões ocorreram em três tempos: *Histórias de leitura*, sobre a experiência pessoal de leitura solitária; *Itinerário de discussões*, voltado para a temática do conto e *Histórias de convivência*, uma oportunidade de narrativas pessoais sobre a experiência do LabLei como um todo.

Trabalhar com o Laboratório de Leitura proporciona conhecer mais “o oceano de pequenas histórias como a história do descontínuo, do pontual, do que parece fragmentário” Bosi (2013, p. 14). Junto à história que move a atividade – um conto ou um romance –, as narrativas pessoais, a diversidade de associações feitas, as lembranças de experiências vividas se entrelaçam e ampliam o horizonte na atividade grupal. Nas citações feitas aqui, os nomes são fictícios, para preservar a identidade dos participantes. Foram utilizadas as transcrições das reuniões de grupo e algumas entrevistas pessoais, dentro de uma abordagem de História Oral de Vida (HOV). Conforme Meihy e Holanda (2017): “História oral constitui, na modernidade, um novo modelo de técnica de produção e análise de textos capazes de trazer ‘formas de ver e refletir sobre a vida social e os indivíduos no mundo globalizado’”. Com isto, recorre-se a uma forma de pensar a sociedade contemporânea por meio de registros pessoais transformados em fontes documentais.

A partir das entrevistas, foram preparadas transcrições das mesmas, submetidas à apreciação e aprovação dos participantes, utilizando o método de imersão e cristalização de Jeffrey Borkan (1999). A *imersão* consiste no processo de leitura e análise detalhada do texto. Já a *cristalização* é a reflexão do que foi lido e analisado exaustivamente, na tentativa de identificar e articular padrões ou temas observados durante a imersão. Esta análise foi feita em relação aos temas propostos para esta discussão.

Dentre os seis ciclos de Laboratório de Leitura feitos na Uapi, dois se destacaram, por narrativas que se inserem na temática deste artigo: “O Espelho”, de Machado de Assis e “A volta do pássaro encantado”, de Rubem Alves. Em ambos, foi possível uma identificação com personagens – o alferes machadiano, o pássaro preso no olhar negativo para si e a menina que busca resgatar o contato com o amigo pássaro e a alegria de viver perdida) –, promovendo uma profunda discussão sobre como os idosos do grupo encaram o momento de vida atual. Destacase a temática da perda de uma posição, de um ente querido ou de um sonho, seguida pelo enfrentamento da solidão e as emoções a ela ligadas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No campo das perdas, destacou-se, sem dúvida, a de alguém querido, provocando muita emoção e solidariedade no grupo. É uma sensação de “ficar perdido”, de “tirar o chão”, mas, também, de certo conformismo com o passar do tempo. Isto é relevante quando se está diante de um grupo maduro de pessoas, capazes de olhar para a vida e processar lutos e fracassos e momentos felizes e de conquistas. É importante contemplar a experiência passada com emoção, para valorizar o movimento de superação ocorrido. Para quem ainda está preso ao sofrimento, é uma oportunidade de elaborar o luto.

Os depoimentos trouxeram diferentes olhares para as perdas. Uma participante, que foi profissional da saúde, relatou o impacto da morte do pai, ocorrida há muitos anos, e ainda lembrada com muita tristeza: “Eu perdi a pessoa do meu envolvimento, que foi o papai. Aquilo me bloqueou, chorei dez anos. Eu queria meu pai.” Dois participantes masculinos também falaram da perda de suas companheiras. Um deles, durante um encontro sobre “O Espelho”, referiu-se a uma visão mais conformada: “Nós vamos abrandando, não é esquecer a pessoa amada; eu casei duas vezes e fiquei viúvo há um ano, tem que tocar a vida, eu guardo das duas esposas a melhor lembrança”. O outro trouxe o impacto da perda da companheira, que o lançou em uma depressão da qual ainda se recupera: “Minha esposa morreu em 2014, teve câncer

de mama. Eu estava com um filho casado, o outro também. Eu larguei tudo para ficar com ela. Me emociono até hoje para falar”.

Dolto (2001) comenta que é necessário enfrentar o tabu de mencionar aqueles que morreram, para evitar futuras dificuldades de abordar a questão, pois não há como evitar o tema. Foi o que Júlio fez após o luto inicial: “Foi aí que entrei na Uapi, porque meu filho disse: ‘Pai, faz alguma coisa’, porque, logicamente, fiquei sem vontade de fazer coisíssima nenhuma. Hoje, estou lutando para ter motivação.”

Não é só a morte de um ente querido que mobiliza emoções dolorosas. Vale para uma descoberta que quebra expectativas: “Eu tenho uma filha deficiente. Quando soube que ela era deficiente, foi a morte pra mim” (Lilian, 2017). Com isto, mobiliza-se a decepção, que pode ser geradora ou consequência de uma perda, seja ela de uma pessoa, um sonho ou uma esperança.

A aposentadoria também traz a sensação de “morte profissional” e joga o aposentado na consciência de que mudou a forma de ser visto. O “alferes” machadiano e a importância de “vestir a farda” permitiram o surgimento espontâneo da associação entre “tirar a farda” e aposentadoria. Se, por um lado, houve uma fala de protesto pela perda do olhar mais respeitoso pela pessoa, por outro, surgem relatos mais bem-humorados, que permitiram uma referência à própria morte, algo difícil de aparecer nas conversas do grupo:

Mesmo porque o aposentado é todo mundo igual. Você chega em um lugar de aposentados, ninguém pergunta: ‘Você é médico, dentista?’ Todo mundo é aposentado. Se você não tiver uma personalidade... (Roberto, 2017)

Falou-se muito em vestir a farda. Eu vou falar em tirar a farda. E quando eu falo em tirar a farda, estou pensando em uma coisa que poucas pessoas dão atenção, ou seja, **o que eu vou fazer depois que me aposentar?** (Mario)

Agora é camisa polo e tênis. Já pedi aos filhos que quero ser enterrado de bermuda, camisa polo e tênis. (Jair)

Afastar-se do centro da cena implica em se distanciar e encarar a solidão. Dolto (2001) fala de uma solidão que regenera; em contrapartida, há outra, que destrói e se transforma em isolamento. O primeiro tipo ocorre em momentos relaxantes, regenera a esperança e as forças para enfrentar os desafios da vida. Igualmente, está presente em processos terapêuticos ou em atividades como o LabLei, que permitem o encontro das solidões pessoais para formar um conjunto regenerador: “Pra mim, tem sido uma experiência boa, porque aí trabalho nas nossas coisas”, diz Maria (2018).

Nos exemplos dados, é possível saborear a receptividade e o acolhimento com a ampliação da escuta, para além dos ecos da própria voz. No ambiente de grupo, em suas

discussões estético-reflexivas, surge a consciência de estar só, mas conectado com o mundo interior e exterior, o que permite compartilhar ideias, sensações e sentimentos. Amplia-se a capacidade de escuta afetiva, alargam-se as visões de mundo e acalenta-se a troca.

No segundo tipo de solidão, com o risco de adoecimento, exaure-se o desejo de vida. Neste caso, a solidão pode representar o fracasso do prazer ou a decepção, por não encontrar outro meio de extravasar. O risco é um distanciamento total da realidade externa, alimentando uma dinâmica mais destrutiva, pessimista. Este é o caminho para a depressão, e até mesmo para um ato definitivo de colocar fim à própria existência.

Entre a solidão criadora e a cilada do isolamento mortífero, existe um leque de possibilidades. A leitura solitária pode ser um recurso para estimular este caminho, onde o livro funciona como uma espécie de “objeto transicional” (WINNICOTT, 1975), sustentado no mundo externo pela materialidade da obra literária, mas que também penetra no mundo interno, como uma lanterna a iluminar o campo da memória e dos sonhos, em um entrelaçamento que enriquece a experiência pessoal de forma saudável. Já a oportunidade de trocar impressões e experiências com outras pessoas permite a criação de um “espaço potencial” (WINNICOTT, 1975), para o aprofundamento do interjogo de percepções e a troca saudável de experiências e reflexões, além da mobilização de afetos.

Este mergulho para dentro também traz a ameaça de um adoecimento psíquico, nos casos em que um devaneio “adormece a provação da solidão” (DOLTO, 2001, p. 363), pois pode-se chegar a um esconderijo de portas fechadas para a realidade externa. Esse isolamento mortífero é um dos caminhos para a depressão, a melancolia, ou mesmo para sintomas psicossomáticos: “Você fica triste, fica doente, não sonha mais, para de amar, fica isolado” (participante Ramona).

A discussão do “Pássaro Encantado” trouxe a temática de ficar perdido “na magia do espelho”, voltado para a autocomiseração frente ao inevitável envelhecimento. Já o alferes machadiano traz a desconfortável descoberta de se desconhecer sem a farda, a constatação terrível de um vazio interior.

Podemos olhar para a velhice como um campo favorável para entrelaçar as memórias de momentos significativos e as relações interpessoais. Participar de um grupo permite novas trocas afetivas, para além da família. O compartilhamento e o apoio coletivo trazem a esperança de amenizar angústias, decepções e perdas sofridas. É salutar deixar de lado a sensação de não ser compreendido, de ter perdido a capacidade ou possibilidade de comunicação, aprofundando

uma amarga sensação de solidão. A pandemia dificultou a convivência e ampliou o isolamento, como relata Alice:

A pandemia, no início, me deixou muito mal. Me deixou hipertensa, me isolou de família, e sou muito ligada à família, me isolou de amigos, me isolou de rua, porque eu sou muito rueira. [...] Sou uma pessoa alegre e muito feliz de ser quem sou. Então, aí veio a pandemia. Fiquei doente e entrei em começo de depressão. [...] Quanto à Uapi, no início, eu achei um horror. E eu ia voltar na Uapi, terça e quinta. Mas não é por isso. Sou muito de afago, de apertar, eu sou do abraço. [...] Então, eu perdi isto na Uapi durante a pandemia, e isto me cortou os pés. Eu já não tinha a família, eu já não tinha o sair para conviver com toda esta natureza, que eu amo de paixão. Eu nasci numa roça, né professora[...] Eu falei, eu não vou mais fazer a Uapi, eu vou parar. Porque o *Zoom* não tem nada a ver comigo. Não sou contra a tecnologia, pelo amor de Deus. Não. Porque é fria, esta coisa distante. A proximidade é fundamental. Eu acho que isso me fez muito pensar se eu ia continuar. (Alice, 2020).

O sofrimento nascido das separações inevitáveis nas esferas tempo-espaço também permite aflorar a linguagem simbólica, por meio da qual se criam laços com outros seres humanos, com o ambiente circundante. Por intermédio da linguagem, ultrapassam-se os limites sensoriais para criar o campo da ciência e das artes. Assim, as separações que iniciam o processo unem pessoas, memórias e significados, frutos do potencial criativo do humano, denominados por Winnicott (1975) de “criatividade originária”, que pode estar adormecida e ser despertada quando existir o estímulo externo.

A experiência do Laboratório de Leitura para idosos é uma oportunidade de se evitar o campo da solidão destrutiva, para buscar novas alternativas de contato. Permite transformar a ação de olhar e ouvir em um ato de ver e escutar. Os dois contos escolhidos funcionaram como gatilhos para trazer à tona a solidão, o medo da perda e da morte, seja de pessoas queridas ou de atividades. Enquanto experiência coletiva, permite descobrir novas conexões com pessoas de idades semelhantes. A discussão em grupo integra visões diferentes e permite evitar o aprisionamento em uma solidão perniciosa, ou em um estado de inconformismo e irritabilidade pela circunstância atual: “Então, a gente prestou atenção, atenção plena no que o outro está falando, está dedicando seus olhos, seus ouvidos, sua boca ali, pra aquele momento” (Clara, 2017), o que traz “as falas da gente pingando na sua cabeça” (Judite, 2017).

É, sem dúvida, um momento de reflexão sobre o próprio existir, sem perder a percepção do outro e a esperança de encontrar novas alternativas de lidar com os temas difíceis. Ademais, pode ocorrer a surpresa de se enxergar como alguém criativo: “... sempre que surpreendemos a nós mesmos estamos sendo criativos, e descobrimos que podemos confiar nessa nossa originalidade inesperada” (WINNICOTT, 2005, p. 36). Nomear as emoções ajuda a reconhecer o lugar que elas ocupam na vida.

Assim, o LabLei favorece a descoberta de novas maneiras de olhar para a própria vida e para as relações humanas. É um espaço para a expansão do olhar sobre a existência como um todo, o que constitui, ao final, um exercício de humanização e solidariedade. Nesse contexto, é muito produtivo trabalhar com textos literários e descobrir que eles estimulam as lembranças pessoais. A lembrança e a memória existem tanto na presença, quanto na ausência do outro, e emergem nas discussões em grupo em diferentes etapas, com novas maneiras de lidar com temas desafiadores.

Outro ponto é o resgate de itens simbólicos presentes nas reflexões. Objetos como o relógio, que marca o tempo, e o espelho, que traz as marcas do tempo vivido, mobilizam um processo de descobertas muitas vezes dolorosas. Rubem Alves (2005) tem um interessante texto sobre o carrilhão do relógio em seu ritmo, que marcou a vida do autor e de muitos idosos, com histórias que povoam a imaginação infantil e palavras sussurradas na cadência do badalar. Além de marcar o tempo, o relógio marca a morte, com “seu ritmo sem pressa” (p. 8), vindo de outros tempos e histórias, observando, com sua indiferença pendular, a existência humana nascer, florescer e morrer. Na finalização, o autor traz uma provocação: “Quem sabe que o tempo está fugindo descobre, subitamente, a beleza única do momento que nunca mais será...” (p. 11). Isto remete à ideia proposta por Arthur Schopenhauer de que, mesmo envelhecendo muito, no íntimo, permanece-se do mesmo jeito, como na juventude ou na infância. O que resiste ao passar do tempo é o cerne da essência pessoal, que não reside no tempo e é indestrutível (p. 61).

O espelho também pode levar a outro tempo e espaço, conforme o conto machadiano. Nele, para além do reflexo da imagem do alferes, refletiam-se suas descobertas e encantamentos, choques e angústias. Este foi um gancho utilizado para estimular as memórias e reflexões sobre a solidão, em maio de 2017. Como disse Luís: “Engraçado, ele fala que a solidão aumenta à noite. E é verdade. [...] E é assim mesmo que a gente se sente, né. Qualquer problema à noite toma uma proporção grande”. Lembra, também, a melancolia e o isolamento, como também disse Judite:

O tema que vocês escolheram – o espelho – foi pra mim a vida que estou vivendo este momento. Então, com as várias nuances de ex-profissional, avó, esposa, aí sim. Então eu voltava, olhava várias situações em que eu me via dentro. Então, quando você falava, em muitos momentos, eu me via dentro. E quando você não tem isso? E aí eu voltava. É importante qual imagem que você faça, o que é pra você? Como você está? Então são reflexões muito importantes sobre a noite, o repensar na questão da solidão, a questão de você se motivar pelos caminhos, não esperar o outro, você buscar para ser feliz. Reflexão sobre seu amigo, seu companheiro. Pra mim, foi bastante importante. (Judite)

Muito significativa foi a abordagem da morte, que emergiu em muitos momentos da intervenção, através das narrativas pessoais sobre perdas e suas consequências. Tais relatos tocaram o grupo de forma humanizada e acolhedora, muitas vezes silenciosa – silêncios constrangidos, temerosos de provocar sofrimento, carregados de memória pessoal, e até temendo que essa senhora inexorável chamada morte bata à porta.

Arthur Schopenhauer surpreende em “*Senilia*”, sua última obra, com sua visão sobre a morte:

Como a vontade de viver poderia suportar essa existência vazia, oca e dolorosa por um tempo infinito, se a morte e seu irmão, o nascimento, não renovassem constantemente o intelecto para toda vontade individual, fazendo com que o Lete fosse aquele que ao menos tira a monotonia do que não é desfrutado, permitindo que aquilo que é repetido milhões de vezes sempre apareça como algo novo? (SCHOPENHAUER, 2016 *apud* VOLPI, 2017, p. 31).

Dolto também contribui, ao dizer que a morte carrega a aura do mistério até o fim, e isto dificulta tocar no assunto. Ela propõe pensar que “morremos quando deixamos de viver” (p. 394), um ponto interessante para futuros encontros com os idosos.

Esta é uma ponte para trazer um último ponto, que é a capacidade de ficar só. Winnicott (2008, p. 33) sugere: “A capacidade de ficar só é um fenômeno altamente sofisticado, ao qual uma pessoa pode chegar em seu desenvolvimento depois do estabelecimento de relações triádicas”. Para ele, relações e comunicações com um real significado são silenciosas ou secretas e “no âmago de cada pessoa há um elemento de não comunicação que é sagrado e cuja salvaguarda é muito preciosa”. É alguém que conquistou uma saúde emocional amadurecida, e pode experimentar o “estar consigo”. Com isso, torna-se capaz de descansar, relaxar, sem perder o contato com a realidade compartilhada com pessoas a quem se liga afetivamente. Existem, inclusive, pessoas capazes de apreciar a solidão já na infância, como sua possessão mais preciosa.

Laura Dethville, uma leitora de Winnicott, traz: “O indivíduo que tem essa capacidade de ficar sozinho é constantemente capaz de redescobrir a pulsão pessoal” (p. 132.), pois a base da capacidade de ficar só é a experiência de estar só na presença de alguém. Nesse contexto, é interessante observar que a dificuldade de estar só pode se manifestar pelo “silêncio ativo” (como se fosse um sujeito emburrado) ou, então, por um falatório sem nenhum significado.

Schopenhauer (2017) tinha uma ideia semelhante, mas com um viés muito positivo, pois ele considerava que o velho já está livre das pulsões, satisfaz suas ambições e cumpriu as obrigações da “vida ativa”, tornando-se capaz de se bastar, em função de sua experiência de

vida. Ele atribuía à velhice tanto a possibilidade de sabedoria, quanto o esgotamento. Esses elementos permanecem na memória dos velhos, que funciona como o intermediário informal da cultura e do vínculo com o passado, do qual se extrai a força da formação da identidade (BOSI, 2013, p. 16). Isso leva a observar que, dentro da história cronológica, existe outra, mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo.

Destas narrativas de participantes do grupo da Uapi, foram extraídas muitas informações, para desvelar os sentimentos muitas vezes ocultos dos idosos. Estes mostram como a memória opera, ao escolher acontecimentos no espaço e tempo em que se ligam por algum tipo de nexos, e que se torna mais intensa quando reverbera um significado coletivo. São evocações de emoções adormecidas, plenas de conteúdos e vivências significativas, renovadas em intensidade. Reconhecer a falta e a saudade é fundamental para aproveitar um eventual retorno de uma pessoa querida, seja um afeto, um filho “que bateu asas”, um amigo. Como disse uma participante de 2017: “A graça da saudade, quando a gente encontra aquele objeto da saudade é uma alegria que não tem tamanho” (Izilda). Foram muitas referências à saudade, inclusive a possibilidade de uma saudade gostosa, à espera de uma volta.

Para finalizar, é válido trazer o comentário de Gagnebin (2018), que “narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.” Esta fala representa uma espécie de síntese do trabalho feito através do LabLei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Volpi (2017) compara a vida com um tecido bordado: na primeira metade da vida, só se enxerga o lado direito, pois o avesso fica para a segunda metade, um lado não tão bonito, porém, instrutivo, permitindo reconhecer a relação entre os fios do que seriam as divisões da vida. Os primeiros 40 anos de nossa vida fornecem o texto, e os 30 seguintes registram os comentários, que são frutos do entendimento de seu verdadeiro sentido e contexto.

A valorização da velhice em Schopenhauer, ao olhar o velho não como um inválido do tempo no ocaso da vida, e sim como alguém que vive uma espécie de “coroamento da existência”, traz um estímulo para dar continuidade a práticas que valorizem o depoimento dos idosos e ajudem a mostrar sua força e sabedoria, sempre disponíveis para quem se dispuser a escutá-los. Esta é uma das motivações para dar continuidade ao projeto do LabLei, visando a

sua extensão para outros grupos e instituições. Que a experiência aqui relatada sirva de estímulo para o futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Tempus Fugit**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

ALVES, R. **A menina e o pássaro encantado; A volta do pássaro encantado**. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BITTAR, Y.; GALLIAN, D. M. C. Um certo laboratório de leitura: o caráter pioneiro e seminal de uma pesquisa sobre humanização em saúde a partir da literatura. *In*: ROSSIT, R. A. S.; SEIFFERT, O. M. L. B. (org.). **Avaliação, currículo, docência e formação em saúde: itinerários percorridos**. São Paulo: UNIFESP/CEDESS, 2020, p. 89-104. (Coleção Ensino em Ciências da Saúde, v. 1).

BORKAN, J. Immersion/Crystallization. *In*: CRABTREE, B. F.; MILLER, W. L. (eds.) *Doing Qualitative Research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1999. p. 179-194.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

CARVALHO, L. L. de *et al.* Como trabalhar com narrativas: uma abordagem metodológica de compreensão interpretativa no campo das Ciências Humanas em Saúde. **Interface** (Botucatu), v. 25, p. e200355, 2021. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832021000100504&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 set. 2020.

CARVALHO L. L. de; GALLIAN, D. M. C. A dinâmica estético-reflexiva do Laboratório de Humanidades na humanização e na formação de leitores literários entre estudantes e profissionais da saúde. *In*: FISCHER, L. A.; OROFINO, M. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2020. p. 135-178.

MITUTI, R.; SASS S. D.; GALLIAN, D. M. C. A ressignificação da deficiência pela literatura: os impactos do Laboratório de Humanidades em mães de pessoas com deficiência. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 25, p. e200106, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/interface.200106>.

DELGADO, L. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DETHIVILLE, L. Donald Winnicott: uma nova abordagem. Campinas: Armazém do Ipê, 2013. 163 p.

DOLTO, F. **Solidão**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, N. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2018.

GALLIAN, D. M. C. **Literatura Como Remédio**: um experimento laboratorial. São Paulo: Martin Claret, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**: parte II. 13 ed. São Paulo: Ed. Vozes, 2006.

SAKAMOTO, J. I.; GALLIAN, D. M. C. Laboratório de humanidades: percurso estético literário como dinâmica humanizadora na saúde. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 153-171, 2016. DOI:10.11606/VA.V0I29.107965.

VOLPI, F. **A arte de envelhecer ou Senilia de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: WMF, 2017. 155 p.

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar-só. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008. p. 31-37.

WINNICOTT, D. W. **A criatividade e suas origens in o brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 95.

WINNICOTT, D. W. Vivendo de modo criativo. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005. p. 23-40.

APÊNDICE D – Transcrições de Reuniões dos Ciclos de LABELI

Ciclo – O Mergulhador

TRANSCRIÇÃO do roteiro de discussão do “O MERGULHADOR”

Anotações 1º encontro

Perguntas para motivar o Laboratório:

1. Se o sonho ajuda a gente a enfrentar as dores da vida
2. PQ o Saufe acreditou que a dançaria era um anjo
3. O que vcs sentem-pensam sobre a frase: “Todo aquele que é inimigo dos anjos é inimigo de Deus, e todo aquele que é inimigo de Deus perdeu toda a esperança. Eu perdi toda a esperança e sem esperança não se pode voar. É o que me torna incansável” p. 16
4. Pq o Saufe tinha dificuldade de olhar para a raça humana

Não tenho a gravação do 1º encontro, só as anotações do diário de campo:

- Histórias de Leitura:
- Gostei. Senti a necessidade de contar para alguém o texto. Estou curiosa. Conte para minha neta que ficou interessada. Percebi o meu marido não gosta de leitura.
- Reclamar palavras que não expliquem. Gostei de tudo.
- Ele tinha fé no que lia, acreditava no que lia e depois veio a decepção. Ele acreditava em tudo o que ele lia. A decepção veio com tudo.
- Chamou a atenção a obstinação com que buscava um conhecimento.
- Li e reli, não teve coisas que não cheguei
- Li e o que gostei que ele vai para o lado místico, mistificação e obstinação,
- Criar asas para o topo da vida.
- Tenho paixão por montanhas
- Ilusionista – é clara a loucura por montar na imaginação, imaginava subir voando em um sonho que tive. Eu tenho pavor de altura, medo de olhar pra baixo e ver a miséria humanam não queria voltar.
- Só li uma vez. Primeiro ele se encantou com as histórias da moça e se decepcionou.
- Me identifiquei, lembrei da juventude.
- O tempo todo da vida em liberdade. Cresceu. Todos somos sonhadores. Tem objetivo, tem o caminho.
- Ele construiu, saiu da realidade do que tinha e fazia para os outros. A dançarina não tinha vida boa, dança com a esperança.
- Na 1ª leitura achei difícil – rapaz profundo, entrou de cabeça na teologia. Ficou vidrado quando descobriu o que eram mãos.
- Procurei a tradição oriental. Estudante de teologia muçulmana e devia participar escola religiosa. É relevante, tem sua ... Vilarejo Xiraz, cidade da tapeçaria, lugar atrasado.
- Pensamento reacionário, conservador – valores, fé naquilo que é interdito. A coisa mais bonita são os anjos. Tinha sua ambição – queria voar. Ele era um revolucionário, não queria o poder, e vai encontrar o poder reacionário. Confronto com a inocência. Tem uma pureza desafiadora – física, esperteza, arдил
- A mulher é apresentada como um bem utilitário e funcionou como agente corrompedor da fraqueza. A dançarina era honesta, mas ambiciosa. Foi arma do engodo e foi usada como se fosse um anjo, explorando a fé, a inocência e a ambição. Levou à entrega aos prazeres, houve a rendição da fé ao espiritualismo.
- Temos o choque da realidade. Duas frases: não foi fé, mas eu perdi a esperança.
- O que senti que era bipolar – do céu para o inferno muito rapidamente. Decepção.

- Não gosto de ler contos, mas este eu gostei. Que fala de uma história. Aquele que vai levando as histórias para os outros. Ser o mergulhador que conta a história. Mergulha no desejo de ser anjo, mergulha na busca. Ele é feliz em cada momento. Eu gostei.
- Ele é sonhador. Sou sonhadora e não desisto dos meus sonhos. Tive crise aos cinquenta. Pouco tempo para realizar. Sonho é bom até certo ponto. Não pode só sonhar sem realizar.
- Sonhar faz parte de um caminho. Tem sonho que é só sonho.
- Ainda estou mergulhando. Compara com tempo do dilúvio.
- Gostei do texto. Não sou fã de literatura. O sonhador passa a vida procurando. Deus também sonha. Nós vivemos esperando que melhore.
- É difícil enfrentar a realidade, continuamos sonhando em aperfeiçoar. O jeito é mergulhar, conversar com os sonhos.
- A gente vai e desiste, fica doente. Não pode ter medo. Pelo menos tentou antes de morrer.
- Sonhos – asas para o semelhante. Não ser cético.
- Oceano – vai para as profundezas. Cada época com um sonho.
- Andorinha roçou o pé do anjo.
- O compartilhar o que acreditou. Não quer só para ele.
- Tempo de compartilhar.
- Madalena Freire para 3.

Coord. 2 → embarcando no texto, me identifico com os rapazes.

- Sofri com a inocência dele – fiquei nervosa.
- Egoísta por que abandona a família. Na segunda parte, ele continuou sonhador, mas maduro. Sonho mais realista, um pouco triste.
- Conhecer anjos era um sonho, uma meta. Ele acha que conversou com o peixe. Dúvida do que é sonho, do que realidade.
- Sonho é projeto de vida. Sonha em ser profissional, colocou em prática alguns.
- Todos têm sonhos. Sonhou muito, sonhou demais. Meu marido sonhador que sonhou tanto que não realizou. Vida é realidade. No final de tudo ele foi feliz
- Meta de ser feliz.
- Através das frustrações percebeu que pode ser feliz.
- Amo voar.
- Sonhos têm significados.
- Fala de um sonho há 10 anos, voando → saída pra fugir do problema. Voa mas volta.
- Tempo de poder e tempo de fazer, tempo de colher.
- Uma pessoa depressiva não consegue sonhar.
- Fala que o rapaz... Estou e não estou.
- Sonho tem a ver com fé. Eu existo, mas eu não sou.
- Sonhar é necessário.
- Medo do desconhecido. Ir para cima, para ter resultado concreto.
- Deixar pistas. A arte é achar medida.
- O sonho ajuda. Porque Saufe acreditou que a dançarina era um anjo. Porque ele tinha dificuldade.

Outras anotações das histórias de leitura:

- Alguns comentaram sobre a vontade de contar o texto para outros e uma participante falou de contar para a neta interessada e também o marido interessou.
- Outra pessoa trouxe a questão da fé cega de Saufe, que acreditava em tudo o que lia. Quando veio a decepção veio com tudo.
- Outro ponto que chamou a atenção foi a obstinação que levou a um conhecimento.
- Criar asas para o topo da vida. Falou-se da paixão por montanhas e pela visão que se tem daí. Experiência de sonhar, voar, e o medo sentido de olhar para baixo e ver a miséria humana – sem vontade de voltar.

- Outro comentário que chamou atenção que o tempo de leitura é um tempo de liberdade que faz voar e crescer.
- Um outro comentário foi sobre uma certa dificuldade de leitura, mas entendeu tratar-se de um rapaz profundo, que entrou de cabeça na teologia e depois ficou vidrado quando descobriu as mãos.
- Um colega fez uma análise mais técnica. Falou de um aspecto revolucionário em Saufe e sua ambição de voar. Falou da beleza dos anjos. Abordou também a inocência versus o artil dos líderes.
- Abordou-se também a perda da esperança.
- Outro comentário foi sobre o aspecto bipolar de Saufe – vai direto do céu ao inferno.
- Uma outra participante fala do encantamento pelo conto, apesar deste não ser o seu gênero favorito. Traz uma bela imagem de ser a história de um contador de histórias – aquele que leva as histórias aos outros. Fala de alguém que mergulha no desejo de ser anjo.
- Fala-se de ser feliz em cada momento.
- Uma outra participante apresenta-se como alguém tão sonhador quanto ela mesma.
- Quanto a sonhar, não dá pra ficar no sonho sem realizar.
- Outra ponderação é que sonhar faz ter um caminho, faz ter um projeto, mas também fuga da realidade. Outra participante citou que ainda estava mergulhando.
- Fala-se da dificuldade de enfrentar a realidade, mas que deixar de sonhar faz adoecer e que cada época tem um sonho. Pra sonhar é preciso fé. Surge o comentário de ter sofrido com a inocência de Saufe.
- Surge a ideia que ele foi egoísta ao abandonar a família.
- Meta de ser feliz, mesmo passando frustrações. Só que uma pessoa depressiva não consegue sonhar.

Transcrição – “O Mergulhador 2” - Encontro 30/3/17

- **Resumo** – começamos a conversa dizendo que o Saufe queria ser feliz a qualquer preço, que ele mergulha naquilo que acredita, “já entendi na 1ª parte por que chamava “O Mergulhador” – porque ele é uma pessoa que mergulha no que acredita. Eu dividi em 3 partes – 1) engata o sonho e a questão da felicidade, interessante quando se fala que a felicidade é feita de momentos, que coisas simples podem ser uma felicidade, e que a felicidade supera o sonho por ser algo que se constrói e nos leva à ideia de que felicidade e sonho são próximos, mas não iguais. Tem sonho que é fora de propósito, e felicidade sim como algo que a gente pode conseguir. Quando a gente fala de sonhos, Saufe tinha sonho de ajudar as pessoas e mergulha no projeto das asas para chegar aos anjos, ele nem tinha a pretensão de chegar a Deus. Mas ele queria chegar aos mensageiros de Deus. Só que o risco de se sonhar é se chegar à decepção, o que aconteceu com Saufe. Chegou um momento que ele se esqueceu do sonho. Ele acabou sendo enganado pelos poderosos através da bailarina que faz com que ele desvie de um propósito maior. Só que a bailarina trouxe pra ele uma outra coisa, as sensações. E ele também levou alguma coisa para a bailarina e a levou a sonhar. Apesar do que ela fez. Ela fala que para dançar você tem que sonhar, tem que ter uma esperança. Tem também que sem sonho não se tem nem hipótese, nem projeto. Só que com a idade os sonhos ficam menores, ficam até pequenos, mas se aproximam dos sonhos possíveis. Mais fácil de se realizar. E que também o risco do sonho é quando o sonho depende de outros, e aí a gente não tem certeza de poder conseguir. Falaram também de sonhos culturais, projetos. Foi lindo falar que sonhar é a partir da alma. Uma de vocês trouxe o sonho de ser ... ou professora e que foi atrás, apesar de todas as dificuldades que passou. Isto traz sonho enquanto projeto de vida. ... A realidade é outra. Outro assunto interessante que os medos são irracionais e que medo é diferente de precaução. Porque precaução é racional e sonho ... tem o medo de sonhar e se decepcionar. Tem também sobre o Saufe que mergulho no que acreditou e isto seria o significado do mergulhador na 1ª parte. Ele tem esperança de encontrar o que quer, e o que ele quer é ter asas para chegar aos anjos, o que nos levam até os anjos e pra ele anjos são pontes e que existem, veio comentário realista e bonito e que em nossas vidas podem existir pessoas que funcionam como anjos. Naquele momento, como uma coisa que pode fazer sonhar e ter esperança. “Se eu sonhar algo de 6ª para sab ou sab pra dom pode acontecer. Sonhei que estava me casando. No sab conheci um rapaz e de lá pra cá noto. Outra vez

sonhei que bateu carro, eu tenho medo de sonhar e algo vai acontecer. Interessante vocês falarem que são os anjos que se movem e Saufe acreditava que tudo o que se movia adorava DEUS e os anjos. São os anjos que se movem pra fazer a comunicação. Vai fazer relação com os pássaros e que alguns pássaros podem tocar os pés dos anjos. Daí tira a ideia que ele tira do sonho de construir asas para os homens voarem. Ele não sonhava só para ele. E aí tem uma reflexão sobre interligação com a bailarina que não precisa asas para sonhar. Ele chama essa bailarina de anjo e no final ela diz que ele é um anjo. O comentário que ela precisa de sonhos para dançar. E aí ... veio a diferença entre determinação e fanatismo. Será que conseguimos distinguir. Será que consigo sair daquilo. Aí também veio a questão do fanatismo, vocês colocaram a questão da família e que para realizar o sonho ele abandona a família por um tempo, ele diz que precisa 12:11... e depois vem a questão dos poderosos porque eles começam a se preocupar com aquele jovem tão persistente, tão dedicado e, ao mesmo tempo, tão ingênuo. A ingenuidade dele é usada pelos poderosos que usam a bailarina para seus planos de desviar Saufe do projeto das asas. Eles ofereceram, pelo comentário de vocês, um atalho que enganou. Ele estava com o projeto quase pronto, desviou, esqueceu o projeto porque se encantou com a bailarina. Mas a bailarina trouxe para ele a descoberta de algo, de que existe podia ganhar vida própria, outro ser humano, pois até então ele só conhecia Deus e anjos. Ele se deixou conduzir por essa fascinação, pelo amor pela bailarina... Sonho é como... é o motor da vida. O sonho é nosso motor, que nos faz andar. Esses foram falando sobre sonho Vi o filme “Jonas e o circo sem lona”, onde o comentário é que através do circo tem a importância de nos fazer sonhar. Diz que uma mulher ligou para ela agradecendo por ela ter lembrado que é preciso sonhar. Filme é através de um livro sonhando.

1ª parte do “O Mergulhador”

- Quería ser feliz a qualquer preço. Corria atrás da felicidade do conhecimento.
- Mergulho no que acredita.
- Esperança de encontrar o que quer.
- A decepção fortalece. Nos tropeços da vida, levanta e segue.
- Sentir de forma diferente na liberdade, sonhos, esperança, amizade, solidão.
- Anjos como ponte.
- Tudo o que se move – adorava deus e os anjos, mas os anjos se movem
- Qual o sonho? Ajudar a todas as pessoas.
- Como seria a interligação ?
- Pessoas que são anjos na nossa vida.
- Bailarina mente.
- O jovem é perigoso.
- Não precisamos de pares de asas.
- Ele fala que ele é o anjo, a vontade de tocar o pé dos anjos.
- Bailarina – não se dança sem paixão.
- Asa – ligação de oportunidade
- Asas construídas – é bom que pode tirar.
- Voar nos sentimento e pensamentos.
- Ao largar as asas, parou de sonhar.
- Ele tinha projeto quase pronto – ofereceram um atalho.
- Entrou o livre arbítrio.
- Ele não fez escolha, não conseguiu – o desvio mostrou que a ingenuidade é perigosa
- Homens de podem – medo de encarar. O que é ser perigoso e o que é ser inofensivo.
- Ele foi inocente e ouviu os poderosos e se deixou conduzir. Era uma gente que pensava que ele era um perigo.
- A vida dele numa madrasca – sem contato com o mundo.
- No telhado com a bailarina aprende sobre o poder das mãos, que adquiriram vida própria.
- Obstinado na ideia, estava à procura. Ideia fixa.

- O repertório dele havia anjos e deuses.
- Tem maridos assim – uma decepção.
- Sem sonho não vai ter hipótese.
- Quando acusa o outro de ser fanático – será que não é persistência?
- Comparação com pipa – sem motor nem freio.
- Medo irracional – precaução é irracional.
- Falta do medo faz perder.
- Respeitar o desconhecido.
- Como descobre o bom senso.
- Velhos perceberam que o rapaz não tinha limites. Ele não escutava os professores.
- Quando a gente é jovem, não pensa.
- Com a idade os sonhos ficam pequenos. Exemplo: tinha um trabalho e queria parar.
- Sonhos possíveis.
- Querer aproveitar.
- Sonho que depende do outro.
- Agradecer pelo que passa a ser esta busca.
- Existe um sonho cultural.
- Felicidade é feita de momentos.
- Coisas simples são felicidades. A felicidade supera o sonho. Sonhar é parte da alma.
- Momento dos dois foi uma descoberta.
- Sente-se objeto
- Felicidade é algo que se constrói.
- Eu queria viver isso.
- Sonho de ser cantora lírica, maestrina;
- Pai perdeu tudo no sonho. Eu não tinha como sonhar. Conta a humilhação sofrida. Ser professora não era meu sonho.
- Palavras que sintetizaram: felicidade, sonho, esperança, decepção, anjos.

2ª parte de “O mergulhador”

- As decepções na vida da gente são motivadoras. Ele se decepcionou tanto aquilo e procura um Ele foi encontrar outras coisas. Se ele não tivesse a decepção talvez não tivesse. Pra encontrar outras coisas, vivenciar outras coisas. Então as vezes a decepção na vida da gente é importante.
- O que vocês acham desta ideia?
- Está certo.
- Você tem que acreditar em você ...
- Não ser tão ingênuo
- A frustração pode nos fortalecer, e pode fazer com que você saia da ingenuidade, coisa que Saufe não saiu na 1ª parte.
- Mergulhar mais fundo sem o medo que ele tinha na 1ª parte.
- Que medo era este? →
- Ele não tinha medo na 1ª parte mas depois das frustrações.
- Ele foi ficando com medo depois das frustrações.
- Eu também entendi que antes ele ficava acuado pelos poderosos, mas depois ele aprendeu a lidar com os poderosos. Mas ele começa com outros sonhos ...
- Ele é muito sonhador
- Mas na 2ª parte do texto ele continua sonhador?
- Dúvidas – quem acha que ele continua sonhador, continua a falar com outros seres, com o peixe.
- Talvez tenha o sonho de ser poderoso. Depois ele foi conhecido e era famoso no local.
- Ele era famoso, mas ligava para isto? A resposta é não....
- Acho que ele encontrou a felicidade e a harmonia que ele tanto queria. E tanto que ele deixou a família bem, mas sabia muito bem o que queria – uma vida simples, uma vida tranquila, uma vida

junto da natureza. Os peixes, as plantas, a choupana dele. Vi isto no texto pelo encantamento com que ele falava dos peixes. Porque aquilo não existia. Ele nem imaginava isto, ele romantizava...

- E o jardim da casa dele – parece sutilmente, mas...
- E tem a praia.
- E o que significa choupana? (Lembrar o sentido de choupana no livro Tempo Vivo da Eclea Bosi)
- Uma casa simples, liberdade, um refúgio
- E também ele conseguiu se realizar porque ele ia mais pro fundo do que os outros. Na verdade, ele alcançou o que queria. Ele conseguia ver/ser mais do que os outros. Ele conquistou uma liberdade e por isto que a gente fala
- Ser mais peixe que gente?
- Sim, porque o peixe, segundo as descrições, era ideal para as realizações dele.
- Mas quem está dizendo isto?
- Foi o peixe. O peixe é ele. Porque o narrador ouve.
- Você está dizendo que pode não ter tido o diálogo e o peixe é ele?
- Isto é um mistério? E o que vocês acharam do discurso do peixe que domina a 2ª parte?
- O peixe dá um sentido de liberdade, é livre na água, tem liberdade, tem o espaço livre pra todo lado na água.
- Mas não pode sair da água...
- Mas é o meio que ele escolheu.
- Escolheu?
- Mas está feliz. É o meio dele, mas está feliz.
- Ele está feliz com o meio que ele tem.
- Será por que ele não conhece outro?
- Mas este peixe conhece. Este que fala conheceu o pescador.
- Ele falou que o peixe é feliz na água porque não conhece outro meio, mas ele teve outra experiência.
- Aqui tem “nós peixes somos sustentados por todos os lados, apoiando com confiança e harmonia em nosso elemento”. Ele está bem ali.
- Acho que na realidade ele se encontrou. Ele é o próprio peixe. Ele é o peixe falando da própria experiência. Como metáfora.
- Ali não existe ambição
- Ele tem base.
- E o que a ambição tem a ver com isto?
- Tira a paz, o sossego.
- Mas será que ambição está ruim?
- Um pouco
- Ambição é sonho? Sonho é ambição?
- Na paralela????
- Se não tem ambição, não tem sonho.
- Eu posso ter os dois em paralelo, aí eu tenho só ambição ou tenho só sonho.
- Mas não ainda ficar só sonhando.
- Saiu uma coisa interessante. Ter ambição é escolher o que quer. E o que faz a gente correr atrás do que quer?
- O sonho.
- Não tem uma coisa em paralelo? Um dá força do outro.
- Ela está falando que aqui é só financeiro.
- Ambição é só financeira?
- Não, o que é ambição? Pode ter vários sentidos. Eu posso ter ambição financeira, esta é muito comum. Mas a ambição que posso ter é só do dinheiro?
- Não, geralmente é uma decorrência.
- A gente faz um uso negativo da palavra que é neutra. Ambição é querer algo.
- Como o Coord. 2 falou, a gente só reconhece o uso negativo de uma palavra neutra.
- Não entendi.
- Ambição é querer algo e isto virou xingamento. A pessoa ambiciosa é perigosa.

- Uma concorrência com o outro, disputar com o outro.
- Mas e se a ambição da pessoa é construir um objeto social pra ajudar todo mundo?
- Eu tive falta. Minha sogra na época dizia que eu era uma pessoa ambiciosa. ... Só que o filho dela ele sonhava, ele não era ambicioso risos. Eu quero realizar coisas filantrópicas. Morro de dó de idosos. Então o meu sonho, e ainda quero realizar, é montar uma casa para idosos fraternal???
- Então a gente pode ter boas ambições. Então a ambição é neutra como o sonho é neutro. Posso ter sonho realizável, mas também apirotécnico, completamente fora da possibilidade. Então, será que a gente tem que prestar atenção nisto? Como a gente usa um conceito? Pra ele não ser um julgamento?
- As palavras são sempre dentro do seu contexto. Não existem a palavra em contexto absoluto... Nos contextos sociais, a palavra tem contexto, Ambição pode ser boa, ambição de fazer um orfanato. Mas, se eu acho que se for para ensinar as pessoas a produzir, eu não acho que seja um bom conceito (30:10).
- A ambição é uma palavra que está no contexto das pessoas e tem um significado.
- Cada um vai sentir de uma maneira. De repente pra um a ambição está ligada a ter dinheiro... Surgiu a coisa da ambição, surgiu de repente ele buscar uma outra realidade e aí ele conseguiu uma casa pra família, uma choupana pra ele e depois disto ele tem uma certa felicidade.
- Mas eu lembrei que a palavra ambição está no texto. Estávamos falando de uma maneira teórica, mas ela está no texto.
- Acho que os peixes ficam muito satisfeitos por não terem mãos e não ter ambição.
- Não é ter ambição e sim “ter a vã ambição”
- Sim (lê o texto) ...’ ter a vã ambição de alterar seja o que for’.
- Qual é o outro lado disto?
- É não ter ambição e tudo fica daquele jeito.
- Isto no comportamento dos homens é ser uma pessoa acomodada. Sem sonhos. Isto é uma coisa ...
- Era o sonho dele ser daquela maneira, sem precisar alterar nada.
- Ele é na verdade o peixe.
- Como que era isto, da acomodação no Saufe?
- Ele já conseguira o que queria – a casa da família.
- Ele tem uma dupla personalidade. Cutucando, o Saufe seria acomodado?
- Várias pessoas dizem não
- Ele não era acomodado, estava atrás do projeto. Não questionava a religião, a fé.
- Na crença ele é o peixe ????? Aqui a gente está pretendendo uma unidade do personagem. Mas são multifacetados.
- Somos de um jeito só ou somos multifacetados?
- Outra provocação – este cara que é pescador, é o mesmo cara do Saufe, mas passou muito tempo – ele era um rapazinho e agora envelheceu. Vocês são pessoas maduras, a maioria. Vocês são as mesmas pessoas da juventude?
- Muitos respondem ‘não’, muito pelo contrário.
- Só que ele olhava para o rapaz do passado e fala ‘ele’ e não ‘eu’.
- Porque ele se modificou, com a vida foi se alterando com as experiências da vida.
- E como ele deixou de querer ter asas para ser peixe?
- Porque ele viu que não adiantavam as asas.
- Mas será que ele consegue ser peixe? O que falta para ele ser peixe?
- Eu não entendo que ele queria ser peixe, ele queria mergulhar como peixe.
- Ele está questionando, está falando sob a ótica do peixe.
- Vai se renovando.
- O novo...
- Mas o peixe não está aí. A asa quebrou. Peixe está sempre boiando na água. Peixe está feliz.
- O peixe está feliz pra sempre?
- O que acontece com o peixe?
- Ele fica pra lá e pra cá. Até que alguém.... Quanto tempo?
- Oh, pessoal o peixe é feliz até que alguém pesque ele.

- Ou que ele morra, que alguém coma ele, que um peixe maior coma ele, que outro bicho....
- Mas no discurso do peixe aparece que ele está preocupado em ser feliz?
- Não (várias vezes).
- Uma frase ótima do peixe lá no finalzinho, ele fala que pode muito bem nadar sem esperança. Ele não espera nada. Pessoal não concorda.
- Ele não tem esperança, ele vegeta.
- Eu não acho, uma pessoa que tem insônia é uma pessoa que vegeta. Ela não ambiciona nada.
- Ela vegeta, mas a pessoa não pode viver sem esperança.
- Então aí nós estamos na diferença – o peixe pode e deve viver sem esperança, mas uma pessoa não pode viver sem esperança. Não quero mudar de reino, prefiro viver no reino dos seres humanos.
- Mas tem uma diferença – por que o peixe pode viver de um jeito e o homem não pode viver como peixe?
- São de natureza diferente.
- Ele mergulhava como peixe, mas ele saía da água. Ele voltava pra casa. Tem um bom senso de convivência tanto é que os outros pescadores eram manipulados pelas empresas. Acho que ele adquiriu bom senso...
- E este bom senso veio depois do quê?
- Depois das experiências. Uma sabedoria...
- Uma sabedoria a partir da experiência.
- Ele e o ... Ele ouviu o peixe.
- Mas que peixe é este?
- Ele teve o bom senso de aproveitar a experiência dele e, como bom sábio, aproveitou as experiências dos outros. Por exemplo a experiência do peixe ele aproveitou na sua experiência de mergulhar e isto que eu acho de caminho da sabedoria.
- Tem uma coisa nova aqui e quero saber o que vocês acham.
- D. Adalgisa...
- Mas aí é a natureza animal.
- Não adianta querer ser o que o outro é porque somos de natureza diferente.
- Cada um tem a sua natureza.
- Só a diferença entre peixe e homem?
- Não! Entre os homens.
- Na espécie humana, estou entendendo que entre os homens...
- A gente tem que aceitar as diferenças.
- Ah, não é melhor, é diferente.
- Sempre.
- No começo da 2ª parte eu me foquei naquela experiência que ele tinha das pérolas. A concha passa por um sofrimento, pode até ter uma infecção, mas depois isto se transforma numa pérola bonita.
- Isso, a pérola é fruto de uma invasão.
- Aí que eu acho que ele mergulha com os peixes, aí ele refletiu sobre isto.
- Então aquilo que é uma invasão, uma dor, pode se transformar em uma pérola.
- Acompanhar o movimento/sofrimento da pérola também traz uma sabedoria
- Ele está cultivando. Isto é uma coisa que tem a ver com a gente?
- Nossa! Só.
- E será que tem uma diferença aí quando a gente tem 18 anos e nós, vamos colocar assim, acima de 50? O que fomos aprendendo?
- Paciência, tolerância. Sabedoria.
- O que é ser sábia?
- A gente vai entendendo várias coisas, vai aceitando coisas.
- Mas tem também que podemos ficar intolerante.
- Mais experiência, mas eu posso ficar intolerante.
- Acho que isto é uma característica da pessoa, da personalidade.
- A gente acha que a idade nos permite certas coisas.
- Eu não acho.

- Eu adoro.
- Tem gente que acha que pode pedir tudo porque já fez???
- Vamos pensar aqui, será que é só isso? Eu concordo que tem a parte do gênio.
- A exigência.
- A não aceitação do que?
- De si próprio, da vida. Vocês concordam?
- Quando ele quer, pessimismo.
- A gente pode falar de um único comportamento?
- A diferença de um peixe assim e um tubarão. É tudo peixe, mas tem a mesma natureza? Dentre os homens eu tenho diferença?
- Em vários aspectos.
- Mais ou menos, por etapas da vida.
- Quando você casa tem o sonho de ter filhos, quer cria-los bem, que eles sejam bem-sucedidos. Agora nesta fase a gente tem uma liberdade, a gente conquistou uma liberdade. Por isso que agora posso dizer vou fazer o que eu quero.
- Vou fazer outra provocação. E aquela nossa história criar os filhos e ser felizes para sempre?
- Se a gente falar com uma pessoa de 17 anos sobre o que é felicidade, defina o que é felicidade...
- Associando o seu sonho com a felicidade do outro. Quero que ela seja isto ou aquilo.
- O que importa é ela ser feliz.
- Mas isto aí só é seu, não é do outro. Não é o mesmo.
- Mas se falar 'o que é felicidade?', fala com a gente.
- Você não pode estar associando... com a felicidade do outro.
- Eu quero que ela seja feliz.
- Mas você quer que seu filho seja feliz?
- O que você acha que é felicidade, pode não ser o que a sua filha acha.
- E se a sua filha não for bem-sucedida?
- Morro de dó de idoso, morro de dó. No Brasil. Porque o meu sonho, e ainda vou realizar, é montar uma casa para idosos.
- Então a gente pode ter boas ambições. Como o Coord. 2 falou, ambição é neutra como o sonho é neutro. Eu tenho o sonho realizável e eu tenho o sonho irrealizável, pirotécnico, como aquele sonho levemente fora da possibilidade. Então, será que a gente tem que prestar atenção nisso? Como a gente usa um conceito pra ele não ser julgamento?
- As palavras são sempre dentro do seu conceito, da mente. Não sei se a palavra conceito... Dentro da análise social, a palavra é dentro do seu contexto. A palavra ambição
- A felicidade pertence ao sonhador.
- Precisa olhar para dentro.
- De repente não é o mesmo.
- Saufe é um sonhador, O meu sonho em relação a uma pessoa... Quero que ele seja head, é o meu desejo, e agora? Ele quer ser músico, e agora? O meu sonho pra ele não é o mesmo dele.
- Ok vou puxar o Saufe novamente, não é o El Nasred, é o Saufe. Ele sonhava alguma coisa para os outros? Ele sonhava pra ele mas fala que queria que os outros voassem. Era o sonho dele, mas ele acreditava que todos queriam.
- Ele achava que se ele podia sonhar, os outros também podiam.
- Será que ele estava achando que o outro podia voar como ele queria?
- Ele achava que o outro tinha que voar. Poderia voar se quisesse.
- O que existe de muito bom, mas também de muito ruim que a humanidade já fez, existia um sonho.
- Só ver o caso do Hitler.
- Sonho meu pode não ser o seu. Ele é lógico, ele não é lógico.
- É a negação da lógica.
- Vamos voltar para o El Nasred, que mais gostaria de falar. O que acharam dele?
- Água morna. (risos)
- Ele tinha um mundo diferente.
- Ele vivia no mundo dele, num mundo diferente.

- Ele conseguiu isto!
- Ele conseguiu isto, sussa ? (risos). Mas ele conseguiu fácil? Ele enfrentou alguma coisa no caminho dele?
- Ele ficou revoltado com o mundo?
- Ele não seguia mais o Alcorão.
- Mas se a gente for pensar, ele fez mudanças. O que vocês acham quando as pessoas não conseguem fazer mudanças?
- Ok, parece uma aula de filosofia. E o que é ter mudanças? O que é ter medo de mudança?
- Mas se não errar não vai ter mudanças.
- Minha mãe, eu não entendia
- O que aconteceu com você?
- Quando eu perdi minha mãe, fiquei perdida. Aí eu perdi segurança. Eu tinha um medo forte,
- Uma mudança de vida, um medo tão forte foi a partir de uma experiência ruim.
- Só pode entender depois, tipo 2 anos depois.
- Eu fui pega de surpresa. Trabalhava num escritório. Fazia faculdade.
- Eu adoro mudar.
- O que te levou a gostar de mudar?
- O peixe diz ‘Como pode obter o equilíbrio uma criatura que se recusa a abrir mão da ideia de esperança e risco?’
- Mas o peixe está provocando – diz que não é possível equilíbrio se tem esperança e risco; está dizendo que não deveria ter equilíbrio.
- Ele está questionando, mas ele está falando sob a ótica do peixe! Ele tem uma certa felicidade.
- A pessoa que aceita mudanças, ela consegue se renovar.
- Mas o novo lá traz ... Quadro cíclico, o novo é mudança.
- Por isto que na vida do peixe não tem nada novo.
- O novo não está sabendo. Pra nós toda mudança ...
- Quando muda tudo é novo...
- Mas isto é a partir da sua experiência que é legal.
- Poder mudar depois de 2 anos que perdeu a mãe é legal.
- Todo mundo vai perder a mãe mesmo
- Posso falar uma coisa? Eu perdi meu marido há dois anos e meio. Nós vivíamos bem, era um homem excepcional, maravilhoso. Eu tinha que achar um caminho, inventar coisas. E eu tinha medo de voar. Eu não tinha asas (ri). Aí fui ao médico, fiz um tratamento, e com esforço venci o medo. Agora conheço outros países, viajo. Então eu me reinventei. Poder viver.
- O que ela fez?
- Tudo! Ela lutou.
- Mudanças podem exigir uma luta.
- Ela não se acomodou onde ela estava.
- Ela quis mudar e conseguiu.
- Senão ela ia ficar depressiva.
- Da vez passada, uma coisa muito interessante nesse sentido, que é poder olhar de outra forma.
- Ela escolheu viver, continuar vivendo. Se reinventou.
- Eu concordo com vocês, pensar em caminhos, mas neste texto, este homem fez isto. Ele levou um tombo, a mulher o enganou, ele ficou sem esperanças, foi para qualquer lugar aí falaram ‘aqui pesca pérola’, e na 1ª vez o peixe pôs na sua mão, é um anjo. Ele ensinou ele a pegar as melhores, ajuda ele até hoje, ele se tornou o mais rico dos pescadores, e nem liga para isto, deu para a família. Vive na choupana, fica sem nada para ele. Então este cara da história encontra ele sentado na areia, um cara de feliz, ‘um semblante tranquilo, que passa harmonia e felicidade. Ele não queria nada e acabou que veio tudo pra ele através de um peixe-anjo
- Uma troca, um anagrama no qual não cheguei ainda.
- Ele estava paralisado ou estava em paz?
- Ela falou que quando você descobre a paz, corre o risco de ficar paralisado. Vocês concordam?
- Não, existem outras possibilidades.

- Se você tem outras coisas, aquilo você não achou!
- Mas não é que bastou, você pode enxergar de outra forma.
- Eu vou contar uma historinha de uma cidade no Peru, pertinho de Cuzco. Que chama Poroy, conheci um guia encantador através de histórias que disse que ali foi onde as tropas espanholas pararam antes do enfrentamento com o rei inca. Estavam muito cansados e então o general falou ‘por hoy basta’. (risos)
- Quando eu dei um basta pude relaxar. Passei a ser feliz. Meu marido fugiu com a cozinheira. Rss
- Você pôs um basta no que te aborrecia.
- Podemos fazer isto?
- Basta parece uma palavra interessante.
- Saber dar o basta, descobrir o basta.
- As vezes sinto saudades.
- Pode dar o basta porque tem outras coisas importantes.
- Eu quero dar o passo, mas ainda não posso. Mas você pode pensar nas consequências até dar o passo. Aí a cobra fuma.
- O basta pode vir de dentro da gente.
- Nós somos mergulhadores na vida em busca das nossas pérolas. (Palmas)
- Isto superou tudo. Não dá pra falar mais nada.
- Não é legal o que a gente pode construir junto?
- Está surgindo aqui a ideia de caminho. Novos caminhos, pensar nos caminhos que passaram e no texto o peixe fala de caminho. Pro peixe é uma ilusão porque pra ele não tem caminho, onde ele vai está certo ir. Ele acha que para o homem o caminho é uma ilusão. Eu lembrei de um poeta espanhol que dizia ‘*caminante no hay camino*’. Fala que não há caminho; caminho só existe quando você olha pra trás e vê por onde passou. Pra frente não há caminho. E é legal e eu acrescentando o que vocês falaram que temos os caminhos internos, uma vastidão. E a gente pode procurar pérola, o tamanho que existe lá dentro. A pérola é uma cicatriz, algo que no começo é ruim, foi dado uma solução e fica uma coisa boa. Foi dada uma solução porque ela cobre e a gente tem essas dificuldades como a própria D. Adalgisa falou que tinha um sonho que não pode fazer e aí foi fazer o que dava. Mas achou uma pérola em alguma coisa que no começo não queria. Depois descobriu que era uma pérola. Mas só descobriu olhando para trás.
- E tem mais porque as pérolas mais especiais estão mais no fundo.
- Ou dentro de nós. Eu mergulhei atrás da D. Adalgisa.
- E mergulhamos no texto.
- Trazer da próxima vez as pérolas da reflexão.

ÚLTIMO ENCONTRO – “O MERGULHADOR”

Resumo do encontro anterior [comparar com o anterior]

EU: agora a gente pode começar a discussão de hoje. Lembrando que na 2ª parte ele é efetivamente o mergulhador. Agora a palavra está com vocês. Quem quer comentar? Aquele silêncio inicial

- Eu acho que mostra um pouco que as decepções na vida da gente são motivadoras, porque ele se decepcionou tanto com as pessoas, mas ele foi depois encarar uma outra vida. Ele foi encontrar outras coisas. Se ele não tivesse tido a decepção, talvez ele não caminhasse pela estrada para encontrar outras coisas. Apreciar outras coisas. Então às vezes a decepção na vida da gente é importante.

EU: o que vocês acham disto?

- Eu acho que está certo.
- Você tem que acreditar em você pra ir em outra direção.
- Não ser tão ingênuo como ele era.

EU: então pra quem não escutou, a frustração nos fortalecer e a colega complementou que isto pode fazer com que você saia da ingenuidade, coisa que Saufe não saiu na 1ª parte.

- Mergulhar a fundo sem o medo que ele tinha na 1ª parte.

Eu: e que medo era este na 1ª parte?

- Ele não tinha medo na 1ª parte.
 - Ele foi ficando com medo depois da frustração.
 - O que eu entendi é que antes ele ficava acuado diante dos mais poderosos. Depois ele aprendeu a lidar com esses poderosos.
 - Não acho que ele aprende a lidar com os poderosos.
 - Ele pode, mas ele começa todo um outro sonho
- EU:** mas ele já não é tão ingênuo e ele já não está acuado. Mas ele começa com outros sonhos. Ele é muito sonhador, não tenho dúvida.
- Você falou da mudança, e muitas vezes você é obrigada, por uma circunstância, a mudar. Eu acho que aí é mais difícil – houve uma situação e você é obrigada a mudar. Ou você muda ou não sei o que vai acontecer. Isto é muito mais difícil.
- EU:** eu falo que não tem tu vai tu mesmo.
- Ele ficava acuado por causa dos poderosos e depois ele aprendeu a lidar com os poderosos.
- EU:** o que vocês acham disto? Ele aprendeu a lidar com os poderosos?
- Acho que não
 - Ele pode, mas ele começa todo um outro sonho.
- EU:** ele já não é tão ingênuo. Ele foi acuado pelos poderosos. Mas ele começa com outros sonhos.
- Ele é muito sonhador.
- Coord. 2:** mas a 2ª parte do texto ele continua sonhador?
- Acho que não.
 - Eu acho que sim
 - É diferente.
 - Ele continua falando com outros seres. Desta vez o peixe.
 - Talvez com o sonho de ser poderoso também. Ele era famoso lá.
 - Eu: ele era famoso no local, mas ele ligava pra isso?
 - Não. Ele encontrou a felicidade e a harmonia que tanto queria. Tanto que ele deixou a família bem, mas sabia bem o que queria. Ele queria uma vida simples, uma vida tranquila. Uma vida próxima da natureza, dos peixes, na choupana dele, e aí ...
- EU:** e aonde você viu isto no texto?
- Pelo encantamento com que ele falava dos peixes. Porque aquilo não existia. Ele nem imaginava, ele romantizava.
 - Parece que ele vai sutilmente....
 - Tem a praia também.
- EU:** ele deixa a família bem, mas ele mora com a família? O que choupana significa?
- Não.
 - Uma cabana.
 - Uma casa simples,
 - Liberdade
 - Um refúgio.
 - Também ele conseguiu se realizar porque ele ia mais para o fundo do que os outros, não é verdade? Ele alcançou também o que ele queria. Conseguia ter mais que os outros.
- EU:** ser mais peixe que gente?
- Porque o peixe, segundo o conto, era o ideal
- EU:** Mas quem está dizendo isto?
- Ele acreditou, mas não sei quem disse.
 - O peixe
- EU:** Pelo que está no texto, é o peixe.
- O peixe é ele, porque o narrador ouve.
- EU:** O narrador ouve a ele. E aí existiu o diálogo. Então, você está colocando que talvez não tenha existido o diálogo e ele é peixe. É um mistério. E o que vocês acharam do discurso do peixe? Já que ele ocupa uma boa parte desta segunda parte. Estou escutando alguma coisa aqui?

- O peixe é livre na água, vai pro lado que ele quiser. Tem o espaço livre pra todo lado. Na água
- Mas ele não pode sair da água.
- Foi o meio que ele escolheu
- E está feliz.

EU: Então ele está feliz com o meio que ele tem?

Coord. 2: mas este peixe conhece.

- Nenhum peixe conhece. Ele pode ser feliz na água porque não conhece outro meio.

Coord. 2: este peixe que fala, conheceu um pescador.

EU: Ele teve uma experiência fora da água.

- Somos erguidos e sustentados por todos os lados, apoiando-nos com confiança e harmonia. Ele está bem aqui. Está feliz onde está.
- Eu acho que na realidade ele se encontrou. Ele é o peixe falando da própria experiência dele. Como uma metáfora.
- Ali não existe ambição.

EU: Ali não existe ambição. Então isto nos leva a concluir o quê?

- Que ele tem paz e tranquilidade.

EU: e o que a ambição tem a ver com isto?

- Ela tira a paz.

Tumulto de vozes

- Tira o sossego.

EU: mas será que é só ruim?

- Um pouco

Coord. 2: ambição é sonho?

- Na paralela. Eu tenho sonho e não tenho ambição.

EU: você pode ser só um ou só outro, é isto? Ou eu posso ter os dois em paralelo. Aí eu tenho só ambição, ou tenho só um sonho.

- Não adianta ficar sonhando toda a vida.

EU: aí temos uma coisa interessante aqui: ambição é correr atrás do que quer. E o que faz correr atrás do que quer?

- O sonho.
- Um dá força pro outro.
- Ela está falando que aqui é só o financeiro.

EU: não, ambição pode ser de todos os lados. Eu posso ter ambição financeira, isto é muito comum. Mas a ambição que eu posso ter é só isso? Mas a ambição que eu posso ter é só financeira.?

- Não, geralmente é uma recorrência

Coord. 2: a gente faz um uso negativo de uma palavra que é neutra.

ÚLTIMO ENCONTRO – HISTÓRIAS DE CONVIVÊNCIA (7 abr.)

Este é o nosso último encontro da 1ª parte. Eu vou pegar um pouco do que é possível.

Participação linda, falas emocionantes. Participação encantadora. A experiência do possível – a experiência possível, o sonho possível. E da arte de encontrar a paz porque a 3ª idade traz exatamente esta oportunidade de procurar a paz. De viver e conviver. E isto não tem preço.

Do que foi esta experiência.

Coord. 2 - fala de que existem participantes novos. Como eles entraram no mês. Resumo – todos leram um conto, esse texto. No 1º encontro cada um falou o que achou da leitura, o que ficou da história, o que foi tocante, que dúvidas surgiram. Depois no 2º e 3º encontro a gente discutiu o que surgiu no texto – cada ideia, cada conceito, todos podem falar, da mesma forma, não tem certo e errado, não é uma análise literária do texto. Que experiências a gente tira dali. E hoje que é o 4º encontro. Não vamos mais discutir, mas falar ‘pra mim fica uma experiência assim do texto, o que foi falado, fica esta ideia, fica aquela ideia, fica esse aprendizado. O que fica dessa vivência desse ciclo aqui.

Mesmo a senhora que começou hoje, pode falar sobre convivência.

EU: A nossa última parte foi mergulho profundo e que entendemos os dois mergulhos. Um mergulhar no profundo azul do céu e outro o azul do mar. Um participante sugeriu que nós assistíssemos Jonas e o circo de Iona que fala de um menino sonhador em uma cidade do interior. Neste texto temos o sonhar como uma das vertentes. Teve também uma parte sobre a questão das decepções – a decepção que o Saufe teve na 1ª parte, mas veio a reflexão de que as decepções são motivadoras muitas vezes pras buscas de novas coisas e nos fortalece. A ambição, por outro lado, tira o sono. Teve também a coisa do mergulho. Aqui ele é de fato mergulhador, e foram muito as reflexões sobre o mergulho. Mergulhar mais fundo sem medo, antes ele estava acuado pelo poder dos poderosos. Ir mais fundo, alcançar o que quer. Só que para ir atrás do que quer, é preciso um pouco de ambição, senão não vai. E aí outra participante falou que ficou mais nas pérolas para mergulhar no texto. E aí veio uma colaboração que me fez muito pensar ‘somos mergulhadores em busca de nossas pérolas da existência’. A história do mergulho sem medo também trouxe 2 provocações do Coord. 2: El-Nazred fica sem nada pra ele, mas feliz e tranquilo. É um fato, encontrou a pérola que ele queria, que é a pérola da transcendência do mundo. E aí o Coord. 2 provoca de novo e fala que a pérola é uma cicatriz – a ostra vai formar a pérola quando ela é invadida por algo intruso, que não lhe pertence. E aí fiz uma ponte com o que foi trazido sobre sonhos e mudanças. O que são essas 3 categorias que nos levam à possibilidade de caminhos novos. Todos concordaram que Saufe e El-Nazred são a mesma pessoa. Ambas as partes desse homem são sonhadoras. El-Nazred fala com peixe – em que língua fala com o peixe? Mas dá pra gente perceber que encontra a felicidade ao mergulhar ao encontrar o peixe e tudo aquilo que conversa com ele. Só que isso implica em deixar a família, desta vez não como a 1ª parte, ele deixa a família bem estabelecida. Então, se vocês lembrarem na 1ª parte, que ele abandona a família, que não teria como sobreviver. E desta vez ele deixa a família bem, porque se torna um mergulhador de pérola, consegue dinheiro, mas deixa a família bem e abandona. Aquele sonho da estabilidade, a riqueza não lhe interessa. Mas sim a simplicidade que lhe interessa. Agora ele começa um outro mergulho, que é ir com os peixes. Ele pode ser como peixe que vive na água. É seu ambiente ser livre em outro lugar. Peixe não tem ambições nem esperança e isto é uma coisa que tem duas vertentes. Levam à vida e pode ser morte. Mas também eles não caíram lá quando teve o dilúvio, quando todas as punições de Jeová, de Deus, mas falta ambição. E isto tem ligação com não poder criar. Tudo isto pelo fato dele não ter mãos. Então pra ele, peixe, é inútil ter esperança, e vontade de criar. Pra ele basta viver a vida como dá pra viver. E aí veio o comentário que o peixe e o Saufe são acomodados. E será que dá pra ser tão acomodado como o peixe? E alguém falou que homens e peixes tem natureza diferente. Isto vai ter que levar em consideração. Ambição tira sono, mas precisa de um pouco. Então parece não ser uma questão de não ter ambição, ou não ter sonho, tem uma parcela que é importante. E eu lembro de uma fala de alguém que trouxe um marido muito sonhador e que não fazia nada também porque ficava só no sonho. [risos].

Deve ter vários

EU: Tem muitos, e isto é uma coisa real. Mas tem também uma coisa de não deixar só na palavra, que também foi dito por vocês, na teoria. É experimentar O sonho também é necessário. Algumas pessoas falam de seus sonhos para um participante, é poder fazer, uma participante trouxe, que é fazer uma casa de repouso filantrópica. [risos] Foi tão lindo quando um de vocês falou “o sonho pertence ao sonhador”. Saufe foi se modificando, e surgiu um pouco de polêmica, eu não sei se olho pra pessoa que fez a polêmica, acho que vocês já perceberam. Veio o acomodado, que gerou uma polêmica. Mas Saufe caminhou, saiu da zona de conforto que ele estava, porque foi modificando. Ele desenvolveu paciência, tolerância. E aí veio o paralelo com a nossa idade, acima de cinquenta, que permite experiências ricas, mas que também tem o outro lado da história, que pode trazer intolerância. E isto é algo pra gente levar pra casa. Só que por outro lado, liberta de muitas obrigações. Quem tem família, já cuidou dos filhos, a obrigação vai deixando de existir. E isto dá espaço pra você ser. Saufe descobriu que o que passava e alguém comentou que tem a hora de dar um basta nessas obrigações, um bastas nas demandas dos outros. Só que é assim, eu fui pensando também, que o Saufe quer viver em um mundo diferente e conseguiu. Teve também a fala do medo da mudança e relata que perdeu a mãe muito cedo. Outra, em contrapartida, disse que adora mudança. E alguém comenta o desafio do equilíbrio. Uma terceira ainda vai comentar que teve que se reinventar quando o marido bom morreu. Antes tinha medo de voar, foi vencendo esse medo e hoje adora. As pessoas que aceitam mudanças, também foi comentado aqui, lidam com o

imprevisível. E pra fechar, com a conclusão proposta por alguém, é que o novo atrai e assusta. Mas talvez a gente tenha que enfrentar

- Você falou da mudança, e muitas vezes você é obrigada, por uma circunstância, a mudar. Eu acho que aí é mais difícil – houve uma situação e você é obrigada a mudar. Ou você muda ou não sei o que vai acontecer. Isto é muito mais difícil.

EU: eu falo que não tem tu vai tu mesmo. Não tem jeito

- Mas é muito mais difícil porque você não está preparado.

EU: Como é a história da colega que contou que a mãe morreu quando ela tinha doze anos. É muito assustador. Como são muitas assustadoras as mudanças. É mais difícil.

- O que é importante é por que está acontecendo? Eu entrei nisto aí porque lembrei de quando perdia minha mãe.
- É uma condição para a gente entender.

EU: Talvez a gente possa pensar que tem uma vantagem. Mas eu gostei muito. O que a gente quer escutar é vocês falando do que foi esta experiência com a gente aqui. Pode falar mal que não tem problema. Críticas construtivas nos ajudam a refletir também.

- Maravilhoso, ponto. O importante, bonito, o belo que aconteceu, porque nós idosos, eu Marina acabei de fazer 69, aprendi a respeitar muito mais, porque o ponto de vista do outro acrescentou tanta vivência, tanta luz, tanta direção bonita, que este texto eu só posso aplaudir.

EU: quem mais que quer falar? Tem a turma que só escutou! [silêncio total]

- Eu acho interessante como a intuição de vocês fez com que a gente pudesse tirar muita coisa. Se não fosse essa intuição que vocês tiveram, nós não teríamos chegado a nada do que foi discutido. Eu falo por mim; eu estava pronta pra não abrir a minha boca. ‘Não vou falar nada’ e no fim acho que fui uma das que mais falou. Então eu acho que a maneira da gente perder a timidez, e começar a falar, foi a maneira mais rica que eu achei que vocês fizeram a gente..

EU: vocês fizeram, nós só demos um empurrãozinho.

- Mas esse empurrão foi muito bom.
- A gente só ia ler o texto, e não entende nada, mas aí quando a gente começa a mergulhar no texto, é outra história. Numa leitura primeira você não pesca nada. Aí depois quando você começa a mergulhar, aí a coisa vem à tona, falando do sonho! Eu acho que a todo momento está sonhando, mas não é aquele sonho, é um sonho com pé na realidade, a gente pode mudar o sonho, e tudo isto a gente conseguiu em um pequeno texto.

Coord. 2: Ela até deu uma idéia para um novo slogan pra gente: na primeira leitura a gente não pesca nada, tem que ler de novo.

EU: Eu vou dizer uma coisa, eu confesso, eu sou a caçulinha no LabHum, estou lá há cinco anos no Laboratório de Humanidades que é a origem, de onde saiu a ideia no laboratório de leitura. Vivia a gente trocar ideias no grupo, deixar de ter medo,

- Eu gosto muito de ler, eu leio muito, sou uma devoradora de livros. Eu sempre tenho dois, três livros na cabeceira, mas nunca tenho com quem comentar. Então foi uma experiência muito boa pra mim. Você começa a ver a leitura de uma outra forma. Você ter que argumentar o que você lê fica mais gostoso.

EU: Fica uma provocação. Será que você pode convidar outras pessoas para compartilhar?

- Com certeza.

EU: Então, esse é o ponto de partida.

Coord. 2: Uma coisa é a leitura lida, outra coisa é a leitura relida, outra coisa é a leitura compartilhada. Nada como contar o que você leu, mesmo que você tenha lido a mesma coisa.

- Tem percepções diferentes
- A gente começa a pensar. Pensar num sonho, nas metas que a gente tem, nos sonhos que acabamos não realizando, nos sonhos que ainda tem, que estão por vir, né?
- Eu sou como ela, tenho que ler, tenho que ler, olha o Alzheimer. Obrigação ler. Pego um livro, pego outro livro. Mas achei muito legal, pois como ela falou, tem que pensar mais.
- Eu falei para escrever. Vontade de escrever. Absorver muita coisa.

EU: aí deixa de ser uma pérola e passa a ser um colar de pérolas. Quem conseguiu escrever alguma coisa sobre o conto, sobre a vivência, ótimo. Essa é a maneira de desenvolver um jeito

- Inaudível

Coord. 3 lê o que uma participante escreveu: “Sonhar é bom, mas nem sempre. Difícil é acordar em pesadelos. Meus primeiros sonhos começaram com meu avô materno que partiu para a cidade dos pés juntos muito cedo. Não tem retorno, fica apenas um grande vazio. Custou preencher este vazio. Tudo ficou lá, uma ação que se esvai, pelas mãos. Nunca esqueci dele, nem das músicas que ouvíamos juntos. Não tenho muitas pretensões. Cresci, sonhei e eram apenas quimeras. Saí pelo mundo sempre à procura de alguma coisa ou algo que pudesse alimentar os sonhos. Isto faz parte de todo ser humano e alimenta nossas vidas. Eu desejava encontrar alguma coisa que eu pudesse dizer: isso que eu quero. Fiquei noiva três vezes e nada. A única coisa que me alegrava eram os pais. Gostava muito. Aí retornei. Saí da minha cidade onde não tenho boas lembranças, e fui para bem longe, sozinha. Eu tinha 20 anos. Tive medo. Encontrei amigos, família japoneses que me acolheu muito bem e me ajudaram a reformar a escola que não tinha fossa. Tinha que atravessar uma muito grande. Como consegui, eu não sei. Voltava para a pensão em cima de um caminhão, mas eu gostava pois era tudo novidade. Um dia minha irmã ficou doente. Soube por meio de um sonho, mais uma vez a vida me pregou uma peça. Fui para São Paulo, na colônia de Itaquera, novamente japoneses. Deixou saudades. Conheci novos amigos e eles gostavam de dançar. Foi onde conheci meu companheiro. No começo tive receio, após tantos fracassos. Mas aos poucos fui conhecendo melhor: afinidades, familiares, música, dança e principalmente caráter. Após três anos de namoro, casamos. Tanto ele como eu ajudamos nossos amigos. Tivemos três filhos, depois de tantos sonhos começados. Éramos dois companheiros. Durou cinquenta e sete anos, os filhos formados. Estava tudo bem até que um tombo do meu marido começou um vale de lágrimas. Esta é a vida. Consegui depois de tanto vaivém realizar o meu sonho. A vida me fez viver meus sonhos. Quem não sonha adocece.

EU: Ela faltou hoje, mas deixou isto que fez a ponte com a vida dela. Isto pode ser um propósito, da gente fazer uma ponte. Quem mais topou? Podemos falar ou escrever sobre isto? Pode ser apenas uma palavra lá, não precisa ser um texto.

- Mexe com as emoções.
- Viver o dia de hoje como se não existisse o amanhã. É uma proposta pra minha vida. Meu pai dizia que o homem se preocupa muito com o passado e com o futuro e ele esquece do mais importante – que o dia de hoje se chama presente.
- Mas ele não vivia sonhando? Então ele não vivia o hoje.
- Sonhar faz parte, mas ele vivia atrás do sonho.
- Até certo ponto.
- Eu tinha lido sobre este tipo de trabalho no Laboratório. Este tipo de trabalho de mediação na leitura, me coloca muito a questão de que eu também leio muito, leio até em papel higiênico. Mas a questão da leitura não partilhada, ela muitas vezes fica empobrecida porque ela não me traz uma ressonância do outro. E o que ocorre aqui, em épocas em que tudo o que a gente fala, escreve, imediatamente é certo ou errado, principalmente nas redes sociais, esta experiência aqui dá uma possibilidade de ver que é possível filosofar serenamente. E isto cria contextos e cria outras situações. Pra mim foi muito bom porque esta pérola, abrir a boca pra falar é a areia, é o opaco e a gente fica ‘não vou falar, não vou falar, vão me julgar, mas aí ‘eu vou falar’ e este falar é que faz a transparência da pérola. Pra mim foi muito lindo este momento, porque eu acredito que hoje somos melhores do que há 3 semanas atrás. Da mesma forma como o Saufe, ele tinha este nome e depois que ele mergulha. Pra mim este mergulho é muito interessante. A gente fala que está envelhecendo e tem tantas coisas pra segurar, tem corrimão, e ele mergulha na água, não tem corrimão. É mergulho, é entrega, é ir para. Pra mim foi uma benção. Eu agradeço a mediação de vocês porque isto transforma.

EU: E você pode ter certeza que é um caminho de duas vias.

Coord. 2: uma palavra que ficou, no último mês.

Claudia: Lembra que a gente começou com uma palavra olhando no espelho? É a mesma coisa, ao invés de olhar no espelho, olha o texto. Falar da experiência.

- Emoção

- Liberdade
- Revelação
- Realização
- Reflexão
- Insistência
- Vontade de viver
- Sonhar novamente

Coord. 2: mergulhar juntos

- reinventar
- coragem
- resistência
- procura
- interação
- imaginação
- força
- enseja reprimir emoções
- mudança
- obstinação
- persistência
- coragem
- esperança
- entendimento
- aceitação
- emoção
- companheirismo
- fé
- Eu não li o texto, mas pelo que eu estou ouvindo, ajuda
- amor
- conhecimento
- solidão

EU: será que essa solidão tem dois lados? Tem solidão e solitude.

- pensar
- respeito
- ansiedade
- bondade
- esperança
- experiência de vida
- gratidão
- poder
- lutador

Vou falar pra todos. estamos aqui, timidez em geral. Por isso que ninguém quer falar. Tem vontade. Eu estava no primeiro ano, lendo a cartilha. Lia três, quatro páginas, a gente contava certinho. Hoje, a gente não consegue. Quase todos contaram. Timidez em geral.

EU: Eu vou contar com uma palavra: experimente!

- Eu vou perder esta timidez para a próxima. Palmas

Coord. 2: acabou de perder, rolou pra debaixo da carteira, já era.

- Eu sou tímida e falo. [Risos]
- Solidariedade

EU: a insegurança existe quando eu estou experimentando alguma coisa pela primeira vez. Depois a gente fica sem vergonha. Eu tenho esperança. Não importa, é o que está dentro de você. São

palavras que fazem sentido dentro de vocês. Eu não estou aqui em busca do léxico. Eu estou em busca do sentido. Mas você tem uma tendência à crítica ou à parte intelectual.

- Eu respeito

Coord. 2: racionaliza

EU: É seu jeito de ser e é um contraponto. Mas pode ser um contraponto, só uma palavra.

- Companheirismo
- Caridade
- Amizade
- Sagrado
- Força
- Ousar

EU: Tem uma música do Caetano Veloso que eu nunca ouvi. Fiz a análise quando estava na faculdade. Tinha uns vinte e dois anos. Mas eu nunca esqueci. Não foi a análise técnica e sim as palavras de Caetano: é como ficar parado no ar antes de mergulhar. E eu morro de medo de mergulhar. É o desconhecido que nós falamos aqui. O desconhecido pode trazer muitas emoções diferentes.

- A gente fica com medo.
- Ousado

Coord. 2: Coord. 1, deixa eu fazer a minha história de convivência porque a gente também participa. Acho legal a gente fazer a nossa história de convivência, Os coordenadores participam da mesma forma. A gente coordena, mas lê o texto, tem experiência. É como se o médico passando pelo tratamento que ele prescreve. Pra gente tem uma experiência sempre, às vezes é mais intensa, às vezes menos. A minha história de convivência com este grupo é mais comprida porque eu dei aula de fotografia na Uati há alguns anos. A turma muda, mas eu conheci uma turma da Uati e desde aquela época eu ficava pensando sobre o Laboratório de Leitura para os idosos. Era um sonho, mas eu tinha medo, será? A gente está acostumada com os universitários, com uma certa faixa etária, com público de outra idade, de outra origem. É claro que muitos de vocês têm ensino universitário, mas é Unifesp, um público bem específico. Como será que vai ser com os alunos da Uati? Eu acho que vai ser bom, mas e se eles não gostarem? Ficou esse sonho vários anos, até que a Claudia pediu.

- A gente achou bem melhor. É muito melhor dar aula pra nós. [risos]

Coord. 2: Vocês são incríveis, estou apaixonado. A gente está acostumada a ler carinhas. A gente vê a cara das pessoas. Tem gente que não abriu a boca, mas ficou atenta. Tem uns que falam e conversam. Tem alguns que conversam e não olham pra gente. Mas tudo bem, tem uns que gostaram mais, outros menos, mas a gente vai percebendo que várias pessoas gostaram. Mais do que isto, mexeu um pouco com umas pessoas, que é a ideia. Isto é uma experiência muito humana; nada é tão humano quanto a literatura, nada explica o humano melhor do que a literatura. Um bom texto, um bom livro, o ser humano está ali. Agora, como foi falado lá trás, no primeiro mergulho a gente pega quase nada, mas a gente vai mergulhando naquele texto e vai descobrindo que tem mais pérolas ali. Ainda mais quando o texto é bom, mas qualquer texto é um mergulho. Pra mim foi uma experiência muito legal, de ver as asas que eu imaginei funcionando através de vocês, alguns voando, a Coord. 1 que escolheu o texto, mas não podia ter sido melhor. De cara eu não achei tão perfeito, mas depois pensei que era para ser este texto. Esta ideia do mergulho, do sonho. E para mim foi a grande experiência de ouvir de pessoas com mais de cinquenta que já sonharam e ainda sonham, mas que têm umas trajetórias mais completas, já viram os filhos sonharem, e talvez realizar. Já tiveram uma segunda leva de sonhos, talvez uma terceira. E compartilhar das experiências de vocês foi de uma riqueza incrível, a história de vida de vocês. Eu espero ser um idoso como vocês, ter o pique de sair de casa e ir para um curso e participar, fazer amizade, mas o que a gente discutiu foi muito forte, de ver a experiência de você, de sonhos realizados, sonhos desistidos, sonhos retrazidos e pensar nos meus sonhos – será que vai ficar só no sonho, eu estou perdendo tempo? Será que este sonho vale a pena? Será que eu devia sonhar mais, sonhar menos? Então olhar pra mim mesmo, me refletir em vocês, de certa forma. É complicado falar, mas é isto. Foi uma experiência incrível (Roberto, CeHFi). Tudo é mergulho.

- É um grande mergulho, foi especial pra todos. Às vezes com vinte anos não vê. Eu acho que o texto do mergulho foi muito feliz.

EU: Falando da minha experiência de leitura, mesmo porque eu sou cinquenta plus, cinquenta plus é mais chique [risos], eu vi pela primeira vez este conto em um outro grupo do professor Dante, e aí quando a gente começou a discutir um texto pra cá eu pensei: ‘é este’. Eu tenho uma coisa que ainda é de criança, que primeiro o que a gente já sabe, né Coord. 2? O mesmo texto com dois grupos é completamente diferente. Eu estava muito excitada com aquilo que poderia vir de quem já tem um percurso, que tem pra falar não só na teoria, mas que tem para falar da prática, da minha experiência, onde ela encaixa aqui, ou não encaixa, esta liberdade de poder falar concordo, não concordo. Tudo isso eu acho que extrapolou as minhas expectativas, que eram altas, mas com a certeza que ia ser o máximo. Eu esperava muito, mas foi muito mais. E a coisa mais feliz é poder ver o sorriso dos olhos, nos olhos, na boca, a expressão do sorriso no rosto e no corpo inteiro, a expressão, como o Coord. 2 falou, as vezes silenciosa, mas a gente sentia como se tivesse um fio invisível ligando todos nós. Isto me lembra de um mito pelo qual eu sou mais apaixonada, que fala do fio de Ariadne, que guia, que vai guiar Teseu pela incógnita do labirinto. E isto me faz pensar que a vida é um labirinto, como se a gente tem um fio e que a gente não está sozinha na experiência. Esta experiência não seria nada sem vocês. Foi um grande desafio, nunca tivemos um grupo tão grande.

Coord. 2: Nós nunca tivemos mais que vinte pessoas!

EU: Mas como eu sou sem vergonha, eu falei: ‘Vamos embora!’ [risos] E foi maravilhoso! Eu tenho muito orgulho de vocês. Eu espero que seja só o princípio de uma grande jornada compartilhada. [palmas]

Coord. 2: esqueci de falar uma coisa muito importante, gente. Saíram umas ideias, umas frases aqui que arrasam com os estudantes.

EU: Muito melhor, muito melhor!

Coord. 2: Alguém aqui falou da timidez, ‘não sei se consigo falar’. Gente, a literatura é sobre a vida, todo mundo entende da vida. Quem tem um pouco mais de idade, a gente acha que pode entender mais. Vocês entendem da vida, já passaram por um pedaço dela. Então vocês são especialistas. Eu não sei se os universitários, mesmo no doutorado, não tiram uma ideia assim inteligente.

EU: Mas tem uma coisa que eu também senti nesta turma, que é paixão. Em momento algum eu senti indiferença em algum pedacinho. Podia não manifestar, e isto é um exercício pra vencer a timidez, mas tinha presença.

- Você sabe que eu queria, eu tenho vontade, mas não tenho coragem.

EU: Então, mas aqui você já teve coragem de falar.

Coord. 3: Eu queria primeiro agradecer, fiquei morrendo de judiação, porque foi o máximo. Eu não pude vir um dia [Coord. 2 comenta que ela ouviu a gravação]. Porque pra mim o texto, quando a Coord. 1 escolheu o texto, eu tive um pouco de Pra todo mundo que lê este texto, ele é um texto que mexe muito com a imaginação, ele não é um texto que conta uma história trivial, e isto requer que você mergulhe na história. Eu amo esta autora porque ela coloca as palavras certas e consegue criar imagens. Amei ver todo mundo participando e acho que aprendi ... Eu venho de uma área de empresa em que nas reuniões de grupo a gente tenta puxar todo mundo pra falar, todo mundo tem que falar. E aí o Dante ensinou que tem pessoas que absorvem; elas estão presentes e absorvem. E às vezes no último encontro, elas estão processando. Isto é importante, a forma, mas também tem que participar. Se todo mundo só ficar processando não dá certo [risos]. Mas é muito de cada um e de cada momento. Eu também já sou cinquenta mais e eu tenho uma coisa que eu acho que vocês trouxeram. Acho que existe um preconceito contra as pessoas da terceira idade. Ah, todo mundo consegue, todo mundo tem uma vida, mas o legal é que... Pra mim o texto falou de uma esperança de sempre sonhar – sonha com ambição, com realização. Se a gente está aqui, a gente está realizando uma coisa. Foi super legal ver que é isto mesmo. Então, assim, eu com cinquenta e quatro tenho os meus sonhos, como com sessenta e quatro, setenta e quatro. E aí eu estou começando a perceber. [palmas]

EU: teve um texto que lembrei a partir do que a Coord. 3 falou, do Manoel Bandeira, que talvez traga uma resistência, espero que não porque é lindo e fala “Quando a indesejada das gentes chegar, ó iniludível, vai encontrar tudo pronto, a mesa posta, o campo arado, tudo coisa em seu lugar”. Tudo o que foi possível fazer. Mas preciso estar vivo, até deixar de estar vivo. Isto não é capacidade intelectual,

não é capacidade física e sim a capacidade de continuar vivo. E todos nós temos isto. Eu queria que você falasse, Claudia, pra gente estar fechando.

Claudia: Eu estou emocionada.

EU: Uma palavra:

Claudia: Eu não gosto de ninguém aqui, eu não gosto deste curso, eu não gosto de ter vocês aqui. Eu tinha medo dele acabar. Ter encontrado essas pessoas no meu caminho e contar com vocês para persistir no curso após o que passou, e também a gente teve dúvidas pelo que veio ali atrás, é o presente maior mesmo. Estão aqui pelo eu de vocês. Em primeiro lugar, tem o eu de vocês acima de qualquer coisa. Esse “eu” de vocês fez com que vocês virassem um grupo, com um potencial infinito, com a certeza de que não vai acabar. Outro dia eu estava no curso do Coord. 2 e olhei para o Dante na porta, E ele falou que precisava falar com a gente, no meio do curso dele. Acabou a aula e fui falar com os dois e falei: ‘vamos lá’. Na primeira reunião estava lá a Coord. 1 e a gente não conseguia parar de falar – vamos fazer isto, vamos fazer aquilo. Aquilo já tinha dado certo ali naquela mesa. Eu tinha visto que esta parceria já tinha funcionado lá. Só precisava saber como o meu povo aqui reagia. Eu chamo de meu, numa posse muito perigosa. A carinha de cada um, os novos que começaram agora, eu sou chorona e eu sou durona. O povo lá trás diz que eu sou brava. [risos] Mas eu sou brava porque quero que vocês presenciem, que vocês não faltem.

- Posso falar? A gente está aqui por sua causa, Cláudia. Há dois anos nós fomos abandonados, você sabe. Você ficou firme com a gente, você não largou a gente. E a gente percebeu que tinha gente querendo acabar com nosso espaço, e você ficou firme, Claudia. Você não largou a gente. E a gente só tem a agradecer. E se você está emocionada hoje, é por tudo isto que você conseguiu, que você realizou. Em relação ao laboratório de leitura, Eu não vi porque não estava aqui, mas eu sempre fui convidada pra fazer o laboratório e eu sempre tive medo; eu tenho medo de falar, tenho medo de falar besteira, de ser ridicularizada pelos meus pensamentos, e falta de entendimento também. Eu nunca quis, estudei a vida inteira, mas não sabia fazer uma interpretação de texto. E pelo que eu aprendi hoje, eu tenho certeza de que vou conseguir. Claudia muito obrigada. [palmas]
- Participante começa a cantar para a Cláudia: “sonhar contigo por toda a vida” e provoca um riso geral.

EU: Esta foi a tímida se manifestando. (Tumulto geral)

EU: Eu quero agradecer mais uma vez e falar

- Acho que todos vão aplaudir depois da minha fala. Eu quero agradecer demais o que nos foi acrescentado. Saímos daqui como pessoas modificadas para melhor.

EU: quando olhei para a questão do mergulho pela primeira vez eu não entendi nada e vocês me esclareceram. Que diabo de mergulho é este? Todo mundo tem para contribuir, ninguém tem a verdade absoluta e nem tem que procurar. A verdade é costurada através dos múltiplos relatos, porque ser humano é ter diversidade – é escutar diversas fontes, ver diversas experiências e pode nos trazer o convite de mergulhar mais profundamente na realidade. Esta é a provocação deste trabalho.

Desafio aceito

Em classe, da imagem do espelho, palavras
Como pedras soltas, mas pedras raras.
Pois cada uma, um sentimento revelava.

Algumas positivas como “sorte”,
Outras, profundas, como “amor”;
Umas, sofridas como “saudade”,
Outras, tão só “felicidade”.

Sem palpite ou interferência
Surtem “prática” e “vivência”.
Muito estresse na “ansiedade”
Muita paz na “caridade”

Não poderia faltar “experiência”
Diante de tanta vivência
Aqui mil anos vos contemplam
Como disse Napoleão.
Aqui não vai faltar gratidão.

Mas palavras revelam
De cada um – de modo simples e franco
Seu autorretrato em preto e branco.

Ciclo – O Espelho

TRANSCRIÇÃO TOTAL ESPELHO - Transcrição 1ª reunião “O Espelho”

Problemas com a gravação - Transcrição 2ª reunião espelho – 11 de maio 2017

EU: Hoje dia 11 de maio, o que mais vocês gostariam de falar desta 1ª parte. E ver se tem mais alguma coisa que vem à tona

- Eu já tinha ... Eu reli pra ver o que eu estava... Ainda alma.. mas quando criança à medida do seu crescimento ela vai voltar para a realidade e surge a 2ª alma.

EU: O que a L. foi observando é que quando a criança nasce, ela vem quase que composta de três informações: vem com alguma coisa que ela já é, e com o que é do pai e da mãe. E à medida que ela cresce, ela vai desenvolvendo essa 2ª alma. O que ele chamou de alma e que a gente pode até chamar de outro nome, mas que ele chamou de alma. E você tem então alguma coisa que vem, e outra coisa que vai sendo desenvolvido. Vocês concordam com isto? Acham legal essa ideia, querem falar mais alguma coisa

- O meio ambiente

EU: O meio ambiente vai influir. Quando nasce não tem.

- É muito verdadeiro. O meu neto, ele cruza a perna igual meu genro. Traz as coisas. Quando minha filha casou, eu até falei pra ela: ‘filha, você vai construir a sua história’. Porque realmente eles vão se modificando, e nesse plano com quem eles estão vivendo, eles ficam diferentes. Se eles voltarem a morar com a gente, a gente vai estranhar muito. É esta segunda alma. Então se transformam.
- E também a felicidade, ... e tinham outros.....
- Vejo na minha casa. Meu neto mora na minha casa. Minha filha se casou novamente, e meu neto não foi morar com a mãe, ficou na casa da avó. Por sinal meu neto vai casar no programa do Raul Gil sábado que vem.

EU: Atenção pessoal, assistir o neto da Glo. no Raul Gil.

- Qual é o nome dele?
- G. Loyola.

EU: Então esta influência do ambiente e alguém falou de um modelo que eu gosto. Eu vou repetir aquilo que eu gosto.

- Alguém que admira. Se bem que hoje em dia também imitam muita coisa ruim. [risinho]

EU: Hoje em dia eles imitam muita coisa, estão muito expostos a muitas realidades. E aí?

- Quando imita pro lado bom, tudo bem, né?

EU: Mas quando imita pro lado ruim?

- Aí que os pais precisam colocar limites pra ajudar a formar esta segunda alma.

EU: Então, e o limite vai ter que função?

Murmúrios

- Fica doidinha a cabecinha deles

EU: com limite ou sem limite?

- Sem limite

EU: fica doidinha sem limite?

- A história de outras coisas dos amigos.

EU: E a gente? Sabe o que é certo ou errado?

- Eu acho que pela experiência acho que sim.

EU: Pela vivência sabe um pouco mais.

- Mas tem coisas que eles sabem mais que a gente. Tem coisa que ele tem uma visão melhor, que às vezes abrem os olhos da gente.
- murmúrios

EU: Eles acham engraçadíssimos quando a gente conta pra eles que não tinha celular.

- Na área tecnológica sim.

EU: Como assim não tinha celular. Então tem essa coisa que começou do espelho, das duas almas que a L. trouxe de reflexão sobre essa alma que vai sendo construída, que mais?

M: E sobre a laranja, quando ele faz uma reflexão sobre a laranja? Aquela parte que ele fala que pode fazer uma analogia sobre a laranja em duas partes – uma interna e outra externa, que conforme o que acontece na alma externa você pode perder as duas ou não. As vezes você perde uma e consegue continuar sobrevivendo.

- É a perda de uma das almas. Significa a perda da metade da existência.

M: ou continuando, você pode perder a existência total. Que ele dá o exemplo de uma ópera. Deixa eu dá uma lida. “Há casos por exemplo, em que um simples botão de uma camisa ... um livro, uma máquina, um par de botas. ... Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir vida, como a primeira, as duas completam o homem, que é fisicamente falando uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência. E casos há, não raros, a perda da alma exterior implica a perda da existência inteira”. Aí ele cita um exemplo “por exemplo, a alma daquele judeu eram os seus ducados. Perde-los equivaleria a morrer e aí entre aspas “nunca mais verei o meu ouro”. É um punhal que me enterra no coração. Vejam bem, essa frase “as perdas dos ducados”, alma externa, eram morte para eles. Agora precisa saber que a alma exterior não é sempre a mesma”. O que vocês acharam?

EU: Eu vou me juntar com M. O que, por exemplo, já aconteceu pra vocês, ou que vocês ouviram alguém contar que é como se perdesse parte da vida deles? Ou perdesse a vida dele

- Normalmente se refere a bens materiais porque aí a pessoa mudou, conquistou coisas e se ela perde tudo, aí ela entra em desespero e as vezes até perde a existência. Porque ela não consegue se superar, não consegue se conformar, não consegue ressurgir das cinzas, porque o baque é tão grande que atingiu toda a sua alma.

EU: Será que é só de coisas materiais?

Várias vozes dizem não.

- Perder a alma gêmea, que a encontrou.
- Senhor presidente

EU: É? Você entendeu direitinho a coisa que ele fez?

- É melhor uma metade boa do que duas metades estragadas.

EU: Mas que mais pode dar esta sensação de perda?

- Uma pessoa que entra no mundo das drogas, depois ele reconhece e recupera, Ele perdeu metade, mas recuperou

EU: Então fica aí a meia laranja da Glória. Só que aí quando recupera. Que mais?

- Não acho que seja só material. Tem também outras pessoas... É o que eu falo, chega uma hora que se desaponta, então eu acho que

EU: Isto pode ser invertido também, quando o pai se decepciona com o filho?

- sim

EU: Então quando uma pessoa importante decepciona é como se perdesse metade?

- Perdesse metade
- murmúrios

EU: E normalmente como é que as pessoas reagem contra isso?

- EU vou dar um outro exemplo que é quando a gente está casada, está bem e aí morre um. O outro fica perdido. Agora fica perdido

M: por que tem gente que...

- inaudível

EU: Você não consegue viver com outro homem, mas você consegue viver com você? O que se perdeu? Um grande amor perdeu, mas você está viva e você continua vivendo

- tem que enfrentar a vida.

EU: tem que ir em frente.

- Seria melhor se tivesse alguém.

EU: seria melhor se tivesse um companheiro ainda.

- Eu me agarro nos meus filhos
- No tempo que o tempo é feito

EU: Gostei disso – o tempo em que o tempo é feito. Então esta coisa de perda, de decepção que vocês trouxeram, isto é muito comum na vida?

- É uma constante

EU: E aí o que a gente percebe quando tem uma perda, quando a gente tem uma decepção, o que acontece?

M: E quando as almas têm que ir pra vida?

- Procurar forças

EU: Procurar forças pra continuar a vida.

- Isto é viver – alegria, perda, decepção,
- Não tem só coisa ruim. Acordar mais forte. Um ladrão roubou minha loja inteira, e era loja de armas. Eu tive que trabalhar de novo, começar de novo. 40 armas, mil balas. A gente foi dormir, tinha casa, tinha loja, dois carros, e então tive que dobrar, desdobrar e isto porque você ser roubada em armas, você tem que conversar com autoridades, uma série de coisas. Acharam os ladrões, nunca mais vi as armas. E essas armas chegaram na 6ª feira, no sábado à noite eles roubaram tudo. Então eu tive que reconstruir minha vida novamente. Vamos começar, vamos trabalhar, vamos fazer mais bolo. Então, ficou a alma boa, né? Aquela fortalecida. 14:58

EU: Ah então falamos agora de um outro tema – a questão da qualidade da alma. Como que é isso?

- Inaudível

EU: Esse é um ponto – que a perda material é mais fácil de processar do que a perda afetiva.

- É mais dura.
- Essa cicatriz perdura.
- Inaudível. Apego à longevidade (?) uma das coisas é justamente o apego. Nós vamos perdendo amigos, nós vamos perdendo parentes, nós vamos perdendo as pessoas que mais amamos. E aí vem uma coisa muito interessante: é que cada pessoa amiga, que cada pessoa que nós perdemos, qualquer dessas pessoas é parte da história que nós perdemos. Essas pessoas são as testemunhas da nossa existência. Então muitas vezes torna-se difícil, separar daquela pessoa a parte da nossa existência. Então vira um problema muito sério, daí a necessidade, conversando na época com uma pessoa muito íntima, e um pouco mais moça que eu, é comum você enfrentar essa situação. Muito simples, fazer novos amigos. Fazendo novos amigos, novos relacionamentos, nós vamos abrandando, não é esquecer a pessoa amada, nós vamos abrandando a nossa situação. Eu casei duas vezes e fiquei viúvo há um ano. Tem que tocar a vida. Eu guardo das duas esposas a melhor lembrança.
- É muita cumplicidade.

EU: Então o senhor está me dizendo que um pedaço delas continua com o senhor.

- Claro.

EU: Então a perda não foi total.

- Não as perdi totalmente.
- Maravilhoso, ficou a lembrança boa
- Inaudível
- É porque a gente só chora por quem é bom, não é? Então foi um presente.
- Teve bons momentos.
- Confusão de vozes

EU: Então a gente tem u pedacinho que não vá embora.

- Eu acho que a fé em alguma coisa ajuda a superar. Eu perdi meu esposo faz seis anos, e o meu conforto veio através do espiritismo. Me deu muita explicação para aprender e aceitar muito melhor. Então eu acho que a fé ajuda muito.
- Eu queria falar também. Quando você perde alguma coisa, o interessante é que a gente tenha a condição de ter uma coisa boa para doar para os outros.
- Inaudível
- Quando a gente está nervosa, mal-humorada
- Porque as vezes está tão

EU: Não sei, a gente vai ter que perguntar pra quem está com mau humor o que acontece.

- Quando fala.

M: Acho que esse aí precisa de uma nova alma externa. Uma ligação da alma externa com a alma interna.

- A. Eu tenho uma filha deficiente. Quando eu soube que ela era deficiente, foi a morte, pra mim e pro pai. Então isto é uma perda, nossa filha é uma perda. Não tinha solução. Nós ficamos desesperados. Ela sofreu desde que nasceu, operação no coração, rejeição, fiz todos os relatórios, fiz denúncia no ministério público, luta sem parar. Ela nasceu com síndrome de down e já tem vinte anos, ela veio aqui. Aos dezesseis anos ela surtou. Ela tentou me matar e destruiu a metade da minha casa. Eu fiquei, estava divorciada, eu fiquei transtornada. Pra mim, o que eu vou fazer? Foi um momento de loucura dela. O que eu vou fazer? Eu consegui não morrer, eu consegui chamar a minha família, consegui ir para o hospital, mas ela regrediu no comportamento e na compulsão. Então ela hoje tem vinte anos com a cachola de quatro, ou três. E a perda de um filho normal. O desejo de você vê-lo crescer e ele te ajudar na velhice. Eu não tenho isto, eu só tenho ela. E esta perda eu fui superando com os anos. E o amor que eu sinto por ela é incondicional. O amor que ela sente por mim também é recíproco. Quando eu viajo, ela fica transtornada. Então a gente supera, lutando a gente supera. Então essa alma que era perdida.
- B. Isto que eu ia te falar, você já pensou na oportunidade que está tendo acolhendo essa alma?
- A. Eu nunca na minha vida imaginei que ia viver isto. Com uma criança transtornada, nunca imaginei na cabeça que fosse passar por isso.
- B. Mas é uma oportunidade de estar resgatando essa alma – está dando uma oportunidade para ela e pra você.
- A. Sim. Eu fiquei quatro anos com ela no centro espírita, com médiuns, fazendo análise da situação. Fui atrás de tudo. É uma situação irreversível. Mas a gente vê sob outros olhos. Uma vida ... Eu me tornei uma pessoa lutadora, que pensa nos que estão sofrendo, nas minorias, sabe? Eu luto pra levar uma vida boa. Uma vida de outro jeito.
- B. Eu trabalhei sete anos com crianças excepcionais. Raramente a gente vê o tamanho do drama. Os pais não aceitam, coisas que ...
- A. E eu caí na estatística, né? Tem uma estatística que eles surtam. Infelizmente a minha vida também estava nessa estatística. A maioria tem uma vida quase normal.

EU: É, mas aí ela traz uma coisa muito interessante que ela trouxe e que eu gostaria de abordar – a gente vê as pessoas com outros olhos. A maioria das pessoas falam porque não quer. Às vezes não é porque não quer, mas é porque não consegue. Isto muda o olhar da gente também. A sua filha não conseguiu, ela caiu na fatalidade da estatística, e ela não conseguiu superar. E aí o que a gente faz com a realidade? E a gente aprendendo com o espelho da realidade. Vocês já pensaram nisto, que a gente tem o espelho da realidade? Amar de uma outra forma. Expectativas

- Deus sabe o que faz.
- Precisa ter muita paciência
- As pessoas ... inaudível

EU: Existe uma coisa, vamos falar de pessoas especiais, pais que conseguem lidar.

M: especial é um nome....

- Consideração
- ... quebrou o tornozelo, foi engessada. De repente acontece um negócio. Tive que socorrer. Mas hoje já sarou.

EU: Então, a gente partiu da laranja, a gente foi de volta para o espelho da vida, da experiência, das memórias. E mesmo quando tem uma perda, um pedaço fica com a gente. Fica com essa memória, que mais?

- Não adianta.

EU: Espelho partido?

- Tumulto de vozes

EU: Sempre falta um pedaço?

- É, quebrou, quebrou.
- A partir do momento que quebrou...
- Partiu inteiro.
- Espelho quebrado, vai pra outro.
- Tumulto de vozes

EU: Peraí, outra opinião

- liberar

EU: liberar ou manter? Ela falou que não concorda, porque sempre tem um jeito de recuperar alguma coisa

- nem sempre
- tumulto de vozes

EU: Quebrou, joga fora. Às vezes se for algo da alma externa, eu posso fazer isto. Mas será que eu posso fazer isto da alma interna?

- Não, se for o caso do espelho, enquanto a gente não tem espelho, aqueles caquinhos servem.
- Risos e palmas

EU: os pequenos tem a sua utilidade.

- Tumulto de vozes

EU: Não vamos esquecer que estamos falando das duas almas. E os caquinhos que estamos falando são da alma...

- interna

EU: Mas dá pra jogar fora o interno?

- Não.
- O externo

EU: o externo dá pra jogar fora, mas o interno, não. Dá pra jogar fora o interno?

M: tem gente falando que sim

EU: Vamos lá, sempre que tem a polêmica a gente vai ouvir os dois lados.

- Não, porque tudo aquilo que você teve experiência ruim, você joga fora. Você já teve a experiência daquelas coisas ruins que você tem. Então você tem o direito de melhorar. Então se você está melhorando, é porque você está jogando fora aquelas relações que não te servem mais. Então é evidente que é de dentro que você joga fora o ruim.

Y: mas você não esquece.

EU: Mas ele está dizendo que não esquece.

- Esquecer é outro departamento.

EU: Ah então jogar fora, mas eu não esqueço

- Não. Você pode esquecer, depende de quem é a pessoa. Depende de como você propôs a jogar esses cacos fora. Realmente quando você fala vou jogar isto, e se realmente aquilo foi jogado fora, você não vai lembrar mais.
- Mas entãoum pouco mais.
- Tumulto de vozes.
- Procurando conviver melhor, é o que ela disse.

EU: E por que a gente consegue viver um pouco melhor?

- Porque você saiu do foco, não tem mais tanta importância.
- Ela não tem mais valor.

EU: Ela pode não ser tão importante ou você tira do foco.

- Vai perdendo a importância.

- Aprende a viver com aquilo. As vezes tem alma. A gente acha...
- inaudível

EU: Então, a vida não é só espelho, é o que foi dito. Tem a mudança, tem coisa que dá pra mudar.

- Inaudível
- Foco – tem que mudar, ampliar
- Ampliar o foco.

EU: Tem hora que a gente tem que ser estrábica, não é? E sai do foco.

- Eu queria conservar uns cacos na gente, você não está jogando fora. Quando você vai jogando fora, você joga tudo. Se está dentro, você põe fora. Tudo pra fora. Só assim você vai ser uma pessoa libertadora de coisas passadas. A gente aprende a ser feliz no momento que você joga fora todos os cacos, inclusive aquele que ficou. Jogou fora, acabou.
- Fez descarte.

M: Eu só jogo o que eu processo.

EU: Então, existe um processo pra jogar fora?

- Tem que ter.
- Tem que querer. Se é uma traição de uma pessoa – ou namorado, marido, você tem que perdoar daqui de dentro. Nunca mais toca no assunto; porque muita gente fala que perdoa, mas joga na cara do outro. 34:23
- Doutora, me ensina a cuidar da segunda alma? Decepção, eu sou a rainha da decepção. Tanto de família quando de amigos. E dói, dói que nem um parto.
- Você tem que jogar fora
- Com certeza. Porque não vai parar aqui.

EU: Qual é a importância que essas pessoas de fora têm pra você?

- Não, não é que tenham importância. A de dentro tem muita

EU: Mas você valoriza a sua de dentro?

- Sem dúvida, sem dúvida. Tem coisa que rasga sem anestesia, de dentro. De fora, lógico, com o tempo você vai jogando fora, jogando fora até... Você não esquece, como já foi falado. Nossa! É terrível! Eu sei que é ser humano. Ser humano é assim.

EU: O que pode ajudar a alma rasgada?

- (outra pessoa) Você tem que pegar essa coisa que te fez mal e dar uma surra...
- Ah se eu pudesse!
- Mas você tem muita visão se não tem aquele tesão.. risos

EU: A sua amiga quer te dizer uma coisa.

- Eu quero, sabe por que? Decepção é uma coisa que a gente projeta no outro e espera que o outro faça o que a gente quer.
- Cria expectativa
- Decepção, na realidade, é a maneira que a gente está esperando que o outro aja com a gente. Se a gente aceitar o outro como ele é, não existe a decepção.
- Não tem expectativa

EU: Esse é um caminho. Não é o que eu quero que o outro seja, mas é o que o outro é.

- Eu acho que o que incomoda muito é a expectativa.

EU: Outra sugestão: quando você não está dando conta, o que pode acontecer é pedir ajuda. Isto é uma coisa, que é ajuda. Aonde está no manual da vida e do existir que eu tenho que resolver sozinha? Sim, a gente pode pedir ajuda e deve, quando sente que não está dando conta sozinha.

- As vezes uma só conversa com aquela pessoa que a gente achou que nos decepcionou, vai colocar você num outro ângulo, enxergar de outra maneira aquilo que aconteceu. Então a ajuda não é só ajuda, é conversar, botar pra fora. Olha eu não gostei da maneira como você agiu, mas eu agi dessa maneira por causa disso. A pessoa também tem as suas razões.

EU: É as pessoas tem as suas maneiras. E eu vou acrescentar uma coisinha. Tem seus momentos também. Como é que a outra pessoa está se sentindo naquele momento.

- Ela não vai concordar
- Ela espera uma coisa e você não sabe nem o que vai ser.

EU: É isso aí eu posso saber o que eu posso dar, se eu conheço minha alma (inaudível)

EU: Lembra o que ele estava fazendo, voltando para o texto, que ele está falando pelo personagem do Shakespeare, pelo dinheiro era perder a alma. Agora, perdeu as armas e não perdeu a alma. Então a perda vai ter diferente impacto para cada um, diferente peso para cada pessoa. Então aí tem essas variações. A vida é feita disso. Essa é a riqueza da vida.

- A decepção
- Aprender a aceitar.
- Ninguém muda, depois de velho, então

EU: Tudo se transforma. Ele trouxe Lavoisier.

- A maneira como enxerga as coisas.

EU: A maneira como enxerga. E a gente pode voltar pro texto, né M. e lembrar do nosso amigo alferes e sua maneira e o que é importante pra um, e vocês trouxeram muito aqui, não é importante para o outro. Hoje eu tenho dois Cronos: um é “volta pro texto”, e este “termine às três horas”. Risos.

•

EU: Último comentário. Aqui melhor que entregador de pizza.

- É o melhor pra ler aqui.

EU: As duas almas dividida: a individual e a espiritual. Agora vou ler : “ Não são duas almas, é a nossa vida que é dividida: a espiritual e a material, que luta diariamente.” Eu acho que depois disso a gente pode encerrar.

Palmas

Fim da reunião.

- Foi a mais aplaudida.

EU: Tá vendo como é bom.

Transcrição 3ª reunião “O espelho” – 18 de maio 2017

EU: Como a gente começa com aquele resumo e começou como um primeiro comentário sobre a clareza da alma da criança quando nasce tem coisas delas e da família – do pai e da mãe, esse meio ambiente. E uma colega falou do papel de avó. Porque o avô e a avó são esse meio que a criança copia, que o neto vai imitar e que aí no desenvolvimento, essa alma no desenvolvimento vai se modificando e vai se mesclando. Mas também a descoberta que esse neto, a gente percebe que cada nova geração vai vir com coisa que não sabemos. Então, tem sempre o que aprender. Falando ainda da esperança, falando da desesperança, quando a gente perde alguma coisa vem o desespero, primeiro, e o medo de não poder se recuperar, não ressurgir. E até dei um exemplo de quando se perde nas drogas, por exemplo. A questão também é perder alguém, ou também decepcionar-se com alguém muito importante pra gente. Como isso é difícil e isso veio na hora em que a gente começou a conversar sobre a outra metade da laranja. Então, é uma pessoa importante que decepciona, é como se perdesse uma metade de nós mesmos. E aí, também falando dessa coisa de perder uma parte, o relato dessa sensação de perda. Por exemplo, perde um companheiro, perde uma companheira e que é só o tempo que vai ajudar com isto. E a gente precisa encontrar força pra poder continuar. Depois G. trouxe a história dela, dormiu bem, acordou mais pobre, depois do roubo, mas que pra ela trouxe um fortalecimento da alma boa. E que é mais fácil lidar com perdas materiais. Só que quando a gente vai ficando mais velho, quem tem a longevidade, o que a gente vai perdendo são as amizades, muitos parentes e veio um relato de que cada pessoa perdida é parte da nossa história, testemunha da nossa existência. E aí tem a necessidade e a descoberta de que vai ser preciso a gente poder fazer novas amizades. Se a gente perdeu amizades, seja por decepção, seja porque a pessoa não está mais aqui, o importante é a gente poder continuar na busca do novo e é importante que a gente tenha fé em alguma coisa. Veio o relato emocionante de uma de vocês que tem um filho deficiente e que no começo saber que ela era deficiente foi muito difícil, que foi uma grande luta, mas que conseguiu reverter essa luta, conseguiu chamar a família, teve a hospitalização. A perda foi sendo superada com o passar dos anos. Então, isto traz, com o passar dos anos, ver a vida de uma outra forma. E aí surgiu uma certa polêmica, junta os cacos, ou quebrou, joga fora. Mas veio o contraponto – enquanto não temo o novo, usa o caquinho [risos]. As duas estão certas, e para finalizar as coisas veio “e o que a

gente faz com as experiências ruins?” A gente pode tentar jogar fora, mas é mais ou menos, porque não esquece. Só que a gente pode melhorar saindo do foco da dor, da perda, e aprender as coisas ruins. Aprender a ser feliz, jogando fora o que não traz felicidade. E aí veio a história da traição, que é uma outra perda, essa decepção. E aí veio agora que, no caso da traição, não tem que vir de dentro. Porque a gente projeta a nossa decepção no outro e esquece que, de repente, naquela circunstância, poderia fazer uma coisa meio parecida. E pra fechar, veio um comentário de que não são duas almas, mas é a nossa vida que é dividida – a espiritual e a material que lutam diariamente pra tentar se organizar de alguma forma. Isto é o que nós discutimos da última vez. Hoje a gente vai entrar na história do alferes. O que vocês gostariam de trazer de temas que vocês foram percebendo na história do alferes? 6:49

Itinerário de discussão - parte 2

- **EU:** Como a gente sempre começa, com aquele resumo de algumas coisas que foram ditas da última vez, o primeiro comentário, a clareza de que a alma da criança quando nasce tem coisas dela
- Engraçado, ele fala que a solidão aumenta à noite. E é verdade. Quando a gente está só, não tinha gente nem de dia, nem de noite. À noite a coisa apertava. E é assim mesmo que a gente se sente, né. Qualquer problema à noite toma uma proporção grande.
- A noite está associada a uma melancolia, a um isolamento.
- Como moro sozinha, à noite, quando me sinto só, pego o telefone, canto e mando pra todo mundo que eu conheço. [risada geral]
- Eu tô ferrada, ela me acorda.
- Mando até pro meu ex-marido. Eu falo: ‘vou cantar’. Ele fala que pode até gravar um disco pra você. Respondo que se ele pagar pode gravar.

EU: Quem canta

- [Muitas vozes] seus males espanta.

EU: Vou trazer a questão do que acontece se eu não sei cantar?

- Você canta!

EU: Você sente o peso da solidão à noite?

- Acho que às vezes. Aí eu choro.
- Não!
- Uma taça de vinho.
- Vai dormir cedo.
- Eu choro de saudades.

EU: Opa, eu vou pra senhora: “saudade é coisa boa e isto significa que eu tive momentos bons”.

- E posso ficar feliz por isso.

EU: É, eu posso sempre olhar pelos dois lados.

- Nem sempre chorando. Tem o choro de alegria.

EU: ele pode também ser de alívio.

- Eu escolho, ou pego a palavra cruzada, ou falo com a família, ou olho pela janela. Vejo o que acontece, quem passa, se tem carro de polícia [risada geral].

EU: Quer dizer que a senhora faz uma crônica noturna.

- ...fico acenando pra ela

EU: Tem essas válvulas. Quando ele fala da solidão depois do abandono dos escravos, a noite, o silêncio noturno ele chamou de “diálogo do abismo”. O que vocês sentiram na hora que leram?

- Profundo
- Ele estava desesperado

EU: Desesperado. O que acontece com as nossas imagens na hora que a gente fica desesperada?

- São maiores do que na realidade são.
- Pensa besteira. Quando acorda
- Outra proporção.

EU: Então, o que eu faço se a imagem vem?

- Somos humanos

EU: somos humanos e é verdade que à noite aumenta.

- Tudo multiplica, aumenta – o silêncio, a escuridão.
- As crianças, a partir das cinco-seis horas até quando vão dormir.

EU: Ah, que interessante, eu sabia que a gente tem uma tristeza maior na hora que a gente vai chegando.

- Chama-se sintonia do entardecer. Todas as pessoas idosas, chegando às quatro em diante elas começam com a sintonia do entardecer. 11:49
- A doença de Alzheimer tem uma fase que é a síndrome do pôr do sol. Minha mãe teve Alzheimer infelizmente. A passagem do dia pra noite vai dando uma agonia. A gente tem que acender as luzes da casa. Pra minimizar o efeito.
- É uma angústia, né?

EU: Uma angústia, talvez menor, de quando o dia vem chegando. Por exemplo, na saúde mental, são as horas em que mais tem surto – o entardecer e o amanhecer. Principalmente o entardecer.

- Isso eu não imaginava.

EU: A noite é má conselheira?

Tumulto de vozes

- A noite não é má conselheira, pelo contrário.

EU: Temos uma nova polêmica: do lado de cá temos que a noite é boa conselheira.

Tumulto.

- Tem que passar pela noite, não tem jeito.

EU: Só que de dia tem que aguentar também. Se fosse o tempo todo dia a gente não ia aguentar. Vou avisando todo mundo.

- Professora Teca, uma meia tacinha de vinho cai como uma luva. [risos]

EU: Não são dois goles?

- Dois dedos.

EU: Tumulto. Aí o tamanho da taça. A L. está falando que quando sai com criança deveria evitar chegar à noite num lugar novo.

- É muito ruim pra criança.
- Idoso também. Na minha clínica eu recomendo que não traga a mãe depois do almoço porque ela fica triste. Se ela chega mais cedo, ela acompanha todo mundo no jardim e quando chega à noite ela está mais familiarizada. Se chega mais tarde quer ir embora.
- É muito doído.
- Eu vou de dia.

EU: Eu vou avisar as minhas filhas

- Tendo uma boa companhia a noite é maravilhosa.

EU: Aqui estão falando que depende da companhia.

- Uma boa taça de vinho é uma boa companhia.

EU: O nosso amigo aqui disse que a noite pode ser uma boa companhia.

- Muita gente sente que a noite é boa. O próprio silêncio da noite ajuda nossas reflexões, nossas inspirações. Quantos poemas, quantos livros, quantas músicas foram compostas à noite. É nesse aspecto que ... (idoso depressivo que fala, um senhor com mais de 80 anos)

EU: Teve até suspiros [risos]

- Idoso continua: foi falado que a noite é boa companhia.

EU: Tem o sono também.

- Com uma boa companhia, qualquer hora é dia.

EU: Ah.

- Mas e a noite pra quem não tem companhia?

EU: Mas ele tá falando da noite. Companhia é companhia de dia e de noite. Fala dos poetas, dos compositores.

- inaudível

EU: Ah, estão expandindo a boa companhia. O que é uma boa companhia?

- Eu mesmo sou uma boa companhia pra mim.

EU: Eu mesmo, a taça de vinho,

- O canto é uma ótima companhia.
- Netflix.
- Família
- Bom filme.
- Uma mulher, uma esposa.
- Namorado
- Um bichinho.
- Tem que ser um bom ouvinte.

EU: Ah, agora tem a condição para essa boa companhia é saber ouvir.

- Ahaha – além de boa companhia tem que ouvir?

EU: E não? Eu não estou falando de oferta e procura.

- Se não for boa companhia, vira pro lado e ronca.

EU: Aí a senhora não vai ser uma boa companhia e o outro ...

- Se puder escolher, é bom. Se só tem um ...
- E quem não tem nenhum?
- Confusão de vozes.

EU: Mas voltando para a nossa história do alferes, o que foi que aconteceu com ele?

M: Ele teve um sonho.

- Ele se sentiu só e foi se trocar

EU: Mais do que se sentir só,

- Ele caiu na realidade

EU: EM que realidade ele caiu?

- Que ele estava só e não era o dono do mundo.

EU: Ele não era o dono do mundo, ele não era tão importante.

- Viu que de repente ele não tinha absolutamente nada.

EU: De repente ele não tinha absolutamente nada de fora, nem ninguém. Porque ele queria que tivesse alguém?

- Ao vivo para admirá-lo.

EU: admirá-lo, bajulá-lo.

- Levantar o ego.

EU: Mas aí só tinha

- Ele. Só tinha ele mesmo

EU: E ele gostava dele?

- Não. Era falta de autoestima.
- Ele gostava do uniforme. Ele se admirava. Se não fosse o espelho do que ele gostaria? Nada.

EU: mas ele gostava dele ou gostava da imagem.

- Gostava da imagem. (muitas vezes).
- Porque ele diz que o alferes tirou o homem. Porque o alferes só existia a partir desse externo que inicialmente ele chama de bonzinho. E todo mundo – a tia, o tio, os escravos, os cachorros erigiram uma imagem pra ele. O espelho aí fica como reflexo.

EU: Ele embarcou nessa imagem. De ser alguém muito importante. Isto acontece na vida de fato ou isto é maluquice?

- Eu acho que, Machado não era maluco. Mas o que me chama a atenção é que normalmente a nossa relação com o outro é desta imagem. Porque nós chegamos e dizemos assim: ‘olá tudo bem, como você chama?’ E em seguida você faz a pergunta: ‘o que você faz? O que você é, o que você sente, nunca. Por isto quando alguém fala ‘olá’, você responde: ‘olá tudo bem?’ Se você falar tudo mal, vai acabar com tudo.

EU: Se você fala ‘tudo mal’, aí o risco da pessoa falar bom,

- Tenho um compromisso.
- Estou atrasado.
- Interessante, né. Ninguém está disponível.

EU: Então é o bajular, jogo de interesse.

- Está insuportável. Você pode ser reconhecido, a não ser que a pessoa queira bajulá-lo.

EU: Ok, mas quem te bajulou? Quem tinha interesse?

- A tia (várias vezes)

EU: Mas qual o interesse que podia ter essa tia? Tem suspeitas aqui. Quem mais que bajulou? E aí era interesse?

- Os escravos.

EU: Os escravos intencionalmente bajularam porque ele queria que ele ficasse

- Dentro da casa

EU: distraído. Por interesse. Foram embora. O que eles queriam era fugir. Então, se você está distraído, você não percebe. Mas essa coisa, vocês disseram, ele deixou de ser o Joaozinho para ser o alferes, sr. Alferes, dr. Alferes, alguém conhece alguém que teve essa transformação? Família, dos amigos,

- Que veio do nada e subiu na vida?
- Toda família tem um.

EU: O que será que nos leva a mudar?

- A vaidade.

EU: A vaidade. E quem fica bajulando?

- Porque tem algum interesse.

EU: Sabe que pra mim não está claro em que? Qual o interesse da tia Marcolina?

- Chamar atenção pra farda dele.

EU: Ah, ela queria subir socialmente.

- Alferes confere status.

EU: Então o interesse da tia tem essa coisa de subir socialmente. O interesse dos escravos era fugir, e ele não perceber o que estava acontecendo.

- Tem uma coisa que não foi dita do nosso amigo Machado, que o cargo, o posto de alferes na guarda nacional, era comprada. Não era por mérito, era título comprado. E tinha um valor mínimo para que o indivíduo tivesse algum posto. Tinha uma tabela de preços. Então alguém comprou este posto pra ele. Tanto é que disseram que ele era pobre e que os amigos é que compraram o fardamento. Quem comprou o posto pra ele? 25:45

- A tia
- Provavelmente a tia

EU: Mas qual a diferença para deputados e senadores?

- Boa!

EU: Por que isto é diferente dos nossos deputados?

Turma se agita

- Aí o terreno é pantanoso.
- Até hoje parece todo mundo é comprado mesmo.
- Era visionário.

EU: Quando a pessoa está cheia de si, o que a pessoa costuma fazer?

- Fica orgulhoso.

EU: Além de ficar orgulhoso.

- Presunçoso.
- Arrogante.
- Faz pouco dos outros.
- Exibido.
- Inatingível.
- Um pavão. Sabe a história do pavão? O pavão não é uma ave bonita. Só tem as asas. Então, quando ele está num lugar e percebe que alguém está olhando, o que ele faz? Abre as asas pra chamar a atenção. E esconde os pés, que é a parte mais feia dele [risos]

EU: então é pra não ver que ele tem pés feios. Não sabia, gostei.

- Porque minha filha é linda e tem os pés que nem o pavão, feios. [risada geral]

EU: E mais uma coisa, o que será que o alferes queria encobrir? A gente sempre quer encobrir alguma coisa?

- Opa. Sempre
- Sempre eu não digo, às vezes.

EU: às vezes?

- Quando interessa.

EU: Ah, só ele que é assim?

- É o ser humano.

EU: Ele é um exemplo de ser humano.

- Hoje eu fui no oculista e no médico antes de ontem porque tinha que trazer um atestado para a Cláudia. Aí esqueci o atestado. O que é isto? Vou fazer bandidagem? Não, isto é corrupção. Eu falei pra mim. Pronto, você é bandido se você quer.
- Tá vendo Coordenadora?
- Eu já tinha falado que hoje não precisava atestado.

EU: Porque a gente pode acreditar na palavra do outro.

- Eu sei que ela não estava boa.
- Mais autêntica e verdadeira que a G. não tem.

EU: Eu trouxe duas falas que me chamaram a atenção e é sobre a distorção da imagem e eu queria compartilhar com vocês. A primeira fala é que a pessoas está mirando- se no espelho depois de sessenta anos e ela olha no espelho e diz: ‘já não se fazem espelhos como antigamente’. [risada geral]

- Esta é boa.

EU: O que vocês acharam?

- Maravilhosa.
- Estilo?

EU: Esse espelho não é de cristal, hoje quase nenhum espelho é, então está tudo distorcido. Porém não é o espelho que está distorcido.

- Não.
- Mas o espelho sempre existiu.

EU: Qual é o espelho que sempre existiu?

- O de sempre. Ninguém mudou o espelho.
- O da alma.

EU: O que muda? O nosso olhar muda. Espelho, espelho meu, quem sou eu? Será que alguém ainda faz esta pergunta para o espelho?

- Será que são os olhos que mudam o espelho?

EU: Será que só os olhos mudam o espelho?

- Esta foi ótima.

EU: Todo mundo ficou em silêncio.

- Não

EU: Não.

- Teve uma pessoa que acha que sim.

EU: Só que quando ele olhava para o espelho naquele desespero, o que ele começou a ver?

- Começou a ver a imagem distorcida.

EU: A distorção da imagem. E aí pra ela, a má companhia da noite solitária, fazia com que ele distorcesse a própria imagem.

- Ele era amado por ser alferes.

EU: Ele era amado por ser alferes.

- Ele não se amava.
- Porque ele se via como ele era. O Adão nu.
- Opa.
- Os olhos do espelho da alma.

EU: E já que a senhora trouxe, eu trouxe uma outra fala, esta do José Saramago: “fizeram dos olhos uma espécie de espelho virado para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrar sem reserva, o que

estávamos tratando de negar com a boca.”[silêncio] Dizemos que os olhos são o espelho da alma e o que eles trazem

- Reflete o íntimo.
- A tristeza, as suas emoções.

EU: Reflete nos olhos o que esse espelho reflete do interior, mesmo que a voz se cale. Mesmo que a voz minta.

- Verdade,

EU: O papel, e a internet agora, aceita qualquer coisa. Será que os olhos aceitam qualquer coisa?

- Não.

EU: Consegue disfarçar?

- Não.
- Nem sempre.

EU: Nem sempre. Então, essa coisa do nosso espelho maior, só que às vezes a gente não pode olhar pra ele.

- Tem tanta coisa que ele vai te contar.

EU: Ah, ele vai contar coisas que eu não quero ver,

- Fazer um filtro também.

EU: Filtro é quando a gente não quer que nos olhem. Esta é a estratégia débil meiga. Você faz assim, o olho cai, e aí você não deixa o outro ver o que você está sentindo.

- É um filtro mesmo.

EU: É um filtro. E será que a gente está tendo problema pra olhar hoje?

- Só.

EU: A gente olha pra quem?

- É difícil encontrar alguém que ainda seja capaz do olho a olho
- Olha pra quem está em volta.

EU: As pessoas não olham mais para os olhos.

- Só olham para o celular.

EU: Que sensação que dá, além de cosquinha?

- Você não tem mais proximidade.

EU: Você está me trazendo que o olhar que encontra o outro, ele é um olhar que traz proximidade. O que vocês acham disto? E é boa a proximidade?

- É.
- Depende da pessoa.

EU: Depende da pessoa, sempre vai depender, né gente?

- Se você quiser saber se a pessoa é sincera, olho no olho. Se ela desviar o olhar, tem algo.

EU: Se ela desviar o olho, tem algo que não está sendo revelado. 36:29

- As vezes a pessoa tem uma certa insegurança e não consegue conversar olhando.

EU: Ah, a C. está trazendo uma coisa legal

- As vezes não é da gente. A gente sempre tem que pensar um pouco antes de julgar o outro. A dificuldade do olho a olho é que ele tem uma insegurança e vai ficar transparente demais se olhar.
- E às vezes a gente nem olha pra gente.

EU: AH. E aí vem espelho, espelho meu quem sou eu?

- Se você tiver que se descrever, se autodescrever, não dá. Você descreve o outro muito bem.
- Facilmente.

EU: Ele é assim, assim, assado.

- O dedo é assim, não é assim [aponta para o outro, aponta pra si]
- A gente para se descrever tem dificuldade.
- Se a gente aponta, devia fazer assim [gesto com a mão].
- Eu falo isto porque eu sinto isto.

EU: Então a gente está vendo que existem muitas razões para não olhar, para olhar. Mas a gente tem que pensar em olhar para o outro, porque isto está levando ao que, hoje, de não olhar?

- Isolamento.

EU: Isolamento, mesmo na presença da multidão.

- Que é o isolamento mais duro, né?

EU: A solidão mais dura é a solidão acompanhada de outras pessoas.

- Eu acho que tem medo também. A gente está vivendo em uma sociedade com muito medo. A gente tem muito medo. Antigamente você tinha um vizinho, confiava nele. Hoje em dia, entra um cara no seu prédio e você não sabe de que buraco ele saiu.
- Não sabe se ele é bandido.
- É você não sabe se ele é bandido, se ele foi preso. Então ficou mais difícil confiar nas pessoas pela situação.
- Porque antigamente as pessoas ficavam em um lugar a vida inteira, você conhecia. Agora não. Com a mudança de locais, ...
- Você não sabe em quem você pode confiar.

EU: Mas será que a gente ainda pode confiar no olho no olho?

- Pode. É uma oportunidade.
- Tumulto de vozes.
- Até que prove ao contrário.

EU: Então, de repente, tem que dar uma chance. E como é essa chance. E aí vamos pensar o que nós estamos vendo? O que nós estamos fazendo pra também colaborar? Ou nós estamos entrando no isolamento também?

- É a circunstância. É o momento que vivemos.

EU: Mas será que eu preciso ficar desconfiado de todos?

- Quase todos.
- Tá muito difícil.
- E de pessoas conhecidas?
- Pois é o que eu estou te falando, pessoas conhecidas vão se infiltrando com outras e vai virando uma salada, um baú, um cesto com todo mundo junto, e não é assim.

EU: Não era assim?

- Será que as coisas estão mudando?
- Eu acho que agora aumentou demais, entendeu? Uma mistura muito grande.
- Rede social.

EU: Rede social. Por que a rede social é tão extensa?

- Tudo está certo. Todos podem tudo. Está tudo uma beleza, esse politicamente correto, então, não pode falar nada.

EU: Então por que a rede social virou espelho?

- Ela espelha tudo o que você quer que seja refletido.
- Entendida e não entendida
- A rede social aceita tudo, uma beleza.

EU: Ah, a rede social aceita tudo.

- Muitos concordam
- Você escreve a verdade que você quer
- A verdade que você quer ouvir.
- A felicidade que todo mundo quer mostrar

EU: Ah, ela traz um espelho da felicidade que...

- É falsa

EU: Não sei por que, mas lembrei daquela música da Elis Regina – falso brilhante.

- É.
- Muitas vezes nós temos a necessidade de conversar com outra pessoa, só de conversar com a pessoa você percebe se ela está triste, se não está. Eu falo para as minhas amigas ‘me liguem’, não fica só no zapzap.

EU: Ah então aí a questão – de onde você identifica?

- Pela voz, pelo jeito que a pessoa está falando.

- Pelo olhar.

EU: no zap zap não tem olhos, não tem olhar. Então isto é um exercício.

- Antigamente existia uma certa proteção.
- A palavra do homem era verdadeira. Você confiava. Hoje tem que ser tudo assinado, senão não tem prova.
- Fio do bigode.
- Tumulto de vozes.

EU: Então vocês estão me dizendo que foi tudo colocado no mesmo balaio.

- Eu tenho essa sensação plena.

EU: Então isto trouxe pra gente uma sensação de

- De que tudo pode.
- Insegurança.

EU: Tudo pode, dá insegurança.

- Mas falar que tudo é ruim fica difícil.
- Tem que conversar com as pessoas, ué.

EU: Então é um olho nomeixe, um olho no gato.

- Prefiro olhar o gato. [risos]

EU: E o gato, de preferência, aquele que toma uma taça de vinho junto.

- Tumulto de vozes concordando.
- Fica melhor.

EU: E que mais, voltando aqui para o nosso texto? Porque vai, vai, vai e volta. Que mais do alferes, chamava a atenção de vocês?

- Tem uma frase que ele escreve, “Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico”. Eu achei isto tão [não encontra a palavra e eu ajudo, intenso].

EU: A gente às vezes anda como sonâmbulo na vida?

- Uuuu!
- Às vezes
- EU me perco. Aqui na vila Mariana. Uma vez em vez de descer na Vergueiro eu desci na Domingo de Moraes. [senhora com 84 anos].
- Não sai sozinha mais
- Aí é perigoso. [preocupação coletiva].

EU: Mas a senhora contou pro médico?

- Contou pros filhos? [diz que não, reage um pouco na recusa].

EU: De qualquer jeito a gente precisa prestar atenção. Agora, o que mais pode nos dar a sensação de andar que nem robô? Isto já aconteceu com vocês?

- Não saber como chegou num lugar, nem o caminho que fez.

EU: O que pode ter acontecido?

- Ligou o momento automático.
- Você não está vivendo o presente.

EU: No automático, não está vivendo o presente...

- O momento do que você está fazendo, está em outro.

EU: Já está em outra coisa, não está prestando atenção, mas as vezes tem outras situações que nos fazem viver no automático. Nada é pra sempre.

- Eu hoje fiquei meio perdida no Paraíso, e eu conheço o Paraíso como a palma da minha mão. Eu costumo pegar o metrô que vai para o Tucuruvi, desço no Paraíso e pego o metrô Vila Madalena, porque minha irmã mora lá... e eu vivo passeando lá. Pra voltar, eu desço no Paraíso, pego pro Jabaquara porque eu moro aqui perto da Santa Cruz. Então eu fiz isto nos dois anos que morei com minha irmã e faço há oito anos. Hoje eu peguei o metrô no Paraíso e ia para Vila Prudente porque eu ia descer na Santos-Imigrantes que meu filho ia me pegar lá. Estou lá esperando o metrô para Vila Mariana, Jabaquara. Aí lembrei que ia pra outro lugar e me perdi na estação. Aí subi. Quer dizer, é automático. Por isto que você tem que fazer caminhos diferentes sempre.

- Por isto que um pai às vezes esquece o filho dentro do carro quando está acostumado a levar a criança pra creche. Como você é autômato! Faz aquilo todo dia, todo dia,
- EU:** Mas tem situações, tem estados de espírito nossos que podem nos deixar esses mesmos
- Quando a gente tem problema.
 - Tristezas
- EU:** Na vida real, quando você tem problemas, como que é isso?
- Você fica passada.
- EU:** Veja, o que está acontecendo com o outro, eu posso ter certezas?
- Não, nunca.
- EU:** Nem com a gente é possível certeza.
- Certeza é uma coisa muito chata.
- EU:** Então, isto que é difícil. É difícil julgar, o quanto que de repente eu também entro no automático em momentos da minha vida – quando estou triste, quando estou passada, preocupada.
- Está com um sentimento de perda,
 - Com problemas financeiros afeta muito a pessoas
 - Tendo contas para pagar.
- EU:** Aquela coisa ‘o que eu faço agora?’
- Quando perde um ente querido.
- EU:** é difícil. Tem momento em que nós vamos estar. E se eu olhar para aquele momento no espelho, pode ser que eu veja a imagem esgarçada que o alferes via aquela situação. Porque ele se acostumou a que, que nós já falamos aqui?
- A ser paparicado.
- EU:** E olhando a coisa do espelho, estava acostumado a ser olhado, mas quando ele se olhou, ele se reconheceu?
- Sem a farda não.
- EU:** e sem a farda, é o que ele é. E será que então a pessoa pode ter dificuldade de se reconhecer que nós somos sem as nossas fardas? O que podem ser as nossas fardas?
- O cargo que tem.
- EU:** O cargo também traz.
- É o poder, na verdade.
 - São máscaras.
- EU:** São máscaras sociais que eu coloco, e no caso do alferes, quem colocou? A tia colocou e a gente viu
- A tia.
- EU:** A tia colocou e a gente viu que podia ter um interesse de subir socialmente, com um sobrinho alferes. Então, quantas vezes a gente não presta atenção que é essa a imagem que o outro quer que nós tenhamos de nós mesmos. Será que isto não acontece com as estruturas de poder?
- Toda hora.
- EU:** Com os artistas.
- É o que mais acontece.
- EU:** Aquela frase que eu disse, depois dos sessenta os espelhos não são mais os mesmos, era de uma artista americana. Então, pra quem tem as luzes da ribalta, é difícil olhar pra si mesmo.
- E para eles é muito difícil porque o exterior influi muito. Nós vamos envelhecendo e nós vamos acostumando com a cara da gente, com as rusguinhas e outras coisas. E o artista está constantemente vendo filmes que ele era jovem, e que todo mundo admirava, e agora ele não é mais assim. Eu acho que pra eles tem que um equilíbrio muito bom.
 - É enfrentar o ostracismo.
 - E aceitar. Quando ele vestiu a farda, o vidro reproduziu a imagem integral. Ele estava completo só com a farda. Aí ele se sentia completo.
 - Seriam as duas almas? Será?
- EU:** Nesse momento ele juntou as duas almas?
- Mais ou menos?

- Ele valorizava mais uma alma do que a outra.
- Achava o espelho muito velho.

EU: Pois é, aquele espelho era muito velho. Mas ele juntou os dois pedaços. E será que a gente volta – só rapidamente porque a gente já falou dessas duas almas, mas será que a gente tem essas duas imagens? Tem a imagem que eu tenho de mim e a imagem que o outro tem de mim?

- Ele diz isso: enfim a alma exterior, e a alma interior.

EU: Juntou a alma exterior com a alma interior. O desespero

- Eu vi um vídeo, vou tentar achar de novo, de um rapaz que é especialista em desenho falado pra polícia. E aí eles pegaram algumas pessoas, e as pessoas se descreviam. Ele foi fazendo o desenho falado. Aí pegou tipo eu faço o seu e você fala o meu. Ela me descreveu pra ele, sem ele ver,

M: Acho que foi da Johnson.

- Isto aí. Ele colocou lado a lado as imagens que ele desenhou das pessoas – um com a imagem que ela tinha dela, e uma com a imagem que um outro tinha dela. A pessoa quando se descreve, dá detalhes enormes daquilo que ela odeia nela e a pessoa estava muito mais envelhecida, muito mais enrugada, com a imagem totalmente deturpada dela mesma com aquilo que a incomodava. A outra pessoa descrevia com olhos alegres, bem diferentes. Pareciam duas pessoas. Um triste, outro alegre; mais velha, dependendo do peso que ela dá nas características que ela se colocou.

EU: Você segura aí que nós vamos fazer uma coisinha com a sua fala. Mas primeiro a gente vai terminar aqui e nós vamos fazer uma brincadeira.

- Não foi combinado, gente, eu juro.

EU: Nada aqui é combinado.

M: o interessante é o que o segundo descrevia era mais parecido com a realidade. O mais real era a da pessoa externa

- Que não estava carregada.
- Não é porque a pessoa é muito mais crítica.
- No discurso dela, ela carrega com a emoção.

M: Uma interna ou externa, não é o visual.

EU: E tem mais uma coisa, eu vou juntar nós carregamos com a gente aquilo que foi falado da gente.

- A gente internaliza como verdade total.

EU: Quando o que tinham falado da gente é bom, como o alferes lá, tudo bem. Mas quando é falado da gente: ‘você nunca vai ser ninguém’,

- Porque é um reforço negativo, eu já falei pra vocês, é um reforço negativo e vira um pensamento automático da pessoa.
- Fica convencido daquilo.

EU: E isto vai refletir na descrição de si mesmo.

- Verdade.

EU: a gente não percebe o quanto aquilo vai sendo introjetado.

- As verdades que os outros tentam impor.
- Que o outro acha.

M: que é a nossa alma externa.

EU: é a alma externa

- Tem gente que fica falando: ‘ah eu sou pobre’. Eu nunca fui rica, mas também não sou pobre.
- Eu já ganhei muito dinheiro. Eu nunca fui rica, mas também não fui pobre.

EU: e tem várias maneiras.

- Como não tem dinheiro, tem sim. Não pode falar desse jeito.

EU: Ele quer falar, ele quer ler um pedaço pra gente fechar aqui. E aí nós vamos fazer uma atividade a partir disso. A partir de uma ideia que surgiu com a coordenadora. Que ela nem sabe que ajudou.

EU ia ler uma parte que todo mundo leu. É o finalzinho. Então é assim: “Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a

pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...”
Fim. Vocês podem destrinchar o que vocês quiserem.

- [risos] Você que leu, você que destrincha.

- Agora danou-se filho.

EU: Ele deixa a bucha pra gente.

- Eu já falei o essencial.

EU: Mas aí, o que isto significou?

- Eu li tudo mas não..... Pra mim significou muita coisa. O alferes aqui dizendo, e tudo o que ele viu. Que ele disse. Primeiro achou que era uma coisa, depois sentiu outra. Uma hora seria um grande, sei lá, alferes, outra hora ... [mostra insegurança de se expressar].

- Eu acredito que nesta última leitura, ele mostra que a pessoa pode se modificar, pode ter várias fases da vida, e essas fases vão sendo aperfeiçoadas diante das dificuldades que ele encontra.

- Mas aí desceu as escadas e não quis esperar todos os demais, os comentários.

- É que nem eu fiz agora, deixei pra vocês. [risos]

EU: Isto. E por que ele não quis esperar?

- Ele era autoritário.

EU: Ele era autoritário? O que mais.

- Ele era um militar.

- Uma insegurança.

- Está falando do narrador.

EU: Insegurança? Era só insegurança.

- Ele era muito submisso, um orgulho

EU: Mas e o exercício de duas hora por dia. O que a gente tem que fazer? Tem que fazer exercício, caminhar uma hora por dia, O que ele estava fazendo.

- Ele estava alimentando.

EU: Tem alguma coisa com alimentar nossa alma?

- Não.

- Um exagero.

EU: Mas o exagero é o que?

- Porque ele dava mais valor à parte material, do que à parte espiritual. Dava valor ao que estava ali.

EU: Mas o que seria o exagero?

- Depende como você alimenta a sua alma. Do que você quer alimentar a sua alma.

EU: E o quanto.

- Alimentação errada de corpo é igual à alimentação errada de alma.

EU: Mas alimentar a alma é tão certo quanto alimentar o corpo.

- Claro.

M: Eu tenho uma pergunta. Vocês acham que, na hora que ele pôs a farda, ele começou a contar a história, falando que ele ia provar que existiam duas almas. Aí ele foi, a tia dele, vocês mesmo leram, que ele se perdeu, porque a tia dele, todo mundo começou a chamar ele... Ele perdeu o homem, só achou o alferes. Aí teve um movimento, todo mundo foi embora e aí ele sentiu solidão, não sentiu ninguém, totalmente transparente no espelho, quando ele conseguiu olhar no espelho, ele não via nada. E aí ele descobriu que ele só conseguia ver alguma coisa no espelho se ele pusesse a farda. Aí ele pôs a farda, fez um ritual para se sentir. Na visão de vocês, quando ele fala isto ele diz que vai provar que temos duas almas. Por que que vocês acham que ele falou que provou com esta história que existiam duas almas?

- Eu acho que ele tinha uma alma sem a farda e outra com a farda.

- Não, eu acho que ele se completava. Era as duas coisas.
- Ele só se via fardado.

M: Se ele só se via fardado, quando ele não se via o que estava acontecendo? O que não existia naquela hora?

- O espiritual
- A alma dele estava vazia.
- É ele não alimentou a alma.
- Só o ego.

EU: Mas

- O autoconhecimento ele tentou, depois fugiu.

EU: Fugiu e voltou no dia seguinte. E voltou nos outros dias e com isto conseguiu atravessar os seis dias de solidão que restavam. Será que é ruim a gente alimentar... O colega de vocês trouxe um trecho, de João Sergio de Castro Rocha que chama "Espelhos Partidos". E aí tem um trecho, que ele pediu pra ler pra vocês do Roberto Cabrini, que dedicou um programa do Conexão Repórter em fevereiro para a crise de segurança no Espírito Santo. "No último bloco visitou a casa de um policial e pediu que ele vestisse a sua farda. Apático e deprimido, o policial assim o fez e bateu continência para um capitão imaginário. De imediato o uniforme o transfigurou. Por um momento reencontrou a autoestima." [momento de silêncio]. Faz parte da filosofia

- Nossa.
- A parte faz parte da pessoa.

EU: Isso, mas como você se sente quando está se preparando para uma festa? E o que você está alimentando ali?

- O seu ego.

EU: Sim a gente precisa alimentar o seu ego. Não tem nada de errado. A gente não pode viver só de ego. Isto é dieta da alma. Se você não gosta, pra esta pessoa, pra esse militar sem receber o salário, ali mendigando. É um momento lá embaixo. De repente aquilo trouxe de volta.

- Murmúrios.
- Tinha uma coisa importante naquela hora.

EU: Como a C. já tinha dito outro dia, a gente tem que tomar um pouco de cuidado para não ser muito radical. É bom também a gente argumentar. A gente alimentar a alma igual no texto do Machado.

- Opa, com certeza.

EU: Mas a gente também se depara com aqueles pedaços de nossa imagem que são esgarçados.

- Até para de falar.

EU: Que é até parar de conversar. Mas tudo bem.

- É ser humano.

EU: Nós não somos uma coisa só. Não somos uma coisa só o tempo todo.

- Tem hora de experimentar o ego, tem hora experimentar a alma, tem hora de ... Não é uma coisa só.
- A diferença entre o remédio e o veneno é a dose.

EU: Então a gente pode continuar olhando no espelho. Mas vamos fazer um pequeno exercício. Vocês vão ficar um em frente ao outro. De dois em dois. Eu quero que vocês olhem por alguns minutos. Olho no olho e boquinha calada.

- Tumulto de vozes enquanto se organizam. Aí o silêncio.

EU: Aí eu gostaria que cada um falasse uma palavra para o outro do que sentiu.

- Novo tumulto de vozes.

EU: Gente, o exercício é o que eu enxerguei no olhar do outro. Quem quer compartilhar?

- Alegria
- Solidariedade
- Boa de coração
- Gentil
- Alegria
- Amor

- Calma
- Sinceridade
- Serenidade
- A impressão de conhece-la há muito tempo.
- Bondosa
- Amizade,
- Sincera
- Tranquilidade
- Amiga de verdade
- Amizade
- Amor
- Felicidade
- Eu vi emoção
- Coração
- Segurança
- Timidez
- Sinceridade
- Beleza interna e externa
- Amizade
- Muito boa

EU: E aí a gente encerra o olho no olho, que é o melhor diálogo que podemos ter. palmas

- É engraçado que eu olhando nos olhos dela, foi completamente diferente, pois eu a via grande. Aí olhando nos olhos dela aqui, eu vi muita emoção. Eu vi diferente.
- Permita se mostrar e permita se enxergar.

EU: E este aqui foi só um primeiro exercício.

- Ela dissociou a farda.

EU: Tirou a farda e trouxe a C. Isto é o que a gente pode fazer. Semana que vem é o nosso último encontro para que vocês tragam as suas experiências. Não é nenhum pedaço, mas a experiência como um todo. O que mexeu, se não mexeu, o que gostou, o que não gostou. É como foi. Histórias de convivência. Como foi conviver essas quatro semanas a partir deste texto do Machado de Assis.

HISTÓRIAS DE CONVIVÊNCIA – 25 maio 17

EU: Hoje temos a história de convivência. A troca nossa hoje é muito o que vocês acharam da experiência – o que vocês refletiram, o que sentiram, se isto mexeu, trouxe alguma diferença. O que vocês quiserem falar. Não é sobre a história, mas sobre o que a história mexeu com vocês. Então é como foi esse olhar no espelho do alferes. Mas vamos fazer como todas as vezes brevemente o que nós fomos falando da vez passada.

Resumo: A primeira coisa é a história da solidão que à noite ela fica mais pesada. Mas tem também o contraponto de que quando se tem uma boa companhia, é uma delícia e a noite torna-se uma delícia. E começamos a falar um pouquinho sobre o que é uma boa companhia. Que pode ser nós mesmos – uma taça de vinho. Vocês sabem que não surgiu cervejinhas. Já pensou no inverno. Também veio que o silêncio da noite ajuda nossa reflexão. A boa companhia, essa reflexão, depois falamos do alferes, o alferes que acaba eliminando o homem. A questão também do relacionamento dele com a imagem e a questão da vaidade. Aliás este é um tema que hoje está mais... Aliás sempre teve, mas hoje parece estar aumentando essa coisa da vaidade. Teve um esclarecimento técnico, de que o posto de alferes era comprado. E aí lembrando que eles falaram que os amigos se cotizaram para que ele pudesse ter o uniforme do alferes. E aí entra que não é uma questão de esforço ou mérito, mas também uma questão do dinheiro para comprar. E a gente foi falando das diferenças da sociedade, e acho interessante que veio um comentário sobre essa coisa do conhecido e do desconhecido. E alguém falou da sociedade e achei interessante essa coisa do medo do desconhecido. Como é que eu lido com essa coisa do

desconhecido. Antigamente a gente ficava muito no conhecido. Acho que hoje nem se a gente quiser dá pra ficar no conhecido, porque no dia seguinte já virou desconhecido. Basta ver nosso país.

- Exatamente.

EU: Voltamos à questão do espelho e aí a questão do espelho falso do ..., do self- precisa mostrar pra todo mundo que está bem. A sensação de sonambulismo dele, que foi ficando no isolamento e não soube lidar com a solidão. E ele entrou numa automático e aí veio a reflexão do quanto nós vivemos no automático. Que situações que nos empurram para o automático. E também outro tema que veio foi da influência do mundo externo, já que estávamos falando da alma interna e alma externa e o quanto esse mundo externo influencia quando a gente tem problema, quando a gente não está bem. E parece que aí a gente mede mais esta presença do que os outros falam, do que os outros estão falando. Mas aí veio a experiência de quem já tem um percurso de vida, que somos nós, de um viver integral. É a leitura dessa parte de um dentro e um fora, de juntar desse dentro e desse fora. Eu estava tão entusiasmada que esqueci de escrever mais. Tenho que confessar pra vocês que houve uma falha. Então aberto pra vocês falarem sobre esta 2ª experiência do Labhum. O que foi a experiência. 6:23

- Fiquei pensando que vocês foram muitos felizes na escolha. Primeiro gostei porque o Machado de Assis está sempre 20 anos na frente. Vai ver, ainda vai despertar coisas para se pensar. É um homem à frente do seu tempo. Feliz porque eu acho que o tema que vocês escolheram – o espelho – foi pra mim, na vida estou vivendo este momento. Então com as várias nuances de ex-profissional, avó, esposa, aí sim. Então aí eu voltava, olha várias situações em que eu me via dentro. Então, quando você falava em muitos momentos, eu me via dentro. E quando você não tem isso? E aí eu voltava, é importante qual imagem que você faça, o que é pra você? Como você está? Então são reflexões muito importantes, sobre a noite, o repensar na questão da solidão, A questão de você se motivar pelos caminhos, não esperar o outro, você buscar para ser feliz. Reflexão sobre seu amigo, seu companheiro, Pra mim foi bastante importante.

EU: Que lega, quem mais quer falar da experiência do espelho? Pelo menos desse espelho. [longo silêncio]. Ou da experiência dessa convivência nossa. Pode dizer que não gostou.

- Eu achei que este modelo de ler, eu não tinha passado por isso. Só somou e de repente me veio assim, tipo um insight, a gente tem que olhar pra frente, pra trás, pro lado, direito, esquerdo, pra cima, pra baixo. E você vai encontrar resposta em todos esses olhares, desde que você se permita. Eu adorei os encontros. Pra mim foi muito produtivo.

EU: Eu vou aproveitar, já vou te chamar. Eu procurei algumas reflexões, uma que está super em cima do que você falou, que fala da questão do tempo. “eu vivia num quarto repleto de espelhos que eram eu mesma”. Até porque fazendo uma ligação com a memória. E fala assim, o Julio Pimentel, menciona esse lugar de refúgio. Tem história, tem ficção, o universo imaginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado. Então quando você fala de olha pra cá, olha pra lá, eu fui também pensando nessa coisa do tempo – o tempo que passou, o tempo que virá, o tempo do outro,

- E a forma que eu olhava antes dessas reuniões com vocês, diferente da forma que eu passei a olhar a partir de vocês teve um peso enorme.

EU: Vamos

- Quando você dá o texto e a gente leva pra casa, eu era meio espevitadinha. Então, se tinha que ler aquilo era porque eu era obrigada. Eu não vivia o livro, não saboreava e aí você deu este texto, eu cheguei em casa, li e pensei ‘nossa, eu não entendi nada’. A primeira leitura que você faz assim, eu não entendi nada’. Depois, aí vocês começam a ensinar a gente a pensar, analisar. Como a gente tirou coisa disto, não é? Então, estas aulas estão sendo fantásticas. Tanto pra gente aprender quanto pra usar no dia a dia. E eu não sei se é porque a gente está mais madura, a gente tem uma história e a gente consegue ver tanta coisa aqui. Não é? Com vocês ajudando.

EU: A leitura que eu faço é que todo mundo é capaz. Este é um exercício, e como todo exercício, eu sou apresentado a ele e causa um estranhamento e depois a questão de começar a treinar, e a olhar. A literatura sempre teve esse papel, mas talvez a maneira como a literatura é muitas vezes apresentada, principalmente na escola, é apresentada como obrigação chata e não como fonte de prazer. Às vezes as pessoas mais introvertidas, elas vêm mais pra isso, mas as espevitadas, em princípio, elas querem mais a experiência fora. E está certo, cada coisa no seu tempo. E a gente está agora, talvez mais neste tempo de olhar o que foi, o que é.

- Eu por exemplo eu sei do peso que leva à frente tudo o que a gente lê. E eu aprendi muita coisa: paciência pra ler, porque eu lia demais quando meus filhos estavam na escola. O meu filho não gostava de ler e eu lia pra ele. Agora eu achei muito bom ler os dois textos, foi uma aula muito linda. Sobre o espelho, no meu quarto tem um espelho enorme. Igual o alferes, mas o dele era velho e o meu é novo. Tenho que ser feliz. Às vezes estou no meu quarto e eles lá da sala me veem deitada. É como o alferes. Toda vez que estou no meu quarto lendo o texto do alferes. Então, eu não estou só – eu tenho o espelho. Às vezes eu levanto o cabelo, eu me arrumo e me olho no espelho, pronto, hoje estou bonitinha. Eu lembro do texto. Foi muito legal. Essa parte da tia Marcolina, o meu avô chamava Marcolino. Então ligo uma coisa na outra e lembro do meu avô contando histórias. A tia Marcolina que também contava história pra ele, gostava muito dele. Era interesseira, mas gostava.

EU: Aí já é conversa de bastidor.

- Pra mim esta experiência foi nova. Foi difícil entrar no texto.. Também achei o seguinte – 4 aulas foi muito. Não sei a turma, mas duas aulas para o texto são suficiente. É minha ideia.

EU: Nós conversamos sobre isto, sobre a metodologia –nós precisamos pelo menos três. Tem as histórias de leitura e quando o texto é menor pode ter menos a discussão e aí tem as histórias de convivência que é hoje. Mas sim, aceito. Depende do texto.

- É a minha sugestão. Vai ficando cansativo. Porque a gente repete, repete, repete. Cada um tem seu ponto de vista. Eu tenho problema com literatura. Acho que os temas são muito repetitivos. Pro meu gosto, bastavam duas. Aprendi muita coisa.

EU: Está registrado isto. Porque normalmente discutimos um livro inteiro. E aqui foi uma experiência.

- Acho que é muito pouco texto para quatro aulas. No geral. Pra um texto, que é um conto, quatro aulas é muita coisa.

EU: Você achou nos dois ou só neste?

- No geral. Duas aulas é melhor.
- Dois textos praticamente e talvez tenha a abordagem do primeiro e a abordagem do segundo.

EU: Entendi.

- Em relação a este poderiam ser 3 encontros.

EU: Quem mais quer falar?

- O alferes sempre existiu e vai existir sempre. O encontro com a tia despertou o ego dele, que ele já tinha dentro de si.

EU: O encontro com a tia despertou o ego dele. Estava adormecido e o encontro com a tia despertou. A tia não teve o peso do príncipe da Bela Adormecida

- Essas pessoas se acham maiores do que são. Tem pessoas que não enxergam – acham que só ele. Quando ele chegou a cair em si, ele viu que não era só ele.

EU: Então ele cai em si e percebe de repente no caminho que a alma interior vale.

- Engraçado que eu nunca tinha me atentado a isto. Como a vestimenta interfere no modo de ser, no momento e isso muda a cada roupa que a gente coloca. Se você vai para um enterro – o enterro pede uma roupa mais sóbria; você vai para uma festa chique, vai para uma festa menor. Então, interfere demais a roupa na vida da gente.
- É isso mesmo. Melhor, pior.

EU: Então eu posso gostar de algumas vestimentas e outras não. Eu posso me sentir à vontade com algumas e não com outras.

- Algumas personalidades.
- Eu por exemplo coloco uma roupa, um salto e a roupa fica boa. Raramente estou sem salto. Minha filha falta ‘mãe, quando é que você vai descer do salto?’. ‘Nunca’.

EU: Vocês concordam? Com essa coisa do vestir a farda. Tem alguma farda que vocês não gostam de vestir?

- Tem, por isso que eu falo que depende da personalidade, não só da roupa.

EU: Então, o que a gente vai vendo? Dependendo da personalidade, como você disse,

- Numa festa, por exemplo, tem gente que vai com muito brilho, muita luz. E tem gente que vai simples.
- Aí muda o seu comportamento.

- Eu acho que não.
- Com brilho ou sem brilho, você se comporta de forma mais fina, mais educada.
- Quando a gente vai numa festa, eu tenho uma personalidade sem brilho e tem gente que vai na mesma festa sem brilho. Personalidades diferentes.

EU: A personalidade que escolhe a roupa.

- Não é só pelo lugar que você se veste; é por você também.

EU: Vocês mudaram a vestimenta de vocês, essa coisa do que vocês mostram? Como eu me apresento

- Não. Eu tive uma profissão muito sólida, você começa a se adaptar.
- Eu acho que a gente se adapta às coisas, mas tem também que a gente não precisa se adaptar, Não é porque a gente veste uma tal roupa que interfere no seu eu.
- Mas numa festa, você muda.
- Você veste a roupa e não a roupa que veste você. Você tem atitudes às vezes.
- Mas aí é que está. Você pode estar numa roupa bonita e ser você.

EU: São maneiras de ver. Vocês sabem que aqui não tem certo e errado. A gente tem como eu vejo, como o outro vê.

M: você não está bem, chora. Quando você está bem, fica melhor, conversa melhor. Você tem que estar mais feliz.

- Tem gente que usa aquela farda pra sobressair. Tem gente que usa a farda pra se exibir.

EU: A história que veio daquele texto que o colega trouxe – de que quando ele pôs a farda lá no Espírito Santo, de uma dignidade que estava mais arruinada, na hora que pôs ele resgatou

- Até aí eu concordo, mas tem gente que usa a farda pra se impor “eu estou de farda”. Então você tem que me respeitar porque estou de farda.
- Sou maio.
- Não pode ter esse contexto.

EU: Quer dizer que a farda está funcionando como imposição. Acho que todos nós passamos pela época da carteirada.

- Tem gente que compra uma roupa numa loja cara, e ela acha que ela é mais importante do que uma outra. Não é isso que faz você. A sua personalidade é que tem que aparecer. O cara que usa farda com integridade, ele usa a farda como uniforme. Ele não usa a farda para impor respeito. Acho que não é por aí.
- Por isto usam terno.
- Tumulto de vozes
- Muda a perspectiva.
- Na personalidade ele continua sendo só um rapaz.
- Esta semana teve uma discussão em cima disto. Rodrigo Maia foi ao palácio falar com a presidente e estava de bermuda e isto deu um bafafá. Qual é o invólucro ir de bermuda

EU: O que ele quis dizer com isto? Você não vai pra uma entrevista de havaiana. Será que a gente continua o mesmo ou muda?

- EU acredito que se você é uma espécie ... A sua roupa não é para você, é para o outro.

EU: Vocês ouviram esta frase?

- Não concordo.

Tumulto de vozes

- Por exemplo, você vai à praia, com biquini verde fosforescente, atrapalha o olho do outro, dói no olho do outro. Mas tenho que levar em consideração que, como você disse agora há pouco, você não vai numa entrevista de emprego de qualquer jeito. O meu professor de neuroanatomia dizia dentro do laboratório de neuroanatomia ninguém entra de chinelo. Porque o outro lá, a peça, merece respeito. Então você vai por calça, vai colocar sapato, se virar.
- Mas depende.
- Ele não nega,

EU: Depende, eu concordo. Depende do quanto você se sente firme para até poder vestir a farda e se tornar a farda.

- Depende da personalidade.

EU: Então, mas isto tudo pra gente refletir. Pra gente pensar: ‘será que tem pessoas que vestem essa fazer assim?’. Mas voltando para a nossa experiência. E vocês, quem mais quer falar alguma coisa?

- A análise do texto, eu passei por isso. O que queria comentar com a senhora é que o alferes é o vestibulando de hoje. Eu fui a tia da família (?).

EU: O menino entra na Usp. Entrar na Usp hoje é como vestir a farda do alferes.

- Exatamente.

EU: O que é o valor hoje? Aquilo que é valorizado, principalmente pela mãe e pela tia.

- Eu acho que nós temos a vaidade dentro da gente. Faz parte da sua personalidade total

EU: Nós temos a vaidade dentro da gente.

- Todas as ideias despertadas são proveitosas. Agora eu gostaria de falar de outra coisa dentro do texto. Falou-se muito em vestir a farda. Eu vou falar em tirar a farda. E quando eu falo em tirar a farda, estou pensando em uma coisa que poucas pessoas dão atenção, ou seja, **o que eu vou fazer depois que me aposentar?[dá ênfase à última frase].**

EU: Ah, aqui nós temos um tema que nos afeta diretamente.

- Mesmo porque o aposentado é todo mundo igual. Você chega em um lugar de aposentados, ninguém pergunta ‘você é médico, dentista?’ Todo mundo é aposentado. [risos] Se você não tiver uma personalidade... Se ele não se conformar, vai falar que é aposentado? Um senhor não se conformava: eu não sou aposentado, eu sou juiz. Mas ele era aposentado!>

- Boa

- Pois é, não tira a farda.

- Tumulto de vozes

EU: Ser aposentado não tira a profissão que teve.

- Você faz o quê? Sou aposentada.

EU: Será que tem que aceitar isto? Eu acho que você falar ‘sou juiz, sou da usp, sou alferes’ é a mesma coisa que falar ‘sou aposentado’. É colocar um rótulo. Mas quem faz o rótulo.

- Você.

EU: Então, eu visto o rótulo de aposentado ou não.

- Depende do que você construiu até lá.

- A aposentadoria.

EU: Sim, a aposentadoria é um fato. Pode ser muito bom. Eu conheço aposentados felizes.

Tumulto de vozes

- Já carregou sua farda 40 anos! [farda~ trabalho, retirada na aposentadoria].

EU: Então, mas pra você virar outra coisa,

- Trocar farda, agora você vai usar uma outra farda.

- Na época você fica atordoada.

EU: Gostei dessa fala, repete

- As fardas são as mudanças na vida.

EU: As fardas são as mudanças na vida.

- Exatamente.

EU: Então vamos pensar nisto? Até acho que dá pra você fazer aqui. Que farda vocês tiraram? O que apareceu de coisas que fez vocês tiraram a farda? A partir dessa ideia que a nossa colega deu. E quem surgiu depois que tirou a farda?

- Pra boa parte o aposentado, né? [risos]

- Tumulto de vozes.

- Aposentado é um estado, não é ser.

EU: Aposentado é um estado, não é ser.

- Não atrapalho

EU: Vamos pensar no que vocês despojaram.

- Do compromisso.

- A farda da fofoca.

EU: Você retirou ou pôs a farda da fofoca?

- Eu coloquei mesmo [diz rindo].

EU: quem mais?

- A fala do pode tudo.
- Você tem direito de não ficar em fila.
- Tumulto de vozes
- Ontem eu fui num lugar que tinha umas cem pessoas na frente. Como eu sou idosa, eu cheguei de saltinho, nunca mais

EU: Você está me dizendo, G. que é na hora da conveniência.

- É meu direito.

EU: Eu quero saber aqui quem já tirou alguma farda.

- Terno e gravata.

EU: Se livrou do terno e gravata.

- Agora é camisa polo e tênis. Já pedi aos filhos que quero ser enterrado de bermuda, camisa polo e tênis.

EU: tem que deixar em testamento. Ele se sente melhor. Não tem farda agora.

Tumulto de vozes

- Vai matar os bichos de fome com pouca roupa.

EU: Que eu saiba os bichos comem é a carne. Quem mais tirou farda.

- Eu tirei a farda de avental de professora. E depois, no hospital Santa Marcelina como voluntária. Aí era avental cor de rosa. Com ele eu podia andar pelo hospital. Aquele avental cor de rosa me dava liberdade

EU: Ou seja, não era uma farda fardo, era só um avental. Porque tem isto – que peso eu dou?

- Ah, mas todos aqui continuam com a farda. Todos estão sentados nesta cadeira.

EU: Mas algumas regas sociais continuam.

- Uma pergunta: quem já sonhou que estava em público sem sapatos, sem calça ou sem camisa?

EU: EU já.

- Sonhei. Saí na rua sem sapato. De terno e sem sapato. Ou sem camisa. Quem sonha acha estranho.

EU: sim, mas o que será que isto está dizendo? Sonhos contém códigos, não vou dizer indecifráveis.

- Mas são códigos.
- Antigamente o hábito fazia o monge.
- Vai longe.

EU: Mas será que não tem mais isto, gente? Eu acho que cada época, como já foi dito, tem seus hábitos. Eu mesmo quando vejo um bando de adolescentes, vejo tudo igual. É preciso ver que etapa que a pessoa está.

- E nós também. Se você vê um monte de velhinhas, a gente está redescobrimo que a gente teve uma vida de trabalho, responsabilidade, filhos, dar o bom exemplo. Agora estamos leves. Já passou o momento.

EU: Eu gosto de estar vestida de leveza

- Muito

EU: Por que? O que aconteceu?

- A gente se livrou nessas responsabilidades.
- Verdade.

EU: Então nem toda farda é ruim. E qual é a etapa? A farda é adequada pra minha etapa?

- A farda não tem muito a ver.
- inaudível

EU: O que mais. Alguém escreveu alguma coisa? Tem um grau de narcisismo que é necessário pra gente. A questão é o exagero – só se olhar. Só existir pelo olhar do outro. A gente precisa existir e olhar pra dentro. A L. trouxe um poema sobre o espelho.

- Trouxe dois: um é um presente pra vocês. Eu ganhei este poema, eu devia ter uns quinze anos, meu pai me deu. Eu fechei o papel que ele me deu e eu guardei na minha bolsa. E o papel ia comigo pra lá e pra cá, mas se desfez e agora eu leio o poema que ele me deu, mas de outra forma. EU já fui chamada a muito colégio de neto no dia do avô e essas coisas pra falar alguma coisa e levava sempre

esse poema que vou ler pra vocês. E tem outro que também uma amiga me deu. Deixa eu pegar meu óculos

EU: Os óculos é parte integrante.

M: os óculos é parte da farda.

- Envelhecer: Entra na velhice com cuidado. Pé ante pé sem provocar rumores. Desperte lembranças do passado – sonhos de glória e ilusão de amor. Do que tiveres do pomar plantado, apanha as flores e recolhe os frutos. Mas lavra ainda e planta o arado, que outros virão colher quando te fores. Não te seja a velhice, enfermidade. Alimenta no espírito a saúde. Luta contra a tibieza da vontade. Que a neve caia, o ardor não mude. Mantém-se jovem, pouco importa a idade. Tem toda a idade a sua juventude. [palmas] Este mexe muito comigo. O outro: Não chores porque me fui, mas sorria porque vivi. Não fecha os olhos pedindo a Deus que eu volte, mas abra-os e veja tudo o que eu deixei pra trás. Seu coração não está vazio por não me ver e sim cheio do amor que partilhamos. Você pode dar as costas ao amanhã. E viver só o de ontem. Ou pode ser feliz no amanhã, por causa do que fomos ontem. Você pode sonhar comigo e chorar porque me fui. Ou valorizar minha memória, e deixar ela viva. Você pode chorar e sofrer, pode dar as costas ao mundo. Ou pode fazer o que eu quero, sorria, limpe as lágrimas e reaprenda a amar. [novas palmas]

M: L, de quem é este?

- Quando eu ganhei estava ‘autor desconhecido’.
- Se preparar todo dia.
- Sim aceite que está envelhecendo. Se você por na cabeça que está velho, fica louco.
- EU acho que é pra gente se preparar pois vai ter limitações, você vai ter um óculos, de repente um aparelhinho pra usar, uma bengala pra se apoiar. Então você tem que se preparar. Você vai ter que entender, o seu corpo vai se limitar.

EU: E já que você está trazendo, o corpo tem limitações, vai mudando de forma, o que acontece com quem fica preso no espelho?

- Aceite, só. Tem que se preparar para isto.

EU: A gente tem que mudar de espelho para o espelho da alma. Eu vou puxar o que você disse, as memórias se entrecruzam, as lembranças e o esquecimento, o pessoal e o coletivo, o indivíduo e a sociedade, o público e o privado, o sagrado. Porque a nossa memória é isso, tem a capacidade de mesclar e trazer e integrar o que tem de bom.

- A vida é linda.
- Ter gratidão pela vida. Você está viva, andando, agradecer pela vida.

EU: Vejo aqui a coisa da experiência compartilhando

- Existem outras pessoas que poderiam estar aqui e não estão.
- Tem gente que lembra mais do que aconteceu no passado do que aconteceu ontem.

EU: Então, né, como é a pessoa que lembra mais do passado do que do presente? O que será que ficou marcado no passado? A gente vive do passado?

- Não, tem que viver o hoje, amanhã é outro dia. Eu não penso que estou com mais de sessenta, tanto que faço coisas que até me prejudicam. Mas o meu neto fala assim: ‘o vó, deixa vim uma idosa hoje? Eu esqueço que eu tenho 65 anos, faço bolo. Aí meu neto pergunta: ‘o vó, você já viu uma idosa hoje? Falo ‘não’, e aí ele fala pra olhar no espelho.

EU: É porque é seu neto. Tem uma coisa importante que foi dita aí – o que me leva a guardar uma memória? Qual é a minha escolha de memórias? Eu posso viver do passado?

- Eu acho que a gente guarda o que é importante.

EU: Vocês concordam [muitas vozes]. Não? Você não guarda o que é importante?

- Não entre não guardar o que é importante e só guardar o que é importante tem diferença. Porque cada um pode perceber que tem memórias que nem pensa e que surgem – coisas quanto tinha 6 anos de idade, 10 anos de idade. Isto, você não controla.
- Mas é importante.

EU: Será que não é importante?

- [tumulto de vozes]
- Se ele ficou lá na sua memória, é porque é importante.

- O que nós estamos chamando de memórias e mente, é como se fosse uma só coisa.

EU: Não.

- Tem uma parte que é consciente e uma parte que é inconsciente. Muitas coisas que lembramos e não sabemos que lembramos são inconscientes. E se são inconscientes, ou consciente, não importa, o julgamento é consciente.

EU: Não sei se é um julgamento ou um fato que se lembra. De alguma forma é importante. Nem sempre a gente acha que é importante.

- Tumulto de vozes

EU: O que é importante naquele momento, mesmo que você não saiba.

- Ela registra aquilo que foi muito marcante naquele momento.
- Verdade.
- Foi importante.

EU: Então, e o que foi marcante neste conto? [risos] Eu volto, quero ouvir a turma do fundo.

- C. pra mim esta questão do espelho, eu não tenho nenhum agora; agora, o que eu vejo? Sem o espelho. Quando eu vou para o espelho. E quando me olho, qual a imagem que eu vejo? Qual a imagem que eu gostaria? Então, este movimento do conto, de ter essa ideia de vestir e desvestir, se perceber, e aí no final, quando os interlocutores se deram conta, ele estava... Pra mim isto é pessoal porque pra mim, eu tive um momento que eu tinha mais externo, eu dava conta daquilo que era externo. Pra dar conta, ele tinha que manter tudo o que era externo. Hoje, eu tenho a possibilidade de ter uma outra vivência. Então esta outra vivência me deu muito mais leveza. Mais tranquilidade, e eu passei a descobrir muito mais sobre eu mesma. Então este conto tem esse movimento – a possibilidade de se descobrir, vou pentear os cabelos, olha lá .

EU: Aí tem a intenção de olhar.

- Agora a gente vai prestar atenção.

EU: E a turma do fundo? [dizem que um homem já falou] Ele já falou, ele é o representante?

- Eu não sou representante! Tira essa farda de mim.
- Uma participante pede a adequação para o segundo semestre [menos reuniões – indica o desconforto]

EU: Vou falar com a Claudia. Fazer um livro inteiro

- Um livro mais sapeca.
- Um livro mais leve.

EU: Gente, laboratório é participação.

- Quero me divertir, não quero coisa cabeça.

EU: Vou ver com a Claudia um livro divertido ou mais poético.

M: família é um assunto que pega?

EU: Vamos ver aqui, a gente vai escolher com carinho.

- Alguém aqui viu aquele filme “O senhor estagiário?” Ele fala de tirar roupa que vai trabalhar. Desta forma tudo o que ele veste – o lenço, a roupa, tudo tem um sentido. Ele ajudou os meninos que estavam iniciando a se dar conta. Então, quando o menino olha aquela maleta toda organizadinha, ele fala ‘nossa!’ e ele vai pra casa pra ter uma maleta, o outro que não tinha lenço, ‘porque as mulheres choram’ [risos] e ele tem um lenço pra oferecer pra ela. E isto fez com que ele pudesse se aproximar da menina, acalantar a menina, ser conselheiro, mediador. Então, ele não era mais aquele que ficava sentado olhando a lista telefônica – ele abriu o leque de influências dele.

EU: E aí você está me trazendo também que uma pessoa mais velha, pode influenciar a geração nova,

- Foi uma troca. Ele dava conselho pro jovem que olhava pra ele.

EU: A vida é isto? A vida é troca?

- Resumiu. Ir pra academia e fazer um exercício mais light. Porque o que a gente viveu naquela época era o melhor do que a moçada de hoje. Eu acho. 1:00

EU: Aí são escolhas pessoais. O que não dá é caminho único. Cada um vai passar por uma experiência, de uma certa forma. Uma colega escreveu uma experiência. Posso ler?

- Relato de experiência *O outro lado do espelho - outra face. Deixe limpo o espelho, pois o tempo passa. Vira ferrugem ou fumaça. Vai em frente, a vida é uma roda viva. Vai e volta. [...] Não pare.*

Se pergunte: por quê? Passou, é fumaça. Nem sempre encontra-se uma resposta. Fechem a porta do passado, limpem o espelho. E torcer para a roda girar. Sem dor, sem tristeza ou rancor. Temos que pensar em ser feliz. Espelho, espelho meu. Hoje, agora, sempre, eu. [palmas]

- E não gosta de literatura!

EU: Você acabou de fazer uma amostra de literatura. Um depoimento pessoal; é isso aí. É o que vem de dentro da alma. O que cada um pode sentir. Quem mais quer falar alguma coisa da experiência? Da experiência de troca.

- Mas professora, eu vejo assim. Há 60 anos atrás, 100 anos atrás, as pessoas viviam em função de pai e mãe. Eles davam uma ordem e você obedecia. Ao longo dos anos lhe dava paciência, como passamos por aqui. Hoje, ninguém quer fazer o que mamãe ordenou, ninguém quer conselho de ninguém. Hoje, acham que está faltando alguma coisa, não está contente com nada.

EU: Fica a pergunta aqui – mudou alguma coisa? Quem é que não mudou?

- O espelho.

EU: Ele está mais enferrujado.

- A essência do ser humano.

EU: O ser humano está sempre em busca de alguma coisa.

- Evoluir

EU: Eu acho que tem uma coisa engraçada, que me fez pensar. Por exemplo, hoje então eu não quero obedecer a ninguém, mas eu vou prestar concurso pra não ter que me preocupar.

- Isto é uma incoerência.

EU: Então tem uma coisa assim, tem uma insatisfação, mas o homem é insatisfeito. E este é um fato – somos seres insatisfeitos.

- A insatisfação faz com que vá em frente.

EU: Esta coisa da insatisfação que mobiliza.

- É o combustível.

EU: EU estava sentindo falta do seu comentário.

- Quase que eu não venho hoje. Estou com problema da coluna.

EU: Tá, mas senti falta – é o combustível. Porque se eu tiver totalmente satisfeita, não saio do lugar.

- Exatamente
- Não evolui

EU: Não evoluo. Eu falo que o homem é bicho sem vergonha. Eu não estou sendo preconceituosa porque aqui adoro a participação de vocês. Bicho sem vergonha, ele vai muito rápido na insatisfação. Se não ele não vai. Tem aquele negócio que você não mexe em time que está ganhando. E aqui, no que estamos mexendo?

- Em nossas saudades
- [vozes murmurando]

EU: O seu amigo não aceitava velhice.

- Ele comentou que não era velho. Ele me chamava de velha assanhada. Eu dizia ‘mas eu não sou assim, eu vivo o presente!’.

EU: Aliás, aqui tem muito. A gente mexeu nos sentimentos. Até dar risada, mas também ser capaz da emoção. Vamos lá, a gente poder também cuidar do dia a dia. Quem mais quer falar da experiência de estar aqui nesta convivência.

- Amplia os relacionamentos, se sentir saudável em relação a nós mesmos.
- A gente tem o que fazer, com quem participar. Isto faz com que fique muito mais agradável. Só o fato de estarmos todas as terças e quintas nos deixa alegres, contentes. A gente fica muito mais motivada.
- Uma coisa que eu falo com a boca cheia pra todo mundo: ‘eu estou na faculdade’. Eu falo que faço história da arte. Eu sou artista; O ser humano está sempre buscando. Porque, como dizia a minha mãe, se você ficar parada dizendo ‘ai meu Deus, o que é isto?’, onde você vai parar? Então vai à luta, vai procurar, vai buscar, entende? Então você não pode ficar parada. Ficar falando ‘ai Deus’, Deus não dá nada, gente. Deus ajuda. Já imaginou o mundo de gente que pede? Coitado de Deus.
- Você para...

- murmúrios

EU: Muita sabotagem. Faz pensar diferente? [a experiência do laboratório/ da Uapi]

- Faz pensar diferente.
- Pedir silêncio.
- E assim, o conhecimento que a gente adquire aqui, propicia que a gente tenha assunto, converse, nós tivemos aula de tabagismo, tivemos aula da vacinação, tivemos aula do sono. Então, você adquire conhecimento, você vai participando de um grupo, você tem assunto. E os nossos filhos ficam orgulhosos, não ficam? Netos falam assim: ‘a minha avó vai sair com as amigas da faculdade’.
- Meu neto também fala isto.
- Abre a mente.
- Mas é muito bom.

EU: Lógico! Eles ficam orgulhosos quando nós temos a nossa vida.

- O meu neto pergunta: ‘o que você aprendeu hoje?’

EU: Quer saber o que aprendeu. A gente pode continuar ensinando

- Eu queria ser um mosquitinho pra estar na janela da...
- Eu liguei pra eles pra conta, não te falaram.
- Nós aprendemos com as experiências de alguém.

EU: Aprendemos a diversidade, que não certo nem errado, um certo, um errado, né? Tudo tem seu lado certo, tudo tem seu lado errado.

- A diversidade é o que faz a vida.
- A gente estava falando de lembranças. Eu, por exemplo, fui casada três vezes com o mesmo marido. [risos].
- Tumulto de vozes
- Eu me casei só no civil. Meu marido era meu professor e eu quis casar rápido porque ele era meu preferido.

EU: Se ele esperasse um pouco....

- Com 25 anos eu peguei ele beijando a minha funcionária. Divorciei. Eu arrendei o sítio, fui comprar boi, mas todo final de semana ia chorar lá. Falei que ele estava beijando a funcionária. A minha filha foi vítima de um estupro. Foi estuprada e engravidou e falou que tinha medo de me falar. Tanto é que fui trabalhar por 5 meses. Aí fazia faculdade em uma cidade e mudou pra eu não ver ela grávida. Não estava bom naquele sítio, porque eu não nasci pra sítio. A minha paisagem é prédios. Eu não gosto de mato, bobagem. Aí o que eu fiz, voltei pra minha casa, eu tinha uma senhora casa em Poços de Caldas, eu tinha uma fábrica. Porque na separação o meu marido ficou com a loja e eu com a fábrica. Liguei para os meus compradores e falei que estava na área. Aí o que o meu marido fez. Eu falei, oh eu vou ser avó, minha filha mãe solteira. Eu era meia boba nessa parte, agora não sou mais não. Mas, como é que faz? E o meu marido ia todo dia na minha casa. Ficava até meia noite, todos os dias. Já que você fica aqui todos os dias, então volta pra casa de uma vez. Aí casamos de novo, ele anulou o desquite, fizemos uma viagem de lua de mel maravilhosa, inesquecível, lembro até hoje. Depois de 33 anos de casada, ele pegou a minha cozinheira, [risos] Eu fui achar a fazenda, não é fácil achar o endereço. Cheguei lá e ela veio apontar o dedo pra mim e dei um tapa nela, e foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Porque ele machucou meu coração. Voltei pra minha vida e eu tinha duas casas de repouso. Aí ele voltou. Eu pensei que ia aceitar porque não ia dar o gosto pra ela. Quem manda agora sou eu. Aí resolvi casar na igreja, quem sabe. Minha filha tomou à frente organizar o casamento. Eu aceitei de volta contra os meus filhos. Eles acharam desaforo. Minha filha enfeitou a igreja como se fosse uma virgem. Fiz um vestido de noiva. Eu estava feliz, foi maravilhoso. Foi um dia feliz vestir de noiva. Aí casei novamente, viajamos pro Mato Grosso, ele apaixonou pelo hotel, compramos o hotel e a criatura arrumou uma amante. Liguei para o meu filho e disse que eu tinha 54 anos e não ia ficar chorando ou me magoando. Pedi pra meu filho me buscar. Eu quero ser feliz. E a partir daquele momento eu fui feliz.

Tumulto.

EU: Gente, a gente tem momentos de felicidade. Ninguém vive em eterna felicidade.

- Procurar outro enredo pra escrever. (Tumulto)

Ciclo – “O Pássaro Encantado”

TRANSCRIÇÃO DO LABORATÓRIO DE LEITURA DO PÁSSARO ENCANTADO Reunião abr 18

Reuniões 5, 12, 19, 26/4

- Apresentação do laboratório
 - Projeto idealizado por Dante Gallia, do CeHFi, tem mais de 14 anos. Momento que os alunos saem do foco técnico para mergulhar na literatura. Sair do foco do cotidiano e através da discussão da leitura, voltamos para ela. Sem expectativa análises sofisticadas. Leitura da 1ª parte. 1ª história – O pássaro encantado.
 - Não é resumo, é falar o que a gente sente, o que passou pela cabeça, o que esta história tem a ver com a nossa vida. Identificar os temas da vida. O autor ser humano fala da vida. Questionamentos semelhantes, respostas que damos podem ser diferentes. Resgatar o humano que está dentro de nós. A vida corrida faz esquecer que somos seres humanos.
 - O Trajeto → falar um pouco de si em uma apresentação.
 - Discussão do 1º conto. Depois o roteiro de discussão, depois história de convivência.
- Apresentação das pessoas – processo muito divertido e tumultuado, brincadeiras sobre quanto tempo participa, pois em tese seria só um ano.:
 - Maria Silvia, 4 anos frequentando a UAPI
 - Maria Laura, quero repetir
 - Ana Maria, prazer estar aqui
 - Ester quer viver o hoje
 - Amélia Maria, 1ª experiência
 - Appio - estou há dois anos, já fui elemento de amostra de outro estudo.
 - Maria Aparecida, trabalhei magistério, alfabetizando e curso formação de professoras, 54 anos de atividade.
 - Gilda, já estou aqui.
 - Marina – 4 anos de felicidade na Uapi
 - Maria Helena, muito interessante o laboratório, aprendendo
 - Alice – faz tempo que estava de olho
 - Maria Lúcia
 - Maria Amélia
 - Neuza Martins
 - Maria Silvia, no ginásio tinha esta aula.
 - Miriam me inscrevi em 2010
 - Ester
 - Mariana, estava há um ano na fila.
 - O único problema do laboratório é que se torna um vício
 - Ana Regina, trabalho com criança.
 - Hilda
 - Odete – uma ano e meio – reciclagem
 - Neide
 - Marcia Maria
 - Helena Maria – 3ª vez
 - Bom ter para onde voltar.
 - Homem
 - Neide estou há 3 anos
 - Elza – muito tempo aqui
 - Vivia muito pro meu trabalho. Abriu um horizonte.
 - Gloria –
 - 3 anos pedindo pra Claudia fazer a minha matrícula
 - Regina

- Ana Cristina, é a 4ª chance
- Neide
- Marcia e espero não sair daqui tão cedo
- Cecilia, fiquei de recuperação
- Muito feliz, é a 1ª vez
- Mulher inaudível
- Gerson, 2º mês aqui e de São Paulo. Sou de Santos. Frequentei a Uapi de Santos.
- Não pegou fila de espera porque tem pouco nome aqui
- Elzi – um senhor – sou jovem aprendiz.
- Hermínia
- Neuza – entrei e nunca mais saí
- Brinco que as vezes não acha a porta de saída
- Eu acho que repeti de ano
- Claudia – lista de espera, quantidade absurda de linha de espera. A gente resolveu fazer uma lista de espera. Gente que deixa o nome e não procura mais. Eu guardo a lista e tem anotado quando ligou e quando eu tentei ligar.
- Terezinha – 3º ano que estou aqui
- Mais um homem.

1º encontro - Histórias de leitura- quem não leu é a história de não leitura

- Pergunto se tem alguma dúvida? A prova que tem é a prova que estamos e continuamos vivos. Só desta vez que leremos aqui. Vou ler alto e vocês vão acompanhado. Como foi a experiência da leitura? 2 momentos na experiência da leitura – a leitura pessoal e a discussão em grupo, da troca. Entrar em contato com a história.
- 42:40
 - Sussurros de que é lindo.
 - Rubem Alves é maravilhoso. E acontece mesmo. Com os lembesmorteos

EU: Os filhos são nossos pássaros que voam, E quando eles voam e depois voltam, a gente sente saudade.

 - O bom filho à casa torna.
 - Mas tem que dar asas para ele voar
 - Tem gente que amarra – não deixa voar sozinho, não deixa ter liberdade.
- **EU:** mas a gente pode amarrar o filho? Não, né?
 - É preferível a dor da saudade encantada à tristeza de uma presença encarcerada.
 - Eu voltei dez anos atrás, onde vivi uma situação bem difícil da minha vida, e meus companheiros eram os pássaros. Porque eu morava numa casa de 3mil m2 de espaço verde. E às vezes eles caíam lá e eu corria e punha água na cabecinha deles para eles reviverem. Então, muitas vezes eu, chorando, conversava com eles. Eles voavam e depois vinham. Tinha tucano, tinha tudo quanto é tipo de pássaro. Eram todos encantados porque eu era a menina triste e eles vinham me abençoar.
 - Meus filhos são dois pássaros encantados que aparecem de vez em quando pra trazer alegria.
 - Ainda bem que você tem.

Eu: mas se a gente não tem o filho, a gente pode ter alguma coisa como uma espécie do pássaro encantado das nossas vidas?

 - Tem os amigos.
 - Ontem eu fui pra Santos, fui fazer o retorno de uma cirurgia de catarata. Aproveitei pra visitar alguns amigos. E, por coincidência, ontem eu estava no shopping Praia Mar e estava lendo este texto, quando eu encontrei com os meus amigos, aí que eu vi esta coisa da graça da saudade. Quando a gente se encontra, é uma alegria que não tem tamanho.
- A graça da saudade. Quando a gente encontra aquele objeto da saudade é uma alegria que não tem tamanho.
 - É verdade.

- Eu acho que a gente tem que ser apaixonado por alguma coisa – você ter um objetivo, ser apaixonado pela natureza, pela leitura. Eu acho que isto te traz vida, traz alegria. E te traz liberdade.
- Eu acho também que o namorado, a namorada, quando começa a prender muito, ou a proibir muitas coisas, aí acaba se desfazendo o namoro.
- Ai a vida passa a ser uma gaiola, né?
 - Perde o encanto.
- Aí o aprisionar tira o encanto do viver.
 - E aí ele não vai ter mais aquela pessoa, que talvez não admire mais, não se apaixone mais.
 - Eu lembrei do meu cachorro. Eu comprei o meu cachorro, ele tinha quatro meses. E aí ele veio com uma doença, levei no hospital e o veterinário falou que ele não ia passar de dois dias. Paguei adiantado e eu com aquilo na cabeça: ‘ele vai sobreviver’. Ele ficou duas semanas – a clínica até teve prejuízo porque ele ficou duas semanas. Eu ia todo dia, de manhã e à tarde visitar. Magrinho, com soro, a perna toda machucada. Ele levantava quando me via. Eu ia chorando pra casa. Foram duas semanas, e ele viveu 17 anos. Então, era uma saudade, uma coisa, eu tinha que visita-lo e ia rezando ave maria. O caminho era a oração.
- Cada um tem um caminho de fazer o contato, não?
 - Ninguém gosta de se sentir aprisionado, principalmente o homem.
- Vamos aqui abrir um fórum de discussão!
 - Se o animal aqui que é irracional sente-se preso, imagine o ser humano! Ele quer sair, encontrar os amigos, ter a vida dele. E a mulher também – quer ter a família, sair, ir ao cinema com as colegas, tomar um chazinho. Porque toda a pessoa que se sente aprisionada, ela é tolhida, ela não dá à expansão ao sentimento.
- A pessoa aprisionada se sente tolhida, e se somos tolhidos, o que acontece com a gente?
 - Desencantamos.
 - Ficamos tristes
- Vocês já se sentiram em algum momento aprisionados?
 - Fica doente.
- Fica doente, aprisionamento fica doente. Vocês concordam com isto?
 - E pior que tem muito casamento que a pessoa vive assim, né
- Sabe que eu estava pensando nisso, em que página do contrato de casamento diz que você tem que ter 24 horas de dedicação?,
 - Boa professora.
- Será que somos nós que nos impomos esta cláusula?
 - Bom, o meu eu deixei tão solto que ele voou [risos] e tá voando até hoje.
 - O meu também.
- Olha o que esta sendo falado aqui: ele ia e voltava, ia e voltava.
- É que a gente tem pássaros de todo tamanho. Tem aqueles pássaros que mais voam do que pousam;
 - Eu já acho que você conserva o que você libera.
- Olha aqui: você conserva o que você liberta. Vamos pensar um pouquinho nisto aqui? Quem ama liberta.
 - A nossa liberdade é que nos prende.
- Porque se eu tenho liberdade, eu tenho liberdade de sair e de voltar e ficar.
 - Eu acho que o que nos prende é o amor.
- O que nos prende é o amor?
 - Exatamente. Ele prende e ao mesmo tempo solta.
- O amor é uma força que ao mesmo tempo nos liberta e nos prende. Ficamos aprisionados no amor?
 - Com certeza. Se você gosta de alguém, dificilmente você ...
- O que vocês acham da menina?
 - Quando você ama uma pessoa, você fica preso a ela. Presa no bom sentido, de querer estar perto, de querer conviver. Quer ficar sempre com ela.

- As vezes é tão intenso, Teca, que se torna uma prisão. Ao mesmo tempo que dá liberdade para a pessoa, fica presa àquela pessoa.
 - É, tem compromisso.
- Ah estou entendendo que tem dois níveis desta palavra prisão: é prisão porque eu tenho um vínculo e me parece que é bom, e tem um aprisionar que nos sufoca.
 - Tem o que sufoca junto.
- Pode ser o aprisionar a uma pessoa e a uma lembrança.
- 53:28
 - Se você aprisiona, se você fecha a porta da gaiola, você nunca vai sentir o prazer de uma volta. Você precisa se libertar pra ver como é bom a saudade.
- É o poder voltar.
 - Tem uma música que fala: ‘sou eu, sou eu que vivo sofrendo [aplausos gerais].
- Gente tem um seguinte. Que eu saiba, não tem poeta sem sofrimento, não tem compositor que não tenha sofrido, mas não tem gente que não tenha sofrido, né? A questão é – o que eu faço com o sofrimento? O que eu faço com a saudade? O que eu faço com o amor?
 - Ninguém tem saudade de coisa ruim, tem?
- Em geral não.
 - Saudade é uma palavra triste.
- Aí nós entramos numa outra coisa. Tem a sofrência,
 - Mas não é legal não.
 - Glória canta de novo: ‘saudade palavra triste, que difere de um grande amor.....Sofrência mesmo.
 - Mas pelo livro, nós temos que lembrar que a saudade é curada nas pessoas pela imaginação.
- Ah, a saudade é curada nas pessoas pela imaginação.
 - Porque pode imaginar as outras coisas boas. O que interessa.
- E nós temos uma boa imaginação?
 - Somos meninas.
- E meninos, por favor.
 - Vou contar uma coisa, eu tive uma amiga que me ensinou o prazer de viajar. Nós fomos voluntárias. Fizemos muitas viagens juntas, curtimos muito isso e ela me ensinou a gostar. E essa amiga depois, na volta de uma das viagens, ficou doente, muito doente e foi embora. Eu não perdi o prazer de viajar, eu continuo gostando e tenho outras amigas e outras mais que virão. A vida é assim. Eu sinto falta dela. Toda viagem que eu faço, eu levo uma coisa dela comigo.
- Eu vou contar uma historinha pra vocês,
 - Eu li aqui e vi a parte espiritual da coisa. Porque chega uma hora, tem a hora da partida. De acordo com a minha crença, eu vivo uma saudade e uma tristeza à espera de uma volta.
- Mas ninguém explica essa volta ...
 - É, mas de acordo com a minha crença, eu tenho a certeza que eu vou encontrar quem eu perdi.
- a certeza que vai reencontrar quem perdeu. É uma certeza interna dela, a partir da crença dela. Mas tem uma coisa que nenhum de nós perde, que é: a esperança, eu posso não perder, e a lembrança também. A sua amiga não pode viajar mais com você, fisicamente, mas a lembrança dela pode continuar com você.
 - Ela me ensinou, e eu continuei.
- Porque o prazer passou a ser seu.
 - Eu quero, ela escreveu uma coisa linda sobre os sonhos. E eu assino embaixo, ela é uma escritora nata.
 - “A alegria mora nos nossos sonhos, e ela se realiza quando nós conseguimos sonhar. Alegria é poder abraçar o que se ama, mas primeiro é preciso saber o nome e o que realmente você ama.

- Saber o que ama e saber se ama. E agora deixo a pergunta: o que realmente amamos? O que vocês amam?
- Vários respondem ‘amo a vida’.
- A vida, os amigos, filhos, aquilo que me dá prazer, a pátria, a mim, eu mesmo. Um detalhezinho básico que é não esquecer de amar também. Esse papo de só amar o outro
 - Não rola.
- Eu ia contar uma história. Lá na Grécia Antiga, tinha um grande arquiteto, que era Dédalo, e ele simplesmente teve que fugir da cidade que ele morava, simplesmente porque, num ato de inveja, e loucura, ele matou o sobrinho que vinha se mostrando mais habilidoso do que ele. Não tolerou, e teve que fugir. Foi para uma ilha, Creta, e nessa ilha, então, o governante, o Rei Minos, que era um homem muito ambicioso e muito malandro também, contratou o Dédalo pra fazer um grande palácio, o maior palácio da humanidade. E aí dentro desse palácio. Minos sofreu uma punição dos deuses, os gregos tinham vários deuses, porque ele tinha enganado o deus Poseidon. Eles tinham feito uma combinação, não que isto seja alguma coisa que a gente veja na realidade, uma combinaçãozinha de bastidor, pois ele queria ser rei, e falou para o deus Poseidon que sempre precisasse ser reconhecido, que se ele fizesse um ato maravilhoso, um ato fantástico, e as pessoas reconhecessem em Minos o seu direito a ser o novo rei, então ele combina: vamos fazer assim, eu peço a você que saia um touro do mar. Isto seria fantástico. E aí eu sacrifico o touro para você, e aí você vai ser o protetor da ilha de Creta. O Poseidon gostou da ideia, assim foi feito, o touro saiu das águas e o Minos foi nomeado rei. Mas ele ficou de olho no touro, que era muito bom, e pensou: ‘esse touro com as minhas vaquinhas vai dar uma coisa muito boa’... e engana o deus. Ele sacrifica outro touro. Sabe o Fake News? Ele deu um plágio e o Poseidon está lá esperando pra punir o Minos. Então, começa a construir o palácio, e a primeira vingança do deus, porque esses deuses gregos, eles são tudo menos bonzinhos. Já vou avisando aqui. Então, o que ele faz? Ele faz com que a mulher de Minos se apaixone pelo touro. É babado forte. E essa mulher enlouquecida, vai a Dédalo e pede para ele fazer uma carcaça de vaca de bronze para que ela possa se unir ao touro. Na mitologia pode, mas não recomendo a ninguém fazer a experiência. Porque dá problemas. Mas lá deu, ela engravida do touro (espanto geral), e aí nasce o Minotauro. E aí o Minos, exige do Dédalo que construa o labirinto e aprisiona o Dédalo junto com o Minotauro. O Minotauro era antropófago, e precisava da carne humana pra poder sobreviver. Babado fortíssimo! Mas o Dédalo era tudo menos trouxa também, ele constrói asas, estuda os pássaros e constrói as asas para ele e para seu filho Ícaro, as asas de Ícaro, explica para o filho que vão sair pela janela do labirinto, que era um precipício. Disse pra seguir na meia altura – não pode ir muito baixo porque cai no mar, não pode ir muito alto porque as asas foram coladas com cera, o sol forte derreteria e eles cairiam no mar também. O filho, entusiasmado com a possibilidade de voar, vai voar mais alto, o pai chama, mas ele não dá bola, aliás este é um problema porque as vezes filhos não dão bola mesmo riso geral) com o que a gente fala. Só que esse teve um probleminha sério porque ele realmente caiu no mar e morreu. E o Dédalo foi para a África. Enquanto isso o Poseidon termina a vingança maligna dele, ele cutuca com seu tridente capaz de provocar tempestades, terremotos e maremotos a terra, provoca um grande terremoto e destrói o palácio de Cnossos antes da inauguração. De qualquer modo, resta ali o labirinto e Minos precisa de vítimas para alimentar o Minotauro. E uma das primeiras vítimas vai ser Teseu, que é filho do rei Egeu de Atenas e que vai à frente de mais onze atenienses para o sacrifício. Mas ele acredita que ele pode vencer. A vitória se deu por uma coisa que nós estávamos falando aqui. A filha de Minos, Ariadne, ela se apaixona por Teseu e tenta ajuda-lo para que ele consiga sair do Labirinto. E dá um fio de ouro que ele vai desenrolando pra saber o caminho de volta. E consegue vencer o Minotauro. Tudo isso é pra puxar esse fio de Ariadne e nossas histórias podem ser que nem o fio de Ariadne que nos trazem de volta através do labirinto da nossa vida. A gente ter alguma coisa que vai servindo de fio da memória que nós estamos aqui, todos os dias, tentando puxar pra sair de nossos labirintos. Vamos fazer um fio de Ariadne aqui e vou pedir cinco minutos pra vocês pensarem qual memória vocês querem encaixar aqui. Quem tiver uma memória, levanta a mão, e eu vou até aí. Que seja alguma coisa ligada a saudade, a lembrança, algo que eu queira atrelar e que venha na memória das suas vidas:

- Vem direto a infância. Eu me lembro até hoje de um natal, eu tinha sete anos. Eu pedi uma bicicleta e o meu pai não tinha condições de comprar. Então ele reformou uma bicicleta da minha irmã, no Natal ele me deu e eu não percebi que era reformada. Eu me vejo na cena com uma saia cinza que eu tinha ganho. Então vem uma saudade muito grande, uma saudade gostosa.
- Como a saudade gostosa que a menina tinha do pássaro e o pássaro tinha da menina.
 - É uma saudade gostosa, sem dor nem sofrimento.
- Ok, saudades gostosas como uma bicicleta que ganhou no natal.
 - Como um cavalo que eu ganhei da minha avó com oito anos de idade, e eu saía a galopar no cavalo em pelo sem a sela, só com um cabresto, uma cordinha. Eu saía a galopar pela fazenda da minha avó. Então me remete a essa liberdade do pássaro ir e vir, aquele vento no rosto.
- O pássaro que já virou cachorro, que já virou cavalo, que já virou bicicleta. Que mais?
 - Eu tinha 4 anos. Meu irmão de dois anos faleceu. Eu lembro direitinho do caixãozinho, a roupinha dele era azul. A minha tia me viu chorando, me pegou e me levou numa sorveteria. 4 anos! Ela me levou na sorveteria, me comprou um sorvete de massa e um picolé. Sinto saudade daquele tempo porque eu era pequenina, a queridinha da família. Sinto saudades.
- Aqui atrelamos um sorvete em nosso fio de Ariadne. O que mais?
 - Eu sinto saudades da época que a minha filha era solteira. É minha única filha, companheira. Continua sendo minha companheira, mas é menos pois tem que olhar para o filho e o marido. Mas eu sou feliz dela ter uma família muito bonita.
 - Eu tenho saudade quando era menina moça. Eu ia dançar, e me divertia, não me prendia com homem nenhum. Eu queria liberdade. Por isto que eu achei este pássaro sem vergonha.
- Pronto, a turma do pássaro. Engatamos uma vitrola no nosso fio.
 - Eu sinto saudade da goiabeira, subir no pé da goiabeira.
- Que delícia! Eu vou colocar um pé de jabuticaba, aquela grandona.
 - Saudade pra cada tipo de momento da vida.
 - Os muitos primeiros dias da minha vida – 1º dia da escola, 1º dia do trabalho, o 1º batom.
 - A 1ª professora, lembro até hoje dela.
 - Eu também tenho saudade do meu professor. Ele me deu um beijo na boca.
- Mais saudades? E gaiolas? Vocês já se sentiram engaioladas?
 - Quando eu casei.
 - Meu pai criava a gente, principalmente as meninas, como se fossem engaioladas.
- Ai, ai, ai. Era um jeito de achar que estava cuidando, né?
 - A gente sempre dava um jeitinho de fugir. Mas era uma prisão.
- Ah, dava um jeito de fugir da gaiola. Então, a pessoa engaiolada é como o pássaro que perdia as penas? E a gente já teve vontade de engaiolar alguém? Pra que não vá embora?
 - Professora, tem momentos que a gente se engaiola.
- Olha, o que está sendo dito aqui é que às vezes nós nos engaiolamos. Vocês concordam com isto?
 - Claro.
- Aí você quer ser engaiolada. Como é isto?
 - Tem algumas pessoas que pretendem se engaiolar quando se aposentam. Aí ela para e se pergunta: o que eu vou fazer agora? Fica ali sentada em frente a uma tv, fazendo uns crochezinhos, então ela mesmo se engaiola.
- A gente pode se engaiolar, né? Alguém quer dizer mais alguma coisa? De pássaros, gaiolas, fio de Ariadne, de saudade? Não? Ah temos a contribuição de um texto:
 - É um texto que peguei em um jornal e eu achei muito bacana pra nossa faixa etária. Chama Boletim de Ocorrência: “Eu venho por meio desta registrar uma série de furtos de que estou sendo vítima nas últimas décadas. Não mencionarei o fato de terem levado o principal – meus dezessete anos, visto que naquela ocasião eu aprovava a perda na ansiedade de ser adulto. A denúncia em questão vai limitar-se às subtrações alheias à minha vontade e consciência, ou seja, aquilo que realmente constitui furto ou roubo, extorsão e em

consequência, crime. Levaram-me muitas afirmações, muitas interrogações e reclamações, minha capacidade... Tiraram-me o privilégio de não saber dar respostas exatas. Levaram-me a tranquilidade de comer batatas fritas. Levaram a minha ambição de brincar de pique bandeira. Levaram-me a satisfação de receber cartas pelos Correios, com letras azuis, manuscritas, pertencentes aos seus remetentes, meus entes queridos. Levaram o meu bel prazer de usar tranças, e o meu direito de usar minissaias em troca da autocrítica. Levaram um pai, minha mãe e a permissão de chorar por qualquer motivo, quando eu julgar conveniente. Levaram os bebês que eu tinha e me devolveram filhos em idade adulta. Levaram a minha urgência, minha leviandade, imprudência, parte considerável da minha pretensão saudável ignorância. Substituíram a minha aflição brutal por outra, mais sutil e ... Foram levando, um a um, a minha vitrola, o walkman, e meus cds e transformaram discos e fitas à condição de entulho. Não satisfeitos com isto, carregaram o meu orgulho de ser imprudente. Levaram-me a faculdade de ler livros e revistas sem um par de óculos na cara. Levaram-me a certidão de nascimento e no seu lugar deixaram um papel amarelado e caindo aos pedaços. Levaram-me um grande número de crenças. Minha coragem de alucinar noite a dentro. Recorrentemente estão me levando todos os dias seguintes dos poucos momentos de paz. Extorquiram o meu sossego de flunar, pela rua ou pela mente. Surripiaram parte do meu fôlego, dos meus ímpetos e do meu fogo. Levaram-me o tempo de ficar de bobeira. O prejuízo já se tornou incalculável e por si só já justificaria a queixa pública. Mas parece ser também irrecuperável. O principal objetivo deste relato, portanto, é o desabafo. Não vou negar que me apresentaram com diversas coisas novas e entre la: uma boa dose de paciência, não gostei de algumas dessas, em especial esse saudosismo. Não incrimino ninguém em especial, nem o tempo, nem a vida e até agradeço a morte por não ter chegado ainda, permitindo assim que este tudo isso aconteça. Também não solicito indenização, somente que acontecesse tudo de novo.

FIM DA 1ª REUNIÃO

Transcrição 2ª REUNIÃO/ 1ª do roteiro de discussão - 12abr18 (desta vez eu gravei circulando entre as pessoas)

EU: Pessoal hoje eu gostaria de ver com vocês como foi ler? Como foi a experiência da leitura? Porque veja, a gente já fez um pouco da vez passada, nós temos dois momentos da experiência de leitura: a experiência pessoal, da leitura solitária, e depois nós temos esta experiência da troca. Primeiro eu queria saber como foi a experiência da leitura solitária? Entrar em contato com o texto, e aí o que vocês sentiram, o que lembraram? O texto remeteu a alguma coisa já vivida ou não.

- Pra mim eu li e achei maravilhoso e eu estava pensando e pode ser que também ela poderia estar passando pelo momento da adolescência. A menina tinha certas dificuldades de encarar alguma coisa, sei lá, a insegurança.

EU: a menina passando pela insegurança da adolescência, te trouxe alguma coisa da sua adolescência?

- Olha: nem sei. EU lembro que andava de bicicleta, eu não tinha animais.

EU: mas essa sensação dela, você tinha alguém que de repente era esse amigo com quem você podia conversar?

- Tinha. Tinha amigas da vizinhança.

EU: EU estou perguntando se tem experiência – não tinha animais mas experiência de amigas que eram de perto. E tinha esta cobrança da presença?

- Não.

EU: Então não te trouxe nada em especial ligada

- Ela até cometeu uma maldadezinha com o passarinho, trancado numa gaiola
- Foi inconsciente.

EU: Inconsciente. Ela prendeu o passarinho. Vocês gostariam de ficar presos?

- Não

EU: Como que é mais? 3:35

- Não acho que foi maldade, acho que ela gostava tanto do passarinho que queria ele pra ela.
- Não foi maldade.

EU: Aqui nós podemos ter as coisas diversas. Tudo bem não foi maldade. Ela gostava do passarinho.

- Ela queria que ficasse.
- Ela queria só pra ela.

EU: Como foi a leitura do texto pra você?

- Todo texto você tira coisas proveitosas. Da menina também, é que estou sem o texto.

EU: Gente, hoje é muito o que vocês sentiram, o que vocês pensaram. A experiência da leitura. E aí fico pensando se a gente corre o risco de aprisionar quem a gente gosta?

- Sempre
- É o egoísmo da gente
- Sempre que pode

EU: E vocês já aprisionaram alguém que gostavam, um pouquinho?

- 32 anos

EU: Tem gente aqui dizendo que aprisionou 52 anos. Eu diria que é um caso quase perdido.

- Prisão perpétua.

EU: e tudo bem? Quem mais quer falar da experiência de leitura?

- Eu vim, eu não queria perder. Eu queria te aprisionar.

EU: Você queria me aprisionar? Mas eu sou escorregadia

- Não tem importância.
- Gostou tanto que quer você.
- Tem diversos tipos de aprisionamento.

EU: Se vocês quiserem que eu volte, eu volto. O que nos aprisiona neste sentido? [Vozes] A gente é aprisionado por quê?

- A gente permite, porque é presente. A pessoa faz falta, quer trazer. E é tudo inconsciente?
- O amor egoísta.

EU: O amor é egoísta, o que vocês acham? A gente tem um certo egoísmo no amor?

- Somos todos egoístas. A gente sempre quer prender alguma coisa.

EU: A questão é se você faz isto ou não.

- Quando você fica aprisionada e acostuma, é uma coisa egoísta que temos. Quando a gente gosta de uma pessoa, quer ela sempre perto.

EU: O que está sendo dito aqui é que temos um lado egoísta. Vocês concordam com isto? E aí a gente quer ficar perto. O ato é egoísta mas a intenção é ficar perto. O que vocês acham?

- Eu escrevi: “a sinergia da imagem com o espelho reflete a alma. A liberdade é o sentido da vida. Nunca troque um raio de sua liberdade por uma nesga de sol.

EU: Temos um poeta aqui. E quem mais pode me falar sobre a experiência da leitura? Quem está tendo uma primeira experiência do laboratório? Quem entrou este ano?

- Eu. Experiência muito boa. Passou uma época em que eu lia bastante. Ultimamente não tenho lido.

EU: Tem uma razão para não ler?

- Muitas coisas aconteceram, é uma história muito longa. Minha sogra está em uma casa de repouso.

EU: Muitas coisas aconteceram, tem a sogra na casa de repouso.

- Ela ficou muito tempo comigo, eu cuidando dela.

EU: Ah por muito tempo você esteve no cuidado do outro. E aí quando a gente cuida do outro, o que acontece?

- Você descuida de você mesmo.

EU: Aqui é pra gente lembrar de cuidar da gente.

- Esse negócio de você dizer de gostar de leitura. Eu sou uma pessoa que tem dificuldade de ler. Eu fico muito absorta e as vezes tenho que voltar atrás. Do jeito que você faz aqui, a coisa acontece.

EU: Ah então você está sentindo uma diferença é que o fato da gente conversar, a retenção é melhor do que o fato de você estar lendo sozinha. Mas veja, uma etapa não anula a outra. Tem coisas que a gente vai estar observando na leitura solitária que aqui eu não vivenciar, e vice-versa. Aqui eu vou ver outras

perspectivas da mesma leitura. Não têm duas pessoas que leiam do mesmo jeito, não tem. A gente lê próximo, mas não do mesmo jeito. E você que está aqui pela primeira vez?

- A experiência é maravilhosa. Eu tenho costume de ler, sim, mas não como exercício. Você faz mais parada, reflete mais. É maravilhoso

EU: E pra você?

- Pra mim tem sido uma experiência boa porque aí trabalho nas nossas coisa. Trabalho no banco, gostei, faz contato. Fica mais próximo.

- 10:41

EU: Ah, então o trabalho de grupo traz a possibilidade de troca

- Isto que eu falei pra você é uma experiência minha. Eu namorei um rapaz um ano e a gente se amava.

EU: Eu tô achando que você foi namoradeira. Tá entregando o ouro. [concorda]. Mas fica só entre nós, umas cinquenta ou sessenta pessoas aqui.

- Ficamos noivos no natal e no dia de ano novo eu briguei. Porque ele ficou falando assim: ‘quando eu casar não quero ninguém na minha casa e nem vou na casa de ninguém’. Peraí, a minha família está reduzida a três pessoas...

EU: Vocês já avisaram noivo que vai falando: ‘já vou avisando que na minha casa não vem família’?

- Eu peguei a aliança e devolvi.
- Então você fica na sua casa. [risos]

EU: E aí fica cada um na sua, certo?

- É isso aí.

EU: O que mais que a leitura suscitou? O que mais que a leitura trouxe pra gente? O ler esta

- Pra mim é especial porque eu arranjei um tempo focado. Eu estava caminhando, entrei num shopping, fui num café, e fiquei lendo todo o texto.

EU: Olha que legal, o fato de ter que ler, uma obrigação que espero que não seja chata, trouxe pra ele a possibilidade de reservar um tempo. Quanto tempo a gente reserva pra nós? Pra uma atividade como leitura.

- Agora já estou reservando.
- É importante

EU: Vocês falaram aqui da dificuldade muitas vezes do tempo só ser dedicado ao que o outro precisa. Aí a gente pode falar: e nós? Nós na fita?

- Não fica.

EU: Você já teve fase assim na sua vida? Ficar com você? Você optou por cuidar de você?

- Não
- Com 4 filhos, nunca estava sozinha

EU: Você cuidava da família. Profissional. Então, posso fazer uma pergunta: você está aposentada? E como foi esta mudança? A família ainda está lá cercando?

- Não, cada um já é casado, todos bateram asas.

EU: Todos bateram asas na família dela.

- Agora eu e meu marido. No começo foi difícil, foi dolorido. Aí eu resolvi, agora é minha vez.
- Eu aprendi a cuidar de mim. Agora vou pra tudo quanto é lugar.

EU: Então a Uati foi o ponto de partida? Gente, vocês sentiram uma mudança na vida de vocês? Seja porque pararam de trabalhar, seja porque filhos saíram de casa, seja porque a gente se dá conta que a gente não tem 15 anos?

- Eu senti ter parado de trabalhar. Senti porque eu me amoleci um pouco.

EU: Ah, então a gente ainda tem um probleminha de dar uma molezinha de vez em quando?

- Pra mim foi.

EU: Só que 5ª feira não é pra dar moleza porque nós temos encontro aqui.

- Eu lutei contra bastante tempo.

EU: Lutou contra uma coisa de ficar parado. Tem alguém que pode me contar uma história de uma transição que foi difícil? De uma etapa da vida para outra? Pra esta vida agora

- Filho único casar. Quando meu filho nasceu, eu pensei que tinha plena certeza de estar cuidando do filho pro mundo.

EU: Vocês já se falaram isto? Eu já falei – criar filho pro mundo.

- Toda mãe fala
- Tem muita gente que acha ser uma mãe indispensável. Cada um com sua história.

EU: O que estão dizendo aqui é indispensável.

- Eu também achava isto. A vida toda moramos eu, minha mãe e meu filho. Claro que ele foi paparicado a vida inteira. Ele casou com 30 anos. Só que a gente não conseguia passar na porta do quarto. A minha mãe sentava na cama dele e ficava alisando assim. E chorando. Será que ele já chegou em casa? Vou ligar lá. Mãe pelo amor de Deus, não faz isto. Eu tinha que fechar a porta do quarto. Foi muito difícil pra nós. Hoje minha mãe é falecida. Pra mim também. Naquela época eu ainda trabalhava. A cabeça ainda se ocupava com outras coisas. Mas existe até hoje um ciúme entre nós, eu e minha nora.

EU: Eu não sei vocês, mas a experiência de ter nora, é básico.

- É inconsciente, mas existe uma luta.
- Eu não sei não.
- Você tem dois filhos, eu tenho um só.
- Depois que os filhos levantam vôo, mãe é só pra apagar incêndio.

EU: Mãe, preciso sair, fica com neto. Vocês concordam que mãe e pais são só pra apagar incêndio?

- A minha mulher só apaga incêndio. Com os filhos, os netos.
- Bombeiro.

EU: E você? Por que só a sua mulher?

- Eu seguro a mangueira.
- Sabe o que eu acho admirável? A briga da menina com o pássaro.

EU: Voltamos para o livro, você acha admirável a luta da menina pelo amor do pássaro, pelo amor do pássaro.

- E outra coisa também que me impressionou, ela aprendia muito como pássaro e como ela vivia no mundo dela, ele trazia muitas coisas pra ela. Ele contava daonde ele vinha, o que ele via. O que tinha lá, trocava penas. Então ele explicava pra ela o mundo que ela não conhecia.

EU: A menina aprendia com o pássaro. Vocês já repararam que aqui nós podemos ser como o pássaro? Cada um trazendo um pedacinho da sua história?

- Com certeza.

EU: Isto pode dar pra gente que sensação?

- Liberdade.
- De conhecimento.
- De estar vivo.

EU: Você só vai poder trazer as histórias enquanto está vivo, né? Não estou levando em consideração a possibilidade de mesa branca em centro espírita.

- É porque está viva, porque se não sente tudo isto – não sente dor, não sente frio, não sente falta de companhia.
- Depois dos quarenta, se você levantar sem dor, você já morreu [risos]
- Pois é, é o que eu estou falando.

EU: Tudo bem, você pode sentir dor, né? Mas isto não quer dizer que tem que ficar na dor.

- A dor tem que deixar de lado. Agora, eu criei meus filhos pro mundo, mas eu devo ser muito boa porque eles não querem ir pro mundo.

EU: Mas veja, o que aconteceu com o pássaro?

- Ele ficou preso e ficou triste.

EU: Mas quando ele não estava preso, ele voltava?

- Voltava [várias vozes]
- Porque ele não estava preso, né?

EU: Ele tinha vontade de voltar.

- A saudade.

EU: A saudade é a falta. A saudade é uma chave. EU tenho vontade de voltar, de voltar para o que é bom. E a gente tanto pode voltar pra algum lugar, para alguma pessoa, mas a gente pode voltar também para momentos de lembrança. Você tem boas lembranças que você volta de vez em quando?

- [Risos] Eu tenho boas lembranças. Não sou de me apegar a coisas que não são boas. Nem lembro depois. Mas nesta história do pássaro que vai e volta. Porque existe a questão da liberdade de ir e voltar.

EU: Quando a gente tem filho, quando a porta está aberta, eles querem voltar. Se eu forço a volta, é que nem aprisionado na gaiolinha da menina. Se força, volta inteiro?

- Quando a pessoa para de sonhar, a pessoa para de buscar.

EU: Ah isto tem uma coisa legal de falar. Parar de sonhar pode trazer parar de buscar. Se eu paro de buscar...

- Você fica triste, você fica doente, não sonha mais, para de amar, fica isolada.

EU: Para de amar, para de sonhar, é quase parar de viver. Você só não para de respirar.

- Não é depressão?
- Não, no livro diz 'o meu encanto precisa de saudade, aquela tristeza na espera da volta', dando mais ênfase nas coisas, na alegria. Ele precisava de ir e voltar trazendo coisas que conheceu, precisava sair pra ter saudades. E aí a menina ficava triste.

EU: Veja, o fato da menina ficar triste nos momentos em que ele não estava lá, justificava ela aprisionar?

- Não, mas era uma inocência dela.

EU: Também não acho que é maquiavélica. Ela era inexperiente, mas nossa amiga trouxe uma coisa que é importante.

- Tem uma depressão, ele perdeu vontade de tudo.

EU: Quando a gente para de sonhar, quando a gente para de ter vontade de voltar, eu corro o risco de depressão.

- Definhar.

EU: Como o pássaro definhou. Vocês já sentiram isto em algum momento? Isto não tem nada de errado, todos nós podemos passar por isto. Tanto o luto quanto a depressão.

- É verdade.

EU: Os dois são muito parecidos, porque os dois falam de algo que foi perdido.

- Dizem que a depressão é excesso de passado. Ficar pensando nas coisas do passado
- Está presa a isto.
- Aí eu consegui me libertar disto, fiz tratamento alguns anos pra depressão. Então eu deixo o passado num passado. Procuro viver o presente. Se o passado fosse bom, ele chamaria de presente. 25:23

EU: Eu até falaria de uma maneira diferente. A depressão pode ser vista como um excesso da presença do passado que já foi?

- Pode.
- Ah não. A depressão pra mim não é coisa do passado. É do presente. É coisa que passa na vida. Acho que também é problema de saúde. Mais frágil, qualquer coisa atinge. Pra mim não é coisa do passado.

EU: Mas pode ser. Tem várias razões. A gente fica preso em coisas que já foi

- Esquece da pessoa. Quando fica prendendo algo que já não tem nada a ver, você se anula. Aí você se entristece, definha.
- É inconsciente. Você gosta às vezes de ficar presa no passado, te dá satisfação.

EU: Mas que tipo de passado que a gente gosta de ficar preso?

- Passado bom

EU: Então a gente tem o passado bom, que eu quero ficar preso, mesmo que queira, não volta

- Até cair a ficha disto. Vai aos poucos
- Não tem por onde.

EU: Mas é uma constatação da falta. Você tem lembrança que você guarda no fundo do teu coração?

- Eu tenho lembrança da minha neta que eu criei ela. Ela me chama de mãe. Aí ela casou, foi embora, mora no Paraná.

EU: Isto faz parte da vida. Netos e filhos podem ser como pássaros. Vão alçar vôo e vão viver em outro lugar.

- Tem que deixar.

EU: A gente não pode impedir nada. Mas isto pode trazer tristeza. A tristeza é normal. A depressão é o que nos machuca mais. Mas sentir tristeza, sentir saudades, tá na fita.

- Eu acho que o que é vida, é projeto. O desejo de realizações. Cresceram e foram embora, ótimo. Graças a Deus. E aí fica você com seu marido ou sozinha.

EU: Eu quero trazer ali. Eu sei que às vezes a gente não consegue ouvir, mas o importante é ter projeto. Vocês concordam?

- Saber projeto de que. Projeto de vida, fazer um curso. Por exemplo, depois da minha idade, eu estou com oitenta e dois. Quando parei de trabalhar, comecei a procurar cursos.

EU: É um projeto você buscar alguma coisa. Eu sou que aqui, por exemplo, tem alguém que se tornou um grande cozinheiro. [risos] Eu não vou dizer quem é, mas isto pode ser um projeto. Fazer aquilo que gosta. Vocês fazem aquilo que gostam?

- [muitos dizem que sim] Só faço o que eu gosto. Quando eu não gosto, eu não gosto, quando eu gosto, eu gosto.

EU: Radicalizou? Não tem mais essa de agradar.

- Nós passamos a ser mais seletivos
- Com certeza.

EU: O que eu seleciono agora?

- A gente dá valor ao que tem valor

EU: O que tem valor hoje tinha valor antes?

- Tinha.
- Às vezes tinha.
- Hoje você tira um tempo pra você, antes não tinha.

EU: E aí a gente volta ao nosso amigo que descobriu que de repente pode dedicar um tempo à leitura. E é prazeroso?

- É prazeroso sim, porque você reflete mais. Já não é superficial.
- Você descobre outros prazeres.
- Eu descobri que o maior prazer é viver.
- Eu digo pra você que hoje eu vivo melhor hoje, do que antigamente. Eu trabalhei muito. A vida passava por mim e eu não via. Antes eu não sentia, hoje eu sinto a essência da vida. Pra olhar uma planta, uma flor. Eu vivo a vida porque estou vendo as coisas que existem. Eu não era assim, então hoje eu tenho a essência da vida. Eu paro e observo o que estou acontecendo.

EU: Hoje eu tenho a essência da vida. Eu paro e observo o que estou acontecendo. O que vocês acham? Vocês veem isto? Vocês prestam mais atenção no que está acontecendo hoje?

- Muito mais atenção.

EU: O que vocês descobriram na sua observação atual sobre a vida?

- Passa muito rápido.
- A questão na verdade, não é só observar. Você observa e passa a não ter que ter razão sempre.

EU: Ai, isto é uma delícia! Você passa a não ter que ter razão.

- Não tem que ter certezas.

EU: Eu vou confessar uma coisinha pra vocês. É só porque é um grupo seletivo que a gente pode confessar. As vezes quando neto vem pedir coisa que eu não estou muito a fim de fazer, eu falo que a vovó já está velhinha. Pede pra tia que é engenheira que ela sabe muito melhor.

- Eu também faço isto.
- Não tá a fim. Ele vai achar sempre um defeito

EU: E como eu lido com crítica?

- A gente ignora.

EU: Eu pertenco ao seu grupo. Ah, então tá.

- E quem critica?
- Passei a bola.

- Tem gente que fala assim que é duro envelhecer. Eu sinto orgulho da minha idade.

EU: Alguém aqui queria voltar para os vinte?

- Eu não
- EU vivo melhor hoje, eu faço o que quero, com quem eu quero.
- Pegou no breu.

Tumulto de vozes

EU: Gente é lógico que tem a veieira, tem a dor, dói aqui, dói ali. Tem a idade do com-dor. Mas tem vantagens. Acho que em todas as idades você tem uma vantagem. O autor que eu gosto fala de uma coisa assim: o melhor é você viver 12 anos quando você tem doze anos, vinte anos quando tem 20 anos, cinquenta anos quando você tem 50 anos. É Winnicott, um psicanalista inglês.

- É isso.
- Muito inteligente.

EU: E de repente será que a gente se aproxima do pássaro da 1ª história? A gente vai e vive? A gente voa como o pássaro? Qual é a asa que a gente pode ter nesta altura do campeonato? Do pensamento, da imaginação? Que asa eu posso ter?

- Depende de você. Você pode voar longe.
- Asa delta eu pulo
- Ah, eu tenho vontade.
- Voei de balão.

EU: Aqui, o povo que não basta a asa da imaginação. Voou de balão! Olha, nem teco teco.

- Helicóptero também já voei.
- Isto é recusar o estereótipo.

EU: Existe uma coisa de, de repente, ter a oportunidade de uma experiência diferente. Nossa amiga voou de helicóptero. E aí o A. diz que isto é recusar o estereótipo. Esta plaquinha ‘você é velho’

- Já.
- Ninguém tentou comigo.
- Eu não me sinto velha de jeito nenhum [trazer comentário de autor sobre diferença entre ser velho e ser idoso – artigo prevenção e promoção da saúde mental]

EU: Em que sentido?

- Eu não admito

Tumulto de vozes

EU: Olha aqui, babado forte. Não admito ser chamado de velho.

- Nem velho tem que falar.

EU: Não admite que venha aquela coisa de pejorativa. Vocês já tiveram situação de conversar com alguém muito jovem e de repente essa pessoa solta um negócio assim: tal pessoa já está velha, já está com 40 anos. E eu fico assim: ahhh

- Acho um absurdo que quando uma pessoa vai falar de uma pessoa com idade, fala tudo no diminutivo: ‘ai que bonitinha, ai que coitadinha’. Pelo amor de Deus! Por que fala assim?

EU: Vontade de responder ‘ai que idiotinha’. É um estereótipo.

- Você pode estar velho e ter a sintonia com os novos.

EU: Aonde está a velhice? Na cabeça?

- Aconteceu com um grupo perto de mim, não foi exatamente comigo. A minha nora estava fazendo o aniversário do meu filho, E veio uma moça, amiga da minha nora, ficou por lá, e aí daí a pouco o meu marido foi pro carro e estava com o cachorrinho. E o cachorrinho já querida vir para dentro do carro, a menina veio e falou pro cachorrinho: ‘vem aqui, o vovô vai sair com o carro’. Perguntei pro meu marido se ele conhecia a moça, ele disse que não e eu perguntei ‘por que ela está se dirigindo a você como vovô?’

- Que coisa!
- Tem uma moça que ia pegar um taxi e eu também e ela disse pro taxista: ‘leva ela primeiro porque é uma velha’. Falei pra ela: ‘se você continuar com mau humor não vai ficar uma velha linda como eu’.

- Eu vou falar uma coisa pra você. A questão da liberdade, também é de ficar com um homem. Mas o homem, você dá a liberdade pra ele, mas com a cordinha aqui do lado,
- EU:** Sei, sei, uma estratégia, eu conheço uma piada de puxar cordinha, mas não vou contar aqui não. Porque a piada é meio babado forte. Do jacaré e do homem mentiroso.
- Gente, sempre fui jovem, basta aumentar dez anos da sua idade. Nossa, mas você não parece. Tem uma historinha. O meu neto, ficou na quina do armário e me chamou: ‘vem vó’. E aí postou para os amigos: ‘vocês têm gato, cachorro e eu tenho a minha avó’. [risos] Quando você chama o gato, ele vem.
- EU:** É, netos fazem experiências com avós.
- Eu achei lindo, ri muito.
- EU:** Que mais, gente? Vamos voltar para a experiência de leitura. O que mais que o livro fez vocês pensarem? A turma silenciosa do lado de cá. Não pensem vocês que eu não observo.
- Eu acho que me fez pensar que a pessoa é egoísta.
- EU:** Me fez pensar que eu posso ser egoísta e querer prender o outro. Nós podemos mesmo. Você sentiu que fez isto alguma vez?
- Não.
 - Eu acho também que ninguém pode fazer o outro feliz se ele não for feliz.
- EU:** Ninguém pode fazer o outro feliz se não se sentir feliz. O que vocês acham disto?
- Claro, transmite. Uma pessoa infeliz transmite para outra pessoa. Por isto que eu estou sempre alegre. Eu procuro passar todas as alegrias do mundo.
- EU:** Mas tem horas que posso ficar triste e é humano também.
- Outro dia eu não estava bem, estava pra baixo e eu não vim porque não sou boa pessoa (???)
- EU:** Eu posso sentir tristeza, senão parece aqui coisa de autoajuda. Agora, a gente pode sentir, mas G. realmente quando você não está bem, tem dificuldade. O que você vai tentar fazer, é uma máscara. Em geral a gente não é muito convincente. Quando você está triste, difícil dar risada. Aquela cara de palhaço, que sai pra baixo. É difícil. Mas eu posso estar triste um dia, e não tem problema nenhum. O que a gente está falando é de ficar prisioneiro. Prisioneiro de uma relação, prisioneiro de uma tristeza. Aí a coisa é mais encrocada. Então, vocês gostaram da experiência de leitura, semana passada a gente já falou um pouco do 1º conto, e a gente pode falar um pouquinho do que ficou do 2º conto. Qual é o segundo? *A volta do pássaro encantado*. O primeiro é o pássaro: *a menina e o pássaro encantado*. E aí na volta.
- É que ele fica aprisionado, fica triste, perde as plumas.,
- EU:** Quem leu o segundo?
- O segundo é assim, ele volta triste, feio. Eu acho até que está representando a terceira idade [completa rindo.]
- EU:** Então você acha que ele está na terceira idade? [risos] No estereótipo da terceira idade.
- A melhor idade.
- EU:** Não precisa ser tanto. Não vamos forçar. O que você acha?
- Não é a melhor idade mesmo.
- EU:** O que você acha?
- Esse Rubem Alves é um magico com as palavras. E o que acontece pra mim é o pássaro e a menina são as mesmas pessoas, os mesmos personagens.
- EU:** Então você viu o pássaro e a menina como o mesmo personagem, são complementares?
- Então esta volta, quando alguém fica dentro, enquanto ele representa com o espelho, eu paro e fico contemplando. E dentro dessa perspectiva, eu fico achando meus pequenos e grandes defeitos. Isto me encalacra. É um texto com muitas dualidades. Dentro dessa perspectiva, é a menina que sai.
- EU:** E como é que ela sai, você lembra? Qual é o recurso que a menina usa para sair?
- Cria asas
- EU:** E que asas ela pode ter?
- imaginação
- EU:** as asas da imaginação.

- Tem uma coisa que eu não concordo. ‘eu perdi a alegria, não tenho mais vontade de voar, estou velho’. Então isto não quer dizer nada. É na cabeça dele. Falaram assim que ele está na 3ª idade, não é nada disto. Você me entende?

EU: EU entendi, mas na 3ª idade, eu já escutei este discurso. Aliás, na 1ª e na 2ª idade também: não tenho mais razão pra viver.

- Tumulto de vozes.
- Com certeza.

EU: Tem um monte de gente que fala isto.

- Inclusive com idosos, que já não aguentam mais

EU: Tantos suicídios com idosos, mas tem suicídios com os jovens, que aumentou muito.

- A não aceitação de estar envelhecendo, de saber que está chegando, sei lá o fim próximo.

EU: Então, porque este medo do que vem pela frente, gente, vamos combinar uma coisa? Alguém aqui sabe o que vai acontecer daqui a um minuto? [muitos dizem ‘não’] Então o que adianta ficar preocupado? Não adianta, não vou saber o que vai acontecer amanhã. Mas ele está preso.

- No passado

EU: você pode até achar graça, mas não temos certeza. Agora, certeza existe em alguma coisa? A única certeza é que um dia vai rasgar a fichinha e vai embora. Pagar imposto enquanto está vivo.

- Depois não tem imposto.

EU: Muito interessante o que você trouxe? O que foi que mudou ali? A menina foi pra fora e o pássaro ficou, ficou preso nele. E o que foi que o aprisionou?

- Foi a imagem

EU: Foi a magia do

- Espelho.

EU: Espelho, espelho meu, quem sou eu? Existe alguém mais belo do que eu?

- É verdade.

EU: Em A branca de neve, a madrasta já perguntava. E como ela lidou no dia em que o espelho não deu a resposta que ela queria?

- Não processa.
- É verdade.

EU: Tinha uma menina mais bonita do que ela. E o que ela vai fazer?

- Enfrentar a verdade.

EU: Vai ter gente mais bonita do que ele, vai ter gente mais feio também. Mais simpático, mais antipático. Tem mais falante, menos falante.

- Você vai se achar feia se você colocar na cabeça que é feia.

EU: Mas isto acontece? Vocês conhecem alguém que colocou na cabeça ou que está feio, ou que está velho?

- Vixi
- Bastante.
- Se todo mundo fosse igual, não teria graça.

EU: Mas como é conviver com alguém que se prendeu no espelho?

- É horrível.
- É deprimente. Não tem viagem,

EU: Vocês conhecem gente que quando senta do teu lado fala da lista completa de todas as doenças que teve?

- O Teca, eu acho que boa parte da juventude hoje se prende no espelho.

EU: Ótimo! Então, veja o aprisionamento no espelho não é uma questão da terceira idade. Você tem o jovem que se prende muito ao espelho.

- Esta loucura de espelho.
- Hoje é assim.

EU: E este espelho aqui? [observando o celular]

- Mas é hoje. Hoje é assim. O homem é muito mais vaidoso do que a mulher.

EU: Sempre teve vaidade

- Mas hoje está exagerado.

- Escravo

EU: A questão aqui é tornar-se escravo deste espelho. Sea o espelho que revela a beleza, seja o espelho do pássaro que revela traços do envelhecimento como se fosse uma desgraça.

- O espelho da alma.
- Eu acho que o espelho revela o seu íntimo.

EU: O espelho revela tudo.

- Ele estava querendo aquilo

EU: Mas você vai olhar através do espelho pra aquilo que você quer ver. Então, se você quiser ver ali uma beleza, eu vou ver uma beleza.

- Você vai transmitir

EU: Vocês já repararam às vezes a beleza de um olhar, que pode ser um olhar cansado. EU vejo a Fernanda como um retrato, um espelho de um envelhecimento digno.

- Não se deixar abater.
- A Laura Cardoso

EU: Então nós temos pessoas, e nós aqui também,

- Nós também, nós simples mortais.
- Eu me sinto jovem.
- Até bisneto, tataraneto

EU: Então, é você se sentir bem. Eu acho tão lindo quando o pássaro fala: ‘ah menina’, o pássaro não, quando ela vai visitar primeiro o mago. O que o mago disse pra ela? Logo quando ela vai viajar para tentar a volta do pássaro encantado. ‘Ah menina, a magia do espelho é a magia mais difícil de se sair. Porque todos querem entrar, e ninguém quer sair. Aí a gente tem uma coisa de querer ficar. Entrar e aí permanecer. E aí a gente quer entrar e permanecer. Isto pode ser olhando pra minha beleza, olhando pra minha tristeza. Só eu tenho a tristeza maior do mundo. Ninguém tem a dor tão grande, maior do que a minha.

- A dor do outro. Ninguém tem a dor maior que o outro. Mas é por isto.
- A dor é minha, ninguém vê.

EU: Mas o que acontece com a magia do espelho, quando eu fico nessa história.

- Eu não enxergo o outro.
- A dor é proporcional ao que você sente. Pode não ser para o outro, mas para você é mesmo.

EU: Adorei ela falar.

- A dor da perda de uma mãe que perde um filho. Quase incomparável com a dor de uma outra
- É a dor dela, é o que eu estou falando.

EU: Mas a questão é ficar presa só em uma dor. No momento da perda, você tem toda a razão.

- É para a pessoa a dor. É ela que vai viver a dor. O que ela sente.
- Então a gente se comove, e se põe no lugar daquela pessoa, mas não é só ela. A pessoa mais próxima sente a dor.
- Ser Solidário.

EU: A gente pode entender a dor. Hoje me mandaram uma piadinha de uma mulher depois do parto. Agora eu entendo, imagino que esta é a dor que ele sente quando tem dor de cabe. Desculpe os homens. Inegavelmente, quando você tem – por exemplo a dor de uma mãe que perde o filho – é gigantesca. Mas a questão é ficar só presa à dor. Mas a vida vai além daquela dor.

- A pessoa precisa continuar a viver. Não adianta ficar chorando lá.
- Quando teve a apresentação do trabalho, eu citei isto. A minha sobrinha perdeu um filho. Eu citei que a dor é irrecuperável, mas o sofrimento é opcional.

EU: Exatamente, você passar pelo fato, por uma perda, por constatar que de repente você não consegue mais fazer uma coisa, você pode sentir essa dor. A questão é ficar, como o pássaro ficou alimentando essa dor. O que vocês acharam do pássaro nessa fase? Vocês identificaram com alguém? Que não era pássaro, era gente e ficou preso? Vocês conhecem alguém que ficou preso na dor? Ou ficou na constatação da velhice

- Em algum período você fica preso.

- A minha mãe ...
- Eu me divorciei. Fiquei como o pássaro solto [ri]. Toda a perda a gente sofre, mas não fiquei preso na dor.
- Eu também fiquei vinte seis anos casada e depois meu marido me trocou por uma moça de quinze anos. Não me deixei abater não. Fui viver a minha vida.

EU: Vai ver que a de quinze anos é que ele dava conta. Deixa lá. A de quinze não vai questionar um monte de coisas.

- O pássaro diz que a doença dele, a dor dele não é no corpo, é na alma.

EU: Ah, vamos lá. A dor da alma.

- Tem gente que usa essa dor como defesa, não consegue mudar. Muitas vezes essa dor que ela tem é como se fosse um amparo pra ela. Durante muito tempo.
- Mas que ela se sentiu na gaiola.

EU: E qual é o risco que eu tenho também – que a minha dor, o que eu faço com o outro?

- A minha dor é sempre maior do que a do outro.

EU: Sempre maior que todo mundo. Mas eu posso aprisionar o outro na minha dor.

- A gente pode conversar com outras pessoas e perceber que existem dores maiores do que a minha.

EU: Uma coisa importante aqui. Quando a gente tem a possibilidade de compartilhar, de repente eu posso descobrir que o outro também tem uma dor e que a dor dele pode até ser maior que a minha. Se eu fico presa no feitiço do espelho, eu acho que a minha situação é a pior de todas. Você lembra o pássaro? O que é que ele fazia? O que a menina fazia e como o pássaro reagia? O que ela trouxe primeiro.

- Frutas, perfumes, flores
- Ela trouxe tudo.

EU: Então o que pode acontecer? A pessoa oferece, mas quem está preso na dor...

- Não consegue perceber, ou não quer receber.

EU: Ele não tem. O curioso é que dentre as coisas que ela traz antes de partir, em busca da resposta, qual é a última coisa que ele traz?

- Os remédios.

EU: Isto pode também ser uma ilusão. O remédio pode ajudar e ser necessário. Mas não é pra sempre. E não vai resolver tudo.

- Tem dor, dor de parto, dói. Eu tive dois filhos, mas não fiz parto normal. Dor de cabeça dói, dor de dente, dói, mas a dor do amor, gente! Mata [risada geral] E não tem remédio.
- Arruma outro amor.

EU: Não sei não. Não sei se compro esta ideia, não. Trocar amor velho por amor novo.

- A gente padece de tanto que tenta conviver.

EU: Tem um pedaço que é inevitável. Mas a gente pode fazer aquela dor aumentar pelo tempo que eu quiser. A perda pode ser de fato uma perda, mas eu posso transformá-la na dor da minha existência inteira.

- Fátima Bernardes. Ela não falou de trocar por um novo amor?
- Um amor mais novo. O marido se separou dela. A vida apresenta as coisas pra gente

EU: Se a gente fica naquelas coisas complicadas da dor do amor, ah, o outro está com outra, vou ficar com o outro pra dar o troco. Gente, teve uma vez que eu ouvi num casamento na igreja anglicana de uma amiga minha, o segundo casamento, e que o bispo anglicano falou uma coisa verdadeira: ‘eu acredito naqueles votos do casamento – na alegria e na tristeza até que a morte nos separe – só não deixaram claro que é a morte do amor.

- E quando o amor acaba, acaba mesmo.

Murmúrios...

EU: Não tem jeito. Só que o problema é que às vezes o amor acaba pra um, mas não acaba pro outro.

- Teria que acabar pros dois.
- Aí é cruel.

EU: Mas não adianta, se não tiver amor dos dois. Neste sentido, quando o amor só está de um lado, e o outro lado não corresponde, a gente está falando que aí é cruel. Como vocês acham que o pássaro se

sentiu com a menina que o aprisionou, mesmo ele pedindo a liberdade? É cruel isto? Pode ser inconsciente, eu concordo. Mas pra quem está prisioneiro, é cruel.

- Ela explicou depois, ele entendeu a imaturidade dela.

EU: Mas aí vem ele, fica preso no espelho, e tudo o que ela faz pra despertá-lo pra vida, ele não reage. E é cruel do mesmo jeito.

- Não reage.

EU: A crueldade não é necessariamente intencional. Só que nós podemos ser cruéis quando a gente não está correspondendo. Mas pode ser que eu não consiga mais corresponder, que é a tal da morte do amor, seja o amor por um marido, por uma mulher. Não tem, fica vazio. E isto é muito triste, mas é muito real. Eu adoraria óculos cor de rosa todo dia. Mas não adianta, a vida não é cor de rosa.

- Exatamente.

EU: Agora a gente pode escolher, como foi dito aqui, a extensão desse sofrimento que me reservo. Tem gente que passa a sensação que gosta de sofrer.

- A cabeça da pessoa. Pode ser uma questão de conveniência.

EU: Pode ser sofrência mesmo ou pode ser conveniência. Nesse sentido, qual seria a vantagem de ficar no sofrimento?

Vozes inaudíveis.

- Sofrer por amor por uma pessoa que está viva é covardia. Não se conforma com a realidade.

EU: Não se conforma com a realidade.

- Tem tanta gente que morre de saudade de uma pessoa, mas você não tem coragem de ver ela. Você tem saudade dela. E ela tá sempre ali andando do lado. Mas você não tem coragem.

EU: Mas você vai ter que escolher – se vai ter coragem de arriscar, e se preparar para o não.

- Tem 50% de chance.
- Mas eu não quero nem não, nem sim. Só quis visitar a pessoa. Mas eu não tenho coragem. Por que eu sou tímida. [risos]

EU: Eu também, nós duas. [risos]. A gente estava falando de manter o sofrimento.

Tumulto de vozes

- O que ela passa? Que ela se tornou uma vítima, ela se vitimiza porque ela não quer tomar pra ela a responsabilidade da vida. O outro tem a ver com responsabilidade, tudo tem a ver com o outro. É mais fácil ficar sofrendo, mas que garante que não teve culpa.

EU: Olha só o que veio agora e eu queria compartilhar com vocês e também saber o que vocês acham. Tem vezes que a pessoa se vitimiza e fica preso nesta vitimização por não assumir uma responsabilidade na vida.

- Eu conheço bastante.

EU: Este é o que a gente chama de ganho.

- Outra coisa, eu acho que é um amor pelo outro. Esse negócio de morrer por amor

EU: Tá certo, mas algumas pessoas não conseguem superar. Mas a gente tem que tomar este cuidado com a vitimização, porque é zona de conforto. Eu fico só na reclamação, eu fico na zona de conforto.

- Sair do casulo custa muito.

EU: Custa, você tem que tentar, estar preparado para o 50% de não.

- Tem que levar tapa na cara. Tem que se levantar.

EU: Existe uma coisa de a gente poder refletir, e a gente vai vendo no caso da menina, que enquanto a menina estava tentando, o pássaro, naquele momento, estava se lamentando. Estava se lamentando. E aí a gente vai falar, na próxima vez, da busca, por onde ela passa. Aonde é que a menina passa, o que ela vai descobrindo,

- Este é outro capítulo.

EU: Eu estou dividindo em dois pedaços e aí as buscas da menina. EU queria que vocês pensassem da próxima vez. O que ela buscou? O que cada uma daquelas perguntas que a menina fez para ela mesma. E que respostas ela foi encontrando. É isto que a gente tem que ver. Alguém quer falar alguma coisa? Estamos todos encantados como pássaro, estamos todos voando como a menina?

- Eu acho que sim porque eu tento tornar a vida bem leve.

EU: Eu tento tornar a vida bem leve.

- Com o sorriso, a gente pode lidar com qualquer coisa. Cara feia traz problemas.
- EU:** Cara feia cria problemas. Vocês concordam com isto? Quando tenta com a alegria, tudo melhora. Como é conviver com cara feia?
- É difícil.
- EU:** Quando está – ‘ como você está?’ ‘Por que você quer saber?’
- Ah hoje o dia está péssimo.
- EU:** O que eu faço hoje é dizer – então tá.
- Deixa lá.
 - Vai te embora!
- EU:** Vamos ouvir sofrência.
- É o Noel?
 - Não! Olha que diferença! Parece o meu vô.
 - Não é o ex-marido?
- EU:** Vamos para os particulares. Eu não achei que parecia o avô...
- Não é fácil.
 - Está cheia de
- EU:** Olha o que está vindo aqui: a vida não é fácil, mas a gente tem que posicionar para não ser engolida pela vida. O que vocês acham? A gente tem que se posicionar para não ser engolida.
- Tem gente que não se posiciona.
- EU:** E aí são engolidos.
- Sorrir dá sempre uma leveza. Está difícil, você dá um sorriso.
 - O problema de tudo é se tornar uma ideia fixa.
- EU:** Ah, olha aqui – o problema está que de repente, alguma coisa que a gente passa, alguma coisa que a gente quer, torna-se uma ideia fixa. 1:14:55
- O que nos irrita nos controla.
 - É verdade
- EU:** fica pensando naquilo
- Querer é poder.
 - Se não dar pra fazer tira da cabeça. Pode ser uma coisa que não vai dar certo.
- EU:** Ah porque eu queria ter feito escola de medicina e não fiz. Vou ficar minha vida inteira lamentando
- Ah eu devia ter feito direito, ser uma promotora de justiça. Não fiz, mas deveria ter feito.
- EU:** Então tem tempo.
- Mas quem vai acreditar? Eu quero trabalhar de toga.
- EU:** Compra uma e sai na rua com ela.
- Tumulto de vozes
 - Se fosse pra realizar meu sonho, eu queria fazer pra trabalhar.
- EU:** Mas aí a gente tem que ver o que é possível. Da próxima vez já vai nascer de toga. Quero saber aqui quem realizou todos os desejos na vida.
- Eu realizei todos. Sou feliz.
 - Eu acho que realizei: fui mãe, plantei uma árvore,
- EU:** Gente, pra eu achar que eu realizei tudo,
- Tudo o que eu planejei eu fiz.
- EU:** Também depende do que eu planejo.
- EU:** Vocês já imaginara se eu com a minha idade, com esta altura e esta largura quisesse ser modelo?
- Risos
 - Esporadicamente poderia dar.
- EU:** O que eu desejo algo que é possível ou eu sonho com algo que é impossível? Você pode sonhar.
- Eu vejo aquelas moças bonitas, corpinho sarado, barriguinha assim, em vez de me lamentar, sabe o que eu penso? Nossa um dia eu fui assim.
- EU:** Isto é uma sabedoria de vida você ficar feliz com o que é possível fazer e ser. E agradecer que a gente está aqui.

3ª reunião / 2ª parte do roteiro de discussão [1:17]

EU: Hoje é nosso 3º encontro. Primeiro vou fazer um breve resumo do que conversamos semana passada. A 1ª foi a experiência de leitura e a segunda fomos falando das lembranças e reflexões de leitura. O que eu achei interessante é que na troca é possível 2 coisas muito significativas: a gente retém mais, enquanto que na leitura solitária aquilo fica com você mas depois escapa pra algum canto da memória; enquanto que aqui, como existe esta conversa, um ir e voltar entre os temas, a gente retém mais aquilo que foi falado. Além disso muitas pessoas falaram que se permitiram um espaço pra si. Então, de repente, comecei a construir um tempo pra mim que é pra leitura. E que antes, no dia a dia, as pessoas vão perdendo o hábito. Até porque fica muito tempo, a vida inteira cuidando do outro. E não cuida muito de si. E que este espaço de vocês aqui na Uati e também da leitura, são tempos e espaços pra si, e pra pensar, refletir sobre as diferentes experiências da vida. Teve um terceiro tema dentro da experiência de leitura, que é a sua experiência que se encontra com a experiência do outro e que isso também enriquece. Como é que uma mesma história vai trazer reflexões diferentes. Então, na hora que eu sou, integro as minhas experiências com as dos outros, eu me enriqueço. E eu de repente começo a olhar para uma série de fatos da vida com um olhar diferente. Eu lembro muito das experiências na Unifesp em que às vezes a pessoa fala: ‘mas onde você leu isto no livro que eu li também e que eu não vi.’ E é isto mesmo porque eu vou olhar para o texto com o olhar da minha vida, dos meus valores e da minha experiência. O meu mundo. E a discussão em grupo permite que eu saia do meu mundo e amplie essas fronteiras pra encontrar o mundo do outro. E isto faz com que eu saia um pouco do egoísmo, que foi um outro tema. E falando mais da leitura veio o amor egoísta na primeira parte do pássaro encantado. Teve toda uma discussão aqui sobre atitude da menina e foi interessante ouvir de muitos que ela não era má. A gente não precisa considerar a menina má, mas, de uma certa forma, ela tinha um amor egoísta. E o amor egoísta quer o outro pra si o tempo todo que você quer. Agora, a gente vai aprendendo a negociar isto com a vida. Num primeiro momento, se a gente pensar no bebezinho, o bebê quer saber se a mãe está cansada, tá com sono, tá com febre? Não.

- Eu estava lendo isto agora, a teoria do apego.

EU: É uma coisa assim, eu quero, tô com dor de barriga, quero que a mãe me carregue no colo, eu tô com fome, e quero que minha mãe me amamente, e assim vai. E nós continuamos assim; tem horas que a gente é como um bebê grande. Porque a gente fica ‘eu quero do meu jeito, eu quero na hora que eu quero. Quero e quero já’. Aí também a gente vai vendo, uma das falas que veio e que eu achei interessante: ‘nunca troque um raio de liberdade por uma nesga de sol’, que está fora, que me obrigue a ficar no mesmo lugar, ou aprisionada no lugar do outro. Mas esta coisa do cuidar do outro e esquecer de si, presente em muitos dos relatos, principalmente das mães de plantão, e aí as lembranças: ‘ah quando os filhos estavam em casa’. E aí eu adorei quando vocês fizeram a associação dos filhos terem asas. Os filhos batem asas, como o pássaro da história, em busca das suas experiências. O que não veio, e eu provocar um pouquinho, é que vocês também bateram asas um dia. Então isto faz parte do ciclo da vida. A gente vai lembrar quando é o outro bate asas e a gente sobre, mas não quando somos nós, que um dia nós batemos asas da casa dos nossos pais e que meus pais provavelmente ficaram com saudades da minha presença. E a gente espera que sim: como assim? Não sentiu minha falta?”. Semana que vem eu vou bater asas e quero saber se vocês vão sentir minha falta. Até porque fica muito mais difícil de controlar. [risos]

- Depois perde, ficou lá trás.

EU: Agora, na quarta tentativa, eu arranjei um método. Vocês vêem que agora eu ando assim [com o telefone na mão]. É o meu método para andar com esta turma toda aqui. E aí tem também a coisa dos filhos que batem asas, e, desta experiência da troca de experiências, nós também temos trocas de sentimentos. Porque tem uma coisa, aliás hoje de manhã, a gente estava com uma reflexão lá no CeHFi, falando sobre a narrativa, e aí vinha de repente a surpresa, mesmo dos alunos nas experiências que a gente faz com eles, de falar um pouco da história pessoal para separar e compreender que o outro não é igual a você. Isto é a coisa mais óbvia que existe e a menos óbvia de todas. Então a gente aprender que enriquece com a troca, e que tem espaços em que não tem absolutamente nada de errado em falar o que sinto. Mesmo quando o momento é de raiva, é o desejo às vezes de vingança. Porque ser humano é reconhecer que temos um lado que a gente idealiza, meu lado bom, mas ser humano é reconhecer que

tem momentos em que não consigo ser boa, que não consigo perdoar. Tem horas que não consigo, mas pode ser boa. Mas naquela hora, naquele momento o sentimento pode ser de raiva e tudo certo pois sou um ser humano. Nem bem nem mau, mas somos seres humanos, e nós sentimos o bem estar e o mal estar, o amor e a raiva sim. Acolhimento e rejeição. O problema é a gente ficar preso a isto e ficar aí não no sentimento, mas é quando a gente vai para o ressentimento. E aí aquilo fica cozinhando, fermenta mais do que feijão azedo, pra lembrar o que dói no estômago.

- Ressentimento
- Já passou o pesadelo?

EU: Então, a gente falou também desse momento de transição em que deixo de cuidar tanto da família e posso fazer o exercício de vir pra mim e cuidar de mim. Pode ser esquisito, porque faz tempo que a gente não faz, e que muita gente se sente culpada de que está fazendo, ah como estou sendo egoísta. Por que cuidar de si é egoísta? Aliás, pra cuidar do outro é preciso cuidar de mim primeiro. Quem andou de avião, sabe que na hora que cai a máscara você põe primeiro em você, pra você poder por no outro.

- Cuidar é egoísmo?

EU: Então, é que corre por aí. Não é, só que a gente acaba confundindo. Então parece que na hora que eu falo ‘dá licença que vou cuidar de mim’, soa como egoísta. Isto é um pré-conceito, mas não é verdade. Se você só cuida de si, nós podemos falar de egoísmo. Mas eu preciso primeiro saber a narrativa da pessoa pra ver se é um egoísmo ou uma defesa. Quando você está aí escrevendo e tendo que parir uma tese, ela vai ter que dedicar mais tempo aquilo. Não adianta. Quando você está com filho pequeno, você vai ter que dedicar mais tempo a ele – ele não pode cuidar sozinho de si, ou alguém vai fazer isso no seu lugar. Mas, você cuidar de si, é fundamental. Porque a vida por quem somos responsáveis é a nossa. A dos outros a gente interage, mas a prestação de contas é a sua vida. Não é da vida do outro. Cuidar da vida do outro, que é uma característica da Diva – o departamento da investigação da vida alheia [risos]. Cidade do interior é o que mais tem. Sempre tem a guardiã da Diva na janela vendo todo o movimento.

- Não tem espelho

EU: Não, só olha pra fora. Aí eu vejo o que o outro tem e eu não tenho, ah o outro é ruim e eu não sou. Tem também, que nós falamos, dos riscos e tem alguns riscos que foram mencionados. Primeiro o risco de ficar preso a algo que já não existe. E isto não vai trazer de volta o que já foi.

- E isto é uma certa acomodação? Isso porque não quero mudar?

EU: Pode ser, o ser humano é muito criativo e a gente sempre tem múltiplas respostas, mas esta é uma delas. Então pode ser por um comodismo, pode ser por medo, pode ser por inexperiência – eu nunca experimentei, nunca me deixaram, não fui atrás de uma experiência diferente.

- Não bateu asas.
- Estar apegado ao que eu vivi.

EU: E eu fico apegada, e aí eu estou na área Psi, a gente fica admirada de ver o apego de muitas pessoas ao que foi ruim. Mas de repente foi o que elas tiveram. A gente tem que ser apresentada às coisas, mas isto eu só viver se eu bater asas. E eu posso fazer que nem o pássaro, bater asas pra sair, e bater asas pra voltar. Não é o aprisionar, que foi um dos outros apegos que a gente falou, que vai trazer a presença. Posso ter uma presença automática que fala está em corpo, mas não em alma. E tem outros que estão em alma, mas não em corpo. Na hora que eu tenho a lembrança, na hora que trabalho com a saudade, o que está presente é o encontro das almas. Talvez não tenha, e uma de vocês comentou, da saudade, porque aí vem a saudade. A saudade não é castigo, a saudade pode ser alento. Pode ser aquilo que eu guardo no coração, que é meu e que ninguém tira. Porque a saudade é lembrança. [eu me emociono]. É lembrança do que foi significativo pra mim.

- Mas você não pode viver só de saudade.

EU: Não, que foi uma coisa que vocês trouxeram. Vou pegar uma fala que tem aqui: ‘você viver de saudade...’ Eu posso querer ficar preso a um passado bom, veja, querer ficar preso é uma coisa, lembrar é outra. Porque lembrança não aprisiona necessariamente. Mas o que vocês falaram também, é conseguir deixar o passado no passado. Isto é riqueza de viver. A gente lembra de você, mas a gente deixa o passado no passado.

- Não ser um impeditivo de viver o presente.

EU: Porque se eu fico presa ao passado, eu não vivo o presente.

- Eu acho que a saudade, depois de um tempo, ela se torna uma saudade saudável. Você sente saudade sem sofrer.

EU: Isto. É o que eu chamo de uma saudade suave. A saudade, com o passar do tempo, vai se suavizando o sofrimento da perda, porque a saudade traz necessariamente uma perda, é algo que não está mais. Mas eu posso ter isto como uma saudade suave. Eu não preciso ter isto como uma lembrança sofrida, ou uma lembrança amarga. Algumas coisas nunca mais. Nunca mais vou ter vinte anos, graças a Deus! Passar tudo de novo, não. Vamos viver o presente bem. Que é o que a gente tenta fazer aqui. Vocês são pessoas extremamente vibrantes. Opa, quer melhor coisa que isto.

- Não sei se surgiu em alguma aula, mas é interessante, viva o que existe neste momento, esqueça tudo o que pertence ao futuro, o presente é o suficiente.

EU: Então, porque o futuro é apenas sempre uma possibilidade. Eu não tenho concretude, o amanhã é sempre uma esperança legal de ter, mas não é ainda um fato concreto.

- Olhando para tudo o que você trouxe, é difícil, é, mas a gente aprende. Aprendi o ano passado, viu professora [provavelmente pelas discussões em 2017] deixar o passado no passado, eu me senti melhor.

EU: Ela aprendeu, e foi o ano passado, não tem problema, nós não vamos fazer aqui uma competição sobre quanto tempo faz que você descobriu isto. Mas ela disse que aprendeu o ano passado, a deixar o passado no passado. E foi um alívio. E que peso isto está tendo na minha bagagem do existir. Este é o ponto. Excesso de passado pode dar depressão, aprisiona, quem fica preso no passado paralisa. E vieram muitas lembranças, vieram lembranças boas. E elas nos alimentam também. E falar dessa coisa de lembrança, é o que a gente vai falar hoje.

- Eu ia falar que na semana passada a gente falou dos sonhos. Foi uma troca, e a gente trabalhou em duplas e depois em quarteto, e depois houve a troca dos sonhos - tanto os sonhos sonhados quanto os sonhos desejados. E obviamente isto veio lotado de lembranças e saudade. O desejado tem saudades, é uma coisa que você carrega.

EU: Você carrega um desejo realizado ou o buscado no passado.

- Está tendo um gancho bem legal com os sonhos que a gente comentou, e houve uma troca completa na sala, misturou tudo.
- Foi lindíssimo. Uma soma de possibilidades descoberta. Um assunto novo que a gente estava conversando. Foi muito legal.

EU: o que acontece, eu estou viva.

- Exatamente.

EU: enquanto eu desejo, enquanto eu sonho, vocês disseram, a vida precisa de projetos. Eu preciso de projetos e sonhos.

- Seja que idade for. Saber conviver e ouvir. Hoje você não dá chance para o outro falar o que pensa. Que ele ouça, pode ser filho, marido, amante, companheiro, seja lá o que for. Tem que dar oportunidade para os outros, pra viver em grupo. Eu ouço, mas tem que ter relacionamento

EU: Existe uma coisa que até hoje cedo na reunião a gente falou bastante. Porque ali é o grupo de humanidades, de narrativas médicas. É um grupo que tem médicos, que estão preocupados com a humanização, não do blá, blá, blá, de falar lá o que são, mas é o que é ser humano. O ser humano é um ser de trocas. E troca significa escutar e falar.

- Então, isto a gente prestou atenção - atenção plena no que o outro está falando, está dedicando seus olhos, seus ouvidos, sua boa ali, pra aquele momento.

EU: Porque gente, na hora da troca, você não precisa de mil amigos no Facebook, você precisa apenas de uma pessoa, de um grupo, que está aí e está trocando com o grupo. Ela é uma experiência de troca. E vocês podem ter certeza que é mútuo. Eu saio daqui e demoro umas duas horas para desligar.

- As falas da gente ficam pingando na sua cabeça.

EU: Porque é uma coisa da troca. Isto significa que estou enxergando o outro. O outro não é apenas um número de prontuário, não é apenas uma rotina de quem eu não conheço. Eu como sou antiga, eu continuo achando que amigo é quem olho no olho. Não conheço, não é amigo, é conhecido. É outra coisa. Isto aqui - o olhar, o abraço, tem a risada, tem o choro se for o caso.

- Eu arrumava o café, deixava a mesa arrumada, como é bom. Agora sinto falta.

Eu: E por que tem que ser ela a dar o primeiro passo?

• Eu não sou de guardar mágoa, porque quando eu guardo mágoa, senão fica presa. Não é o momento.
EU: Vamos voltar para o pássaro e a menina, falar principalmente da volta do pássaro encantado. Do pássaro que voltou diferente e voltou preso na magia do espelho. E isto trouxe pra ele uma grande mudança. Quais foram as mudanças do pássaro?

- Ele perdeu a cor.
- Ele achou que ficou velho.
- Ficou triste.
- Perdeu alegria,
- Ele não tinha mais vontade de voar.
- Ele só gostava de ficar olhando no espelho.

EU: E o que mais ele perdeu?

- Ele perdeu a razão de viver.
- Ele não sonhava mais.
- Perdeu a visão de montanha, de campo, de cheiro. A gente não sente mais nada.
- Foi uma espécie de morte.

EU: E o que a menina faz?

- A menina vai procurar toda a alegria de viver que ele tinha antes.

EU: Ela vai procurar resgatar a alegria ou pelo menos as coisas que dava alegria pra ele. E aí o que ela tentou?

- Tudo.
- Ela foi procurar os poetas.

EU: Antes de procurar os poetas, ela trouxe as frutas.

- Ela trouxe as flores.

EU: Os cheiros, os perfumes. No desespero, ela trouxe

- remédios

EU: Nada funcionou. Porque ela estava, e se a gente vai falar um pouquinho de tecnocrês, ela estava tentando ver os sintomas. Mas não a fonte. E a fonte ele diz pra ela qual era a fonte daquele desânimo, daquela coisa dele ter murchado. Qual era a fonte? O que ele perdeu?

- A capacidade de saudade

EU: Ele perdeu a capacidade de saudade, ele perdeu a alegria. Porque se eu perco a alegria de viver, eu não sonho, não tenho saudade, eu não sinto o cheiro, eu não tenho vontade. E a menina então resolve fazer o quê?

- Vai ajudá-lo.

EU: Que ajuda que ela vai dar?

- Ela vai procurar ajuda.

EU: Vocês lembram qual era a pergunta que ela fazia em toda a sua jornada? O que ela perguntava para as pessoas.

- Perguntava da luz.

EU: Era a luz?

- Qual era o segredo da alegria.

EU: Qual era o segredo da alegria? Gente, muita gente pode perguntar para vocês, tá? Qual é o segredo da sua alegria de viver? Aquilo que de repente a gente vive naturalmente, para algumas pessoas é um grande mistério. Então qual é o segredo da alegria de viver? E aí o primeiro que ela visita quem é?

- O poeta.

EU: Na realidade primeiro ela vai atrás dos magos. E os magos revelam o que está acontecendo com o pássaro. E o que é? O pássaro está preso na magia do espelho. E quem está preso na magia do espelho não enxerga mais nada.

- Só nele.

EU: E tem até uma frase aqui, na 1ª página: uma pessoa está enfeitiçada quando se torna

- Incapaz de amar.

EU: E para isto não existe nada mais forte do que um espelho. “O espelho faz com que as pessoas só vejam a si mesmo. E quem só vê o próprio reflexo, não consegue amar. Adoece e morre. Narciso morreu

assim, enfeitado pela sua própria beleza, refletida na água da fonte. E foi a beleza da madrasta da Branca de Neve refletida no espelho que a transformou de mulher linda a bruxa horrenda.” É preciso redescobrir o amor. Quem pode ajudá-lo na tarefa de redescobrir o amor.

- A saudade

EU: Que por enquanto ele não tem. Quem pode pelo menos tentar?

- A menina.

EU: Por quê?

- Ela que sai de perto dele pra tentar ajudar. Ao mesmo tempo que ela sai pra ajudar, ele começa a sentir falta dela. 32:25

EU: Ele vai sentir falta dela no final, no começo não.

- No começo não, mas depois vai.

EU: E por quê a gente ajuda as pessoas?

- Porque a gente gosta.

EU: A gente só pode ajudar quem perdeu a capacidade de amar, aquele que ama a pessoa. Então essa coisa tem uma hora que a força não consegue vir de dentro e aí quem fica perto é quem ama, e pode ajudar. Pode ou não e aí depende da pessoa aceitar a ajuda. Tem um tempo. E aí ela vai atrás das perguntas e aí

- Os poetas sonham

EU: Sonham como?

- Sonha com o coração.

EU: O que eles usam, qual o instrumento do poeta?

- As palavras.

EU: O amor que está nas palavras. São as palavras que nos encantam. O poeta põe na palavra aquilo que você sente. Mas ele achou que podia dar resposta pra menina?

- Não

EU: E o que ele diz pra menina? Que também estava procurando. Gente, a gente não acha resposta direto. Eu preciso procurar. Isto é um exercício e é um exercício ao longo de um tempo. Talvez ao longo de uma vida. Vocês já repararam que têm perguntas que a gente se faz a vida inteira?

- Verdade

EU: Em cada momento da vida, eu vou ter uma resposta

- Diferente.

EU: Porque eu não sou mais o mesmo. O RG diz que eu sou a mesma pessoa,

- Nem ele

EU: Mas a pessoa muda. Gente, agora tem que renovar o RG a cada dez anos. O que é uma boa coisa. Porque você com sessenta com a foto de dez anos não rola. [risos]

- Outro dia um rapaz falou pra mim: ‘a senhora precisa trocar o RG’.

- A cada dez anos realmente

EU: Querendo ou não querendo, com Pitangui, sem Pitangui, as marcas do tempo estarão lá.

- Tem que se renovar pelo menos a cada dez anos. A foto.

EU: Eu quero mais de vocês. Eu queria que vocês pensassem na renovação que a gente faz. Porque tem algumas coisas que ficam piores. Mas tem outras que podem melhorar.

- Depende, a diversidade, o desenvolvimento.

EU: A vivência da gente pode trazer melhoras também. Eu vou deixar de me preocupar com algumas coisas, que antes... Já pensaram que uma adolescente com as ações que ela tem, e aí você escuta. Eu escuto sempre assim: é? Ah!

- Que bom!

- Vai conseguir, vai conseguir.

EU: A gente vai ter outras reclamações. Então os poetas buscavam a alegria nas palavras. Mas o que o poeta chegou a uma conclusão. Que tudo era...

- Passageiro.

EU: E depois dos poetas, quem veio?

- Os monges.

- No alto da montanha.

EU: E aonde estava pra ele a fonte da alegria?

- Na luz do sol.

EU: que se punha ou que se levantava. Era o amanhecer e o entardecer. Mas a fonte, a fonte mesmo que eles diziam estava em Deus. E o que eles faziam pra poder manter esse contato com alegria?

- Eles sonhavam.
- Meditavam.

EU: Eles não sonhavam, eles meditavam. O que eles contam no conto?

- Os vitrais.

EU: Nos vitrais eles tinham a imagem da beleza das cores

- Eles faziam um mosteiro alto pra demorar mais o pôr do sol.

EU: O por do sol era o momento que eles se sentiam mais próximos de Deus. E que era a fonte da alegria. Mas eles tinham consciência que essa alegria

- Era temporária.

EU: era passageira. Vocês já pararam pra pensar que tudo o que é permanente a gente deixa de prestar atenção?

- Ela vai e volta.

EU: E nisso tem o movimento da vida. Vai e volta.

- Aí a mudança

EU: E aí as mudanças, e as mudanças mobilizam. Se a gente aceitar as mudanças e o que elas podem trazer, tem hora que vão, tem horas que voltam. Eu adoro viajar, mas eu aguento dez dias. No 11º eu já não aguento mais.

- Quero a minha casa.

EU: Eu quero o meu sofá, eu quero o meu cantinho, meu travesseiro,

- **EU** quero a minha caminha.
- Eu não sinto nada disto [rindo]
- Eu quero voltar, ver que está tudo bem e sair de novo. [risos]

EU: Eu não estou dizendo por quanto tempo. Porque quando eu volto, que sentimento eu posso ter?

- Satisfação
- Alegria
- Vontade de voltar, de ver as minhas coisas

EU: Você voltar pra um lugar que é seu. A coisa de não ter um lugar para onde voltar, é triste. Para os gregos, lá trás nas histórias deles, o pior castigo que os deuses podiam impor, era o exílio. Porque no exílio você está proibido de voltar. Basta proibir que eu quero.

- É o seu lugar,

EU: o lugar que te traz as referências. Então, ela vai, canta com os monges, quis ver o entardecer, ela bebe dessa fonte e aí, ela vai pra onde.

- Para os revolucionários.

EU: E o que os revolucionários dizem pra ela?

- Que a alegria vem de dentro.
- Que a alegria mora no lugar dos sonhos

EU: Mas eles também falam uma coisa que é diferente que ele vão falar dos outros.

- Eles falam que ela não existe.
- Que é uma coisa mágica. Que vem de dentro, não vem de fora não.

EU: Mágica de dentro, mas eles sabem muito bem o que tira a alegria. A gente ter noção do que é que tira a alegria, a gente ter a falta da alegria, talvez pra eu ir busca-la de novo.

- Esta fala é do Guevara. Porque ele diz aqui: alegria não é coisa mágica, mas é uma combinação de dureza e ternura. E Guevara dizia isto.

EU: Hay que endurecer sin perder la ternura jamais. É uma fala do Che Guevara. E você sabe que isso, a gente até tem os revolucionários, mas eu estava pensando, M., no que isto significa e que também, vamos pensar nos médicos. Lidar com a doença e ter que estar lá por inteiro, com todos os reflexos, com

as emoções contidas, naquele momento de crise. Tem um endurecimento, mas e o problema que a gente tem muito hoje é que muitos perderam a ternura e isto é muito complicado.

- Verdade.

EU: De fato os revolucionários falam do que tira a alegria, os médicos falam do que tira a saúde do corpo, mas um misto de não perder a ternura é não perder a alegria de viver e a alegria poder estar ali ajudando. Senão tudo é muito automático. Este é um desafio, né C., pra quem trabalha na saúde. A dose que é de dureza, a dose que é de alegria. De quem deveria ou quem batalha pelo direito dos outros.

- Nos atendimentos ele não pode sentir.

EU: Pode sentir, não tem como deixar de sentir, mas tem hora que ele vai ter que tentar controlar o sentir. Não é deixar de sentir. Tem que controlar. E aí tem uma certa dureza. Mas tem horas que tem que deixar o sentimento vir. Então essa fala do revolucionário.

- Guevara era médico.

EU: Guevara era médico, é verdade

- Está no diário de uma motocicleta. Eu vejo assim, os textos do Rubem Alves, fazem estes resgates todo. E quando ele fala que a menina tem que ter asas da imaginação, e que essas asas são as da imaginação, você só pode ver com a imaginação. Como ser feliz, você só vê com o coração. Mas quando ela sobe a montanha, e vai para o mosteiro, na verdade é um outro corpo, um corpo nosso, o nosso corpo de espiritualidade, o corpo astral. Tem outras questões que ele consegue trazer pra toda esta realidade. Nós não ficamos guardados em mosteiros, nós temos que olhar o que esta ausência da alegria provoca.

EU: E que essa ausência da alegria, a finitude da alegria, no fundo, no fundo está em todos os lugares.

- Ela é necessária.

EU: Mas se eu não tiver a falta, não vou buscar mais.

- Você fica numa zona de conforto.

EU: Você fica numa zona de conforto, deixa de valorizar, e não busca mais. E não celebra mais! A gente não celebra um encontro se não houve um desencontro.

- Não pode parar, tem que estar em constante busca.

EU: Em constante movimento, em constante busca. A gente tem que aceitar que em alguns momentos vai ter ausência da luz, quando o monge fala que é o território do que?

- Da tristeza.

EU: Aí vem a tristeza, o medo. Mas a manhã dissipa a tristeza e o medo

- Quando o sol nasce.

EU: Quando o sol nasce. Tudo é cíclico. Não adianta eu querer parar a roda. A roda da vida é

- Um impermanência.

EU: Uma impermanência.

- Esta é a grande questão.

EU: Uma grande questão, porque a ilusão nossa é que o que é bom tem que permanecer pra sempre

- Ninguém aguenta.

EU: Eu vou abrir meu coração. É o seguinte, eu não ia aguentar o Paraíso. [risos] Lá o conhecimento é proibido, e tudo previsto! Ai que tédio. Eu prefiro o purgatório. Não estou dizendo que quero ir pro inferno. [risos] O purgatório tem algum movimento.

- Dá uma animadinha.

- Uma gente conhecida.

EU: Olha, se a gente for pro purgatório a gente encontra mais gente conhecida.

- Dizem que as meninas boas vão pro céu, as más vão pra qualquer lugar.

EU: Meninas boas vão pro céu, mas nós vamos pra qualquer lugar.

- Tem a sintonia do entardecer, mas às vezes fica com mal-estar, acha que está doente, mas não é. É a sintonia do entardecer.

EU: O entardecer traz exatamente a sinalização de que por um tempo, a luz vai embora.

- Tem o por do sol.

EU: E tem o seguinte, na questão da loucura, os surtos normalmente ocorrem no entardecer e no amanhecer, quando eu não suporto.

- Porque eu imagino como se tivesse voando, se coloca no lugar do avião. Em um dia que tenha muito nevoeiro, voando por instrumento. Posso não estar vendo, mas nunca perder o lugar onde queremos chegar.

EU: Olha que legal esta imagem que ela trouxe, É como se a gente tivesse voando por instrumento. Eu posso não estar vendo por onde estou passando, mas eu não perco aonde eu quero chegar.

- Daí a importância de não parar de sonhar.

EU: Não parar de sonhar. A gente muda o sonho,

- Mas sonha.

EU: Eu vou até lançar um desafio aqui. A gente pensar nos sonhos possíveis. Porque na hora que eu quero um sonho muito impossível, está mais para delírio do que pra sonho.

- Vai falhar, e você está antecipando um sofrimento inevitável.

EU: Inevitável porque sonho o impossível e não vou chegar lá.

- Na terapia comportamental a gente fala que os objetivos alcançáveis e a curto prazo.

EU: Porque há uma confusão entre sonhar e viajar na maionese. [risos] São duas coisas diferentes. O sonho pode ser uma coisa mais gostosa,

- Sonhar é o encontro de duas almas. Como eu já sonhei umas coisas legais, eu acredito que nós encontramos.

EU: Você tem esta esperança, né? Ok, entendi.

- O gostoso é sonhar a dois. [murmúrio de aprovação]

- Alguém aqui sonha com o Gianechini.

EU: Eu sonharia com o George Clooney [risada geral]. Já sonhei com o Robert Redford, coisa pouca.

- No sonho.

EU: É, a gente só tem desejo. Muito bem, continuando a nossa saga da menina,

- Que nem adolescente. Eles achariam velho

EU: Deixa pra nós

- O duro é sonhar a dois e acordar sozinha.

EU: Não sei se a gente quer radicalizar.

- Aí você acorda e não está.

EU: Não está. Sonhando já está no lucro. Continuando aqui, que hoje o negócio está animado. Então ela foi nos revolucionários e eles falaram para ela que vinha de dentro, o reconhecimento do que tira a alegria, e depois disso? O que é confiável?

- Ela vai pro intérprete dos sonhos.

EU: Pro intérprete dos sonhos. E o que ele diz?

- Ele fala que a alegria é quando o sonho se realiza.

- Às vezes se torna um pesadelo.

EU: às vezes quando o sonho se realiza, se transforma em um pesadelo. Também; ele pode se realizar e ser muito bom, ou ele pode se transformar num pesadelo – desculpe, sonho errado. Eu me enganei [risos]. A gente pode se enganar e tudo bem. E depois, o que ela resolve fazer?

- Ela vai para os apaixonados.

EU: Ela vai para os apaixonados?

- Ela percebe que precisa de certos sentimentos pra fazer voltar o que ela foi procurar.

EU: Ela entra em contato com os sentimentos. E quando ela entra em contato com os sentimentos, o que acontece?

- Ela fica com saudades.

- Muita saudade.

EU: E se ela sente saudade, o que ela decide fazer?

- Decide voltar.

EU: Porque o que ela chega na conclusão?

- É melhor ficar com ele do que ficar longe.

EU: É melhor estar triste do que longe. E aí ela decide fazer a viagem de volta. Ela lembra deles. Se eu tenho saudades, eu lembro dele, eu saio do enigma e vou para a lembrança.

- A presença da ausência

EU: A presença da ausência em todo lugar. E o que acontece?

- O pássaro lembra dela.

EU: Nesse momento quando ela lembra dele, ele quebra a magia do espelho. E aí o feitiço é quebrado.

- E ele voa na direção dela.

EU: Ele voa na direção dela, mas no momento

- Em que ela voa na direção dele.
- Aí vai ter um desencontro danado [ri]

EU: Mas primeiro tem um grande encontro. E de qualquer jeito, a lembrança dela a partir da saudade é que provoca a mudança e o reencontro. Você gostou do fim? Então lê pra mim.

“E ambos traziam, no brilho dos olhos, os sinais da juventude eterna, que os anos não conseguem apagar... Porque os que estão apaixonados não envelhecem, jamais.... [reação de encantamento do grupo : ahhhhh]

EU: E os que estão apaixonados não envelhecem jamais. E aí eu vou perguntar a vocês: apaixonado pelo que? Pela vida, por exemplo. EU posso estar apaixonada por uma pessoa, mas também posso estar apaixonada pela vida.

- Pela saúde boa, pela saudade boa que tem.

EU: Pela saudade boa que tem. Mas se sou apaixonada pela vida, o que acontece comigo?

- Eu sou mais alegre, mais feliz. Porque eu estou de boa.
- Mais realizada.

EU: Eu continuo voando.

- Dicas do reencontro pela paixão própria.

EU: Dicas do reencontro? Eu vou reencontrar o quê? Do que eu tenho saudade?

- Estou cutucando: o que faz ter esta paixão pela vida?
- Coisas boas.

EU: Eu fiz a pergunta pra ela e ela saiu de fininho. Mas eu deixei.

- Você escorregou, né?

EU: Ela jogou ‘toma que é tua Tafaí’ [risos]. Eu não entendo nada de futebol, mas esta eu lembro.

- Mas o reencontro é muito bom. Eu já tive uma vez um reencontro, maravilhoso. Foi lindo o meu reencontro na época com a pessoa.

EU: O reencontro com uma pessoa é muito bom.

- Ele fala que ele buscou as marcas da ausência.

EU: Ela fala que buscou as marcas da ausência.

- O que é que faz sentido pra mim.

EU: Muito bem, então responda, o que faz sentido pra você e eu não vou deixar escapar. [risos]

- Você está me aprisionando

EU: Não, isto eu não vou fazer.

- Mas eu continuo querendo saber.

EU: Eu tenho esta falha da curiosidade.

- O que é de repente um reencontro?
- Está todo mundo pensando na sua resposta?

EU: Pra mim, foi um reencontro maravilhoso, quando comecei este trabalho das narrativas, o reencontro da literatura. Reencontrar o prazer de ler e o descobrir o prazer de trocar as experiências. Isto foi o reencontrar uma fonte de alegria. E você M. eu já falei o meu, só pra você não sentir que eu estou pressionando.

- O reencontro com amigos

EU: Teve alguma coisa que você sentiu que reencontrou?

- Eu reencontro dentro desta perspectiva de que cada dia posso falar ‘estou aqui, estou vivo’.

EU: Ela faz um reencontro diário com a vida.

- Posso aproveitar tudo o que eu quiser.

EU: Posso aproveitar o que o dia me trouxer, tudo o que eu fizer. Quem mais já percebeu o reencontro?
A silenciosa

- Eu tive a oportunidade porque eu recebi o email e foi ofertado um plano da Netflix por 3 meses de graça e com isto estou aproveitando. Todo dia estou assistindo filmes.

EU: Ok, você reencontrou o prazer de assistir filmes. De novo, a falta, a ausência e a possibilidade do reencontro. Legal, não precisa ser coisa gigantesca, um fenômeno. Quem mais quer falar de descobertas e reencontros que estão acontecendo ou aconteceram?

- Eu estava em busca disto aqui. Eu estava em busca, não sabia onde, não sabia nem o que era Uapi. E aí eu fui em busca no Face e vi várias faculdades. Mas a dificuldade de falar... Por sorte tem uma amiga minha, amiga da minha sogra, que aí, numa reunião a gente ficou conversando e ela falou. Eu disse pra ela que queria. Aí por coincidência ela fazia o curso. Eu vi o curso e aí eu falei 'não acredito'. Aí em conversei com ela, 'eu vou'. Aí o ano passado ela me inscreveu e graças a Deus a coordenadora me recebeu muito bem. E eu estou aqui feliz da vida. É uma alegria vir pra cá. Teve um dia que teve uma chuva, e eu tive que parar no shopping para comprar uma roupa pra mudar porque eu estava toda molhada. Mas isto com prazer.

EU: Então é disso que eu queria falar. Então você encontrou, foi em busca de algo que não sabia bem o que, e você reencontrou o prazer. O que não é por acaso, é porque eu estou buscando.

- Isto.

EU: A menina vai encontra uma resposta, que no fundo está dentro dela, porque ela foi buscar.

- A gente se permite procurar.

EU: Se eu não me permitir procurar,

- Não vai encontrar.
- É o encontro, né?
- Não vai bater na porta.

EU: Tem um diálogo do gato da Alice, que quando ela pergunta pra ele: 'por onde eu vou, por onde eu vou?', ele pergunta pra ela: 'pra onde você quer ir? Ela responde que não sabia e ele responde: 'pra quem não sabe, qualquer lugar, qualquer caminho não serve. Eu quero saber de mais encontros, descobertas, e que resgataram pra vocês a alegria de viver.

- Eu resgatei amizades, porque eu vim do interior e não tinha muitas amizades em São Paulo. E eu encontrei as minhas amigas aqui, eu acho que noutra mundo a gente foi irmãs. A nossa amizade é linda. Eu tenho paixão por vir nesta aula.

EU: Isso, eu resgato a possibilidade de ter amigos.

- Eu quando fiz a pesquisa do doutorado, eu resgatei o desejo de voltar a atender na clínica. Porque coletando dados com as meninas, Eu sabia que não estava coletando, estava intervindo. E essa intervenção me fez ter vontade de reabrir a clínica e voltar a clinicar.
- A gente está esperando.
- Eu resgatei a vontade de pesquisar na internet, pra ver, particularmente as suas aulas que são muito boas. Mexe assim com a gente. Eu fiquei com o desejo de conhecer mais.

EU: Eu resgatei o desejo de conhecer mais. A gente pode conhecer bastante, mas ninguém conhece tudo. Mas eu posso escolher o que eu quero conhecer. Eu não preciso escolher alguma coisa que alguém quer que eu escolha. Porque se eu for escolher o que o outro quer que eu escolha, eu estou prisioneira do outro

- Por isto tem que aproveitar as oportunidades que aparecem. Você saber usufruir do que é bom, do que lhe interessa.

EU: Isto, eu resgatar o olhar para as oportunidades.

- Todo dia tem coisa nova. Todo dia é um novo ônibus.

EU: Todo dia eu posso passar pela mesma rua, mas não é a mesma coisa. E na hora que a gente vê que a vida não é mera repetição, eu me liberto da tristeza de contar os dias. Porque se cada dia é um dia novo, eu vou ter uma coisa nova. Não é uma coisa nova grande, é ter uma possibilidade.

- Eu fiquei com dó de uma grande amiga que me respondeu quando perguntei o que tinha de novo: 'nada, de casa pro trabalho e da casa pro trabalho.' A vida está escorrendo aqui.

EU: A vida vai escorrendo pelos dedos se eu não olhar pra ela. E aqui, alguém descobriu ou resgatou alguma coisa? Vamos pensar agora, gente, não pensei antes. Bate pronto.

- Dois anos esperando a Claudia me chamar. [risos]

EU: E o que você fez nesses dois anos?

- 3 palavras, duas da Cláudia.
- Fiz patchwork.

EU: E o que você descobriu com o patchwork?

- Eu descobri que aquilo lá me satisfaz muito. Eu consegui fazer coisas lindas.

EU: Então não foram dois anos perdidos. Livrei você dessa, Cláudia.

- Já pensou se eu a tivesse chamado antes? Ela não teria descoberto o patchwork.
- Posso falar como eu acordo de manhã? “obrigado meu Deus, pelo dia de ontem, espero que o dia de hoje seja melhor do que o dia de ontem.

EU: Ok, tudo depende de como eu olho. Tinha uma historinha, eu acho que não contei pra vocês. Se eu contei, vocês me desculpem. Era uma japonesa que dava aula de ikebana. E ela falava assim: tudo depende de como eu olho as coisas. Vamos imaginar que eu tenho vinte camisas sociais pra passar e eu não gosto. Passei duas e tenho dezoito. Posso olhar para as dezoito e falar ‘que droga! Tenho dezoito pra passar, não aguento mais’. Ou eu posso olhar pras duas e pensar: ‘já passei duas’. Depende pra onde eu olho também. E depende também do que quero resgatar.

- Eu sei fazer tudo isto, tudo. Menos passar roupa. Porque eu não gosto de passar roupa. Se eu não gosto, porque vou aprender?

EU: Se pra você está bom.

- Eu tive sorte e conversei com a C. e só demorou duas semanas para ela me chamar.

EU: Não importa o tamanho do que eu vou buscar; é o ato de buscar.

- Encontrar meus netos

EU: Tudo bem que foi soprado. Muitas vezes a gente não se dá conta das pequenas coisas que são grandes na alma

- Isto que eu falo pra ele, pois ele posta as fotos das netas. E é um amor óbvio, mas não percebe

EU: Talvez você não se dê conta que é um resgate e é um encontro

- É uma continuidade, a família.

EU: E é o encontro de novo com a pureza da infância. Eu babo meus netos também. E é uma delícia estar com eles, mas depois de duas horas estou exausta. Está tudo certo. É aprender a trazer uma coisa de valor pequeno. O patchwork não é a junção de pedaços?

- É

EU: É a arte de juntar pedaços. Será que a gente pode fazer nas nossas vidas a arte de juntar lembranças? Construir ali um tecido que mostra que você está viva? E que você viveu.

- A senhora estava falando de passar roupa, se você vive bem com uma pessoa e está feliz, é uma coisa você passar aquelas camisas. Agora, se você está bem, você parte do prazer: ‘puxa aquela pessoa vai vestir aquela camisa’. Agora se você não está bem,

EU: O que está sendo dito é que a mesma tarefa pode te trazer prazer e alegria ou não. Se você está bem, por exemplo com a pessoa, e você passa uma camisa ou faz uma comida, você faz com prazer. Isto chama a arte de cuidar. O pesadelo é quando eu não estou bem. E aquilo é uma obriga-ção.

- Ah, isto é muito verdadeiro.

EU: E aí realmente a gente faz de má vontade. É isto, a arte de viver, juntar os pedaços no nosso patchwork pessoal, é juntar boas e más lembranças, bons e maus momentos. A vida é isto. A vida não é só alegria, não é só sonho, mas também não é só tristeza. A gente tem dos dois. A arte é de juntar. Esta é a nossa arte. E esta é uma arte que a gente vai aprendendo a desenvolver. Quanto mais eu faço, mais eu fico prática e posso fazer um trabalho melhor. Não é trabalho aqui que a gente está falando, mas é de viver. E eu posso viver melhor.

- Já passaram roupa pra mim e porque não passar roupa para um amigo, ou pro marido. Isto não vai desabonar em nada. Ele já passou muitas vezes roupa pra mim. Agora, quando eu posso, eu também passo pra ele as roupas.

EU: E aí a gente tem a arte de trocar.

- E lavar roupa da sogra?

EU: Lavar roupa da sogra. Tá certo. Semana que vem nosso último encontro

- Ai que pena. Queria que vocês trouxessem um pequeno texto escrito do que foi a experiência de ler e aqui de trocar ideias.

4ª e última reunião – Histórias de convivência

EU: Pessoal boa tarde. Hoje é nosso último encontro, fechamos o ciclo de 4 encontros. Preciso seguir o meu protocolo. 1º encontro experiência de leitura, 2 encontros para discussão e hoje, após uma pequena síntese, gostaria de saber o que o pássaro deixou pra vocês em termos de reflexão de experiência. Mas vamos começar falando do que saiu, das coisas que saíram do nosso último encontro. Nós estávamos falando da volta do pássaro encantado, e alguém me disse que é como se ele tivesse voltado numa espécie de morte. Ele volta diferentes, ele volta apagado, com as penas caindo, perdeu a capacidade de saudade e perdeu a alegria de viver, a alegria que a gente vai falar em outros momentos. E aí temos aquele momento em que a menina vai buscar o segredo. O que ela vai buscar é o segredo da alegria. E aí vocês comentaram que quem só vê o próprio reflexo, não enxerga mais nada e só quem ama pode ajudar a alegria de viver. Um outro ponto tocado é tudo o que é permanente deixa de chamar a atenção. E como é uma coisa importante pra gente aceitar as mudanças. Aceitar por exemplo que viajar é bom, mas precisa voltar. Quando falamos dos revolucionários tivemos a contribuição da M. falando que ele traz uma fala que é do Guevara, que a alegria é uma combinação de raiva e ternura. E que o Rubem Alves faz este resgate. E que nós, quando vamos acompanhando o pássaro até a montanha, nós vamos encontrar o nosso corpo espiritual. Olhar não a ausência da alegria, mas também entender que a alegria é uma coisa que vai e volta. A finitude pode estar em todos os lugares e não está o tempo todo em todos os lugares e que, depois do anoitecer, temos um período de ausência de luz e é a impermanência. E esse é um período que dá tristeza. Depois teve a brincadeira de que as meninas boas vão pro céu e as outras vão pra todos os lugares. Gostei disso [risos]. Falamos da coisa do paraíso e eu provoquei vocês. E que enquanto está essa menina essa busca... Achei muito bonita a comparação que foi feita de que é como se ela tivesse voando por instrumento, sem poder ver aonde quer chegar. Não perder o foco de onde você quer chegar. Sonhar, também foi dito, é coisa da alma. E aí veio os tipos de sonho, inclusive o sonho a dois. Como é triste sonhar a dois e acordar sozinha [risos]. Isto é muito duro. Tem coisa que tira a alegria da gente. A alegria acontece quando o sonho se realiza, mas a gente tem o tempo todo o risco do pesadelo. A menina quando entra em contato com os sentimentos, vai percebendo a saudade, a lembrança da saudade dele é que vai ajudar a menina e o pássaro a quebrarem o encanto. E nós lemos o trecho final, e eu comecei a provocar vocês perguntando do que é que vocês sentem saudades. O reencontro com a literatura, por exemplo, me trouxe a oportunidade de ler menos coisas técnicas, me trouxe o resgate do que eu tinha antes. Falamos de outros reencontros – com os amigos, o reencontro com o olhar, o olhar pra cada dia e pensar como é bom estar aqui e estar vivo. Como é bom estar aqui, como foi dito por uma colega que fez uma busca entre várias universidades, até que encontrou o grupo da Uati. Busca de algo que não sabia o que era. A gente se permite procurar, como vocês disseram, para poder achar. Resgatar a possibilidade de amigos, foi outra descoberta do grupo. E nós tivemos alguém que comentou: ‘resgatei a possibilidade da volta à clínica, posso escolher o que quero conhecer mais. E isto é uma coisa da liberdade que a gente tem neste momento. Outro comentário: ‘na hora que vejo que a vida não é uma repetição, eu me liberto Como encontrar os netos e se divertir com os netos’. Nós nos damos conta, pra fechar, dos pequenos prazeres, como o encontro da infância da pureza dos netos, aprender a dar valor às pequenas coisas e exercer, como um patchwork, a arte de juntar lembranças, construindo um tecido de retalhos, retalhos que nos aquecem. E o G., finalizando, falou da arte de cuidar. Pesadelo é quando é obrigação, mas há um prazer, também, do cuidar, e um prazer nos pequenos cuidados, não precisa ser muito difícil. Uma de vocês trouxe, por exemplo, como é bom quando vai ajudar uma amiga ou um marido a passar uma camisa, que ele não está podendo fazer, não gosta de fazer. Esta troca, tudo pode partir do pequeno pra ser esta grande experiência interior. Então, a partir disso, hoje eu gostaria de ouvir pelo menos uma coisa pequenininha de cada um. Pra gente fechar esta nossa experiência, com esse personagem tão interessante, os personagens, o pássaro e a menina. Quem quer começar? O que saiu daqui e fez pensar um pouco? O que vocês gostariam de falar da experiência.

- Eu tirei, professora, que a simplicidade é uma bela estrada com surpresa lá na frente. Foi o que você trouxe com esse seu retorno pra cá.
- EU:** A simplicidade é uma bela estrada.
- O que eu tirei é que a pessoa não pode sufocar o outro.
- EU:** A gente falou tanto no aprisionamento.
- Exatamente.
 - A pessoa não pode sufocar o outro e a gente também não pode se sufocar. Você se sufoca também.
- EU:** E isto foi uma coisa que nós também falamos – não sufocar o outro, e não se sufocar também.
- Eu acho que a gente se sufoca.
- EU:** Eu também acho. Quem mais? O que o pássaro ou a menina disseram pra você?
- Que a gente tem que ter o caminho aberto e ver tudo e não ficar presa a nada.
- EU:** caminho aberto pra ver tudo, sem ficar preso a nada mais específico.
- Se ouvir, né professora
 - Respeitar a individualidade do outro.
 - Eu acho que quando eu era adolescente, ou criança, eu fui muito engaiolada. A educação que eu recebi eu era de prender a gente.
- EU:** Olha, de pequena era muito engaiolada pela educação que recebeu. Vocês concordam com isto?
- Várias vezes dizem sim.
 - Naquele tempo mulher não podia usar calça comprida, mulher não podia sair qualquer hora [riso triste] e era criada pra namorar e casar.
- EU:** Criada pra namorar e casar. Era só este o roteiro, certo? Namorar e casar e ficar prisioneira ali. E hoje?
- Exatamente Hoje, graças a Deus, depois dos vinte e cinco anos, ninguém me segura.
 - Eu achei que este retorno do pássaro, depois que vem os netos pra nos dar vida.
- EU:** Ah, o retorno do pássaro como o retorno da criança, netos pra trazer de volta a vida. Depois que os filhos abriram asa.
- E nos renovam.
 - A melhor coisa da vida pra mim é um abraço.
- EU:** Ele disse que um dos prazeres da vida é um abraço, dá licença [e dou um abraço no senhor que falou]
- Bem apertadinho
- EU:** E aí, o que o pássaro ensinou?
- A gente tem que aprender a entender o outro, aceitar como ela é, do jeito que ela é.
 - Estou pensando aqui que há uma incoerência no ser humano.
- EU:** Incoerência do ser humano. A gente sabe que ele gosta de ir pra ao causo.
- Porque se busca incessantemente pela felicidade permanentemente e que a felicidade é sempre fugaz.
- EU:** Olha, se busca a felicidade permanente, mas no fundo a gente sabe que a felicidade é fugaz, que vem e volta, mas volta. Vai e volta. E aí?
- A gente vê que a menina fez uma coisa tão bonita e fez de tudo para ajuda-lo.
- EU:** Isto acontece, uma pessoa que ajuda o outro.
- Vale.
- EU:** Eu acho que vale. E C. o que você achou da experiência?
- Que é a liberdade que faz a gente ficar naquele lugar.
- EU:** A liberdade é que faz a gente ficar nos lugares. Que mais?
- Eu lembrei da minha infância e adolescência, que foi boa, apesar do pai rígido. E saudade dos pais, uma saudade que fica, que você lembra, como a saudade do pássaro,
- EU:** Lembra. A saudade é uma coisa ruim?
- Acho que a saudade é em parte gostosa porque você lembra de uma pessoa. Eu acho que você só tem saudade de quem amou.
- EU:** Ai que lindo! Vou passar por todo mundo hoje. A gente tem saudade de quem amou.
- Eu: Quando a gente ama muito uma pessoa a gente tem uma saudade, é uma saudade gostosa.

- Liberdade hoje é uma das coisas mais procuradas. Liberdade de expressão, liberdade de pessoas, de pensamento. E os países que hoje se sentem aprisionados perderam toda a liberdade, de agir. Porque o pássaro quando fica preso, ele não canta mais. 15:40

EU: Pássaro preso não canta mais.

- Eu acho que a liberdade não tem preço. É muito importante.

EU: Liberdade não tem preço, é uma coisa muito importante.

- Eu acho que também mostra que você não precisa necessariamente estar junto o tempo inteiro. Quando ela prendeu o pássaro na gaiola,

EU: O amor não se expressa por estar junto o tempo todo. Não adianta, não é amor.

- Eu acho que a liberdade é muito importante. E também não tem preço.

EU: Liberdade não tem preço, saudade pode ser bom.

- Eu tenho saudades das primeiras vezes. Primeira paixãoite, primeiro namorado. As primeiras vezes de tudo o que já passamos pela vida.

EU: Primeiro que mais? Não precisa entrar em detalhe.

- Saudade de todos os amigos, das famílias. A liberdade, como ela disse, não tem preço. A liberdade do pássaro, a liberdade dos amigos, a liberdade da família. Porque cada um tem o seu espaço.

EU: Cada um tem o seu espaço. Gente, como isto é importante.

- Saudade é uma palavra triste. Quando se perde alguém [reação geral];

EU: Tem que cantar.

- Começam a cantar “saudade, palavra triste quando se perde um amor”.
- O texto do pássaro me fez lembrar os filhos que nós temos que deixar voar para eles poderem crescer.

EU: A associação dos pássaros com os filhos que a gente tem que deixar voar para que eles possam crescer.

- A liberdade de poder escolher, sentir ou não saudades.

EU: Olha, a liberdade de poder escolher sentir ou não saudades.

- As vezes na vida precisa se ausentar. É preciso ir embora.

EU: As vezes precisa se ausentar, ou, como diz o pássaro, sentir os traços da ausência.

- Eu acho que a maturidade no processo de viver é que vai dando essa condição da gente experimentar estar, não estar; e sobretudo a capacidade de experienciar sem se machucar.

EU: Então a maturidade, que somos todos nós neste momento, traz esta vivência, traz esta experiência de ter ou não saudades. Nós não vamos ter saudade de tudo e de todos

- Eu acho que nós temos que dar valor às pequenas coisas, valorizar aquilo que a gente tem mesmo que seja um pouquinho.
- Temos que aprender a ser livres e também ter condições de libertar quem nos cerca.

EU: Aprender a ser livre para libertar a quem nos cerca. Isto não significa que eles vão embora.

- Eu estou vendo isto agora.

EU: Você veio nas outras reuniões?

- Não, não vim.

- Que hoje a gente não valoriza mais as coisas simples como um abraço, um sorriso

EU: Hoje a gente deixou de valorizar coisas simples – um abraço, um sorriso, um bom dia.

- Pois é, esta questão da saudade, da liberdade, é uma coisa que marca muito, principalmente levantando em nossas vidas. Por exemplo, amanhã eu vou me reunir com um grupo de pessoas.
- Eu já dei bastante abraço hoje.

EU: Isto é bom? Encontrar pessoas que eu não vejo há muito tempo. Matar a saudade.

- Fiquei casada 26 anos, meu marido não me aprisionava, nem eu a ele. Aí ele foi embora. A minha vizinha falava: ‘ah você deixou seu marido solto, por isto ele foi embora’. Se eu tivesse aprisionado ele, acho que ele teria ido embora do mesmo jeito. [risos]

EU: É uma hipótese, é uma possibilidade.

- Se eu aprisionasse ele, quando eu abrisse a porta, ele ia voar do mesmo jeito.

EU: Vive aprisionado, abriu a porta da gaiola, voa.

- Ele era livre e eu também. Ele foi embora porque quis e não porque eu o aprisionava.

EU: Ele quis, e você ficou bem? [diz sim] Então está bom.

- Na minha família nós somos em nove. Quatro homens e cinco mulheres.

EU: Você ganhou de mim, nós somos sete.

- Na parte de liberdade, na parte da saudade, o meu pai era muito durão, mas ele especialmente, cinquenta por cento para cada um, as minhas irmãs. Não toda a liberdade, metade. Os irmãos, sempre se fala que tem mais liberdade, não, era igual. A liberdade e a saudade que a gente nem sabe do que. É uma interferência muito grande. Ontem eu estava falando, a gaiola, a outra sai,

EU: Verdade. E como foram os encontros para a senhora?

- Ótimo, a vida é um aprendizado pra sempre.

EU: A vida é um aprendizado pra sempre.

- O texto da volta do pássaro encantado me fez despertar para sentimentos que eu tinha deixado de lado.
- O texto me fez vez por mais que a gente tenha o livre arbítrio para termos sonhos e imaginação.
- A minha vida foi, como posso falar, das tristezas foi um aprendizado para o momento que estou vivendo.

EU: Isto não é sabedoria? A vida é este entremear de tristezas e alegrias. E ela te trouxe até o momento que você está vivendo. Então, a gente continua viva, tá?

- Eu acho que é um respeito ao livre arbítrio.
- O amor deixa a pessoa livre para voar.
- Despertou o sentimento muito grande de saudades maravilhosas. Que trouxeram muita alegria.

EU: Ela despertou para sentimentos de alegria. Isto não é bom, gente? A gente costurar as nossas experiências neste laboratório que tivemos. Por isto que se chama de laboratório. Porque parece uma alquimia de vários pedacinhos, lembranças, de emoções. E a vida é isto. A vida permite isto mesmo. Alguém quer falar mais alguma coisa?

EXERCÍCIO DE DRAMATIZAÇÃO

Fim da discussão 29:00

Se não, eu pensai que talvez a gente pudesse fazer uma pequena dramatização. Parece que da última vez a coisa ficou boa [foi o último encontro do Doente Imaginario em 2017.] Desta vez é mais encantado do que engraçado. Primeiro se vocês podem se dividir em 10 grupos pequenininhos. Da primeira história eu preciso do grupo que representa a menina e o grupo que representa o pássaro.

- Dez grupos de quatro.
- Tumulto para distribuição dos grupos.

EU: Eu vou ser a locutora.

-

EU: 2ª parte 40:00

Tem um complemento que eu não sei se é daqui.

- ...Tinha a professora e eu continuava tímida. Quando eu comecei a frequentar a igreja veio um padre – padre Chicão. É da zona leste. Aí, ele era revolucionário. Ele era daquele tempo da teologia da libertação. Não sei se vocês ouviram falar.
- Coro de sim
- Então ele vinha com todas aquelas ideias e ele levava a gente a participar de encontros, dava livros pra gente e graças a isto pude crescer um pouco. Através de todas essas experiências. Também foi um tempo duro, o tempo da ditadura. Ele celebrava as missas e vieram os agentes observar as missas dele. Ele foi preso por querer ajudar. Aí realmente ele ajudou muita gente. Lá em Ermelindo Matarazzo havia uma favela enorme e ele era da Vila Granada, onde eu morava. E ele foi lá. Conseguiu através do trabalho dele, de reunir as pessoas, urbanizar a favela. E ele trouxe pra Vila Granada um posto de saúde, que ele conseguiu através das reuniões, de chamar as autoridades, de fazer os encontros na escola lá na Carvalho Sene, reunir todo o pessoal e conseguir trazer o posto de saúde pra Vila Granada que até hoje existe. E hoje ele trabalha em prol da saúde das pessoas. Eu dei até semente de moringa. Porque até hoje ele trabalha assim, porque as pessoas pobres que não têm condições possam crescer. E assim ele fez com todo mundo e continua fazendo.

- Na aula de terça feira a própria S. perguntou pra professora o que era autoconhecimento, lembra? Você sabe o que é autoconhecimento? Sempre pra crescer. É o que você acabou de contar.
 - Então esta foi a minha referência.
 - Passou né?
 - [Palmas]
- EU:** Como foi interpretar o pássaro pra você?
- É o que eu falei, solto as piadinhas
- EU:** Assim que eu gosoto
- Improvisação
- EU:** A vida precisa de improvisação. E o outro pássaro?
- Tá voando.
- EU:** Ainda não aterrissou
- Olha, ela contou uma historinha e eu vou contar também. De pássaro. Quando eu era criança, sete, oito anos, tinha o padre Tomás da missa na fazenda do meu tio. E eu era apaixonada pelo padre Tomás. Fiz logo catecismo pra poder confessar. [risada geral]. Com dez anos eu morava numa fazenda e estudava em outra fazenda. Era uma coisa de louco – passar a mata, passar o cafezal, passava roça, passava vaca e a gente tudo rezando. Medo, né? Tinha onça, tinha tudo. Eu fiz a primeira comunhão e no dia da missa, eu fui com a minha colega. Para confessar com o padre Tomas, porque ele era um show de homem. Na minha hora, todos na fila, na minha vez, não tinha mais hóstia. [risada geral] Então eu fui um pássaro ferido.
- EU:** E o que eles fizeram?
- Nada, não tinha hóstia. Eu fiquei chupando dedo. Cheguei em casa e minha mãe perguntou: ‘e aí filha?’ Não teve hóstia, mãe. Olha gente, eu fui de uma fazenda pra outra, eu já fiz minha primeira comunhão. Mas eu posso confessar? Pode. E aí eu confessava todo domingo.
- EU:** Mas você confessava que estava interessada nele?
- Confessava toda semana: ‘padre, eu bati no meu irmãozinho, respondi pra minha mãe, respondi para o meu pai e minha irmã. Pronto
- EU:** Não contou não.
- Se não não ia na outra.
- EU:** Estou achando que esta história está pela metade.
- Aí eu mudei da fazenda pra cidade e nunca mais vi o padre.
- EU:** Deixa eu ver que outro padre vem aí.
- Eu era estudante e tinha um padre espanhol e ele era meu confessor. Aí eu me formei e não é que no dia do casamento, a igreja era nova e eu queria uma cerimônia modesta. E aí eu entro na igreja e não é que era o padre Onofre? Padre Onofre! O que o senhor está fazendo aqui? Ah eu sou vigário. Não vou casar mais.
- EU:** Não casou?
- Brincadeira. Com tanto padre no mundo fui encontrar logo o senhor, aqui nesta capela? Aí ele falou pra mim: ‘não chega atrasada’. Primeira vez que vou casar, não vou chegar atrasada. Ele falou que toda noiva chegava atrasada. E eu falei: ‘o senhor é espanhol, se o senhor chegar atrasado o senhor vai me dar o melhor vinho espanhol que tiver. Se eu chegar atrasada, dou o melhor chianti que tiver. Fui pra casa. No dia do meu casamento, eu tinha pedido só uma rosa pra mulher, não queria buquê. Eu era revolucionária. Aí eles trazem um maço de rosas vermelhos. Naquela época não tinha muito. Aí eu fui na igreja e falei: ‘padre, quer fazer um negócio comigo? A Santa Rita está com a rosa que eu quero, o senhor me dá uma e eu dou o maço pra ela.’ Não, não pode. Prometi devolver e ele me deu a rosa. No dia do casamento, eu cheguei antes e o sacristão teve que sair correndo pra chamar o padre que estava contando piada. No casamento só dava risada.
- EU:** Agora eu quero saber se ele te deu o vinho espanhol?
- Eu cheguei adiantada.
- EU:** Então, ele tinha que dar. Porque padre tem que dizer as coisas e cumprir.
- Eu já desencaminhei um padre.
- EU:** Não, chega. [muitas risadas]

EU: Mas pra terminar eu quero ler o que eu recebi da C., uma poesia que ela fez sobre a nossa experiência:

Refletir, encantar-se, ser encantado, encantar o outro

Encontrar o encanto do outro, viver no ir e voltar.

Ir e mergulhar,

Aprisionar-se e desapegar

Amar e sentir saudades

Cada movimento

Um aprender e ensinar

Onde está a poesia, o transcendente, a revolução, o amor, o silêncio, a dor, a saudade, a ausência, o reencontrar, transbordar, deixar-se transformar. Alegria do ser e do viver.

Gratidão

Pois a vida é assim

E mesmo que não entendamos o porquê,

Sem encantar-se não tem como viver.

E aí, melhor desaparecer.

[Aplauso geral]

FINAL DO LABORATÓRIO

Ciclo – Clareira

Transcrição Laboratório de jun20 no Facebook – texto “Clareira” de Geni Guimarães

Parte 1 - As pessoas começam a entrar no Facebook

- Claudia: Gente, olha quem está aqui.
- Eu: Ah, quem me conhece alô, quem não me conhece alô também. Eu nunca esqueci vocês.
- *Claudia*: viu gente, a Teca já estava na nossa negociação, era para ser em abril, tomamos uma rasteira [da pandemia], mas a gente vai dar também, né Teca?
- Eu: Vamos sair bem desta.
- Claudia: nós vamos sair renovados, ou machucados, mas ...
- Eu: certamente. nós vamos sair com muito alívio.
- Claudia: a gente nem imagina que não estava aliviado antes, né? Depois de um aperto maior. Meu pai falava da história de um poeta. Olha que história rapidinho enquanto o povo entra. Um chegou pro outro e falou: ‘aí, minha casa é pequena e o outro falou – põe uma vaca dentro – mas se a casa é pequena, vou por uma vaca dentro? embora. Passou uma semana e aí ele tirou a vaca. ‘Nossa, que espaçosa a minha a casa, que coisa boa!’ Tudo depende do referencial, do ponto de vista.
- Eu: Com certeza.
- Claudia: uma casa boa em comparação com o pior. Ele achava que era maravilhoso.
- Eu: eu conhecia a história do bode no meio da sala rimos juntas.
- Claudia: Olha lá, o pessoal entrando. “Ai Teca, que saudades seja bem-vinda sempre” O pessoal dizendo “que delícia ver a Teca, sempre muito querida”, a Sueli e Cibele; alunos novos falado: “não conheço, mas eu sei que vou adorar”. Risos. Eu falo para todo mundo que só quem não vive essa sala de aula não entende o que é o antes e depois na Uapi. Eu puxo a sardinha mesmo. Tem uma professora de português que falou que mudou a vida dela, conviver com isto. Você trouxe algo muito semelhante.
- Eu: Não, é muito, foi muito marcante todas as experiências. Eu até já vou contar pra vocês eu escrevi um artigo só que ele tá ainda em segredo porque eu submeti a uma revista e estou esperando eles aprovarem pra poder compartilhar com vocês sobre a nossa primeira experiência que foi a experiência do mergulhador.
- Claudia: Legal né. Quando tiver pronto a gente mostra aqui.

- Eu: com certeza.
- Claudia: “Saudades, muitas saudades, muito querida
- Eu: Eu nunca esqueci das pessoas que eu entrevistei, mas eu tive um adiamento no meu mestrado. Eu estava toda programada pra ser esse ano e a pandemia deu rasteira, mas tudo bem.
- Claudia: A gente vai entrar ser o ano.... Essa tecnologia me mata, pode falar, Tequinho.
- Eu: Vocês são inesquecíveis pela alegria, pela batalha, por toda a solidariedade que vocês foram capazes mostrar. Outro dia eu estava revisitando a fala do Yuri quando ele assistiu nosso primeiro laboratório e que ele fala que ele nunca viu o grupo mergulhar tão profundo no texto como vocês. E ele estava com uma referência de muitos grupos de estudantes lá da Unifesp. Então assim, vocês são um grupo especial e é um grupo que tem ali a luta da vida, a alegria da vida. E a gente vai continuando. E pode ser um exemplo para o futuro com certeza. Então, saber aproveitar essa vida, né Claudia? A gente trouxe, daqui a pouquinho, né. Uma surpresa para eles também de alguém que celebra a vida.
- Claudia: O pessoal está aguardando a surpresa. Falaram do grupo de estudo, o Luis está falando “Teca saudades”.
- Eu: *Eu* também, Luiz. É muito bom sempre. Eu aprendi muito com vocês
- Claudia: Deixa eu ver o programa. Este computador está me dando um baile. Gente
- Eu: essa é a mais famosa lei né de Murphy, sorria que algo vai bagunçar.
- Claudia: Hoje o som está tendo interferência. Ela funciona e apaga. Está funcionando e eu hoje fiz aí umas mirabolantes aprendizagens de tirar o ruído das coisas. Tomara que isso funcione. A Cléo está falando aqui para você: “ até porque nós entramos’, mas foram vocês que abriram a porta”, que eles entraram, mas você escancarou para poderem mergulhar desta forma no ponto e a gente tirar tudo o que tirou.
- Eu: E aí eu espero esse ano pra gente poder fazer essa mesma experiência de novo, né pessoal
- Claudia: Teca, você quer dar uma palavrinha para aqueles que não conhecem
- Eu: para quem não conhece, a atividade que nós vamos fazer hoje vai ser uma degustação e depois eu vou voltar no segundo semestre com outro conto, com dois contos para a gente poder dar continuidade. Mas a atividade que nós vamos fazer é um laboratório de leitura que é um encontro para falarmos de nós mesmos através da leitura de um conto. É como se a gente abrisse a porta do livro e fosse mergulhando dentro da história e contando da gente é como se eu tivesse misturando realidade e ficção. É uma apreciação, é um prazer, para alguns é um prazer já conhecido; para outros eu espero que seja um prazer apresentado para que vocês possam trabalhar uma coisa da reflexão, da reflexão sobre a história e o que essa história tem a ver com cada um de vocês. Eu sou, o meu nome é Maria Teresa Mendonça de Barros é muito pomposo eu prefiro ser chamada de Teca Mendonça. Eu sou ligada ao Centro de Estudos sobre História e Filosofia das Ciências da Saúde, também um nome gigantesco, mas que a gente chama de CeHFi. O nosso trabalho tem a ver com humanização em saúde. Eu sou mestranda da Unifesp e o trabalho que eu estou fazendo a pesquisa é justamente sobre vocês. E hoje eu vou lá para um esquentar motores, pra gente trazer um conteúdo diferente, mas explicando um pouquinho né. Vai ser um trabalho hoje reduzido a duas etapas, mas em geral são três etapas. O primeiro encontro é onde nós conversamos sobre histórias de leituras e cada um de vocês vai poder falar como foi que leram, o que esse conto trouxe para vocês, o que ele trouxe, o que leram e o que não leram. E como é essa na leitura individual, que é solitária. A segunda etapa nós chamamos roteiro de discussão e aí é o grande é o grande ponto dos nossos encontros onde o grupo vai trazendo as suas manifestações, e revelando seus sentimentos o que o que remeteu, trazendo as suas lembranças para perceberem muitas coisas, inclusive de como lendo a mesma coisa descobrimos coisas muito diferentes. E por fim temos um último encontro onde fazemos as histórias de convivência, aonde todos, eu vou pedir que todos se manifestem, sobre como foi essa experiência de discutir um grupo de ter uma discussão coletiva e pedir para vocês, se possível, escreverem um pequeno relato pra mim sobre a experiência. Então essa é a nossa pequena novela em três etapas em três capítulos. Mas isso vai ser desse jeito todo vai ser só no segundo semestre. Agora a gente vai fazer uma experiência mais sintética, que a gente vai começar, mas depois da

nossa surpresinha que é um momento de inspiração pra vocês. E aí eu conto com a Claudia para mostrar esse momento de inspiração.

- Inserir o conto em Power point
- Claudia: Esta entrada, né Teca, achei lindo este livro aberto é um convite, uma entrada de forma plena. Achei lindíssimo. O nome todo é pomposo e lindo. Parece Odete Reutman.
- Eu: Arranja outra melhor, que eu não sou parecida com a Odete Reutman.
- Claudia: Você quer que eu coloque o vídeo?
- Eu: Eu vou lendo e depois você compartilha com eles? Esse conto que nós vamos ver me tocou muito, que traz uma memória e memórias são exatamente o nosso baú de riquezas onde a gente pode revisitar nossa vida. Então eu espero que essas memórias dessa menina que conta um conto possam ser também inspiração pra que vocês compartilhem comigo um pouco das suas próprias memórias. É uma coisa muito interessante né. E vão ver. Não quero adiantar mais se não, cadê o suspense? Não é verdade.
- Começa o vídeo do Oswaldo Montenegro.
- <https://youtu.be/0xCCKVnzodM>
- “Se puder, envelheça”
- “A pergunta é: Que dia a gente fica velho?
Não vem dizer que é aos poucos, colega. Faz cinco minutos que eu tinha 17 anos e fui-me embora de Brasília.
Pra mim, meu primeiro show foi ontem e hoje eu tô na fila preferencial pra embarcar no avião. Tem um garoto dentro de mim que não foi avisado que o tempo passou e tá louco pra ter um filho, e eu já tenho netos.
Aconteceu de repente. O personagem do Kafka acordou inseto, eu acordei idoso.
E olha que eu ando, corro, subo escada, sonho como antes. Então, o que que mudou? Minha saúde, minha energia são as mesmas. Então, o que que mudou?
Bom, a única coisa que eu sei que mudou mesmo foi o tal do ego.
A gente vai descobrindo que não é nada, que não tá com aquela bola toda que a gente achava que estava. A gente vai sacando que não tem importância e que pouca coisa no mundo tem importância. Isso primeiro frustra, depois vai dando alívio e liberdade.
Ah, então eu acho que eu descobri, colega!
- É isso que muda. Ficar velho é sacar nossa própria desimportância e ficar mais solto por isso. Então vou te falar uma coisa, colega, vale a pena: Se puder, envelheça.”
- (Oswaldo Montenegro)
- Claudia: Sensacional!
- Eu: E aí pessoal? O que acharam? Nós estamos aprendendo a mexer com toda esta tecnologia.
- *Cláudia*: Levamos uns bailes aí, mas ok. “dra Teca maravilhosa”, da Tereza pra você”. Pessoal, a Teca quer saber o que vocês acharam do filme. “Gostamos muito”. Estão chegando as respostas. A minha filha está assistindo.
- Eu: Você sabe que tudo bem que tem um pedaço do ficar mais velho que é com dor, né? Então dói tudo, mas a gente não pode ficar preso nessa dor. É melhor você pensar naquilo que você se libertou né. E do que será que vocês se libertaram? Vocês podem me ajudar com as suas sugestões de liberdade?
- Claudia: Estão falando aqui, a Marina falou que foi uma bela acordada esse vídeo.
- Eu: Pois é, alguém que não perdeu a alegria - alegria de viver.
- Claudia: Nós gostamos muito, muito, maravilhoso. Muito bom filme, amei. Esses sentimentos de amor. Repete a pergunta, Teca.
- Eu: O que é que vocês aprenderam. O que na vida de vocês, vocês já se despediram como ele falou e se despediu da ideia de que tinha importância. Como que será isso para vocês?
- Claudia: Vou ver como chegam as respostas. É difícil porque a gente fala, eles estão nos ouvindo. Aqui: compromissos horários e responsabilidade.

- *Eu:* Isso é ótimo. Você sabe uma coisa, eu vou confessar para vocês, quando meus netos, que são pequenos, vêm com alguma coisa que pra mim é impossível, é tão bom dizer pra eles ‘A vovó está velhinha. Não dá pra fazer; pede pra titia, pede pra mamãe. Eu adoro.
- *Claudia:* Alguém está falando aqui, A Miriam está falando aqui do julgamento dos outros.
- *Eu:* Porque veja bem, né Miriam, eles vão continuar julgando. A questão é se você vai dar bola pra isso. Não é? Porque não vai mudar você né. Você não precisa ficar prisioneira desse julgamento alheio. Até porque, assim, a partir de onde é que eles estão julgando? O que eles conhecem sobre a sua luta, sua batalha. O quê?
- *Claudia:* a Sandra está dizendo “é muito bom, quando mudou, quando me aceito, quem eu sou. Não me importo em dizer que estou na terceira idade, quando virei tia e avo.”
- *Eu:* é isso aí. Eu adoro estar na fila preferencial quando ando de avião. É muito bom.
- *Claudia:* a Marisa está dizendo que continuamos sempre vivos e presentes.
- *Eu:* E não é? E ter alegria é bom.
- *Claudia:* a Marina está dizendo: “correr o dia todo, de ter tempo pra você, de admirar ter tempo pra você.” É um ganho muito bom. “tudo muito leve”, a Marizilda está falando para ir leve.
- *Eu:* Porque se não nós vamos pesando, porque tudo depende. Vou contar uma historinha pra vocês antes da história. Tem um deus romano que chama Janus. E ele é um dos deuses do tempo e ele era uma figura que tinha duas cabeças: uma olhando pra frente e outra olhando pra trás. Então veja a totalidade dele era capaz de olhar o que tinha passado, e dali tirar os aprendizados, mas sem deixar de olhar para frente e ter sonhos. Evidentemente que os sonhos, eles vão mudando de tamanho. Eles vão mudando de possibilidade. Mas se a gente tem alegria, isso foi uma das coisas que quando eu estive com vocês em 2017, que nós tivemos juntos foi maravilhoso! Porque quando a gente está no grupo, a gente redescobre que nós continuamos com a nossa possibilidade de fazer amizades, de conversar, de trocar, e isso não tem preço.
- *Claudia:* Maravilhoso! O grupo, eu acho que... Eu acho que ontem eu fiz uma coisa que me arrependi. Eu fui fazer umas fotos aqui para a diretoria, e entrei naquela sala nossa de aula vazia. E fiz uma foto pra mandar, porque era uma das coisas que pediram. E aí eu acabei compartilhando com a turma mais antiga. Foi uma comoção, eu transmiti a minha comoção. Assim, aquilo do grupo, de pertencer, de ter o seu lugar ali. Então foi a sensação ... Foi difícil ontem, Teca
- *Eu:* Pois eu vou contar uma coisa. Porque quando você tem ali a sala vazia, mas ela permanece cheia de memórias e essas memórias, estão dentro da gente e estão nos espaços que compartilhamos.
- *Claudia:* E aí foi que eles falaram “estou me vendo ali, naquela cadeira”. O Luis falou: “estou me vendo na quarta fileira”... A Marina falou: “olha lá o segundo lugar é meu. A outra: “Eu vou pro fundão”. E eles foram se sentando, de repente, até me arpiei, foram preenchendo a sala. Eu quis chorar, mas não saiu uma lágrima. Porque a nossa energia está lá, não tem como tirar.
- *Eu:* Exatamente, e essas coisas estão dentro da gente. E isso nos alimenta é aquilo que é mais importante dentro de nós, que é nossa alma. Eu gosto de chamar de alma. E isso ninguém rouba de vocês, ninguém.
- *Claudia:* O Luis está falando: “passamos a ter livre arbítrio”. Passamos a ter ou exercer?
- *Eu:* Olha, a exercer com mais convicção, né? Veja, todos nós, né, Claudia, temos a possibilidade do livre arbítrio, mas alguns, pela história de vida, não tinham muita coragem de trocar. Você sabe que uma das coisas que eu nunca esqueci no grupo era quando alguém vinha devagarzinho, depois que a gente tinha conversado, falado do conto e dizia assim: “Olha, eu não falei nada, mas eu fiquei pensando muito”, e aquilo era o compartilhamento mais significativo que tinha. Estar viva na situação e a gente hoje tem que estar viva na nossa capacidade de ter a memória. A memória, eu lembro o tumulto, de como era difícil começar. ‘Genteeeeee!
- *Claudia:* Eu já falei pra eles que essa ferramenta das aulas virtuais, ou outros similares, de poder deixar o microfone desligado, vou desligar vozes.
- *Eu:* Eu tô pensando aqui. Quando a gente puder voltar, seja esse ano, seja o ano que vem, porque eu sinto informar vocês, que vocês não vão se livrar de mim tão rápido.
- *Claudia:* Ainda bem.

- Eu: Tá certo Mesmo terminado o trabalho, eu quero continuar no compartilhamento com vocês. Eu tenho um sino, um sino budista. Eu vou levar
- Cláudia: a Sandra está dizendo assim, que alguns privilégios são muito bem-vindos: “moro sozinha, alguns dias da semana cuido da mamis. Mas nos meus dias de folga faço somente o que estou a fim. Não preciso dar satisfação
- Eu: não é uma delícia? Eu falo que eu sou dona da minha agenda, a coisa melhor do mundo
- Cláudia: a Ivete está trazendo: “não dependemos de opinião e crítica dos outros”.
- EU: E isso é o melhor de tudo. Tudo bem você pode treinar cara de paisagem, cara de conteúdo, fingindo que está prestando atenção, mas tudo bem eu falo o que é linha direta entre por um ouvido e sair pelo outro. Passar reto.
- Cláudia: Essa é a verdadeira linha direta diz em meio a risos
- Eu: sem deixar ruído, né?
- Cláudia: o ruído que atrapalha. O Ivo (?) fala “Nessa mesma linha, para não ter a preocupação de que os outros pensam de nós”, na linha do julgamento.
- Eu: É aquele negócio de falar – gente, estou bem comigo. E olha eu vou contar um segredo pra vocês: eu sou psicanalista, e a coisa mais importante é que quando você está seguro de si, as pessoas respeitam. Você não precisa falar nada; você tá inteira ali. Se você ainda não descobriu isso, descubra! Na hora que você está por inteiro, espontâneo, os outros vão te respeitar mais.
- Cláudia: A única coisa que a Sandra está trazendo aqui, ela colocou um ‘porém’... Eu estou aprendendo a tirar ‘mas’ de muita coisa. Estou aprendendo a transformar muita coisa, mas o que ela traz aqui é importante.” Porém as responsabilidades continuam mesmo com a idade.” Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, não é assim. Então diminuem certas cobranças.
- Eu: Então, e a Sandra me lembrou uma coisa, que eu também converso muito com alunos que é o seguinte: a linha do cuidado. A gente passa, de repente, uma vida inteira preocupada em cuidar do outro. Mas como é que eu vou cuidar do outro, sem cuidar de mim? Então nessa idade é a mesma coisa que o avião: a recomendação ‘se caírem as máscaras, ponham primeiro a sua, para depois você poder ajudar o outro.
- Cláudia: E isso é um mantra pra nós.
- Eu: Isto é fundamental.
- Cláudia: A Antonieta tá trazendo “ter a liberdade inclusive de assumir a minha cabeleira branca.”
- Eu: Olha isso eu não consegui ainda. Antonieta, você tá na frente. Não eu não estou e aí eu vou dar um jeito nesse fim de semana. Eu ainda não tô preparada para isto. O resto, eu falo a minha idade, não tem problema nenhum com isso certo. Quer falar que tá velha, não tem problema né. Um dia, aconteceu uma coisa muito engraçada, já faz tempo, são os meus netos mais velhos. Na realidade, foi com a neta mais velha, que hoje tem 13 anos. E ela um dia estava conversando comigo que estava com saudade da Bisa que tinha morrido. Aí vira ela, na lata, pra mim e fala assim: “Você é a próxima vovó? Eu falei pra ela: “não senhora, tem gente na frente”. Pronto. Acabou a polêmica. Não é assim, porque os outros avós são mais velhos que eu, por que tinha que ser eu. Só que pra mim que ela podia fazer essa pergunta ousada.
- Cláudia: a Fani complementa: “Você não acaba com a velhice. A Cleo fala: “nossa energia e nosso amor”.
- Eu: sim e nossa alegria, tá?
- Cláudia: A Ivete colocou uma frase que eu vou pedir para refazer. A história do *chat* perde algumas coisas. As pessoas pegam o pensamento que alguém falou e escrevem. Estão certíssimos de escrever, não é pra vocês pararem, mas não estou entendendo que eles se basearam para escrever. “Ela queria sempre esperar aplausos” e não sei em que contexto que a Ivete colocou. [comentário para falar da dificuldade em usar o facebook]
- Eu: Quando a gente está muito preocupada em ouvir a opinião do outro. Assim, existe, gente, que ainda quer muito aplauso mas eu tô achando.... Olha, tem um livro tem um livro muito conhecido, um dos mais famosos da literatura brasileira que é Macunaíma. E a frase que Macunaíma mais fala, e que eu uso como meu mantra viu Cláudia. é o seguinte: ‘Ai que preguiça’. Ai que preguiça de ficar prestando conta. Ai que preguiça.

- Cláudia: Adorei! Vou usar também. A Miriam fala: “Teca, sempre lembrei de você.” A Cleo fala: “não queremos nos livrar do que é bom, viu Teca”.
- Eu: Eu também. Você sabe, pra mim foi tão emocionante que eu escrevi o artigo no começo desse ano e foi visitar o nosso auditório. Visitar as nossas falas, foi muito emocionante.
- Cláudia: Como a primeira vez. Com mais intensidade, porque já viveu um saudade num contexto maior.
- Eu: Sim, sim.
- Cláudia: A Ivete fala: “Nossa memória não se confunde com o aprendizado”. A Cleo responde para a Antonieta: “Você ficou glamurosa com essa vasta cabeleira branca.”
- Eu: É, um dia eu vou chegar lá, Antonieta.
- Cláudia: a minha também não está preparada para entregar. Na confusão da quarentena, tem um terminal de loira. A loira ainda não foi embora, agora tem os brancos entremeados.
- Eu: Então, mas eu acho assim; cada um precisa do seu tempo. Então assim, pra mim vai. Eu espero que não seja na próxima quarentena, porque eu espero não ter outra quarentena certo, mas um dia eu vou conseguir.
- Cláudia: A Cibele está falando: “o bom é falar a idade e os outros ficarem admirados com a sua disponibilidade e a qualidade.”
- Eu: Eu adoro isso, concordo.
- Cláudia: Sobre a aparência, e gosto quando falam “como assim?” Gente a gente está dando um baile em muito adolescente. Em não lidar com a distância, com a quarentena.
- Eu: A minha professora de ginástica ela fala isso. Você tem uma flexibilidade que muito jovem não tem. Eu falei ‘opa, que bom’. Mas também aprendi, viu pessoal, quando vou fazer ginástica que eu falo “até aqui, basta”. Não aguento mais, eu não arrisco É o limite.
- Cláudia: O Luis traz “Passamos a ser mais seletivo e fazemos aquilo que nos dá satisfação.”
- Eu: exatamente, ou dentro do possível, né Luis. Porque algumas coisas a gente continua tendo que fazer. O compromisso ainda existe. Aliás, vocês têm esse compromisso aqui de terça e quinta com a Uapi. E isso a gente tem que continuar, mas eu não preciso me dedicar toda a minha vida só para o compromisso; eu posso também deixar um espaço, e um espaço razoável, para aquilo que eu gosto. Inclusive pro ‘dá licença que hoje eu não vou fazer nada.
- Cláudia: Eu adoro falar isso, Teca. Se meu objetivo lá for acordar e não fazer nada, sensacional.
- Eu: e está tudo certo; e está tudo certo. Então não se cobrar tanto. É simplesmente a arte de viver. Então vamos ao conto?
- Cláudia: Pessoal, o que a Teca vai fazer: ela vai ler e vocês vão prestar atenção, é pequenininho, né Teca? Eu vou passar para vocês os slides. Pronto, vamos ouvir. Qualquer coisa, se vocês não estiverem ouvindo, se houver algum barulho, agora é importante,
- interrompam aqui por escrito, pra gente poder adaptar. Então vamos lá, Teca.
- Eu: O conto chama alicerce. E quem escreveu foi Geni Guimarães.
- O conto:
- *Meu pai chegou do trabalho na lavoura, tirou do ombro o bernal com a garrafa de café vazia e sentou-se num degrau da escada da porta da cozinha. Pediu-me que fosse buscar o rolo de fumo de corda, que ia, enquanto esperava o jantar, preparar os cigarros para a noite e o dia seguinte. Eu trouxe e ele, ao desembulhar o fumo, deu com a cara do Pelé sorrindo no jornal do embrulho. Enquanto desamassava o papel para ver melhor, disse-me: — Este sim, teve sorte. Lê aí pra mim, filha. Fala devagar, senão eu não decifro direito. Peguei o jornal e comecei a ler o comentário que contava façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador.*
- *Muitas palavras eu não sabia do significado, mas adivinhava quando olhava no rosto do meu pai e ele soltava ameaças de risos, sem tirar o olho da mão trêmula que picava o fumo. Quando terminei a leitura, ele disse: — Benzadeus. Você viu só, minha filha? Era assim como nós. O pai dele é que deve não se caber de orgulho. Ver um filho assim, acho que a gente até esquece das durezas da vida. Deu um suspiro comprido e acrescentou: — Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos... Senti uma pena tão grande do meu velho, que nem pensei para perguntar: — Pai, o que*

que mulher pode estudar? — Pode ser costureira, professora... — Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. — Deixemos de sonho. — Vou ser professora — falei num sopro.

- *Meu pai olhou-me, como se tivesse ouvido blasfêmia. — Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra mim morrer no cabo da enxada. Olhou-me com ar de consolo. — Bem que inteligência não te falta. — É, pai. Eu vou ser professora. Queria que ele se esquecesse das durezas da vida. *** Quando já cursando o ginásio eu chegava com o material debaixo do braço, via-o esperando por mim no início da estrada, na entrada da colônia. Num desses dias, quando atravessávamos a fazendinha e falávamos sobre o meu estudo, ele me disse: — Tem que ser assim, filha. Se a gente mesmo não se ajudar, os outros é que não vão.*
- *Nisto ia passando por nós o administrador, que ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e disse: — Não tenho nada com isso, seu Dito, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo... A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa, que quase me fez desfalecer em ternura e amor. — É que eu não estou estudando ela para mim — disse meu pai. — É pra ela mesma. O homem deu de ombros e saiu, tão lentamente que quase ouviu ainda meu pai segredando: — Ele pode até ser branco. Mas, mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter.*
- *Sorriu, tomou minha mão e continuamos a caminhada. — Pai, que cor será que é Deus... — Ué... Branco — afirmou. — Mas acho que ninguém viu ele mesmo, em carne e osso. Será que não é preto... — Filha do céu, pensa no que fala. Tá escrito na Sagrada Escritura. A gente não pode ficar blasfemando assim. — Mas a Sagrada Escritura... Ele olhou-me reprovando o diálogo e, porque não podia ir mais longe, acrescentei apenas: — É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O senhor é tão bom. Em toda a minha vida, nunca havia visto meu pai rir tanto. Riu um riso aberto, amplo, barulhento. Assim foi rindo até chegar em casa e, quando minha mãe olhou-o de soslaio, disse para os meus irmãos: — Com certeza viu passarinho verde. Como ele não parava de rir, todos aderiram e a sala ficou agitada e alegre. Foi quando me escapou a emoção, dei um passo comprido e beijei a barriga da minha mãe. Diante do gesto incomum, todos ficaram me olhando, meio jeito de espanto. Fiquei envergonhada e fingi que tirava, com a unha, uma casquinha de coisa nenhuma escondida entre os dentes do fundo.*
- *Cláudia: Que atual!*
- *Eu: É, e que atual. Nós estamos agora em um momento aonde isso se tornou um grito no ar, não é pessoal?*
- *Cláudia: Mundial.*
- *Eu: É, exatamente. O que vocês acharam da história?*
- *Cláudia: Pessoal, agora pode parar de pensar, eles estavam te ouvindo. E vão voltar a digitar. “Uau, que conto!” Diz por que ‘uau’, Antonieta. A gente se coloca como se estivesse na sala, não é Teca? Como se estivesse olhando para cada um.*
- *Eu: eu estou olhando, procurando os olhinhos de vocês*
- *Cláudia: A Cleo está trazendo “maravilhoso”. Enquanto eles escrevem, eu falo [seria um problema?] Embora eles não tenham lugar fixo, eu já sei até onde eles estão sentados. A turma nova ainda não, ainda vai demorar para ser rebelde comigo.*
- *Eu: A nova a gente vai descobrir.*
- *Claudia: Dá uma vontade de já estar acontecendo, né? A Marisilda disse que perdeu o final. Eu vou colocar a imagem [o último slide]. Ivete, hoje eu não estou entendendo [seria uma dificuldade da participante de ser clara no que tenta falar?]. A Cléo colocou: “eu pensei muito no meu pai”.[estratégia de fazer a associação com a vida pessoal deu certo]*
- *Eu: Eu queria tanto ouvir sobre isso.*
- *Claudia: Olha só o que a Teca ... Cléo foi em cima! A Antonieta falou:”sacode a gente com muita ternura. Um tempo cheio de limitações mas que sempre se pode ultrapassar. Foi o que ela fez - ultrapassar essas limitações.*
- *Eu: Ela foi ultrapassar as limitações, é verdade. Ela foi atrás do sonho que seu pai permitiu que ela sonhasse. Não é lindo isso? Quando nós damos lugar para que o sonho do outro se realize.*

- Claudia: A Marisilda viu que era aquilo mesmo: “Muito interessante e verdadeiro. Um pai maravilhoso por deixar a filha ser dona da própria vontade”
- Eu: exatamente. Isso acontece talvez mais vezes do que a gente possa imaginar. Eu fui lembrando das companhias durante as nossas conversas, algumas pessoas que falavam tanto dessa vida no interior, de onde vieram. É sempre muito emocionante. Eu passei toda a minha infância, as férias da minha infância, numa cidade de Minas na casa dos tios avós que criaram meu pai e foi maravilhoso. Quando eu lembro das brincadeiras quando eu me lembro dos lugares. Isso, isso nunca se apaga da nossa memória.
- Claudia: A Miriam está trazendo para você: “sempre existirá, de uma ou de outra.
- Eu: Sim é verdade. Agora você que coisa interessante, não é Miriam, como nem esse pai, nem essa filha se deixaram intimidar por um determinismo, de que tem um lugar certo e você fica aí quietinho. Eu adoro, eu sou rebelde com causa, tá gente. Até hoje eu sou rebelde com causa.
- Claudia: *A Sueli, a gente tem 2 Suelis, mas a carinha marca.* Esta Sueli você não conhece: Muito bom você ter voltado agora. É um texto lindo, um pai muito orgulhoso.
- Eu: Sim, da mesma forma que, de repente, muitos de nós têm orgulho dos seus filhos. Não é? Vocês têm lembrança, alguém quer compartilhar uma lembrança de filme ou uma lembrança de pai?
- Claudia: De pai a Fany está trazendo: “Lembro do meu pai, que era uma pessoa incrível.” Já que veio a lembrança, traz aí algo que você queira compartilhar. “O lirismo na simplicidade que o administrador não pode ter”. Não tem estudo que traga essa sensibilidade pra pessoa. Nem classe social. Isso é algo dado.
- Eu: Meu pai morreu eu tinha 28 anos, mas eu lembro, de criança, ele sentado na biblioteca de casa sempre com um livro na mão e eu sigo até hoje seus passos, sempre com um livro na mão.
- Claudia: Vou colocar, enquanto a gente conversa pra não ficar falando sozinha. A Sandra coloca assim: “fala do racismo, da mulher branca, da formação da mulher que não é necessária.” Importantíssimo isto da mulher estudar. O que a mulher pode estudar. Olha que ponto importante.
- Eu: E você vê que isso das novas gerações isso está muito distante, mas da nossa geração nem tanto. Existia realmente uma coisa de uma restrição do que a mulher podia estudar e se devia estudar.
- Claudia: Na verdade ela foi feita pela socialização dessa geração para casar, pra ser mãe, pra cuidar da casa. Não me venha com inteligência, não vá além. Se não vai ficar difícil aqui.
- Eu: É o seguinte, Cláudia, se você for inteligente ficar sabereta demais, não vai ter homem que vai querer casar com você
- Claudia: Ainda se assustavam nessa situação. Aí você ficava lá apavorada da minha ignorância.
- Eu: E assim, não é verdade, mas quem, eu acho que eu já compartilhei com a turma antiga. Vejam vocês, existe uma coisa que é fundamental de aprendermos e que eu chamo de estratégia débil meiga. Vamos entender, débil meiga porque é assim a gente pode disfarçar tô entendendo isso tudo, mas se isso vai dar muita encrenca melhor um ‘não sei’, aquela cara de quem não entendeu muito bem. Isso fica como o segredo pessoal. É uma estratégia interessante, eu uso também quando eu não consigo fazer alguma coisa quando a gente exige. Vocês já repararam que quando a gente exige o outro fica meio na resistência? Então aí a gente fala assim. Imaginem, eu sou super baixinha e no supermercado não alcanço as coisas.
- Claudia, rindo: Eu compactuo.
- Eu, continuando: Eu falo ‘dá para o senhor me ajudar, por favor’. Muito educada, nunca tive então nunca tive um não. Então a gente vai aprendendo.
- Claudia: a Sandra tinha continuado aqui, eu que cortei a fala dela: “que a mulher nasceu pra casar e cuidar dos filhos e no final nem demonstrar sentimentos e emoção podia. E senti vergonha. No final a barriga da mãe não podia demonstrar. Então tolheu. A Tereza traz que o pai dela era assim também. A Marina falou pra você assim: “Verdade, Teca. O meu permitiu que sonhasse. Sai de casa com doze anos, indo pra um convento estudar. Você sabe que a Marina foi freira? Sim, eu sei. Marina pra mim é um exemplo da mulher coragem, viu, Marina, coração pulsando. A Antonieta falou assim: “na minha infância não era considerado prioridade mulheres estudarem. Estudei por apoio da minha mãe e por rebeldia. Outra Rebelde com causa.

- Teca: *Ah*, eu adoro, gente. Nós podemos fazer um grupo, coletivo, agora está na moda os coletivos, um coletivo ‘vovós com causa’. A Tereza falou: “Meu pai era assim, ele não interferia no que gostaríamos de estudar.” São pessoas além do próprio tempo. Meu pai falava, eu sou a caçula, e dez anos mais nova que meu irmão, 8 e 10 anos. Meu pai dizia: ‘não casa não, filha. Junta.’ Vai ver se dá certo, fica vendo se dá certo. Minha mãe olhava pra ele, e ela já era moderna. Mas meu pai era fora do comum. A Ângela está trazendo assim, lembro ‘que meu pai ficou de cama por 17 anos. Mas todo dia ele recortava notícias do Estadão. Eu aprendi a ler com ele”. Muito lindo.
- Eu: Essa coisa do sentar juntos, do fazer as coisas juntos, que orgulho dá - seja de pai, seja de mãe. Eu lembro de alguns relatos que tive do grupo e que falavam dessa coisa do estar junto ali na mesa da cozinha. É muito bonito. É inesquecível.
- Claudia: Ah, inesquecível. E a Cléo coloca: “é uma simplicidade com amorosidade.” A Marisilda traz que “Infelizmente perdi o meu pai muito cedo, quando eu tinha 15 anos. Ele era a pessoa muito fechada, mas um bom pai. Então ele fez o suficiente pra mostrar e ela ter lembranças”.
- Eu: E, sabe, às vezes a gente fica com as lembranças pelos relatos das outras pessoas sobre aquela pessoa que foi cedo. O meu foi razoavelmente cedo. Eu tinha 28 anos.
- Claudia: Minha filha tinha quatro quando meu marido se foi. Ela construiu realmente, através de vídeos, fotos, relatos. Ela tem saudade do que não viveu. É tão forte. Eu acho que eu não conto só as coisas lindas. Mas ela consegue fazer a construção dessa memória.
- Eu: E você sabe, tem alguns trabalhos hoje em dia... Eu tenho uma irmã que está fazendo um trabalho voluntário nesse sentido de reconstrução das memórias de pessoas idosas que estão sozinhas em asilos.
- Claudia: Ai que lindo.
- Eu: Então é uma coisa da história da vida, da gente poder trazer essas fotos, de repente falar objetos. E eu chamo do nosso baú de memórias.
- Claudia: A Ivete falou que o mesmo aconteceu com seus pais. Disse que mesmo não podendo financeiramente, quiseram que as filhas estudassem e não ser só dona de casa. Foi um esforço além....
- Eu: Sim, foi um esforço para muita gente. Foi um esforço imenso. E assim, os filhos carregam essa admiração por esse esforço. Hoje eu vejo com muita tristeza as gerações mais novas, quando o filho não aproveita e ainda fala: ‘não, eu não. Eu não vou fazer que nem você. Onde você chegou estudando.
- Claudia: É uma falta de valor das coisas, não perceber a luta pelas coisas. A Priscila está falando “meu pai queria que eu fosse secretária. Até a secretária podia, mas eu decidi fazer administração de empresa, ainda tinha algum preconceito”.
- Eu: Com certeza Até secretária podia. Em alguns, agora hoje praticamente todos os campos estão abertos para as mulheres, mas há não muito tempo atrás, por exemplo, engenharia. E hoje eu tenho uma paciente deve ter seus 30 anos não mais que isso. E ela é da área de TI é uma das queixas dela são poucas mulheres. Então existem. Ela tem 30 anos e então é uma coisa assim. Alguns campos ainda são difíceis para a presença feminina.
- Claudia: Teca, eu vou fazer uma pergunta através da fala da Beth. Ela fala: “Minha mãe sempre nos apoiou. Foi na época que meu pai já estava falecido. Minha mãe não media sacrifício para estudarmos.” Você acha que as mães, quando o pai já era falecido, conseguem contra preconceito da forma mais branda que os homens? Você acha que a mãe, por ser mulher e a filha querer ir adiante nos estudos era mais fácil quando o marido estava já ausente?
- Eu: Depende do marido, né, Cláudia, depende de como era essa relação. Se fosse dentro de um contexto muito machista, e muito determinado daquele tipo que tinha de você definir o que seu filho vai estudar. Veja só quando o pai dela fala para o administrador ‘eu não faço ela estudar pra mim ela vai estudar para ela’. Essa é uma grande diferença porque, Cláudia, é assustador que hoje ainda você vê pais que querem impor um caminho para os filhos, e é muito frequente querer que os filhos estudem aquilo que ele queria e não conseguiu.
- Claudia: Então é uma projeção daquilo que ele não construiu.
- Eu: exatamente

- Claudia: A busca pessoal coibida.
- Eu: Aí era o que o administrador falou de que ela ia estudar para ela e não para ele. Vamos dizer que o pai corrige o administrador. Mas era um pensamento muito comum que você não podia ter nenhum tipo de livre arbítrio, era o que o seu pai determinasse.
- Claudia: A Sueli está dizendo, a Sueli lá do fundo, que você conhece. Ela está dizendo que virou débil meiga depois dos cinquenta.
- Eu: Olha, nunca é tarde. Eu também aprendi mais tarde, mas hoje eu me divirto. Depois que eu saí da situação débil meiga eu saio dando risada.
- Cláudia: Vou anotar ‘ai que preguiça’ e ‘débil meiga’.
- Eu: Elas guiam a minha vida. São as duas coisas minha vida. Essa coisa da débil mental
- Cláudia: no meio do caminho, a Marina escreveu ‘gratidão’. Deve ter sido uma lembrança linda. A Mirna falou que ela fez uma troca com Deus. Não sabe se era branco ou preto, e que seu pai poderia não ... porque ele era uma pessoa tão boa. Era a pureza do sentimento. Aquilo era uma blasfêmia, apesar de ter um vídeo zanzando no Face, que um rapaz está na igreja rezando e aparece Jesus, com uns drags; O rapaz fala assim, com uma cara de estranheza, e ele responde: ‘sou Eu, você não estava me chamando? Eu vim’. Aí ele fala: ‘Ah você estava esperando aquele ali de olho azul? Vamos lembrar que eu nasci no Oriente Médio... E a história já começa estranha ali. ‘mas não tem um outro? Que outro? Tem eu.’ Então é muito bom. Ainda mais atualmente.
- Eu: Com essa história do Floyd... Porque é uma coisa, ali você via a crueldade e a maldade expressa naquela posição horrorosa daquele branco. E a simplicidade em muitos momentos da homenagem. Então é assim - bondade não tem cor.
- Claudia: Imagina, nada tem cor. Marisilda traz aqui aquele filme, aquela série da Netflix. A amiga fala que a filha tem que ir para uma escola de etiqueta pra casar. Tinha uma escola de princesas aqui.
- Eu: Sim eu lembro, ela abriu e fechou.
- Cláudia: Ela seria linchada.
- Eu: E agora vocês aguardem. Tanta curiosidade pelo segundo semestre. O próximo conto também vai trazer uma coisa muito interessante e chocante. Mas eu não vou contar. Eu só faço propaganda, não é enganosa.
- Claudia: mas como vai ser se não voltarmos este ano?
- Eu: A gente pode fazer assim manda o texto pra eles e fazemos através do *zoom*. Aí pode ser lindo. A gente faz aquela sala cheia de gente assim. Só vai ser no segundo semestre. Se vocês me aceitarem estarei de volta com tudo e com o conto. Só vou dar um spoiler. Esse é um conto do Valter Hugo Mãe. Alguém já ouviu falar dele?
- Cláudia: A Marizilda está complementando que tem uma memória que ela tem.
- Eu: Essa é uma memória, viu Marizilda, que transcende o tempo. Ela é como algo que fica quando a gente tira do baú de memórias ela fica ali, num estado de suspensão nos acolhendo e nos alimentando.
- Cláudia: Cecília!
- Eu: Cecília!
- Claudia: Você está quieta, Cecília.
- Eu: Cecília, voz de bronze. Tá vendo como lembro?
- Claudia: voz aveludadíssima.
- Eu: sim, maravilhosa.
- Claudia: Ela fala: ‘Meu pai acreditava, que terminar o quarto ano escolar era suficiente. Minha mãe foi firme. Quando terminei o curso de formação de professores, meu pai deu-me de presente *Grande Sertões Veredas*. Como não ser grata a ambos? E ele falou: Ah, filha, você é única.’”
- Eu: E aí tem isso. Eu acho que tem uma coisa da nossa da nossa literatura, da poesia da alma. Grande Sertão pra mim Grande Sertões é uma coisa inesquecível e emocionante.
- *Parte 2*
- Claudia: Meu pai também precisou muito da minha ajuda financeira mas enfim a vida das pessoas caminha, mas você tem coisas muito boas que pessoas fizeram

- Eu: você sabe, uma imagem que eu sempre tenho, eu sempre falo que eu caminhei por caminhos tortuosos e eu vou sempre lembrando a imagem de você subindo uma montanha que você vai rodeando essa montanha e de repente, no momento que você não espera, algo se descortina à sua frente e depois se esconde. E a nossa vida isso, é feita dessas aberturas e dos momentos e situações aonde as coisas estão mais prisioneiras, estão mais paradas. É assim.
- Claudia: a Marina falou ‘minha mãe conseguiu estudar os filhos menores após a morte do meu pai.
- Eu: É às vezes é isso, seja pelas circunstâncias seja porque, por um preconceito, por um medo. Até esse medo de que uma pessoa mais estudada vai sofrer mais. Tem, você pode ter muitas ilusões de que vai trazer sofrimento.
- Claudia: A gente tem duas Mirians ‘meu pai era muito introvertido, gostava muito de música e quando se aposentou, passava a maior parte do tempo lendo. Quando parou, adoeceu e ficou acamado. Pode ter a leitura e pode trazer.... Ele era introvertido, mas gostava de música’
- Eu: É e a música, a gente não pode esquecer, que é uma linguagem. De repente ele te apresentou. Eu sigo um autor na psicanálise que eu gosto muito e que se chama Winnicott que diz que a gente precisa apresentar o mundo pra criança em pequenas doses pra que ela vá podendo absorver, aprender aos poucos.
- Claudia: você pode apresentar o Winnicott pra eles?
- EU: Lógico.
- Claudia: a gente trabalhou alguns teóricos, trabalho alguns especialistas, algumas psicologias aí da vida, mas a gente não trabalhou Winnicott.
- Eu: Eu acho maravilhosa a visão dele quando fala dos estágios de desenvolvimento emocional. Vamos lá. Quem não me conhecia já fica sabendo
- *Speaker 1*: mas é bom saber que ele tem. Eu acho maravilhosa a visão dele dos estágios de amadurecimento emocional. Quem não me conhecia já deu para perceber que eu não tenho problema para. De Winnicott eu posso falar horas.
- Claudia: A Beth falou “a minha mãe não media sacrifício pra fazer a gente estudar, mas exigia notas boas dentro dos nossos boletins.
- Eu: Então, mas isso é o que eu chamo de troca. Existe uma coisa que eu te ajudo pra você ter uma oportunidade que às vezes infelizmente a sua mãe não teve, mas a troca é que você aproveite a oportunidade e não desperdice.
- Claudia: A Andrea (?) está falando, olha que coisa linda, que ainda tem o pai de cem anos, com boa saúde. Hoje em dia está mais modernizado, mas ele não queria que eu tirasse a habilitação. Ele não queria que eu fizesse faculdade e foi uma luta para conseguir. Minha mãe me apoiava
- Eu: Mas olha que legal. O que eu estou percebendo em todos esses relatos é que sempre tem alguém, um dos pais, que ajuda, mas que pode ser diretamente, na linha de frente, ou até no confronto ou se não, é daquele jeito que é um jeito muito feminino - vai fazendo, de mansinho, daquele jeitinho. No caso da nossa história é o pai até que vai fazendo de mansinho né
- Claudia: A Poliana conta uma história engraçada: “Meu pai é testemunha de Jeová. Há cinquenta anos informei a ele, olha a escolha das palavras, de que eu iria fazer um curso de modelo e seguir carreira e assim eu fiz. Imagine como foi isso.
- Rindo, eu falo: Eu Imagino ele quase teve um ataque cardíaco. Sorte que ele não era
- Claudia: alguém disse que é muito boa aula. A Marizilda colocou umas dez exclamações. Abriu aqui do lado da minha casa, no Planalto Paulista, uma pessoa que abriu aqui perto da minha casa uma escola de etiqueta, mas que ela chamou de Escola de Princesas.
- Eu: Olha, do lado onde morei. *Tipo Barbie*.
- Claudia: Era uma casa branca. Ela só fala de etiqueta. Como é que em pleno século vinte e um alguém abre um lugar deste! E tinha interesse! É aprender etiqueta, casar com homem rico e não fazer nada nesta vida. É impressionante.
- *Eu*: Tem. Você tem um nicho ainda que acredita que estamos numa monarquia. Nem a monarquia inglesa está sobrevivendo muito com a nova geração. Imagina o resto. Então é uma ilusão.
- Claudia: A Sueli, a outra Sueli disse que voltou a estudar depois que casou. Legal Sueli.

- - Eu:* Sueli, deixa eu te contar. Eu casei muito cedo fui morar fora e eu fui estudar fazer faculdade. Quando voltei tive os filhos no meio da faculdade foi uma zona. Mas eu consegui. Então eu acho que é sempre bom e quando a gente faz mais velha até, um pouco mais velha, ou quando faz mais velha, a gente aproveita mais. De pessoas que eu conheço que fizeram a carreira conseguiram a estabilidade. E aí eles falaram assim ‘agora dá licença que eu vou estudar o que eu queria’. Então isso não tem idade. Eu estou, imagine, eu tenho 68 anos e estou fazendo mestrado Eu sou a vovó da turma.
 - *Claudia:* E está saindo um mestrado lindo.
 - *Eu:* Eu estou fazendo, eu sou a vovó da turma. Todo eles têm idade para ser meus filhos né. Eu acho... que eles se acham... e no começo eles achavam esquisito. Eles falavam assim ‘mas Teca, a gente vê que você é estudiosa. Porque só agora? Eu falei, pra mim o mestrado é ponto de chegada e não ponto de partida.
 - *Claudia:* *Toma.* Rimos juntos
 - *Eu:* ter esse problema. Eu sou um pouco direto e reto. Então
 - *Claudia:* É bom, é bom. A Irene falou que ‘estou assistindo com muita atenção. Graças a Deus consegui terminar a minha faculdade de enfermagem’.
 - *Eu:* Ai que delícia,
 - *Claudia:* Benedita (?) falou ‘uma pena, iniciei um curso universitário, mas infelizmente não terminei. Graças a Deus exerci bons cargos nas empresas que trabalhei. Tá valendo, Benedita.
 - *Eu:* E Benedita, você pode ver, de repente, alguma coisa que você pode querer estudar. Não precisa ser uma universidade. O importante é a gente ainda ter curiosidade pela vida. Isto não tem preço. Odeio MasterCard que pegou essa frase, porque essa frase é da vida - não tem preço a gente continuar sonhando, a gente continuar tendo planos. E eu tenho um monte que eu não vou realizar, mas não tem importância. O que importa é ter planos. O que importa é ter sonhos
 - *Claudia:* Alguém falou ‘nunca é tarde para começar’. A Marizilda riu aqui: ‘é falta do que fazer, vontade jogar dinheiro fora, a coisa da escola de princesas.
 - *Eu:* Ah bom. Pensei que era estudar. Ufa! A escola de princesas, mas veja é gente que não saiu do conto de fadas, não teve que enfrentar a vida.
 - *Claudia:* A gente estudou Contos de Fadas, mas como medida terapêutica. São pessoas que têm algumas coisas não resolvidas no seu crescimento.
 - *Eu:* Exatamente.
 - *Claudia:* O personagem aí deste conto, o fato da princesa precisar do príncipe... Aí
 - *Eu:* Eles têm uma função, principalmente para a criança, com aquilo que elas não conseguem lidar. Por exemplo, a criança vai ficar com raiva da mãe, se a mãe disser não, se a mãe puser de castigo e der repente mereceu; Então, não é melhor eu ler a história da Bruxa? Porque a bruxa eu posso até odiar
 - *Claudia:* Fica mais fácil. Né?
 - *EU:* A gente tem um conto de fadas moderno, que são as novelas. As novelas seguem estrutura de conto de fadas, pelo menos seguiam.
 - *Claudia:* A gente deposita nos personagens o que a gente não consegue direcionar.
 - *Eu:* Exatamente. O problema é você achar que aquilo é real. Aí que dá problema.
 - *Claudia:* Uma paciente falou pra mim ‘por que comigo não acontece igual com Flor? Aí vai desconstruir essa coisa.
 - *Eu:* eu tive uma paciente que chegou e falou ‘Meu pai me educou para ser princesa’, ela reclamava que o marido não tratava como uma princesa. Eu falei: ‘Mas escute, você não é uma princesa. Ela falou: ‘mas meu pai disse que eu era para ser tratada’. Eu falei: ‘então, seu pai podia até me tratar como princesa. Não adianta esperar do mundo’.
 - *Claudia:* A minha filha falou: ‘mãe, eu nasci para ser princesa’ e eu falei: ‘Você está mais para Gata Borralheira.
 - Rimos junto.

- Claudia: 'Vamos arrumar a casa porque não tem opção'. A Beth está falando 'Como vocês duas estão nos proporcionando uma tarde maravilhosa, com muito saber'. 'Cora escreveu o seu primeiro livro com setenta e cinco anos'.
- Eu: É isto. Não desistam! né. E aí eu queria só fazer um fechamento.
- Claudia: Agora estamos no finzinho.
- Eu: Eu queria saber se vocês pudessem me falar o que vocês acharam da experiência dessa troca do conto e de todas essas conversas e esses insights maravilhosos que vieram.
- Claudia: 'Muito gostoso'. 'já está dando cheiro'. A Telma conversando com a Beth. 'Clareza nas explicações e energia positiva'. Brigada, Alicia, estou transmitindo aqui pra Teca: '
- Eu: Obrigada. E saibam vocês que esse é um prazer autêntico de estar com vocês aqui hoje.
- Claudia: O Teca, você que tem experiência na sala de aula, que lotam nossos olhos e coração, mas você não percebe esse calor, mesmo virtual, do lado de lá da tela?
- Eu: Olha, eu percebo pelos comentários, que não pararam, não teve aquele silêncio constrangedor não teve nada. Eu acho que tem uma coisa da gente imaginar essa presença. E como a que eu tenho a experiência da presença viva, ela tá aqui comigo. e ela tá aqui no contato com vocês. É maravilhoso e eu agradeço muito essa oportunidade que a Claudia me deu de novo.
- Claudia: Prazer meu. Convite feito, já fiz extensão antes do segundo encontro. A Ana Bárbara pediu que você volte sempre e que adora as suas aulas. A Miriam está dizendo que está sentindo leveza de alma.
- Eu: Se a gente puder viajar leve pela vida, eu posso garantir.... Isso não quer dizer que nós não tenhamos peso, mas é onde colocamos o peso e onde deixamos de lado para ter um pouco de leveza, gente. Você não precisa ficar o tempo todo olhando. Vamos lembrar o Janus da mesma forma que é passado e futuro da gente olhar o pouco que pesa e o que é leve - eu posso olhar para os dois.
- Claudia: *Oh Teca*, tem uma coisa que eu costumo falar pra eles que é - além de largar aquilo que a gente pode largar, é parar para poder descarregar o peso do outro.
- Eu: Ah bom, isso aí - devolve o macaquinho para o próprio dono.
- Claudia: É como um saco de arroz de cinco quilos, este é um ensinamento da minha mãe. Ela falava assim: 'Claudia, pensa que cada problema que você carrega seu é um pacote de arroz de cinco quilos. E aí você pega o do outro e, tchum', achando que tem mão para segurar. É não ter limites.
- Eu: Você sabe que, por via e por força do ofício - ser psicanalista - eu aprendi a não carregar o pacote de arroz que não é meu, mas eu estou junto com a pessoa enquanto ela está no relato dela, como eu estou junto com vocês aqui. Mas cada um vai pegar o seu pacote de arroz, ou de amor ou de tristeza ou de lembrança. Cada um vai deixar ele com você e não vai pesar pra ninguém.
- Claudia: Você é muito super, Teca. (Rimos juntas). A Tereza concordou; você também, Cláudia. A Rosana está colocando assim: 'adorei relembrar que fui guerreira, obrigada. Fiquei animada. A Cléo traz uma coisa muito importante: 'pra mim foi uma experiência deliciosa. Voltei no tempo do meu pai.
- EU: Você sabe, tem uma coisa que eu aprendi, principalmente na mitologia que é uma das minhas paixões, porque eu não sou capaz de ter uma paixão única. Na mitologia que o tempo é uma referência abstrata porque na mitologia a gente tem o tempo profano que é esse tempo de um dia após o outro. Mas a gente tem um tempo sagrado que é o tempo da alma que é o tempo daquilo que realmente faz sentido e inspira a nossa vida.
- Claudia: Até suspirei.
- Eu: Isso é eterno.
- Claudia: Até suspirei. Olha outro tema que você ainda não trouxe para a gente. Para de esconder esses ouros. Quando você traz, mais vem o mistério.
- Eu: Olha eu sou eu sou contadora de causo, tá gente. Eu vou de um outro galho para o outro
- Claudia: A Cibele traz que foi uma troca maravilhosa, que trouxe muitas lembranças, obrigada. 'Fala enriquecedora', diz a Tereza. A Miriam comenta: 'muito boa aula, obrigado pela disponibilidade (?). Irene: 'Esta professora Teca e você, Claudia têm muitos anos de ensinar' Que linda! A Beth...
- Eu: E vocês também têm muito a me ensinar.

- Claudia: É troca. Se eles trazem pra gente, a riqueza vem deles.
- Eu: A Claudia está dizendo que eu tenho um tesouro escondido, todos nós temos. E este tipo de dinâmica. é pra gente descobrir os próprios tesouros.
- Claudia: A Cida disse que chegou quase no final, depois você vê o vídeo, Cida, que fica lá guardado. Mas diz que dá vontade de rever toda a aula. ‘Amei seu astral’. A Sueli: ‘tarde deliciosa, ao mesmo tempo em que mergulhamos em reflexões sobre preconceitos e limitações, lembramos de coisas lindas do passado’. Esse ponto era que eu ia comentar: olha a dualidade desse conto. Parte do racismo, preconceito, situação da sociedade e do amor incondicional.
- Eu: Aquele determinismo horroroso do capataz falando ‘vocês negros são de ferro nasceram para um trabalho’ é horrível, horrível. Então, mas veja... Aliás, tem um mito quando Zeus colocou todas as pragas para distribuir para os homens dentro da caixa de Pandora. Na hora em que ele foi fechar a tampa ele não percebeu que a esperança foi junto sem querer. E aí quando Pandora abriu a caixa e espalhou a fome, a miséria, a doença, a morte e o trabalho, porque para o grego o trabalho é uma desgraça. E quando espalhou tudo isso, a esperança veio junto. Primeira isto pra gente falar em tempos de pandemia, o que nos sustenta é a lembrança de tempos bons, a esperança de que eles vão voltar
- Claudia: Maravilha! A Fanny falou ‘aproveitando muito esta aula maravilhosa. Aprendemos muito e passou muito rápido’. Teca, a Marizilda coloca: ‘foi muito bom ouvir você’. A Sandra falou: ‘me faz lembrar com essa lembrança me sustenta. Não me deixou triste e sim amparada e acarinhada. A Alice coloca: ‘a esperança e a alegria da Teca é contagiante, muito obrigada’. A Cecília ‘ficar pensando nas tantas vertentes que um texto simples pode provocar nossas lembranças e memórias nos remete ao que vivemos e a quem somos. Ivete: ‘estou me sentindo mais leve na alma, mais preenchida. Um conhecimento com um sorriso nos lábios de felicidade’. Eu estou me arrepiando aqui. ‘Divertimento e bom resgate, muito bom ter você de volta’, diz a Sonia. ‘Muito bom ouvir testemunhos como este da Teca. Olhamos para dentro de nos mesmos ...’ A Marina falou: ‘gradidão por me abrir tantas janelas!’ Luis: ‘foi uma tarde muito proveitosa, que agregou mais ao nosso conhecimento’. A Fanny: ‘Teca maravilhosa, lindas palavras, Teca, amei’. A Tania: ‘Teca, muito obrigada por tanto, é sempre bom revê-la. Cláudia, obrigada por trazer tantas preciosidades’.
- Eu: E vocês preencheram a alma e eu vou com todas essas falas, com todas essas lembranças dentro de mim.
- Claudia: Depois você vê. Ela diz que perdeu uma parte – depois você vê. ‘São palavras que vão direto para a alma. Depois
- Falo de *História sem Fim*. É um romance infanto-juvenil. Ele tem um momento que ele tem que atravessar uma espécie de caverna com as mil portas. Eu vejo a vida sempre como esse caminho de portas pra gente poder abrir e explorar.
- Claudia: Eu termino falando assim. A gente assistiu uma palestra do Augusto Curi e eu fui assistir o filme do “Vendedor de Sonhos” que é próprio pra gente poder continuar com as histórias juntas nesta caminhada, você com a gente trazendo mais.

Ciclo – A Menina que Carregava Bocadinhos

TRANSCRIÇÃO TOTAL MENINA DOS BOCADINHOS - 1ª REUNIÃO

Eu: BOA TARDE A TODOS! É com imensa alegria que eu aqui de volta com vocês. Primeiro quero agradecer todas, a todas aquelas que responderam ao questionário ele é parte da minha pesquisa que agora sai o ano que até o final do ano que vem ela. Ela sai do forno e aí eu vou ter o prazer de compartilhar com vocês. E porque é importante também eu conseguir saber de vocês aquilo que vocês gostam do ponto de vista de leitura para que eu possa pensar em outras e outras vezes participar desse grupo tão, tão especial, tão rico que fica naquelas memórias inesquecíveis do coração. Mas hoje a gente vai falar, já que estamos falando de livro, nós vamos falar do conto de Valter Hugo Mãe, o conto que fui mandado para vocês.

Cibele: uma delicadeza de conto.

Eu: é muito interessante o nome do livro - Contos de cães e maus lobos e é uma delicadeza. Quando eu li a primeira vez, eu lembrei de vocês, da delicadeza e lembrei de algumas das nossas e das nossas discussões em 2017. Nos vários laboratórios que nós fizemos. Então, para um grupo delicado, um conto delicado. Mas agora eu queria ouvir de vocês o que vocês acharam, o que você. O que o conto contou pra vocês, e o que vocês contaram de vocês para o conto? Como foi a leitura? Aonde vocês foram tocados pelo conto. Então ele é uma delicadeza, o que tocou. Vamos lá Marizilda. Boa tarde.

Marizilda: EU não tenho o hábito de ler. Infelizmente eu não sei se vou conseguir este hábito. Porque nunca gostei. Quando eu lia, era por obrigação mesmo na época da escola. Então pra mim, eu tenho dificuldade com texto assim com muitos detalhes. Mas achei muito interessante, muito bonito. Não imaginava que poderia haver uma situação assim, de uma criança de 9 anos, se sujeitar e ela vai crescendo. No final das contas eu acho que ela descobriu o amor próprio. Como continuar? Era impossível ficar. Em algum momento ia aflorar nela. Eu tentei fazer o resumo, mas acabei não finalizando. O que eu li antes de ontem foi isso. E finalmente teve um final feliz. Agora, o que trouxe pra mim? Não parei muito para pensar, mas é hora de se valorizar mais. Chega uma hora que é preciso tentar ficar bem. Acho que foi isto, mas eu tenho dificuldades.

Eu: não, não, você vai ver que aqui Marizilda que a experiência da leitura em grupo, ela tem uma coisa de uma costura de impressões, sentimentos, sensações. Isto vai trazendo um sentido que é próprio, e um sentido que é desse coletivo, desse grupo, viu? E uma experiência muito diferente e muito rica.

Marizilda: tem razão. Obrigada

Eu: Obrigada você. Sandra, já me senti transparente como ela. Então vamos lá. Quero entender isso. Sandra? Ainda bem que eu já vi que eu vou ter aqui a assessoria da Cecília, que já está me parecendo uma especialista em zoom, pega a mão.

Cecília: Todo mundo aqui ficou bom.

Eu: ... a Claudia me contou. Eu, fiquei com tanto orgulho né. Eu ainda vou participar todas as vezes, fala Sandra.

Sandra: Oi Teca. Eu me sentia assim transparente trabalhando principalmente com mulheres. Eu tinha que não, mostrar muita capacidade, ficar quietinha pra conviver bem na situação. Eu me identifiquei bastante nessa parte.

Eu: E você lembra como você se sentia tendo que fazer isso?.

Sandra: Como a menina ali, eu até me sentia confortável. Depois você vai pensando. Depois que você está fora da situação, nossa! Não era para ser assim. Me descreve o texto. Aliás eu não consegui parar de ler. É longo, mas não consegui parar de ler.

EU: é muito lindo. É muito lindo. Então essa transparência, eu acho tão curiosa na escolha da palavra transparência porque transparências tem muitos lados né.? E essa transparência que se aproxima da invisibilidade no sentido que ele traz no sentido que você trouxe. Mas o que é que é transparência também, além de invisibilidade como o que a gente usa, que outra maneira a gente usa a transparência. Será que alguém pode me ajudar com essa reflexão?

Teresa: Demonstrar sem esconder?

EU: Então, você vê que interessante, Teresa, ao mesmo tempo a transparência que esconde e se mostrar sem se esconder. É a pessoa que se mostra assim se esconder. É interessante o que é que a palavra faz? Ou o que o uso da palavra faz nada. Então se no texto... Fala, fala por favor você primeiro.

Teresa: Eu não pensei muito. Só que eu também não tenho muito de leitura. Estou começando a entrar nessa seara. Minha irmã é assim poetisa, ela lê muito bastante lá na Bahia. O meu sobrinho lê bastante, bastante. E eu não sou muito da leitura, mas achei interessante este conto, muito bonito. Ouvir de uma menina de 9 anos que criou uma expectativa em cima da adoção dela que ela achava que eles iam fazer com ela, achar bonito. Foram muitas expectativas que ela tinha, que ela ia se achar, comer. Mas não foi

nada disso que aconteceu. Porque as pessoas que a adotaram, adotaram para que ela fosse escrava, sem direito a falas, a nada. Tanto que quando ela ganha, numa das partes, aquele lenço e que ela guarda com carinho, aquela coisa bonita, rica, colorida. Quando ela faz a roupa e vai para a missa, a patroa morre de inveja. Morre de inveja porque viu que ela fez uma coisa que ela nunca tinha pensado. Pesou, e tolheu a menina. Pode ser que não mais usasse aquilo ali. Voltou a ser aquela menina servil.

Eu: Servil. Ela foi sufocada.

Teresa: muito sufocada. Conto muito bonito.

Cibele: O que a fez desabrochar foi o amor. Porque fez ela botar tudo aquilo pra fora.

Eu: Exatamente uma força, essa força do amor e algum tipo de amor. Porque nós temos mais de um tipo de amor. O amor é complexo e aí... mas de qualquer maneira Cibele é isso mesmo - a força do amor que deu coragem para ela poder

Teresa completa rindo: criar asas e voar

Cibele: Aquele vestido colorido, aquela roupa colorida. Naquilo que ela vestiu, ela assumiu a personalidade dela toda.

EU: Ela assumiu, Cibele, exatamente. Ela se sentiu autorizada para vivenciá-la. Então ela descobriu o amor. E que mais será que ela descobriu? Ela descobriu o amor, mas o que mais?

Ana: A capacidade.

EU: Muito legal, Ana. muito legal exatamente. Fala um pouquinho mais disso.

Ana: Você perguntou inicialmente o que marcou pra gente este conto. Eu marquei 2 frases na página dois, que pra mim ficou bem forte que é que quando ela diz que teria que ficar como um enfeite bastante enfeitada para combinar com a mobília, com a passadeira, com objetos da casa. Foi uma coisificação dela. Ela se tornou uma dessas coisas que ela citou. Ela fala que queria estar inteira como quem resolve o passado e abraça o presente. O futuro não existia. E aí ela descobriu o dom da costura, o dom de costurar com perfeição. A partir desse dom ela começou a se descobrir. Porque também tem uma outra passagem “aos bocadinhos, do seu interior ia jogando as coisas que tinha nela. Ela faz a roupa com o lenço, tentando colocar o seu interior pra fora. E aí a patroa começa a requisitar que ela faça as roupas dela porque ela quer perfeição. Depois quando o menino começou a olhar para ela. Tem muita coisa neste texto. A parte de como ela se identifica com os cachorros, achei muito forte, pra mim doeu a alma.

EU: Doeu a alma?

Ana: Porque, assim -a identificação que ela tinha com todas aquelas pessoas daquela casa, com tudo o que ela viveu até então. Nove anos não é tão pouco assim. A identificação com os cachorros que eram como ela – preso só comiam e dormiam. E mais nada.

Eu: Você sabe que esse pedaço me tocou muito também. Sabe. Essa sensação de aprisionamento e um aprisionamento num lugar à parte, de você não pertencer aqui. É uma sensação muito forte de não ter um lugar que é seu.

Ana: Tanto que ela não tinha um lugar dela, que a patroa entrou no quarto dela e foi procurar coisas na gaveta dela.

EU: Sim sem direito. É uma invasão de privacidade absoluta. Vamos lá, Cecília.

Cecilia: Eu acho que muita gente não tem o contexto do Valter Hugo Mãe.

Eu: Mas se quer você quer me ajudar com isso?

Cecília: Não, conta você.

EU: Eu adoro te ouvir, Cecília.

Cecilia: É que o Valter Hugo, eu falo que a primeira vez que eu tomei contacto com o Valter Hugo Mãe, eu vi um livro que o nome *mãe* estava muito destacado. Eu falei, ‘nossa, O livro que chama *Mãe*,

e depois eu fui embora. E depois eu vi uma entrevista e o Valter Hugo Mãe ele escreve como escreve porque é português, é um filho de português, é um grande escritor, um dos maiores escritores da atualidade. Ele não é só escritor, ele trabalha na televisão, ele canta... Ele terem uma forma, não é Emília, que lemos o Agualusa, a gente está no grupo de leitura e lemos esta semana *O vendedor de passado* é da Agualusa, que também tem uma forma poética de escrever. Então o Valter Hugo Mãe, ele escreve de uma forma leve, e ao mesmo tempo que a Ana acabou de falar esta questão de falar grandes questões de uma forma poética, mas também muito dolorida. Eu lembro que a primeira frase “entrar na casa grande como criança e acreditar que lá está a salvação e lá está a escravização. a exploração, a inveja. É o lugar de todas as mazelas dentro daquela casa . E a pessoa entra achando que faz o bem

Emilia: Me faz lembrar Casa Grande Senzala. Sabe que eu achei interessante que a felicidade é pra lá e pra cá aqueles que têm o quê? o dinheiro. Outra coisa que achei lindo e que fiz um link com o Agualusa é a coisa da água - ela costurava como se fosse uma água. E o Agualusa coloca que a água pega o formato onde está a - garrafa - uma garrafa e a água. Achei muito lindo isto.

Eu: E tem todo o movimento. Trazia água não é Emília, aquele movimento né. Era coisa em movimento. é muito interessante, muito mesmo. Fala Regina.

Regina: Isto me fez lembrar um filme brasileiro “a que horas ela chega”. A filha da empregada da casa é brilhante. E espanta as outras pessoas com esse brilhantismo: ‘como é que uma pessoa pobre, que não tem nada. Como é que essa pessoa tem tudo isso dentro dela? Como assim?

Eu: É verdade, é verdade. Como é que é possível? Fala, Rosana.

2ª REUNIÃO

Eu queria um pequeno relato de vocês de como foi a experiência do laboratório da leitura desse conto, que trouxe tantas reflexões lindas da última vez e espero ouvir mais algumas ainda mas eu queria saber de vocês essa experiência da leitura, da leitura em grupo, do laboratório. Como foi isso para vocês.

Emilia: Eu fiz uma poesia

Eu: Quem fez a poesia? Emília? Eu quero ouvir. Conta para todos nós.

Emilia: de tudo o que foi falado, eu juntei

Eu: Então me conta essa poesia, conta para todos nós.

Emília: ah, mas não está aqui, está no celular - agulha fina com a linha comprida porque não ia ser qualquer costura, entrando e saindo, perpassando por todos os sonhos, cada um ia colocando, as vezes rindo, as vezes furando, as vezes gargalhando, mas sempre presente, sonhos realizados, em stand by ou por vídeo, mas sempre nos dá impulso para voar.

Eu: Que lindo! você recebeu Emília você recebeu o conto que eu enviei?

Emilia: depois que eu fiz a poesia é que eu vi. Conto de Machado da Assis em que ele fala da agulha. Olha que coisa!

Eu: então, são coisas da vida, você falando da agulha que passa. Eu que não sou uma hábil costureira, são coisas que passam e pensando de quantas vezes o dedo que espeta, né? Distraída do jeito que eu sou além do caminho de rato que fica, tem também a agulha que espeto o dedo com a nossa menina do conto.

Participante: Ela costura como se fosse água.

Eu: de repente ela percebe o que está acontecendo com ela. Emília, lindo demais. E você em sintonia com o nosso Valter Hugo Mãe. Quem mais quer me trazer aquilo que pensou que queria dizer? Aceito reclamações e estamos aqui para reclamação e também para manifestações quaisquer que vocês queiram trazer. Fala Marina.

Marina: Boa tarde professora. Você mora no meu coração, você sabe disto, não é?

Eu: e você também eu tive que criar toda uma marcenaria nova para caber todos vocês está certo tá lá - os escaninhos novos. Tá certo.

Marina: Então, professora você pediu para a gente escrever um texto.

Eu: Isso

Marina: E eu fiz um relato da minha vida. A senhora quer ouvir?

EU: Lógico!

Marina: Saí de um sítio chamado Grotinha em Minas Gerais aos 13 anos deixando o pai, mãe e irmãos em busca de um sonho - o sonho de ser enfermeira. Como éramos pobres e sem condições para estudar, fui para um convento e lá estudei enfermagem. E foi o que aconteceu. O sonho era tamanho, que fui a melhor aluna da Escola de Enfermagem Catarina Labouré em Curitiba. Ganhei um prêmio no final do curso da escola por ser a melhor aluna da Catarina e fui dar uma volta de helicóptero com uma das professoras. Foi um voo sobre Curitiba, inesquecível. E aí então as freiras me chamaram: “Agora você vai trabalhar num hospital em Paris, uma vez que você fala perfeitamente fluentemente o francês. Enquanto elas preparadas meu passaporte, elas me mandaram para a casa dos meus pais por 5 dias. Assim podia. Quando eu cheguei em casa dos meus pais, eu fui vencida pelo amor maior chamado família, que há nove anos eu não sabia mais o que era, porque no convento eles fazem uma lavagem cerebral muito grande. Eles conseguem bloquear. Fui para a casa dos meus pais. Mamãe tinha tido 3 filhas que eu nem conhecia, nem sabia que ela tinha mais 3 filhas. E aí o meu pai perguntou: “por que a razão do choro? Aí eu disse: “Papai, eu estou indo daqui. Acho que eu meio assim que eu voltei correndo pra fora do país eu estou indo daqui a um mês, para Paris porque eu estou sendo mandada, desculpe o termo, mas era mandado mesmo. Eu estou indo pra França trabalhar em um hospital em Paris e muito provavelmente nunca mais vou vê-los. Aí meu pai disse: ”Quando você decidiu ir para o convento para estudar para ser enfermeira, eu tive que assinar porque você era pequena, você era menor. Agora você é livre para continuar o seu sonho não era. Papai me deu uma empoderada que eu não sei de onde saiu, saí do convento após nove anos e trabalhei por 50 na área da saúde. É minha historia

Eu: é uma história muito linda! E como a menina, você foi atrás do sonho, não é Marina? E o sonho implicava também em libertar-se de algo, da imposição do que o outro queria que você fizesse. Olha que é meio parecido com a história da patroa dela querendo que ela fizesse só o que a patroa determinava, mas ela sem asas para voar sem direito de sonhar.

Marina: Exatamente professora.

Eu: E essa experiência como foi Marina?

Marina: Do convento?

EU: e ó, nós na fita.

Marina: esta foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida. Porque depois de 51 na saúde, já estava aposentada e decidi parar. Agora eu vou realizar um outro sonho – estudar, sempre amei estudar. Aí eu encontrei este grupo maravilhoso da Uapi na Unifesp. Então tive a felicidade de conhecer só seres iluminados como você. Sabe uma coroação, um prêmio por tanta luta que eu tive e eu fui coroadada tanto com

Eu: e nós fomos coroadas com a sua sensibilidade, o seu carinho e a sua história. Obrigada a você, Marina. Quem mais quem mais candidatas, candidatos tem algum candidato hoje Cecília?

Cecília: olha, eu vi o Prado, que está no telefone.

Eu: então vamos lá quem gostaria de falar? Tem a Regina, que já me mandou. Mas se quiser falar será um prazer. A Sandra Martinez me mandou, a Cleonice, a Marilena, a Miriam. Estão aqui já e estou aguardando os outros.

Cecília: eu mandei também

EU: ai Cecília, é verdade, socorro!

Cecília: não mandei. É uma tarefa pra mim.

Eu: verdade! Então vamos lá. Quem quer falar agora? Tantos rostos bonitos, sorridentes, sérios. Fala Prado.

Antonio Prado: Sobre um sonho que eu tive quando era criança e que se realizou quando eu tinha 44 anos de idade. Valeu a pena dar uma passada aí que foi muito significativo na minha vida. Quando eu tinha uns 8 ou 10 anos eu sonhava ser cineasta. Eu tinha vizinhos que tinham aquela maquininha de cinema e eu não tinha, mas achava bacana se algum dia conseguisse fazer aqueles filminhos. Mas aí quando eu tinha 18 anos eu comecei a filmar na minha família eu não tinha dinheiro para dar presente e eu comprava aqueles pequenos rolos de filme jogava e dava o filme de presente, com música com som, com tudo. Fui aprendendo a fazer. Passou, passou, passou.

Com 42 anos de idade, 44 eu era diretor de recursos humanos em uma baita empresa multinacional, e de repente estava fazendo a barba ouvindo o radinho de pilha da Jovem Pan, e apareceu lá uma notícia assim: “concurso nacional promovido pela Federação Brasileira de Prevenção de Acidentes, concurso sobre acidente de trabalho. Os interessados podem fazer um filme de até 12 a 15 minutos não menos do que dez, e concorrer a um prêmio. Na mesma hora aquilo me deu um comichão que é que tudo o que tem na barba, eu já tinha na cabeça o roteiro do filme como queria fazer, quem seriam os protagonistas, quem faria o figurino, onde eu ia fazer, com que recurso. Tudo Isto em dez minutos que terminei a minha barba e já tinha na minha cabeça. Cheguei na empresa, chamei a minha turminha, falei como ia ser o filme, para concorrer na Federação Brasileira de Prevenção de Acidentes.

Como por acaso eu era também responsável pela parte de segurança da empresa, a minha turma estava envolvida em segurança do trabalho. Se perder essa oportunidade é cavalo ensilhado que nunca mais vai passar. Chamei a turminha, vamos fazer um filme assim, assim. O roteiro vai ser assim. Em três meses filmando só sábado e domingo na própria fábrica. Nós fizemos um filminho de 12 minutos.

Agora vem o detalhe, nome do filme: vocês jamais viram, ou ouviram um nome como este, que eu achei super criativo, diferente, e nunca ninguém descobriu isso. O nome do filme foi “O anjo demissionário”, mas com um anjo demissionário? Um anjo que pede demissão. Você já assistiu uma coisa dessas? Isto que nós queríamos. Porquê. Porque o enredo era um empregado da fábrica, descuidado, não cuidava do estado da saúde da vida dele, sempre predisposto a acidentes. Esse era o roteiro. Só que ele tinha um anjo da guarda que evitava que ele se acidentasse. Toda vez que ele ia fazer alguma coisa que ia se acidentando, lá já aparecia o anjo com as asinhas abertas e com as mãos abertas para evitar o acidente. O cara nem sabia que tinha anjo da guarda. Isso tudo filmado na fábrica com cenas de situações próprias de acidente, mas na hora que vai fazer. Vai na hora que ele vai fazer, o anjo aparece com uma fumacinha e essa fumacinha era um extintor de incêndio, que tinha lá e a fumaça por baixo das cenas, ficava todos esfumaçados. Parecia Veneza

Porque depois de umas 10-12 situações de acidente, em que ele evitou o acidente. Ela se encheu o saco e pedi demissão para Deus, de ser anjo demissionário daquele cara. Então ele arrancou uma asinha dele. Sentado na mesa da fábrica, ele escreveu uma carta para Deus pedindo demissão. A carta que eu tenho até hoje aqui em casa. Está escrito assim: Senhor meu Deus, o João, nome do descuidado, não dá o menor valor à visita que Tu lhe deras. Ele negligencia muito e eu estou cansado de protegê-lo. Por isso peço permissão do cargo de anjo da guarda do João, assinado Anjoão. Porque o nome do cara era João. Então ele pede demissão, acontece um barulhão e o João se acidenta. E aí ele sai de ambulância, estava artificialmente na fábrica, e aí ele vai para o hospital. Só que dentro da ambulância ainda, desmaiado, ele começa a ouvir o som do barulho da ambulância, que foi misturando com o som do barulho da sirene da fábrica. Aí ele acordou. Era um sonho. Ele tinha pegado no sono logo após o almoço debaixo de uma árvore lá do jardim da fábrica, Aí ele acordou assustado se conscientizou, pegou um livretinho que era “como prevenir acidente de trabalho” e foi marcar o ponto. O anjo aparece de novo aprovando a conscientização dele. A última cena do filme. é um quadro que está até hoje na fábrica, que eu mandei fazer que diz assim: Prevenir acidentes é um dever de consciência.

E o fim disso tudo? E o prêmio? Ganhamos o segundo lugar no Concurso Nacional. O primeiro foi um profissional. E a nossa turma ganhou uma câmera fotográfica, uma filmadora e mais quinhentas moedas, eu nem sabia o que era essas quinhentas a gente distribuiu para todo mundo Quem eram os participantes? Naturalmente a minha filha era o anjo, tinha 10 anos de idade e foi o anjo da guarda. A minha tia Leontina, hoje falecida, foi a a figurinista e costureira, o pessoal que faz um extintor de incêndio, uma equipe de São José seis ou sete. Tenho esse filme até hoje.

EU: É Isso aí, me lembrou “O sonho de um homem ridículo”, que é um conto do Dostoiévski que também fala de um sonho que a gente fica ali entre sonho e realidade, bem interessante, António. Quem mais quer me falar mas eu queria que alguém falasse do que foi esse nosso encontro aqui. Quem está vindo? Adele

Adele: boa tarde, Maria Teresa, Cecília, todos. Então, eu não sou aluna aplicada porque a primeira aula eu não estava, na segunda aula eu cheguei pela metade, mas o pouquinho da aula anterior e do que eu li e todas as meninas aí falaram da sua experiência, Nossa! Para mim foi muito enriquecedor. Porque eu desde pequena sou leitora; amo ler inclusive esses dias minha filha contou algumas coisas de leitura, de quando eu pegava os livros pra ler que eu nem imaginava. Ela disse que quando eu pegava o livro, sentava na rede, ela podia brincar à vontade e nem se aproximar de mim. Porque daí era só ler. Lia outras coisas. Então, eu nunca havia participado de clube de leitura. Imaginava uma coisa completamente diferente. Não tinha noção de como é. Então a partir dessas aulas, e ontem tive a reunião do grupo, que foi muito legal também. Cheguei atrasado. Eu estou aprendendo. É uma coisa assim que eu não imaginava porque quando eu lia, eu via nos livros assim, nas histórias as coisas mais no meu mundo na minha leitura eu não entrava assim no personagem trazendo ele para mim. A não ser quando era romântico (risos) e agora eu vejo uma outra realidade de entrar nos personagens, de entrar na história e trazer uma análise na vida da gente. E isso daí é muito vendedor (???). Estou aqui para aprender.

Eu: Que delícia, Adele, que delícia! Né? Saber que você sempre foi leitora e saber isso - a descoberta que é diferente quando a gente pode falar de grupo, que tinham linhas e agulhas tanto da poesia da Emília quanto na história, nós vamos costurando os nossos pedacinhos de experiência juntos e isso traz uma dimensão da realidade que permanece pra sempre pra todos. Porque o livro que cada um de nós lê não é totalmente igual ao que foi lido pelo outro e nesse encontro e nesse conjunto nós conseguimos trazer coisas pra pensar que não tinham nos ocorrido. A partilha faz crescer essa percepção de si, do outro e do próprio conto, do próprio autor.

Adele: Tanto é que ontem, no grupo, eu falei alguma coisa sobre a minha leitura, as minhas escolhas, que eu já leio há muito tempo. Só que participava há muito tempo do ciclo do livro e até comprava nas bancas. Já sabia que ia ser por causa que era porque as pessoas que comprava então tinha sim as quantidades poucas que eles pediam, não sei se era semanalmente, quinzenalmente eu ia lá pegar o meu. Eu sempre optei por escritores estrangeiros. Eu achava, sim no meu pensar que o Brasil, não menosprezando, eu já tinha uma realidade, de ouvir falar das regiões e então eu queria sim me expandir. Então a partir de que eu pegasse uma leitura estrangeira, daquele país, iam me trazer outras paisagens, em outras palavras, outras coisas assim. E as escolhas que eu ia na livraria comprar. Outra coisa que comento com a minha filha (ri), é que eu escolhia livros por volume. Eu gostava de um volume bem grande. Se fosse um volume assim (gesto de fino), eu não queria porque pra mim tinha que ser demorada a leitura, nem que se estendesse bastante, mas eu, numa semana devorava, dependendo do livro. Eu começar a ler, isso até agora, eu tenho que ir lá no fim e saber o final.

Eu: parece que a Bete concorda com você. Eu tô achando que a Bete concorda com você. A Bete Niglio

Adele: Leio o final e aí eu volto e não perde a graça; parece que tem mais graça leitura de saber assim, diz rindo. Então é essa a minha experiência de leitura das coisas. E outra coisa que eu concordo com o Prado

Eu: Isso António Prado

Adele: se não me engano ele falou que a hora que surgiu toda aquela ideia foi quando ele estava fazendo a barba. Quando ele terminou a barba, estava tudo concluído. Então já me fizeram várias perguntas sobre eu tomando banho, eu não vou falar qual é, diz rindo. Mas a resposta é que, quando entro no chuveiro, aquela água parece fervilhar de letras.

EU: água fervilhando de letras

Adele: E eu construo muitas coisas no chuveiro, mas após sair do chuveiro e secar, às vezes pego o celular e escrever pelo menos algumas palavras chave para depois de eu poder fazer alguma coisa. Mas a partir do momento que eu me seco, parece que se escorre metade do que eu pensei lá no chuveiro. Então é isso que eu tenho pra falar.

EU: que legal, letras travessas que se escondem, letras travessas que se escondem.

Cecília sugere para Adele que ela deixe o gravador do celular ligado

Adele: Já me falaram nisso. Já construíram tanta coisa, mas dispersa... Daí eu falo, alguém coloca algumas palavras, depois eu concluo. Mas fico imaginando que nunca é igual ao que eu pensei completo debaixo da água.

Eu: Então está me parecendo igual à menina e que costurava água. Tá muito parecido com essa menina que costura água. As palavras que se vão com a água. Mas não importa. Você trouxe elas de volta aqui hoje. Obrigada Adele. Quem quer falar? Estou aqui olhando para vocês vou olhar a todos eu não consigo pôr tudo na mesma página. Eu não quero fazer unidunitê. Fala Marina

Marina: O quão enriquecedor foi a sua contribuição na UAPI em 2017. Até então, professora, a gente lia um texto, mas a gente não tinha a oportunidade de ouvir a interpretação da colega, do colega do lado! Isto foi de uma riqueza ímpar!

EU: Essa é a grande descoberta.

Cecilia: tem algumas pessoas que estão no grupo de leitura – Cibele, a Beth, a Regina

Eu: a Regina está fazendo assim.

Cecilia: Nós estamos em grupos diferentes...

29:39

Regina : Teca, pra mim, eu, Regina Camargo, eu já falei que a pandemia foi uma maravilha que eu não gostava de ler e já li uns 14 livros até agora. Agora entrei no clube do livro 6.0 e nossa! Foi a 1ª aula ontem, foi a primeira conversa foi muito gostosa e livros de Cora Coralina, que eu nunca li. Então pra mim está desvendando, a leitura está desvendando um universo que já é sabido por todo mundo, menos pela tonta aqui.

EU: não, não é sabido por todos.

Regina: eu leio romance, eu leio livro investigativo, que eu acho muito interessante, desperta! Eu leio livro erótico porque eu falo como tem gente com tanta imaginação e às vezes o casal cai na rotina porque não sabe!

Eu: de vez em quando a gente tem que se inspirar de novo.

Regina; É muito interessante o livro que você lê e retira uma aprendizagem e esse conto seu, da costura, da linha e da agulha preenche a vida da gente. Vai costurando em linha reta mas depois você tem que dar uma volta. Você às vezes fica contornando um problema, desviando a linha e não sai. Aí você tem que cortar essa linha, tem um momento da sua vida que tem que começar a costurar novamente, um outro entendimento da vida. Então para mim foi muito lindo.

Eu: Que bom e a Rosângela tá falando também que isso está em um grupo da segunda feira. São quantos grupos, Cecília?

Cecília: olha o nosso grupo foi o primeiro. E aí na semana passada, a Claudia lançou um link e aí estão montando outros grupos, tantos que tem grupos que começaram agora. Mas ontem eu até brinquei, olha a mediadora teria que estar no nosso grupo, porque a gente dá um banho de dez a zero nela, diz rindo.

Regina diz que foi montado um grupo de 4ª feira às 18, porque a gente estava achando que no meio da tarde que não ia amar. A gente estava pegando mais um dia. Então agora estou na quarta às 18h.

Emília: estou apaixonada pelo grupo porque cada uma traz um ângulo, uma visão. Adorei saber que ... tinha feito USP. Da água duas vezes pra menina. Estou encantada.

Cibele: estou encantada, você, a Valéria Cecília. Gente eu tô aprendendo direto...

Emilia: *Eu também seu, Cibele, a gente aprende uma com a outra* porque às vezes você vê um ângulo que eu não vi aqui vê outra visão para ver uma coisa, a Cecília vê uma outra visão, é bárbaro! Deixa eu falar alguma coisa, hoje foi ainda mais bonito, e à tarde fui ver uma tia de 93 anos. Ela tá ficando meio esquecida. Ela estava no jardim, tem um jardim lindo, foi até o jardim escolher flores e eu contando as histórias da Cora, ela para, senta e me ouve. Que tarde magnífica!

Eu: Que coisa boa! de vocês estarem partilhando aqui comigo. Quem mais quer trazer aqui a experiência do nosso grupo, a experiência a história de leitura, a história de convivência do nosso grupo ou a história deste conto tão suave.

Cecília: Quando começamos lá em 2017, o professor Dante, que foi dar a primeira aula, hoje à noite eu vou vê-lo na jornada da Biblioterapia. Ele vai falar hoje à noite na Jornada mas aí, aquele primeiro conto, acho que era o catador de conchas.

Eu: Não era *O mergulhador*.

Cecília: *O mergulhador, não é?* E toda a riqueza que começou a aparecer como tesouros que cada um foi colocando até chegar àquele momento em que as pessoas fizeram uma peça, e puderam, assim, vivenciar personagens, o que ficou muito engraçado em alguns momentos, e ao mesmo tempo foi uma soltura de estar entendendo e se dispondo a partilhar. Talvez seja isto que a Emília está falando em transformar a história na história do grupo e tomar conta dela. Então, a leitura, que para mim é sempre algo contínuo, na partilha ela é extremamente enriquecedora. Revela quando... Eu nunca começo a falar e já sei tudo o que eu vou falar. Você vai elaborando sim. Mas quando você começa a fazer essas costuras com a Cibele que fala, a Emília, a Marina, Antonio, aquilo vai fazendo e vai criando uma nova perspectiva que toma um significado diferente. Depois você fica com aquilo, lembrando aquilo vai para o chuveiro.

Eu: vai pro chuveiro e a gente a gente guardar um pouco das palavras que escorrem pra elas não fugirem todas, Cecilia, comento rindo. A imagem do chuveiro foi ótima viu Adele.

Cecilia: Outro dia eu me vi fazendo....

Eu: Quem está falando?

Regina Lacerda. É assim, eu queria entender uma coisa. Em 2017 vocês começaram uma atividade.

Eu: Essa atividade, isso.

Regina: e isso que estamos fazendo é a continuação do que vocês começaram em 2017?

Eu: Isso

Regina 1: *Então eu perdi 3 anos?*

EU: não você só perdeu dois, pois o ano passado não fizemos. Mas eu volto ano que vem, Regina. Sabe, ali foi um começo do meu projeto de mestrado e ele também foi crescendo e evoluindo junto com essas experiências, com as vindas, com as coisas que lemos. E é assim, pra mim esse encontro, da semana passada e desta, está sendo como se o fechamento desta etapa da jornada, em termos de oficialmente ser o fechamento, mas de qualquer maneira eu tô tão encantada, tô aqui em um estado de flutuação, parece água que Adele falou lá do chuveiro, porque é isso, que a gente pode descobrir primeiro que nós temos

voz, que nós temos palavras, que nós temos sensibilidade e que nós temos a possibilidade de troca entre todos nós que estamos aqui. E a troca é o que é mais enriquecedor. Porque junto com palavras, junto com o texto, nós tecemos junto, com toda essa amorosidade, essa afetividade que existe dentro desse grupo. Essa alegria que é um exemplo para muito jovem mal-humorado, que não vê perspectiva. Vocês são a outra ponta, uma ponta com esperança. E isso não tem preço.

Cecília: Ontem eu estava ouvindo uma live sobre diversidade nas empresas, etc, e uma pessoa, e ela é uma mulher trans e ela é brilhante, ela disse uma frase assim: que parir-se como ser humano é a nossa missão. Isso pra mim é muito claro que eu nasci biologicamente humano, mas emocionalmente, psicologicamente eu fui me construindo neste processo. Então não tem 'Agora acabou'. Quando você fala em ponta, o outro lado, parece ser, eu acho que é esse 'parir-se'. E as palavras nos ajudam nesse processo de gestar-se, nascer. É diário, é cotidiano.

Eu: Sim, descobrir essa capacidade de SER, DE FALAR, e DE PERTENCER porque aqui é um campo de pertencimento. E eu queria saber de outros pertencimentos desse campo. Marisilda, Pilar...

Marisilda: Estava ouvindo os depoimentos dos outros.

Eu: Mas eu quero ouvir o seu, querida.

Marisilda: Na verdade só li uma vez. Acabei não me dedicando mais. Sou muito fraca de leitura, muito fraca.

Eu: Isso é um exercício de cada um, no seu passo, no seu compasso

Marisilda: Preciso forçar a ter esse hábito. Eu ainda não me inscrevi no clube, estou pensando, diz com um sorriso sem graça, mas se houver uma cobrança de leitura em determinado prazo, eu não vou, porque tem que ser uma leitura que eu aprecie muito. Infelizmente desde a minha infância, na fase adulta, eu nunca tive o hábito, então fica mais difícil agora. Mas o conto que você deu realmente eu li com atenção, umas duas vezes. Fiz aquele resuminho naquela aula, depois eu.... Eu vou tentar me dedicar.

Eu: Não, eu não estou cobrando. E a experiência da troca, como foi?

Marisilda: A experiência muito boa. O que estou ouvindo das pessoas, elas fazem uma ligação com os acontecimentos das vidas. É interessante. Eu não tinha pensado que eu poderia também fazer essa comparação. Porque foi um ponto bom. Gostei, achei super interessante. Mas não fiquei lembrando. Então é falta de um hábito

Eu: Você não precisa se desculpar. Este é o ponto de partida para uma experiência, um convite para uma experiência. Eu ia pegar a Pilar e ela sumiu.

Cecília: Eu vou aproveitar aqui, Marisilda, porque, por todas as negações que você já se deu. (riso sem graça de Marisilda): é muito difícil, eu não consigo, eu nunca fiz. Isso tudo o cérebro acredita, ele fala: 'nossa, é verdade, ela gosta desse pedaço da história'. Esse é o lado que tem que dar uma... Não,... Eu me lembro de uma fala que é, 'ache um livro que te encante'. Comece a olhar para o livro e falar 'será esse?' Você tem que se possibilitar. Se olhar para o livro e falar 'eu não dou conta'... Entre no clube, não tem cobrança. Ele não tem a cobrança de entregar tarefa. Por exemplo, o primeiro dia que eu fui pra aula, eu não tinha lido o livro inteiro. Era um livro do Agualoosa, e eu estava com mil coisas, com o aniversário... Eu li um tanto, como eu faço, que é uma leitura dinâmica. Mas entre no clube, se desafie. Você vai perceber. O Regina, você tá no clube? 44:55

Regina Lacerda: Eu estou adorando. Estou lá, foi naquele dia mesmo que vocês publicaram a possibilidade de entrar. Eu me inscrevi e eu já participei de duas ou três reuniões. Na 1ª reunião eles estavam lendo alguma coisa que eu não tinha sabido, eu li as outras coisas, está ficando bem legal. Eu estou gostando muito porque é uma coisa que há anos eu queria fazer, mas eu não encontrava um grupo.

EU: Então, é uma experiência que leva a outra. O laboratório é uma experiência que vai se transformar em outras experiências. A grande vantagem na nossa idade, é que a gente pode fazer porque quer não porque precisa.

Regina Lacerda: Exatamente.

Eu: E aí descobrir coisas que podem ser interessantes, não obrigatórias.

Regina L: Depois eu fiquei pensando como é que eu tinha que esperar as pessoas, de formar um grupo da UAPI? Mas eu já tinha ido, estava bom lá e pronto. Mas eu gostei muito, de coisas que eu curti. Eu gosto muito de ler. Era uma coisa que eu queria, era ter um grupo com quem discutir. Porque eu sempre lia as coisas pra minhas amigas e discutia com elas. que eu sempre fiz coisas com as minhas amigas e discutia com elas. Por incrível que pareça, eu trabalhava lá em São Paulo era fácil ir no café encontrar com elas depois do expediente ou alguma coisa assim. Foram acontecendo muitas coisas e agora a gente consegue conversar. Então eu tenho conversado menos com elas, mas conversei sobre *O Pianista* com uma delas. Porque quando eu lia *O Pianista*, não, não era *O Pianista, estou misturando* grupos agora. Quando vi aquele da agulha, aí eu pensei ‘acho que eu cometi uma desonestidade’. Eu mandei o texto para ela, e depois eu conversei com ela e falei: ‘Leila, ela se aposentou no Tribunal de Justiça, assistente social no Tribunal de Justiça. Aí eu falei: ‘Leila olha isto, você faz tudo, vai à casa das pessoas. Você faz todo o trabalho de costura das relações entre as pessoas. Aí o juiz vai dar o parecer e é ele que aparece como o responsável por tudo aquilo. Aí ela deu muita risada e falou, ‘nossa, eu não tinha pensado nisso’. Mas é o que acontece. Tem sido muito legal, mas foi fantástico aqui como está sendo no grupo de leitura.

Eu: Vou voltar aqui, para nossa experiência aqui. Quem mais queria falar Celina Teramoto, estou olhando para você.

Beth: Eu gostaria de falar.

Eu: Beth

Beth: Eu gostaria de falar, disse pausadamente. Estou com dificuldade de voz. Eu vou falar em relação à Marisilda, pra contar pra ela, também, eu sempre li muito, porque o meu trabalho exigia. Mas a leitura era sempre linear. Não tinha essa coisa de entrar na história. Eram trabalhos científicos que tinham um começo, um meio e um fim, e não esse pensamento no meio da leitura. Então, Marisilda, fica tranquila ainda que você... eu também não consigo acompanhar este grupo. Também estou me esforçando para fazer isso. É o seguinte, igual à Adélia, eu também vou no final da história. Por que eu leio o final da história? Porque se eu leio o último capítulo, seu eu leio o primeiro só porque quero chegar no último, pode deixar o livro de lado porque ele não presta. Se você quer continuar mesmo sabendo a história, acho que o livro é bom e vale a pena ler o livro

Marisilda: Obrigada, Beth.

Eu: É isso aí, o livro tem que nos surpreender né Bete. Assim como a fala tem que nos surpreender também. Bete Batista. Opa, vamos lá Marilena, vamos lá.

Marilena: Oi professora. Boa tarde. Eu não li o continho que a senhora mandou, mas *A menina dos bocadinhos...*

Eu: Esse que é o tema mesmo; o outro foi só a pedido da Emília e eu mandei o conto, viu?

Marilena: O da *menina do bocadinho*, eu mandei o resumo.

Eu: Ele tá aqui.

Marilena: Eu estou fazendo parte do clube do livro às quarta feiras. Pra mim está sendo um desafio. Quero até falar com a Marizilda pra ela me fazer companhia. Eu nunca estivo num clube de livros, as leituras estão sendo muito instrutivo. As meninas que estão participando, elas instruem muito, falam muito. Está sendo um desafio, que é conquistar a eloquência. A timidez também me impede. Eu vou fazer força e eu vou continuar lendo. É muito bom.

Emília: *Marilena*, as suas intervenções são ótimas no clube da leitura. Eu não tinha visto sob esse ângulo. Vou rever o que a *Marilena* falou.

Eu: *Marilena*, se você me permitir ao sabor ler um pedacinho do seu relato que me tocou muito: “Como a menina do conto busquei o fim de uma submissão. A sensação de liberdade é indescritível. E a menina do conto também deve ter sentido toda essa emoção, pois parecia que o matagal para onde correu ia se

incendiar. Não vejo nada de pobre ou simples aí não. Eu vejo uma reflexão viu? Eu vejo uma grande reflexão. Então a gente não tem esse medo de ‘é importante’. Não é uma coisa de falar bem; é poder se expressar e isso é um exercício.

Marilena agradece

Eu: quem quer falar?

Regina L: É uma coisa muito boa. Não dava tempo antes e agora eu penso em mim. Vir ao meu encontro por outros caminhos. Muito legal. E eu acho que esse caminho de ir devagarinho, encontrando. Eu fiquei com bode de trabalhar, com bode de ter horários e compromissos. Eu não queria nem marcar médico. Me deu vontade de atuar. Eu estou me surpreendendo aqui. ‘Não, eu não posso, porque eu tenho compromisso. Terça feira eu tenho às 8, às 10. E na terça passada eu tivesse às sete também. Sabe, isto foi um caminho. Eu sabia que tinham grupos de leitura, mas eu não sabia onde eles estavam. Estou achando legal ter descoberto, isso faz querer continuar. É uma forma da gente pensar na gente também. Isso faz todo sentido, uma forma de pensar em mim. Como aquela menina correndo lá, gostoso sentir aquela sensação de liberdade, de soltar que ela sentiu, entende? Foi ela que sentiu lá no livro, mas foi pra mim uma sensação gostosa, foi como quando eu decidi: ‘não, este lugar onde estou trabalhando vai me deixar louca. Eu vou embora antes que eu fique louca aqui. Eu vou ganhar menos vai ter vou dar um jeito de viver com o que eu tenho. Tenho tanta responsabilidade como executiva que agora eu quero ser irresponsável, eu quero ser vadia, diz arrancando risadas de outros participantes. Tem gente que fica horrorizada. Assustam quando eu digo que quero ser vadia. eu

Eu: Regina, você sou eu amanhã porque eu não consegui me libertar as obrigações, comento rindo. Você me fez pensar no assunto.

Regina L: Então é assim, receber visita hoje e eu ainda não tenho... vai ficar aqui amanhã e depois. Não pensei muito no que vou fazer de jantar, mas aqui eu sei que vou ter uma ideia legal pro que eu vou fazer. Eu vou ter saído daqui. E as palavras, fico olhando, essas palavras têm no dicionário, mas conseguir disponibilizá-las com tanta emoção, e tanta coisa bonita, e eu adoro. Acho uma coisa fantástica.

Eu: Você foi falando e eu fui pensando que o que o Valter Hugo Mãe fez, ele fez uma pintura de palavras. Alice 2

Alice: Então, participar no clube do livro está sendo uma experiência muito boa. Eu realmente, assim... O primeiro livro que a gente leu ... agora Cora Coralina. Eu, assim, como uma dificuldade de entender, pois são palavras... não é no cotidiano. Fui pesquisando, lendo. E assim, quando eles colocam, eles descrevem os acontecimentos. A gente vê, a gente viaja mesmo. Eu gosto de ler. As duas leituras foram uma experiência muita boa. Valeu muito a pena, valeu mesmo. As pessoas deveriam participar desse clube de livro. Realmente enriquecedor.

Eu: e o nosso grupo, o nosso grupo aqui, da nossa menina...

Alice: o seu grupo também. Então, da menina, eu gostei muito do texto. E eu me vi assim na menina quando da vontade de aprender. Sempre quero aprender, quero estar conhecendo as coisas né. Tentar buscar novos caminhos quando as situações ficam desconfortáveis. Isso eu tenho muito claro na minha cabeça, sabe? Então, assim eu sou de falar pouco não só um grupo grande assim eu tenho dificuldade mesmo. É uma coisa que eu estou tentando superar porque a gente vai aprendendo a colocar o que a gente quer colocar. Então é uma experiência que pra mim está valendo muito, tanto a UAPI quanto o clube de livros, de aprender a expressar o que eu sinto, o que eu penso.

Eu: Isso aí, obrigada e isso foi muito importante. Quem mais quer falar? Vamos lá Cibele.

Cibele: Até os cinquenta anos eu fui uma leitora voraz. Lia tudo o que me aparecia pela frente, todos. Agatha Christie todos os livros, Jorge Amado o que você imaginar, eu li tudo, mas sem me colocar, colocar na minha vida cada uma dessas histórias. A partir das aulas, nesses anos, depois que descobri computador aí eu comecei a ser uma negação para a leitura de livros. Fui caindo, caindo, uma tristeza. Mas você, com as suas aulas desde 2017 é que me fez me colocar dentro da história. Apesar de que eu

não tenha lido quase nada, li muito pouco, mas foi a partir das tuas aulas é que eu comecei a me colocar dentro da história, de uma forma ou de outra. Agora com o clube do livro também, que eu nunca tinha participado nessa discussão sobre a história porque eu lia os livros e lia pra mim. Eu me emocionava. mas só pra mim, não discutia com ninguém. Essa pra mim está sendo uma experiência nova muito marcante, que eu estou aprendendo a cada dia, mas você que começou nessa história na minha vida.

Teca: Que bom. Cibele eu lembro muito de você e da sua participação. Algumas participações elas eram marcantes. E aí vocês estão aqui você, Marina, Cecília, que eu sempre falei é mulher de voz de bronze. Tudo isso foi muito marcante. E aqui – Rose, Angela.

Cecilia: Teca, quando você se dispôs a fazer este trabalho, você acredita que é difícil as pessoas terem essa sensação de que a leitura é mais do que o ler?

EU: Eu acho que quando vêm pela primeira vez, elas não têm essa noção que a leitura é viver, Cecília. Isto é alguma coisa que eu mesma que sempre fui uma leitora também razoavelmente voraz e que me perdi no ter que ler tanta coisa técnica, mas trazer de volta a leitura para minha vida foi essa descoberta, essa redescoberta do poder da palavra. E poder participar de grupos. Participo há oito anos ao lado dos laboratórios do Dante, trouxe para mim uma outra dimensão e essa é uma dimensão que tem que ser apresentada, sabe Cecília. Mergulhar na experiência, se permitir. Coitada da Marizilda. Ela vai se sentir massacrada, mas é verdade, sabe. Se você não sabe mergulhar, eu não sei até hoje. Se eu for cair na piscina preciso apertar o nariz para não entrar com tudo quanto é canto. Entendeu então. Mas é um mergulhar na experiência. Eu me lembro muito em 2017 de algumas pessoas que me puxavam de lado e falavam: ‘Eu não falo nada, mas eu estou prestando atenção’. Então eu sei que é difícil, é estranho a gente falar, mas é uma coisa que liberta inclusive. Sabia que faz bem pra saúde? você tirar as palavras presas e engasgadas que a vida nos deixou aqui dentro é uma coisa uma experiência interessante. Eu acho que a gente deu um nó no tempo de uso do zoom.

Regina L: Eu queria falar outra coisa que o povo aqui de casa ri de mim, mas eu não estou nem aí. Não me importo.

Eu: Também tem isso, sabe Regina, quer falar, fala. O problema é do outro.

Regina L: Liberdade que eu tenho.

EU: Então é o seguinte: ema, ema cada um com seus *pobremas* e tá tudo certo.

Regina L: Exatamente. Então é. Desde pequena eu sempre curti muito, então eu não viajava muito quando era pequena. Mas a primeira vez que eu fui ao Rio de Janeiro, eu fui em criança e depois adolescente. Agora percebo que eu fiz uma coisa que eu faço até hoje. Eu fico curtindo ir aos lugares onde se passaram os livros que eu li. Aí quando eu fui ao Rio de Janeiro eu queria porque queria ir à Ilha de Paquetá porque queria ver a gruta. Onde é a gruta da Moreninha? Entendeu? E até hoje eu tinha uma curiosidade de Paris por causa de duas coisas. Eu tive é uma coisa muito legal. Uma vez eu estava fazendo um trabalho em Petrolina e eu estava lendo um livro que não é um livro simples, nada de clássico. Eu sou chegada em costureiras e esta foi outra coisa que me atraiu no conto da agulha. A ocupação da costura porque eu trabalhei 15 anos com costureiras numa escola de formação de costureiras. Eu tenho um respeito e admiração profunda pelas costureiras, uma preferência pelas costureiras. E também contos do Nordeste – acho que é “A costureira e o cangaceiro”. Eu vi e pensei “gente, está juntando duas coisas muito interessantes”, eu queria ver, mas pensei que ia ser uma bobagem e eu não ia gastar dinheiro nisso. Mas aí eu ganhei um cartão para escolher um livro e aí eu fui lá e comprei o livro. E eu li esse livro justamente quando eu estava em Petrolina, ao lado de uma série de lugares que falam lá no livro, numa realidade que é a realidade do livro e foi muito bom demais. Sabe, você já tá no lugar e eu vou pro livro. Então a minha filha ficava revoltadíssima porque eu estava lendo. Igual a cachorra dela está fazendo agora comigo. Ela vinha, se enfiava aqui e perguntava ‘o que está escrito aqui?’ Quando ela era pequena, mas até hoje ela tem ciúme dos livros: ‘Luíza, não me aborrece porque eu estou na Espanha! Estou lá e é um barato. Até hoje caçoam de mim. E agora esses tempos em que estou irritadíssima, de vez em quando preciso dar uma fugidinha de tudo aqui, da tragédia, é no livro que enxergo grande verdade. Não sei se é minha cabeça louca ...

EU: Bom querida, se a sua é maluca, a minha também. Porque eu faço a mesma coisa.

Regina L: Seria uma companhia bem legal no hospício.

Eu: Não, não precisa. É que nem no Alienista. No final tem que internar o cientista...

Regina: E você está lá na Espanha no meio das parreiras, dos vinhos e em outra hora ... Sabe, é muito legal é muito gostoso. Quando eu vou viajar, eu penso sempre visitar aqueles lugares sobre os quais eu li nos livros, no romance. Eu tenho curiosidade de ver

Eu: É isso aí, quem mais quer falar? Oba Cristina vamos lá.

Cristina: Então, Teca, deixa eu te falar eu sou da turma de meia tigela. Eu te falava que eu não gostava de ler, não me interessava, no começo. Estou sendo super aberta

Eu: Eu acho ótimo.

Cristina: Mas, assim, eu fui devagar, fui entrando na sua de ler. Nunca fui muito de ler, nunca li muito e agora este ano, quando você voltou, foi o impacto decisivo. Como é legal poder dedicar à leitura. Por que não faço isso? Eu tenho tanto tempo livre. E aí resolvi entrar nesse clube do livro. E tivemos um encontro na 4ª feira. E eu estou me dispondo agora abrir para leitura. Você é muito responsável por esse meu, por esta minha descoberta.

Eu: Você pode até ficar rebelde. Mas você pode descobrir coisas que vão te surpreender.

Rindo, Cristina conta: Ontem ela deu um livro pra gente ler, acho que era “O carço do abacate, foi um judeu que escreveu e tem muito a ver com o que eu passei pela vida. Nossa, eu comecei a ler ontem à noite e já acabei. Era curtinho, tinha 70 páginas, não era grande, mas eu me interessei tanto que eu não consegui dormir antes ler o livro. Veja bem como as coisas acontecem. Nada é por acaso

Eu: Acho que o bichinho da traça te picou.

Cristina: Acho que foi legal, muito bom. Fiquei muito feliz porque acho importante, ter também este grupo pra poder discutir o conteúdo. Agora na próxima reunião a gente vai discutir. E assim vai abrindo o horizonte e a gente vai, devagar, se colocando na história. Eu agradeço muito. Foi muito importante a tua ação na minha vida

Eu: Legal, Obrigado Cristina. Você sabe, a gente poder descobrir quando a realidade não está trazendo um cenário tão bonito, a gente poder descobrir um lugar interno que eu chamo de jardim secreto, que é onde a gente leva as experiências pessoais como essa leitura e discussão em grupo.

Cristina: E eu queria dar um toque pra Marizilda que olhe para um relato como o meu e partir para a experiência, que é muito bom.

CONTINUAÇÃO DA 2ª PARTE DA GRAVAÇÃO

Eu: Eu estou achando demais. Quem mais quer falar? Ana Maria Cardoso, opa, a Eliane.

Eliane: a culpa é da Maria Sílvia, entrei faz pouco tempo, então falei: ‘vou começar a ler’ (risos). Também leio pouco, mas gosto, acho superinteressante. Desta experiência de uma pra outra, mas o clube da leitura eu vou deixar para o ano que vem. É só isto, um abraço.

Eu: uma coisa de cada vez.

Eu: Apoio, você apareceu no meu cenário? Ele era da turma de 2017. Eu reconheço algumas pessoas de 2017. Muito bom.

Cecília: É o pessoal que reprova de ano, entende?

Eu: Mas aqui na Uapi o melhor é reprovar de ano. Você não acha? Não nos envergonha. Quer falar, Tereza?

Tereza: Nossa! Eu aprendi tanto com você! Suas aulas são maravilhosas. Eu não tinha o hábito de ler, embora na família tenha uma irmã que gosta de ler, e tem o meu sobrinho que lê bastante. Mas eu vou entrar no grupo do livro. Essa vontade de ler. A leitura abre muitos horizontes pra gente. Eu fiquei assim pensando, porque suas aulas sempre foram muito elucidativas. Eu apresentei numa de suas aulas, a gente teve uma apresentação de teatro, lembra?

Eu: Lembro, o doente imaginário.

Tereza: Isso, e era um desafio que era poder sair desta zona de conforto, e começar a ver diferente. Gostei demais deste conto, muito bom este conto, e outros.

Eu: E descobri vários livros que a gente gosta.

Tereza: o tempo não pode ser um empecilho, de jeito nenhum.

Eu: a gente pode ler vorazmente como a Cristina falou e ler muito rápido. E outros a gente não gosta, é natural.

Cecília: Porque este é um aspecto muito importante. Não é todo o material, todo livro. Por exemplo, inicialmente eu tinha muita resistência com conto. Achava que era uma preguiça do autor, entende? Começa, faz uma coisa e logo acaba. É um direito. E hoje eu leio com muito mais conforto. O que não é o meu caso com poesia, quando alguém fala uma poesia pra mim. Eu gosto, por exemplo, do Manoel de Barros. Eu não consigo pegar um livro do Manoel de Barros e ler; eu abro, leio um conto e fecho. Por que não é um estilo. Então eu falo que a gente tem que descobrir isto – se é a crônica, o conto, o romance...

Eu: Foi por isso que eu pedi pra vocês me responderem o questionário sobre o que gostariam de ler, pra pensar para o próximo ano. Eu lembrei de uma frase do Caetano Veloso, de uma letra de música dele e que eu gosto muito. Eu posso ver o conto como uma espécie de preguiça do autor, mas eu posso ver o conto como se estivesse ‘parado no ar antes de mergulhar’. Depois você faz a leitura.

Cecília: Por exemplo, os contos de Cora Coralina. Ela escreve a oralidade – a história que o povo conta. Então são registros. Ao invés de criar em cima, ela conta a oralidade, simplesmente, são registros registra, o que pra gente, eu acho bem legal. A Regina Camargo falou agora há pouco que ela está amando a quarentena, e neste formato que nós estamos, por exemplo, parece que nós estamos com uma interação ainda maior, ao invés de um atrás do outro, um na nuca do outro.. E aqui você se mostra. A Marizilda ficou na roda, mas eu falo que isto nos deu a liberdade de estarmos uns com os outros.

Eu: E descobrir que pode estar juntos na distância. Sandra, você queria falar?

Sandra: Eu gostaria de agradecer poder estar participando deste grupo, eu sou nova aqui. O importante que eu acho é a alegria. Os professores são ótimos, é claro! Mas a turma é uma cultura, muito boa, tudo o que vocês colocam, estou gostando muito. Não teria tanta graça se vocês não estivessem falando. Acho que vocês são ótimas, e todos os participantes. A Teca, então, é maravilhosa, apresentou um autor ótimo. Eu sempre leio, mas leio pouco. É uma coisa nova. Encomendei um livro dele – O homem de mil... Então acertei na escolha. Mas meninas, meninos, vocês são ótimos.

Eu: Sabe, Sandra, a meninice está no coração; não está no cabelo escuro ou branco. Está no coração.

Sandra. São ótimos. Você também, ótima.

Cibele: Teca, eu vou falar uma coisa – você é uma poetisa. Você fala coisas assim que soam aos meus ouvidos como poesia.

Eu: talvez eu gostaria de ter sido uma poesia.

Cecília; o repente é difícil.

Miriam: Ah, eu estou no clube da Marizilda. Eu sou tímida pra falar.

Eu: Sobre a experiência de estar aqui, sobre o livro, sobre nós. A costura que nós fizemos.

Miriam: Você pediu, falou pra gente ler o outro conto.

Eu: gente, isto não será cobrado – “A Agulha e a Linha” foi uma solicitação que surgiu a semana passada quando falei que tinha um conto do Machado e eu disponibilizei.

Miriam: Eu passei pra você o relato (de experiência) da Menina dos Bocadinhos, que você pediu. Eu escrevi um bocadinho. Não sei se era isto.

Eu: Era isto mesmo. Quando você diz ‘voltar no tempo foi uma experiência maravilhosa, que pude perceber o quanto tenho que agradecer pelas conquistas e valorização da vida’.

Miriam ri com prazer: Você gostou, então. Tudo o que eu escrevo, eu acho que está errado, que não é assim. Aí eu apago, escrevo de novo...

EU: Miriam, aqui não tem certo ou errado. . .

Miriam: A Claudinha sempre fala isto.

Cecília: Pra você, viu Miriam. Um viés terapêutico???

Eu: Eu acho que tem uma coisa, somos de uma geração em que muitas de nós passamos por uma educação, de extrema rigidez que, aí sim, passaram por uma forma de certo e errado. De que nós, na nossa construção, estávamos fazendo errado. Eu até entendo a dinâmica, o pensamento que poderia ser ‘eu não vou falar que está bom, pra ela poder continuar se superando, indo atrás. Mas é muito ruim a gente ouvir falar sempre que está errado. Na nossa atualidade e aqui nós já trazemos toda a bagagem da nossa vida. Sem certo ou errado. Nós trazemos a bagagem do que foi possível.

Cecília: Aquilo que se constrói, não é? Se construiu uma história e nós só estamos aqui porque fizemos uma jornada. Só nos encontramos porque isso é possível, foi possível. Então quando eu brinco, então é pra todos nós. A gente tem isto que a Teca está falando é a antecipação da aprovação que vem do outro, ou não. ‘Será que ele vai gostar?’ Mas a primeira pergunta é ‘eu gosto?’

Eu: E até ter o direito de não gostar. Não gostei do conto, não gostei do livro...

Cecília: É exato. Eu não preciso gostar de tudo.

Miriam: Então, quando eu entrei na Uapi, entrei em 2018, foi quando realmente comecei a gostar. Li algumas coisas, assisti as suas aulas, muito enriquecedoras. E aí, eu lia... Passou esse tempo e eu deixou de ler, não lia mais nada. E agora eu estou começando a ler, e até quero entrar no grupo de leitura, porque agora surgiu um horário às 18hs na 4ª feira. Eu consigo entrar nesse horário, porque eu estou tendo uma série de consultas, exames e aí, à tarde, e pela manhã também. Então esse horário vai ser muito bom também. Então é isso, eu fiz esse texto...

Eu: está muito lindo

Miriam: Você quer que eu leia?

Eu: Miriam não foi o corte da censura, foi só o zoom.

Miriam: A menina que nasceu numa casa com seus coqueirais e árvores frutíferas, piso de cimento batido, com quartos recheado de camas beliche para abrigar 9 filhos. Mainha teve 11. Não havia tempo para atender a todos, o mais velho cuidava do mais novo, e tínhamos a tarefa de casa. Os brinquedos eram de madeira e pano. As brincadeiras nas horas vagas eram no quintal subindo em árvores ou na Rua, quando a maré transbordava e alagava completamente a calçada e muitas vezes adentrava nas residências. Era uma expectativa frequente no que poderia acontecer para que pudéssemos subir os móveis. Mãinha tinha uma amiga chamada Paulina, muito querida por nós. Eu e meu irmão íamos nos finais de semana para sua casa que era de taipa. Subíamos uma ladeira de barro rasgada pelas águas da chuva. Vivíamos de quartinhas e candeeiro, mas era uma casa encantada e iluminada. Paulina amava cozinhar, o que mais preparava para nós, era Miolo de Boi. Que delícia!! Só ela sabia fazer!

Eu era muito vaidosa e o dia que mais gostava era o sábado porque sempre tinha um novo vestido para usar, pois minha irmã costurava. Íamos bem na escola. Todos em Escola Pública. Quando me lembro do sabor do Nescau que a Escola oferecia no lanche da manhã, Ai!, que saudade me dá! Fui crescendo e pude trabalhar para ajudar meus pais. Iniciei como bolsista na Universidade, Banco, Serviço Social e

Bibliotecária numa Empresa de Engenharia, que posteriormente fui convidada para exercer um cargo de confiança que me fez deixar a vontade de lecionar inglês. Foi uma escolha que naquele momento, era mais importante atender a minha família! Como você falou, voltar no tempo, foi uma experiência maravilhosa, uma vez que pude perceber o quanto tenho que agradecer a Deus pelas conquistas e valorização da Vida!!! Termina emocionada.

Eu: Muito lindo! Miriam, você me levou de volta à cidade de Minas onde moravam meus tios avós e onde eu passava todas as férias. O brincar no quintal de chão batido, brinquedos de pano e madeira. Você me transportou com o seu relato, viu?

Miriam: foi um tempo bom, muito bom.

EU: Isto que é bom, a gente poder lembrar. E assim, chega com a palavra que eu escutei, chega pra gente de volta, a lembrança de tempos bons.

Miriam: vou te falar que surgiu a ideia, somos muitas irmãs que eu tenho. De que cada um vai escrever a sua passagem, e nós vamos juntar pra fazer um relato, por que as gerações futuras, essa geração nova, saiba o que aconteceu com a gente.

EU: Isto, não deixar a memória perder-se.

Miriam: porque nós perdemos a memória dos meus tios, dos avós. Não tem nada. Foi tudo isso graças a você. Consegui...

EU: Que bom, Miriam, leva adiante este projeto. Eu acho que dá. Muito importante. As famílias estão perdendo as suas memórias e isto é lamentável. Marina, você quer falar? Não? Quem mais, eu quero ouvir mais uma pessoa.

Ângela: É assim hoje eu já comentei, eu tenho facilidade de falar, não sou tímida, e tenho exercido neste grupo o poder da escuta. Porque conforme você vai escutando, você vai acrescentando também; aliás, são dois ouvidos e uma boca. Eu sempre gostei de ler e aprendi com o meu pai. Ele na cama, assinava o Estadão. Eu chegava da escola, isto eu era bem pequena. Ele falava: 'lê esta crônica do Lourenço Diaféria. Li muitas seleções, li muita coisa e, assim, eu não estava aqui em 2017, mas desde que você entrou, você me fez pensar nessa questão de entrar na história. Então ler, eu leio muito, muitos livros, muita coisa. Até a Regina é muito próxima, é tia da minha nora e a gente é muita amiga. Eu a convidei e eu fiquei muito feliz de ver o que ela relata. A gente lê as mesmas coisas, troca livros, mas a visão que você trouxe. Porque, ontem eu estava lendo no Estadão um relato, não era nem uma crônica, um relato de uma pessoa da área do cinema e que ficou doente. E ele falou, no meio da sequência, o que é a vida de uma pessoa na cadeira de rodas. Em outro momento eu lia aquilo, ah um doente, mas ele trouxe uma forma dizendo que estar na cadeira de roda é se sentir abandonado. Porque a pessoa que empurra, está atrás de você, você quer falar, tem que falar alto. E você vai nos caminhos que a pessoa te empurra. Muitas vezes ela te abandona – no aeroporto, no hotel, numa festa. Porque as pessoas também têm às vezes que estar contrariada, inseguras até de chegar perto. Não dá para conversar porque você está na cadeira de rodas. E assim, eu fui lendo aquilo e voltei para um pedaço. Então eu agradeço a você, Teca, porque você me fez, assim, não só ler, mas também extrair um significado de um parágrafo. Mas achei uma coisa – 'puxa', pensei comigo, até porque eu tive esta história porque o meu pai andava na cadeira de rodas. E aquela questão da pessoa que se sente, assim, empurrada, pra tomar banho, uma série de coisas. Tem também aquela pessoa que se sentia, assim, empurrada pela vida, né?. Então você realmente trouxe pra mim uma nova visão pra tudo o que eu leio. Que não precisa ser só um livro.

Eu: que bom, Ângela, muito feliz, que tenha sido algo que te tocou. Eu queria, eu sei que a gente tem um tempinho ainda, mas imaginem vocês, e até a internet tem sua utilidade, que temos um grupo das irmãs e cunhadas, meia hora antes de começar a reunião com vocês, eu recebi uma poesia, queria ler para vocês. Este é um poema que foi escrito há dois séculos.

*Quando a tempestade passar,
as estradas se amansarem,*

*E formos sobreviventes de um naufrágio coletivo.
 Com o coração choroso e o destino abençoado
 Nós nos sentiremos bem aventurados
 Só por estarmos vivos.
 E nós daremos um abraço
 Ao primeiro desconhecido
 E elogiaremos a sorte de manter um amigo
 E aí nós vamos lembrar
 Tudo aquilo que perdemos
 e de uma vez aprenderemos
 tudo o que não aprendemos.
 Não teremos mais inveja pois todos sofreram.
 Não teremos mais o coração endurecido
 Seremos todos mais compassivos.*

*Valerá mais o que é de todos
 do que o que eu nunca consegui.
 Seremos mais generosos
 E muito mais comprometidos*

*Nós entenderemos o quão frágil somos,
 e o que significa estar vivo!
 Vamos suar empatia
 por quem está e por quem se foi.*

*Sentiremos falta do velho
 que pedia esmola no mercado,
 que nós nunca soubemos o nome
 e sempre esteve ao nosso lado.*

*E talvez o velho pobre
 Era Deus disfarçado...
 Mas você nunca
 perguntou o nome dele
 Porque estava com pressa...*

*E tudo será milagre!
 E tudo será um legado
 E a vida que ganhamos
 será respeitada!*

*Quando a tempestade passar
 Eu te peço Deus,
 com tristeza
 Que você nos torne melhores.
 como você nos sonhou*

K. O ' Meara - Poema escrito durante a epidemia de peste em 1800

Alguém diz: É atual.

Eu: um problema de repetição. A pandemia trouxe algumas coisas que nos trouxeram essa oportunidade de ter esta galeria e rostos que somos todos nós aqui. É isto que nos move, e nos empurra pra refletir mais sobre ser, estar e viver. Um brinde à vida e a todos nós.

APÊNDICE E – Transcrições das Entrevistas

É importante esclarecer que a “transcrição” constitui-se em processo criativo a partir da transcrição de uma entrevista em que o pesquisador coloca a fala do entrevistado em primeira pessoa, em um discurso corrente onde são suprimidos os erros e as frases interrompidas ou sem sentido, a não ser que eles tenham um significado para o discurso. Esta é uma estratégia muito utilizada no caso da história oral de vida para criar um discurso mais coerente e é submetida ao entrevistado para se ter a sua aprovação.

TRANSCRIÇÃO I de Lucilla, 2017

UMA NARRATIVA DENTRO DESTA HISTÓRIA DA UAPI

Transcrição - Entrevista Cláudia, de 2017

Minha história é assim, eu me formei em psicologia e logo na sequência eu parei, tive filhos e parei. Não tive caminho, neste percurso dei uma interrompida. eu tenho um casal, tenho uma menina de 25 e um de 28. Aí quando resolvi voltar, a me dedicar, a trabalhar fora de qualquer outro trabalho, voltar à psicologia. Só que fiquei viúva muito jovem e tive que lidar com situações que idoso lida, pelo menos foi isto que eu achei na minha cabeça. Sabe, eu queria que me entendessem não pela minha idade, mas pela minha realidade.

Rindo olho para mim e me percebo que sou de uma sensibilidade a mil. Sou chorona e fácil de chorar. Não sei se é por ter vivido junto com meus pais muito intensamente nesta vida, eu vejo cada ganho com os alunos nesses 20 anos como uma nova vivência, com alguém com quem possa viver, como se eu tivesse um monte de mães e que me adotaram. Então as minhas carências são matadas aqui. São vivenciadas com essas mães, que me cuidam, me procuram, que me mandam quinhentas mensagens por dia, que fazem grupos, me convidam pra sair, fazem reuniões e me incluem. Então, o meu Eu é alimentado dentro desse universo idoso, minha vida ganha um novo olhar quando começo a entender o que é cuidar da vida, o que é apreciar os momentos.

Fiquei viúva com 30 anos, então na hora em que você perde seus maridos, fica só com seus filhos – eles tinham 4 e 7 anos. Aí tem ‘e agora José?’ Apesar de, graças a Deus, ter tido meus pais o tempo todo, conhecer o ‘levanta, sacode a poeira e dar volta por cima, o que vou fazer comigo, minha vida? Me ajudou olhar para esses idosos, vê-los em dias de chuva, cansados, de bengala, vivendo esta busca pela vida, tudo isto me fez ter vergonha na cara. Chego aqui às 8 da manhã, eu tenho a aula de informática com eles, das 8 às 11, na frente do computador, e eu junto. Eu estou bocejando, e eles estão ávidos por ver o que aquela aula vai dar. A minha vida só recebe alimentos cada vez mais, na troca. Eu procuro aprender que eu devo viver mais e mais, não deixar passar nada, mesmo que não for tão bom tem um ensinamento.

Esta pessoa sou eu, sou muito próxima dos meus filhos. Meu filho é monge, largou tudo, tudo, tudo, foi para a Índia, foi conhecer a vida monástica, hoje é um rapaz que medita, voltou ao Brasil, ele mora numa fazenda em Minas. Esta vida dele coincidiu com a morte do meu pai, que foi um pai para ele. Ele foi buscar meditar, foi por este caminho. Ele já era vegetariano há mais de 10 anos, foi uma coisa dele. E aí fomos crescendo nós 3 muito juntos e eu tive eles novinha, com 22 e 25 anos, hoje eu estou com 50 e minha filha faz anos semana que vem, É parceirona, fotógrafa, do tipo “eu posso fazer”. Neste sentido, ela é o oposto do meu filho. Então esta é a minha vida e acho que de todo mundo, São aprendizados de coisas que você não imagina que vão acontecer e talvez a minha vivência da viuvez tão cedo, me trouxe mais perto de entender sentimentos que independem da idade. Então não adianta, isto faz com que eu batalhe ao contrário. Não faz mal ter 80; dá pra ter sentimentos ... Então dá para vasculhar as coisas. Como eu tive aos 30, dá pra uma pessoa talvez mais velha, pode ter 80. Esta troca intergeracional.

Então esta sou eu, eu sou muito brava, mas acho que é pura proteção pelo que a vida fez e faz. E não vai parar, gargalho com a vida. Ainda bem, porque estou viva. E acho que escolhi o caminho certo para mim. Não saberia lidar com crianças, não saberia lidar com adolescentes, e adulto talvez... Mas o idoso é uma riqueza. É isto.

Voltando à UAPI/UATI, no início, aos poucos eu fui me fazendo necessária dentro do ambulatório multidisciplinar de psiquiatria, onde passei a atender. Foram dois anos em que eu fui estudando, estudando sobre o idoso. Atendi no Lar Escola São Francisco, fui participar de equipes multidisciplinares com professores doutores da área de geronto e um belo dia uma colega, que ia dar uma aula na universidade aberta da Unifesp, disse que não podia ir. Aí ela me perguntou no ambulatório: ‘você pode me substituir? Uma aula sobre aspectos psicológicos do envelhecimento’. ‘Nossa, posso’. E me apaixonei por esta tal UATI, que hoje chamamos de UAPI.

Quando eu comecei a ver a energia, o espírito do local! Uau! Eu vinha de um ambulatório onde naturalmente a busca é por uma doença e, de repente, entro num lugar onde as pessoas também têm um comprometimento, como todo mundo tem, só que é uma outra busca. E me apaixonei, então, pelo que era a UATI.

E assim comecei, fui pedindo pra ficar, observar e consegui me infiltrar como observadora também. Era tudo voluntário, este trabalho meu. Durante dois anos foi um trabalho voluntário. Até que um dia eu fui chamada para ser efetivada. E aí comecei a me inteirar sobre o universo do idoso, me dediquei a saber quem era esse idoso. E ver o que era a comorbidade, ver o que tinha, quando tinha. E aí fui, fui, fui e são quase 20 anos dentro desse universo.

Há alguns anos, acho que há 6 anos, assumi a coordenação da UATI e nesse percurso fui fazer uma especialização na área de Geronto, depois dei uma escapadinha para a área de Educação em Saúde, porque achei que o binômio que funcionava dentro daquilo que eu estava vivendo aqui na UNIFESP. E depois eu dei uma paradinha, mas achei que precisava de mais. Aí fui fazer doutorado em sexualidade do idoso. Então, assim, tudo o que eu trago como aulas para serem dadas aqui no curso, fazem parte da minha relação com os alunos. A gente tem uma troca muito grande e tudo o que eu leio, e converso com eles, a gente faz um mix. Esta é a minha trajetória aqui na UATI, a minha vida dentro da UATI.

Em 2016, a mudança no poder trouxe uma proposta de parceria com a UNIFESP, em um momento em que a Universidade passava por uma dificuldade. Era um projeto de fazer a Universidade da Pessoa Idosa. Esse projeto seria instalado em duas unidades da Unifesp, o campus São Paulo, que é Vila Clementino e Santo Amaro e mais 3 unidades de CEU e esse processo foi em uma hora que a gente realmente estava com mais dificuldade de conseguir professores para cá. Nossos cursos são gratuitos e por um tempo eu consegui verba para que os professores fossem pagos e depois não teve mais jeito, eu consegui professores voluntários por bastante tempo. Mesmo antes e agora. E aí a Prefeitura entrou, mas entrou com um plano deles, com um projeto deles e com uma grade, e eu chamo grade porque era bem fechada, não era uma coisa processual.

Senti dificuldade, mas em prol do curso continuar, é óbvio que a gente foi se adaptando e vivendo dessa forma. A gente continuava trabalhando com isso. Era um projeto, a princípio, com começo, meio e fim, durante aquela gestão, por dois anos, ligado à Secretaria de Direitos Humanos. Eles nos falaram que isso terminaria e a gente aqui foi atrás da nossa própria universidade, dos nossos próprios departamentos, a fim de encontrar parceiros para trazer para os nossos alunos. Agora fomos procurados de novo pelo poder público, mas acabou não tendo continuidade.

Essa coisa de grade não funcionou. Eu parto do princípio que o idoso precisa ser ouvido. Ele sabe o que é bom para ele. Não adianta a teoria me dizer que é bom trazer ou isto ou aquilo. Talvez eu traga o be-a-bá da saúde, do entendimento do envelhecimento; eu saber o que está acontecendo comigo, para onde vou, como eu vou, que está indo comigo e o mundo que me cerca. Preciso estar atualizado dentro dessa realidade. Eu acho que isto é uma troca que precisa ser vista. Não adianta dizer ‘você vai ter aula de história da arte por um ano’. Não é esta busca que este curso promove. Se você for buscar em outras universidades que tenham o programa, existem buscas específicas então o idoso pode ter história da arte por um ano. Aqui abordamos um universo de temas com maior aplicabilidade para o grupo dos idosos.

Sabe, uma coisa que aprendi é que currículo é processo, ele tem que ter mudança. Uma grade curricular já me arrepiava, uma coisa presa que não é capaz de provocar mudanças. Não tem contato com alunos direto. Hoje em dia eles vêm direto até a mim. Não é mais um idoso que aceita ser colocado em um lugar onde as coisas são jogadas em cima dele. Então eles vão te posicionando sobre o que gostaram, o que não gostaram e tem que peneirar. Hoje eu tenho 65 – 70 pessoas. Não dá para agradar a todos e normalmente dou uma peneirada naquilo que vem pra poder dar uma adaptada naquilo, foi o que entendi hoje em dia, baseado nesses 20 anos. O idoso jamais pode ser tratado como uma criança. Quando eu conversei hoje com um idoso, eu falo ‘vocês precisam respeitar o espaço que vocês têm com a frequência. Respeitando, é preciso dizer que se você não está satisfeito, pode sair. Eu tive uma situação dessa esta semana, mas foi sobre o curso de informática. Com o idoso é possível conversar, pois envelhecer não é deixar de ser humano!

Quando penso na experiência do Laboratório de Leitura, lembro de quando eu fiz – amei! Era uma época com o Dante e tinha um carequinha que ficava com ele. Fiz, amei, pra mim foi terapêutico. O Coord. 2, a gente fez mestrado juntos e ele foi muitas vezes dar aula de foto lá, fui atrás deles para tentar a parceria aqui. Pra mim tinha sido uma experiência excelente. E eu já tinha escutado do Dante que nunca tinha sido feito com idosos. Pra mim isto é mais uma coisa que a gente está inserindo o idoso em uma realidade que todos podem participar. Então, mais uma vez a gente pode participar, pode falar de coisas tristes ou alegres, mas a gente pode fazer o idoso se colocar. Então não tem fim esta mudança de comportamento, o descobrimento do eu. Tive a grata experiência de tê-los aqui e perceber a mudança, abertamente, a olhos vistos. A participação foi grande, no primeiro módulo mais presente. A participação com colocações riquíssimas. Vontade de encadernar e colocar na parede e ler sempre, porque não tem vivência, é isto que pra mim, eu sou mordida pelo bichinho da geronto. [E tanta riqueza numa sala de aula! Difícil é encontrar um professor que saia daqui sem dizer que aprendeu mais do que ensinou. Troca é uma energia impressionante. Pior é que aqui o curso é feito por um ano, mas ninguém vai embora, tem aluno que está aqui há 3 anos em sala de aula, e que fez colocações brilhantes, se expondo sem medo de ser feliz. E rindo da própria desgraça. E eu mesmo chorei que nem bebezinho quando essa possibilidade, mais essa possibilidade de ganho deles e nosso. Acredito que deva realmente ser estudado, existe uma adaptação pra públicos e cruzamentos. O laboratório lá (Labhum) não tem idade. Entra todo mundo.

Às vezes penso que existem diferenças, a começar pelo tamanho do grupo. Aí exigiu uma adaptação de como fala. Também reparei que foram escolhidos contos, fazendo com que essas pequenas grandes obras para sejam lidas e que eles possam aproveitar. Até eles serem conquistados, picados pelo mosquitinho da leitura. Quando conversei com os alunos, a grande maioria quer mais e alguns não, mas não fui a fundo para saber se foi difícil. Eu controlo presença, falo que não pode faltar. É um curso, com objetivos. Eles vieram me pedir algo mais engraçado. Cheguei a pensar que eles vêm de uma época em que eles liam. Agora é olhar diferente para a leitura

Lembro que já trouxemos a foto contemplativa também para treinar o olhar. Fazer um contraste e que eles pudessem fazer a meditação. O LabLei trouxe um bombardeio positivo de se olharem. E as pessoas em que eu sinto resistência, tenho certeza que trabalha o pessoal. É lógico que tem aquele que é preguiçoso mesmo e quer diversidade a cada aula. Mas acho a proposta sensacional, levar a outras instituições que trabalham com o idoso.

Sabe, eu recebo várias pessoas que trabalham com processos de idosos e que vem e querer trabalhar pra ganhar e aqui não pode. Aqui é trabalhar para melhorar a vida do idoso. O intuito é outro. Em outras instituições privadas pode ser possível.

TRANSCRIÇÃO II - de Lucila, 2020

Vou falar sobre a experiência deste ano da Uapi. A gente chegou a ter três dias de aula um pouco antes do início da pandemia, uma turma já veterana essa turma, nem chegou a ter aula porque eu abri o curso primeiro pros novatos para os alunos para fazer a apresentação inicial para ter um pouquinho mais de tempo para se conhecer, e em março iam começar os veteranos. Então não deu tempo de isso acontecer. Os calouros, eu tinha uma nova sala de 70 pessoas e mais 70 veteranos. Por conta da diferença no tipo

de programa eu tenho que ter duas programações paralelas. Os novos eu os coloquei uma vez por semana, então eles só viriam às quartas feiras e os veteranos se manteriam terças e quintas.

Eu passei a atender nos plantões de promoção de saúde da Geriatria. E aí com essa minha ida para lá a gente acabou ganhando muito, muito apoio, muita força da disciplina de Geriatria que traria pra gente aqui os residentes, faríamos uma avaliação geriátrica a gente já estava com uma programação para o primeiro semestre todo estipulada toda a que eu tinha feito para cá e toda a que eles estariam inserindo passando então a participar ativamente aqui do curso. Então com os alunos novos, eles passariam também a ser atendidos na Geriatria. Após essa avaliação geriátrica ampla, a gente estaria podendo monitorar e obviamente a Geriatria inteira também enxergou e enxerga a UAPI, o termo usado quando levei a apresentação do curso para lá foi que eles queriam um grupo padrão ouro. Então o grupo padrão ouro, os já veteranos, estão com uma carga enorme de informações de alterações comportamentais psicológicas etc. seria um grupo padrão para qualquer pesquisa, isto tudo comparando o grupo padrão ouro aqui da UAPI e os novos então estariam entrando nesse processo com uma carga horária diminuída e eu estava vendo como. Como fazer isso de forma que se eles corressesem atrás do bonde, mas que fossem nesse processo de que eles também tivessem esse processo de evolução. Porque o outro grupo teve mais tempo muito tempo para chegar nesse auto-conhecer-se de uma forma que poderia provocar e provocou modificações importantes.

Obviamente já existia o assunto do vírus portanto já se falava de pandemia, tem um nome antes de virar para pandemia, mas, enfim, estava só na China. Cheguei a trazer um professor parceirão, para ser um parceiro aqui da Geriatria que a gente trabalhou o tema dois dias antes de decretar pandemia. Em conversa na geriatria chegou à conclusão de que não teria condições de manter as aulas e isso ainda não tinha sido decretado pelo governo. Não tinha sido ainda detectado nem pela própria Unifesp mas a gente pelo grupo de risco então a gente entendeu que já devia suspender. Nessa situação então houve todo um contato com todo mundo. A aceitação foi imediata apesar de ‘poxa vida!’ Os que se conheciam lamentavam profundamente; os que não se conheciam estar ávidos pelo que viria a ser pela degustação de dois encontros que tiveram.

E aí eu não tive direito de fazer home office. Eu pessoalmente tive que ficar e aí veio na minha cabeça ‘mas eu vou fazer o quê? O que vai ser? Não vou fazer um pós-doc agora, e, gargalhando reconheço que não vou fazer isso. Em casa perguntando, conversando com a minha filha e realmente confirmando assim toda parceria nossa, ela disse: “mãe monta um grupo de aula virtual”. Poxa, a gente já fez uma aproximação ao mundo virtual. Em começo de 2019 a gente fez uma oficina de informática pelo celular onde a gente ensinou muita coisa. Eu chamei uma grande amiga e parceira, que tem um curso disso. Ela trabalha com ensinamentos pra idosos. A empresa dela faz isso. A gente fez aí um intensivo de celular e eu pedi a ela que montasse uma aula de zoom, de como usar o zoom. Então a gente trabalhou juntas na elaboração da sala dessa aula para ensinar.

Tendo dificuldade, então o que eu fiz: ainda em um momento de ensinamento, eu criei um grupo privado no Face e eu fui estudar, algo que eu nunca imaginei que eu faria, como transmitir ao vivo, como ter um programa, de estudar um programa de computador que fosse um laboratório mesmo de transmissão online. Entendi como, aprendi como fazer o link com o professor. Devagar aprendi a maneira como fazia o compartilhamento das telas, como fazer tudo isso via um programa de computador e que para os alunos seria muito mais fácil porque a grande maioria tinha acesso ao Facebook então seria uma ferramenta menos de problemas, de viés ter problemas de viés de comunicação dentro dessa troca. Então quem não tinha Facebook que eu ensinei a fazer um. Apesar que para participar do grupo não tinha essa necessidade.

Então eu não tinha na minha cabeça é que as aulas que eu pretendia fazer, que eu achava que não comprometeriam pessoa, os assuntos pessoais mais íntimos. E essas aulas poderiam ficar disponíveis para aqueles que não conseguiam fazer aula síncrona. Então o que aconteceu, transmitia aqui pelo Facebook, o Facebook tinha um chat, então a minha comunicação com eles era de tempo integral via chat e eu falando. Você teve essa oportunidade que a gente percorreu esse caminho. Você chegou a fazer deste jeito. Não me lembro. Você chegou a fazer pelo Facebook. Então a gente fez tudo isso e eles foram aos poucos entendendo como se comunicar via chat. Além da lei tenho a dificuldade da escrita a rapidez

da digitação. Então acabava escrevendo alguma coisa digitando um tema que já tinha passado e aos poucos a gente foi se adaptando, aos poucos entendendo como se comunicar via chat. Tinha o problema do ‘delay’, da rapidez da digitação, então acaba alguém escrevendo alguma coisa, tanto eu quanto eles pra isso acontecer e ao mesmo tempo preparando um ensinamento pelo zoom. E aí a gente orientou que baixassem os programas que muitos os usam pelo celular o que também inviabiliza muita coisa e inviabiliza mais ainda o uso de um aparelho mais antigo. Muitos ganham dos filhos, usados Fica aqui uma pequena crítica porque isso é uma coisa que deve ser levado em consideração, não é porque ele é mais idoso que pode ficar com celulares velhos; não é um celular que possa fazer altas mágicas mas é um celular que permita que essa comunicação exista para o idoso, que se não serve para ele, é um erro cognitivo, uma crença limitante que ele está criando dizendo que ele é incapaz de usar, sendo que é o próprio aparelho e que não dá condições especiais. Eu tive algumas baixas de pessoas que não tiveram condições de fazer essa migração do Facebook para o zoom. Tentei de tudo, uma linha de frente da turma chamando os demais, mas isso não foi tão funcional como deveria ser. Mas foi um número bom. Obviamente frente aos 130-140 inscritos iniciais, a gente estava aí no Facebook com uns 30-40 assistindo. Porém mantinham um contato síncrona e assíncrona em alguns momentos. A gente não perdeu o contato porque tudo o que acontecia eu passei também a mandar pelo WhatsApp e também mandar por email, porque a gente foi criando mais e mais formas de que todas as vias de comunicação pudessem estar contempladas. Porque aos poucos eles foram aprendendo o zoom, ela veio dar a aula, ela encaminhou uma apostila, uma apostila bem lúdica, bem desenhada mesmo onde ficava cada botão, cada botão. Bastava tomar posse de como levantar a mão no zoom, como escrever no chat, como abrir o microfone, abrir a câmera, tudo isso foi um treino e acabou funcionando bastante.

Eu: Deixa eu te perguntar uma coisa você acha que foi ela que preparou. Você acha que seria possível autorização para conhecer essa cartilha lúdica. Colocamos os créditos.

Claudia: Vou perguntar pra ela, porque ela preparou isso mais no power point, ela preparou isto para o tipo de aula. Por exemplo o formato da tela, onde está esse botão e esse botão. Então vou botar você tem contato com ela. [voltando ao texto] com essa migração já mais bem sucedida a gente percebeu que dava certo e todos foram se acostumando com essa novidade então da história você fechar o áudio. A pessoa lembrar que tem que abrir. Dizem que as frases mais faladas nesse ano foram ‘abram o seu áudio, compartilhe a tela’. Eu me adaptei aqui de uma forma...logo no começo já que eu já passei a usar duas telas de computador. Engraçado como a gente se autotrapalha. Eu fui atrás de um tutorial de me ensinar como ligar duas telas e fazer duas funcionarem para que eu pudesse ver os alunos, ver o power point, ver o chat e assim poder fazer acontecer. Isso foi muito funcional. A gente vai entendendo de todos os lados. Percebi alguns alunos indo atrás de novos aparelhos, novos dispositivos e pessoas que diziam que não iam dominar e dominaram. Então ao contrário tive grandes, vou me permitir usar o termo, tive grandes decepções com pessoas altamente qualificadas a fazer mas que se fecharam. Não se permitiram ir além, não se permitiram vivenciar esse mundo virtual. Não sei se isso é uma negação aí você já é mais entendida, uma negação que eu não sei a que: se é a realidade da pandemia, se é só vou viver isto quando for presencial, esse mundo não é meu. Eu não sei.

Eu: Deixa eu só te deixar mais tranquila, eu tenho uma paciente minha analista psicopedagoga também. E esse movimento de se fechar e negar, aconteceu também com os jovens - uma coisa eles usarem quando eles querem da forma como eles querem, outra coisa é serem obrigados a usar naquilo que eles não querem. Então não é só o idoso

Claudia: Assim é melhor. Sabe, eu tive a chance de dar algumas aulas para algumas pessoas da enfermagem aqui da Unifesp e as câmeras se mantêm fechadas. É um poder estranho de não se mostrar. Eu fico analisando assim. E minha filha resolveu fazer outra faculdade no meio dessa história toda, eu entro às vezes e vejo ela e todo mundo de câmera fechada. A primeira vez que eu dei uma aula de câmera fechada. Eu me senti assim. ‘Vocês estão aí?’ Eu falei que você está ali porque eu vim até o meu processo de aulas aqui onde todo mundo faz questão de abrir a câmera. porque é justamente uma das intenções de sair do Face é que todo mundo pudesse se ver, e que a gente pudesse se ouvir, e que a gente quebrasse mais uma barreira de afastamento, que a gente criasse... Essa fronteira derrubava então porque eu fecho a minha câmera? Alguns até falam: ‘tô comendo’ ‘ai tô assistindo aula deitada. tô feia não quero ver,

não quero que me vejam’. Então porque os primeiros dias, a primeira vez que eu tentei eu mandei o link: ‘ para quem puder, entra nesse link de som ao vivo. Alguns entraram, sabendo que era zoom, claro. Poxa nem me penteei, nem passei batom então viram um retomar do que estava perdido dentro de casa, que era se vestir, se arrumar, se cuidar, se preocupar passar com o fundo, aqui não tem muito o que fazer, se preocupar com o você entrar na minha casa e eu entrar na sua casa. É o que eu disse para eles - a gente passa a viver essa multidimensão. Isso permite que a gente esteja em todos os lugares ao mesmo tempo, mas você tem que me dar permissão de entrar na sua casa. Talvez muitas pessoas não se sentiram muito à vontade isso sim.

Então as minhas idosas que eu menos imaginava que iam entrar, entraram. E as que eu mais imaginava não entraram. Porém, assistem assiduamente o vídeo quando eu coloco no grupo do Face. O que às vezes não era possível porque às vezes tem um conteúdo de aula em que a entrega foi feita de uma forma íntima, apesar das 60 pessoas que estão ali. Agora aumentou, já está com 60 pessoas e aí eu falo: ‘este vídeo não irá ao Face, porque esse vídeo pertence a esse momento e a entrega que as pessoas fizeram às pessoas que estão aqui e não às que não estão. Aí eu me reservo o direito de não publicar esse vídeo. E às vezes o zoom me dá uma rasteira, parece comigo, com a rotação alterada, não é convertido. Então acho que nada é obra do acaso. Então algumas aulas eu parei de por. às vezes eu faço a foto coloco a foto lá mostro o que foi, quem veio, mas fica por aqui. Nas últimas duas semanas acho que estou tão cheia de coisas que nem isso eu fiz. Esse grupo privado do Face foi, para início de conversa, oficialmente para alunos inscritos mas também, com o passar da pandemia, eu entendi que eu podia colocar mais pessoas, expandir essas informações e esse conhecimento para outros idosos que não somente inscritos na Uapi. amigos dos idosos ou pessoas aleatoriamente que encontraram o grupo, mas que é um grupo privado. Raras exceções eu não permiti; sempre que alguém tinha entrado, eu olhava o perfil e a instituição também me mostrava que não tinha sentido essa pessoa estar. Uma que não era idosa, mas tinham idosos também. Eu não sei explicar, alguma coisa que... um perfil vazio, um perfil sem foto, um perfil estranho. Então essa energia eu não preciso aqui. Então, é um grupo privado, mas as pessoas me pedem autorização para entrar. Então foi uma percepção de que o virtual não inibe o toque, não inibe a troca de sentimento. Quando eu falo toque eu falo o toque mesmo, eu falo que é um nível sutil de troca, mas de sentir esse abraço, de sentir esse acolhimento. Nós estamos fazendo a nossa terapia, com os nossos pacientes virtualmente e as nossas também. Então, a única coisa que talvez eu sinta é a de chegar e talvez fazer isso no silêncio de um momento, quando é mais difícil, num silêncio que eu acho que também é necessário ser vivenciado esse silêncio. Então, mas assim, a turma acolhe. A gente percebe que apesar do virtual, o sentimento vai e vem de uma forma muito grande.

E permitiu pessoas, assim, “estou indo para o médico”, a pessoa vai no carro com isso aqui colocado e vai vendo, “estou aqui na sala de espera e eu estou vendo”, “ah estou viajando”, mas está lá estou no interior”, em outro lugar e a pessoa também está vendo. Então abriu portas de uma forma que o presencial não abre, não permite. Então tudo, tudo, tudo, a gente sabe aí as leis e os seus opostos. As 7 leis nos mostram que tudo tem seus opostos e a gente consegue entender. A gente acaba se conversando, bem ou mal, altos e baixos, eu complemento de uma forma incrível. Claro, somos seres sociais. E ainda mais nós brasileiros e sul-americanos a gente se beija se abraça se encosta, se toca. É uma coisa que talvez para norte-americanos e europeus não teve essa falta, essa saudade.

E para nós, eu acho que assim. Eu nunca vivenciei nesses 21 anos de UAPI um crescimento pessoal tão grande, meu e deles. Tanto que os novos alunos aí, novos aluno, quando chegou em agosto, eu conversando aqui com a minha parceria que eu tenho na Escola de Enfermagem, grande parceira, a professora Meire, ela - estávamos conversando sobre as atividades. Porque eu tenho um calendário completinho do que eu fiz este ano. Em todos os anos eu tinha, mais assim eu tenho, eu registrei isso de forma muito ampla, com fotos, eu tenho trabalhos de casa, eu tenho todas as aulas que eu fiz. Eu tenho todas as que vocês me permitiram ter, professores que vieram aqui; eu tenho um registro muito grande de tudo o que aconteceu este ano. Eu percebo então que o mergulho nesse eu foi fundamental para viver esse momento de pandemia, esse entendimento desse Eu, esse mergulho no passado com aulas de memória musical, memória gustativa, filmes, debates, coisas que nos permitiram que o momento assíncrono fosse tão rico quanto o momento síncrono de aula. Foram descobertas muito ricas que aconteceram. E essa conversa com a minha grande amiga e parceira da Escola de Enfermagem. Ela falou

que a gente não credenciou o curso porque criou-se nesse meio, politicamente falando, um comitê da UAPI campus São Paulo. Eu acabei sendo indicada como coordenadora desse Comitê campus São Paulo, que envolve Vila Clementino e Santo Amaro. Apesar da especificidade de turmas serem diferentes lá a gente ainda não conseguiu agilizar o movimento maior, a gente agora tem um comitê forte, a gente tem pessoas importantes da Geriatria, da Medicina Preventiva, da Escola de Enfermagem que fazem parte desse comitê da UAPI campus São Paulo. Então nos deu uma visibilidade maior, nos deu uma credibilidade maior, e a gente até foi na assessoria de imprensa que divulgou pra divulgar. E frente a isso ela falou ‘você não credenciou o curso. Porque o curso tem que ser credenciado todo ano, passar na aprovação nas Câmaras - Câmara de Enfermagem da Escola de Enfermagem, e aí você não perder tempo por causa desse vai e vem do desafio que ia ser. A gente não sabia o que ia ser. Então em termos práticos, perde a validade todo ano. Eu credenciei o curso e com este credenciamento e oficialmente frente à Mas eu tenho tudo isto aqui, documentado. E aí eu credenciei o curso em setembro, final de agosto. Eu credenciei o curso e com este credenciamento, frente à comissão de Cultura??? Então eu fui lá e abri, vagas. Só que eu achei que não era justo a minha turma que não estava inscrita oficialmente de novo. Então eu divulguei essa inscrição para todos da UAPI já em andamento e aí vieram mais 30 novos. Então eu criei um terceiro grupo de WhatsApp: eu tenho um grupo de veteranos que eu chamo denominamos de Master 1, temos um grupo de básico 1, que entrou este ano no começo do ano. E chamei o outro grupo de 2020 virtual. Mas que todos têm a mesma temática. Diferente do presencial que seriam programações diferenciadas. Aqui não, está todo mundo vivendo no mesmo processo, mesmo tipo de programa. E quem ficou, ficou como se sempre tivesse feito parte. Quem entrou, entrou e abraçou de uma forma que não perde a aula de forma alguma. Por isto que eu falo que quando foi aumentando, já chegou a ter 70 em aula, 80. E aí, de acordo com o dia, vão se dispersando, mas fixo somente a gente ter mantido uns 50 alunos em aula online. E então eu vejo que isso veio para provar que não tem limites para um curso para idoso, não tem limite para as coisas acontecerem. A gente se adaptou e quando a gente se adaptou em março ainda, e foi quase um retrocesso. Eu vejo grandes universidades aí fazendo das tripas coração para fazer o funcionamento disso. E aí a gente conseguiu aqui com as ferramentas. Eu fico muito feliz comigo; com a minha busca e meu encontro, e que fortaleceu ainda mais o meu propósito de vida. Mostrou pra mim esse ano mais ainda que era isso mesmo o que tinha que ser feito e como vem funcionando de forma brilhante, de forma muito, muito rica. E aí eu fui buscar curso de especialização em cuidados integrativos, que eu comecei no começo do ano, e a UAPI vai ser, eles têm um projeto dentro do curso, tem projeto social, e o projeto social vai contemplar a UAPI também virtualmente com outras funções dentro dos cuidados integrativos. Então a gente vai ter aí um trabalho com uma escuta psicodialógica, vai ter um trabalho de meditação, um trabalho de exercício físico. Tudo virtual. Então a gente vai fazer uma degustação disso agora em dezembro pra, a partir de janeiro, de fevereiro entrar precisamente além das aulas que eu vou trazer também esse programa participante. Mais uma vez uma transdisciplinaridade acontecendo de forma muito mais – entre, através e além - em toda essa realidade que acabou se mostrando disponível e possível de funcionar. Eu digo que o ano passou com louvor apesar das desgraças da pandemia

Eu: Ou graças à pandemia também, que permitiu alguns vãos. São vãos. Como toda situação de crise acontece. Se você pensar, depois de uma crise coletiva, depois de uma crise você tem outras opções. Entendeu? Você sabe que eu estou tão entusiasmada 1: com esse caminho o que acabou acontecendo para a dissertação.

Cláudia: Como disse uma colega, fez a Gestalt.

Eu: De conseguir deixar a pesquisa extremamente atual. Seria um pecado não incluir essa possibilidade.

TRANSCRIÇÃO I - Clara, 2017

Puxa, como é difícil começar, a gente vive contando histórias. Mas vamos lá. Eu sou de uma cidade do interior – São José do Rio Preto – sou a filha mais velha de 3 mulheres, filha de militar, de uma mãe pouco alfabetizada, alfabetizada na zona rural, mas muito esforçada. Aprendeu conosco e que batalhou para que a gente estudasse. Ela dizia que gostaria que a gente não precisasse repetir a vida dela de

doméstica, que apesar de ter vindo da zona rural, não trabalhou muito na zona rural, quase nada, que era filha mais nova. Era um pouco a filha caçula, mas quando mudaram para a vida urbana, pra São José, ela trabalhou como doméstica e quando encontrou com meu pai, se casaram e eu sou a filha mais velha e sou de nascimento prematuro, de 29 semanas e isto posto eu brinco que no processo da minha vida e nos processos terapêuticos pelos quais passei, isto sempre aparece como uma característica de lutar pela vida.

Quando eu nasci o médico falou ‘nada a fazer, cuidemos da mãe, pois a filha não tem condições. Mas a minha tia acreditou que tivesse, batalhou ali e nos recursos de 68 anos atrás e depois tive uma infância boa, de um pai que era bastante exigente e de uma mãe também, mas ao mesmo tempo fui criança. Eu tenho uma foto que minha mãe, a vizinha falava assim: ‘criança pra poder crescer bem precisa brincar na terra’ e minha mãe dizia ‘meu marido não gosta, não quer ver ela suja’. A vizinha me dava luvas para brincar na terra, pois isto facilitava. Pois minha mãe sabia quando meu pai estava chegando, voltando da delegacia, do quartel, sei lá, era mais fácil – dava um banho, trocava e estava tudo certo.

Então foi isto, fui pra escola, aos 6 anos, na época pouquíssimas crianças viviam a experiência da pré-escola, ia direto pro grupo escolar. A minha vivência escolar basicamente foi na escola pública – grupo escolar e depois ginásio. Tive aí um percurso no ginásio, na época tinha exame de admissão e aquela questão de vai perder um ano. A minha mãe no esforço dela, pois quando terminei o 4º ano o meu pai dizia ‘pronto, acabou’ *C’est NE pas nécessaire*. Pra que mulher vai estudar?

E aí minha mãe disse ‘não’. Tiveram uma briga. Era interessante que quando eles discutiam, não se ofendiam. Eles discutiam a ideia, não eram de falar palavrão, se ofender. Ficavam sem se falar e nós corríamos como correio: “fala para o seu pai, fala para a sua mãe”. Só sei que minha mãe venceu a história e eu fiz um cursinho de final de ano e eu prestei o exame de admissão e passei. Meio mal, rasante, mas passei. E isto me colocou então na 1ª série do ginásio e realmente era um mundo totalmente diferente – latim, música, francês, um monte de gente para o qual a gente não estava preparado. Com histórias interessantes, com histórias engraçadas, mas muito tenso. E junta com as histórias de estar crescendo.

Até o 4º ano fui boa aluna. No 1º ano do ginásio degradingolou, fui reprovada, mas fui pra 2ª série do ginásio, tudo parecia mais organizado, mas tive um outro percalço com Português. Fiquei de 2ª época e aí na 2ª época, eu precisava de 5.5, tirei 5.3 e acabou, tive que fazer de novo. Era uma época que ninguém reclamava, ninguém ia discutir e tudo bem. Mas eu vou te dizer que era exatamente isto que deveria ocorrer. Porque a partir daí a escola nunca mais foi problema, não tinha por que. A partir daí eu entendi o que era aprender, o que era conhecimento e eu entendi que tinha uma parte que era minha.

Na vida familiar, minha mãe era católica e frequentava a igreja. Meu pai só ia às vezes, mas vivíamos aquele ambiente mais religioso, ia à missa todo domingo, participávamos do movimento eucarístico, do movimento jovem. E nesse momento do movimento dos jovens vai bater com as questões das mudanças do país. No dia que fiz 15 anos foi o dia da revolução, do golpe militar e então eu acabei ... Tinha um pároco extremamente politizado, perseguido. Então eu vivi todas essas questões. Terminei muitíssimo bem o ginásio, fui pro curso de formação de professores. Vivi momentos excelentes, aprendi muito, tive professores do Instituto de Educação, de escolas públicas, mas professores de altíssimo nível e que eram provocadores. Eu me lembro da professora de Literatura, um dia ela deu um texto que tinha Machado de Assis. Acho que eu falei, eu escrevi sobre Machado, Machado, escrevi uma lauda e ela me deu 9. Fiquei meio chateada, pois achava que era 10, mas ela escreveu: ‘A questão é que você não é amiga íntima do Machado, por isto ele é um dos autores mais importantes da nossa Literatura e portanto quando você for falar de um autor, escreva o nome dele completo – Machado de Assis. Nunca mais esqueci disto. Terminei muitíssimo bem o curso de formação de professores. Na época, se tivesse ficado em Rio Preto, tinha uma questão de que o aluno melhor classificado ia direto para sala de aula, ganharia uma sala de aula, não teria concurso público, mas eu vim pra São Paulo. Vim pra São Paulo ligada por uma questão que é entrei na vida religiosa. Até por causa da questão dos movimentos religiosos, onde entrei muito cedo – fui presidente das catequistas. Eu tinha 16 anos e liderava um grupo de quase 30 mulheres que eram catequistas. Então eu vivi um processo de liderança.

E aí foi, acabei vindo para São Paulo, passei dois anos só estudando, fazendo preparação, postulado, noviciado numa congregação de origem francesa –Irmãs da Providência de Gap. Elas não são muito conhecidas, não é grande, mas é internacional. Atualmente elas têm duas casas no Bairro do Limão, e foi para lá que eu fui, estudei e aí apareceu a questão vamos ver se vai continuar porque de novo eu entrei num momento de mudança das congregações. Tinha acabado de acontecer o Concílio do Vaticano, vieram aquelas questões da Igreja, e as congregações estavam mudando e questões de hábito e um monte de coisa. Aí eu entrei... Naquele momento muitas irmãs não tinham nenhuma formação acadêmica, só tinham o básico. Naquele momento as congregações, inclusive aquela onde eu estava começaram a focar nisto, mandar as irmãs para continuar. Muitas eram professoras e começaram a dar aula, mas para as matérias eletivas tinham poucas pessoas. Elas começaram a pagar a faculdade e como eu era nova, nada mais justo que eu fosse.

E aí apareceu a questão do que fazer. Eu dei aula dois anos para pequenos e aí eu acabei entrando na PUC em Filosofia, mas a idéia original era Psicologia. Mas ao final do primeiro ano de Filosofia, a PUC também estava em um processo de mudança, então a PUC introduziu um ciclo básico, tinham 4 matérias. Então aí depois, ao final do primeiro ano, apareceu a possibilidade de transferência, uma mudança de curso. Aí pedi para Psicologia, que tinha sido a primeira opção. Eu me estourava de estudar, pois sabia que boas notas davam possibilidade de trocar. Consegui e aí tive que fazer tudo de Psicologia, e tudo mais. Era um curso de período integral, quando eu estava no terceiro ano comecei a trabalhar em monitoria, comecei a dar aula à noite no curso técnico do colégio. Eu fiquei na Congregação por 15 anos, fiz votos definitivos e aí teve uma história muito complicada, muito séria, muito grande. Surgiram tem algumas questões e eu pedi desligamento. Passei 3-4 anos numa associação, meio lá meio cá, como eu já tinha votos definitivos era uma questão da Santa Sé. A Santa Sé não dá desligamento imediato, coloca numa situação de *standby*, pra pensar, é acompanhada.

Paralelo a isto fui a minha vida e continuava. Dei aula por quase quinze anos na PUC, dei aula na São Marcos e na São Marcos, tive outras funções de coordenação, de coordenação de núcleos na Psicologia. Paralelo eu atendia. Tive uma professora na PUC e ela criou um grupo de reflexão; a gente se reunia todas as 6as feiras, para conversar. Era um grupo de estudo e ao mesmo tempo não era um grupo de estudo. Um dia virou uma situação que viramos bons amigos e aí abrimos um grupo, um espaço aí na Estado de Israel, Vila Mariana. Teve uma época que eu trabalhava de dia, atendia basicamente crianças e adolescentes, orientações de pais; dava aula na PUC e na São Marcos, dava aula no colégio e aí num dado momento a São Marcos começou a me puxar muito, saí da PUC e fiquei com uma série de disciplinas dentro da São Marcos.

Também fiz mestrado, aquela coisa que o acadêmico vai te puxando e acabou saindo a minha solicitação de desligamento. Acabei montando meu apartamento no espaço e continuei dando aula no colégio. Não rompi o vínculo, pois elas me convidaram para assumir uma parte de gestão na escola porque elas não tinham mais muita gente e no momento que tinham todas as questões de educação, de mudanças, de tecnologia, e esse lado eu fazia com facilidade e com satisfação. Sempre gostei da sala de aula, me encanta, eu gosto do processo, invento.

Foi isto até que, em 2015, eu já estava aposentada há uns 5-6 anos e aí as questões econômicas do colégio, a diminuição de alunos, elas me disseram, eu estava com salário defasado, não tinha muito jeito. Eu ainda trabalhei algum tempo na São Marcos, depois me desliguei, porque o colégio me sugava. Moro sozinha, faço trabalho voluntário de ouvir professores, de fazer dinâmicas de sensibilização. Só sei que fui e sou uma leitora muito voraz, gosto de cinema, de teatro, tenho um afilhado que está fazendo cinema e eu sou sua secretária para assuntos aleatórios. Vou com ele, leio coisas, discutimos.

Na família somos agora 3 irmãs e 3 sobrinhas, só mulherada, os homens, coitados... Meu pai faleceu há 10 anos e minha mãe há 6. Tenho contato com as irmãs, visito, elas vêm me visitar. As duas moram lá, visito. As sobrinhas tiveram semana passada na minha casa. A minha irmã do meio ela é formada em Línguas – Português, fez mestrado em Educação, depois fez Pedagogia e atualmente é diretora de uma escola municipal em São José. A escola de ciclo 1 que vai até o 5º ano. E a minha irmã mais nova é economista, aposentada, trabalhou muitos anos em comércio, em coordenação de empresas. Atualmente, como ela diz, curte a vida. É a mais politizada de nós atualmente. Quem viveu perseguida pela ditadura

fui eu, mas quem ficou politizada foi ela. Então ela é, quando entra na discussão a gente até dá aliviada. É a minha irmã mais nova, mas é a irmã com quem converso mais. A minha irmã do meio, ela é zen, de pensamentos esotéricos, minha irmã dizia que ela ia ficar louca, gosta muito disso. Conversando com uma amiga descobri que ela tem uns graus dentro dos graus, mestre do chefe. Ela lê muito dentro da área da espiritualidade e das carruagens de fogo que um dia chegarão que levarão os bons, essas coisas. Mas ela também é uma pessoa boníssima. Um dia falei pra ela que se ela fosse fazer terapia o pessoal ia mandar toda a família do marido para algum lugar do passado, pois eles a sugam e ela se deixa. Falo ‘você se deixa’. Às vezes falo com ela e ela está com o telefone pendurado porque a cunhada dela fica falando com ela duas horas e ela não consegue falar ‘escuta, eu tenho outra coisa pra fazer’. Mas a gente acaba se falando menos.

Sabe, às vezes penso que minha mãe conseguiu o que queria. Eu falo que esta questão da vida religiosa, ela falava muito uma coisa assim que, se ela pudesse escolher para as filhas, todas iriam para o convento. Eu resolvi aceitar o sonho dela por um tempo. Eu tenho uma amiga que fala que não sabe como dou conta de tanta coisa. Falei que não dou conta, mas ela disse que eu sei da música, do teatro, do cinema, de uma coisa, de outra. Não é uma questão de saber, é uma questão de curiosidade. Outra amiga fala que passo na livraria e compro uma pilha de livro, passo na banca e compro outra pilha, igual rolo de papel higiênico. Eu falo ‘é’. Esta necessidade às vezes.

Aí me perguntam ‘por que você vai fazer a UATI? Pra mim é uma coisa.... Apesar de eu não me sentir, posso te falar, eu não me sinto integrada no grupo. EU não sei se é porque o grupo, quando você chega já tem muita gente que já se conhece... Este foi o meu primeiro UATI. Pra mim eles revezavam, na idéia de que eu estava em uma fila de espera. Pensei que chegava lá e entrava em uma fila de espera. E aí a maioria se conhece e eu falo que adulto, eu sou uma pessoa que no meu cotidiano eu sou tímida, eu não sou de me impor. Pra eu falar na aula, eu demorei.

Eu estou muito familiarizada com a Literatura. Eu vi em um momento o pessoal falando ‘Nossa, 4 aulas é muita coisa pra gente estar falando’. É que tem uma dinâmica. Porque eu vi inicialmente sobre esta experiência numa revista “Vida Simples”, que o Dante deu uma entrevista e eu pensei ‘como esses meninos são abençoados de dividir essa vivência’. Como é bom isto de ter alguém que ajuda a olhar o texto, a degustar. Aí quando aconteceu na UATI eu disse ‘nossa, o universo conspirando a meu favor de novo.

É uma delícia! Aí eu falei com o Dante naquele dia: “nossa eu li alguma coisa sobre isto, só não sabia dizer em que lugar poderia ter acontecido. Então pra mim, ler o texto... Eu já falei desta experiência pra um monte de gente. Eu tenho uma amiga que mora um sítio e diz “ah como queria morar em São Paulo pra poder ir”. As vezes eu conto ‘foi falado isto’, ‘nossa, eu queria tanto!’ Porque eu acredito que a gente vá, hoje, por exemplo, como estou distante da sala de aula, como alguém que lidera uma sala. A sala de aula dá esta possibilidade de levar a minha elaboração, a minha reflexão, as questões, criar questões par a o aluno e aí discutir com ele. Então hoje, esta foi uma experiência. O que eu sinto que é mais complexo, é o tamanho do grupo. Muitas vezes fica uma situação de um fala e por mais que você esteja ali mediando, quando você puxa aqui um outro diz ‘não’, que daria pra aprofundar mais aqui, mais ali.

Sabe, o primeiro conto foi maravilhoso, eu adorei. Eu não sabia da festa de Babette. Eu tinha adorado o filme e aí fui atrás, comprei o livro, li inteiro, li o conto e vi de novo o filme da Festa de Babette. Eu já comecei esta questão da concha, do mergulhado, de você estar encantado com alguém, que não é alguém só que é uma bailarina linda, mas os encantos que às vezes a gente tem na vida, os encantos nos fazem ficar encantados. Acho que é basicamente isto, a gente vive por encantos.

Então, a vivência, esta experiência foi realmente muito gratificante. O segundo foi uma coisa meio assim ‘ah 4 vezes pra fazer a mesma coisa’, parecia que o pessoal não estava muito encantado. Eu falo que às vezes eu sou chata pra essas coisas. As vezes a piada num tom malicioso, o encaminhamento de que a tia queria mais coisa dele e eu digo não, eu não quero mais ir por ali. Não quero mais discutir isto. Porque não é isto que está sendo posto. Era o que significa. Que na verdade é quem é você. Permite reflexões, eu acredito que sim. É só à medida que nós nos deparamos com essas diferenças, com outra leitura que o outro esteja fazendo... Eu falo que às vezes eu não aceito, mas respeito. O texto deixa você

totalmente fora do propósito. Eu por exemplo há algum tempo atrás eu li *Hibisco Roxo*. Eu estou encantada com a literatura africana.

Gosto também do Mia Couto. Seu último livro *Mulheres Cinzas* eu não li. EU falo, é por causa de origem, pode ser. Porque eu gosto porque a Shimanda escreve muito bem. O Mia, tem umas outras formas, outra gravura. Esse *Hibisco Roxo*, o último que eu li dela, eu comecei a pensar na questão das relações e como é que você pode fazer essas relações, que é uma relação familiar, aquilo que fica subliminar, que não aparece. O que para a sociedade tudo está ótimo, maravilhoso, fulano é ótimo, maravilhoso, fulano é bem arrumado, o fulano dá dinheiro pra família, o fulano... e o que ele faz dentro, no íntimo?

Então a literatura é tudo. Eu gosto de tudo; eu gosto da poesia, adoro Manoel Barros. Eu gosto de Machado, li praticamente quase que tudo, e o que eu gosto mesmo é depois que alguém fale ‘você leu e isto assim, você viu, você percebeu, você gostou? Não gostou e eu escreveria diferente. Não, eu sou péssima escritora. Eu falo muito. Ao mesmo tempo a literatura, se eu olho para a sua biblioCoord. 1 e digo ‘nossa, fantástico’. Aquilo eu já li, nossa aquilo eu não li, deve ser bom. Por quê? Porque eu estou fazendo uma avaliação a partir de você. Bom, se ela escolheu para o trabalho dela, é porque deve ser legal. E hoje eu me encontro em uma questão que é, aos sessenta e oito anos de idade eu tenho muita coisa que eu já vivi, que eu gostaria ainda de viver e eu sei que vou morrer. Isto às vezes eu não gosto.

A morte é a única certeza. Aquele conto inicial do *Mergulhador* mexeu. Eu também estou fazendo terapia de novo, fiz aos 19, depois aos 25, depois quando eu estava saindo da Congregação. EU vou fazendo. Eu falo que as minhas terapias são pontuais. Vou lá, discuto, depois volto. E aí quando a gente estava discutindo, esta semana eu estava falando sobre texto, especialmente na questão que você cotidianamente vai mergulhar, quer seja na questão humana, na questão de espiritualidade. Falo de espiritualidade, não de religião, que são coisas diferentes. Então esta experiência, ela andou comigo, este texto andou comigo. Não foi uma coisa assim ‘, nossa eu tenho que fazer uma tarefa, tenho que ler o texto’. O que eu senti falta é, apesar das pessoas falarem ‘quatro vezes, quatro dias’, não, foram quatro horas, começa as duas e quando chega três e pouco as pessoas começam a um ‘preciso ir embora’, embora pra onde? Por que ir embora? Pode ser que tenha sido uma leitura mais consistente, mais densa, talvez. Uma coisa que sinto muita falta no grupo é que eu não sei o nome das pessoas. Talvez a gente não tenha feito nada para saber. A gente não criou nada para fazer isto, acho que uma boa dinâmica, alguma coisa, poderia ... ‘ quem é você?’

Por mais que eu me esforce, eu não sei quem é quem. A não ser a Judite, que fica ali perto do grupo e que eu sei que ela faz colares foi ela quem me disse assim ‘quer entrar em nosso grupo, do inbox, do face?’ Eu falei ‘tudo bem’, mas é assim um grupo do bom dia, do boa tarde. Porque elas saem, elas passeiam. É um grupo já mais delas. Mas o grande grupo talvez não tenha muito este movimento, talvez possa ter mais. Qual a história de cada um, etc. tem uma senhora que ela veio e falou assim pra mim ‘gosto muito de te ouvir falar’. ‘Obrigado’, mas eu falo muito pouco. Falei só essas coisas. Não sou de fazer perguntas, assim. Principalmente naquelas aulas que falam de doença, porque eu não curto doença. Não sei nem nome do remédio. Eu tenho um remédio de pressão, eu sei que eu tenho que ir lá comprar. Não sou muito de.... Mas aí ela disse assim ‘gosto muito de te ouvir’. Eu disse ‘obrigada’ e aí ela falou assim: ‘por que você fala tão bem?’ Aí eu disse ‘não sei’. Não sei, o que é falar bem, é ter um bom vocabulário? É falar o que todo mundo entenda? Uma delas falou ‘você tem uma voz muito forte’.. Você faria alguma sugestão dentro da dinâmica?

Me pediram para falar sobre a mecânica que foi usada, aquela história de leitura e eu me lembrei que num dos encontros se a gente conseguisse fazer pequenos grupos, de duas, três pessoas, para uma questão x. Depois que 2-3 pessoas se reunissem a outras 2-3 pessoas, e aí uma conta para aquele outro e aí vai fazendo uma vivência da vivência, que dá possibilidade para que todos se sintam representados. Uma outra coisa é que acho que o grupo tem potencial para alguma situação de representação, que tipo de música representaria isto, algumas simbologias que possam. Porque muitas vezes poderia se explorar representação gráfica, etc. Não sei.

Sabe, é um grupo diverso, mas é enriquecedor, é interessante. Ali todos nós temos – alguns têm quase 90 anos. Mas parece que quando se senta naquela carteira que parece sala de aula, tem um negócio, tem um vírus que pega e que o comportamento é o mesmo. Porque o pessoal, aquela fulana só reclama e vai falar pra coordenadora. Tem um diz que me diz que eu falo ‘nossa! Já tem idade suficiente para não se comportar como menino, como criança. Mas volta a experiência de criança.

Pra mim a experiência do laboratório é aprofundar. É como se entrasse num grande espaço, numa grande caverna, numa escavação e se desse uma oportunidade de expressar-se. Isto pra mim é muito importante – dar voz para o que eu sinto, observo.

FIM DA ENTREVISTA

TRANSCRIÇÃO II – Clara, 2020

Estamos em dezembro deste ano pandêmico de 2020 e me pediram para falar o que mudou na Uapi e no LabLei neste ano. Olha, é muito interessante porque quando começou a história de que era isolamento pessoal e isolamento social, eu disse, mas isolamento social? Eu moro só. Moro num prédio tudo isso. Mas aí aquelas questões todas e eu comecei a observar uma rotina que é minha. Eu caminhava no bairro, fazia Pilates e tinha uma porção de outras atividades. E aí essas atividades na UAPI e de repente tudo isso é engolfado. Então esse recolher inicialmente para mim foi quase que uma imagem de que eu iria fazer um retiro ou fazer um retiro. E esse retiro - eu vou me retirar do contato físico porque, na verdade. Aí eu comecei a fazer outra interlocução: não um retiro, do ponto de vista de que eu já fiz retiros na minha vida. Mas apesar de eu ver as pessoas, mas sem poder falar com elas. Eu dizia ‘olha, eu estou falando com as pessoas. Então aí é uma questão que é um retirar-se, mas é um distanciamento físico, mas não é social; o social continuou.

É verdade que a troca de figuras, a troca de informações. Eu passei a ser uma grande ouvinte de um monte de gente, de alguém que me liga e a pergunta é assim: ‘como você está?’. Mas na verdade esse ‘como você está’ dá origem ao outro falar dele. Reclama, briga com o vírus, briga com Deus. E aí um dia alguém me disse: ‘você não está brigando com ninguém?’ Eu falei ‘Mas eu estou sozinha, vou brigar com quem? Só se for comigo. Eu estou brincando comigo - tem dia que eu não estou dormindo bem, tem dia que eu não estou comendo bem. Tem dia que não estou a fim de fazer nada, não estava lendo com prazer. Então era começar a ler e a cabeça ia pra outros lugares. Então não havia concentração

Dentro desse contexto, o laboratório traz de volta. Foca aqui, agora vamos ler para; não ler por obrigação, mas é para aquele espaço-tempo externo. E alguém que pensou aquilo desde o começo. Eu sempre escrevi; não é diário, não é dormi tal hora, dormi bem, não dormi bem: Então eu tentava fazer algumas anotações; é a história da escrita e escrita com a leitura começaram a dar um navegar mais leve. Um bom trânsito. É o que eu sinto que o laboratório de literatura fez. Depois eu fiz uma oficina de cinema e aí fui mergulhando.

Inicialmente eu estava fazendo tudo, tudo, tudo. Depois eu disse: ‘não, você tá querendo fugir da história? Então centra um pouco, coloca desde o início, lê um pouco, e foi por aí. E aí nesse ínterim a coordenadora da Uapi começou a me requisitar mais, criando uma troca, uma conversa. e deu coisas para eu pensar e tarefas. Eu me senti com liberdade para sugerir. Então veio o laboratório.

A experiência no Facebook eu não curti. Porque eu não gosto muito de ficar no chat. Eu não sou muito fã. Agora, esta coisa de chegar lá e ficar escrevendo. E aí você se distrai porque viu o que o outro escreveu. Não, não gosto muito. O pessoal faz o zoom e diz que é pra gente participar. Eu raramente participo assim. Até porque a gente fala, a coisa começa a andar quando você vê já está em outro lugar, num outro momento. No zoom é questão de abrir a boca. Eu me pego rindo quando penso nisto. Hoje me sinto empoderada. Eu tenho consciência disso porque em 2017 foi o meu primeiro ano. E foi, eu brinco com o pessoal, que eu fiquei quase um ano sem falar dentro da UAPI. A coordenadora ainda hoje falou que eu vinha de um ano sabático na UAPI e em um belo momento eu resolvi falar. Mas não é bem isso. Eu estava, naquele momento, no processo terapêutico isso apareceu bem saindo de uma situação em que eu era muito requisitada para falar, para tomar posição, muito muito muito. E, num dado

momento, decidi que eu não queria ser o centro, nem ter que decidir coisa. Eu não quero; quero um distanciamento. E era como se encarasse como alguém que estava no processo de envelhecimento. Então é assim - agora a sua energia é diferente, o seu estar é diferente. Em 2017 eu voltei, pela quarta vez, de um tour pela Europa. Eu achava aquilo tudo não como se fosse a melhor coisa do mundo. Eu olhei tudo aquilo como ‘nossa, eu estou vendo tudo isso, mas eu estou vendo já com outro olhar. Eu levei duas pessoas que nunca tinham feito uma viagem internacional e eu me senti assim, diante daquele deslumbramento deles dois, eu estava... É só isso. Foi um revisitar, era uma leitura de quem já tinha ido uma vez. Era só ver em que mochila eu ia colocar. Lembro de mochila pois tenho uma amiga que está se mudando e tendo que se desfazer de livros e discos que ama e expressou o desejo de que eles coubessem em uma mochila.

Sabe, a gente fica mais à vontade, fazendo aquilo que gosta, fazendo sem a cobrança de que é isso aqui que tenho que fazer. Porque quando a gente trabalha muito tempo numa situação institucional, depende muito das suas intuições, das suas inspirações, e das suas invenções, olha só quantos *ins*. A gente se cobra muito. Então a partir do momento que eu não preciso me cobrar, aquilo que eu fiz quando me convidaram por um instituto que é um instituto de educação liderança e altruísmo. E é uma proposta muito interessante, a pessoa que me convidou me conhece de longa data e tudo isso. E aí ela me dizia que era importantíssima a minha participação. Não é uma questão de importantíssimo. O Instituto pode até ir sem mim. Mas eu sozinha não vou fazer o Instituto. O que eu quero é ter espaço para a gente fazer a troca. E aí já sem a ideia de que o que eu estou falando é algo que vai definir o caminho. Não vai fazer o caminho do Instituto. O que vocês vão fazer com isso? Vivo hoje uma situação de que eu penso, eu partilho, mas eu não me sinto comprometida de que o outro tenha que comprar aquilo que é para mim é a minha verdade. Então está aí, disponível. Se for bom pra você se bom para você, leve. Eu não tenho mais essa ‘nossa eu não te falei’. Se quiser, leve.

Eu falo que eu tenho até essa outra amiga que ela faz assim, se eu mandava alguma coisa para ela, ela fez isso hoje. Se eu mandava alguma coisa – ‘veja isso aqui tá legal, tá no YouTube. Aí ela manda mensagem ‘está onde? Está no You Tube, procura lá. Ah, mas eu não o que faço, tem o link? Aí no começo eu falava isso é exploração. Mas você quer saber? Vai no link. Mas tem horas que eu também, eu tenho um perfil que eu resolvo rápido determinadas coisas e, num dado momento, principalmente neste ano, lembro que mandei tal coisa para tal pessoa. Ela nem falou nada, se gostou. Aí um dia uma pessoa me falou: ‘como você consegue dar conta de tanta coisa? E aí eu falei ‘ah, entendi’ Aí entendi que o meu estilo, meu jeito de resolver. Outro dia estava falando com a coordenadora e falei ‘Olha, acho que é bom a gente criar uma lista de presença porque ela não tem, nesta situação, agora não tem a noção de quantas pessoas estão nessa história. E eu acho que academicamente é importante; ela também está fazendo um trabalho acadêmico. E a academia pede prova, pede esses dados né? Aí eu falei ‘olha podemos criar um *google forms* para preencher antes de cada encontro. Eu estava conversando com ela. Aí, em paralelo, eu mandei, já estava pronto falei já está pronto. Porque para mim isso não é algo que dá um ‘ai meu Deus’. Tá pronto, tá aí. Então esta lógica, minha forma de tentar resolver as coisas é minha, não é de todo mundo.

Com relação a esta coisa de contato pela tecnologia, esta é a história. *Teve uma das participantes* do grupo, a pessoa que eu gosto muito de ouvir as ponderações, mas que a partir de um determinado momento que fomos para o zoom ela parou, desapareceu. A justificativa era ‘o meu celular não tem memória para o zoom’, não tem espaço, sei lá. Preciso comprar um cartão. Então tá. Aí, passados oito - dez dias, eu perguntei ‘comprou o cartão?’. ‘Não, meu filho, não sei quem’. E aqui tem uma diferença – a questão de depender do outro. Neste momento da minha vida eu tenho a autonomia suficiente para fazer, por exemplo, todos os da minha família receberem um presente eu mandei para eles, como eu entregaria pessoalmente se desse. Presenteei amigos que eu normalmente presenteio numa boa. Porque eu tenho um bom trânsito na internet sempre tive e não é de agora. Aí essa amiga aí eu falei ‘se você quiser você me diz o seu endereço, e o modelo do seu celular, eu compro o cartão e mando pra você e você me paga, deposita na minha conta sem problema. ‘Ah, tá, brigado, mas meu filho vai ver’. Passado um mês e nada. Aí uma manhã acordei e lembrei que eu tenho um notebook num padrão Windows, então eu estou usando no padrão Mac. Eu tenho no outro no Windows. Aí eu peguei o meu notebook, configurei, abri um novo usuário. Deixei redondo. Baixei o zoom, tinha câmera, tudo. Entrei em contato

com ela e disse: ‘Olha, você me diz o seu endereço que eu vou pedir pro meu amigo do ponto de taxi que eu uso e ele leva pra você. Está pronto para usar. ‘Ai, muito obrigada, não quero. Eu fiquei péssima, fique p da vida. Queria bater com a cabeça dela na parede. Por que ela não diz ‘eu não quero entrar no zoom? Fala ‘Não quero, não quero aparecer, apesar de você poder ficar de câmera fechada!

Você quer saber? Não quer, não quer, não é problema meu. Eu guardei tudo, desconfigurei, pronto, acabou. Agora que aquilo me deixou naquele tempo ... Mas que dá uma decepção de você poder ajudar a pessoa a resolver e ele não... Você vai entender que tem um limite e a outra pessoa tem o limite e eu tenho o meu limite. E eu não posso invadi-la. Eu não posso obriga-la, eu não posso... Não quer, pronto.

Quando olho para a turma, para quem está participando. Acho que participam mais. Eu acabei de falar isso para uma colega. Pode dar problema ao enviar mensagem e principalmente fazer alguma surpresa para alguém dentro de um grupo. Alguém sempre pode vazar, porque no grupo você não sabe quem viu e quem não viu a não ser que a gente se manifeste, apesar de ter uma forma, mas as pessoas nem sempre sabem. Tem também o problema de que muitos não respondem. Outros não leem as instruções e acabam mandando para a pessoa errada. Foi hiper divertido, com muitas ligações, muita confusão para comprar o presente-surpresa. Mas foi ótimo, deu tudo certo não foi. Mas a coordenadora queria saber da história, saber como foi nos bastidores.

Voltando à questão do virtual, uma das pessoas me disse: ‘ Eu realmente eu sou muito tímida, mas.... Quando fala ‘mas. Eu me sinto mais à vontade no virtual. E as pessoas estão falando muito mais. No presencial rola uma coisa de afetos etc. Se sai algo e vou abraçar alguém falo alguma coisa, só aquele alguém ouve. Mas quando eu estou no virtual porque o que eu falar ali, todos vão escutar. Se alguém acolhe o meu sentimento, se eu choro, se eu me chateio. Todos, todas, os setenta ali veem. Mesmo que a coordenadora fale que a gente no presencial ia ganhar um abraço, mas a gente sabe que ali num dado momento, naquele silêncio, naquele olhar tem um abraço, tem uma presença. As pessoas estão ali porque querem; elas optaram por estar ali. Eu falo que, de alguma forma, que eu estava até lendo uma pesquisa, assistindo uma *live*, exatamente, que tem uma possibilidade de você ser muito presente nessa situação da virtualidade. Não é tão frio como todo mundo diz que é. E eu falo o que tem mais foco.

Ali é opcional, ninguém foi obrigado. Por exemplo hoje, até pela semana, nós estávamos em 35 acho. Quem estava ali, estava por inteiro. A coordenadora tinha falado: ‘ah coloca algo branco’. Ela só falou, ela não escreveu, mas uma porção estava de branco. Entrou na sala do zoom, olhou e falou: ‘mas está todo mundo de branco, por quê? Aí a pessoa disse ‘eu não vi isto, estava escrito no grupo?’ E ela disse: ‘Ah eu só falei na semana passada, eu não escrevi. A pessoa fechou o vídeo, saiu, catou uma pashmina, uma echarpe branca para criar aquela sinergia com o grupo. Eu falo gente, isto é lindo! Isso é uma coisa assim. Então eu pessoalmente sinto assim que tem dá pra gente perceber pela presença, pela insistência de algumas conversas, de algumas falas. A gente conseguiu resgatar gente que não estava bem. Opa, vamos lá, dentro da sala de aula poderia talvez ter ficado quieto. Ah faltou só faltou. Aí foi, chorou. Ficou pedindo atenção. Então, me escute, a minha história. ‘Deixa eu falar’. Todos esses aspectos que a gente vai sentindo esse processo. Eu pessoalmente acho que não houve perdas. Às vezes a gente abraça alguém porque não tem outro jeito. Eu acho né.

Dentro dessa perspectiva, eu avalio como algo que, apesar de todas as questões que a gente percebe, acompanha, sente que tem um aprendizado. Engraçado porque a gente fez uma retrospectiva de todos os encontros e temas, e o pessoal disse: ‘Ah Lucila, vou ter que repetir de ano, pois não lembro, estou de recuperação’. No laboratório, eu sinto que esse tipo de trabalho, faz com que as pessoas falem, a partir da história, a partir do texto, porque nem todos pegam o mesmo aspecto. O que mobiliza? Isto porque aquilo pega mais próximo daquilo que você vive, sente. Então, por exemplo, teve muita gente que a partir dos laboratórios se dispôs a ir para o clube de leitura. Participou dos encontros de biblioterapia, foram para o grupo. Teve também esse ganho. O laboratório provocou um desejo continuar lendo, conversando sobre. O clube de leitura é ainda mais exigente, de uma semana para outra. Pensa no Clube de Leitura, é muito engraçado. ‘Não, não dá para degustar! Eu não quero vir para o clube como obrigação. Eu quero poder explorar. Mais ou menos. Por exemplo, a Casa da Ponte da Cora Coralina que são todos aqueles contos, o pessoal falou: ‘Não, não dá em um dia só’, esses contos todos de uma vez só. É a mesma coisa, o último livro *No seu pescoço* da Chimamanda, são contos africanos com uma

linguagem que a gente não tem tanto... Eu pessoalmente já leio Chimamanda há mais tempo, mas para esse pessoal era novo. Eu quero participar dessa história, mas eu não quero que me aprisione. Então a mediadora tá tendo que aprender, termina rindo.

Então eu sinto assim que houve um ganho dentro da perspectiva de se deixar atingir pelo texto. Eu falo que é engraçado no seu encontro: ‘ah eu não gostava muito de ler, eu não lia... Então você já pôs lá pretérito - não lia. Então agora vai ler. Então essa é... porque a mulher principalmente, a minha mãe ela amava ler, apesar de não ter uma grande formação acadêmica. Não tinha quase nenhuma educação, tinha o segundo ano de escola rural e que foi se fazendo com a gente, pelo fato da gente ir pra escola. O que aconteceu uma vez, ela estava lendo um livro e ficou tão encantada com o livro que o arroz queimou. E aí ela fez uma promessa para ela, veja que coisa mais estapafúrdia. Demorou para fazer ela quebrar essa promessa que ela não ia mais ler assim livros grandes. Porque eles entendiam dela ser uma boa dona de casa. Então a hora que a gente sacou isto, não, nada disso. Ela lia, mas coisas pequenas. Livros assim que aprendesse não, porque ela poderia se afastar das obrigações e então ela não queria. Ela queria manter-se dentro da hora da mulher que cuida da casa, não que deixa o arroz queimar. Então eu falo que a leitura tem esse poder. Você viaja, você passa mundos...

E ao mesmo tempo uma provocação, te encanta, mas também te faz entender determinados aspectos com um olhar daquilo que eu nunca tinha pensado, nunca tinha visto daquele jeito. Eu comecei a ler aquele livro *Histórias da plantação* da autora portuguesa que vira psicanalista e que vai discutir as questões ligadas com movimento negro. E aí eu comecei a ler. Ela traz uma coisa para mim assim a questão do uso do masculino e do feminino. E ela abre, faz uma carta para nossa edição em português para explicar, para dizer, para mostrar todas as palavras que na nossa língua, no nosso idioma tem uma divisão entre masculino e feminino e que em outros idiomas, por exemplo *other* no inglês não tem masculino e feminino. E para nós tem outros e outras, senhores e senhoras então ela faz toda uma explicação que eu nunca tinha parado para pensar sobre isso. E que isso está ligado com a memória do patriarcado, ligado com a questão do que é o masculino do que é o feminino, e essa questão agora que tem um monte de gente brigando senhora e senhora, senhore, outros, outras, outres. E aí tem uma briga aí, uma discussão grande. E aí você fala: ‘Nossa!’ O que eu acho é que a gente só chega nessa questão. Porque teve outras questões. Eu queria falar com você qual que era o nome dela (da autora).. Eu não conhecia um psiquiatra que é o Frantz Fanon e ele tem uma lei da psiquiatria, da psicanálise, nossa! Ele é negro. Eu falei nossa, mas eu acho que eu só conheci porque é agora, porque eu tenho tido tempo de ouvir essas conversas. Ela chama Grada Kilomba, *Memórias da plantação*. E ela tem uma série de histórias aí também com uma leitura psicanalítica, mas é ela que faz essa explicação. Nunca tinha nem ouvido falar do Fanon e aí eu comecei a ouvir só falar. E tem coisa aqui hoje eu ouço, eu vejo e escuto e talvez tenha esse um outro sentido para mim.

FIM DA ENTREVISTA

TRANSCRIÇÃO I – Estela, 2017

Hoje é dia 26 de julho de 2017 e eu vou contar para vocês a minha história. Nasci em um sítio perto de Estiva, uma pequena cidade do sul de Minas. Adoro as montanhas, tenho até um quadro que retrata aquela paisagem tão querida, pintado por uma amiga. Tenho muitos irmãos – são dez me incluindo na conta – 2 irmãos e sete irmãs. Muitas vezes acho que fui feita de uma energia diferente deles.

A minha mãe foi criada e educada..., ela foi a única que teve professora particular, acho que é até por isto que ela gosta de escrever bonitinho. Agora não consegue fazer mais nada direito, mas já fez muito. Minha mãe foi educada, preparada pra casar com um médico de Cambui – Dr. Olimpio. Imagina minha avó, minha avó fazendeira. Não a italiana, a mãe dela que me pediu pra minha mãe que me desse pra ela. ‘Eu quero formar essa menina, ela tem talento. Mas você não pode ficar com ela, você já tem muitos filhos, Elvira. Você não vai conseguir educar a M. do jeito que ela merece. Esta menina é assim, ninguém aprende a andar cavalo desse jeito com quatro anos. Minha única neta Marina andou, me deu um cavalo vermelho, com um pelego bonito em cima da sela, coisa mais linda. Eu amava uma tia, irmã mais nova da minha irmã, Tia C., que morreu com câncer de tireóide enquanto eu estava no convento. Uma grande

perda irreparável, a única que eu amava, e eu amo ela até hoje. A minha mãe não me deu pra avó. Uma mulher muito forte, mas a Marina ficou meio capenga até hoje.

Na verdade, eu tinha um quê com a minha avó. Quando ela ficou doente, ‘chama a Marina’. Morreu comigo e com a minha mãe. A avó italiana, mais o pai do meu pai, muito culto, me dizia: ‘olha minha filha, presta atenção, não siga a cabeça do Maluf, porque ele é perverso. Agora que eu vim a entender o que meu avô falava! Mas isto há mais de quarenta anos! Sessenta anos atrás. Então a minha linha familiar diz papai e talvez o pai dele.

Desde pequena eu tinha uma avidez para ser enfermeira. Hoje, minha família foi toda para Pouso Alegre. Minha mãe mora com uma das minhas irmãs. Eu nunca me identifiquei muito com ela, que reconhecia que eu era diferente e ela não conseguia me entender. Meu pai infelizmente já morreu. Eu era muito mais ligada a ele do que a ela. Eu era a terceira dos filhos. Tenho uma irmã e um irmão mais velhos e aí veio a M.. Depois de mim vieram as outras mulheres e o último foi homem. Fui, que eu ajudei o médico a fazer o parto dele.

Minha mãe ainda está viva e com 92 anos. Até ontem eu vim de lá. Imagina que ela fez uma tomografia. Não entendo a geriatria dela, que pediu uma tomografia pra ver se está com Alzheimer. Você acha que eu confio com uma médica que tenha esse procedimento? Precisa de sedação. Hoje o anestesista falou: ‘você que é a filha da d. Elvira? Eu preciso que você me esclareça uma coisa aqui – a idade correta da D. Elvira.’ Dr, está com 91 e vai fazer 92. Ele também não acreditou no pedido. Minha mãe faz caminhada até hoje. Fui pra lá e fiquei doze dias. Levei ela para tudo quanto é lugar que ela queria, pra roça, pra casa do caçula, porque o caçula é por quem o coração dela que bate. Ela sempre acha que temos que ajuda-lo. Saber disto não tem peso pra mim, pois minha ligação era com o papai, mas eu vou deixar pra falar dele por último.

Na minha casa cada irmão é de um jeito. Eu tenho dois sobrinhos, um está preso, drogado; o outro, eu não sei, mas usou tanta droga, tanta coca, ele fica bobo. Está em casa dependente, apesar de ter 45 anos. O outro tem 34, lindo. Um mora em Cambuí, filho da minha irmã mais velha, o outro mora em Pouso Alegre, filho de uma irmã mais nova. Chegou a jurar o pai de morte, está preso hoje. Seu pai desistiu de ajuda-lo depois de seis internações seguidas de fuga.

A distância emocional dos irmãos mais novos nunca foi vencida. Nem aconteceu. Tenho uma irmã psicóloga que mora em Poços de Caldas e é casada com um professor da PUC de Poços. Ela está super bem, e teve um filho só e esse filho, apesar da pressão dos pais para ‘trazer o canudo da faculdade’, mas que abandonou o curso depois de um ano e meio. Em compensação, a filha da minha outra irmã, que criou a Apae do Sul de Minas. A minha irmã caçula é só igreja. Deixa de ficar com a mamãe pra ir pra igreja pra ajudar o padre.

E tem também o meu irmão mais velho, que foi muito rico, diretor financeiro de uma empresa, mas quando saiu por não querer mudar para Curitiba, acabou não se dando bem e perdeu tudo. Também, foi se cercar de parentes da mulher e faliu, de morar de aluguel, pago pela sua filha do meio, que é gerente do Safra. O filho mais velho é dependente do meu irmão, e o caçula, que é meu afilhado, faz hoje dois estágios – um de manhã e outro de tarde e faz TI e está bem. Mas enquanto meu irmão estava bem, chegava ostentando, com uma DC10, vivia cercado de amigos, pagava tudo pra todo mundo, mas tinha vergonha da nossa família. Se ajudava o papai, dava pra mim escondido: ‘M., dá este dinheirinho para o papai, não fala pra minha mulher, não fala pra ninguém. Não ia lá e meu pai falava assim, quando era vivo: ‘Fala pro seu irmão vir aqui, estou morrendo de saudades dele. A sua mãe chora de saudades’. E meu irmão não ia. Descobri depois que era ele que não queria ir. Eu sou madrinha do filho caçula deles. Soube pela mulher dele que ele dizia ter um bloqueio.

O mesmo acontece com a minha irmã que é psicóloga em Poços de Caldas e ela me confidenciou que ficou traumatizada com uma ameaça que minha mãe fez pra ela, de jogar um balde de minhoca em cima dela se ela não cuidasse bem do irmão caçula, E olha que a mamãe sabia que ela morria de medo de minhoca. Acho que isto era considerado normal naquela época. E esse meu irmão que era bilionário,

E esse meu irmão não quer conversar, não quer saber da mãe. E a mãe pegou com agravo, todo muito tem carro e eu, por opção, não quero ter carro. A minha mãe pegou o sítio e deu pro Marcello. Pra quê? O Zé Maria que era pirado, não sei o que tem com a minha mãe e o meu pai, ficou pior ainda. Não quer mais saber de contato com a mamãe. Agora a mamãe já está assim, não lembra mais, já está esquecendo. E que acho que está bom, entendeu? Porque acho que ela sofria muito antes.

A ironia é que hoje eu sou a confidente da mamãe e ela falou pra mim que nunca amou papai, que nunca gostou do papai, que ele a fez ela sofrer. Meu pai saía mesmo. Chegava do trabalho, tomava banho, nem tomava direito pra não dar na vista, pegava a espingarda e saía pra caçar e voltava 11 horas da noite. E minha mãe sabia. Minha mãe, com lamparina, com um livrinho escrevendo poesia. Acho que tenho mais que sessenta cadernos dela, fazia roupinha pra gente, cuidava de todos nós. Uma mulher muito forte. Mas a M. ficou meia capenga. Até hoje.

Muitas vezes disse pra ela: ‘Mãe, não fica com esta raiva, porque não pode. A senhora é muito católica’, porque ela reza manhã, tarde e noite, reza demais até. Mas faz bem pra ela. Agora passou a falar com a televisão. Foi por isso que foram falar com a doutora, que pediu a ressonância dela. Acho que a evolução da mamãe, pra mim está tudo certo. É ruim falar, mas tem assim... Eu vou lá dar banho na mamãe. Botar na cabeça da mamãe que ela precisava de ajuda... Ué, dei banho cinquenta anos, providenciei tudo, luvinha de banho, passeio, lavo cabeça. Minhas irmãs fazem tudo isto agora. Fico com ela, não faço outra coisa. Eu deito no sofá, assim de arrebentar a costela.

Quando ela mudou para a casa da minha irmã em Pouso Alegre, foi feita uma casinha de ovo pra ela. É no quintal da casa da minha irmã. Dá entrada pra rua, mas é uma coisa pequenininha. Era o espaço de uma loja da minha irmã, ela partiu no meio e fez quarto, banheiro, cozinha e sala. E um quintal. E a mamãe amava flores porque na casa do meu pai tinha muita flor. Aí chegou lá uma moça do posto de saúde e falou ‘D. Elvira aqui tem dengue, joga fora’ e a mamãe jogou tudo fora. Aí fui na floricultura e num ferreiro e mandei fazer umas floreiras, para plantamos. Hoje ela fala: ‘ah, planta você. Pois é, foi desligando. Mas isto não me faz doer. Falo sussurrando pra mim mesmo: ‘Pelo amor de Deus, eu devia sentir, né? ‘De qualquer jeito eu continuo tentando fazer a minha parte, fico oito dias por mês com a mamãe. Ajudo se precisar. Mamãe tem duas aposentadorias, tem casa própria, não precisa nada disto. Mas carinho é bom e não faz mal a ninguém.

A verdade é que eu perdi a pessoa do meu envolvimento, que foi o papai. A morte dele foi um dos dias mais tristes da minha vida. Tem um pedaço vazio aqui, eu não consegui preencher. Aquilo me bloqueou, chorei dez anos. Eu queria meu pai. Meu pai dizia assim para os comparsas: ‘oh, (bate no peito), hoje o comparsa aqui está super feliz pois minha menina vai chegar de São Paulo. Ele não me chamava de M. e sim ‘minha menina’. Eu fumava escondido na época e ele era uma espécie de cúmplice. Outra coisa que fazíamos juntos era caçar paca eu carregava o embornal. Lembro que quando ele ficou doente, peguei uma ambulância com médico e uti. Foi uma nota, mas nós nos viramos. Papai saiu lá do hospital regional de Pouso Alegre pra uti de choque aqui da Beneficência Portuguesa, pois o Samaritano não tinha vaga na uti. Meu pai durou cinco dias.

Naquela época eu trabalhava com um neurologista no Jabaquara, e ele era da Beneficência. Um dia ele me ligou e falou: ‘Baixinha, vem aqui tomar um café, vamos conversar sobre o teu pai.’ Cheguei lá: ‘Dr. Wanderley, o que aconteceu?’ ‘Baixinha, seu pai é um homem forte pra caramba’. Eu comecei a morrer com a fala dele. ‘Seu pai nunca ficou doente, nunca foi internado. Ele tem um homem forte, musculatura de gente boa’. Também, pedreiro, né? ‘Você vai querer, e vai aguentar ver o seu pai numa cadeira de rodas, encostado num travesseiro, com sonda aqui, sonda ali, olhando pra você meio abobado, um vegetal?’ Começou a morrer a M. – comecei a ficar triste: ‘Mas dr. Wanderley, pelo amor de Deus, a medicina está tão adiantada! ‘Baixinha, o seu pai teve um AVC de tronco. Aqui ele está tomando cinco bombas de insulina pra não coagular! M., seu pai já teve não sei quantas paradas cardíacas! Já pra trazer de lá, o médico pediu pra ambulância parar em plena Fernão Dias, pelo menos três vezes para chocar o teu pai, que parou o coração. (Um breve silêncio). Não seja egoísta! M., pelo amor de Deus. M., te conheço, prestamos curso junto lá para técnico de métodos gráficos da Prefeitura, sei lá. , trabalhamos juntos lá, o que é isto? Pára de ser egoísta! Mas eu precisava ter esta fala com você.’ ‘Sei, tá bom. O meu irmão mais velho não tinha conseguido entrar na UTI. ‘Oh, tem algum irmão que ainda

não viu seu pai?’ ‘Tem, o Z.M.’. ‘Vai lá, chama ele aqui’. Papai apertou a mão do filho quando ele entrou na UTI. Eu fui pra casa, tomei um taxi, porque meu irmão é casado com uma mulher chata. ‘Pode deixar que eu vou de taxi mais tarde, não vou agora. Cheguei em casa meia noite e meia. Só cheguei em casa, tomei um banho, eu já sabia o que eu ia esperar. Tocou o telefone. ‘M., seu papai está passando muito mal’, que é o código pra avisar que morreu. Você pode vir pra cá?’. Tô indo. Peguei um taxi e fui pra lá, cheguei lá e o papai tinha morrido. Foi em 93, 4 de junho de 93.

E pra quem sobrou levar o papai no carro funerário? Até hoje me emociono. Fui no motorista, a M. na frente, ele não encaixou direito o caixão, que fazia vuvuvu, e o conselho dizia ‘segura o caixão, quando dava uma doideira, o papai pode machucar a cabeça. Eu fui segurando o caixão do meu pai até o sítio onde nós morávamos. Chegou lá assim, a estrada era uma fila de carros. O prefeito declarou feriado na cidade, de tão querido que o papai era. Tinha muita gente, não tinha condições. Só passou o carro funerário. A vovó italiana: ‘Meu Deus me leva, e não meu filho, porque ele tem filho pequeno. Então, aquela cena ... Se você quiser minúcias, eu falo, mas aquela cena... Pesou muito, muito muito.

Eu fico pensando assim, eu que fui uma pessoa tão judiada que fui, eu tive tanta chance, que na época você não... Poderia ter feito tanto mais. Por que eu não tenho remorso, a não ser a saudade de papai; eu não tenho remorso da mamãe, um carinho enorme pela mamãe, não tenho amor. Se falar, eu vou estar mentindo.

Sabe? Depois da morte dele cheguei a frequentar a Federação Espírita, e também a Happy Science em Vila Elvira, um grupo doido que fazia a gente doar dinheiro manhã, tarde e noite, um Edir Macedo da vida. Já joguei tudo fora. Você acredita que me deixei ludibriar por quatro anos por esse povo? Fazia serviço voluntário. Um dia eu falei... Eu cuidava da biblioCoord. 1 e tirava todo o lixo da igreja. Eles pagavam em dólar os empregados, mas não me registravam pois alegavam que o que eu fazia não era remunerada. Acabei saindo e nunca mais voltei. Deixei até um livro com uma das monjas lá. Era um livro que eu ganhara do escritor quando escreveu sobre o diretor do sanatório do Paraná que foi meu primeiro emprego depois de me formar. Na época eu ainda era freira. Soube só depois da morte dele com um câncer linfático de pâncreas, uma coisa absurda. Um amigo dele escreveu sobre a vida e obra dele e eu mereci 3 páginas desse livro

Depois da aventura da Happy Science, eu fiquei com a Federação Espírita. Em sessenta anos eu acho que não aprendi tanto quanto com os ensinamentos de Chico Xavier: ‘Não critique a sua colega, ela está no primeiro degrau e você está no décimo primeiro’. Respeitar o crescimento de cada um. Isto não tem preço.

Falando mais de mim, chego na minha formação e no trabalho a que me dediquei mais de 40 anos da minha vida. Sou técnica de enfermagem e instrumentadora cirúrgica. Aí as irmãs, desse hospital onde nasceu meu irmão caçula, resolveram fazer uma ‘caçada às meninas’ pra ir pro convento. Aquelas irmãs, freiras de hábito branquinho eram a expressão do meu desejo. Sabe, eu não olhava a freira, olhava a enfermeira de branco. Uma dela chegou na minha mãe, com aquele monte de filhos e perguntou: “mas e aí, D. Elvira, a senhora não tem uma filha que gostaria de ir pro convento?” “Tem uma aqui que é diferente de todas. Com quatro anos aprendeu a andar a cavalo, ganhou um cavalo da avó...

Com a autorização da minha mãe, a freira foi conversar comigo e eu disse “Madre, eu quero ser enfermeira”. Eu tinha doze anos, nem menstruação tinha ainda. A madre falou “bom, no convento tem enfermagem” e, na minha cabeça’, deve ter pensado ‘eu levo esta menina e ela vira freira’. Minha mãe arrumou a malinha, colocou os panos de bunda da Marininha numa mochila e fomos embora pra Estiva. Do sítio até Estiva 4 km. Foi a maior cisão que fiz na minha vida, chorei 9 anos no convento, de saudades de mamãe das irmãs. E lá não tinha dúvida, M., não sei o quê, fui fazer curso de auxiliar de enfermagem. Porque é o que tinha naquela época. Fui a melhor do curso, tirei 10 em todas as matérias, em todo o estágio. Marininha ganhou até um prêmio de formatura, sobrevoar com o piloto Curitiba de helicóptero.

Conheci outras cidades do Paraná, além de Londrina, onde era o convento. De Londrina fui para a escola Santa Catarina Labouré em Curitiba. Uma escola francesa em Curitiba. Mandaram a gente pra lá. Mandaram uma madre, a M. e mais duas irmãs para estudar enfermagem. Tirei dez o curso inteiro e uma das freiras se ressentiu porque eu tinha melhores notas do que ela. Paralelo ao curso de enfermagem, fui

que a escola entregou? Trezentos mil carimbos, registrado em Brasília. Aí a irmã M. T. fez uma carta, você não pode calcular. Com esta carta e uma declaração do sanatório, professor G.av e fui para o Samaritano. Sem diploma, Tirei o Rg. E trabalhei um ano e meio até eu conseguir. E aí entrei com advogado e elas tiveram que mandar o meu diploma.

Trabalhei no Samaritano, de 1969 até 1975, quando casei, a contragosto, não queria casar. Chorei o dia todo do meu casamento. Choveu e eu chorava. Casei, não tive filhos. Depois descobri que o meu marido era estéril, mas não me contou. Antes de casar. Disse que teve uma infecção. Eu queria filhos. Tinha uns espermatozoides mancos que não tinham força pra penetrar no óvulo. Aí fiquei 5 anos casada, seis anos. Desquitei, não segurei porque ele arranhou outra, uma amiga. Sabe. eu peguei os dois em casa, transando no quarto de hóspedes. Foi uma tragédia. Aí entrei na terapia. Fiquei piradinha, porque aí, de repente, acho que não era nem amor o que eu tinha pelo P.. Eu era sozinha aqui em São Paulo. Meu irmão, aquele que era ex-seminarista também já morava aqui, mas playboy – cabelo comprido, saindo com as gatinhas, você acha que queria a irmã perto?

O Samaritano cedia residência dentro do complexo para quem era formado. Não tinha problema de aluguel, nada. Morava lá dentro – tinha um quarto com cortina de organza, aquelas coisas bonitas coisa de inglês também. Morei lá até casar. Descasei, passei em primeiro lugar em um concurso na prefeitura e comecei a trabalhar nos dois lugares. Aí conheci um moço na Prefeitura – foi o grande amor da minha vida, o segundo grande amor. Porque eu já gostava muito de um médico do Samaritano. Mas assim, imagina você, quando saí do convento: virgem, tonta, nunca tinha pego na mão de um homem a não ser pra virar para dar um banho, fazer um procedimento. Aí um dia, eu como instrumentadora, morava lá com a condição de estar a postos se surgisse uma cirurgia de urgência: ‘chama a M.’, duas horas da manhã, cinco horas da manhã. Sabe, naquela época, já trabalhava em recuperação cardíaca, porque nem uti o Samaritano tinha na época.

Falando do amor na minha vida, o médico do Samaritano ficou só no platônico. Não foi o mesmo em relação ao rapaz da prefeitura, 1,92m, administrador hospitalar. Ele chegou e falou ‘eu quero casar com você’. Imagina! Fui fazer terapia quase quatro anos de terapia. Foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida pra mim. É o maior investimento. Falo pras pessoas que você muda com a terapia. Namorei esse F. por dezessete anos, não casei com ele. No dia que fiz uma proposta pra ele – ele morava no Ipiranga, nem sei se ele ainda mora lá, e eu em Santa Cecília. Olha, você tem seu apartamento no Ipiranga e eu aqui em Santa Cecília. Passo um final de semana com você e você passa um final de semana aqui, os dois trabalhando, mas eu não quero casar.

Chegou o réveillon, seria o primeiro réveillon que passaria com ele, porque ele tinha uma mãe com câncer de mama e não tinha pai e acabava sempre passando com ela. Eu quis caprichar e botei uma mesa que você não tem noção. ‘O que você quer que você traga?’ ‘Quero que você traga vinho e frutas’. Ele trouxe tudo importado. Eu todo de branco, vestido lindo. Quando começamos a comer, olha o que eu passei e tive que ouvir: ‘M., sabe onde eu queria estar agora?’ Ué não era comigo aqui? Moro no 12º andar de um prédio em Santa Cecília que eu avisto a avenida Paulista. Então eu estava assistindo os fogos de lá. Como eu faço quando passo lá. ‘Eu gostaria de estar em Bauru, com a minha irmã. Eu não queria estar aqui.’ Foi um choque. Abri a porta e disse: ‘por favor’. Eu já tinha terminado a terapia. Continuei empoderada. ‘Não, o que é isto, foi um pensamento infeliz que tive’. ‘Doutor F., pode ir embora’. Não teve noite de réveillon, ele não foi embora, ele deitou e eu fiquei vendo os fogos. E aí tirei toda a maquiagem, não jantei, a coisa não descia, ficou ruim. De manhã eu falei que a se ele quisesse café, a padaria era virando a esquina porque eu vou andar, eu vou dar uma saída e eu gostaria que você saísse porque eu não vou deixar a chave aqui. Ele não falou um A. Engraçado, não é? Queria casar comigo, mas nunca quis conhecer a minha família, não quis conhecer ninguém em dezessete anos. Não era casamento coisa nenhuma. Foi embora.

Foi naquela época que eu comprei um apartamento, onde moro até hoje. Eu tenho umas amigas do Samaritano que pediram para eu fazer uma noite da esfíha em casa para inaugurar o apartamento e foi o que eu fiz. A pessoa desligou. Eu não podia imaginar que era F depois de cinco anos do réveillon fatídico. O telefone tocou de novo de madrugada, às duas e meia da manhã e aí eu estava só. Ele já começou tomado satisfações e criticando eu ter recebido homens na minha casa. Naquela hora não

aguentei e respondi que não devia nenhuma satisfação e que tinha me tornado uma pessoa forte. Ele propôs um café lá no Floresta, no edifício Copan, nosso ponto de encontro. Lá ele comentou que eu estava diferente e eu respondi que consegui vê-lo do jeito que ele era e que a imagem que eu tinha dele antes era de um cristal e agora de um cristal quebrado. Eu descobrira que era uma pessoa muito melhor do que ele. E deixei ele lá sem ter nem tocado no café. Reconheço que ele era uma pessoa muito inteligente, que me ensinou bastante, mas que não foi capaz de envolvimento. Anos depois voltei a cruzar com na escada rolante da São Bento, mas não nos olhamos e nunca mais o vi. Não o esqueci.

Teve também um médico que se interessou por mim, mas eu não consegui acreditar que ele me amava. Sabe, não acreditava que um médico poderia se interessar por mim, pois sou da roça. Um dia ele me escreveu uma longa carta dizendo o que sentia e como eu era uma pessoa que sabia escutar. ele estava se sentindo no fundo do poço e ele gritava pra todo mundo que passava e ninguém dava a mão. E de repente M. estava passando, desceu no poço, e pegou e tirou ele de lá. Somos amigos até hoje.

Me aposentei da prefeitura, pedi uma aposentadoria proporcional porque eu não queria cruzar com ele. Fui trabalhar no ambulatório da Receita Federal como contratada. Trabalhei 15 anos lá e aí já tinha tempo de sobra no INSS para pedir uma aposentadoria e foi o que fiz com 60 anos. Aí quando entrou o Lula, acho que foi a segunda gestão do Lula, apareceram dois enfermeiros concursados, mas daonde? – um para ficar na filial onde eu trabalhava, no Serpro, que é da Receita, e outra menina que ficava na matriz, que é em Santo Amaro e aí me mandaram embora. Foi para colocar o pessoal dele.

Não parei de trabalhar. Eu tinha concurso na CPTM como técnica do trabalho e fui chamada um dia antes da validade do concurso vencer. Trabalhava feito uma cavala, cuidava de 2800 empregados, eu e uma médica. E tinha onze chefes! A chefona era tipo carne de peixe, unha encravada e aí decidi pedir demissão pra poder viajar e estudar, coisa que gosto muito. Recebi uns precatórios e aproveitei para viajar. Trabalhava feito uma cavala, cuidava de 2800 empregados, eu e uma médica. E tinha onze chefes. Junto com meus amigos da Receita fui para uns 25 países. Eles sempre me chamavam, acho que eu era boa companhia. Depois disso eu não voltei a trabalhar. Foram mais de 40 anos de dedicação.

Falando da minha participação na UAPI, fui fazer curso na Escola Paulista de Medicina em 2016. Entrei na Faculdade da Terceira Idade. Fiz um milhão de amigos, já fui para a Europa com a Ramona e com a Alice. Já viajamos muito e somos muito amigas. Sou muito amiga da Ramona, acho que tenho um casamento de alma com ela. Eu também me entrosei muito bem com a coordenadora. Estou feliz da vida, adoro o que faço e estar lá com este grupo- é muito bom. Só que tem gente lá que não se interessa e até reclama de ler. Quando escutei isto, me doeu a coronária. Gente, o que eu aprendi: discussão de texto, interpretação, o que você entendeu disto, o que você aplica. Tanta coisa que vocês nos ensinaram. Tem gente que não abre, né?

Durante o ano passado eu bati numa tecla – queria muito atividade física para o idoso. Sou idosa. Depois que aprendi a fumar, o médico me ensinou a fumar, um imbecil. Tirou até um pulmão com um tumor deste tamanho, não era câncer e está vivo. Aí parei há 15 anos de fumar e troquei o cigarro por esporte. Eu sempre falei pra C: ‘mas por que não tem alguma coisa de esporte, alguma coisa que faça com que o idosos ande?’ Pra ele levantar os olhos e ver que o dia não é só o chão. Tem que olhar também pra não cair no buraco, mas olha pra ver aquela árvore toda florida, que coisa mais linda! É passarinho, é uma folha que cai em cima de você. Será que você não consegue olhar? Sai de casa, para com a televisão. Eu tenho uma mãe que diz assim: ‘vocês querem me matar? Me põe sentado num sofá e põe um controle na mão. A mãe de vocês morre em dois dias’. Eu quero sair, eu quero ar, eu quero ver passarinho, quero ver folha, flores, sei lá, qualquer coisa. Aí fiquei feliz porque entrou muita atividade. A terceira idade e a Uati estão.

O Laboratório de Leitura foi muito impactante pra mim. Posso fazer um comentário dele? *O Doente imaginário* pra mim é exatamente o que acontecia lá em Minas Gerais. Famílias tradicionais. E eu pego pra ler o livro que você mandou ler, li indo pra Minas e depois voltando. Li duas talvez meu avô. Aí eu pego o livro que você mandou ler, e leio na ida e depois na volta de Minas. E aquilo acontecia, aconteceu com a minha mãe. Não podia nem olhar. Nós éramos preparadas para casar com quem nossos avós, nossos pais queriam. Pera um pouquinho, eu quero ter alguma vantagem em fazer você casar com um

médico. Putz, que insight, que coisa linda vivenciar isto. Minha mãe fala isto até hoje. Mas se eu não tivesse tido a oportunidade que eu tive de tê-la como professora, como é que eu ia aprender? É por isso que falo ‘gente, pelo amor de Deus, a vida não é só barzinho. Igual na faculdade, ah aquela aula é chata, discussão do livro de novo? Ah não vou. Não quer. Então vou até fazer um abaixo assinado pra Claudia, de você não ir embora.

Mas tem gente que não se permite mergulhar. Dá vontade de dizer: ‘Abre a janela pra você ver que tem um sol ali’. Não, deixa assim, não mexe, comodismo. Esta foi a classificação que eu fiz do grupo. Eu abri a janela porque eu sabia que tinha algo lá fora, mas não sabia que era tão lindo. Vocês pra mim são o sol. Me ajudou muito.

Sobre o laboratório, crítica eu não tenho, porque algo que fez tão bem pra mim eu não posso criticar. Só um elogio, que é o que eu vou fazer pra Claudia. Eu não sei, eu queria buscar ainda mais. Alguma coisa pra tentar melhorar a cabeça. EU falo pro povo, eu estou fazendo inglês porque quem sabe fazendo uma língua. Ah mas é difícil. Estou aqui pra desbravar. Enquanto dá, porque de repente você está numa cadeira de rodas, que é o que é natural no envelhecimento e você vai querer vir pra Unifesp e não vai conseguir. Então, faça hoje. Fazer um pouco, não fazer diferente para o outro, faça para você. Para você ver o tamanho da satisfação, que é o que eu tenho. Ah você Marina gosta de tudo, você não critica nada. Mas está fazendo bem, caramba. Eu sempre gostei de ler. Esta coisa de celular não é comigo – Facebook. Eu abro meu notebook, aliás ele quebrou, graças a Deus, eu derrubei e preciso comprar outro. Mas eu abro e coloco lá – Grécia, deixa eu ler os pensadores gregos lá trás. Olha o que eu leio na internet. Não é pra jogar. Você abaixou joguinho, quero matar um povo deste. Mas isto não dá pra conversar. Sabe o que o pessoal acha, pra mim dez, o pessoal não quer pensar. Aquela turma lá não... você pode pegar assim (sinal de um montinho).

Então o pessoal se acomodou. Quando a C. chamou umas oito pessoas pra fazer parte da tese dela sobre a sexualidade na velhice. E não foi a primeira. Aí, uma pessoa que está lá disse: ‘eu não preciso nada disto. Eu estou bem deste jeito, eu não quero saber se tenho emoções. A M. chegou aqui e disse que se masturba. É louca. Como é que você faz uma coisa desta, arruma um namorado. É pecado? Passei a entender que quando a coordenadora do Laboratório de Leitura começa, lá na sala, dizendo: ‘mas você não aplica isto?’ Uma pessoa lá sentada e falou isto para a C. não entendeu nada.

Então ela não se permite. Ela alega: ‘não, eu tive meus filhos, eu não quero saber, nunca mais nem olhei. Imagine se vou me tocar. M. diz que se toca, o que é isto? Não, eu acho isto uma sujeira.’ Porque cada um fala o que quer lá. Escutei, entrou aqui, saiu aqui. O que o pessoal não entendeu do grupo do Laboratório, segundo a minha análise, que é muito pequenininha, vocês chegaram, no ápice de uma boa leitura, bom entendimento, de um bom esclarecimento, e eles não tem nada, não se permitem a nada. Fica difícil entender o que vocês trouxeram. E não é fator idade. Porque você aquele senhorzinho que senta do meu lado? Ele tem 86 anos. EU não acreditei. Olha as colocações belíssimas dele. Eu falei que vou querer sempre sentar do lado dele. E, de repente, botar uma flor na terra e não regar, amiga, o que você vai poder colher amanhã?

TRANSCRIÇÃO II – Estela, 2020

Eu já contei minha história em 2017 e agora vou falar o que aconteceu em 2020 com a experiência do Laboratório de Leitura durante a pandemia.

A pandemia no início me deixou muito mal. Me deixou hipertensa, me isolou de família, e sou muito ligada à família, me isolou de amigos, me isolou de rua, porque eu sou muito rueira. E eu quero ser um beija-flor. Eu quero sair, eu quero caminhar, quero sair com amigos, muitos amigos. Eu tenho facilidade de fazer amizade, e mantê-los é muito fácil. Sou uma pessoa alegre e muito feliz de ser Marina. Então, aí veio a pandemia. Fiquei doente e entrei em começo de depressão. Eu tenho impressão que eu já tinha tido uma depressão antes.

Da outra vez, a minha depressão foi pós desquite, o meu divórcio. E olha que logo depois do divórcio encontrei um colega de trabalho, com quem eu trabalhava na prefeitura, ainda na época, e no Hospital

Samaritano, ele queria casar com a M. e a M. tinha acabado de divorciar. “Você está louco? O que é isso?” E tinha um outro moço no meu pé, que também queria casamento! Em contrapartida, meu ex-marido ficava marcando no meu trabalho. Se eu ia para o Samaritano, ele ia pra lá, se ia pra prefeitura, ele também aparecia. A tal ponto que o meu irmão, que mora aqui em São Paulo, ele solicitou a um amigo na Federal que me orientasse. Ele estava me ameaçando! E quando eu me divorciei, saí do meu apartamento. E tudo era no meu nome. Eu não confiava mais nele. Eu alugava um apartamento para morar, ele alugava o de cima! E eu chegava em casa depois do serviço e tinha que chamar um chaveiro porque enfiava palito na fechadura e eu não entrava, ficava no corredor! Eu fui pra terapia.

De uma certa forma, o que senti durante a pandemia teve uma correlação com o período depressivo da época do divórcio. É difícil ficar isolada, porque eu sou muito gente, do exterior, também. Isto faz parte da minha vida - sair, conversar, uma hora gostosa. Vamos comer uma pizza? Vamos lá na Paulista. Eu moro em Santa Cecília, e eu saía de Santa Cecília até o Parque Ibirapuera, para caminhar, ver o verde, ver crianças.

Não bastasse, eu fiquei muito doente, tive um comecinho de sangramento retal, e sangrei por 90 dias. Eu não pude fazer um exame porque o meu convênio, ninguém me aceitava por conta da pandemia. Eu não podia fazer uma colonoscopia, um exame mais específico, porque estava no auge da pandemia. Nem com sangramento eu consegui. Depois de dois meses eu fui num proctologista particular e ele me deu o pedido e falou: “você vai fazer e se eles se recusarem, você vai me ligar, porque eu vou discutir com eles. Ele observou que o meu sangramento é só na primeira evacuação da manhã. Aí ele falou pra voltar a caminhar e não correr o risco de ter uma depressão. Porque eu sempre fiz muito esporte. Há vinte anos eu parei de fumar e faço esporte. Eu já estou no limite da depressão, eu falei pra ele. Isso não combina com você. Disse que eu era a sua referência de alegria, de alto astral, de gente feliz. Ai meu Deus, até o meu cardiologista, que me conhece há 49 anos não vai ficar do meu lado. Mas ele quis me alertar, né? E aí foi o meu resgate. Aí eu consegui fazer a colonoscopia. Aí consegui marcar uma presencial, e eu estou ótima. Parou de sangrar. A própria médica fez no consultório resolveu. Hoje eu sei que o sangramento foi uma somatização. Um tormento pela abstenção da família.

Eu fui obrigada a aprender a cozinhar, eu nunca gostei de cozinhar, mas tive que aprender, porque não podia pedir comida todo dia. Aí eu fui me soltando. Uma amiga que eu faço também terapia de florais há muitos anos, me mandou um floral aqui pra casa. Foi um pulsar e pronto. Voltei a caminhar, tomando floral, fazendo comidinha. Aquela que queria grudar, chamada depressão, foi embora - Xô xô xô xô.

Você pode não acreditar. Olha como como a Marina é doída. A coisa da inércia, chamei a minha faxineira que eu paguei seis meses para ela ficar na casa dela. Falei pra ela ir ao banco e sacar, porque não era pra vir na minha casa. Me senti fortalecida, caminhando, tomando floral, com comidinha bem saudável, resolvi reformar este apartamento. minha cozinha. Rindo muito me diz: “Você não tem noção, porque eu comprei este apartamento há vinte de dois anos, mas nunca gostei dele. Quarto com madeira escura, pesada, aquela cama embutida naquele armário escuro, sem um criado mudo, uma colcha na cama. Metade da cama embutida no armário. Parecia um caixão.

Olha só como a Providência Divina funciona. A minha faxineira, foi ela que pintou este apartamento duas vezes. Quando eu tive que trocar o chuveiro, foi ela que trocou. Aqueles problemas de vazamento, porta, aqui está tudo certinho. Eu falei com a Maria: “Maria, estou pensando em reformar o apartamento. Você não quer vir fazer a reforma pra mim? Ela falou: “Tô indo quando você marcar”. Você vai na Telhanorte comigo? Primeiro eu ia reformar só o banheiro e o quarto. Resolvi reformar tudo. Se você vê, o banheiro, arranquei tudo. Chamei um moço pra quebrar tudo – pia, gabinete, tudo. Se você ver como ficou lindo esse quarto e o banheiro! Se não bastasse, a ariana aqui resolveu entrar na cozinha e meter o machado. A única coisa que eu não tirei da cozinha foi o gabinete. Porque é madeira muito boa. Pintei de branco e preto, ficou lindo. Agora comprar um armário que preciso, um gabinete., um armariozinho que eu já comprei pra aqui. no sábado nós vamos emaciar a cozinha. As coisas, os eletrodomésticos, troquei tudo. Olha as coisas que eu fiz durante a pandemia!

Quanto à Uapi, no início eu achei um horror. E eu ia voltar na Uapi terça e quinta. Mas não é por isso. Sou muito de afago, de apertar, eu sou do abraço. Só fazendo um parêntese, na época que eu fui trabalhar

por concurso público com técnica de enfermagem do trabalho na CPTM. Eu cheguei em uma empresa chamada CPTM que tinha, só aonde eu estava, vinte e cinco mil funcionários. Ninguém dava um abraço. Adivinha o que a M. fez dentro do ambulatório médico? Os caras com aqueles macacões, que mexem nos trilhos, eu pedia um abraço. “Eu não posso te abraçar como enfermeira”. Então eu, M. ensinei aquele pessoal a abraçar. Então sou muito isto. Acho que é do signo, eu não sei o que é isto.

Então, eu perdi isto na Uapi durante a pandemia e isto me cortou os pés. Eu já não tinha a família, eu já não tinha o sair para conviver com toda esta natureza que eu amo de paixão. Eu nasci numa roça, né professora. Então aquilo eu absorvi de um jeito um irmão mesmo que nunca gostou, que tem horror de ter nascido lá. Eu? Imagina, o que é isto? Então tudo isto me fez ficar um pouco brava com a Uapi. Eu falei, eu não vou mais fazer a Uapi, eu vou parar. Porque o zoom não tem nada a ver comigo. Não sou contra a tecnologia, pelo amor de Deus. Não. Porque é fria, esta coisa distante. A proximidade é fundamental. Eu acho que isso me fez muito pensar se eu ia continuar. E aí todo mundo começou a perguntar: M., onde você está? M., eu não te vi hoje, M.. Então, eu acho que isto é um chamado. Eu mudei a minha postura. E aí voltei para a Uapi. E olha só pra você ver o que vou falar agora: A Uapi foi uma terapia pra mim duas vezes por semana. Foi o retomar de tudo o que eu tinha perdido por causa da pandemia. Era riso, era fala, as professoras que são encantadoras. Todo mundo me perguntava ‘como você conhece a professora; de onde?’ Eu falei: ‘gente: vocês perderam a melhor fase que eu tive na Uapi com a professora As pessoas me ligavam pra saber de onde eu conhecia você. ‘Da Uapi, da Uapi. E ela é uma excelente professora doutora psicóloga. Se você conhecer alguém, pode indicar no meu nome’. Professora, eu não te conheço, mas quem me indicou foi a Marina, sua amiga. É isso.

A Uapi foi pra mim uma das maiores alavancas que eu tive na vida. Quando eu saí da CPTM, meu último trabalho, meu último concurso público. Eu tinha mania de prestar concurso, sabe professora, concursos foram uns oito. Passei em primeiro lugar na prefeitura e em outros. Eu estava na CPTM e comecei a me questionar. E tinha acabado de sair da Receita Federal onde eu trabalhei dezesseis anos no ambulatório médico como técnica de enfermagem do trabalho. O pessoal da Receita Federal falou comigo: ‘Marina você não quer viajar com a gente? Nas férias’. Nas férias tudo bem. Fui viajar para a Turquia, já fui para a Itália, já fui para a Áustria, já fui para a Alemanha, Garmisch-Parkenkirchen, um lugar que eu amei. Levei um ano para aprender a falar Garmish Parkenkirchen. Voltei da Turquia e o pessoal falou: “Marininha, já está marcado para setembro viagem para esse, esse e esse países e você vai conosco.

Pedi demissão do serviço e quase me afundei em depressão de novo porque parei de trabalhar. Eu trabalhei quase 50 anos. Tive recaída. O dia que eu tive uma promoção, eu pedi demissão. Eu fui promovida! Imagine que, após o meu expediente, eu fui no escritório central pra falar com a Superintendente. Ela falou: ‘mas Marininha, você acabou de ser promovida! O governador reduziu a sua carga horário para seis horas, e você teve 40% de aumento. Falei pra ela, professora, ‘eu vou embora, porque eu quero um tempo pra mim’. Eu quero me dar este presente. Falei para a superintendente que era uma pessoa muito aloprada que eu fiz três anos e meio de terapia, o único presente que, até hoje, eu dei pra mim. E agora vai ser o segundo presente - parar de trabalhar. Além disso tem os mais novos, porque já tô velha; quero fazer o que eu amo, que é estudar. E não é que eu consegui fazer isto? Eu consegui entrar na Uapi, eu fiz um ano de Usp - a literatura de cordel – além do que eu fiz na vida. E aí eu já tinha feito uma consulta na Unifesp, estive na Puc pra fazer a Universidade da Terceira Idade. Aí então a Cláudia, a secretária da Cláudia, me chamou. Aí então estou lá há cinco anos e não saio de lá. Só se o reitor obrigar a Cláudia a me expulsar.

Uma coisa que eu vou contar para vocês. Eu estou há nove meses sem ver a minha mãe, sem ver família nenhuma. Eu virei confidente dela até ele ter Alzheimer; aí não sabe quem é a Marina, nem qualquer um dos dez filhos. Só que minha ligação maior era com o papai; ele era tudo na minha vida, mas ele fez o favor de ir embora aos sessenta e sete anos! Eu já perdoei. A minha mãe agora mora com minha irmã numa cidade linda chamada Bom Repouso e que fica no topo de uma serra. Lá um clima maravilhoso, super frio, mais frio que Campos do Jordão. E a gente mantém duas cuidadoras, mais a minha irmã e tudo o que a minha mãe precisa, a gente banca. Fica faltando o abraço, o carinho, o beijo, aquelas coisas que fazem falta. Hoje não faz tanto. Mas tem uma pendência que está pesando demais; acho até que foi

a causa do meu sangramento. A minha família me cobra permanentemente para ir lá e ficar um pouco com a mamãe, porque sou aposentada, viúva, sem filhos. A mamãe, desde que ela saiu do sítio, eu ia e ficava um pouco com ela. Mesmo quando ela precisou de cuidadora, eu ficava 6^a, sab, dom e até 2^a. Cada 15 dias eu fazia isto. Fazia tudo o que era preciso – pagava faxineira pra me ajudar. Minhas irmãs também cuidam muito dela. E aí quando a mamãe foi morar com essa minha irmã, a minha irmã a levou pra morar com ela sem consultar filho nenhum. Ela colocou no carro, aliás no caminhão do marido dela, e levou pra casa dela. Aí já foi entrando com escala para cuidadora, piorando sensível, visivelmente...

Minha mãe teve duas mudanças depois de casada: saiu do sítio onde viveu setenta anos, foi para Pouso Alegre. E saiu de Pouso Alegre para Bom Repouso. Eu não posso ir pra lá pra cuidar. Eu sou a terceira filha, e a irmã que a levou é a sétima. Sétima ou sexta. A Marina é aposentada, A Marina é viúva, porque o meu ex-marido morreu, sem filhos. Elas jogam na minha cara que eu moro em São Paulo sozinha. Fui cobrada direto na pandemia. Eu estive na mamãe no dia onze de março do ano passado quando ela teve uma queda da própria altura. O que a Marina fez? Pegou uma roupa, pôs na mochila e fui direto para Porto Alegre visita-la. Mas não fui mais na pandemia, disse que só iria depois da segunda dose da vacina. Eu chorei nesta casa. Você entende por que eu fiz a reforma?

Mas eu continuo, dei uma guinada mudou muito a minha cabeça e eu comecei a fazer mais meditação. Mudou muito a minha cabeça. Então, professora, esta pandemia me fez me distanciar um pouco sentimentalmente. Pra você eu tenho que falar, sentimentalmente eu me distanciei da minha mãe. Entreguei a mamãe nas mãos de Nossa Senhora pra que Deus faça o melhor pra ela. Porque a mamãe não está vivendo, ela está vegetando. Não fala mais, ela não abraça ninguém. Ela fala: ‘quem é? Uma judiação! Mas meus irmãos não pensam como eu.

Chega de falar da minha vida. Volto a falar do Laboratório de Leitura. Eu amo o laboratório de leitura. Fiquei apaixonada pelo que foi apresentado, porque eu não era muito de leitura. Eu não sou muito constante – quero algo e depois não quero mais. Eu sou muito inconstante. É um grave defeito de Estelinha. Eu quero porque quero e quando consigo, aí não quero: mais. Acho isto horrível. Mas no Laboratório de Leitura, o que foi para mim é que eu pego um livro, leio no mínimo duas vezes o livro. Na primeira eu não entendo nada. Na segunda, opa, eu vou anotar. O melhor que isto, no laboratório, é que a Estela tem uma opinião do texto, a Raissa tem outra, a Clara outra. E tá tudo certo! Esta foi a beleza do laboratório. Porque eu participei no laboratório. Entendeu? E foi muito estimulante. Hoje em dia, até a conta de energia caiu. Eu penso acho que o cara olhou errado no laboratório. daqui para a frente. Porque é raro eu ligar a televisão. O livro foi uma indicação beleza. Aqui tem 3-4 livros. Olha os dois últimos livros que eu estou lendo – *Porque nós dormimos* e *O ponto de virada*. Eu leio devagar. Eu leio, marco com marca texto, eu leio interpretando, agora..

Do livro *Jesus, o maior de todos eles*, de um jornalista da Globo na época, chamado Rodrigo Alvarez foi lá na livraria Cultura. Fique quatro horas em pé. para ele autografar o livro. Uma coisa de tiete. Eu li até a página cento e setenta em quatro horas ali de pé. Quando eu cheguei na frente, eu falei assim pra ele: ‘O Alvarez’; eu tenho mania de chamar pelo sobrenome. Enquanto esperava na fila, eu li cento e setenta páginas. Sabe o que ele falou pra mim? ‘O Borges’, assim, educadamente, leia mais devagar, não tenha pressa. Eu falei, é isto aí. Nas histórias de leitura eu vou escrever um depoimento no fim do ano e vou mandar no particular da coordenadora, se ela quiser publicar, o problema é dela.

Olha só. Em 2017 quando você esteve na Uapi, presencialmente, olha que maravilhoso que foi. Quanta contribuição você levou. E olha agora o pessoal encantado com você; ‘professora eu vi isto, eu enxerguei isto’. Olha que isso não tem não tem preço.

Para fechar, e falando das duas maneiras do laboratório – a presencial e a virtual - eu ainda prefiro o presencial. Pra mim faz toda a diferença. Tem pessoas que ‘ah eu fico em casa, é mais tranquilo’. Parece que aquela rampa da Uapi. Era difícil pra muita gente subir, eu dou meu braço pra muita gente subir porque não consegue. Eu acho que quebrou aquela troca de calor humano. Então, por exemplo, quando em uma aula tem uma colega que começa a chorar, se eu estivesse lá, eu estaria dando um abraço, dizendo pra ela ‘você não está sozinha, eu já passei por isso, não quero que você fica assim’. Eu já passei por isto. Mas quando você está entre isto ou nada, virtual ou nada, é melhor virtual. Eu até gostaria que

tivesse mais um dia, eu já pus isto pra fora. Tem aquele dia que você está ocupadíssima. Até antes da pandemia, a coordenadora me chamou pra fazer um voluntariado. Eu falei:, eu venho com o maior amor do mundo, eu trago lanchinho, eu venho fazer alguma coisa, porque você precisa, eu gostaria que você abrisse mais um dia.

FIM DA ENTREVISTA

TRANSCRIÇÃO Julio 2017

Pediram que eu falasse de mim e vou começar pela criança que fui. Família classe média, boa formação, princípios morais, etc. Meu pai era fotógrafo profissional, minha mãe dona de casa. Lia muito, meu pai gostava de música, na juventude tinha sido pé de valsa. Tinha bailinho na minha casa, meus pais dançavam também. Bailinho de garagem. Então minha infância foi normal, grupo escolar, que eu reverencio até hoje. Acabei entrando atrasado porque peguei a gripe asiática e aquilo chegava até matar. Só fui em abril, embora as aulas tenham começado em fevereiro.

Minha professora do 1º ano era dona Ana Maria. Quando eu fui me apresentar disse 'agora você está atrasado'. E durante alguns meses, embaixo de uma escada, no grupo escolar Pereira Barreto, a dona Ana Maria me ensinava até eu chegar junto com os outros alunos. Isto me fez reverenciar os professores a vida inteira. Fui fazer a primeira comunhão como toda a minha família. Fiz 1ª comunhão e virei assistente do dr. José, que era nosso orientador. Depois eu fui para a Cruzada Eucarística Infantil e no 1º Congresso Eucarístico do Brasil eu tive a honra de carregar a bandeira. Ainda dou risada do tombo que levei em plena praça da Sé; estava um vento muito forte e eu não conseguia segurar aquela bandeira. Mas foram coisas marcantes para mim.

Eu era um bom menininho. A professora Zulma tinha a me ensinando piano. Na minha casa, a cultura musical era um negócio esquisito - meu pai conseguia gostar de ópera e de jazz, a minha irmã mais velha gostava de bolero, coisas da época, a minha irmã mais nova, acima de mim, gostava de música erudita. Minha mãe ouvia Sarita Campos, rádio São Paulo, as novelas, aquela coisa. Eu acho que fui muito influenciado em música por tudo isto, por essa diversidade. Em casa cada um era cada um. Assim, eu aprendi a conviver com estas coisas diferentes. Eu gostava de música, ia pra igreja e tinha o órgão da igreja. Escutava música clássica. Ia para a escola da profa. Zulma e ia tocar piano, tinha que tocar o que ela mandava, mas eu queria tocar jazz. Eu estava sempre insatisfeito e testando as coisas que eu via.

Rompi com a igreja porque um padre mandou me seguir pra saber o que eu fazia quando eu saía de lá, com as meninas com quem eu saía. Achei isto uma afronta, e isto me fez romper. E olha que eu só tinha 12 anos. Rompi, não venho mais aqui, porque eu ia, participava, dava aula de catecismo, conhecia, estudava. Eu fazia tudo o que um bom cristão fazia, mas esta atitude dele, do homem, matou minha ligação. Fui me reconciliar com a Igreja só em adulto.

Aí chegou uma fase que eu quis me distanciar da minha família, e eu só tinha 13 anos. Então, como eu ia pro colégio à tarde, eu não podia trabalhar. Então eu fiz a minha matrícula num colégio estadual à noite, pra poder ir trabalhar. E comecei a trabalhar no Correio Paulistano, que era o primeiro jornal de SP e foi um dos órgãos da República.

Eu morava lá no Alto da Lapa e tinha a minha turminha ali dos garotos. Como vizinhos tínhamos dois irmãos e duas irmãs - o Sebastião Pagano, seu irmão e as duas irmãs. Ele era chamado conde Sebastião Pagano, era uma figura intelectual. Era de uma cultura imensa; sabe daqueles homens que estão há quilômetros além da gente. E na frente da casa dele a gente passava e ficava conversando. Foi na época que abriram uma biblioCoord. 1 na frente da minha casa, aí, ao invés de ficar jogando futebol, eu ficava na biblioCoord. 1. Descobri na biblioCoord. 1 um livro do Rocha Pombo, um historiador brasileiro sempre muito mordaz, muito crítico. Um dia conversando com o Sebastião Pagano, o doutor Sebastião Pagano comentei sobre isso, ficamos bem, aquela atenção especial. Um dia, quando eu estava lá no jornal, ainda menino, quem entra lá? O Conde Sebastião Pagano. Ele passava as tardes de determinados dias da semana sentado na sala do João

Escatemburgo, eu sentado numa cadeirinha ao lado. Ele me ensinou história [risos] O ciclo se fechava novamente. É por isto que fui fazer História com sessenta anos. Aquilo me marcou

Lembro também da época em que eu já estava no colegial. Optei por fazer Humanas, fui fazer clássico. Aí está um negócio da teimosia. Fiz, me formei e aí falei, 'vou dar um tempo pra mim'. E quando eu fui no Colégio do Estado muito bacana, onde eu ajudava a secretária a passar as notas nas cadernetas; reconheço que eu era um 'puta' de um puxa saco. Eu gostava de trabalhar lá, fazer, participar. E aí a secretária falou: 'você não está precisando descansar nada, está na vagabundagem, de não fazer nada porque 'você não é capaz de entrar na faculdade'. Foi o que bastou pra eu botar um professor de matemática, pois eu não conhecia matemática, não fiz científico e assim entrei na faculdade de economia.

Consegui passando no vestibular escrita e oral. Quando eu vou fazer o exame oral de história eu vi na banca um senhor que eu conhecia: 'Você por aqui, menino? Rindo comenta: Conde Sebastião Pagano. Acho gozado, este cara vai e volta. Teve uma situação, um japonês, eu já estava namorando a minha esposa, ela estava esperando no sábado, e tinha um japonês na frente e entrando de três em três lá aquela coisa toda e aí falou 'fica aí'. Eu já estava cansado. E aí sorteava ponto, e tinha o japonês pra responder. E aí ele olhou, ficava mais alto e tinham dois outros professores: 'número tal' - era um negócio de tombo - História do Brasil, ele devia saber o que eu aguentava. 'Quem descobriu o Brasil?' e aí o japonês: Pedro Álvares Cabral'. 'Como é que ele descobriu o Brasil?' 'Com as caravelas.' 'Quantas caravelas ele trouxe?' 'três'. 'Por acaso você saberia o nome dessas três caravelas?' Japonês: 'sim, Santa Maria Pinta e Nina'. 'Muito bem. 'Por acaso', ele era bem formal e sarcástico, 'Por acaso essas três caravelas não pertenceriam a Colombo? O japonês falou assim: 'Isto é verdade, mas quem disse que o Colombo não emprestou as caravelas para o Cabral? Olha, moço, sou da História e coisíssima nenhuma. Mas eu só era inteligente, e ele fazia discurso. E o Brasil precisa mais de homens inteligentes do que bons historiadores. Eu lhe aprovo. O senhor, quanto é que você precisa?' Sei lá, sete. Deu certo. Uma figura! São coisas marcantes. Bom, voltando ao no colégio, o tal colégio do estado, durante o dia tinha professores magníficos - professor Bilotto, por exemplo. Quando entrou na sala: 'Alguém já ouviu uma tragédia grega?' Não, né? Com 16 anos vai saber o que é uma tragédia grega. Montou um jogral e fez a gente ler Antígona de Sófocles. Foi a primeira aula de filosofia, e através dessa brincadeira. Ele fez a gente gostar de Filosofia.

E aí, colegial, Economia, não aguentei o curso de Economia, parei, casei, e fui fazendo carreira na Propaganda. Tive filhos, aquela coisa toda, todos bem. Minha mulher, com é difícil falar dela, foi a melhor. Tenho dois filhos, um faleceu criança, tinha 5 meses. Até hoje sinto falta de ar ao falar disto. Então, com um filho, trabalho. Aí a vida começa a tomar conta de você. Isso eu já não comando, mas não está mais. Tive meus filhos pequenos, a televisão era basicamente a minha mulher cuidando deles em casa, e eu trabalhando. Meus filhos cresceram.

A cabeça mudou. Nesse meio tempo meus filhos foram crescendo, nunca me deram trabalho algum, eu os louvo. Sobretudo louvo a minha mulher, eles tiveram uma educação excepcional, muito boa, nunca me deram trabalho. Quando saíam de casa, 'pai, vamos para tal lugar, devo chegar umas onze horas, tá bom.'; 'olha, pai, na época não tinha celular, nós vamos sair daqui e vamos pra tal lugar'. Se eu disser que tive alguma preocupação, não tive. Saíram de casa para se casar, que nem eu, mas a diferença é que não me dava com minha mãe; ela era excessivamente rigorosa, dura e via pecado em tudo, via maldade em tudo sabe tudo era proibido. Isso com todos os filhos e com os netos que ela criou. A gente era amado até os cinco seis sete anos; com oito anos, na puberdade, já virava um pecador. Não dava certo. Passei anos morando em casa sem falar com ela. Isso me marcou muito. Só me reconciliei e assumi que necessariamente não precisa amar a sua mãe, Você ama a figura da mãe, mas não aquela pessoa com aquelas atitudes. E eu não fiz análise pra isso. Hoje consigo rir disto, mas foi duro e por muito tempo fiquei dominado pela mágoa por isso. Até que um dia percebi que não dava mais. Eu já estava velho, não podia continuar sentindo tanta mágoa.

A grande ironia é que no fim, ela ficou 13 anos entevada numa cama, porque teve um AVC que a paralisou. Na época, as irmãs já não tinham condições de ficar com ela e ela foi para a minha casa. Quem cuidou dela foram a minha mulher e a minha sogra, até chegar um momento que era mais

possível, porque ela era absolutamente rebelde. Na época eu tinha um sobrado, e tinha um apartamento no térreo, fora, uma edícula, com banheiro, uma cozinha ao lado, e com duas enfermeiras. Você não precisa mais que isso, mas à noite ela reclamava, à noite gritava, ficava reclamando de todo mundo. Foi triste ver como ela tratava os netos.

Minha esposa morreu em 2014 (?); teve câncer de mama. Eu estava com um filho casado, o outro também. Eu larguei tudo para ficar com ela. Me emociono até hoje para falar: 'lembro que eu suava em bicas para fazer o curativo e graças a Deus ela se recuperou, se livrou do câncer. Mas isso deu uma desestruturada na gente, fica meio assim. Na época, meu neto, o Rodrigo estava em Londres, o Fernando em estava no México. E ele tem a mulher com esclerose múltipla. É uma crueldade. Ele todo dia ele aplica uma injeção nela. Eu estava com minha esposa conversando, aí tinha uma vizinha da minha casa, os vizinhos são ótimos. Tinha uma bananeira no fundo do quintal, ela não podia pegar, aí fui pegar pra ela, minha mulher foi me ajudar a carregar a banana. Minha mulher era assim, brincava com os netos de pega pega, corre corre. Ela fez tapioca, jantamos e fomos ver televisão. É difícil falar sem chorar, Ela sentiu-se mal, sentiu dor, eram umas 10:30 e à uma da manhã ela estava morta. Fazem três anos e meio

Já falei muito de mim e agora queria contar um pouco da minha vida profissional. Meu primeiro emprego foi aos 13 anos no Correio Popular, como já mencionei. O dono era o João Escatimburgo, que acho ainda está vivo, se não morreu nos últimos meses. Ele foi da Academia Paulista de letras, sujeito muito importante. Lá eu era o office boy. Office boy da diretoria, mas também era da redação. Aconteciam coisas gozadas - a Mafalda com a meia sempre caindo, a escada que rangia, o João Escatimburgo gritando 'menino'. Este era eu; ele me dava o sapato dele de cromo alemão, da Sutoris; eu levava para o engraxate. Eu o admirava muito, assim como eu tinha o respeito pela professora Ana Maria. Há questão de alguns anos, quando o Sr. João Escatimburgo estava dando uma palestra na Academia Paulista de Letras, eu ouvi a palestra e depois fui conversar com ele: 'o senhor não deve lembrar de mim, mas o senhor não quer que eu leve o seu sapato para engraxar?' E disse rindo que eu já tinha conseguido comprar um sapato na Sutoris.

São coisas que eu estou contando de mim. Aí no Correio Paulistano era isto, eu era o periquito para o Péricles do Amaral, intelectual da época que era o secretário da redação. Ali eu também conheci uma figura bacaníssima que era a dona Irene de Bonjaneau. Ela era um colunista social, inteligentíssima, charmosíssima, tinha muitos óculos. Ela me viu na redação sem fazer nada e querendo escrever. Ela me ensinou os princípios da comunicação do jornal: quem, o que, quando, como, aquelas perguntinhas que para mim era uma novidade que não sabia de nada. E eu comecei a escrever e dava pra ela que riscava, corrigir, até conseguir fazer um que ela não riscou muito e publicou. Para mim foi uma realização, e olha que eu tinha 13 anos.

Outra pessoa muito bacana que era o Comendador Egas Muniz que escrevia uma máquina de escrever cujo carrinho era puxado pela mão direita. Ele era o único que fazia isto. Bom, tem o professor Muniz que fazia coluna religiosa, que escrevia com caneta de pena, aquela de molhar. Só que ele não usava tinta. Ele comprava aquele lápis gráfico onde misturava na água ficava uma tinta roxa. Ele escrevia com isso. Aí esse Egas Muniz um dia virou pra mim e falou assim: 'quanto é que você ganha aqui? 150 reais? Você quer ganhar o dobro?' Claro. Então põe o paletó vem comigo. Eu fui e fui apresentado para o Ricardo Malheiros, que era o dono de uma produtora de cinema. Aí voltei pro jornal, conversei com eles e eles concordaram comigo que não podiam pagar o dobro e eu fui contratado pelo dobro. E fui lá ser o factotum do Ricardo Malheiros, que era ele.

Quando precisava contratar para um projeto, ele ia com o diretor, enfim toda equipe e eu ficava lá tomando conta do escritório. O que eu aprendi com ele? Foi um negócio legal essa mudança, porque eu era moleque tinha 14 anos nessa época. Fiquei sete meses no jornal e depois fui para a produtora e aí foram feitos alguns filmes, documentários. Um deles foi para o laboratório Clímax, e eu fiz o papel de assistente, carregar cruzeta, caixa de bateria, montar a máquina, botar o caixilho, eu sei montar até hoje uma Flex e fui filmar o que era um laboratório porque o dono do laboratório era o presidente da Fiesp da época. Vindo para os tempos atuais, há pouco tempo, andando perto do Largo Ana Rosa, olhei pra aquele lugar e pensei: 'reconheço aquele

prédio'. Parei, fiquei olhando - era a sede do laboratório Climax está lá até hoje. Não consegui entrar para ver, mas a moça da segurança não permitiu. Agora é um negócio de agricultura do sul de Minas, sei lá, é um órgão do Estado, está praticamente abandonado. Fica na Joaquim Távora. Na portaria, conversei com a moça da segurança: 'por acaso tem na sala de reunião assim, assim, assim?' Tem sim com uma mesa. Voltei no passado.

O tempo que fiquei na produtora, trabalhei muito. Eu carregava a máquina e carreguei máquina para alguns que eu não sabia quem eram na época. Eles eram diretores de cinema José Carlos Santos, e outros. Conheci um monte de gente e aprendi, sobretudo aprendi, o que era o meu negócio - aprender, aprender e aprender. Aprendi não só a fazer força, mas também não reclamar de situações como filmar em cima de um prédio que na época um dos mais altos de São Paulo, com um vento que estava tentando derrubar a gente eu segurando a máquina. Sorrio quando lembro da cena.

Dá ir pro interior filmar coisas que marcaram época. Lembro muito bem de uma casa de caboclo, porque era o seguinte, eu morava em um lugar, eu não era rico. Muito pelo contrário, mas culturalmente a gente viu que tinha uma posição privilegiada. Eu não conhecia a miséria e fui conhece-la quando foi feito um documentário sobre o combate à malária e doença de Chagas. Eu vi uma tapera, aquilo foi gritante, com uma criança cheia de moscas em cima dela. Daquela tapera tiraram uma lata de 18 litros de barbeiros. Ficavam comendo a criança e as pessoas. Uma conversa que eu ouvi entre a mulher da tapera e um do pessoal da equipe, que eu não me lembro quem, mas eu lembro da mulher e da criança: 'mas por que vocês não plantam alguma coisa?' 'Ah, não vem os bichos e comem'. Ah, então põe uma cerca. Eram bichos como bode. Ah, faz uma cerca, ah mas não tem arame. Você não põe uma vaca com corda? Ah, os vizinhos vêm pedir. Essas três coisas marcaram muito para mim; e não sei, que eu fiquei meioachando que aquela miséria não era uma miséria da culpa dos outros eram a miséria auto aplicada.

Voltando para o dono da produtora, o Ricardo Malheiros, ele era um homem elegante e agora vou contar outra piada que me faz rir quando lembro. Porque na minha casa o negócio era bem rígido - tem que pagar isto, tem que fazer aquilo, tudo certinho e ele era um homem do cinema, tinha sido artista em Portugal se vestia muito bem, mas estava com aluguel atrasado, a conta da luz e não sei o quê. E ele deixou comigo o pagamento das contas. Um dia ele mandou pegar uns negócios na Mozano que era uma loja muito fina, Ficava na Ipiranga com a São João. E eu tive a petulância de dizer assim: 'Sr.Malheiros, não é melhor primeiro a gente pagar a conta de luz do que pagar isso aqui? Ele ria. 2: Ele tinha um terno maravilhoso que era um príncipe de gales em tons verdes. uma camisa de linho, cambraia de linho, uns sapatos de camurça, E com uns trinta e cinco anos, eu prestei minha homenagem e mandei fazer um terno exatamente com aquele padrão, um terno de camurça comprado na Mulin. Eu fiz tudo isso aí. Porque sei que estou preso ao meu passado.

Continuei a trabalhar em cinema e propaganda. Fiquei 6 anos na McCann e depois fui para a Denison, onde fiquei 20 anos, Foi naquele período que casei. Fiz toda a minha carreira, fui até diretor da agência. Nesse meio tempo eu tinha um amigo colega que era um Nestor. Ele começou a dar aula e aí se formou lá na Faculdade Objetivo e naquela época não tinha professores de propaganda e sim profissionais de propaganda. Então, eu e mais alguns colegas fomos dar aulas no Objetivo formar a primeira turma de Comunicação e Propaganda do Objetivo. E aí foram 15 anos de magistério entre Escola de Propaganda, e Administração, Marketing. E assim foi se ampliando - primeiro Objetivo e depois na Mooca em uma universidade que não lembro o nome. Eu dava aula de Marketing.

Aí estou casado, com filhos, trabalhando na Denison e aí para mim a propaganda se esgotou. Não era mais a propaganda romântica, não tinha mais aquela coisa de uma equipe toda ter vontade. Eu gastava mais tempo do meu dia da minha energia convencendo os meus colegas que eles tinham que trabalhar do que para defender as minhas ideias junto aos clientes. Eu tinha dois terços do faturamento da agência comigo, uma equipe minha muito boa. E pedi demissão, 'vou embora'. Um ano e meio antes 'você vai embora? O que você vai fazer?' Não sei, eu decidi que não vou ficar -

nos planos de vocês, tô fora. Ninguém entendeu e um ano depois eu estava fora. Teve uma festa outra coisa toda. Saí numa boa. Aí tive uma agência pequena, que valeu como experiência e fui para o grupo Sharp. Eu acho que eu fiz um trabalho legal. Eles tinham uma agência de propaganda in-house, a Praxis, e eram 34 empresas. E aí eu acho que eu fiz um bom trabalho porque eles, antes de mim, tinha tido problemas de gestão, problemas financeiros etc e tal, a coisa ficou em ordem, A Sharp voltou a ter uma presença publicitária boa, voltou a ganhar prêmio. Enfim, fiquei lá quatro anos e pouco quando vi o filho do Mathias assumiu, porque até então era o Mathis Macline e o Ricardo Stern. O Ze Maurício entrou e começou a querer administrar com um jeitão dele, certo? Tudo bem, ele era herdeiro. Aí ele contratou gente sem a minha aprovação, e aí eu falei: 'Zé, não dá, assim não dá e eu vou embora. Numa boa, sem problema. Isso foi 88-89.

Aí eu fui convidado para ir para o Diário Popular, e assumi a diretoria de marketing. Dois meses depois eu era diretor comercial e um ano e meio depois eu saí. Não foi uma coisa muito boa. E aí eu também percebi na frase de um colega da diretoria que disse o seguinte: 'ah todo mundo tem que engolir alguns sapos. Só que o tamanho do sapo faz quem engole. Você não aceita nada. Ele tinha razão. Nisto sou parecido com minha mãe, sou inflexível para certas coisas, tenho muita dificuldade de dobrar, ver coisa errada, errado pode ser no meu ponto de vista, pode ser que para a empresa seja certo

Mais tarde, depois que terminei o ciclo da propaganda, tive uma propriedade rural, tinha empregado e aí eu me defrontei outra vez com aquilo porque eu só perdi dinheiro, querendo fazer as coisas, sabe, meio Quincas Borba cara de bobo, aquele que queria mudar o Brasil. E aí isto daí me deu uma visão de estética. Foi quando minha mulher adoeceu, como contei acima. Foi isto que me levou a uma nova etapa da minha vida.

Foi aí que entrei na Uati, porque meu filho disse: 'Pai faz alguma coisa' porque logicamente fiquei sem vontade de fazer coisíssima nenhuma, hoje estou lutando para ter motivação. Nesse meio tempo, preciso contar de mim, o que eu fiz? Foram cinquenta e dois anos juntos. Escrevi, brinquei, gosto de escrever, fiz um livro pros meus netos. O meu neto pediu um presente pra mim - 'Posso?' Educadíssimo. 'Vovô, posso pedir um presente de aniversário? Quero um livro.' Aí pensei, pensei e se você entrar na Amazon, vai ver meu nome: *As aventuras de Peter Bruck e MaryLou Bruck*, um um romancelzinho que escrevi pra eles. Ou seja, eu gosto de escrever, porque eu gosto de ler. Gosto de pintar. Entendeu que eu não sou mono? Eu acho que tenho que fazer várias coisas.

Aí pinte e ganhei prêmio. A última coisa que eu fiz, foi com a Uati, que na época era controlada pelo pessoal da prefeitura. Então pediram para eu participar. E aí eu tive um entreviro com o pessoal. A primeira vez em 2016 ia ter um sarau e a professora de artes sabia que eu pintava. Levei os seus quadros E só tinha eu, aí quando ela veio me convidar, eu falei que era pra convidar todo o mundo, senão ficaria ridículo. O sarau de todo mundo e um só mostrando? Aí pediram para levar os quadros, mas para pensar em uma coisa mais moderna, mais contemporânea, porque não vai ter muito jeito de expor. Ah, já entendi o que estava acontecendo. Aí separei em três projetos e apresentei pra ele. Custou, mas pediu para submeter. Achei que tinha alguma coisa estranha. Por quê? Porque eu já tinha quebrado o pau antes porque um professor de música que era cantor de barzinho com um violãozinho. Até chegar em 'vamos analisar Saudosa Maloca', vamos analisar a letra da "Saudosa Maloca". Comecei a achar estranho por algumas coisas que não sou bobo, ninguém é na classe. E este mocinho pediu que a gente analisasse. Eu fiz as duas leituras, você já me conhece, Eu fiz a leitura do bonzinho ou fiz a leitura do coitadinho que é o que eles gostam. E fiz a leitura do bonzinho e a do mauzinho. Eu fiz a leitura do coitadinho, que é o que eles gostam, e fiz a leitura do malandro. Como é que caras com a idade de trinta e três anos têm que morar lá na maloca, como é que eu vou aplaudir o fato de 3 sujeitos de trinta e três anos vão querer continuar numa maloca, impedindo que a cidade melhore, pra ter um prédio no lugar da maloca. Eles não pensam em um jeito de estar num prédio ao invés da maloca? Será que eles gostam mesmo de progresso, desenvolver e melhorar a vida? Ou tá bom num banco de jardim? Isso aí foi uma bomba

né? Aí sabe o que faz esse professorzinho nos impõe uma leitura do Boulos, que é o bandido chefe da quadrilha de ocupadores de espaços. Isto eu não admito.

Que você queira dizer numa aula de Teoria Política, vamos lá. Agora quererem nos fazer de bobo com musiquinha e usar do Adoniran Barbosa sem autorização para me enfiar esse babaca que ele chama de filósofo, e que o prédio que ele diz ocupar tem PCC, tem droga e tem arma? Você disse que isto que é solução socialista? Pra cima de mim não. E aí começou o pau. Na aula de arte, pediram pra fazer, e eu fiz três projetos, pronto. Um deles era "não mate a criança que está em você" É um dos brinquedinhos da infância. Uma parede. Já que não tinha, não era para pendurar quadros, lá vários cartazinhos. E cada conjuntinho desses tinha um dos brinquedinhos de infância - eu pus pião, pular corda, amarelinha, as músicas de roda, todas elas, as letras etc. Só que aí fiz os dois outros: "a árvore está secando por quê?" Era uma árvore, seca, em vez de frutos tem ilustraçõezinhas. Certo? Aí, dizia salário não sei oque, direitos disso, água de graça, luz de graça, de graça, de graça. E no chão seco, amassado tinha 'iniciativa, trabalho, competência, concorrência.'

Sei que podia soar como provocação, mas era, a arte, não era? Liberdade -você não passaram vendendo liberdade? Pratique agora! E o outro, até mandei um cara jogar fora, passei dias pegando caixas de papelão em mercado, feito um catador de papel. Só peguei as caixas e pintei todas elas com janelinhas, portinhas, com essas cores. Se você olhar, é uma favela, você vai ver aquilo. Eu montava todas as caixas num lugar público, com uma mensagenzinha. Você também pode fazer a sua escolha do local que você quiser. Pode ter sido entendido como provocação, mas então, cadê a liberdade? E vai o chefinho dela, que era o namorado dela: "ah, mas não tem espaço". Falei pra ele deixar de ser cínico, pois estava censurando. Ainda rio da conversa. Eu fiz a minha parte e a partir daí, aliás não fui só eu a reclamar. Criaram um caso com aluno. E graças a Deus saíram. Não sei se você sabe, mas o sujeito que foi dar aula, pensa no PT, recebeu 300 e tantos doutores dando aula que não recebem isto. Tanto doutor dando aula de graça. Pera um pouquinho só. Aí eu botei a boca no trombone. O que é isso? Se você está recebendo, eunão tenho nada contra você receber. Cumpra o papel. Aí professorinha de artes, até que ela é bem intencionada. Só que lá pelas tantas, eu percebo o viés da aula de artes - era meio não um fim. Música, era meio não era fim. Teatro era meio, não era fim.

Usavam isto pra destruir certos princípios. Se eu mostrar uma aula de arte para você que ela fez. Ela pegou um trabalho do Jaguaribe Oiticica, que foi comentado que era um corpo na rua, que não era nada digno de execução de esquerdista, que era um bandido muito barbado e ficou 30 minutos com aquela coisa boa para falar sobre a revolução. Pegou uma outra que botou a contestação como parte de contestar aquilo. Aí eu pegava os argumentos dele e usava: será contestação? Será que é política? Por que a minha arte não pode ser? Se um período revolucionário era censura, por que vocês estão me censurando agora?

Pegou uma foto de uma moça que vai numa exposição, com a parte de baixo nua, abre as pernas e fica lá. Ok, tanto faz, para mim. Mas você botar isto e ficar na tela trinta minutos. Agora isto eu não aqceitei. Teve um professor, excelente até, falando sobre sexo pegou um diu para mostrar como ele funciona, fez uma farra danada, não ofendeu ninguém. Um que você pode dizer que foi pornográfico e o outro vai dizer que é arte? Então é a minha maneira de ver as coisas e eu quebro a cara de vez em quando porque não faço concessão.

Sabe, acho que é um defeito muito grave você querer impor a sua maneira de ser. Inclusive no Laboratório de leitura. Eu não sou mono. É possível fazer, sim. Agora quando eu meposicionar alguma coisa me sensibilizou, ok, abro o lado sensível. Por exemplo o meu trabalho com o *Doente Imaginário*. já está pronto, pesquisado. Mas não consegui. Eu não vou conseguir emoções, eu não consigo ter, mesmo quando o trabalho do coordenador seja arrancar a emoção das pessoas. O que foi dito pela coordenadora é que dá pra ver que eu conheço muito a literatura, mas que lá tem muitas pessoas que não tem vivência e podem se encolher se a discussão ficar constrangidas em se manifestar. A única coisa é o seguinte, sou um ponto fora da curva. Eu não vou voltar para a curva porque eu não voltei para nenhuma das curvas. Sensibilizar e motivar as pessoas, eu acho fantástico.

Agora, sobre a minha percepção do LabLei, a primeira coisa que eu acho, foi arrancar talvez das pessoas alguma coisa que elas não percebiam, não sem oportunidade, sei lá, de se sensibilizar pelo texto, analisando as diferenças de comportamento. E assim me pareceu o seguinte: existe os indiferentes, absolutamente indiferentes. Eu não vou nem me preocupar com eles, porque você bate e volta; bate boca não adianta. As pessoas que se mostraram indiferentes são talvez as mesmas que nas outras aulas de outras coisas também são indiferentes. Eu diria assim, um grupo que realmente é aquele grupo que vai lá, cumpre a tabela. Quando eu era professor eu dizia assim: "vou dar aula para quem tem interesse. Os outros eu não vou nem olhar". Depois tem um grupo que eu acho que esse é o mais importante que foi despertado. Aqueles que leram, mas como leram não significou esse envolvimento com o texto. Acho que leram como se fosse um relatório que, sabe, não leram. Eu acho que esse grupo era mais importante da intenção que tinha antes, ou seja, despertaram para alguma coisa. Descobriram, talvez, que o texto pode ser uma abertura, pode ser um novo horizonte, uma nova visão.

Para muitas pessoas isso foi, acho eu, que para a maioria despertou tipo 'puxa, eu nunca tinha pensado em ler assim. Então, ler assim é aquela coisa de se entregar; coisas que cada um pode fazer do seu jeito - um vai fazer ler assim é se interessar pela história. Outro ler assim é descobrir o significado, outro ler assim é a trama. Então ler assim para mim foi o troço mais bacana porque analfabeto lá não tem, mas aprender a ler assim é mais ou menos isso. É bater em você e voltar diferente. Isso foi, aí tem uma parte que eu acho, na minha opinião que exagera a sensação - os deslumbrados. O personagem era bonito sim, mas é maravilhoso!! Aí extrapola do sentimento. Aí eu percebi o outro grupo aqueles que 'sim, é interessante a história, mas não aceitam ou reagem de uma maneira não receptiva ao deslumbramento. E teve muito deslumbramento. Aí a conversa sobre o desdobramento. Eu acho aí que eu acho legal esse deslumbramento era em relação à obra que você está respondendo à obra ou você está respondendo à professora, que ela gostou, então vai puxar o saco da professora? Até que ponto esse deslumbramento é autêntico?

Por exemplo "pô, não precisa desmaiar por causa disto", não precisa exagerar. Parece que estão competindo em emoções. Um poderia querer demonstrar mais emoção, eu fico mais emocionada do que você. como posso desmaiar por causa disso! Não precisa exagerar. Aquilo que eu acho assim despertou, mas despertou mesmo o diálogo, a busca do entendimento, as contradições, a conversa. No cinema é mais interessante você depois do filme do que o filme. Cada um diz uma coisa interpreta discute de certa maneira legal. Acho que esse é um negócio muito legal. Durante as aulas as pessoas se motivaram, discutiram. Acho que uma parte teve o horizonte aberto. Acho que alguns até se descobriram "puxa, eu gosto de leitura, mas não lia". Como professor, acho que é dez, um gol de placa conseguir fazer a pessoa despertar para aquela coisa. No nível das emoções introspectivas, ou seja, aquilo que mexeu com cada um, não dá pra dizer. Pra mim, fui mais uma vez fui desafiado a analisar a minha maneira de viver as coisas.

Em mim algo despertou - aceitar o outro, por incrível que pareça. Se ele acha que é assim, e que eu posso ter uma leitura diferente. não, discordar da leitura dele. Posso eu posso discordar do resultado da leitura, mas eu não posso discordar da maneira de reagir. Tem que pensar, tem que refletir sobre a conclusão dele. Podemos chegar a conclusões diferentes, mas a maneira diverge então cada um vai reagir com um jeito, mas sobre a autenticidade, se ele acredita que isto realmente é dessa maneira. A reação eu acho que vai ser de acordo com a experiência de cada um. Eles são provavelmente aqueles que pouco leram terão uma reação diferente daqueles que já leram outras coisas. Então quando eu li aquele que eu não conhecia aquele texto, a primeira coisa que me trouxe foi aquela fase da literatura do absurdo. E que foi uma fase que eu achei muito interessante. Achei bacana. E ela não ficou aí. Aí começa a análise. Ela não ficou restrita àqueles cânones da literatura do absurdo ela escapa ela vai e ela volta. Então não é isto. É uma outra proposta. Então eu estou analisando, eu não estou reagindo. Eu reajo à música porque ela me emociona. Eu estava chegando aqui, estava no rádio terminando de tocar uma peça não sei se você gosta de música, mas estava tocando um dos temas mais bonitos que tem que é Prokofia e que aquilo me emociona. Eu não penso. A literatura, porque eu penso, será que dá para não pensar quando você está lendo? E só reagir como a música?

Eu não sei. A mediadora chegou a lançar um desafio - de reagir à magia das palavras, a música das palavras.

A mediadora até me falou de 'poemas em prosa', como foi o caso do *Mergulhador* e quando aquela senhora de 87 anos trouxe aquela frase 'somos mergulhadores em busca das pérolas da nossa história', uma frase maravilhosa. Olhar para a magia das palavras é uma hipótese que eu não havia pensado. Uma pergunta: é que estou tendo - uma coisa é eu analisar o texto. Outra coisa é eu analisar você que leu o texto. Só agora com esta dinâmica é que percebi a possibilidade de um texto provocar aquilo e aquilo ser objeto. Sua busca é diferente - o que aquilo provocou? Tanto faz, aquela história ou outra qualquer; é analisar quais foram as consequências dentro disso que eu estou aprendendo, e achando legal pra chuchu. Então agora vamos tentar ver quais são os tipos de reação que provocou, ou 'classificar' como cartesiano outra vez.

Por exemplo, eu fiz uma brincadeira uma piada. Não sei se é porque gosto de brincar quando fala da tia malandrona e o pessoal não reagiu, eu achei legal. Será que só eu que reagi daquela maneira, a minha maldade, o meu humor ou qualquer coisa porque ninguém percebeu coisa tão evidente. Não importa qual é o sentimento importa o que foi provocado. A mensagem, ela tem que levar em consideração esse repertório, senão não vai dar certo. Ela tem que tangenciar, se for pra dentro, é óbvio; muito fora, ninguém vai entender. Então onde é que está? FIM DA ENTREVISTA

TRANSCRIÇÃO – Raissa, 2020

Bom dia, eu me chamo Raissa (nome fictício). Sabe, eu nunca tive problema, eu adoro fazer aniversário. Essa coisa desse povo ficar reclamando só porque tem ruga me poupe. Com filho de 36 anos e querer ter 30 anos, não rola. Meu nome parece chique e eu até andei pesquisando se tinha um latifundiário, mas não achei. Eu já tentei ver na Caixa Econômica, mas não. Tenho 63 anos, se eu tivesse 73, 'putz perdi a festa do 70!' Quando fiz 60 eu quis forró e acho que para os 70 vou querer de novo. EU adoro forró. Forró ao vivo, em casa de show. Eu vou tentar começar pelo começo. Porque eu falo muito. Nasci em São Paulo em 1957, meus pais eram funcionários públicos honestos. Então a gente vinha de uma família simples, A gente morava no Brooklin, porque meu avô, construiu a casa numa chácara. Eu estudei sempre em colégio público, eu estudei no Grupo Escolar. Eu nasci na Rua Bartolomeu Feio. Eu vi a inauguração do Colégio Enio Vox. Mas não estudei no Enio Vox. Estudei no Mário de Andrade no primário e depois eu fiz o ginásio e o Colégio no Osvaldo Aranha, que era o vocacional. Aí eu fiz esse tipo de escola pública. Eu ainda peguei um pedaço do vocacional, antes dele ser destruído. Então a gente fazia o teste vocacional e aí eu fiz e aí deu várias coisas, medicina, sociologia, direito, serviço social. Eu pensei muito em fazer direito, aí eu vi, eu tenho muita preocupação com a coisa de cadeia, as situações das cadeias. E aí eu desisti. Eu fui poupada. Eu pensei em fazer serviço social. Eu fui muito feliz como assistente social, gostei muito de ser assistente social. O terceiro grau eu estudei na Puc, em escola particular porque não tinha na Usp, não tinha. Meus pais jamais deixariam que eu fosse pra outra cidade, numa república. Imagina! E nem que tivessem condições pra ir pra outra cidade. Na minha casa não rolaria isto. Então

Eu costumo dizer, a minha mãe dizia que eu era muito boazinha. Mas eu acho que eu era um bebê rebelde pra cegonha. Ela me largou aqui em São Paulo, mas meu coração é nordestino. Adoro o Nordeste, não as praias nordestinas; eu gosto da caatinga, do longe do Nordeste, do Brasil profundo. Meu sonho de criança era ir pra lá. Pra lá, para a França para a China, eram os lugares que eu queria ir. Pra China eu não fui e hoje não faço mais questão de ir, só se calhar. Aí eu cresci numa casa com mais quatro irmãos meu pai minha mãe. E aí eu comecei a trabalhar pra casar. Eu fui ao contrário. Na nossa época o povo parava de trabalhar quando ia casar e eu fui trabalhar quando resolvi casar. Eu namorei, sou uma pessoa careta então eu estou casada há quarenta e dois anos. O que eu acho uma careta muito grande, mas foi o que aconteceu. Aí eu tenho dois filhos, e, assim, coisas marcantes da minha vida, o golpe de 64, que eu me lembro muito bem das coisas do golpe de 64. Tudo aquilo. Outra coisa foi a morte do meu avô e agora a morte da minha irmã, que foi há 20 anos e dos meus irmãos. Nós éramos

em cinco e agora somos só dois, os três morreram de câncer, e dois sobreviveram. O que significa que está todo mundo ferrado e que eu acho que não vou morrer nunca, sobrevivi 3 vezes.

E aí quando eu casei, eu e meu marido estudávamos. A gente a gente morava em casa alugada, meus sogros moravam na minha casa porque eles eram já eram idosos há quarenta e tantos anos. Eles moraram na minha casa até morrer. Com quase 20 anos de casada, eu mudei pra essa casa. Até então eu morava em casa alugada. E eu continuo na minha casa, que eu curto muito e estou nesta vadiagem. Aqui eu cuido das plantas, das galinhas, do tricô. Moro em Cotia, é gostoso, moro aqui há mais de 20 anos. Só minha casa é gostosa em Cotia, mais nada. A Raposo é horrível.

Tenho 2 filhos, uma menina e um menino; a minha filha agora foi fazer mestrado em Portugal. Ela foi em setembro pra lá, é uma educadora física; o meu filho também é professor de história. Ele dá aula em Etec e com a pandemia voltou pra casa porque está dando aula pela internet, então não há necessidade de pagar outro aluguel para fazer uma economia.

Quando minha mãe ficou doente, não fui eu que cuidei dela, quem ficou com ela, dormiu com ela foi meu irmão. porque ela morava em São Paulo e ele também. Eu moro em Cotia. Mas toda a parte administrativa, a curadoria de tudo isso, eu que fazia e isso tomava muito tempo. Sabe, eu sou professora e tenho dificuldade com coisas administrativas. Mas eu achei que era uma oportunidade também de aprender a fazer essas coisas. Aprendi muitas coisas.

Sabe, eu e meu irmão somos próximos e temos uma comemoração bem nossa. Quando é aniversário de vida ou de morte nós tentamos nos reunir. Aí a gente almoça junto. Eu quero ver se eu vejo minha sobrinha ou meu irmão para a gente comemorar a vida da minha mãe. Que acabou, mas continua. Olha a cor da flor que ela gostava dá pra ver .

Não trabalhei em muitos lugares; trabalhei na prefeitura, no Centro Social na Zona Leste, depois em outro lugar em São Paulo. Fiz então uma seleção para trabalhar no Senai. Trabalhei 22 anos lá, 15 dos quais na escola do vestuário. Como sou costureira, e depois eu fui para sede do Senai, aí já não era mais assistente social. Foram sete anos aonde eu fui muito infeliz, ao contrário do tempo na escola. Muita confusão e muito aprendizado. Aí, depois de sete anos de infelicidade, de acordo com o poema e também com a Bíblia, eu me aposentei. Eu me aposentei porque não dava mais conta. Eu comecei a chegar à conclusão e à certeza de que eu não pertença a esse mundo. Foi algum erro.

Quando me aposentei, fui ver coisas sobre Alzheimer porque minha mãe tinha Alzheimer. Esta semana faz dois anos que ela faleceu. Então, aí eu não continuei trabalhando eu queria fazer coisas diferentes. Uma coisa que eu não curto é essa coisa de voluntariado entende se eu não quero ser voluntária. Quando era só profissional, eu trabalhava, eu pagava o sindicato. não acho certo eu montar uma ONG, eu não quero. isso também. Eu trabalhava com formação profissional nos últimos 20 anos, com formação profissional de adulto.

Sinto falta de amigas. Eu tenho uma amiga de, sei lá, 40 anos, e a gente se via toda semana, sei lá. Ela vinha aqui, a gente se encontrava em São Paulo, toma café. Agora estamos as duas velhinhas. Não estou trabalhando mais e não vou à São Paulo. Ela está com problemas graves de saúde, inclusive se aposentou por causa disto. Então a gente não conversa tanto. A gente conversava muito e acho que isso também estava fazendo falta. Foi muito bom.

Acho que disse quase tudo. Ah, faltou falar sobre o grupo leitura. Quando eu me aposentei, eu queria descobrir outras habilidades, fazer coisas diferentes. Eu até pensei em continuar trabalhando, porque eu fazia algumas consultorias, e pensei em continuar fazendo isso. Mas depois as coisas foram se encaminhando de outra forma. Minha mãe adoeceu, e eu comecei a hesitar em trabalhar, fui vadiar. Aí eu consegui me informar sobre horário do clube de leitura.

Então, uma das coisas que me passou pela cabeça foi visitar asilos para ler. É uma espécie de homenagem para a minha mãe que gostava de ler. Eu queria pra ler para as pessoas. Uma prima minha fazia parte de um grupo de leitura e eu achava o máximo, mas eu nunca achei. Essa minha prima morava no interior e eu nunca achei um aqui que desse certo. Portanto a Uapi e o Lablei caíram do céu. Nunca vi uma coisa assim, tão síncrona. É a hora. E aí eu não sei se tem alguma coisa mais de interessante.

O que foi perfeito foram os encontros virtuais. Até a pandemia é capaz de fazer coisas úteis. E trouxe essa possibilidade do virtual porque eu não quero sair daqui de Cotia, tenho muita preguiça. Segundo porque eu nunca fui uma boa motorista. Eu não enxergo mais de um dos olhos. Eu só tenho um pouquinho da visão periférica. Então, embora eu possa dirigir, eu evito, evito andar na chuva, evito andar à noite. E São Paulo está insuportável, o mundo está insuportável, as pessoas estão mal educadas, grosseiras, agressivas. Eu sou do estilo livre leve e solto e devagar. E as pessoas não tem muita paciência né?

Assim, comecei a Uapi em agosto. Eu penso que foi em agosto que a sogra da minha sobrinha e afilhada falou da Uapi. Esta sobrinha tem filhos e que mora aqui em São Paulo. Então, eu me preocupo bastante com ela porque pelo fato de não ter mais a mãe, de ser minha afilhada, por ter participado da criação dela quando ela era pequenininha. A sogra dela me convidou e eu resisti um pouquinho porque eu ando muito resistente em ter que assumir qualquer compromisso por causa da minha tese, do doutorado [em vadiagem]. Mesmo com esse pequeno desvio, eu continuo firme na tese da vadiagem.

Deixa-me explicar: eu vadio fazendo tricô, fazendo comida diferente, rearranjando a casa porque teve muita mudança - minha filha mudou de Ubatuba pra Santos de Santos na minha casa e da minha casa para Portugal em um ano e meio. Meu marido fechou o consultório e meu filho voltou pra cá. Tudo isso de 2019 pra cá. Então eu tenho vadiado de todas essas formas. Plantas.

Quando eu me deparei com a Uapi e com o Lablei, eu fiquei apaixonada, absolutamente encantada. Era tudo o que eu queria. Falaram do grupo de leitura e eu me inscrevi no mesmo dia que falaram, e eu estou participando. E: E eu só participei duas vezes do laboratório. Eu achei similar com o clube de livro. Eu achei parecido, a gente leu o livro. Foi tão bonita a reunião do Uapi. Como eu já comentei outro dia, eu fui logo achando um grupo e me inscrevendo eu queria muito. Aí eu e inscrevi num outro grupo. Até tem uma pessoa da Uapi. Eu não participo do grupo da Uapi. Foi uma coincidência. Então, eu não sei se é muito diferente. A gente lá escolheu o que leria e no seu caso veio aquela indicação maravilhosa de leitura do Valter Hugo Mãe que eu já gostava e me apaixonei mais ainda: Acho que eu preciso pedir no grupo para ler mais vezes o Valter Hugo Mãe. Igual Clarice Lispector, ele é tão cheio de coisas, que dá vontade de cavoucar mais. Então não acho que seja muito diferente, pelo menos.

O grupo da Uapi, por ser um grupo mais coeso, já tem uma vida pregressa, e uma vida pregressa com a coordenadora do Lablei, talvez eles se enganchem mais. No começo eu mesma me senti um pouco reservada, não sabia o que podia. Ainda não sei muito bem, mas estou indo. Então tinha isto anterior na Uapi. No outro grupo, não. Ontem mesmo entrou uma pessoa nova. Eu acho que tem essa diferença. O texto que vimos no Lablei é lindíssimo, já mexe com tudo, já esculhamba tudo. Igual ler os contos da Clarice Lispector, já para onde já dançou, já muda tudo. Deixa eu dizer que pra mim esculhambar é ficar pensando, avaliando as coisas. No Valter Hugo Mãe, eu não conhecia aquele conto. Alguns eu preciso mesmo reler. Então aquela descrição toda da menina, vivendo como ela vivia, sendo quase adquirida, insolvência paterna. Aquilo tudo me lembra muito o Brasil. O Nordeste brasileiro. Trazia sempre uma pessoa e achava que estava fazendo um favor.

Então aquilo tudo, eu não sei, mexeu muito comigo porque eu sempre fui muito sensível a esse tipo de coisa. Eu já falei no grupo, eu não sei se você estava no dia. Quando eu era criança minha mãe trabalhava na agência central na av. São João. Às vezes, para ir ao médico, às vezes para ver o enfeite do Mappin, pra comprar alguma roupa; a gente falava ir para a cidade, veja como eu sou remota. Na cidade e lá no centro tinha muito mendigo. Na época, eles não eram espancados com tanta facilidade como acontece hoje. Era um pouco mais respeitoso, um pouco mais sereno. Agora avacalhou tudo. Eu ficava muito mal de ver, não me conformava, perguntava muito ‘por que?’ ‘por que aquelas feridas?’

Nunca me conformei com isto. Sempre fui muito sensível com essas coisas e ler o conto, acho que como subdesenvolvida que sou, eu não tinha tido a ideia de que isto acontece no mundo todo. EU já logo pensei no meu país e no nordeste. Então isto fica pra mim, fico conversando com a coisa. E a coisa da costura, né. Antes da coisa da liberdade da mente, a coisa da costura, da desvalorização da pessoa, desvalorização da costureira. Eu trabalhava numa escola de confecção como assistente social. Meu salário era compatível com o salário das outras assistentes sociais. Mas as professoras de costura eram,

não lembro o nome da ocupação. As professoras da costura não ganhavam o mesmo que outros professores. Então tinham dois problemas, faltava um pedaço. E o outro, de uma ocupação que as pessoas não respeitam.

No conto, na hora que a patroa rasgou a blusa da menina, aquele desrespeito, nossa, aquilo me deixou muito chocada. É como se fossem minhas, eu senti aquilo, entende? Por isto que eu digo que desgraça tudo. Você se lembra que isto existe. E eu tenho essa coisa que muita gente não tem, que é ver o pobre de perto. Não sabem como é. Não sabe que tem coisa que até transcende a cultura. Algo mais do que a falta de comida.

Fiquei muito feliz, muito contente com a discussão em grupo, porque traz a possibilidade de ver coisas que eu não vi. Eu fiquei tão chocada com o desrespeito na costura, com o amargor da vida de uma pessoa que é adquirida pela insolvência da família, com essas coisas que sempre chamaram a minha atenção que assim. A coisa dela fugir foi legal, mas a dor ficou. O meu esôfago ficou entupido com aquela dor. E as pessoas viram outras coisas. Ainda bem. Porque alguém tem que falar de flor neste mundo. Isto dá uma certa esperança, né? Isto é o chazinho que alivia o estômago depois da leitura. É a fuga. Vou tomar meu chazinho. Enfim, a experiência do Lablei até superou a minha expectativa.

Sabe, eu nunca tinha participado de uma Uapi, nunca tinha feito um curso. eu estudei na Puc de SP. E lá já tinha, quando eu saí, fui supervisora de estágio em uma universidade particular que tinha a Universidade Aberta da 3ª Idade. Nunca pensei em fazer nada disto. E aí por acaso caiu assim, É assim, chininho, roupa de labuta, chegou. Não precisa nem meu colarinho de pérolas. Ainda tenho alguns sapatos de salto alto, que reservei pra dançar. É especializado. Tem um que está pra consertar no meu carro, agora meu marido está meio manco, antes a gente dançava bastante, formatura. Tem um que é velho, tem uns vinte anos, ele está no carro. Um dia desses eu disse que ia dar, mas ainda está guardado. Sapato velho é ótimo, não aperta, é macio, é ótimo.

Voltando para o LabLei, eu gostaria que fosse pelo menos uma vez por mês, cada 15 dias, vai. A minha experiência foi muito pouca, mas eu gostei muita. Desses meses, são poucos que eu estou lá. Dentro da programação da Uapi, o Lablei, teve mais um ou dois cursos, foram absolutamente especiais. Uma outra coisa, eu capitulei diante da proposta de parar de ser vadia total e indisciplinada. Eu capitulei justamente naquela semana, naqueles dias. Eu estava achando que precisava me conhecer um pouco mais, viver um pouco mais, pensar um pouco mais. Eu estava fazendo muita coisa. Não que eu saiba fazer, mas eu vou me metendo. Aí veio a coisa da leitura. Aí teve um outro encontro que foi muito legal. Gente, que coisa boa! Estou muito entusiasmada com tudo isto.

Estou variando as formas de vadiar. É uma grande caixa e tem pequenas caixas dentro da caixona e eu estou abrindo a caixa de Pandora. Estou curtindo muito. Eu sempre fui muito leitora. Eu tinha um tio que era livreiro. Olha que privilégio – eu tinha conta aberta na Cortez. Meu tio ia lá e pagava o que eu comprasse. Eu tomava cuidado, né? Por que eu tinha vergonha de explorar. Mas eu comprava. E assim, ele me dava muito livro desde pequena lia historinha. Me desfiz de alguns livros, se pudesse dar para uma instituição, seria tranquilo. Mas em função da ortografia, não podia dar para uma instituição porque não ia servir. O ano passado consegui me desfazer dos últimos livros da infância. Ainda tenho os da adolescência. Alguns eu não consegui dar. Gosto de ler de novo. Ontem eu pensei: ‘como é que eu não vi isto?’ Os livros da Clarice Lispector, eu tenho no computador. Acho que é o mais dolorido de todos. Eu já li tantas vezes, já mandei para tantas pessoas... Sempre que escrevia alguma coisa, lia alguma coisa, eu botava alguma coisa como epígrafe – um poema. Eu já mandei isso para tanta gente, comentei com tanta gente, como é que achei tanta coisa nova? Num continho.

Mas eu sou indisciplinada também na leitura. Eu vou lendo, aí ganho outro, ou emprestam e aí vou lendo rápido. Só que entra na cabeça, faz assim e fica tudo certo. Sai o samba do criou doido, mas sai.

FIM DA ENTREVISTA

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O Sr. (a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “A LITERATURA COMO CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO DA EXPERIÊNCIA PESSOAL NA 3ª IDADE”. Neste estudo pretende-se analisar, de forma qualitativa, o impacto estético do Laboratório de Humanidades em seus participantes, o grupo de terceira idade da UATI (Universidade Aberta da Terceira Idade). O Laboratório de Humanidades é uma experiência pautada na discussão de clássicos da literatura como forma de suscitar questionamentos e reflexões nos participantes, no que tange a questões humanas em seu sentido mais amplo. Em seu formato a ser aplicado, serão ministrados 4 encontros de uma hora e meia de duração por Maria Teresa Mendonça de Barros.

O Laboratório vem sendo aplicado há anos como ferramenta heterodoxa de promoção de Humanização na Saúde, nesta pesquisa buscando entender o que pode ser feito para este grupo, que enfrenta a necessidade de se reposicionar na família e na sociedade em um outro lugar, menos visível e participativo. O papel dos participantes da terceira idade na pesquisa é de extrema importância e se dará com a participação ativa destes no laboratório, lendo e dividindo as experiências da leitura do clássico com o grupo. Os encontros serão gravados, para que sejam analisados posteriormente. O intuito é selecionar temas emergentes nas discussões que ilustrem o papel humanizador da atividade e tragam informações sobre o momento de vida que essas pessoas estão vivendo. Uma parte dos participantes será selecionada após o término do Laboratório para uma entrevista, que será uma extensão dos estudos das gravações e dará informações mais específicas e acuradas sobre a experiência estética dos participantes do ponto de vista pessoal de cada um

O Laboratório de Humanidades foi desenvolvido visando, acima de tudo, os benefícios aos participantes. A experiência estética proporcionada pela leitura do clássico da Literatura e as discussões subsequentes tem, em geral, grandes efeitos positivos na construção pessoal do indivíduo, através da experiência estética humanizadora. Há, por outro lado, o risco inerente da experiência com humanos em um nível mais pessoal, que são possíveis abalos emocionais.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Em qualquer etapa do estudo, o (a) Sr(a) terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A principal investigadora é Maria Teresa Mendonça de Barros, que pode ser encontrado no endereço Rua Fabrício Vampré 267, São Paulo, SP. Telefone (11) 50833760. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp – Rua Francisco de Castro 55, 5571-1062, – E-mail: cepunifesp@unifesp.br.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no Centro de História e Filosofia da Universidade de São Paulo e a outra será fornecida a você.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Laboratório de Humanidades: Literatura e Formação Humanística em Graduandos da Área da Saúde na UNIFESP”. Eu discuti com a Sra Maria Teresa Mendonça de Barros sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento hospitalar quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Data: ____/____/____

Nome do participante da pesquisa

assinatura

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimentos Livre e Esclarecido deste paciente (ou representante legal) para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Data: ____/____/____

Nome do participante da pesquisa

assinatura

APÊNDICE G – Questionário para LABELI da UAPI

Este é um questionário exploratório para conhecer um pouco mais sobre sua relação com a leitura e com a literatura. A participação é voluntária, mas seria muito importante saber para que eu possa preparar uma atividade de leitura bem sintonizada com este grupo. Agradeço desde já.

1. Você costuma ler
 - a. Literatura
 - b. Jornais e revistas
 - c. Textos variados em blogs ou redes sociais
 - d. Textos técnicos e especializados
 - e. Nenhum dos tipos anteriores
2. Frequência de leitura
 - a. Semanal
 - b. Mensal
 - c. Algumas vezes ao longo do ano
 - d. Raras vezes
 - e. Nunca
3. Voltando à questão da Literatura
 - a. Gosto de romances
 - b. Gosto de contos
 - c. Gosto de crônicas
 - d. Gosto de ficção científica
 - e. Nenhum dos gêneros anteriores
4. Quando você lê uma obra literária
 - a. Costuma fazer anotações sobre o que lê?
 - b. Comenta as suas impressões com outras pessoas?
 - c. Costuma fazer a leitura em um grupo?
 - d. Lê e depois deixa de lado.
 - e. Não costuma ler.
5. Qual seria a sua expectativa em relação a uma atividade de leitura em grupo
 - a. Acho interessante
 - b. Não gosto da ideia
 - c. Não tenho impressão formada
 - d. Não gostaria de dizer nada
6. Gostaria de sugerir algum gênero ou alguma obra para a nossa leitura em grupo

7. Dados Pessoais

Nome: _____

Idade: _____ anos

Estado Civil: _____

Escolaridade: _____

Telefone: _____

Endereço: Rua _____

Este questionário foi submetido e aprovado pelo CEP sob o número CAAE: 90413318.6.0000.5505, Parecer nr. 2.726.160, Projeto CEP/UNIFESP nr. 0598.

ANEXOS

ANEXO A – Documento de aprovação do CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** A LITERATURA COMO CAMINHO PARA UMA VIVÊNCIA HUMANIZADORA EM UM GRUPO DE TERCEIRA IDADE**Pesquisador:** MARIA TERESA MENDONCA DE BARROS

Área Temática:

Versão: 1**CAAE:** 90413318.6.0000.5505**Instituição Proponente:** Escola Paulista de Medicina**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 2.726.160

Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP n:0598/2018

O presente projeto visa investigar, avaliar e apresentar os resultados da aplicação do Laboratório de Leitura, sobre o grupo da terceira idade que frequenta a UATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) da EPM - UNIFESP, verificando a viabilidade de ser uma linha de trabalho adequada para este grupo específico, mantendo o intuito de trazer uma experiência humanizada de convivência capaz de promover uma melhor qualidade de vida para os participantes, criando um espaço de trocas e de expressão pessoal para pessoas que já estão fora do campo do trabalho e lidam com os desafios da velhice. A metodologia segue a abordagem do Laboratório de Humanidades do CeHFi (Centro de Estudos de História e Filosofia) da EPM - UNIFESP, adotando textos da Literatura clássica mundial para verificar a hipótese de que a literatura contribui para uma nova maneira de lidar com o cotidiano. Busca-se saber, se ocorre uma ampliação da capacidade de perceber o mundo sob uma nova ótica, atribuindo outros significados às vivências e ao relacionamento com outras pessoas. Oferecer resultados que possam contribuir não só no âmbito acadêmico, mas também para uma reflexão sobre possíveis caminhos e espaços de existir para grupos de terceira idade, cada vez mais numerosos e demandantes.

-HIPÓTESE: seria o contato com a Literatura dentro da dinâmica do Laboratório de Leitura uma forma de retomar o sentido de humanização através da experiência estética e da possibilidade de novas reflexões sobre a vida de pessoas que já se sentiram muito úteis e atuantes, resgatando um sentimento de valor e de desejo de viver? Com isto seria possível promover uma experiência humanizada de convivência capaz de promover uma melhor qualidade de vida para este grupo.

Objetivo da Pesquisa:

-OBJETIVO PRIMÁRIO: Viabilizar uma nova proposta de atividade de leitura para o grupo de terceira idade da UATI, seguindo a metodologia do Laboratório de Humanidades da Unifesp, considerando processos de subjetivação e contribuindo para um maior bem-estar dos participantes através da participação de uma experiência humanizada de convivência, incentivando-os a participar de forma ativa, promovendo a troca de impressões e emoções a partir da metodologia do Laboratório de Humanidades.

-OBJETIVO SECUNDÁRIO:

Compreender como se articulam as emoções na experiência dos participantes da terceira idade. Utilizar a experiência e a fala vivenciadas pelo sujeito no Laboratório de Leitura para apreender as suas motivações, expectativas e dificuldades características desse momento de vida.

Verificar o impacto que a leitura de obras clássicas pode trazer para a vida da pessoa e os ganhos que pode proporcionar.

Trabalhar com as histórias de vida de alguns participantes de modo a compreender o percurso de vida e o que mobiliza o momento atual, visando dar a eles a oportunidade de uma melhor qualidade de vida e de participação social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos e benefícios, o pesquisador declara:

-RISCOS: Sem riscos.

-BENEFÍCIOS: Integração social dos idosos: Propicia bem-estar físico e psíquico aos participantes. Atividade que estimula a memória e a produção de sentidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de mestrado de MARIA TERESA MENDONCA DE BARROS. Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian. Projeto vinculado ao Departamento de Medicina Preventiva, Campus SP-EPM, UNIFESP.

TIPO DE ESTUDO: A metodologia do experimento será aquela do Laboratório de Humanidades. O Laboratório de Humanidades é uma experiência pautada na discussão de clássicos da literatura como forma de suscitar questionamentos e reflexões nos participantes, no que tange a questões humanas em seu sentido mais amplo.

LOCAL: A pesquisa será realizada na sede da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), na rua Estado de Israel nº. 638, Vila Mariana.

PARTICIPANTES: serão 12 participantes do Laboratório de Humanidades

PROCEDIMENTOS:

-A metodologia de pesquisa utilizada será a que tradicionalmente já vem sendo utilizada nos trabalhos de pesquisa do Grupo Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde, fundamentada numa perspectiva qualitativa em “três tempos”, a saber: observação participante; narrativas de história de convivência e história oral de vida.

-Em uma segunda etapa do projeto serão analisados os resultados da experiência de leitura em termos de impacto sobre a população-objeto, seguidos pela análise das histórias orais de 8 a 10 participantes a serem escolhidos, além da história oral da coordenadora do projeto UATI.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os principais documentos: folha de rosto; projeto completo; cópia do cadastro -CEP/UNIFESP, orçamento financeiro e cronograma apresentados adequadamente. TCLE a ser aplicado aos participantes

Recomendações:

Atenção: adequar o TCLE antes de iniciar o estudo: todas as páginas devem ser numeradas (ex: 1/4, 2/4, etc.), as quais deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa no momento da aplicação do TCLE.

Em submissões futuras, lembrar que, conforme orientação da CONEP, qualquer pesquisa com seres humanos pode causar algum risco, por mínimo que seja. No que diz respeito a esta pesquisa, por exemplo, embora pouco provável, a entrevista pode causar algum desconforto ou constrangimento ao participante.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Parecer do relator acatado pelo colegiado

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), e o relatório final, quando do término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICA S_DO_PROJETO_1112849.pdf	23/05/2018 09:56:29		Aceito
Projeto Detalhado Brochura Investigador	projetouatifim.docx	23/05/2018 09:55:23	MARIA TERESA MENDONÇA DE BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	23/05/2018 09:37:05	MARIA TERESA MENDONÇA DE BARROS	Aceito
Outros	Cadastro Cep.pdf	18/05/2018 16:11:49	MARIA TERESA MENDONCA DE BARROS	Aceito
Folha de Rosto	Folha Rosto.pdf	18/05/2018 16:11:33	MARIA TERESA MENDONCA DE BARROS	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

São Paulo, 20 de junho de 2018

Assinado por:

Miguel Roberto Jorge(Coordenador)

Bibliografia consultada

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Volp. Busca no vocabulário. Rio de Janeiro: ABL, 2020. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018. 74 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2012. 8 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012. 7 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação: resumos: apresentação. Rio de Janeiro, 2021. 7 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3a ed. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 1993.

PEREIRA, Teresa Avalos. Terminologia DeCS e as novas regras ortográficas da língua portuguesa: orientações para uma atualização. **Acta Cirurgica Brasileira**, São Paulo, v. 27, n. 7, p. 509-514, jul. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-86502012000700014>.